

O TRÍLIO NEGRO

MARION ZIMMER BRADLEY
JULIAN MAY
ANDRÉ NORTON



Flora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Marion Zimmer Bradley

Julian May

Andre Norton

O TRÍLIO NEGRO



Trílio 01

Título original BLACK TRILLIUM

Copyright © 1990 by Marion Zimmer Bradley, Julian May e André Norton

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SCOTT MEREDITH LITERARY AGENCY. INC.,

.845 Third Avenue, New York, NY 10022

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 – 5º andar

20011 -040 - Rio de Janeiro, RJ

Tel.: 507-2000 - Fax: 507-2244

Printed in Brazil

Impresso no Brasil

preparação de originais SANDRA CHAVES

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bradley, Marion Zimmer, 1930-

B79t O trílio negro Marion Zimmer Bradley, Julian May, André Norton; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. — Rio de Janeiro Rocco, 1992

Tradução de Black trillium

1 Ficção estadunidense. I. May, Julian. II. Norton, André. III. Rodrigues, Aulyde Soares. IV. Título.

92-0333

CDD-813 CDU - 820(73)3

Para Uwe Luserke, que plantou a semente do Trílio Negro

PRÓLOGO



Da Crónica Peninsular de Lampiar, Sábio de Labornok

Nos Oitocentos depois que os de Ruwenda chegaram para governar a alagada região chamada Pântano Labirinto (nunca completamente, pois jamais dominaram os indomáveis oddlings), a história e a lenda despertaram para registrar mais uma dessas mudanças que, uma vez ou outra, alteram o verdadeiro equilíbrio do mundo.

Para as nações civilizadas da península — especialmente a nossa, da vizinha Labornok — o planalto alagado era um terreno inútil que parecia existir apenas para frustrar e irritar os povos mais vigorosos e progressistas. Ruwenda não era, na verdade, um reino completamente organizado, pois sua soberania não se estendia aos estranhos nativos que viviam dentro das suas supostas fronteiras. Os reis ruwendianos complacentemente permitiam a permanência dos enclaves anárquicos dos chamados oddlings, muitas vezes em detrimento dos seus verdadeiros súditos, da paz geral e da ordem do reino.

Duas dessas tribos nativas, os pequenos pantaneiros nyssomus e os seus parentes próximos, mais altaneiros, os uisgus (decididamente subumanos e portanto destinados pela natureza para servir seus superiores), eram tratadas, quer pela coroa, quer pelos mercadores de Ruwenda, como supostos iguais, embora não fosse exigida delas nenhuma forma de lealdade. Na verdade, certos grupos de nyssomus visitavam freqüentemente a famosa Cidadela Ruwenda e alguns daqueles seres inferiores eram aceitos como servos da corte real!

Duas outras tribos dos oddlings, os vispis, amantes das montanhas, e os vrilos, semicivilizados, das florestas tropicais do sul, não eram amistosas com os seres humanos, mas permitiam-se negociar com os mercadores ruwendianos regularmente. Por outro lado, os sombrios glismaks, que habitavam as selvas próximas do território dos wyvilos, raramente eram

vistos pelos humanos. Era um povo feroz e selvagem, que se deleitava em massacrar os oddlings seus vizinhos. A última e maior tribo de oddlings, os abomináveis skriteks, também chamados afogadores, ocupava a maior parte do pântano, mas era extremamente numerosa nos vastos e fétidos alagados ao sul da Cidadela Ruwenda, bem como Thorny Hell, o inferno de espinhos, na região centro-norte. Esses demónios do Pântano Labirinto eram temidos assaltantes de caravanas e das mansões e propriedades rurais isoladas dos humanos, afogando suas vítimas ou torturando-as com inominável brutalidade, antes de lançá-las nas areias movediças para morrer. Contudo, os reis que se sucediam no trono de Ruwenda nada faziam para livrar a terra dessa ameaça.

Diziam, naquele tempo, que a podridão do pântano havia enfraquecido a mente e o corpo dos humanos de Ruwenda. Seus governantes eram todos amantes dos prazeres, completamente estranhos à disciplina feudal. Quando o culto, mas obstinado Krain III subiu ao trono, sua incapacidade manifesta de lidar com as nações vizinhas demonstrou claramente que chegara a hora de pôr em prática métodos mais progressistas e esclarecidos para resolver a situação de decadência que há anos atormentava nosso grande reino de Labornok.

Infelizmente Labornok precisava das mercadorias que seus irresponsáveis e ineficientes vizinhos tinham para oferecer. Com nossas florestas há muito tempo devastadas e transformadas em lavoura, dependíamos das florestas tropicais dos ruwendianos não só para a construção dos navios que sustentavam nosso próspero comércio marítimo, mas também para a madeira de lei que realçava e adornava as imponentes construções de Derorguila. Além disso, por um cruel capricho da natureza, as encostas labornok dos inacessíveis Montes Ohogan eram praticamente desprovidas de minério utilizável, ao passo que o lado ruwendiano da cordilheira abrigava depósitos de ouro e platina, bem como vários tipos de pedras preciosas que, levadas pelas águas, eram depositadas aleatoriamente nas montanhas. Os cristais e metais preciosos eram apanhados ao acaso pelos oddlings vispi, vendidos aos uisgus e finalmente chegavam às mãos dos ruwendianos humanos. Outras mercadorias do pequeno e perverso reino eram valiosas ervas medicinais dos pântanos e temperos culinários, peles de worrans e couro de fedok, além de artefatos curiosos que os oddlings

encontravam nas ruínas de antigas cidades, nos rincões mais inacessíveis do Pântano.

Mesmo nas melhores épocas, o comércio entre Labornok e Ruwenda era um negócio insatisfatório e muitas vezes perigoso. Muitos dos nossos gloriosos reis, mordendo furiosamente os bigodes reais ante a insolência dos ruwendianos, pediam aos seus generais que elaborassem um plano para conquistar aquela nação menor. Mas é difícil invadir um país que só tem uma porta — o íngreme e estreito Passo Vispi, nos Montes Ohogan, guardado por fortes ruwendianos, estrategicamente colocados. Os reis labornok, de triste memória, que tentaram essa conquista não voltaram com vida.

Os sobreviventes dos seus exércitos derrotados contavam histórias de neblinas geladas e demoníacas, furacões de cujo centro olhos desumanos pareciam observar sem piedade, tempestades nas montanhas fora da estação, com neve, granizo e chuva de pedra, monstruosas avalanches de rochas, pragas fulminantes que atacavam os mantimentos e outras calamidades. Era como se forças sobrenaturais se unissem para rechaçar a invasão. Porém, mesmo que, no passado, os postos de guarda pudessem ser tomados, o brejo além deles representava um obstáculo terrível para qualquer força invasora.

Como sabiam muito bem todos os mestres-mercadores labornok.

A próspera e audaciosa corporação dos mercadores, que passava de pais para filhos suas concessões e certos encantamentos protetores da vida, incluía os únicos cidadãos do nosso reino que conheciam a rota secreta para o coração de Ruwenda. Muitos generais labornok, furiosos e frustrados pelas tentativas infrutíferas de conseguir informações coerentes, ou pelo menos um mapa, suspeitavam que alguma magia negra selava os lábios dos mestres-mercadores, sempre que eram interrogados. Entretanto, depois de algum tempo, o caminho foi revelado através da arte do poderoso mágico Orogastus, sobre o qual falaremos logo adiante. Naqueles tempos, no entanto, os mestres guardavam bem o segredo e desfrutavam não só de um monopólio próspero, como também de uma boa parcela de poder político.

Uma caravana típica, conduzida por quatro mestres-mercadores, era pequena, com não mais de vinte carroças e uns cinqüenta homens. Depois de dar a senha aos comandantes da guarda do forte nas montanhas, os

mestres conduziam as carroças através do Pântano por um caminho elevado, traiçoeiro e não marcado. Poucas eram as áreas isoladas, entre a fronteira de montanhas e a Cidadela de Ruwenda, a duzentas léguas de distância, abençoadas com terreno sólido e firme. A maior região seca, a leste da Estrada dos Mercadores, era o território Dylex, onde barreiras formavam diques e havia terras drenadas com fazendas bem cultivadas, pastos e pequenos vilarejos espalhados. Virk, o maior desses vilarejos, especializava-se em refinação dos minérios levados pelos oddlings, uisgus, ou pelos nyssomus, e era um centro secundário do comércio de pedras e metais preciosos de Ruwenda. Entretanto, a maior parte desse comércio era feita na Cidadela, a capital de Ruwenda, pousada numa imensa colina rochosa, no centro do Pântano Labirinto.

Chegando à Cidadela, os mestres-mercadores pagavam o real pedágio. (Pagavam também uma taxa, que variava de acordo com os caprichos do governo de Ruwenda, sobre o material da venda por atacado, um dos pontos controvertidos nas relações Ruwenda-Labornok.) Só então podiam vender livremente sua mercadoria no grande Mercado da Cidadela, e depois tratavam das permutas, negociando minério ou madeira. Esta última, os agentes ruwendianos obtinham dos oddlings wyvilo, que habitavam as florestas. Os mestres, em busca de mercadorias mais exóticas, viajavam mais umas cem léguas, nas bateiras ou barcaças ruwendianas, subindo o lento rio Baixo Mutar até sua confluência com o Víspar, onde ficava a cidade antiga de Trevista — em cujas praças realizavam-se as fabulosas feiras de trocas dos oddlings dos pântanos. Essas feiras só aconteciam na estação seca, uma vez que as monções que sopravam violentas do Mar do Sul impossibilitavam a passagem nas outras épocas do ano. Só os oddlings aventuravam-se no Pântano Labirinto então, percorrendo as trilhas que conheciam e usando métodos aperfeiçoados há muitas centenas de anos.

Trevista permanece como um dos grandes mistérios da nossa península. É incrivelmente antiga e de uma beleza estonteante, mesmo no estado presente de quase total dilapidação. O labirinto de canais, as pontes em deterioração e as ruínas majestosas dos edifícios estão hoje cobertos por uma belíssima selva de flores. O que resta do desenho urbano original demonstra ainda que os construtores de Trevista dominavam uma técnica sofisticada, muito superior a todas as que eram conhecidas pelas civilizações mais adiantadas da península.

Os estudiosos do assunto especulam que no passado Ruwenda era um imenso lago, alimentado por uma geleira, com ilhas que são hoje meras elevações no meio do pântano. Muitas delas, ao que sabemos, abrigam ruínas semelhantes. Nem mesmo os oddlings sabem a história dessas antigas cidades. Dizem apenas que foram construídas pelos Desaparecidos, e já existiam quando seus ancestrais chegaram à região dos pântanos. A própria Cidadela de Ruwenda, uma verdadeira montanha de complexos muros de pedra, bastiões, construções elevadas, no centro dos fortes, torres e prédios interligados, data também da mais remota antigüidade e supostamente era o centro dos primeiros governantes, perante os quais a península se curvava então.

As ruínas mais isoladas, acessíveis só aos nativos, eram as fontes das mercadorias mais cobiçadas — objetos de arte antigos e pequenos mecanismos misteriosos comprados por preços extremamente altos, não só pelos colecionadores de Labornok, mas também pelos futuros estudantes das artes ocultas, nos lugares mais distantes do mundo conhecido. Esse comércio, por motivos que serão explicados, definhou depois que o Príncipe Voltrik tornou-se herdeiro do trono de Labornok e engendrou os eventos que culminariam com a tão esperada conquista dos nossos pequenos e pestilentos vizinhos do sul.

Voltrik teve de esperar um longo tempo pela coroa, uma vez que seu tio, o Rei Sporikar, viveu mais do que os cem anos permitidos. Enquanto esperava, Voltrik distraía-se com os planos para a aquisição de outra coroa, e também aproveitava para viajar muito. De uma expedição às terras ao norte de Ratkun, ele trouxe um novo companheiro que iria fornecer a chave para Ruwenda — o mago Orogastus.

Voltrik estava então no seu oitavo-trigésimo ano. Era um homem de formidável presença física, barba negra e uma beleza granítica, com temperamento tão imprevisível e tão bombástico quanto um trovão. Sua primeira esposa, a muito amada Princesa Janeel, morreu ao dar à luz o único filho de Voltrik, Antar. Sua segunda esposa, Shonda, morreu em circunstâncias suspeitas durante uma caçada ao lothok, sem nunca ter concebido durante os dez anos de casamento. A frívola Princesa Narice, sua terceira esposa, foi condenada por alta traição, depois de tentar fugir com um palafrenero. Ela e o namorado foram colocados juntos num saco de espinhos e queimados vivos.

O mago Orogastus tornou-se o principal conselheiro de Voltrik e logo passou a ser respeitado e temido em toda Labornok. Foi ele quem convenceu o príncipe a esperar algum tempo antes de escolher outra esposa, e a encher sua alma de paciência, se quisesse ver realizadas todas as suas ambições.

(O mago prudentemente não revelou ao príncipe que teria de esperar mais dezessete anos pela morte do senil Rei Sporikar.)

Durante esse tempo, Orogastus construiu uma fortaleza no lado norte dos Montes Ohogan, na encosta do Monte Brom, onde instalou-se para aperfeiçoar-se em artes mágicas. Todos os artefatos fora do comum adquiridos dos oddlings do pântano pelos mestres-mercadores de Labornok iam direto para as mãos de Orogastus, pois uma das suas visões sugeria que era possível adquirir imenso poder através de alguns daqueles objetos. Mais tarde, Orogastus escolheu para assistentes três indivíduos sinistros conhecidos como suas Vozes. Serviam de acólitos e agentes do mago e eram quase tão temidos quanto seu mestre.

Na vertente oposta dos Montes Ohogan com seus picos cobertos de neve, nos sopés ruwendianos, onde o leito escarpado do rio ficava mais suavemente plano e muito mais largo, ficava a casa de outra praticante das artes ocultas. Era a Arquimaga Binah, também chamada Dama Branca, que vivia há anos sem conta nas ruínas de Noth, uma das antigas cidades dos Desaparecidos. Ela era pouco mais do que uma lenda para a população de humanos de Ruwenda, que jamais a viu. Era costume, porém, invocar seu nome nos momentos difíceis, e desde tempos imemoriais a adoravam como a guardiã da sua terra. Só os oddlings e a realeza de Ruwenda conheciam a verdade por trás da lenda. O que mantinha o Pântano Labirinto livre dos possíveis atacantes não eram as dificuldades do terreno, nem as fortificações humanas, nem o tempo inclemente ou os desastres naturais, mas o encantamento benigno de Binah. Porém, o peso dos anos faz curvar os praticantes da magia tanto quanto seus poderes não exercitados. Durante o reino de Krain III tornou-se muito difícil para Binah manter as salvaguardas que ela havia disposto em volta de Ruwenda. E à medida que suas faculdades se enfraqueciam, as do malvado Orogastus tornavam-se cada vez mais fortes.

Depois de muitos anos de esterilidade, chegou finalmente o dia em que a Rainha Kalanthe, de Ruwenda, recolheu-se aos seus aposentos para dar à

luz. O Rei Krain, ajoelhado ao lado da mulher, invocou poderes há muito esquecidos, nomes que ele não pronunciava desde a infância.

Do miasma negro que pairava pesado e estagnado sobre o grande pântano surgiu um pássaro tão imenso que, com as asas abertas, poderia cobrir quase todo o telhado da Torre Alta da Cidadela. Era, sem dúvida, um dos terríveis lammergeiers que habitavam os picos mais inacessíveis da cordilheira Ohogan. Das suas costas desmontou a Arquimaga Binah e os servos e os guardas, apavorados, caíram de joelhos. À primeira vista era apenas uma mulher velha, coberta por um manto branco bordado de prata que a cada movimento adquiria o tom azulado da neve sob as árvores, mas havia nela algo que emudecia todas as indagações e tornava absurda a idéia de impedi-la de se aproximar da cama da rainha.

Todos que estavam perto da infeliz rainha choravam, suspiravam e oravam em voz alta, pois era evidente que Kalanthe não seria capaz de dar à luz o ser que lutava para nascer dentro dela, e estava muito próxima da morte. Os bonitos cabelos ruivos, escurecidos pelo suor, grudavam-se na cabeça e ela agarrou com força a mão do Rei Krain, como um afogado se agarra a uma corda.

Aproximando-se, a Arquimaga disse:

— Acalme-se. Tudo vai ficar bem. Kalanthe, querida filha, olhe para mim.

A rainha arregalou os olhos e parou de gemer. O pobre Krain não queria sair de perto da sua mulher, mas um gesto brusco da Arquimaga encheu-o de esperança e ele recuou, fazendo um sinal para que os cortesãos e as damas da rainha se afastassem, dando passagem à visitante.

A parteira real, uma oddling chamada Immu, ficou ao lado da cama segurando uma taça com uma poção de ervas, que a rainha não tinha conseguido tomar. A Arquimaga Binah mandou a subumana se aproximar e erguer a taça e então foi revelada uma grande maravilha. Todos que estavam no quarto, até a rainha agonizante, deixaram escapar uma exclamação abafada de espanto, pois Binah ergueu sobre a taça uma planta de Trílio Negro — raízes, folhas e uma única flor tripartida —, a erva famosa dos pântanos, tão rara que nem os oddlings do palácio sabiam dizer onde ela ainda crescia. Contudo, essa mesma planta era o símbolo da casa real de Ruwenda, e entre as jóias mais preciosas da coroa havia alguns pedaços de

âmbar cor de mel nos quais estavam encravados minúsculos fósseis da flor, não maiores do que uma cabeça de alfinete.

Mas a flor de Binah não era pequena. Era quase tão larga quanto a palma da mão da Arquimaga e de um negro mais intenso que o do veludo de seda. Binah colheu a flor do trílio e a pôs na taça, mas escondeu a planta sob seu manto. Contou dez respirações, enquanto a flor se dissolvia, então tirou a taça com a tisana da mão da parteira oddling e fez um sinal para o rei.

Krain aproximou-se rapidamente e ergueu nos braços sua amada, segurando-a enquanto ela tomava um gole e depois bebia sofregamente até esvaziar a taça.

A rainha repousou outra vez nos travesseiros e de repente deu um grito — não de dor mas de triunfo —, e a parteira Immu disse:

— Ela está dando à luz!

Apareceram três princesas, uma logo depois da outra. E isso foi um grande prodígio, pois nascimentos múltiplos não eram comuns entre a aristocracia.

Os bebês choravam saudavelmente e, embora pequenos, eram perfeitos, cada uma das princesas diferindo levemente da outra nos traços e na cor da pele e dos cabelos. À medida que cada princesa era recebida no lençol que a esperava, a Arquimaga dizia um nome e colocava sobre a pequenina um pingente de ouro de forma exótica incrustado em âmbar, contendo um botão da flor de Trílio Negro.

— Haramis — disse ela para a primeira princesa, como quem recebe uma amiga muito amada ou uma protegida. — Kadiya — saudou a segunda e — Anigel — disse para a terceira.

Então, olhou para o rei e para a rainha que a observavam com espanto respeitoso e falou com um tom carregado de profecia, para que suas palavras ficassem para sempre gravadas nas mentes de todos quantos a ouviam.

— Os anos vêm e vão rapidamente. O que é alto deve cair, o que é amado será perdido, o que é secreto, com o tempo será revelado. Mesmo assim, eu digo que tudo vai acabar bem. Meus dias agora deslizam para o anoitecer, embora eu deva fazer tudo que posso até a chegada da noite total. Essas três pétalas do Trílio vivo, suas filhas, Krain e Kalanthe, têm à sua espera um destino terrível e terríveis tarefas, mas o tempo para isso ainda não chegou.

Antes que o rei e a rainha pudessem perguntar o significado da sua advertência, a Arquimaga Binah deu meia-volta e saiu rapidamente do quarto. Os bebês, que não paravam de chorar, e o cuidado com a rainha ocuparam toda a atenção das mulheres da corte e da parteira Immu, enquanto o rei saía para anunciar a boa nova e proclamar os dias de comemoração. Os amuletos com o mágico trílio foram postos em finos cordões de ouro e as princesas os usavam quando estavam acordadas ou quando dormiam.

Como havia dito a Arquimaga, o tempo passa e com ele vem um certo esquecimento. As três princesas cresceram e eram agora três jovens belas e fortes, que ouviam sempre dos pais e das amas a história da cena estranha que acontecera no seu nascimento. Isso lhes parecia cada vez mais um conto fantástico, especialmente a parte da sombria profecia, pois nada perturbava o conforto dos seus dias, e, como todos os outros jovens, estavam muito mais interessadas no presente do que no passado.

A Princesa Haramis era a favorita do rei, um homem muito estudioso. Desde muito pequena, Haramis queria saber o que estava nos livros, atormentando os escribas e estudiosos com perguntas pouco comuns em princesas reais. Para ela havia também magia na música, especialmente a que era tocada na flauta e na harpa de madeira ladu. Passava grande parte do tempo com o oddling Uzun, famoso cantor e contador de histórias. Uzun sabia transformar a maior melancolia em contentamento com suas histórias e seu conselho sensato.

A Princesa Kadiya muito cedo demonstrou que amava os animais e os pássaros, especialmente as estranhas criaturas das profundezas do pântano. Sua paixão era viver a céu aberto e explorar os mais distantes confins do império e escolheu para seu guia o oddling Jagun, Mestre dos Animais do reino e guarda-caça da Cidadela.

A Princesa Anigel, elegante e delicada como as flores que ela tanto amava, era uma criança tímida, mas muito risonha, e seu terno coração comovia-se com qualquer doença ou sofrimento. Era o encanto especial da Rainha Kalanthe e gostava dos deveres domésticos e do cerimonial da corte que suas irmãs desprezavam. Sua amiga mais íntima era Immu, a parteira real e ama, que servia agora como a boticária da Cidadela, preparando não apenas poções, mas também perfumes suaves, essências para confeitaria e uma cerveja muito boa.

Chegou o tempo em que as três princesas atingiram a idade do casamento, tendo Ruwenda prosperado durante dezessete anos à custa de Labornok. Por ordem do feiticeiro Orogastus, o Príncipe Herdeiro Voltrik pediu a mão de Haramis, a herdeira. Para sua grande fúria, foi rejeitado, pois o Rei Krain, sem filho homem como herdeiro, resolveu que, na Festa das Três Luas, daria a mão da sua filha mais velha ao segundo filho do Rei Fiodelon de Var. Esse príncipe, chamado Fionakai, compartilharia então o trono de Ruwenda com Haramis. A nação de Var, ao sul da Floresta Tassaleyo, na planície fértil do Grande Mutar, tinha pouco intercâmbio comercial e diplomático com Ruwenda. (Era, porém, uma importante rival de Labornok no comércio marítimo!) Mas se os selvagens oddlings fossem algum dia dominados e o Grande Mutar fosse aberto aos navios mercantes de Var, Labornok podia perder o comércio lucrativo com Ruwenda..

Nesse momento crítico da história peninsular, o velho Rei Sporikar finalmente fechou os olhos para o mundo e Voltrik tornou-se rei de Labornok. Instigado por Orogastus, recém-nomeado Ministro de Estado, Voltrik mandou chamar seu filho, o Príncipe Antar, e o comandante-em-chefe de Labornok, General Hamil. Ordenou que ambos se preparassem para uma imediata invasão de Ruwenda.

CAPÍTULO 1



Mais uma vez, a ofuscante luz branco-azulada vinda do pátio externo da Cidadela sitiada cegou a família real, os cortesãos e Companheiros Fiéis reunidos no balcão, no centro da grande torre central da fortaleza. Em menos de uma fração de segundo, rugiu o trovão.

O Rei Krain gemeu desesperado.

— Pela Dama Branca, desta vez não pode haver dúvida! O feiticeiro Orogastus realmente provocou relâmpagos no céu azul e este último arrasou o muro do pátio interno!

Os soldados da infantaria de Labornok entraram, às centenas, pela imensa abertura na muralha, seguidos de perto pelos cavaleiros das montanhas, conduzidos pelo brutal General Hamil. Os atacantes arrasaram os defensores da Cidadela com a facilidade com que um furacão arrasa a relva do pântano. Alguns momentos depois, viu-se outro clarão mágico e cegante, e outro e mais outro, abrindo novas brechas nas muralhas, pelas quais entravam as hordas inimigas.

- É o fim — disse o rei. — Se aquela antiga muralha com seus bastiões múltiplos pode ser demolida pelos relâmpagos mágicos de Orogastus, então a grande torre central não oferece mais nenhuma segurança!

Voltou-se para um dos Companheiros Fiéis:

— Lorde Sotolain, traga minha armadura. Lorde Manoparo, eu o encarrego da segurança da nossa querida rainha e das princesas. Leve-as para o mais profundo e seguro baluarte da fortaleza, onde com seus cavaleiros deve defendê-las até a última gota do seu sangue. Os outros devem se preparar para enfrentar comigo o inimigo.

A Rainha Kalanthe apenas concordou com um gesto, mas a Princesa Anigel e suas damas de companhia começaram a chorar. A Princesa Haramis ficou imóvel como uma estátua de mármore, e só os grandes olhos azuis e os brilhantes cabelos negros disfarçavam a brancura do seu rosto, do vestido e

do manto que vestia. A Princesa Kadiya, com sua roupa verde de caça, de corte masculino, desembainhou a adaga e a brandiu.

— Sire, querido pai! Deixe-me lutar e cair ao seu lado! Prefiro isso a me esconder com as mulheres lamurientas, enquanto os homens das planícies conquistam Ruwenda!

A rainha e os nobres olharam para ela, chocados, e a Princesa Anigel e suas damas, espantadas, pararam de chorar e se lamentar.

A Princesa Haramis limitou-se a sorrir com frieza.

— Irmã, acho que está dando muito valor à sua capacidade para lutar. Estes não são os vermes ordinários que fogem da sua lança de brinquedo numa caçada, mas sim os intrépidos homens armados do Rei Voltrik, protegidos pelos encantamentos de um feiticeiro de negro coração.

— Dizem os oddlings — respondeu Kadiya — que uma mulher da casa real de Ruwenda provocará a queda de Labornok, matando seu cruel rei!

— E você então se arvora em nossa salvadora? — disse Haramis com um riso amargo. E com as lágrimas inundando e fazendo brilhar os olhos que pareciam duas geleiras azuis, exclamou: — Deixe disso, sua tola! Poupe-nos essa boba atitude. Não vê como você faz nossa mãe sofrer?

A rainha empertigou-se orgulhosamente. Como Anigel, usava o traje tradicional da corte ruwendiana para os dias comuns, de cetim sem ornamentos, com mangas e colete rendados. O vestido da princesa era rosa-claro, mas naquela manhã a rainha ordenara às suas damas um vestido e um manto vermelhos como sangue.

Kalanthe disse:

— Meu coração está repleto de mágoa e temo por todos nós, mas conheço o meu dever. Kadiya, não acredite nas profecias dos oddlings. Nossos servos nyssomus fugiram da Cidadela para a segurança do Pântano Labirinto, deixando-nos aqui para enfrentar o inimigo. Quanto às suas pretensões de guerreira... — Ela começou a tossir. Os objetos mágicos lançados pelos invasores haviam ateado fogo nos prédios de madeira do pátio interno e rolos de fumaça erguiam-se sobre as muralhas.

Você deve ficar conosco como mandam sua posição e sua classe.

— Então eu serei sua defensora — exclamou a Princesa Kadiya — e das minhas irmãs. Pois, se o Rei Voltrik conhece a profecia dos oddlings, não deixará viva nenhuma mulher da casa real! Pretendo vender caro a minha vida, e vou me juntar a Lorde Manoparo e aos Companheiros Fiéis que as protegem, e morrer com eles se for meu destino.

— Oh, Kadi, não pode fazer isso — soluçou a Princesa Anigel. — Devemos nos esconder e rezar para que a Dama Branca nos salve.

— A Dama Branca é um mito! — disse Kadiya. — Só nós podemos nos salvar.

— Ela não é um mito — murmurou Anigel, em voz tão baixa que quase foi abafada pelo clamor da luta que se travava a vinte ells dali.

— Talvez não — concordou Haramis. — Mas ao que parece, ela desistiu de guardar este país infeliz. De que outro modo os labornok poderiam ter atravessado o passo, o pântano e atacar a Cidadela impunemente?

— Minhas filhas, acalmem-se! — disse o rei. — Muito em breve o inimigo vai atacar este reduto, e logo terei de deixá-las.

Ordenou que saíssem do balcão aberto e fossem para a sala mais além, das damas reais, mobiliada como um solar. Os pés cobertos de armaduras haviam empurrado para os cantos as almofadas de cores vivas e as cadeiras douradas, e uma armação de tapeçaria estava caída tristemente perto da lareira, ao lado de livros abandonados e de um saltério com o bojo enfeitado partido. O rei então dirigiu-se à sua segunda filha e falou com grande severidade.

— Kadiya, faz mal em atormentar sua mãe e suas irmãs com seu comportamento tolo e essa conversa sobre as crenças dos oddlings. O Rei Voltrik teria pedido a mão de Haramis se desse crédito a esta história absurda de mulheres guerreiras? É meu dever, como senhor deste reino, defendê-lo ou morrer tentando. Mas é seu dever continuar viva e confortar sua mãe e suas irmãs. E pode estar certa de que é um encargo bem mais leve que o da pobre Haramis, que no fim, sem dúvida, terá de se submeter à vontade de Voltrik.

Ouvindo isso, as damas da corte recomeçaram a chorar e a se lamentar e os cavaleiros exclamavam em voz alta, "Não, nunca!" e era tão grande o

tumulto, que mal ouviram o ruído das novas pequenas explosões lá fora, o estridor das armas e os gritos dos feridos e dos agonizantes.

— Quietos! Quietos, todos! — gritou o Rei Krain.

Mas não se aquietaram porque o monarca Krain não reinava por meio da força absoluta, e sim encorajava seus súditos a tratá-lo como um pai e um conselheiro.

Durante quatrocentos, desde a invasão fracassada do rei de Labornok, Pribinik, o Imprudente, a nação viveu em paz. O crime e os problemas domésticos quase não existiam em Ruwenda — a não ser por um ocasional ladrão ou louco homicida e pelas depredações periódicas dos abomináveis skriteks, as quais serviam de pretexto aos cavaleiros para verdadeiras caçadas aventureiras. Durante o longo período de paz a ciência militar quase desapareceu e os Companheiros Fiéis esqueceram tudo que sabiam sobre estratégia e tática. Os reis de Ruwenda davam liberdade quase completa aos seus súditos, desde que prevalecessem a justiça e a tranqüilidade e os impostos não deixassem de enriquecer o tesouro real. Por tradição, Ruwenda não tinha exército efetivo. Os Companheiros Fiéis constituíam a guarda armada do trono, e os fortes, nas colinas, eram guardados por grupos de cidadãos livres do Território de Dylex, que se revezavam nessa tarefa e, por esse motivo, eram isentos do pagamento de impostos. Os senhores de Ruwenda e suas damas, nas mansões, governavam benevolmente seus pequenos feudos, seguindo o exemplo do trono, e todos prosperavam, exceto os preguiçosos, que não mereciam prosperar.

A pequena e isolada Ruwenda parecia ser a terra mais feliz em toda a Península, se não em todo o mundo conhecido... até o dia em que os encantamentos do feiticeiro Orogastus abriram o Passo Vispir para a ambiciosa Labornok, traçando para o exército do Rei Voltrik o caminho secreto através do Pântano Labirinto, até a Cidadela.

Dez dias. Foi o tempo necessário a eles. Nenhuma das tempestades mágicas ou outros desastres que haviam derrotado o Rei Pribinik atormentaram Voltrik. Na verdade, corria o rumor de que os abomináveis skriteks haviam se aliado a ele! Sob a proteção do feiticeiro Orogastus, as forças dos labornoks reduziram rapidamente a escombros os fortes nas colinas, saquearam as cidades vizinhas de Dylex, afugentando os habitantes para os

condados remotos do leste, e quase sem encontrar resistência chegaram às muralhas externas da Cidadela. Logo a Cidadela cairia nas mãos de Voltrik, e com ela o reino de Ruwenda.

Enquanto a realeza ruwendiana e seus cortesãos torciam as mãos e choravam, viram outro tremendo clarão seguido por uma explosão ensurdecadora. As paredes espessas da fortaleza estremeceram como uma cabana de varas açoitada pelo vento. Por um momento, dentro e fora da Cidadela fez-se um silêncio total. Então, ergueu-se no ar o rugido de milhares de vozes e o soar triunfante dos clarins. Evidentemente o portão da imensa estrutura central fora aberto com a última explosão e os invasores começavam a entrar.

Então, Lorde Sotolain chegou com a armadura do rei e rapidamente o ajudou a vesti-la e Krain, com um suspiro, ergueu a espada do seu tataravô Karabordo, a qual, ele e seus companheiros sabiam, empunharia com bravura, mas sem eficiência. Nem a magnífica armadura de aço brilhante incrustada com safiras, nem o capacete com a figura em platina de um grande lammergeier, podiam fazer do Rei Krain mais do que ele era — um homem calmo de meia-idade, inteligente e com um grande coração, mas sem nenhuma das qualidades necessárias a um guerreiro.

Logo que o elmo foi colocado, ele fez as últimas despedidas.

— Sempre fui um estudioso e não um lutador, e não me arrependo disso. Por longas gerações nosso amado país conheceu a paz. Fomos protegidos — pelo menos assim nos ensinaram e nos fizeram crer — pela Arquimaga Binah, ela que é chamada de Dama Branca, Dama da Flor, a Guardiã, a zeladora do Trílio Negro. Muitos de nós, aqui presentes neste dia de infortúnio, viram e ouviram quando ela realizou as maravilhas no dia do nascimento das princesas. A Arquimaga nos disse que tudo acabaria bem, mas referiu-se também, misteriosamente, ao destino e a tarefas terríveis que esperavam as filhas da casa real. Não compreendemos suas palavras, e a maioria de nós — até mesmo eu — esqueceu-se completamente delas. Mas, pensemos nessas palavras agora, pois podem nos dar a medida das nossas esperanças. Francamente, não sei onde mais posso procurá-las.

Abriu os braços cobertos de metal e abraçou e beijou ternamente a rainha. Então, foi a vez de Haramis, a única pessoa cujo rosto não estava molhado

de lágrimas, depois Kadiya, submissa, e finalmente Anigel, de cabelos dourados, mal contendo os soluços.

Depois de se despedir dos amigos, ele mais uma vez, solenemente, recomendou a defesa da rainha e das princesas ao venerável Lorde Manoparo e aos quatro cavaleiros, que levaram as mãos ao peito num gesto de lealdade e desembainharam suas espadas. Então o rei encaminhou-se para a saída. Com o nobre escudeiro Barnipo à frente levando o escudo real, o rei atravessou a porta do solar real seguido por quase todos os Companheiros Fiéis. Chegara o momento de realizar seu destino e nenhum dos presentes tinha dúvidas sobre qual seria.

Quando a noite caiu naquele dia de conquista, os fogos da Cidadela foram se apagando e a fumaça misturou-se aos miasmas que se erguiam do Pântano. A colina na qual estava a capital de Ruwenda parecia uma ilha num mar de nuvens turbulentas. Cavaleiros labornoks, comandados pelo General Hamil, vitoriosos do último confronto com os Companheiros Fiéis, conduziram o vencido Rei Krain e seu nobre escudeiro Barnipo à presença de Voltrik, do Príncipe Herdeiro Antar e do feiticeiro Orogastus. Algumas dezenas de nobres ruwendianos cativos, fortemente acorrentados e guardados, estavam também presentes na sala do trono para testemunhar a capitulação do seu país. O estandarte de Labornok, escarlate, com três espadas douradas entrecruzadas, pendia da parede atrás do trono, ocupado agora por Voltrik.

Krain, quase morto, sangrando abundantemente de ferimentos profundos no braço direito e na virilha, foi impelido para a frente e forçado a se ajoelhar aos pés do Rei Voltrik por dois cavaleiros de Hamil. Um dos seus captores jogou no chão o amarfanhado escudo azul-celeste de Krain, com o desenho do Trílio Negro quase invisível, e outro cavaleiro jogou sobre ele a espada quebrada do seu tataravô. O próprio Hamil arrancou o elmo de Krain, retirou a tiara de platina incrustada com âmbar e safiras e ergueu-a para que todos vissem. O nobre escudeiro Barnipo, ileso e não acorrentado, tremia, atrás do seu rei, seguro pelas mãos fortes de Lorde Osorkon, segundo em comando de Hamil, um cavaleiro gigantesco com armadura negra ensangüentada.

— Seja bem-vindo, real irmão — Voltrik disse para Krain. O visor colmilhado do seu capacete estava aberto e ele parecia sorrir para o derrotado monarca ruwendiano do interior das mandíbulas abertas de um

sáurio fantástico incrustado com pedras preciosas. A armadura entalhada e enfeitada de Voltrik, de aço coberto de ouro, brilhava à luz das tochas e ele recostava-se com os braços na cintura, no trono de Ruwenda, com as pernas elegantemente cruzadas. — Então, agora, submete-se a mim?

— Parece que não tenho muita escolha — disse Krain, num murmúrio rouco.

— Submete-se incondicionalmente — perguntou Voltrik, encostando a tiara ruwendiana no nariz do monarca ferido —, sabendo que desse juramento depende a vida de todos os habitantes da sua Cidadela derrotada?

— Eu me submeto... se poupar também as vidas da minha rainha e das minhas três filhas..

— Isso — disse o feiticeiro Orogastus, com a voz implacável de um gongo da morte — não será possível. Elas devem morrer, como o rei. E como parte da sua submissão, deve nos dizer em que lugar deste edifício em ruínas elas estão escondidas.

— Nunca — disse Krain.

Então, o Príncipe Herdeiro Antar ousou adiantar-se e enfrentar seu pai.

— Mas, senhor, certamente nós não fazemos guerra contra mulheres indefesas!

— Elas devem morrer — repetiu Orogastus, com voz inexpressiva. E o Rei Voltrik fez um gesto de assentimento.

— Seu feiticeiro tem medo delas por causa da ridícula profecia dos oddlings — exclamou Krain. — Mas é uma refinada tolice, Voltrik — uma história para crianças! Há poucos meses estava disposto a se casar com minha filha mais velha, Haramis...

— Mas você desprezou a aliança com Labornok — disse Voltrik, com voz suave, girando a tiara com um dedo como se fosse um simples bastidor de bordado. — E respondeu ao meu delicado pedido com palavras de altivo desprezo.

— O tato nunca foi uma das qualidades dos orgulhosos ruwendianos — observou o General Hamil, com um largo sorriso. — E agora, espero que morra engasgado com o fruto que cultivou durante tanto tempo.

Os cavaleiros e nobres labornoks riram às gargalhadas, até Voltrik erguer a mão.

— Eu confio no poderoso Orogastus, que é meu Grande Ministro de Estado e o Feiticeiro da Corte. Foi ele quem profetizou um grande desastre para minha casa nas mãos de uma mulher da casa real de Ruwenda, não um oddling imundo e ignorante qualquer. Portanto, sua mulher e suas filhas devem morrer, irmão Krain, bem como você. Mas se submeter-se humildemente e as entregar a mim, a sua morte e da sua família será misericordiosa, com um único golpe de espada, e serão poupadas as vidas dos seus súditos que jurarem fidelidade a Labornok.

Krain ergueu o queixo ferido.

— Não me submeto e não entrego minhas mulheres em suas mãos.

Voltrik ergueu a tiara, comprimiu-a entre as luvas de aço da armadura, transformando-a numa massa informe, e a atirou no chão, na frente do Rei Krain, ainda de joelhos.

— Sabe qual será o destino da sua família se não se submetem a mim? E o dos seus cavaleiros aqui acorrentados?

O Rei Krain não respondeu.

Voltrik franziu as sobrancelhas hirsutas e seus dedos impacientes tamborilaram na perneira brilhante de ouro. Vendo que o rei de Ruwenda continuava obstinadamente silencioso, Voltrik ordenou.

— Tragam-me quatro ginetes!

Um capitão labornok apressou-se a obedecer. Os prisioneiros murmuraram, chocados, e o escudeiro Barnipo, pálido de medo, contorceu-se nas mãos do seu captor.

— Ha! — disse o General Hamil, rindo. — Este jovem covarde sabe muito bem o tipo de morte reservado aos que zombam de Labornok. Vejam como sua armadura está limpa — um covarde, sem dúvida. Seria muito instrutivo fazermos com que seja o primeiro a participar desta pequena manifestação da justiça de Sua Majestade.

— Não! Não! — gritou Barnipo. — Deus e os Senhores do Ar, tenham piedade de mim! — Só parou de tentar se libertar freneticamente quando o

cavaleiro de armadura negra, Lorde Osorkon, o atingiu no rosto com o punho fechado. Barnipo deixou de lutar, gemendo e chorando.

Nesse momento o capitão labornok entrou na espaçosa sala do trono, acompanhado de quatro cavaleiros, cada um conduzindo um grande animal de montaria, ainda equipado e ajaezado. Girando furiosos os olhos vermelhos, arremetendo os chifres, os animais bufavam e pateavam ruidosamente no chão de mármore com os cascos cobertos de metal.

— Não! — gritou Barnipo.

— Sim — disse o Rei Voltrik em voz baixa. Seus olhos encontraram os de Krain. — Vou lhe mostrar, Irmão Real, o que o espera e a todos os seus, se insistir em me desafiar. — Voltou-se para o capitão. — Segure o covarde e amarre cada um dos seus membros a uma sela; depois, com o chicote, faça os animais arremeterem, cada um para um lado, até parti-lo em quatro pedaços.

Com um grito de desespero, Barnipo contorceu-se nos braços do capitão e os cavaleiros ruwendianos começaram a lançar pragas sobre Voltrik até serem silenciados pelas adagas dos captos encostadas nas suas gargantas.

O Rei Krain disse:

— Solte o pobre rapaz e mate-me desse modo em lugar dele.

O feiticeiro Orogastus disse:

— Libertaremos o rapaz e prometemos a você uma morte honrosa, em vez da ignomínia do esquartejamento, se nos revelar o esconderijo das suas mulheres.

— Não — disse Krain.

— Senhor? — perguntou a Voltrik o General Hamil.

O rei labornok levantou-se. O manto roxo-avermelhado flutuou em volta dele, refletindo-se no metal da armadura dourada.

— Krain de Ruwenda, acaba de escolher sua morte. Amarrem o rei aos animais!

— Senhor! Senhor! — disse o escudeiro, chorando. — Permita que seja eu a vítima! Perdoe minha covardia.

— Eu o perdoo de todo o coração, Barni — disse Krain. Os lacaios seguraram o rei, retiraram sua armadura e o deitaram de costas no chão, no centro da sala. Quando começaram a amarrá-lo com cordas ásperas, o sangue correu dos ferimentos reabertos, formando uma poça vermelha sob seu corpo. Durante todo esse tempo, apesar dos gritos revoltados dos prisioneiros cativos e do choro arrependido do escudeiro Barnipo, Krain permaneceu impassível. Os quatro enormes animais relinchavam e se agitavam, excitados, e quando tudo estava pronto, o capitão, em posição de sentido, aguardou as ordens do Rei Voltrik.

Orogastus, então, murmurou alguma coisa no ouvido do seu rei. Com um gesto de assentimento, Voltrik mandou que Lorde Osorkon levasse Barnipo para perto do trono.

— Rapaz — disse o feiticeiro, fixando no apavorado escudeiro seus olhos penetrantes —, está em suas mãos salvar seu senhor desta morte horrível, bem como salvar sua própria pele e a de todos os cativos.

Com esforço, Barnipo conseguiu perguntar:

— Nas minhas mãos, senhor?

— Sim — respondeu Orogastus.

Entre os invasores, o feiticeiro era o único sem armadura, vestido todo de branco, com um manto negro com capuz. Um cordão de platina pendia do seu pescoço com um medalhão pesado, onde estava gravada uma estrela com muitas pontas. Ele tirou o capuz, revelando o rosto sem rugas, de traços regulares, embora o cabelo longo fosse branco como a neve. Com expressão benigna, dirigiu-se ao escudeiro.

— Escute com atenção, rapaz. Faça o que eu digo e poderá salvar a vida da rainha e das três princesas. Confesso que estou surpreso com a coragem demonstrada pelo Rei Krain, e resolvi que meu generoso soberano deve, afinal, se casar com a Princesa Haramis, uma vez que a filha deve ter herdado as virtudes do pai e irá passá-las para seus filhos.

— De verdade, meu senhor? — Uma esperança louca iluminou o rosto do escudeiro.

— De verdade. Assim, para que a Princesa Haramis aceite de bom grado o pedido de casamento, aconselhei Sua Majestade a poupar a vida de todas as

mulheres da casa real de Ruwenda. A única coisa que tem a fazer para esse desfecho feliz é dizer-nos onde elas estão escondidas.

Os olhos do escudeiro foram do feiticeiro para o rei e ele hesitou.

— Minha vida também será poupada?

— Por minha coroa — disse Voltrik, tocando a coroa sobre o capacete ameaçador —, você viverá. Mas não demore, pois os animais estão inquietos.

— E o nosso rei?

— Ele deve morrer — disse Orogastus —, pois esta é a nossa lei. Mas você pode fazer com que seja uma morte rápida e indolor. Fale agora.

As lágrimas desciam ainda pelo rosto do jovem.

— Promete por sua honra?

— Juro pelos Senhores do Ar — disse Orogastus. Barnipo respirou fundo.

— Então.. elas estão numa fortaleza secreta sob a capela da torre central, com acesso através de uma passagem no interior do coro, que é aberta empurrando-se a saliência central do grande trílio gravado na parede. Lorde Manoparo e quatro Companheiros Fiéis estão com elas.

Os olhos profundos do feiticeiro brilharam.

— Ah!

O Rei Voltrik e o General Hamil fizeram coro:

— Ah!

— O senhor jurou não fazer mal a elas! — O rosto do jovem ficou rubro e seus lábios tremiam. — Pelos Senhores do Ar...

— Um juramento formidável — disse Orogastus calmamente — para quem acredita nessas fantasias.

— Mas o senhor também jurou! — Barnipo voltou-se apavorado para o rei.

— Jurei poupar sua vida miserável — disse Voltrik — e vou cumprir esse juramento, para que você seja um escravo nas minas pelo resto dos seus míseros dias. — Dizendo isso, desfechou um golpe com o guante de ferro e Barnipo rolou da plataforma, caindo no chão, como morto.

— Meu rei — disse o General Hamil —, vou reunir meus homens e procurar a cadela e suas três crias.

— Não — disse Voltrik. — Meu filho e eu conduziremos a busca. Você se encarrega deste lixo ruwendiano. e do seu miserável líder.

Com um sinal para que o Príncipe Antar o seguisse, Voltrik desceu da plataforma. Chamou vinte cavaleiros e dirigiram-se para a escada em espiral que levava à capela.

Hamil, levando as mãos cobertas pelos guantes à cintura, olhou para os labornoks e seus desgraçados prisioneiros que circundavam a sala, encostados nas paredes. Krain continuava amarrado aos inquietos animais.

— Dispor de prisioneiros acorrentados é uma tarefa muito tediosa — observou Hamil para Osorkon. — Tivemos um dia muito cansativo. Vamos primeiro nos divertir um pouco. — Então, gritou: — Cavalariços! Usem seus chicotes!

No horror que se seguiu, Barnipo recobrou-se rapidamente do desmaio fingido, saiu da sala sem ser visto e subiu correndo a escada dos fundos para avisar a rainha e as princesas do perigo que corriam

CAPÍTULO 2



Barni correu tanto que ficou sem fôlego. Sentia uma dor terrível, como de uma facada, no lado do corpo, e era tamanha a dor de cabeça por causa do golpe desfechado por Voltrik que começou a ter visão dupla. Cambaleando na escada do coro, ouvia ao longe o ruído dos pés com armadura e a voz do inimigo gritando: "Por aqui!"

A capela estava quase completamente escura e a luz fraca das lâmpadas votivas não chegava até a escada. Mas isso mudou no momento em que o Rei Voltrik e os cavaleiros com tochas acesas passaram pela porta central e amontoaram-se no vestíbulo.

O escudeiro, quase no topo da escada, tomado de pânico, tropeçou e caiu, batendo a cabeça dolorida. Sentiu que perdia as forças e temeu falhar mais uma vez com seu dever.

— Dama Branca! — soluçou, em voz alta. — Ajude-me. Ajude a pobre rainha e as princesas.

Uma brisa suave encheu seus pulmões e sua visão clareou. A cabeça ainda doía, mas ele podia se mover outra vez. Mais como um verme rastejante, dotado de muitas pernas, do que como um homem, arrastou-se até o topo da escada e atravessou o assoalho rachado até a parede que ficava atrás das banquetas do coro. Era uma parede de pedra trabalhada, com o selo real de Ruwenda gravado e pintado na sua superfície, e num campo azul-celeste o heráldico Trílio Negro, com uma saliência dourada no centro.

Barni arrastou-se até ela e apertou a saliência com as duas mãos. Imediatamente um quadrado de pedra girou para dentro, formando uma portinhola pela qual um homem podia passar com dificuldade. Assim que ele entrou e fechou o painel, Lorde Manoparo, com sua barba grisalha e dois outros cavaleiros ruwendianos, Korban e Wederal, entraram na estreita passagem secreta, vindos do esconderijo iluminado, com as espadas desembainhadas.

— Esperem, esperem, sou eu! — gritou o escudeiro com voz rouca, erguendo-se sobre os joelhos.

— Pela Flor! O jovem Barni! — Manoparo embainhou a espada e ajudou o jovem a se levantar. — Vamos, vamos meu jovem..

— Depressa! Se querem salvar as senhoras, tranquem rapidamente a porta externa e destruam o mecanismo do painel para que o inimigo não possa entrar!

Praguejando, Korban e Wederal, com quatro golpes vigorosos das suas espadas, destruíram o mecanismo secreto do painel coberto de madeira. Nesse mesmo instante os inimigos começaram a bater violentamente na parede, no outro lado, com gritos marciais. Então, cessaram as batidas e o silêncio parecia mais ameaçador.

— Foram apanhar um aríete — disse Wederal.

— Ou mais provavelmente foram chamar o feiticeiro! — observou Manoparo. — Voltemos para a fortaleza.

Arrastaram o escudeiro com eles para a câmara secreta, que tinha cerca de sete ell quadrados e estava equipada para um longo sítio, com uma porta maciça de madeira reforçada com ferro e protegida por três vigas de madeira. As paredes eram recobertas por tapeçarias antigas e o chão por tapetes espessos e colchões. Em lugar de janelas, havia dois vãos muito altos e tão estreitos que mal davam passagem para um dedo. Havia uma mesa pequena e uma banquetta onde sentava-se a Rainha Kalanthe, guardada por um quarto cavaleiro, Lorde Jalindo. Caixas de alimentos e garrações de água e vinho ladeavam a lareira pouco maior do que um braseiro. Um candelabro alto coberto de prata e outros, em nichos, na parede, iluminavam fracamente a sala.

Lorde Manoparo curvou-se na frente da rainha pálida e calma, com as três filhas que se encolhiam contra sua saia. Kalanthe estava usando uma grande coroa de platina, que cintilava com suas esmeraldas e rubis, encimada por um broche de brilhante em forma de sol, com uma gota de âmbar do tamanho de um ovo. No interior do âmbar havia um fóssil do Trílio Negro, do tamanho de uma unha.

— Minha rainha, o inimigo nos encontrou — Manoparo indicou Barnipo encolhido na frente dela. — Este escudeiro nos avisou e procuramos

impedir a entrada dele nesta câmara, do melhor modo possível. Mas sem dúvida vão trazer o feiticeiro para quebrar as portas com sua magia negra e acabar com todos nós.

A Princesinha Anigel soltou um grito estridente de terror e não se entregou à histeria porque sua irmã, Kadiya, a esbofeteou rapidamente, mandando-a ficar quieta. Haramis a embalou nos braços, enquanto a rainha interrogava Barnipo.

— E meu real marido?

O escudeiro caiu de joelhos, com as lágrimas descendo pelo rosto sujo.

— Oh, minha senhora, ele está morto e nossa pobre Ruwenda perdida.

Os quatro cavaleiros gemeram surdamente e as princesas reais gritaram, horrorizadas. A Rainha Kalanthe apenas inclinou a cabeça e perguntou:

— Como foi que meu senhor caiu?

— Uma desgraça! — exclamou o jovem. — Que Deus e os Senhores do Ar me perdoem, pois foi minha culpa. — Continuou a se acusar e censurar até Lorde Jalindo colocar a mão no seu ombro.

— Vamos, vamos. Você não tem ainda quinze anos, e nenhum de nós acredita que um homem tão jovem possa ter influência na morte de reis. Conte-nos simplesmente o que aconteceu.

Barni contou. E quando descreveu a morte vergonhosa do Rei Krain, a Princesa Anigel desmaiou nos braços da irmã Haramis e a Princesa Kadiya exclamou, com voz embargada:

— Eles pagarão!

Mas a rainha ficou imóvel, olhando para a porta, no outro lado da sala, segurando no colo a cabeça ensangüentada e molhada de suor do escudeiro do rei, que chorava como se tivesse o coração partido ao meio.

— Não foi culpa sua, pobre Barni — consolou ela. — O malvado Orogastus o enganou. Ninguém o culpa por isso. A culpa é do Rei Voltrik e daquele monstro, o Hamil, que deu a ordem para esquartejar meu amado.

— Eles pagarão — murmurou Kadiya, mas só Haramis ouviu.

De repente ouviram uma grande explosão. Os cavaleiros empunharam suas espadas e colocaram-se lado a lado entre as mulheres e a porta. A rainha

levantou-se de um salto, e o escudeiro escorregou para o chão.

— Uma mulher da nossa casa real — disse Kalanthe, com os olhos cintilantes. — É disso que o diabólico Voltrik tem medo! Então, a profecia não é apenas uma invenção dos oddlings, afinal, uma vez que o próprio feiticeiro de Labornok a confirma!

Virou-se para as filhas. Anigel voltara a si e os três pares de olhos fixaram-se na mãe.

— A queda de Labornok deve ser provocada por uma mulher da nossa casa. Vocês viverão, minhas filhas — e provarão que a profecia é verdadeira.

Agora o inimigo atacava a porta do esconderijo com machados e clavas, uma vez que a magia destruidora e explosiva de Orogastus, se fosse usada num espaço tão pequeno, podia derrubar as paredes. A Rainha Kalanthe ergueu então uma das tapeçarias, feita de tecido muito antigo, encontrado ainda em certos lugares da Cidadela, que havia sobrevivido aos fundadores da fortaleza e enchia de espanto aqueles que durante Oitocentos a haviam ocupado. O pano era cinzento e, quando a rainha o puxou para o lado, tornou-se azul e sobre ele moviam-se sombras que ninguém jamais soube dizer o que eram.

Na parede, atrás da maravilhosa tapeçaria, apareceu um pequeno armário, que dava para abrigar apenas uma pessoa. Kalanthe abriu a porta e ordenou:

— Minhas filhas, entrem!

Haramis moveu-se rapidamente, levando com ela Anigel, cujo corpo frágil estremecia ainda com os soluços. O espaço era pouco para duas pessoas e Kadiya, desembainhando sua adaga, disse:

— Não faz mal. Eu fico com minha mãe.

— Para dentro! — ordenou a rainha, com um tom de voz terrível que as princesas jamais tinham ouvido.

Kadiya olhou para ela boquiaberta, depois empurrou e ajeitou as irmãs para poder entrar também no armário. Mas não dava para fechar a porta.

— Uma última coisa — disse a rainha, tirando a coroa e passando-a para as mãos de Haramis. — Agora, rezem, minhas queridas, para que possamos nos encontrar outra vez num mundo melhor.

Deixou cair a tapeçaria. Por uma pequena abertura as três princesas assistiram ao que aconteceu então.

Depois de atacar com as machadinhas de guerra o centro da porta de madeira, começaram a destruir os batentes até soltar as dobradiças de metal. As vigas de madeira desmoronaram e começou a terrível luta final.

O Príncipe Antar, com armadura esmaltada de azul e elmo encimado por duas asas, foi um dos primeiros a passar pela porta destruída. Ele e Lorde Manoparo enfrentaram-se, segurando com as duas mãos as espadas que soavam como sinos a cada golpe. Outros cavaleiros de Labornok entraram e enfrentaram os quatro outros Companheiros Fiéis, enquanto o Rei Voltrik e Orogastus apenas assistiam. A rainha havia recuado para a frente da lareira, procurando ficar o mais distante possível do esconderijo das filhas, que podiam vê-la claramente, bem como a batalha que se travava na sala.

Lorde Manoparo desfechou um golpe certo no elmo alado do Príncipe Antar. As presilhas soltaram-se e o capacete caiu. Estranhamente, o rosto do príncipe não estava contorcido com o furor da luta, mas repleto de angústia. Mesmo assim, Antar continuou a lutar com habilidade e grande força e em certo momento, apanhando Lorde Manoparo sem defesa, ergueu a espada e a abaixou com tamanha força sobre o adversário que partiu ao meio o elmo e a cabeça do ruwendiano.

Então Korban e Wederal foram mortalmente feridos e desarmados. Só Lorde Jalindo continuou lutando até ser vencido pela força dos labornoks. Quando caiu o último Companheiro Fiel, os vitoriosos começaram a esquartejar todos com suas espadas.

Oh, o horror! Os olhos da Princesa Kadiya ardiam como fogo e ela rosnava em silêncio, como um filhote de lothok tirado do seio da mãe assassinada. Os bárbaros estavam se divertindo com a carnificina, desmembrando os ruwendianos vencidos e zombando dos seus gritos de agonia. Kadiya mal podia conter o ímpeto de sair do esconderijo e se vingar. Segurando com força sua adaga, espremida entre as duas irmãs, cada músculo do seu corpo estava tenso, pronto para a luta..

— Fique onde está! — sibilou Haramis. — Pela Flor, fique onde está! Quer nos matar a todas?

Anigel tirou do corpete o amuleto do trílio e levou-o aos lábios.

— Rezo para a Dama Branca, guardiã da nossa terra!

— Rezo para que aqueles demónios brutais não nos encontrem — murmurou Haramis, segurando também seu amuleto.

— Rezo para que alguém venha nos salvar — pediu Anigel. Tremendo de medo e de raiva, Kadiya sentiu diminuir a força com que segurava o cabo da adaga. Quase instintivamente, sua mão procurou o decote do seu corpete. Lá estava o amuleto, sob a camisa de seda, morno contra seu coração disparado.

— Eu rezo para que algum dia eu seja aquela que fará com que Voltrik, Antar, o General Hamil e o feiticeiro paguem com seu sangue tudo que fizeram hoje!

— Reze também para se controlar — disse Haramis. — Do contrário, sua tola temeridade pode ser a perdição de todas nós. E pare de se remexer, praga, se não daqui a pouco vamos despencar aos pés de Voltrik.

— Quietas, quietas! Eles podem ouvir — implorou Anigel. O esquitejamento e as risadas dos cruéis cavaleiros tinham cessado e o Rei Voltrik começou a falar.

Relutantemente, Kadiya murmurou uma prece para se controlar. A raiva fervia ainda dentro dela, mas aos poucos foi sendo abafada, como é abafada a fogueira de modo que possa ser reavivada mais tarde, no momento propício.

— Olhe! — murmurou Anigel, com voz apavorada e quase inaudível. — Nossa mãe!

O Rei Voltrik falava com a rainha, evidentemente interrogando-a sobre o paradeiro das princesas. A sala estava abafada e cheia de fumaça, as velas nos nichos, quase no fim, alguns tapetes chamuscados com a queda do grande candelabro. O rei retirou o elmo e os guantes e a julgar por sua expressão feroz era evidente que a Rainha Kalanthe o desafiava. Com o corpo ereto e o escudeiro Barnipo agachado a seus pés, atordoado, ela disse:

— Jamais lhe direi onde estão as minhas filhas.

— Orogastus, obrigue-a a falar! — berrou Voltrik. — Ou descubra as princesas com sua poderosa visão mágica!

— Não posso forçar a vontade dela, meu rei — respondeu o feiticeiro. — Ela está além do medo. E não posso ver as que estão escondidas, como não podia fazer isso na sala do trono. A antiga Cidadela deve estar protegida por algum encantamento misterioso que bloqueia minha visão mágica. Possuo um aparelho mágico que pode realizar esta tarefa, vencendo qualquer obstáculo, mas é muito grande e muito pesado e não pode ser removido do meu abrigo no Monte Brom.

— Então teremos de usar outros meios para soltar a língua desta dama. — Voltrik aproximou-se vagarosamente da rainha com a espada desembainhada e segurou seu braço esquerdo. — Chega, cadela real! Vai me dizer imediatamente onde estão as jovens, ou terá a mão decepada. Se ainda assim não falar, farei o mesmo com a outra mão, depois os pés, em seguida os membros, um por um até conseguir o que quero, pois é assim que Labornok responde à insolência dos seus inimigos.

— Senhor! — exclamou o Príncipe Antar, revoltado. — Ela é uma rainha e essa punição é para escravos rebeldes.

— Silêncio! — ordenou Voltrik. O murmúrio dos labornoks encheu a sala, mas cessou quando Voltrik ergueu a mão com a espada e disse: — Vai falar, mulher?

Então tudo aconteceu tão depressa que os cavaleiros e o príncipe não tiveram tempo de reagir, mas as princesas viram claramente. O escudeiro Barnipo, quase desmaiado, num assomo de energia saltou sobre o Rei Voltrik como um fedok atacando a presa. Desarmado, enterrou os dentes na mão esquerda do rei, a mão que segurava o braço da rainha.

Com um grito de dor, Voltrik recuou, com Barnipo praticamente dependurado nele, e começou a brandir a espada ao acaso. Por desgraça, atingiu o pescoço da rainha que caiu e seu sangue espalhou-se sobre a lareira. Os cavaleiros labornoks, gritando, brandiam suas espadas contra o jovem que continuava com os dentes fincados no braço do rei, mas todos com certo cuidado, para não serem atingidos pela espada enlouquecida de Voltrik. O escudeiro Barnipo, ferido por dezenas de espadas, caiu finalmente, rindo no meio da dor, até o próprio rei decepar sua cabeça.

Então Voltrik deu vazão à sua fúria, praguejando com tamanha violência que seus próprios homens se encolheram, pois a Rainha Kalanthe estava morta, fora do alcance da sua coerção, e as três princesas ainda escondidas.

— O que vamos fazer? — perguntou o Príncipe Antar. Orogastus disse:

— Elas não podem estar longe. Certamente ficaram com a mãe até o momento em que este animalzinho vil — chutou o corpo do escudeiro — chegou aqui por um caminho mais curto, para avisá-las. Devemos revistar toda a fortaleza.

Acalmando-se, Voltrik disse:

— Orogastus fala a verdade. Você, Milotis, com estes cavaleiros, fica encarregado de revistar a capela e a área próxima. Procurem passagens e escadas secretas entre as paredes! Depois disso, revistem a Torre Alta. Antar e Orogastus, venham comigo. Vamos reunir o resto dos nossos homens e revistar esta fortaleza desde o parapeito mais alto até a mais profunda masmorra.

Então, o rei começou a amaldiçoar a alma de Barnipo, o escudeiro que havia arrancado um bom pedaço de carne da sua mão, que agora latejava tremendamente. Orogastus tratou o ferimento, dizendo que Voltrik devia ter muito cuidado, porque a mordida de um ser humano pode provocar a mais séria infecção.

— Que seu braço apodreça — murmurou Kadiya ferozmente — e que o sangue envenenado chegue até o coração já apodrecido de Voltrik!

— E que os Senhores do Ar levem Barni para o mais alto dos céus — murmurou Haramis —, pois com seu ato de bravura poupou nossa mãe da tortura e nos deu mais tempo para nos salvar.

O rei, seu filho e o feiticeiro saíram e, depois de um breve exame da passagem externa da fortaleza, Sir Milotis e seus homens também se retiraram para revistar o coro. Durante alguns minutos fizeram muito barulho, derrubaram móveis e depois desceram para examinar a capela.

— Acho que agora podemos sair — disse Kadiya.

Assim, com as juntas doloridas, tremendo, saíram do armário para a terrível desordem da sala. A realidade da situação pegou-as de repente como um jato de água gelada. Segurando a mão de Haramis, Anigel mordeu o lábio até tirar sangue. Kadiya passou por cima dos corpos até chegar ao da mãe.

— Ela parece estar em paz — admirou-se a jovem. — Seus olhos estão fechados e o rosto tranqüilo. — Apanhando um manto de seda negra,

deixado por alguém, ia cobrir o corpo da mãe, quando Haramis disse:

— Tola! E se alguém voltar e vir o corpo coberto? Kadiya concordou.

— Você é mais sábia do que eu, irmã.

— Dê-me o manto — disse Haramis — para embrulhar a coroa. Eu a levarei comigo — embora tenha pouca probabilidade de vir a usá-la.

Anigel deu um grito abafado de medo. Com os olhos cor de safira arregalados, apontou para um canto na sala, ao lado da porta.

Uma pilha de almofadas movia-se e não havia ninguém lá.

— Afastem-se — ordenou Kadiya, desembainhando a adaga, e avançou para a porta. Retirou as almofadas, uma a uma com a ponta da adaga e jogou-as para o lado, até descobrir uma parte do tapete, que se movia, erguida como uma tenda.

— Pela Flor, um alçapão! — disse Haramis. — Depressa, Kadi, puxe o tapete para o lado!

— Oh, tenha cuidado — exclamou Anigel. — Pode ser o inimigo.

— Inimigo inimigo inimigo! — disse uma voz fraca e trémula! — Andem depressa, meninas, do contrário eles vão interceptar nossa fuga.

Quando Kadiya retirou o tapete, as três princesas boquiabertas viram uma criatura pequenina, com um vestido longo de fustão, um xale verde xadrez e avental de couro. O rosto pálido era largo, os lábios grossos e os belos olhos dourados salientavam-se de forma inumana acima das duas narinas muito pequenas. Das orelhas pontudas, que atravessavam dois orifícios do chapéu, pendiam enfeites de prata. As mãos largas de dois dedos com polegares opostos eram manchadas e cheias de cicatrizes, resultado de muitos anos no preparo de poções estranhas.

— Immu! — exclamou Anigel, num transporte de alegria e alívio. — Querida Immu, você veio nos salvar, afinal. Pensamos que tinha fugido com os outros oddlings.

— Fugido fugido fugido! Que bobagem! — Immu subiu para a sala e num gesto dramático apontou para a abertura no chão. — Desçam aquela escada, pois preciso arranjar um jeito de disfarçar este alçapão.

Haramis e Anigel seguraram as saias longas e desceram desajeitadamente, mas Kadiya moveu-se ágil como um vart da floresta. Na passagem rústica outra surpresa as esperava.

— Uzun! — exclamou Haramis. — E Jagun também! As duas outras pequenas criaturas seguravam lanternas de luz verde, contendo vermes luminosos dos pântanos. Eram nyssomus, como Immu. Jagun estava com um boné de caçador de pele de fedok e roupa de couro marrom muito parecida com a de Kadiya. O músico Uzun estava com sua bata de sempre, de veludo marrom bordado. Seu gorro de brocado dourado estava cheio de teias de lingits da passagem secreta. Kadiya abraçou seu pequeno mentor.

— Você não nos abandonou, Jagun!

— Abandonar! Abandonar! — O Mestre dos Animais estava indignado. — Nós simplesmente nos escondemos, o que era a coisa mais prudente a fazer. Só vocês, os humanos, são bastante tolos para ficarem parados como togars mesmerizados ao luar, vendo a morte marchar pela estrada até chegar à sua porta!

— A honra exigia que defendêssemos a Cidadela — disse Kadiya, zangada.

— Muito bem, vejam o que sua honra lhes valeu — disse Uzun, o músico.

— Se tivessem fugido para o Pântano Labirinto, para nossa gente, em Trevista, nós os teríamos acolhido.

— E depois? — perguntou Kadiya.

— Depois. — O Mestre dos Animais ergueu os ombros estreitos. — Podiam ficar morando conosco.

— Mas este é nosso lar — protestou Anigel gentilmente.

— E agora é deles — disse Immu, com voz seca. Tinha acabado de camuflar o alçapão e desceu a escada, apanhando sua lanterna. — E estão dispostos a acabar com vocês. Conosco também, se nos apanharem.

— Mas, de qualquer modo, vocês vieram nos salvar — disse Anigel, com voz suave. Segurava o amuleto do trílio. — A Dama Branca atendeu a nossas preces.

— Tem razão — Uzun desenhou reverentemente no ar um sinal cabalístico com três pontas. — Meus conhecimentos de magia doméstica são muito limitados, como sabem, queridas princesas. Sou muito melhor com a harpa

e a flauta! Mas ontem eu fiz a mágica da água, para saber se nosso destino era ficar com os humanos aos quais servimos há tanto tempo ou voltar para nosso povo, e a Arquimaga falou.

Haramis disse:

— Arquimaga! É um dos nomes da Dama Branca!

— Dama dama dama! — censurou Immu. — Fique quieta, menina, e deixe Uzun explicar, pois precisamos sair daqui imediatamente.

Haramis abaixou a cabeça.

— Continue, amigo Uzun.

— Na verdade, a Dama Branca chama-se Binah. Arquimaga é seu título, pois ela é uma feiticeira, a mais poderosa de toda a Península.

— Ou era — disse Jagun sombriamente. — Ela está morrendo, está muito velha, e seus poderes enfraquecidos não podem vencer os do terrível Orogastus.

— Temos ordem de levá-las até ela — disse Uzun.

— Por quê? — perguntou Kadiya, agressivamente. — Se ela está morrendo, pouco pode ajudar, e não é hora para visita a doentes.

Haramis acrescentou:

— Na minha opinião, faremos melhor indo para Trevista. Lá podemos esperar o fim das chuvas de inverno, que chegarão dentro de poucas semanas. Talvez mais tarde possamos nos disfarçar e viajar com uma caravana, alcançando a costa e tomando um navio para Var. O Rei Fiodelon sem dúvida nos concederá santuário.

Uzun falou com dignidade:

— Quanto a esses planos, não sei de nada. A Arquimaga nos encarregou de levá-las até ela — assim como nos encarregou, há muitos longos anos, de servir aos humanos deste castelo, prevendo um dia de grande necessidade para todos os povos que habitam o Pântano Labirinto.

— Se hoje não é esse dia — disse Immu — eu sou um voluminal de rabo enrolado!

Fechou com força os lábios grossos e inclinou a cabeça para o lado, escutando, movendo as orelhas e balançando os brincos de prata, que

pareciam piscar na luz verde dos vermes luminosos.

— Eles saem da capela — disse ela, afinal. — Mas outros vão continuar a busca na torre central, seguindo as ordens de Voltrik. Até os três lacaios do feiticeiro, que são chamados de suas Vozes e que têm pacto com o Skritek, fazem parte da busca! Está na hora de sairmos daqui.

— Haramis, filha mais velha do rei, você vem comigo — disse Uzun. — Jagun e Immu seguirão outro caminho, com suas irmãs. Ordens da Arquimaga.

Por um momento parecia que Haramis ia recusar. Abandonar as irmãs? Levou a mão ao peito e segurou o amuleto que nunca havia deixado de usar desde o dia do seu nascimento.

— Mas eu não posso deixá-las! Sou a mais velha, herdeira do trono, responsável por elas. E sempre que é preciso, sou eu quem toma as decisões.

— Hara, faça o que ele diz — recomendou Anigel. — Confie na Dama Branca.

— Minhas irmãs, isso não me agrada — disse Kadiya. Sua testa bronzeada de sol estava franzida e seu cabelo, arruivado como o da rainha, despenteado, escapando das tranças. — Se ficarmos juntas, minha adaga nos oferece alguma proteção. Eu daria alegremente minha vida.

— Vida vida vida! — Immu estava perdendo a paciência. — Por que você é sempre tão exaltada? E por que Haramis deve tomar as decisões? Anigel não é tão decidida quanto vocês duas, porém ela demonstra grande sabedoria! Diga a elas, Uzun! Diga a elas as outras palavras da Arquimaga!

— Eu não as repeti — admitiu o músico timidamente — para não assustá-las. A Arquimaga Binah ordena a presença das três porque não estão preparadas para seguir seu grande destino. Na verdade, vocês nem sequer o conhecem.

Haramis e Kadiya ficaram revoltadas, mas Uzun continuou.

— Vocês três, Pétalas do Trílio Vivo, estão destinadas a salvar esta terra do jugo opressor do Rei Voltrik e de Orogastus, mas somente quando suas falhas e fraquezas forem corrigidas poderão ter sucesso. A Arquimaga lhes dirá como isso pode ser feito.

Anigel segurou as mãos das irmãs.

— Hara..Kadi..por favor!

Disfarçando a fúria que cintilava nos seus olhos, Kadiya inclinou a cabeça, concordando. Logo depois, Haramis disse:

— Está bem..

— Pela Flor, é mais do que tempo! — exclamou Immu. E continuou: — Haramis, você deve acompanhar Uzun. Anigel e Kadiya, venham comigo e com Jagun.

Assim dizendo, a mulher oddling empurrou Anigel pela passagem estreita e o caçador as seguiu, conduzindo Kadiya como um fazendeiro conduz seus togars. Num momento a luz das lanternas vivas desapareceu na escuridão.

— E nós dois devemos partir juntos — Haramis disse para o músico. — Velho amigo, espero que a Dama Branca tenha reforçado bastante sua mágica, pois suas canções para a flauta, embora excelentes, não deterão por muito tempo os guerreiros de Labornok nem seu feiticeiro criador de tempestades.

— Também temo isso, princesa — admitiu Uzun. — Mas confio na Arquimaga, como você deve também confiar. Ela ordenou que eu a levasse ao topo da Torre Alta da grande fortaleza.

Haramis sobressaltou-se, Seu rosto pálido, emoldurado pelos cabelos negros, destacava-se, espectral, no escuro.

— Ficaremos encurralados lá em cima! Os inimigos sem dúvida nos encontrarão! Oh, por que não dei ouvidos a Kadi?

— Venha — insistiu Uzun, correndo na frente com a lanterna.

Haramis não teve outra escolha senão segui-lo.

CAPÍTULO 3



Kadiya, Anigel e os dois oddlings percorreram os espaços escuros e estreitos entre os muros de pedra da torre central da Cidadela, passando às vezes por outras portas secretas com seus maquinismos enferrujados e cobertos com a poeira dos anos. Finalmente, depois de uma escada íngreme, chegaram à passagem de onde podiam ver a sala do trono, através de um orifício aberto na parede.

Jagun olhou por um deles e viu a sala agora silenciosa e sem vida. Então Immu olhou também. Quando chegou sua vez, a Princesa Kadiya, com um grito abafado de dor, bateu com os punhos fechados na parede de pedra, chorando silenciosamente.

Pediram à Princesa Anigel para não olhar, temendo que a cena sinistra a fizesse perder a razão, mas ela ficou ao lado de Jagun, esperando, em silêncio. Então Anigel viu, do alto, os restos mutilados dos Companheiros Fiéis e do Rei Krain, e para espanto dos outros três, nem tremeu, nem chorou, apenas fechou os olhos e segurou com força seu amuleto do trílio.

Depois de um momento, com um suspiro doloroso, ela perguntou:

— Immu, você é velha e sábia. Diga-me por que os labornoks fizeram isto, quando meu pai e seus cavaleiros já estavam vencidos e em suas mãos?

Para alguém como você é difícil compreender, criança, você é gentil e amorosa, e só conheceu amor e bondade durante toda sua vida. Mas existem aqueles para quem a crueldade significa um prazer sinistro, uma imensa sensação de poder. Eles são almas mesquinhas e medrosas, submetidos a pessoas que os tratam com crueldade. Sem encontrar felicidade na vida, tornam-se escravos da mais vil forma de luxúria — o prazer de infligir sofrimento e destruição aos outros. A crueldade faz com que se sintam superiores. Se sentem mais vivos com a morte de outras pessoas. Desafiam o Criador destruindo a criação. Desprezam o amor e abraçam o ódio, porque só o ódio acende suas almas frias e estagnadas. Não há piedade, nem drama de consciência, nem remorso na alma viciada na crueldade. Apenas uma sede constante por mais crueldade, uma sede que não pode ser saciada. Os

bons não podem tratá-los com bondade porque eles não sabem o que é o amor e o confundem com fraqueza. Por esse motivo você, uma princesa gentil e amorosa, deve aprender a tratar essas pessoas com dureza.

— Oh, eu jamais poderia — disse Anigel, tremendo. — Jamais — nem mesmo depois de ver essa cena terrível!

A Princesa Kadiya abraçou a irmã ternamente.

— Não se preocupe, querida Ani. Eu me encarrego de dar a esses monstros o que eles merecem.

Então Jagun as fez continuar a fuga e andaram e andaram, descendo cada vez mais para os profundos subterrâneos da Cidadela. Finalmente, chegaram a um muro novo de tijolos, como se fosse o fim de um beco sem saída.

Anigel, em pânico, começou a chorar. Enquanto Immu a acalmava, Jagun chegou sua luz perto do muro e tamborilou levemente com os dedos na parede, primeiro de um lado, depois do outro. De repente, uma parte do muro de tijolos moveu-se para o lado, viram a luz das tochas, o cheiro familiar de malte e as princesas imediatamente perceberam onde estavam. Passaram entre as filas de barris e grandes recipientes de cobre, entre as poças de cerveja, no chão, pois estavam na destilaria da Cidadela, supervisionada por Immu. Todos os empregados tinham fugido, os fogos estavam apagados e o enorme caldeirão de mosto de cerveja abandonado.

Conduzidos agora por Immu, entraram no depósito de grãos e removeram uma pilha de sacos encostada na parede, revelando uma porta de madeira embolorada que gemeu e estalou quando Jagun a abriu, usando um atizador de ferro. A porta levava a uma escada íngreme feita na pedra, úmida e escorregadia por causa da água que pingava das aberturas no teto. Desceram entre as paredes de pedra que cintilavam cada vez que as lanternas se refletiam nas poças de lama oleosa.

— Esta passagem leva às profundezas da Cidadela — disse Jagun. — Aos calabouços e masmorras, cisternas e esgotos jamais vistos por olhos ruwendianos, que foram construídos pelos Desaparecidos.

Nas passagens superiores tinham visto algumas lingits fazendo suas teias, criaturas pequeninas e inofensivas que se alimentavam de insetos domésticos. Mas no fundo da escada chegaram a uma câmara de teto baixo,

do qual pendiam estalactites de lama entre as quais habitavam lingits muito maiores, quase do tamanho de uma fruta ladu e com dentes ameaçadores. As teias dessas criaturas eram malfeitas e pegajosas, parecendo grandes lençóis negros. Jagun e Kadiya abriram passagem entre elas, cortando-as com suas adagas. Anigel estremeceu e recuou enojada quando Immu começou a afastar com os pés as indignadas criaturas que sibilavam e chiavam, tentando morder os sapatos e as botas dos intrusos.

Vencido esse obstáculo, desceram outro lance de escada cavada na rocha e o fedor de água podre tornou-se extremamente forte. Chegaram a um portão enferrujado semi-aberto. Depois dele, havia um portal sem grades e, nas paredes, suportes vazios de tochas e ganchos com molhos de chaves dependurados, tão corroídos pelo azinhavre que caíram em pedaços quando Kadiya os tocou. Poças d'água espalhavam-se pelo chão e quando, cada vez mais enlameados, atravessaram apressadamente um corredor, a escuridão se amainou e viram adiante uma luz amarelada.

Entraram por um arco numa sala grande e as duas jovens, com exclamações de surpresa, verificaram que era uma espécie de prisão, circundada por celas imundas, com o chão, o teto e as paredes cobertos por uma substância pegajosa e brilhante. Criaturas pequenas e disformes moviam-se preguiçosamente por toda parte, deixando uma trilha viscosa atrás delas.

— São as preguiças do limo — disse Jagun. — Habitam também as regiões mais remotas do Pântano Labirinto.

— Que nojo! — exclamou Anigel. Apontou com horror para uma cela cuja porta tinha caído do batente apodrecido, revelando um esqueleto ainda preso à parede por correntes enferrujadas. As cavidades oculares cintilavam, cheias de preguiças do limo.

— Que lugar nojento. Veja! Naquele canto, instrumentos de tortura enferrujados. E essas coisas pegajosas e horríveis.! Parecem nos espiar de cada abertura e de cada canto. Vejam, este balde velho está cheio delas. Oh, uma está subindo no meu sapato! — Tentou em vão livrar-se da coisa grudenta, passando o sapato numa saliência de rocha, estremeçando de nojo, e depois começou a chorar.

Immu correu para sua querida princesa e, desembainhando a adaga que levava sob o avental, raspou com a lâmina o verme nojento e o atirou para

longe. Depois, com um lenço seco, limpou o rosto enlameado e molhado de lágrimas de Anigel, murmurando palavras de conforto.

— Ainda temos de andar muito? — Kadiya perguntou para Jagun. — As sapatilhas da corte da minha pobre irmã não oferecem proteção contra a umidade e seu vestido e manto leves estão encharcados. Ela pode morrer se continuar assim.

— Encontrarão roupas secas e aquecidas à sua espera — disse Jagun —, mas vamos nos molhar muito mais antes de sairmos deste lugar. — Escute!

Ficaram imóveis. Jagun tirou seu boné de caça para melhor mover as orelhas longas e pontudas. Seu rosto parecia uma máscara, com a pele esticada sobre os ossos, os olhos como dois globos cintilantes de âmbar, os lábios largos entreabertos deixando ver as presas, raramente notadas pelos humanos, lembrando que, no passado, até os pacíficos nyssomus eram caçadores equipados com algo mais do que lanças e zarabatanas.

As jovens ouviam apenas o tilintar das gotas d'água que pingavam do teto, mas Jagun disse:

— Eles nos seguiram! Provavelmente descobriram nossas pegadas na destilaria. Depressa!

Jagun correu para uma pequena abertura no outro lado da masmorra, que dava para outra escada íngreme. Tinha uma espécie de corrimão, da altura da cintura dos oddlings, o que ajudava muito, porque os degraus eram escorregadios. As jovens, segurando com firmeza no corrimão, desceram correndo atrás dos oddlings, sem notar que iam deixando para trás as marcas levemente luminosas dos pés, que se tornavam menos acentuadas à medida que desciam.

As lanternas balançavam loucamente nas mãos dos oddlings, sem mostrar nada do que tinham à frente. Terminada a escada, chegaram a uma câmara cavernosa e escura, com água e lama que chegavam até os joelhos. A sala estava cheia de estranhos aparelhos enferrujados, canos partidos mais grossos do que troncos de árvores, que abrigavam, além das preguiças do limo, grandes criaturas com asas que fugiam assustadas, piando e chiando na escuridão. Jagun as levou para uma plataforma circular cimentada, no centro da sala. No meio havia um buraco redondo e negro com cerca de dois ells de largura, circundado por uma mureta baixa de pedra.

Agora podiam ouvir o tilintar ainda distante das armaduras e vozes humanas. Anigel gritou, aterrorizada. Jagun espiou para dentro do poço e atirou uma pedra na abertura redonda. Depois de um longo tempo, ouviram o som distante da pedra chegando ao fundo.

— Ótimo! — exclamou ele. — Como estamos ainda na estação seca, eu temia que não houvesse água na grande cisterna. Mas está tudo bem e nossa rota de fuga está aberta. — Voltou-se para Kadiya: — Venha, meu falcão corajoso! A cisterna é o antigo reservatório de água da Cidadela, construída muito tempo antes de o edifício atingir o tamanho que tem hoje. É alimentada por um cano que vem do Rio Mutar, ao norte da colina da Cidadela. Por ordem da Arquimaga, meu irmão Raphaun levou um barco a remo para a abertura secreta da tubulação. Tudo que temos a fazer é saltar.

— Saltar? — repetiu Kadiya, incrédula.

Jagun prendeu a lanterna no cinto. Um pouco de água não ia fazer mal.

— Eu vou primeiro e ajudo vocês quando caírem na água.

— Mas eu não sei nadar! — choramingou Anigel.

Nós três sabemos, queridinha — disse Immu, procurando encorajá-la. — Vamos segurá-la.

Os labornoks aproximavam-se cada vez mais.

— Não temos tempo a perder — disse Jagun. — Eu já vou!

Com um aceno alegre, subiu na borda do poço e desapareceu. Ouviram o ruído distante do corpo caindo na água e a voz abafada.

— Saltem! Está tudo bem! Kadiya respirou fundo.

— Senhores do Ar, dêem-me coragem!

Segurando o amuleto do trílio, subiu na borda e saltou antes que o pânico crescente a imobilizasse.

Começou a cair.

Dama Branca, ajude-me! Oh, faça-me cair suavemente

Ela flutuou.

O que é isto? O medo de Kadiya transformou-se em espanto. Continuava a segurar o amuleto. Uma brisa leve, que parecia soprar para cima, no escuro,

a levava lentamente para o fundo. Para baixo, mais para baixo — e então mergulhou na água fria como uma faca numa bainha engraxada. Kadiya estava boiando. A mão forte de Jagun a conduziu até a borda de pedra.

— É uma trilha estreita — disse o oddling. — Suba que eu passo a lanterna.

Mas Kadiya não subiu. Intrigada, segurando na borda da cisterna, no escuro, com a água pingando nos olhos, ela murmurou:

— Jagun, velho amigo, eu não caí, mas flutuei no ar como uma semente alada de salith.

— O que está dizendo, menina? — A voz do oddling, geralmente bondosa e calma, estava áspera.

— Eu segurei meu amuleto do trílio e rezei para chegar suavemente ao fundo, e aconteceu. Os próprios Senhores do Ar me ampararam.

— Deus Triúne! Isso não pode ser!

— Eu flutuei, estou dizendo! E caí suavemente na água.

De repente Jagun ergueu a lanterna e a colocou na margem da cisterna. Kadiya viu a criaturinha na água escura, ao seu lado, os olhos imensos, arregalados, o rosto crispado num misto de consternação e ansiedade.

— A profecia — mas não temos tempo para isso! — gemeu ele. — O mistériotem de esperar até que estejamos a salvo. — Levantou a cabeça e chamou a Princesa Anigel, suas palavras ecoando no escuro vazio.

Lá em cima, na câmara do poço, Anigel ouviu e aproximou-se da borda, com Immu a seu lado, encorajando-a.

— Salte! — insistiu a voz distante. — Salte, filha do Rei Krain. Não tema!

Então, ouviram a voz de Kadiya, estranhamente exultante.

— Salte, Ani! Segure com força seu amuleto e reze para cair lentamente, que vai acontecer! O amuleto do trílio é mágico e faz o que nós mandamos!

— O que é isso? — Immu inclinou-se na borda do poço. — Princesa Kadiya! Isso aconteceu de verdade?

— Aconteceu, aconteceu, querida Immu! E pensar que eu nunca suspeitei!... Salte, Ani, e confie na dádiva da Dama Branca!

Anigel cerrou os dentes, segurou com força o amuleto e começou a tremer com tanta violência que Immu teve medo de que ela fosse ter um ataque.

— Não posso saltar! Estou com medo! E se a mágica não funcionar para mim?

Uma luz fraca e alaranjada apareceu na escada. O ruído metálico das armaduras e das armas misturava-se às vozes dos homens praguejando contra as preguiças do limo. Alguém gritou: "Príncipe Antar! Por aqui! Siga as pegadas luminosas na escada!"

— Você precisa saltar! — implorou Immu. — Minha querida Ani, logo eles estarão aqui. Venha, deixe que eu pegue sua mão, você segura o amuleto com a outra e saltamos juntas.

Mas a jovem recuou, afastando-se da borda do poço com os olhos arregalados.

— Não! Não!

A voz de Jagun subiu cavernosa lá do fundo.

— O que estão esperando, mulheres tolas? Depressa! Os cavaleiros não podem nos seguir porque se afogariam com o Peso das armaduras. Saltem. Saltem!

— A princesa está com medo e eu não posso abandoná-la — gritou Immu.

— Então, dê um empurrão nela, sua boba! — berrou Jagun.

Immu voltou-se para a princesa apavorada e ergueu a lanterna, mas a jovem recuou outra vez, balançando a cabeça, com os olhos esgazeados e uma expressão de medo louco. A pequena oddling segurou o pulso de Anigel e a puxou para o poço, mas a princesa resistiu. As duas escorregaram e caíram da borda do poço na lama rasa, rolando e gritando como skriteks acuando a presa.

Foi assim que o Príncipe Antar e seus homens as encontraram e as fizeram prisioneiras.

Os homens as ergueram à força da lama pegajosa e Anigel e Immu, encharcadas e chorando, ficaram de pé, de cabeça baixa no meio dos doze homens armados que seguravam bem alto suas tochas e diziam gracejos pesados. Mas o Príncipe Antar com expressão severa perguntou:

— Onde estão as outras?

Immu mostrou para ele sua língua longa e preensível. Um dos cavaleiros desembainhou a espada e a teria abatido se o príncipe não tivesse ordenado.

— Pare, Rinutar!

O homem recuou, resmungando.

Gentilmente, o príncipe aproximou-se da Princesa Anigel, suja e imóvel, e viu o rosto sem expressão e os olhos sem vida.

— Senhora — perguntou ele —, eles desceram pelo poço? Anigel disse, com voz suave:

— Sim. Eles escaparam. Portanto, pode nos matar, mas lembre-se de que agora minha irmã Kadiya é dona de uma grande mágica e algum dia vai se vingar das mortes horríveis perpetradas por vocês hoje.

Os cavaleiros curiosos começaram a fazer perguntas, mas Anigel ficou calada.

— Devo matá-las, meu príncipe? — perguntou Sir Rinutar.

— Não. Devem ser interrogadas para nos dizer que tipo de encantamento — se for verdade — se opõe à nossa posse de Ruwenda.

— Permita-me então me encarregar da miserável oddling — disse Rinutar ansioso, embainhando a espada e empunhando um punhal fino. — Se eu brincar um pouco com a criatura, na frente da princesa, logo ela nos dirá o que queremos saber.

— Oh, não! Por favor, não. — Anigel terminou a frase com um gemido e desmaiou, caindo outra vez na água cheia de lama.

O Príncipe Antar inclinou-se para erguê-la e quando tomou nos braços o corpo frágil e olhou para o rosto pálido à luz dançante das tochas, pensou que jamais vira uma mulher tão bela, apesar de toda a tristeza e de toda a lama. Sentiu-se feliz por não ter de concordar com a tortura da velha oddling, e muito menos matar aquela bela e indefesa criaturinha, cuja cabeça repousava contra sua armadura.

— Não podemos fazer mais nada aqui — disse o príncipe. — Está claro que os outros conseguiram fugir e que não podemos segui-los. Devemos

encerrar esta perseguição e levar as prisioneiras ao meu Real Progenitor. Deixemos que ele resolva.

Os cavaleiros concordaram com entusiasmo, pois estavam ansiosos por deixar os subterrâneos sinistros da Cidadela. Antar mandou que seu marechal, Sir Owanon, carregasse Immu nos ombros e ele fez o mesmo com a Princesa Anigel. Começaram então a longa e lenta subida.

CAPÍTULO 4



Haramis correu, acompanhando os passos miúdos e irregulares do oddling músico da corte, e naquela fuga arrojada descobriu coisas sobre a própria coragem — ou a falta dela — que nunca teria imaginado.

Subiram através de passagens secretas e de escadas escuras, cada vez mais cobertas de poeira e teias, lugares onde, Uzun garantiu, ninguém havia estado desde que os primeiros ruwendianos tomaram a antiga Cidadela. Finalmente, terminou o caminho secreto e foram obrigados a sair da passagem e enfrentar a larga escada de pedra em espiral da torre central da Cidadela, feita pelos ruwendianos. As lâmpadas de ferro trançado com tubos de óleo e pavios, pregadas nas paredes, estavam acesas e tudo indicava que os perseguidores labornoks estavam no outro lado da torre.

Haramis e Uzun galgaram laboriosamente, andar após andar, passaram pela enorme biblioteca real, onde a princesa havia passado tantos dias felizes, estudando. O andar da biblioteca estava deserto, mas Haramis deixou escapar uma exclamação indignada quando viu as estantes caídas e os volumes preciosos espalhados pelo chão. Porém, nada parecia ter sido destruído deliberadamente. Sem dúvida, Orogastus deu ordens para que isto não fosse destruído, pensou ela. No lugar dele, eu certamente faria o mesmo.

Embora com relutância, Haramis sentia uma grande admiração pelo feiticeiro inimigo, um homem que comandava o relâmpago, que havia traçado a trilha complexa através do pântano Labirinto com sua clarividência. A queda de Ruwenda era devida somente ao poder de Orogastus, e Haramis respeitava a competência, mesmo quando usada contra ela e contra os seus. O feiticeiro despertava sua curiosidade e, enquanto acompanhava Uzun, pensava no inimigo. Que espécie de homem ele pode ser, se for realmente um homem?

Haramis e Uzun passaram cautelosamente pelo portão de ferro da antecâmara, no décimo quinto andar da torre, onde eram guardadas as jóias da coroa. A princesa hesitou quando ouviu o ruído dos invasores atrás da

porta fechada da casaforte, mas não apareceu ninguém. Continuaram a subida e passaram pelo andar seguinte, trancado e selado, onde eram guardadas pedras preciosas, lapidadas e em bruto, e o dinheiro recentemente cunhado, a caminho do décimo sétimo andar, uma espécie de oficina fortificada, onde os objetos preciosos danificados eram reparados ou derretidos. Haramis sabia que faltavam apenas dois andares para chegarem ao telhado. Primeiro um pequeno arsenal, depois o dormitório dos guardas e de outros trabalhadores da torre.

Uzun parou para descansar. Tirou o gorro, enxugou a testa enrugada e procurou retomar o fôlego. Haramis o observava preocupada. O músico oddling era seu amigo desde a infância, e ela gostava dele e confiava na sua lealdade, embora Uzun não fosse humano. Entre os nativos, os nyssomus eram os que mais se pareciam com os humanos, mas o vermelho do seu sangue era opaco e escuro, seus ossos tinham formas estranhas e seus corações batiam no outro lado do peito. Todos afirmavam possuir a Visão e, na verdade, às vezes podiam se comunicar entre si, a distância, por meio da fala sem palavras. Mas para a maioria dos ruwendianos eram seres inferiores, incultos e quase incivilizados, embora aprendessem com facilidade os costumes dos humanos e às vezes demonstrassem verdadeiro talento para as artes e o artesanato. Quando era pequena, Haramis pensava que os oddlings nyssomus pertenciam ao rei, seu pai, como animais de estimação. Mas o rei explicou que os pequenos nativos eram livres, e tinham alma, e deviam ser tratados como pessoas de verdade..

Quando Uzun se refez, prosseguiram na subida cautelosa. Quando estavam próximos do último lance de escada, Uzun fez Haramis parar, enquanto ele ia verificar se o caminho estava livre. Crescia a preocupação da princesa com o que ia acontecer quando chegassem às ameias da torre. Enquanto Uzun espiava sobre a borda do- último andar, Haramis franziu a testa e enrolou o manto no corpo. Um vento frio assobiava entre os vãos abertos, quase apagando as chamas dos archotes presos nas paredes.

Uzun não a chamou para continuar a subida e Haramis sobressaltou-se. Ele desceu de onde estava com uma garra grossa encostada nos lábios e uma expressão de alarme nos olhos ambarinos. Quando chegou perto dela, murmurou:

— Só um cavaleiro de guarda, princesa. Sem dúvida os outros estão revistando o resto desse andar.

— Eu sabia! — disse Haramis em voz baixa. — Estamos encurralados, com soldados inimigos acima e abaixo de nós! O plano da sua Dama Branca falhou.

— Fale baixo — implorou o oddling. — Acho que podemos passar, mas terá de ser corajosa e rápida. Pode suspender a saia do seu vestido?

Haramis assentiu com ar sombrio, tirou o manto e pôs a coroa sobre ele cuidadosamente. Então, passou a ponta da saia por dentro do cinto incrustado com pedras preciosas, deixando-a cair como um blusão até os joelhos. Enrolou a coroa no manto, amarrou as pontas e dependurou no ombro. Olhou para Uzun.

— E agora?

— Há uma escada de madeira que vai dar no parapeito, a uns quatro ells de onde está o guarda. Ele foi ferido e está com o braço esquerdo imobilizado, mas o direito, o braço da espada, está perfeito. Provavelmente está cansado e farto dessa busca inútil, que o privou do prazer do saque, das comidas e das bebidas.

— E do prazer de violentar as mulheres da Cidadela — acrescentou Haramis. — Sem dúvida esse será meu destino, antes de ter o pescoço cortado e ser jogada nos esgotos.

Os olhos de Uzun estavam repletos de censura.

— Princesa, você só será molestada sobre o meu cadáver. Confie na Dama Branca e ouça meu plano, eu lhe peço.

Haramis girou nervosamente o amuleto do trílio entre os dedos, passando o polegar repetidamente no âmbar que continha o pequeno botão fossilizado. Não duvido da sua dedicação pensou ela, mas passar "sobre seu cadáver" não será difícil para os soldados. Para não ferir os sentimentos do pequeno oddling, disse apenas:

— Estou ouvindo, Uzun.

— Eu vou sair de repente daqui e correr para o cavaleiro, fingindo que estou morrendo de medo.

— Se estiver tão assustado quanto eu, isso não será difícil.

— Vou saltar e me contorcer, fazendo meus olhos saírem das órbitas e recolhendo-os, seguidamente.

Haramis sabia que isso representava um grande sacrifício. Só quando era pequena vira Uzun fazer isso, uma vez ou outra, para divertir as princesas. Porém, antes dos seis anos tinha aprendido que um nyssomu adulto jamais demonstra tanta falta de controle, a não ser que esteja fora de si.

— Eu me encarrego de distrair o vilão — continuou Uzun.

— Enquanto isso, você sobe na escada de madeira e abre o alçapão. Então eu corro, subo atrás de você, derrubamos a escada e trancamos com segurança a porta do alçapão.

— E depois? Mesmo que seja possível deter os soldados — e supondo que seu feiticeiro não faça uso de um dos seus malditos relâmpagos — o topo da torre não é lugar para ficar sitiado. É claro que podemos morrer heroicamente de fome e de sede, mas isso não vai ajudar muito Ruwenda!

— Eu não sei o que acontece depois! — disse Uzun, irritado. — Apenas obedeco às ordens da Dama Branca! Oh, princesa, será que não pode esquecer seu constante questionamento? Mais cavaleiros podem aparecer a qualquer minuto! Dê-me apenas um momento para distrair o homem e saia daqui depressa.

Ele subiu os últimos degraus e entrou na ante-sala do guarda.

Haramis ouviu o soldado praguejar, e depois o ruído da espada sendo tirada da bainha. Mas Uzun estava cacarejando como um doido, dançando no assoalho de madeira, e a linguagem baixa do guarda transformou-se numa gargalhada. Tensa, Haramis espiou por cima do último degrau e viu o músico, normalmente sereno, pulando e girando, tatalando comicamente as longas orelhas, como as asas de um pássaro noturno embriagado com o fermento das frutas. Seus olhos entravam e saíam das órbitas e a língua enrolava-se e se desenrolava fora da boca enquanto seus gritos de pavor percorriam toda a escala musical.

O cavaleiro ria a não mais poder, com o corpo curvado e a espada abaixada. Haramis subiu rapidamente a pequena escada de madeira e abriu o alçapão.

— Uzun! Venha! Depressa! — Ajoelhada no telhado, ela segurou a escada quando o oddling pôs o pé no primeiro degrau. O cavaleiro enganado deu um grito de alarme e correu para a escada, brandindo a espada. Haramis segurou o pulso de Uzun e o puxou para cima. A espada, dirigida ao

tornozelo do oddling, entrou com força no degrau. Juntos empurraram a escada enquanto o cavaleiro tentava ainda livrar a lâmina da madeira.

Perdendo o equilíbrio, o homem coberto pela armadura caiu com um baque ensurdecedor. Ouviram gritos vindos do dormitório e, quando Uzun fechou com força a porta do alçapão, outros cavaleiros labornoks apareceram.

O vento soprava com força no telhado da torre, trazendo o cheiro dos alagados e levantando a névoa que cobria o Pântano Labirinto e as partes mais baixas da Cidadela, açoitando a bandeira cor-de-sangue, de Labornok, no mastro alto, no lado da torre que dava para o rio. Algumas fogueiras crepitavam ainda logo abaixo, entre os prédios do pátio interno, com as chamas tremulando sinistramente sob a neblina. O céu azul profundo estava pintado de estrelas e, no oeste, as Três Luas caminhavam para a sua conjunção, que devia ocorrer na fase da lua cheia, dentro de quatro semanas.

O medo e a indignação da princesa transformaram-se numa raiva candente. Estavam num beco sem saída. Os cavaleiros atacavam o alçapão com espadas e machadinhas e logo o destruiriam. Mas não ia permitir que os labornoks a apanhassem viva! Antes disso, saltaria das ameias da torre..

O alçapão se abriu e um cavaleiro cujo elmo parecia uma máscara grotesca subiu para o telhado com um grito de triunfo.

Haramis, na borda do parapeito, ao lado de Uzun, segurou com força o amuleto, como fazia para afastar os terríveis pesadelos da infância. Mas esse pesadelo era real.

— Senhores do Ar, protegei-nos! Uzun exclamou:

— Dama Branca! Proteja a princesa!

Três homens com armadura correram para eles com as espadas erguidas. Mas, no mesmo momento, uma rajada de vento varreu o telhado e as estrelas desapareceram atrás de dois imensos vultos negros que desciam num mergulho rápido, na direção da torre. Com um rugido ensurdecedor, um deles atacou diretamente os três homens apavorados.

— Lammergeiers! — gritou um dos cavaleiros. — Cuidado!

Mas no mesmo instante uma asa gigantesca atingiu os três homens e os jogou do alto do parapeito. Suas vozes uniram-se num único grito, que

cessou bruscamente depois de poucos segundos. Os companheiros, que começavam a aparecer na abertura do alçapão, recuaram e desapareceram. Os gritos de dor, o ruído metálico das armaduras e das espadas indicavam que alguns deviam ter caído da escada na pressa da fuga. Outros labornoks ficaram imóveis, observando, mas nenhum se arriscou a sair de onde estava.

Mais tarde contaram ao Rei Voltrik e ao feiticeiro Orogastus o que haviam visto. Duas criaturas gigantescas com corpo branco e asas listradas de preto e branco, mergulhando e aterrissando no telhado da Torre Alta, seus talões tirando faíscas das pedras, olhos e bicos serrilhados cintilando à luz fraca da lua. A Princesa Haramis subiu nas costas de um deles e Uzun montou no outro.

Então, os grandes lammergeiers abriram as asas e voaram, levando os fugitivos para noroeste, na direção do forte dos distantes Montes Ohogan.

CAPÍTULO 5



A retirada ignominiosa acendeu mais ainda a fúria de Kadiya. Imaginou ser descoberta ao lado de Jagun, arrastando-se de quatro sobre o cano escorregadio. Aquele encanamento não era usado há centenas incontáveis, porque os ruwendianos quando tomaram a antiga cidadela haviam construído um novo sistema de suprimento de água. Portanto, além de enferrujado e caindo aos pedaços, estava repleto de lixo podre e malcheiroso. Jagun dependurou a lanterna no pescoço, mas uma vez ou outra tinha de passá-la para Kadiya, enquanto retirava do caminho galhos mortos ou um emaranhado de mato molhado e amassado. Em alguns lugares as paredes tinham desabado completamente e eles seguiam por dentro da água, nadando as vezes, desviando-se dos obstáculos. Os joelhos do calção de couro de Kadiya logo se esgarçaram, deixando entrever a pele arranhada e vermelha. O tempo todo ela murmurava palavras que ouvia muitas vezes nos estábulos, mas que nunca tivera coragem de dizer.

O rio está longe? - perguntou, afinal, olhando para as mãos dolorosamente feridas pelos espinhos do lixo que havia ajudado a afastar do caminho.

Não muito. Se fosse dia, veríamos a luz lá adiante, pois estas malditas plantas não podem viver no escuro. Tome mais cuidado agora, pois este é um ótimo lugar para os gradoliks ou vermes da água.

Kadiya cuspiu a água lamacenta, de gosto horrível, e sentiu crescer dentro dela a raiva candente que a dominara ao primeiro alarme da invasão.

— Que a lama eterna afogue todos eles! Que as víboras de Viborn abracem seus pescoços e seus pulsos..

— Poupe seu fôlego, filha do rei. Sem dúvida, quando chegar a hora, os espíritos encontrarão castigos para seus inimigos que até você vai achar adequados.

— Nenhum castigo será adequado se não for infligido por mim! — respondeu ela, furiosa.

A mão de Jagun no pulso da princesa era o sinal de alerta conhecido desde a infância. Kadiya engoliu em seco e ficou imóvel.

Agora, semimergulhados na água, eles continuaram, escorregando na lama pegajosa, até chegarem a uma grade enferrujada. Passaram pela abertura feita ao lado por um pedaço de pedra desmoronado. Finalmente estavam a céu aberto. Outra vez Jagun estendeu a mão em sinal de alerta.

Ele afastou-se um pouco da jovem, com a cabeça erguida. Apurando os ouvidos e usando seu faro de caçador, Jagun verificou a segurança daquela terra árida e esquecida.

— Os labornoks devem ter estabelecido um posto de vigia não muito longe daqui.

Kadiya olhou para trás, esticando o pescoço para ver melhor. Viu fogo lá em cima, chamas tremulantes. Pouco sobrava no interior da Cidadela para alimentar aquela fogueira da vitória, a não ser que os invasores tivessem arrancado as tapeçarias das paredes e queimado todos os móveis. Kadiya tentou ignorar os brados distantes, os gritos estridentes — procurando não pensar no que devia estar acontecendo.

— Que eu possa viver para abrir novas bocas em suas gargantas imundas!
— A mão ferida que procurava a adaga encontrou o amuleto, através de um rasgão na camisa. — Se isto teve força para me fazer flutuar no poço, talvez possa me oferecer algo mais. — Segurou o pedaço de âmbar com força, como se quisesse embebê-lo no próprio corpo.

Vontade — vontade e força — e tudo o mais que podia Pedir.

— Senhores do Ar, todos vós que sois amparados pelo Deus Triúne, que vosso poder seja adicionado ao meu, vossa vontade à minha, para que sejam castigados com a morte todos aqueles que mataram os que acreditam em vós. Que paguem o preço do sangue, ó vós lá do alto, concedei-me o preço do sangue!

Segurando o amuleto como quem segura uma espada, Kadiya apontou para as luzes do holocausto, lá atrás.

A resposta foi um grito torturado na noite, o pedido rouco saído de outro barril.

Kadiya apertou os lábios.

— Não funciona! — Moveu a mão, como para arrancar o amuleto do cordão, mas não conseguiu soltar os dedos que o apertavam com força.

— Não — disse Jagun, com a voz suave de quem procura acalmar uma criança impaciente.

— Mas eu usei minha vontade! Com mais força do que no poço. — Abriu os dedos, um a um e olhou para o que estava segurando. — Ou será que só funciona para mim? Será que pode me levar para a Dama Branca? Ou nós dois...?

Jagun a observava pacientemente.

— Não custa tentar, filha do rei.

Outra vez os dedos de Kadiya apertaram o amuleto.

— Pelos poderes que vivem no seu interior, leve-nos agora àquela que o fez — a Arquimaga!

A noite continuou silenciosa.

— Leve-me então, se possui alguma virtude, ó dádiva da feiticeira!

Nenhuma resposta.

— Então, será que foi tudo um sonho? — Kadiya perguntou para a noite. — Será que eu estava tão fora de mim, Jagun?

— Pequenina, não posso responder com certeza, estava muito escuro dentro do poço. Talvez eu tenha calculado mal o tempo da sua queda. Não entendo nada dessa sabedoria antiga.

Kadiya soltou o pingente dependurado no cordão.

— Parece que a magia nos abandonou, Jagun — se é que alguma vez esteve conosco. Bem, pelo menos aqueles miseráveis da planície não poderão nos seguir através do Pântano Labirinto.

Kadiya estivera várias vezes no pantanal, mas percorrendo sempre as trilhas conhecidas pelos oddlings. Havia outras, mas eram segredos ciumentamente guardados por certas famílias. Para os que não pertenciam a uma tribo, era um ponto de honra esquecer qualquer conhecimento dessas trilhas. Kadiya inclinou a cabeça até ficar bem perto do vulto pequeno de Jagun e perguntou:

— Aqueles rastejadores das planícies não ousarão nos seguir aqui, estou certa?

Semi-escondido pelas moitas, o oddling procurava alguma coisa na água, perto de uma rocha.

— O feiticeiro deles aliou-se aos skriteks. Pellan também está com eles.

— Pellan! — Parecia impossível que o guia dos mercadores — conhecedor das trilhas secretas quase desde seu nascimento — pudesse traí-los. Porém, antes daquele dia terrível ela jamais teria acreditado que Kadiya, da Casa de Krain, ia se arrastar como uma serpente na lama pegajosa.

— Voltrik possui aquilo que alguns acham difícil recusar. — A voz de Jagun soou fria e áspera. Levantou-se, segurando uma ponta da corda que tirou da água e começou a puxar com cuidado. — O poder do rei labornok baseia-se na riqueza. E a riqueza vem do esforço dos homens. Qual o rei que procura minérios preciosos na montanha, derruba as árvores com o machado, adquire objetos estranhos e preciosos dos povos do pântano? É a gente de Pellan que faz tudo isso. Voltrik recebe uma boa parte, é verdade. Mas ele pode conceder os restos aos que o servem e esses restos são suficientes para enriquecer qualquer um. Venha, Olhos Penetrantes — disse ele, usando nome recebido orgulhosamente por Kadiya há um ano, um nome que no pântano era murmurado com respeito. — Olhos Penetrantes, temos ainda um longo caminho pela frente.

Kadiya mal o ouviu, pensando indignada na traição de Pellan. Ela o conhecia — sorridente, delicado, Pellan a havia guiado certa vez por uma das ruínas estranhas do pântano.

— Jagun, Pellan fez isso realmente pelo pagamento, como você disse? Ou por medo? Ele tem parentes no interior da planície. Vimos do que esse rei assassino é capaz contra quem o desafia. O medo pode ser mais forte do que a magia. Anigel não se entregou ao inimigo por medo?

— Não julgue tão precipitadamente, filha do rei. Sua irmã não se entregou voluntariamente. O medo pode levar à loucura. Nesse caso não há culpa alguma.

— Só fraqueza — resmungou Kadiya.

— Fraqueza você também pode experimentar e até mesmo um grande medo. Não fale mal de alguém cujo fardo você jamais carregou.

Jagun puxou a corda e do meio da neblina surgiu um barco equipado com duas varas e um remo, além de um embrulho grande bem protegido da umidade.

— Abençoado seja o meu irmão! — disse Jagun. — Seguiu muito bem as instruções da Arquimaga. Agora temos nosso meio de transporte, comida e roupas secas.

O barco tinha espaço para quatro passageiros e, com o coração apertado, Kadiya lembrou que Anigel e Immu deviam estar com eles. Porém, sem dúvida estavam agora indefesas, nas mãos do inimigo. E Haramis? Não podiam saber. Nessa noite ela estava sozinha e sobre seus ombros recaiu a responsabilidade de resistir aos invasores.

Embarcaram e Jagun prendeu na popa o remo que serviria de leme. A embarcação deslizou, começando a subir o regato que corria preguiçosamente, circundando o lado nordeste da Cidadela. A neblina abriu-se por um momento e Kadiya pôde ver a imensa rocha encimada pelo castelo com uma ou duas estrelas acima dela.

Seu lar — nas mãos do inimigo! E onde estavam suas irmãs? Talvez mortas, ou pior.

NÃO! Levou as mãos à cabeça como se pudesse retirar as imagens criadas dentro dela. Não devia pensar nisso — não podia!

— Para onde vamos? — Havia muitas maneiras de resistir. A vingança seria sua, mas não podia vencer sozinha o Rei Voltrik. Haramis, Anigel — se sobrevivessem — estariam dispostas a ajudá-la?

Kadiya não disse em voz alta nenhum desses nomes. Jagun, no entanto, respondeu mais uma vez enchendo-a de espanto.

— Outros caminhos esperam por suas irmãs. Neste momento devemos pensar no nosso.

— Para onde vamos? — perguntou ela, outra vez.

— Você deve responder, Olhos Penetrantes.

— Como? — Kadiya olhou outra vez para a Cidadela. O fogo estava morrendo. Mesmo assim, o pântano parecia estranhamente quente. Olhou para baixo. Sob o corpete rasgado e sujo de lama, viu um pequeno ponto luminoso — o amuleto!

O pedaço de âmbar parecia mover-se na palma suja da sua mão. Um raio de luz apontava para o alto, como a chama de uma estranha vela. A respiração de Kadiya acelerou-se. Talvez ele ainda possuísse algum poder mágico! Mas estava provado que essa magia não funcionava de acordo com sua vontade. Uma adaga era muito mais segura.

Orogastus, o feiticeiro de Voltrik, trabalhava com uma magia que o obedecia. Dava ordens até ao rei, como se Voltrik fosse um instrumento ou um brinquedo em suas mãos.

Instrumento e brinquedo! Podia ser a história do seu nascimento e dos presentes da Arquimaga! Talvez a magia fosse como todas as outras coisas — envelhecia, enferrujava, ressecava, quebrava-se quando era invocada tarde demais.

O leme, seguro por Jagun, deu uma virada brusca, mudando a direção do barco. Kadiya viu o brilho do amuleto girar como a agulha de uma bússola.

— Jagun, isto é um guia!

— O quê? — perguntou o oddling com voz cansada. Levou o barco para a margem, jogou uma pedra para servir de âncora e começou a desfazer o embrulho.

Kadiya estendeu a mão para ele e descreveu animadamente a mudança no brilho do amuleto.

- Ah, sim — então deve apontar para a casa da Arquimaga, em Noth. Isso é bom, porque eu conheço pouco os caminhos nesta região. Os nyssumus nunca caçam por aqui. O Pântano Dourado é território dos uisgus.

Tirou do embrulho túnicas e calções tecidos por seu povo com fibras aromáticas. Havia também mantos com capuz de Pele de fedok, os animais capazes de desviar o curso dos rios, e sandálias com sola de madeira. Depois de retirar as peças de roupa, Jagun encontrou dois vidros fechados. Abriu-os e o perfume do creme de ervas amenizou o cheiro do pântano.

— Você pode se lavar e secar sua roupa de couro mais tarde, se puder ainda aproveitá-la. Mas agora você deve pertencer ao pântano.

Kadiya trocou a roupa suja e rasgada pela outra, limpa e seca, e passou na pele e nos cabelos emaranhados o creme de ervas. Os insetos do pântano podiam ser uma verdadeira tortura sem aquela proteção.

Jagun tirou de um bolso no cinto outra forma de proteção. Era um truque de caçador que Kadiya vira antes, um canudo, fino como uma haste de junco. Jagun levou-o aos lábios e produziu um som muito alto, atonal, que foi logo respondido.

O silêncio traiçoeiro que envolve os rios do pântano, quando alguém navegava por eles, podia servir de alerta para um perseguidor. Até o momento em que o apito de Jagun despertou os sons normais de vida, Kadiya não havia percebido o silêncio que os envolvia. Agora, ouviam o zumbir dos insetos, sons discretos de animais bebendo e comendo, e o grito rouco e profundo de um gulbard caçando, tão perto que ela percebeu o corpo verde-acinzentado do animal esperando, dentro d'água. Lá adiante, tudo era escuridão.

Subiram lentamente o largo Mutar, sempre se afastando dos habitantes da margem sul. Jagun tomou muito cuidado quando passaram pelos cais do Mercado de Ruwenda e pela margem oeste do Knoll, onde o rio desviava da costa montanhosa e entrava no Pântano Negro. A floresta densa estendia-se por muitas léguas quadradas entre a Cidadela e as ruínas de Trevista, e devia seu nome ao pântano nunca iluminado pelo sol, onde as árvores altas enlaçavam suas copas formando, com as trepadeiras, um espesso dossel, deixando a superfície do solo quase sempre na sombra.

Logo depois o rio dividia-se em vários canais, sem que nenhum parecesse ser o principal. Milhares de ilhas e bancos de lama enchiam aquela parte do Pântano Negro e qualquer viajante humano comum podia se perder, procurando a saída

Em plena luz do dia — quanto mais à noite, no meio das intermitentes nuvens de neblina. Mas Jagun continuou a conduzir o barco com segurança.

Kadiya, sentada na proa, mordiscava devagar um pedaço de raiz de adop, o tubérculo mais abundante na provisão de mantimentos do barco e que parecia tirar toda a umidade da boca, deixando um gosto amargo. Mas era o alimento básico dos oddlings durante as viagens. A cada mordida, ela lembrava sua primeira aventura no interior do pântano, com Jagun.

Encantada com os animais e as plantas estranhas que ele levava para o palácio, Kadiya insistiu com Jagun para conhecer o Pântano Labirinto. O rei deu permissão com relutância e durante um dia inteiro viajaram pelo pântano verde e sombrio repleto de animais e plantas misteriosas. Essa

aventura havia mudado por completo sua vida. Kadiya jurou que aprenderia os caminhos do pantanal e que iria conhecer todos os seus habitantes.

Jamais fora, porém, ao lugar que o amuleto apontava agora — as terras mais remotas e mais secretas. Mais adiante, as regiões dos amistosos nyssomus e dos tímidos uisgus faziam fronteira com o território dos abomináveis skriteks.

Skriteks! Criaturas horríveis que pareciam saídas de um pesadelo. Andavam eretos, mas a cabeça, acima do corpo musculoso, em nada se parecia com uma cabeça humana ou de um oddling. Achatada, com a testa alongada formando um focinho comprido, partido ao meio, deixando ver as presas esverdeadas e aguçadas, a cabeça de um skritek parecia feita para rasgar e matar.

Os olhos eram saltados, como de todos os povos do pântano, situados bem no alto da cabeça e bem espaçados, de modo que tinham uma ampla visão lateral. Porém, ao contrário dos olhos dos oddlings, não eram dourados, mas alaranjados com listras arroxeadas. O verde-azulado dos seus corpos fundia-se perfeitamente com a vegetação do pântano, exceto pelos olhos, permitindo que eles espreitassem a presa quase submersos no lodo, camuflados pelas algas, e no momento exato puxassem a vítima para o fundo. Por isso eram chamados de afogadores.

Eram conhecidos quase que exclusivamente pelas histórias terríveis dos viajantes. Diziam que, na sua terra, que fazia fronteira com os confins da região dos oddlings, os skriteks andavam livremente, armados às vezes de lanças e facas, embora suas armas mais poderosas fossem as presas e as garras das mãos de três dedos. Caminhavam silenciosamente, mas eram traídos pelo cheiro forte e almiscarado dos seus corpos. Diziam também que costumavam se espojar numa mistura de lama e ervas para disfarçar o cheiro. No seu território, os skriteks atacavam de surpresa, com uma frenética sede de sangue, despedaçando e devorando suas vítimas — às vezes ainda vivas — ou torturando-as até a morte.

— Você falou dos skriteks. — Kadiya estava encolhida, com os braços em volta do corpo. — Que tipo de poder é capaz de conseguir que aqueles monstros obedeçam outra vontade que não seja a sua?

Jagun respondeu:

— Poder daquele cuja sombra é maior até mesmo do que o rei a quem ele diz servir — Orogastus. Não o subestime, comparando-o a um mero adivinho ou mesquinho conhecedor de truques. Ele não é do tipo que anda nas feiras lendo o futuro na areia colorida. Filha do rei, certas pessoas nascem com talentos raros e quase todas usam mal esses dons. Alguns, entretanto, seguem um caminho mais escuro à procura do conhecimento e passam toda a vida procurando descobrir de onde vem seu poder — o poder que não é da mão ou da espada, mas da mente e da vontade — sobre os outros. Muitas histórias sobre Orogastus chegaram aos nossos ouvidos, aqui no Pântano. Podemos descontar talvez a metade ou um terço — mas o que sobra ainda é assustador! Os iguais se entendem — talvez os skriteks vejam nesse mago do rei uma força igual à que os impulsiona. Ou talvez não sejam criaturas dele, mas essa aliança tenha como base uma lei muito antiga: se seu inimigo é o meu, então, até que els esteja morto, seguiremos lado a lado.

Kadiya suspirou.

— Jagun, há tanto tempo você é meu professor e ainda tem muita coisa para me ensinar. Às vezes não passo daquela criança que você trouxe ao pântano para satisfazer um capricho.

Seu povo me chamou de Olhos Penetrantes, mas só para me agradar. Sim, posso ver bem certas coisas, mas, para outras, sou cega!

— Saber que é cega é começar a ver — disse Jagun, suavemente. Ele conduzia o barco para uma das maiores elevações do pântano. O céu lá em cima estava acinzentado. O dia não tardava. — O perigo não ameaça só o corpo, mas ataca o espírito também.

— Não compreendo.

— Certas pessoas, mesmo aquelas que você amou e em quem confiou, podem querer usá-la, como estou usando esta vara para conduzir o barco.

— Usar? — perguntou Kadiya, incrédula. — Quem tentar isso vai enfrentar minha adaga!

— Lutar, sempre lutar — zombou amigavelmente o oddling. — Minha pequena Olhos Penetrantes, você já viu um vart num galho de árvore a cem ells de distância.. mas, já tentou olhar para o interior, em vez do exterior? O

mais difícil é conhecer a si própria. Agora, o dia está chegando e vamos acampar. Empurre aqueles galhos para o lado, assim.

Kadiya obedeceu e ele levou o barco para uma curva da elevação de terra. Já na praia, embora extremamente cansada, Kadiya continuou com suas perguntas.

— Você vai me ensinar a sabedoria da vida — disse ela, em tom de comando.

— Eu não — respondeu Jagun, sombriamente.

— Vai deixar a cargo da Arquimaga? — A pergunta era um desafio.

— Ela também não. Compreenda, só a experiência nos dá sabedoria. Cada um de nós deve aprender a seu modo e no momento certo.

Antes que ela pudesse pensar numa resposta, Jagun olhou em volta e disse:

— Esta terra é sólida e boa. — Bateu com o pé no chão. Podemos acampar com segurança até a noite. Podemos até fazer uma fogueira. Um pelrik ou karuwok grelhado não seria melhor do que raiz de adop?

— Viajaremos à noite? — O que Kadiya mais desejava naquele momento era uma cama de relva — e havia uma por perto — para deitar e dormir.

— É mais seguro, até passarmos o Rio Alto Mutar. Talvez Voltrik — se for bastante esperto — procure se aproximar dos nyssomus como amigo, ou pelo menos fingindo-se de amigo. A maior parte do meu povo sabe muito pouco sobre os da sua espécie, Olhos Penetrantes. Para alguns de nós, os humanos são todos iguais e, como há muito tempo confiamos nos ruwendianos, podemos ser enganados pelas palavras mentirosas dos labornoks até que seja tarde demais.

— Podemos avisar seu povo. — Kadiya parou de arrancar as hastes de relva. — Talvez outros ruwendianos tenham escapado pelo rio — certamente os nyssomus de Trevista os ajudarão.

Jagun examinou cuidadosamente suas flechas aguçadas de zarabatana.

— Olhos Penetrantes, não podemos deixar que nos vejam no Mutar. Falta pouco para as chuvas de inverno, quando ninguém pode viajar.

Jagun ergueu os olhos injetados de sono e cansaço. Gotas de suor desenhavam linhas finas no creme repelente do seu rosto e das mãos.

— Você precisa chegar a Noth. Fica no sopé dos Montes Ohogan, mais de cem léguas ao norte. Depois de atravessarmos o território dos skriteks, entraremos na selva do Pântano Dourado. Então, vamos precisar da ajuda dos uisgus.

Jagun alisou um pequeno espaço de solo e começou a desenhar.

— Estamos aqui — marcou o chão com a ponta da unha. — Aqui — desenhou uma linha para o norte — fica Noth, onde devemos chegar.

Kadiya já ouvira histórias sobre Noth. Em todo o pântano havia ruínas nas elevações de terra firme, como aquela em que estavam. Nem todas essas ruínas de um tempo remoto haviam sido tão devastadas quanto Trevista e, segundo diziam, eram tão sólidas quanto a Cidadela. Contavam também que algumas delas guardavam grandes tesouros. Uma vez ou outra apareciam no mercado de Trevista objetos estranhos e aparelhos misteriosos, imediatamente comprados pelos mercadores visitantes. Muitos eram encontrados pelos tímidos uisgus, que os entregavam aos seus companheiros mais ousados, os nyssomus, para serem vendidos. Kadiya ouvira histórias de humanos que haviam se aventurado na região norte, à procura das ilhas perdidas e dos seus tesouros. Homens quase enlouquecidos pelas agruras da viagem chegavam na Cidadela, falando incoerentemente de uma cidade maior do que Trevista, fechada e silenciosa, cercada por muralhas intransponíveis, sem nenhuma porta de entrada. Era a cidade de Noth, diziam eles.

Talvez só fantasmas guardassem a cidade perdida, mas todos em Ruwenda sabiam que era a fortaleza da Arquimaga. Alguns diziam que ela pertencia a uma raça antiga, de um passado distante, quando várias ilhas, cada uma com sua cidade, adornavam um grande lago. Segundo a história do povo de Kadiya, a Arquimaga sempre existiu. Se não foi sempre a mesma mulher, foram sucessivas mulheres idênticas.

Jagun desapareceu e voltou quando Kadiya terminava de preparar o segundo leito de relva seca. Trazia um pelrik, segurando-o pela cauda larga, e Kadiya provou sua eficiência como viajante, juntando galhos quebrados e gravetos e empilhando-os para que Jagun acendesse o fogo com seu acendedor. Ele limpou a caça e a cortou em pedaços com sua longa faca de caçador, enfiando-os em espetos de madeira e levando-os ao fogo para assar.

O sono quase superou o apetite de Kadiya, estimulado pelo cheiro da carne grelhada. Não lembrava de jamais ter sentido tanto cansaço — esquecendo que os horrores por que havia passado haviam contribuído para esgotar suas forças.

CAPÍTULO 6



A Princesa Anigel só voltou a si quando seus captores chegaram à destilaria. Os labornoks pararam então para descansar da extenuante subida dos subterrâneos da Cidadela, depois de um árduo dia de batalha. Sir Rinutar sugeriu ao Príncipe Antar uma pausa para se recuperar e para provar a bebida de Ruwenda.

— Falou bem, Rin — disse Sir Owanon —, pois esta velha oddling é bem mais pesada do que parece e quase quebrou minhas costas. — Jogou Immu numa pilha de sacos de grãos. Ela gemeu mas não abriu os olhos.

O Príncipe Antar advertiu:

— Um breve descanso. Provocaremos a ira do Rei Voltrik e do feiticeiro se demormos muito a levar as prisioneiras para serem interrogadas. O homem que se exceder na bebida será severamente castigado.

Deitou a Princesa Anigel cuidadosamente no chão e afagou os cabelos dela, antes de juntar-se aos outros, perto do barril que acabavam de abrir. A cerveja fluía alegremente nas canecas e derramava no chão.

— Os covardes de Ruwenda faziam uma boa bebida — disse Sir Rinutar, passando a mão no bigode, depois de um longo gole. — Na verdade, é muito melhor do que a nossa. — Esvaziou a caneca e foi outra vez até o barril.

— Não admira — murmurou Immu —, pois a nossa é envelhecida e a oito por cento, ao passo que a de Labornok não passa de mijo de criança.

— Sim, sem dúvida é uma bebida excelente — disse outro cavaleiro, Sir Penapat. — Por que não podemos fazer uma cerveja tão boa em Derorguila?

— Os cervejeiros em Derorguila estão sempre se queixando das diabruras das bruxas da cerveja — disse Sir Owanon —, alegando que essas damas malvadas azedam a bebida, ou dão a ela um gosto estranho. Ouvi dizer que uma dessas bruxas foi queimada na fogueira um pouco antes de o exército deixar Labornok. Eles a apanharam entrando furtivamente na destilaria,

evidentemente para fazer alguma maldade. As mulheres não entendem coisa alguma da fabricação de cerveja.

— Excremento de lothok! — exclamou Immu, com voz abafada, porque estava de bruços sobre a pilha de sacos. Mas dessa vez os cavaleiros ouviram.

— Ora, ora, quero ser esfolado vivo e que puguem minha pele na parede! — disse Sir Owanon, rindo. — Minha carga fala! E com atrevimento!

— Responda com um bom pontapé — sugeriu Sir Rinutar. A Princesa Anigel virou o corpo com esforço, com as mãos atadas nas costas, como Immu, e exclamou:

— Parem, seus rufiões, isso é uma vergonha! Se acham boa a nossa cerveja, devem agradecer a Immu, pois ela é a chefe da destilaria desta Cidadela.

— Ela mente — rosnou Sir Rinutar. — O que uma velha oddling encarquilhada pode entender desses mistérios? — Com um gesto largo mostrou os grandes caldeirões de cobre, o labirinto dos canos, o sistema complexo de calhas que conduziam o grão de malte ao espremedor e depois passavam o mosto destilado para o enorme caldeirão destilador. Ao longo de todos os recipientes havia passarelas de madeira onde os trabalhadores mexiam, misturavam e inspecionavam a fabricação.

— Eu entendo muito de fazer cerveja. — Immu estava agora deitada de costas e sua voz era fria e segura. — Só um cérebro de geléia pode pôr a culpa da cerveja azeda em bruxas imaginárias. Isso acontece quase sempre porque os caldeirões, os fermentadores e a tubulação não são lavados adequadamente, permitindo a formação de um depósito malcheiroso que estraga a cerveja.

— Isso é verdade? — O Príncipe Antar estava interessado. — Talvez nos convenha permitir que você viva para ensinar os cervejeiros labornoks a fazer uma bebida melhor.

— Uma boa idéia — disse Sir Owanon, mas os outros protestaram em altas vozes e começaram a discutir, enquanto abriam outros barris e enchiam constantemente as canecas.

Então a atenção deles foi despertada pelo ruído metálico do General Hamil descendo a escada, à frente de outro grupo de cavaleiros. Todos

extremamente fatigados, aderiram com entusiasmo ao descanso festivo dos companheiros.

Hamil aproximou-se de Antar, que tomara apenas um gole de cerveja, e o congratulou pela captura da Princesa Anigel. Depois, levando-o para um canto, falou em voz baixa, mas Immu e Anigel ouviram perfeitamente.

— Uma coisa espantosa e ameaçadora aconteceu, meu príncipe. Milotis e seus homens revistavam o andar mais alto da torre quando surpreenderam a Princesa Haramis acompanhada por um oddling. Eles os perseguiram até o parapeito, e Haramis ficou de pé, parada na borda da ameia, segurando o amuleto que pende do cordão no seu pescoço, e invocou a proteção dos Senhores do Ar.

— Eu teria feito a mesma coisa — disse o príncipe secamente — no lugar dela.

— Mas apareceram dois lammergeiers monstruosos — continuou Hamil — e levaram a princesa e o oddling nas costas!

O príncipe praguejou.

— Milotis viu esse prodígio com os próprios olhos?

— Ele viu. Eu comuniquei o fato ao poderoso Orogastus, que ficou rubro de cólera. Milotis e seus homens foram executados, por ordem do rei.

O príncipe disse, em voz baixa:

— Loucura. Milotis era um valoroso capitão e como podia ele lutar contra a magia? Cabe a Orogastus cuidar disso. Imagino se ele vai impor também a minha morte porque aprisionei só uma princesa, enquanto a outra conseguiu fugir. — Descreveu a fuga de Kadiya através da cisterna e a afirmação de Anigel de que a irmã possui agora uma poderosa magia.

O General Hamil, uma figura terrível com a armadura vermelha enfeitada de ouro, aproximou-se das duas cativas. No elmo vermelho de metal esmaltado havia dois chifres montados em ouro e o visor tinha o formato de uma cabeça de volumnial.

— Princesa Anigel — perguntou ele —, é verdade que sua irmã é agora uma mágica?

Mas a jovem, apavorada, começou a chorar, agitando-se dolorosamente, e Immu disse:

— Veja o que você fez, seu grande imbecil. Pela Flor, eu não sei por que os lammergeiers apareceram, mas podem estar certos de que não foi mágica alguma. As três princesas não são gêmeas? Se uma possuísse o dom da magia, as outras duas não possuiriam também? Contudo, aqui está a pobre Anigel em suas mãos. — Começou a falar em voz baixa e urgente com a princesa.

— A vovó oddling fala sensatamente — disse o príncipe, franzindo a testa. — Mas acho melhor deixarmos isso para Orogastus. — Ergueu a voz: — Companheiros, devemos deixar este lugar agora e voltar à sala do trono com nossas cativas.

Immu parou de falar com a desconsolada princesa e dirigiu-se ao Príncipe Antar com voz melíflua.

— Meu senhor, tenha piedade desta infeliz donzela. Antes de sairmos daqui, mande desamarrar suas mãos e permita que atenda a suas necessidades atrás daquela pilha de sacas, do contrário ela passará por grande humilhação e vai sujar sua armadura.

Anigel abaixou a cabeça, envergonhada, e o General Hamil, rindo, disse um gracejo pesado. Mas o príncipe ajoelhou e desamarrou as mãos de Anigel. Ela agradeceu com um olhar suplicante e pediu que ele libertasse também sua aia para ajudá-la.

— Vou atender ao seu pedido, mas apressem-se — disse Antar. Deixou-as ir, depois de certificar-se de que não havia nenhuma saída atrás das sacas de grãos.

— Devo mencionar outro fato — disse Hamil. — A mão do rei está muito inflamada em virtude da dentada do maldito escudeiro. Ele está sofrendo muito e de péssimo humor. O médico da corte e a Voz Verde do feiticeiro dizem que ele deve ir para a cama com uma compressa de ervas sobre o ferimento, tomar chá quente e descansar, do contrário vai morrer com o sangue envenenado.

— O mago não pode fazer nada?

— Evidentemente não, embora tenha pronunciado um encantamento sobre o pote com a compressa. Ele concorda com o diagnóstico do seu bajulador e acha que o rei deve descansar. Por isso, cabe-nos, agora, procurar as duas princesas.

— Os homens estão exaustos. Precisam de alguns dias de repouso antes de organizarmos um grupo de busca. Podemos aproveitar o tempo para obter informações — especialmente dos oddlings. Se há alguém que sabe para onde foram as princesas, são eles.

Hamil concordou.

— Todos os oddlings fugiram da Cidadela, mas podemos ir a Trevista, a cidade antiga, em ruínas, onde fazem sua feira. O homem do rio, o traidor Pellan, comandante da frota de barcaças que leva os mercadores a Trevista vai cooperar conosco. E alguns mestres-mercadores de Labornok podem nos aconselhar sobre como conquistar a confiança e a ajuda das criaturas dos pântanos.

— Falarei com o rei meu pai e providenciarei para que tudo seja organizado. Talvez você, eu e esse tal Pellan possamos ir a Trevista durante o dia, com um pequeno grupo de homens, enquanto o resto do exército descansa. Podemos dormir no rio.

— Uma sugestão esplêndida, meu príncipe. Antar franziu a testa e olhou em volta.

— As mulheres — onde estão elas? Hamil foi espiar atrás da pilha de sacas.

— Desapareceram! Pelas sagradas entranhas de Zoto, elas desapareceram! Mas como?

Obedecendo às ordens furiosas de Hamil, os cavaleiros começaram a revistar toda a grande destilaria, embora parecesse impossível que Anigel e Immu tivessem passado pelo Príncipe Antar e pelo General Hamil.

Então, no meio da algazarra ensurdecadora, o Príncipe Antar viu o palerma cavaleiro Rinutar caminhando por uma das passarelas que circundavam o grande caldeirão da fermentação. De repente, Rinutar perdeu o equilíbrio, agitou os braços no ar e, gritando coisas que ninguém entendeu, mergulhou com estrépito no líquido espumoso e de cheiro forte.

Depois de um silêncio de espanto, os homens caíram na gargalhada. Alguns foram pescar o esbaforido Rinutar. Rubro de fúria e com a armadura coberta de espuma branca, assim que saiu do caldeirão, ele gritou:

— Quem me empurrou?

— Bêbado idiota — disse o príncipe, com desprezo. — Ninguém o empurrou. Você simplesmente perdeu o equilíbrio.

— Não — disse Rinutar com segurança —, fui empurrado e além disso, quando caí, ouvi uma voz dizendo: ”Tome um grande gole.”

Os cavaleiros riram com ceticismo, mas o General Hamil, carrancudo, gritou:

— Silêncio, todos!

Todas as bocas se fecharam. No silêncio que se seguiu, podiam ouvir a cerveja pingando no chão, a respiração pesada dos homens cansados. e passos rápidos e leves na passarela, depois da escada que levava à sala onde os barris eram enchidos.

— Mágica! — berrou Hamil. — Estão usando mágica! Elas se tornaram invisíveis! Todos para o andar de baixo! E em silêncio, malditos, com os ouvidos abertos!

Segurando o amuleto, Anigel murmurou ansiosamente para Immu:

— Vão nos encontrar. Nossos pés molhados estão deixando marcas no chão!

— Por aqui — sibilou sua companheira invisível. — Vamos para o elevador que leva os barris até a cozinha.

Correram para o elevador que funcionava com contrapeso, bastando acionar uma manivela. Anigel entrou e Immu disse:

— Espere um minuto, princesa. — Caminhou até uma pilha de barris vazios, deixando no chão as marcas dos pés molhados.

Quando os cavaleiros comandados pelo general labornok chegaram, os barris vazios empilhados perto do elevador começaram a balançar e antes que os homens tivessem tempo de compreender o que estava acontecendo, despencaram com estrondo. Barris e barriletes rolaram pelo chão, batendo nas Pernas dos homens e partindo-se quando os cavaleiros raivosos pisavam sobre eles com seus pés cobertos de ferro. A passagem para o elevador manual ficou completamente fechada.

A Princesa Anigel começou a rir tanto que soltou o amuleto por um momento e os labornoks viram as duas fugitivas subir e desaparecer.

— Rezei para que sua idéia desse certo — disse Anigel —, mas estava morta de medo.

Na luz fraca da guarita abandonada, na casa da guarda da Cidadela, onde tinham parado para descansar, Immu sorriu.

— Mas o importante foi que você não duvidou. Depois de saber que sua irmã Haramis escapou graças ao amuleto, finalmente acreditou que o seu também responderia à sua ordem, tornando-nos invisíveis. E aconteceu. Agora, tudo que temos a fazer é ir embora!

Anigel encostou o corpo cansado na parede fina.

— Boa amiga, tenha piedade, deixe-me ficar mais um pouco, pois, se continuarmos agora, vou morrer de cansaço.

— Descanse, doçura — Immu tirou o xale e envolveu com ele os ombros da princesa. — Estamos a salvo por algum tempo. Não ouço nenhuma agitação de busca.

Os labornoks pensavam que a princesa e Immu estavam ainda dentro da torre central, por isso o General Hamil mandou trancar todas as portas. Mas Immu conhecia uma saída secreta na cozinha, por onde os empregados preguiçosos escapavam às vezes. A passagem levava ao pátio externo que as duas mulheres cruzaram rapidamente, invisíveis, desviando dos soldados labornoks que cochilavam em volta das fogueiras.

Embora estivesse exausta, Anigel não tinha coragem de fechar os olhos, temendo que o sono anulasse o efeito da mágica que as havia levado a salvo até a guarita.

— Eu ainda mal posso acreditar que conseguimos ficar invisíveis — murmurou ela. — O talismã não quis me salvar na beira do poço... por que então nos salvou agora?

— Na cisterna, você estava desesperada e louca de medo. Na destilaria, emoções mais construtivas a levaram a seguir meu conselho.

— Sim, é verdade que eu estava furiosa — disse a princesa, com voz lenta. — Desprezei a covardia que provocou nossa captura. E estava mortificada pelo stratagema humilhante que você teve que usar para fazer com que aquele vilão nos soltasse.....

Immu deu uma risadinha abafada.

— A fúria iluminou sua mente, eliminando o medo que paralisava a vontade. E então, acreditou em mim quando pedi que recorresse ao amuleto. A raiva é uma emoção muito mais eficiente do que o medo. Precisa aprender a usá-la mais vezes, doçura. Na situação em que está agora, brandura e boas maneiras não ajudam muito.

— E a mágica? — perguntou Anigel, com voz cansada.

— Isso é o que vamos ver.

Depois de pensar por alguns momentos, a princesa perguntou:

— Então... seu povo usa sempre a mágica?

— Oh, não. É uma coisa especial, que não deve ser usada levemente. Às vezes ela está presente, outras vezes não está, por mais desesperadora que seja a situação. Para sua pobre mãe e seu pobre pai, não pôde haver ajuda mágica alguma...

— E isso foi cruel! Não faz sentido, o rei e a rainha serem mortos, Ruwenda conquistada e nós três protegidas por artes mágicas!

— Paz, criança, paz. — A magia é um mistério, como tanta coisa na vida. Pode ser usada para o bem ou para o mal e nem sempre sabemos distinguir entre os dois, assim como não compreendemos o que é mágica.

Anigel suspirou.

— Talvez a Arquimaga possa nos dizer. Aconchegada à velha ama, Anigel finalmente adormeceu profundamente, mas sem largar o âmbar com o trílio.

Não haviam descansado nem duas horas quando os soldados que dormiam na casa da guarda começaram a despertar, resmungando e reclamando. Logo ia nascer o dia. Os homens estavam descontentes com a proibição de saquear a Cidadela. Acenderam as fogueiras, prepararam uma refeição ligeira com as rações do campo e fizeram suas necessidades abertamente e em toda parte.

— Não olhe para fora, princesa — disse Immu. — Os incultos idiotas!

— Oh, Immu, não me importo com isso. O que me preocupa é o que faremos agora. Como chegaremos à casa da Arquimaga?

— Jagun planejou a nossa fuga e o irmão dele arranhou um barco. Mas, sem dúvida, Jagun e Kadiya já embarcaram há muitas horas, dando-nos por

perdidas. — Immu franziu a testa pensativamente. — Precisamos descobrir outro meio de chegar ao Mutar. Se conseguirmos alcançar Trevista, meu povo nos ajudará a entrar em contato com os uisgus, em cujas terras fica Noth.

— Mas Trevista fica tão longe, do outro lado do Pântano Negro.

As cornetas soaram lá fora. Immu espiou por uma fresta da porta. Um comandante dos cavaleiros entrou apressado, com sua escolta, na antecâmara do pátio interno, e parou a menos de doze ells da guarita onde elas estavam. Um sargento intendente supervisionava a distribuição dos suprimentos de uma fila de carroças cobertas. O cavaleiro disse:

— A companhia vai partir dentro de uma hora. Marcharemos através do Knoll para o Mercado de Ruwenda no lado oeste, e de lá iremos em barcaças até Trevista. Providencie alimento e material adequado, para os homens e para os animais.

O sargento fez continência, o cavaleiro deu meia-volta com seu animal de batalha e acompanhado da escolta seguiu para a casa da guarda e para o pátio externo.

Immu riu baixinho.

— Nosso problema está resolvido. Os intendentes nos levarão até Trevista. Está com fome, minha filha?

— Estou, Immu. E muito cansada.

— Não pode nos tornar invisíveis enquanto dorme, mas acho que vamos encontrar um bom esconderijo depois do nosso café da manhã. — Immu explicou seu plano e a Princesa Anigel, com os olhos cintilando de alegria, a abraçou carinhosamente.

Então, Anigel segurou o amuleto, as duas desapareceram e saíram para escolher a melhor carroça.

CAPÍTULO 7



Bem alto, acima do Pântano Labirinto coberto pela neblina, os lammergeiers voavam, carregando Haramis e Uzun na direção das ruínas de Noth.

Quando seu coração se acalmou e os sentidos disseram que tudo aquilo era real e não um sonho fantástico, Haramis examinou a situação. Estava ileso e, graças às poderosas criaturas, salva de uma morte quase certa. Seria mágica da Arquimaga? A Dama Branca teria ainda algum poder, embora sem força para lutar contra Orogastus e impedir a invasão de Ruwenda?

As asas enormes e fortes dos lammergeiers batiam em ritmo cadenciado, com um som surdo, cortando o ar. Suas costas brancas eram largas e macias como um colchão de penas. Haramis, comodamente sentada na reentrância atrás do pescoço listrado, quase não precisava se segurar. Depois de voar durante meia hora, o lammergeier virou para trás a cabeça encimada por uma crista e examinou sua estranha carga, mas os olhos eram mansos e o bico denteado não parecia ameaçador.

Sem saber se seria compreendida, Haramis disse:

— Meus agradecimentos por salvarem a mim e a meu companheiro.

A criatura teria feito um leve sinal afirmativo? Talvez não. Não virou mais a cabeça e continuou o voo seguro e ritmado. Haramis acenou para Uzun, mas não podiam conversar porque os dois lammergeiers voavam bem longe um do outro.

O mundo lá embaixo era uma planície de nuvens cinzentas e no claro céu noturno as constelações cintilavam. O Arco Retesado, a Chaleira, a Árvore-Ladu, O Grande Verme, A Coroa do Norte.

Coroa...

O manto manchado com o sangue da sua mãe que envolvia a coroa pendia ainda do seu ombro. Haramis abriu as pontas e olhou para a Coroa da Rainha com o âmbar que continha o trílio, até a dor nublar seus olhos. Pelo

menos Voltrik não tem isto, pensou sombriamente, nem terá enquanto eu viver! Ele matou meus pais, mas eu vivo ainda, e Ruwenda é minha!

Conteve as lágrimas. Agora eu sou a Rainha de Ruwenda e é meu dever proteger o país e seu povo, e me casar e ter filhos para que minha tarefa seja continuada quando eu desaparecer. Quase não podia respirar, com a garganta apertada, mas estava decidida. E também com medo. Eu sempre tive certeza de que seria rainha um dia — mas nunca imaginei que seria tão cedo. nem nestas circunstâncias! Espero que a Dama Branca possa me ajudar. Sem dúvida vou precisar de muita ajuda.

Haveria realmente mágica nas estranhas flores fossilizadas da coroa e do seu amuleto, ou só por um acaso da sorte os lammergeiers da Arquimaga apareceram no momento exato?

Vou experimentar, pensou ela. Segurou o amuleto no cordão, fechou os olhos e disse:

— Transporte-me imediatamente para a casa da Arquimaga!

Nada aconteceu e o lammergeier continuou seu voo sereno. Tentou um pedido simples.

— Traga-me um doce delicioso, porque estou morrendo de fome.

Nada outra vez, e seu estômago se contraiu dolorosamente.

Aí está a mágica. Ora, muito bem. Que importa?

Uma profunda depressão a dominou. Não tinha um reino para governar, nem um esposo real para sentar ao seu lado. Haramis tentou se alegrar, procurando uma compensação para tudo aquilo. Sempre detestara a pompa e a cerimônia da vida na corte, as intermináveis audiências a ministros que seu pai suportava pacientemente, os banquetes tediosos e as diversões supervisionadas por sua mãe, sempre rodeada por suas damas tagarelas. Mas a Rainha Kalanthe tinha outros interesses também: escrevia poesias e interessava-se pela sorte dos menos afortunados de Ruwenda, procurando melhorar suas vidas sem tolher-lhes a iniciativa. Haramis sempre temeu o papel de rainha. Obedientemente o aceitava como uma obrigação. Mas agora essa obrigação fora alterada, pelo menos em parte..

Aconchegou-se mais entre as penas macias, com o vento cantando acima da sua cabeça, e esperou que o sono a libertasse. Amarrou no cinto cravejado

de pedras preciosas o manto com a coroa. A Arquimaga saberia o que fazer com ela.

E o que fazer com Haramis.

Afinal, quem era essa mulher na verdade? Haramis não duvidava mais de que ela era real e não uma lenda. Os fatos fabulosos do seu nascimento deviam então ser aceitos como reais, bem como o sinistro discurso da Arquimaga. Se a Dama Branca estava realmente à morte, como podia dar conselhos? E por que havia dito, há tanto tempo, que tudo terminaria bem?

Os pensamentos giravam em sua mente e Haramis imaginou mais de vinte meios para salvar Ruwenda — vendo a si mesma cavalgando triunfante na frente do exército ruwendiano, depois de ter levado seu povo à vitória. Mas era tudo fantasia. Tinha dezessete anos, era inteligente e culta, sem dúvida, mas não era uma guerreira líder de exércitos. Se essa Arquimaga a escolhera para instrumento do destino, devia estar mesmo senil...

Preciso ficar de sobreaviso, pensou Haramis. Quem sabe que planos mirabolantes essa velha mulher traçou para mim? Mas serei cuidadosa e formarei minha opinião. Sou rainha agora e a responsabilidade é minha, não importa quem me dê conselhos. Não devo me submeter docilmente à vontade de ninguém.

Com trílio ou sem trílio.

Quando Haramis acordou o dia estava nascendo e os dois lammergeiers voavam ainda. Os Montes Ohogan destacavam-se agora à frente, escondendo a metade do céu com suas ameçadoras presas de granito e basalto completamente cobertas de neve logo acima da copa das árvores, A luz rosada do sol nascente emprestava uma falsa suavidade às geleiras. O coração de Haramis se apertou. E se a Arquimaga dissesse que seu destino estava ali, nas montanhas?

A neblina fria chamuscava a relva lá embaixo à medida que o sol ficava mais quente, e a selva transformava-se num vasto mar ondulante, amarelado, diferente de tudo que ela conhecia do Pântano Labirinto. Raros retalhos de terra seca quebravam a monotonia da planície alagada. Nessas elevações cresciam árvores, arbustos e outros tipos de vegetação, e, imaginou ela, ali deviam estar as casas dos uisgus, os pequeninos parentes dos nyssomus que habitavam a extremidade norte do Pântano.

Havia nativos nas montanhas também, ela sabia. Chamavam-se vispis, mas os humanos não tinham contato com eles. Os homens que haviam explorado a região contavam que, mais para o leste, onde a cordilheira era cortada pelo Passo Vispi, nas noites de lua os vispis apareciam e dançavam na neve recémcaída. Havia também histórias de horror sobre os oddlings das montanhas. Eram chamados de demónios da névoa congelada e seus olhos espreitavam nos redemoinhos de vento frio e, diziam, quem olhasse para eles morria. Mas ninguém duvidava que os vispis eram reais e não seres sobrenaturais, pois eles vendiam pedras e metais preciosos para os uisgus. Estes então levavam seus artigos até os humanos, por intermédio dos nyssomus, e os vispis exigiam em troca animais como froniais e volumniais, tecidos e alguns outros itens. Mas nenhum humano jamais soube dizer como eram os vispis — com exceção talvez dos infelizes soldados dos antigos exércitos de Labornok que, há muito, muito tempo, haviam ousado atravessar o Passo Vispi (se é que se podia dar crédito às histórias antigas) e morreram nas mãos dos vassalos da Guardiã Dama Branca.

À medida que o dia avançava a luz do sol refletia-se nos espelhos formados pelas lagoas e pequenos rios do Pântano Dourado. Haramis observava os rios sinuosos, provavelmente vias de transporte dos uisgus. Então, depois de várias horas seguindo o curso de um rio um pouco mais largo, na direção norte, o terreno ficou mais alto e o Pântano Dourado terminou nos sopés das colinas onde se erguiam, esparsas, árvores estranhas, entre lodaçais floridos das terras altas. Os lammergeiers começaram a voar em círculos, descendo lentamente.

Haramis viu ruínas na margem do rio, cobertas de mato, com árvores equilibradas sobre muros desmoronados como que espiando acima de cúpulas quebradas. Ao contrário de sua irmã Kadiya, Haramis não tinha vontade de explorar aquelas ruínas. Interessava-se somente pelos objetos encontrados nelas. Como os que havia possuído — uma caixinha sem adornos, que conforme o lado em que fosse colocada tocava uma música diferente, estranha e etérea- um instrumento para escrever, cuja tinta parecia nunca se acabar, e um bracelete feito de uma substância dura, que não era osso, nem madeira, nem nenhum dos minerais conhecidos pelos estudiosos de Ruwenda. Sem dúvida os Desaparecidos tinham alguns poderes mas seus segredos estavam há muito tempo perdidos. Mas se a Arquimaga conhecia

de verdade os poderes dos antigos, então Haramis talvez tivesse uma chance remota de realizar a profecia do seu nascimento.

Instintivamente segurou o amuleto e pediu: "Deus amado e Senhores do Ar, não permitam que eu me deixe enganar! Acima de tudo, não permitam que eu seja levada ao fracasso por um comportamento impensado. Eu não o suportaria!"

Agora flutuavam suavemente, aproximando-se de uma pequena estrutura de pedra em forma de torre, quase escondida pela folhagem muito verde e espessa. As criaturas aladas tocaram o solo numa espécie de gramado natural, repleto de flores silvestres, que se estendia até a ponte levadiça aberta. No fosso cresciam flores aquáticas e o ar era docemente perfumado.

Haramis deslizou das costas do lammergeier e curvou-se profundamente para ele.

Meus calorosos agradecimentos a você, senhor dos ceus, por me trazer, e ao meu bom servo, a este porto seguro. Quando ergueu a cabeça, os dois pássaros já tinham alçado voo. Antes de desaparecerem atrás das árvores, soltaram gritos altos e breves como um clarim.

Uzun, de pé ao lado dela, era uma figurinha cômica. Perdera o gorro, o cabelo longo e sedoso estava emaranhado pelo vento e a roupa de veludo marrom-avermelhado, antes elegante, estava suja e amarrotada. Mas o largo sorriso era o mesmo, indómito.

— Aqui estamos — pipilou ele. — Vamos entrar, pois os lammergeiers anunciaram nossa chegada.

Atravessaram lentamente a relva florida até a ponte. A casa estava coberta de musgo, trepadeiras e frondes rendadas, as arestas das pedras foram suavizadas pelas flores que brotavam das juntas. Plantas cresciam também entre as tábuas da ponte. A princesa atravessou com cuidado, temendo pisar em alguma tábua apodrecida, mas a ponte parecia bastante sólida. Nenhum empregado apareceu para recebê-los, a casa coberta de vegetação parecia desabitada. Mas Uzun adiantou-se confiante e Haramis o seguiu, olhando maravilhada para as colunas estranhamente esculpidas, os painéis nas paredes e o chão de mosaico quase escondido pelo musgo, líquen e mato baixo. Passaram por uma fonte que jorrava água, sob arcos de onde pendiam trepadeiras e por jardins gloriosos, repletos de flores das mais variadas tonalidades.

Pararam afinal na frente de uma porta de madeira negra polida, sem musgo ou vegetação, com dobradiças e uma aldraba redonda que parecia feita de ouro maciço. Tinha no centro um entalhe da mesma madeira, circundado por uma tira brilhante de platina, representando o Trílio Negro.

— Esta é a câmara da Arquimaga Binah — disse Uzun. — Só você pode entrar. — Com uma curvatura para Haramis, ele recuou para o lado.

A princesa hesitou.

— Mas, você deve vir comigo!

— Não, princesa, esperarei aqui. Haramis empertigou-se.

— Muito bem. — Procurando evitar que sua mão tremesse, ela puxou a aldraba de ouro. A porta abriu-se facilmente e Haramis entrou.

A câmara, sem janelas, era pouco iluminada e quente. Na luz fraca, Haramis divisou alguns móveis — armários, prensas, estantes com livros, aparelhos estranhos sobre as mesas, banquetas e sofás e uma cama enorme com cortinas escuras. O fogo brando de turfa crepitava na lareira, e na frente dela havia uma bela mesa, arrumada para uma pessoa, com um prato de cristal, uma colher e uma faca de ouro. Por debaixo das tampas das travessas de ouro erguia-se uma fumaça e um cheiro delicioso. Ao lado do prato havia uma jarra com vinho, e uma bela lâmpada com cúpula de vidro opalescente iluminava a cena. Uma das cadeiras estava perto do fogo, a outra no lado oposto, tendo na frente, sobre a mesa, uma caixinha de platina, amassada e embotada pelo uso.

— Seja bem-vinda, minha filha — disse uma voz suave, mas cheia de força.

— Eu estava à sua espera.

Espantada, Haramis olhou em volta e percebeu movimento na grande cama.

— Minha senhora? — disse ela, com uma mesura instintiva.

— Venha me ajudar, para que eu possa me sentar ao seu lado enquanto faz sua refeição.

Intrigada, Haramis perguntou:

— É a Arquimaga Binah?

— Sim, eu sou. Não tenha medo. Há muito tempo espero a sua chegada e a de suas irmãs, e sou grata por você ter chegado sã e salva.

Haramis ficou imóvel.

— Kadiya e Anigel. estão vivas?

— Sim, estão. Não se preocupe com elas agora, pois devem seguir seus caminhos e você o seu. Venha, ajude-me a me vestir.

Um medo terrível a assaltou e Haramis não se moveu. Sabia que, quisesse ou não, ia se lançar numa aventura terrível.

A mulher com belos cabelos longos e brancos sentou vagarosamente na cama e fez sinal à jovem para se aproximar. No rosto liso, sem rugas, só os olhos, tão fundos que mal se podia ver a cor, traíam a idade avançada. Haramis sentiu-se atraída pela força irresistível do olhar da Arquimaga. Com uma sensação de terror, pôs no chão o manto com a coroa e aproximou-se da cama. Mas então, de repente, estava livre e o pânico desapareceu. Via agora apenas uma pobre velha doente que precisava da sua ajuda.

Ajudou a Arquimaga a vestir a túnica longa e branca, com reflexos azulados nas pregas, e calçou os chinelos de pele nos pés longos e bem-feitos. A mulher ficou de pé e Haramis viu que ela era muito alta. Com o corpo ereto, a Arquimaga caminhou até a mesa e sentou-se.

— Por favor, sente-se, minha filha, e coma. Deve estar faminta depois de toda a provação na Cidadela e da longa viagem.

— Meu companheiro, o músico Uzun... — Haramis começou a dizer.

— Ele está sendo atendido por meu mordomo Damatole e terá todo o descanso e alimento que necessita.

— Eu agradeço — disse Haramis —, pois devo a vida a ele e não quero que sofra por causa de sua devoção.

Então Haramis fez as honras do jantar com o apetite jovem e saudável, pois não comia desde a manhã do dia anterior. Serviu-se de ave grelhada, sopa cremosa temperada com ervas, tubérculos dorun recobertos com queijo de algas e salada de agrião amargo. A sobremesa era uma torta recheada com uma fruta que ela não conhecia, com gosto picante, que Haramis comeu até a última migalha.

Então, com um suspiro, recostou na cadeira e tomou um gole do vinho delicioso. A Arquimaga sorriu e Haramis, um pouco embaraçada, disse:

— Nem me lembrei de lavar as mãos e devorei seu jantar delicioso como um servo mal-educado. Por essa falta de boas maneiras peço desculpas, Senhora Binah. Para compensar, posso tirar a mesa e lavar os pratos, mas confesso que não conheço bem esse serviço de copa.

— Felizmente, aqui em Noth — disse a Arquimaga — não precisamos nos preocupar com essas trivialidades. — Fez um gesto e tudo desapareceu da mesa, menos a jarra de vinho, o copo de Haramis e a misteriosa caixa de platina.

— Então, é mesmo uma feiticeira — murmurou a jovem.

— Esses truques não exigem muita arte — admitiu Binah. — Mas os grandes encantamentos estão agora fora do alcance dos meus poderes enfraquecidos.

— Uma vez que seus lammergeiers nos trouxeram até aqui, suponho que sabe o que aconteceu.

— As grandes criaturas aladas não me pertencem — corrigiu a maga. — São livres, pertencem só a elas mesmas. Verdade que ordenei que os trouxessem, pois elas obedecem a alguns dos seus amigos. Quanto à sua pergunta — sim, sei o que aconteceu. Vi tudo e chorei por não poder impedir.

Haramis disse, com o rosto inexpressivo:

— Então, sua força mágica não é suficiente para libertar Ruwenda do assassino Voltrik e do bruxo Orogastus?

— Mesmo assim, eu a aconselho a não subestimar Orogastus, minha filha. Ele não é um trapaceiro comum, como os mágicos que você conhece. Orogastus tem um poder imenso, e não só comanda a tempestade como também possui a chave de muitos outros encantamentos terríveis. Procura o poder em toda parte e faz uso dele para conseguir o que deseja. Atualmente sua arte transcende a minha em tudo, exceto no que se refere à visão a distância, para a qual ele precisa do espelho de gelo escondido nas profundezas da sua casa nas montanhas.

— Então, não pode me ajudar a vencer os inimigos de Ruwenda?

— Eu não disse isso. Porém, a restauração de Ruwenda é uma tarefa que requer a cooperação das três Pétalas do Trílio.

— Quer dizer minhas irmãs? — perguntou Haramis, incrédula e horrorizada. — Não creio que possamos depender delas para qualquer ajuda construtiva. Eu evitei que Kadiya atacasse os assassinos da nossa mãe com sua adaga! E Anigel só sabe se encolher num canto e chorar.

— Contudo, minha visão afirma que as três devem cumprir certas tarefas predeterminadas, aprendendo acima de tudo a se dominar completamente, antes que Ruwenda possa se libertar do jugo de Labornok. E se uma de vocês falhar, todas falharão.

— Mas isso não é justo! — protestou Haramis.

— Não — disse a Arquimaga, com voz suave. — É apenas como é.

Perturbada, Haramis levou a mão ao amuleto do trílio.

— Pensei que os talismãs que nos deu possuíssem forças mágicas. Mas quando experimentei, o meu falhou.

— Só podem ajudá-las nos momentos de perigo mortal, e seus poderes são limitados,

— Foi o que descobri — Haramis suspirou. — Bem, minha primeira súplica foi atendida, e a segunda e a terceira não eram tão urgentes quanto pensei. Este amuleto terá papel importante nas tarefas que devo cumprir?

— Isso eu não sei. Você terá de descobrir seus segredos, assim como os segredos do seu próprio íntimo e superar as falhas e fraquezas que podem desviá-la do seu destino. Mas uma coisa eu sei. Quando terminar seu trabalho preliminar, você receberá um sinal. Um novo talismã, o Círculo das Três Asas, chegará às suas mãos. Então, vai saber que chegou a hora da luta final por Ruwenda e por sua alma.

— E as minhas irmãs?

— Terão suas tarefas. Se forem bem-sucedidas, receberão também seus talismãs. As Três Pétalas do Trílio entrarão em contato e se unirão. O resultado será a restauração do equilíbrio do mundo, agora perdido.

Haramis recostou pesadamente na cadeira.

— Essa tarefa. Devo começar imediatamente? Estou tão cansada. Além disso, com todo o respeito, acho difícil acreditar no que diz. Eu nem acreditava na sua existência...

— O que você acredita, neste momento, não importa, porque está exausta de dor e de medo. Deve rezar para ter coragem e força e, acima de tudo, deve aprender a confiar em si mesma e no poder Triúne que nos ama e nos guia.

Haramis riu brevemente, com ironia.

— O que eu preciso agora é de uma ajuda mais concreta.

— Os nativos a ajudarão em tudo que for possível— os povos do pântano, das florestas e das montanhas. Como os habitantes humanos de Ruwenda, eles adoram e respeitam o Trílio Negro.

— E devo levar Uzun comigo? Ele está velho...

— Uzun a acompanhará numa parte da longa jornada que vai empreender. É destino dele ajudá-la a realizar o seu. Porém, os maiores desafios terá de enfrentar sozinha.

Haramis olhou pensativamente para as chamas na lareira, segurando de leve o amuleto.

— Pode me dizer a natureza dessa procura da perfeição da alma?

— Não. Mas você vai saber. Haramis exclamou:

— Não pode fazer nada para me ajudar, além deste jantar, conselhos e de me desejar boa sorte?

— Sim, eu posso.

A Arquimaga abriu a caixa de platina e pôs as duas mãos dentro dela. Ficou de pé e, como por milagre, tirou uma grande planta verde que de modo nenhum podia caber na caixa que estava sobre a mesa. Era um trílio quase da altura de Haramis, com as raízes expostas, folhas espessas e brilhantes, favas com sementes e miríades de flores negras como a noite, do tamanho de uma mão humana. A Arquimaga pôs a planta sobre a mesa.

Haramis exclamou, atónita:

— Que beleza! E está viva, não é um fóssil dentro de um pedaço de âmbar!

— É o último Trílio Negro vivo do mundo conhecido.

— E, por meio dele, nós três venceremos o Rei Voltrik e Orogastus! Sei que é verdade, Binah. Eu sei! — Haramis levantou-se, sem nenhum vestígio de

cansaço, alimentada pela visão da planta maravilhosa cujas flores tinham a cor dos seus cabelos.

A maga apanhou algo sob uma das folhas grandes e colocou na mão de Haramis, fechando os dedos da jovem sobre o objeto. Então, ergueu a planta, colocou-a miraculosamente de novo na caixinha de platina e fechou a tampa.

Haramis piscou os olhos como se tivesse apagado uma luz brilhante, e com ela a certeza que sentira há pouco.

— Mas, isso é tudo?

A Arquimaga segurou-a pelo braço e a levou até a porta.

— O que eu lhe dei vai mostrar o caminho. Guardarei a coroa de Ruwenda para você. Jamais será tocada por mãos inimigas. Porém, lembre-se, Orogastus é o seu verdadeiro inimigo e não o Rei Voltrik. Mas ele vive pelas leis da magia, segundo as quais, para cada força deve existir uma fraqueza u vulnerabilidade correspondente. Se puder descobrir a fraqueza de Orogastus e vencer as suas, você triunfará. Não posso dizer nada mais. Agora, deve ir. Volte para mim quando receber o Círculo das Três Asas.

— Mas o que é o Círculo das Três Asas? — perguntou Haramis, ansiosa.

— Vai saber encontrá-lo — garantiu Binah. — Adeus. De repente, Haramis estava outra vez no relvado cheio de flores, olhando para a torre coberta de musgo, com Uzun ao seu lado, agora vestindo roupas secas e limpas. A princesa notou que suas roupas sujas e rasgadas tinham também desaparecido e ela usava agora um vestido de lã branca adornado com pele de fedok albino e, dependurado sobre o corpete, o amuleto com o cordão de ouro. Um manto forrado de pele pendia dos seus ombros. Estava calçada com botas fortes, de couro. No chão estavam duas mochilas e dois bordões com pontas de ferro para caminhada.

— Estou pronto, princesa — disse Uzun. Voltou-se para ela com um largo sorriso no rosto rosado como cerejas maduras. — A Dama Branca até me deu uma flauta fiple novinha, para que eu possa alegrar a nossa jornada com música!

— Mas que caminho devemos seguir? — Haramis fechou os punhos irritada. Lembrou então que a Arquimaga havia posto alguma coisa em sua mão. Abriu os dedos e viu na palma uma fava do Trílio Negro, seca e

brilhante. Instintivamente ela a abriu, revelando as fileiras de sementes aladas. Ainda sem pensar, Haramis apanhou uma delas e a atirou para cima. Para sua surpresa a semente, em vez de ser levada pelo vento, flutuou para o norte, na direção das montanhas.

O caminho parecia um trecho de terras altas no meio do pântano, sem nenhuma passagem marcada. Porém, observando a semente com atenção, Haramis percebeu uma trilha aparentemente pouco usada, como a que faz um animal abrindo caminho entre as moitas e o mato.

— Muito bem — disse ela. — Acho que este guia é tão bom quanto qualquer outro. Vamos partir?

Sem perder de vista o pontinho branco flutuante, Haramis pôs a mochila no ombro e entrou no pântano com Uzun logo atrás.

CAPÍTULO 8



A tarde ia em meio quando o vigia do primeiro barco gritou com voz cantada: "Trevista à frente!"

Pellan, o guia dos mercadores, encarregado do comando da frota improvisada dos labornoks, levou aos lábios uma pequena corneta de ouro e emitiu um aviso de três notas. Imediatamente os remadores dos quatorze barcos tiraram os remos da água e os homens na proa e na popa lançaram as âncoras no raso e lamacento rio. Pellan tocou outro aviso mais complexo na corneta, dando ordem de descanso para os marinheiros.

Um berro furioso soou na proa e uma voz rouca gritou o nome de Pellan, seguido de obscenidades. Embora a viagem rio acima tivesse sido feita em tempo recorde, o General Hamil descobriu um motivo para reclamar.

Com um suspiro o comandante dos barcos saiu da cabine de proa e dirigiu-se para a popa do barco. Ao contrário das outras embarcações, esta não transportava carroças de suprimentos, nem animais de carga, mas apenas as montarias dos nobres, amarradas no convés de proa (só Deus sabia o que os conquistadores pretendiam fazer com elas nos pântanos sem trilhas ao redor de Trevista), com suas rações e jaezes, mochilas de couro cheias de armas e armaduras, e um grupo de vinte ou trinta cavaliços, soldados e lacaios que durante todo o tempo jogavam, cochilavam ou trocavam gracejos pesados com os remadores.

Pellan parou na pequena cabine no centro do barco onde ficava a cozinha e seu pequeno alojamento — este ocupado pelo feiticeiro Orogastus e seus dois malévolos ajudantes —, a fim de dar ordens para que fosse servida uma boa caneca de vinho aos remadores e uma dose de bebida aos labornoks, para evitar descontentamento.

Passou por um grupo de sargentos que olharam furiosos para ele porque a parada da embarcação os privava da brisa fresca, e chegou finalmente ao convés de popa. Um toldo fora erguido naquela parte da embarcação para proteger os passageiros privilegiados, entre os quais estavam os homens do Príncipe Antar, o General Hamil e um punhado de oficiais de alta patente,

que o acompanhavam na expedição de busca, além do mestre-mercador Edzar, designado como portavoz das forças dominadoras de Labornok no contato com os nativos de Trevista.

Os cavaleiros mais jovens debruçavam-se na amurada, olhando para longe, esperando avistar a fabulosa cidade dos oddlings. Sem as armaduras vistosas e brilhantes, eram homens vulgares, com blusões e calções manchados de suor e de poeira. Os nobres e oficiais vestiam-se do mesmo modo, distinguindo-se dos cavaleiros apenas pela limpeza das roupas. O gorducho mestre-mercador, por outro lado, parecia um cortesão pronto para uma audiência real, com a capa curta da guilda, verde, bordada a ouro, sobre a roupa fina cor-de-laranja. O chapéu de tecido verde-folha tinha abas enormes e uma faixa enfeitada com flores naturais.

— Por que paramos? — perguntou asperamente a Pellan o General Hamil.
— Se aquilo lá na frente é Trevista, então mexa esse traseiro preguiçoso e continue a viagem! Suas ordens são para nos levar a Trevista o mais depressa possível.

Toda a frota estava parada no meio do Baixo Mutar, tão largo naquele ponto que os bancos de terra do Pântano Negro ficavam a quase uma légua de distância dos dois lados. Pellan ergueu a mão numa continência negligente.

— Precisamos obedecer aos protocolos do mestre-mercador, meu general, e esperar pela escolta de nyssomus que nos levará até Trevista.

— Mercadores? — exclamou o comandante-em-chefe dos labornoks. — Não somos um bando de vendedores, somos conquistadores — e o único protocolo que obedecemos é o nosso. Levante a âncora e vamos depressa!

— Senhor, isso não seria aconselhável. Não posso me responsabilizar pelos resultados. — O traidor ruwendiano tinha um rosto tão escuro e áspero quanto o couro da sua roupa. As maçãs de seu rosto estavam cobertas por um restolho de barba branca, resultado dos três dias de viagem rio acima, e sua expressão sugeria insolência. — Esses oddlings selvagens são muito sensíveis. Não posso prever o que farão se entrarmos em Trevista assim sem mais nem menos...

— Ruwenda é nossa e fazemos o que queremos! — rugiu Hamil, desembainhando a espada. — Agora, mexa-se, ou vou ventilar sua goela!

Sem se perturbar com a ameaça, Pellan voltou-se para o mestre-mercador labornok, que estivera distraído o general e seus amigos com histórias fabulosas das cidades secretas dos Desaparecidos.

— Mestre Edzar, fale com ele. O general aparentemente não compreende a situação. — Sem terminar a frase, Pellan deu um grito, quando Hamil o segurou pelos cabelos e ergueu a espada.

— General! Pare, eu ordeno!

O Príncipe Antar, que fizera a viagem toda cabisbaixo, sentado sozinho na proa, abriu caminho entre os cavaleiros que esperavam excitados o derramamento de sangue e parou na frente do velho soldado. Com relutância, Hamil largou Pellan, que imediatamente colocou-se fora do alcance do general, enquanto o mestre-mercador curvava-se para o príncipe.

— Deixe-me explicar, senhor. Posso garantir que nosso novo aliado, Pellan, está tentando defender os interesses de Labornok.

— É bom que esteja — resmungou Hamil —, do contrário vai parar no fundo do Mutar com os vermes dos pântanos devorando suas jóias de família.

Quase todos os cavaleiros riram, mas o príncipe disse:

— Continue, Mestre Edzar.

— Lá adiante está Trevista. — O mestre-mercador apontou para um conjunto de pequenas elevações rio acima, manchas verdes distantes com sombras lilases que cintilavam no vapor do ar quente e enchiam o canal do Mutar de margem a margem. — Fica naquele grupo de ilhas, na confluência do Rio Vispar com o Alto Mutar. Mas não é o tipo de cidade que nós, os labornoks, conhecemos — nem que os ruwendianos conhecem —, e a chamada Feira de Trevista não se realiza sempre no mesmo lugar. O local é escolhido de acordo com o capricho dos nyssomus, de modo que nem mesmo os guias dos mercadores, como o nosso amigo Pellan, podem dizer com certeza onde está instalada hoje.

Osorkon, o enorme ajudante de Hamil, bufou com desprezo.

— Uma cidade numa ilha — e vocês não são capazes de localizar um miserável mercado oddling? Não deve ser tão difícil, nem que ele salte como um peixe na lama quente.

— Trevista não fica numa ilha, Lorde Osorkon — a mão de Edzar indicou todo o horizonte. — Fica em todas elas.

Ouviram-se exclamações de espanto dos homens.

— Trevista é — ou era — a coroa de glória da arquitetura dos Desaparecidos. Ao lado dela, a imensidão da Cidadela de Ruwenda não passa de um forte primitivo, um refúgio contra qualquer desastre que ameaçasse aquela antiga raça. Cada uma dessas centenas de ilhas contém ruínas e entre elas há um sistema complexo de canais com paredes solidamente fixadas no fundo do rio. Existem comportas, pontes enormes, estaleiros desmoronados — todos os tipos de estruturas ribeirinhas, para não falar nos edifícios públicos em ruínas, belas residências semidestruídas pelo tempo e enormes praças e arcadas, tudo coberto de mato denso, nos lugares que os nyssomus são proibidos de explorar.

— Qual a área da cidade habitada pelos nativos? — perguntou o príncipe.

— Ninguém sabe, grande senhor. Os nyssomus selvagens evitam todo contato com os humanos. Nós, os mercadores, somos conduzidos ao lugar da feira e lá cada oddling oferece mercadoria que acha que pode nos interessar. — Evitando o lhar furioso de Hamil, ele acrescentou: — Se esta frota entrasse em Trevista sem permissão — deve notar que não estou dizendo sem se anunciar, porque eles sempre sabem quando estamos chegando — é possível que nenhum nyssomu se dignasse a aparecer. Encontraríamos o lugar deserto. Quanto a invadir Trevista, com o objetivo de conquistá-la, seria uma aventura inútil. Aquele vasto conjunto de ruínas vale apenas pelas mercadorias que nos oferecem e por elas devemos cultivar a boa vontade dos oddlings.

— Falou muito bem, Mestre Edzar. — O príncipe olhou significativamente para o general. — E se conquistarmos sua confiança — garantindo que o comércio continuará como antes sob o governo de Labornok — acredita que estarão dispostos a cooperar?

— Podemos esperar que sim, grande senhor.

— Pois nós vamos estabelecer uma base em Trevista! — declarou Hamil. — São as ordens do Rei Voltrik. E é melhor que aqueles insignificantes pantaneiros não pensem em nos trair, ajudando a princesa fugitiva, se sabem o que é bom para eles!

— Está claro — disse o príncipe em voz baixa — que os nyssomus são mais leais às princesas do que a nós. Teremos de localizar as princesas usando sutileza e não com demonstração de força. — Olhou para os cavaleiros e depois para o General Hamil. — Está bem claro?

— Perfeitamente — resmungou Hamil, acrescentando com algum atraso —, meu príncipe.

— Embarcação a remo à vista! — cantou o vigia.

Os cavaleiros aproximaram-se novamente da amurada para ver a aproximação do estranho barco. Não era a remo, nem a vela, mas deslizava velozmente na direção da grande barça lobornoki, deixando uma esteira branca em forma de V na água lamacenta. Estava enfeitado com flores, da proa à Popa, e parecia transportar um único ocupante.

— O que é que faz aquele barco andar? — perguntou espantado Sir Owanon.

Pellan, mantendo-se fora do alcance do General Hamil, e tendo recobrado sua dignidade, respondeu:

— É impulsionado por um par de rimorkis, criaturas aquáticas que parecem grandes pelriks. Infelizmente, os rimorkis não se deixam domar pelos humanos. Mesmo entre os nyssomus, poucos sabem como dominá-los, pois é um truque que aprendem com seus primos insociáveis, os uisgus. Membros da tribo dos uisgus visitam Trevista regularmente, trazendo mercadorias do extremo norte do Pântano.

O príncipe pôs a mão no ombro de Edzar e o levou para longe dos outros, na direção da cabine no centro do barco.

— Explique o que quis dizer quando se referiu ao fato de a nossa frota não ser anunciada. Significa que os oddlings de Trevista acompanharam nossa viagem, apesar da velocidade com que subimos o rio?

O mestre-amador deu de ombros.

— Grande senhor, eles se comunicam a distância, usando a linguagem sem palavras, como Lorde Orogastus comunica-se com suas Vozes.

A porta da cabine de Pellan abriu-se tão bruscamente que o príncipe e o mestre sobressaltaram-se. O feiticeiro alto, vestido de branco e negro, apareceu com o rosto meio coberto pelo capuz. Atrás dele estavam dois

vultos também encapuzados, os acólitos, conhecidos como Vozes, um baixo e forte, vestido de vermelho; o outro alto e magro, vestido de azul.

— Tem razão — disse Orogastus com sua voz profunda. — Os não-humanos usam uma forma primitiva de telepatia, e às vezes podem descrever eventos a distância por meio da Visão — embora sua capacidade para usar esses dois poderes seja muito inferior à minha.

O príncipe mandou que o mestre-mercador os deixasse e então disse com voz fria:

— Grande ministro, nunca me falou sobre isso, antes.

— Não foi preciso. Durante a invasão, não era importante e nós jamais pensamos em fazer guerra contra os nativos. Ao contrário... Vamos usar muito bem essas criaturas.

— Então tem um plano para conquistar a aliança desses pequenos oddlings, como fizemos com os skriteks? O rei meu pai sugeriu alguma coisa a respeito durante a marcha contra a Cidadela. — O tom de Antar era formal, um misto de deferência e ressentimento. Embora estivesse com 26 anos, nem o rei e nem o misterioso grande ministro haviam confiado a ele seus planos futuros.

— Quando chegar o momento, faremos aliança com certas tribos — Orogastus sacudiu a mão com um gesto de desprezo. — Mas não com esses vulgares nyssomus. Para nós eles só são úteis pelas ervas e outros produtos do pântano que vendem. Há muito tempo já retiraram os aparelhos e objetos antigos mais interessantes de Trevista e das cidades abandonadas próximas, e, devido à sua ligação amistosa com os ruwendianos, não acredito que estejam dispostos a fazer o esforço de procurar novos objetos interessantes para nós. Entretanto, pretendo fazer com que oddlings leais a nós explorem as partes mais remotas do Pântano Labirinto, onde eu sei que existem certas extraordinárias máquinas mágicas dos Desaparecidos. Esses engenhos, usados adequadamente, permitirão que Labornok estenda seu domínio, não só por toda a Península — mas, com o tempo, por todo o mundo conhecido.

O príncipe sentiu um aperto no coração. Então foi por isso que o Rei Voltrik havia concedido àquele presunçoso o título de grande ministro, contrariando a opinião dos conselheiros mais conservadores! Estaria o feiticeiro apenas aproveitando-se da credulidade de Voltrik, ou aquele plano louco era baseado em fatos?

A expressão de Antar demonstrava seu ceticismo tolerante.

— Então é o que diz? Labornok dominando o mundo..? Não admira que tenha insistido tanto para que Labornok declarasse guerra a Ruwenda! Mas isto também é novidade para mim. Qual é a natureza dessa maravilhosa aparelhagem que procura, e como sabe da existência dela?

— Falaremos sobre isso em outra ocasião, meu príncipe. O barco de Trevista está chegando e sua pergunta envolve assuntos da mais alta diplomacia real que só podem ser enunciados pelo próprio rei.

Orogastus respondeu com um gesto afirmativo ao murmúrio sibilante do homem vestido de vermelho.

— A Voz Vermelha lembrou-me de informá-lo que a condição do rei seu pai piorou um pouco. Minha Voz Verde, ao lado do leito, nos comunicou essa notícia. O Rei Voltrik sofre de febre e a mão ferida está tomada por humores tóxicos. Mandeí minha Voz Verde administrar o remédio mais potente que possuo, a Pastilha Dourada, que deverá aliviar o sofrimento do rei dentro de dois ou três dias.

O príncipe franziu a testa.

— Por que não administrou antes essa pastilha miraculosa?

— É um medicamento dos Desaparecidos, meu príncipe, existem poucas, e só servem para o tratamento de doenças que podem ser mortais. Eu esperava que o ferimento do Rei Voltrik respondesse satisfatoriamente ao tratamento do médico da corte. Como não respondeu, torna-se indicada a terapia mais drástica: a Pastilha Dourada.

— E que vai curá-lo, certamente? O feiticeiro hesitou.

— Ao que sei, nunca falhou. Porém, só a usei cinco vezes antes — três vezes em mim mesmo, uma vez para a Voz Azul e uma vez na falecida Princesa Shonda, a segunda esposa do seu pai, quando seu pé começou a gangrenar por causa de um ferimento com espinho. Infelizmente, o ferimento do rei seu pai é extremamente perigoso. Por isso estou em contato distante com meu acólito em intervalos freqüentes, e ao mesmo tempo observo de perto o rei seu pai por meio da Visão.

O Príncipe Antar, com expressão pensativa e sombria, disse:

— Vou me lembrar do rei meu pai em minhas preces... E você deve também recomendar fervorosamente nosso rei aos deuses exóticos nos quais acredita, feiticeiro. Pois, se Voltrik morrer, a dor de Labornok será profunda. E quem sabe os bravos planos podem então vir a fracassar.

Antar fez meia-volta e afastou-se bruscamente.

A Voz Vermelha murmurou:

— Esse vai ser menos manejável do que o pai, Mestre todo-Poderoso.

O esguio Voz Azul, perto do ombro direito do feiticeiro, murmurou:

— Seria um prazer providenciar sua reconciliação.

— Não — disse Orogastus, com voz firme. — Ainda não. Mas seu zelo me agrada. E, quando chegar o momento apropriado, você será designado para modificar a atitude do príncipe e será ricamente recompensado se tiver sucesso.

CAPÍTULO 9



A pequena embarcação nyssomu, enfeitada de flores, mais lenta agora, conduziu a frota até a ilha mais ao largo de Trevista. Na proa do primeiro barco, Lorde Osorkon erguia bem alto a bandeira vermelho-sangue de Labornok, e os cavaleiros e soldados a bordo dos outros treze barcos que transportavam as carroças de suprimento envergaram suas armaduras e mantos para entrar na cidade com toda a pompa.

— É uma pena que não vamos conhecer as ilhas do interior de Trevista desta vez — observou o mestre-mercador Edzar. — Há pontes espetaculares e a ruína maravilhosa de um observatório astronómico numa delas, com colunas curiosas que devem ter servido de suporte a antigos equipamentos. Entretanto, estou certo de que acharão interessante esta ilha externa, e afinal, não estamos aqui para ver a paisagem e sim para um contato inicial satisfatório com a Observadora Frolotu e seus associados.

— Essa Observadora é a governanta de Trevista, da qual você me falou? — perguntou o Príncipe Antar. Como seus homens, envergava a armadura com uma tiara no elmo azul alado.

— A Observadora não governa, meu príncipe, só fala por seu povo e serve como elemento de ligação entre os mestres-mercadores e os nyssomus. Mas ela é o que a cidade tem de mais parecido com um poder central — e ninguém pode enganá-la. Dizem que é capaz de ler as mentes das pessoas.

— Isso é verdade? — perguntou Orogastus, aproximando-se do grupo no convés de proa, acompanhado por suas duas Vozes.

O mestre pigarreou, nervoso.

— Eu não posso afirmar, meu senhor. Verifiquei por experiência própria que ela demonstra um conhecimento incomum da intenção das pessoas — se o senhor compreende o que quero dizer.

— Está dizendo — observou o Príncipe Antar, adiantando-se ao feiticeiro que ia falar — que essa Observadora sabe quando a pessoa está mentindo ou dizendo a verdade.

— Quase com exatidão. E.. bem. isso pode dificultar nossas negociações. Especialmente no que se refere à procura das princesas. Precisamos usar de muito tato.

— Para o diabo com seu tato! — explodiu o General Hamil. — Se os oddlings se recusarem a nos ajudar na busca, nós os obrigaremos, fazendo alguns reféns. Talvez essa Observadora tenha o prazer de provar a hospitalidade de Lorde Osorkon!

O ajudante de Hamil, com sua assustadora armadura negra, riu maldosamente.

— Seria um privilégio para mim. Edzar deu de ombros.

— Se aprisionarmos a Observadora Frolotu, os nyssomus simplesmente escolherão outra. E provavelmente toda a tribo desaparecerá, como a névoa ao meio-dia, terminando nosso comércio com eles. Como já tentei explicar, meu general, nossas opções de comércio com essas estranhas criaturas são muito limitadas.

Hamil voltou-se para o feiticeiro.

— Então, deve usar sua mágica para obrigá-los.

— Veremos — respondeu Orogastus, suavemente.

— Uma vez que eu comando esta expedição — disse o Príncipe Antar —, deve ficar bem claro que serei o único a negociar com essa Observadora. A invasão de Ruwenda por Labornok foi executada especialmente para corrigir as antigas diferenças no comércio com os oddlings e para garantir um suprimento regular de matérias essenciais como minério e madeira. Falo em nome do rei meu pai quando digo que nada deve prejudicar esse comércio. Nem o desejo do grande ministro por aparelhos antigos — e, especialmente, nem a obsessão do nosso general por aquelas três jovens infelizes. Todos devem obedecer a estas ordens!

— Certamente, meu príncipe — disse Orogastus, com um sorriso.

Os olhos de Hamil iam, do Príncipe Antar, cujos vinte cavaleiros armados haviam discretamente se aproximado do seu chefe, para o feiticeiro ladeado por suas Vozes enigmáticas. Finalmente, ele disse:

— Sou um soldado que obedece às ordens do rei e é verdade que ele delegou ao meu príncipe o comando desta expedição. Sendo assim, farei o

que manda — a não ser que o próprio Rei Voltrik ordene o contrário.

Antar suspirou.

— Isso é o bastante.

Aliviada a tensão, voltaram todos às amuradas para não perder o espetáculo da chegada em Trevista.

O pequeno barco dirigido pelo único nyssomu conduziu a frota para um canal que parecia apenas uma abertura na selva espessa. Árvores gigantescas de espécies desconhecidas, de centenas de ells de altura, com galhos que pareciam imensos botaréus, formavam um teto cor de esmeralda acima da mata fechada. Um lugar mais impenetrável do que qualquer parte do Pântano já atravessada pelos labornoks. Nas margens do canal havia moitas de plantas estranhas com folhas do tamanho de portas, listradas de verde e vermelho, e uma fileira de espinhos dourados em cada veio. Trepadeiras grossas, com uma profusão de flores lilases, brancas e rosas, pendiam dos galhos altos das árvores com as pontas deslizando preguiçosamente na superfície da água. O perfume do ar úmido misturava-se ao odor menos agradável da vegetação apodrecida. Uma cacofonia de pios de pássaros, zumbidos de insetos e gritos de outras criaturas da floresta recebeu o primeiro barco a entrar no canal mas cessou imediatamente quando o nyssomu ficou de pé no barco-piloto e soltou um grito agudo e demorado.

Então fez-se silêncio, e só se ouvia o ruído dos remos na água. O mestre-mercador Edzar apontou para diante, sem falar, quando a frota entrou lentamente numa curva.

A princípio, os labornoks viram apenas uma grande área verde. Porém, quando seus olhos se adaptaram à nova paisagem, perceberam formas monumentais que surgiam de todos os lados, quase completamente cobertas pela vegetação. Havia casas — ou melhor, palácios — perto das quais as mansões de Derorguila não passavam de cabanas. As casas estavam enfileiradas na margem, esplêndidas, embora desertas, e seus alicerces formavam as paredes de um canal com 50 ells de largura. Os soldados e cavaleiros, boquiabertos, gritavam e saltavam como crianças, enquanto o barco seguia seu caminho, passando de uma maravilha para outra.

Por toda parte havia magníficos trabalhos de escultura e gravura nas pedras. Várias fachadas eram enfeitadas com mosaicos de cores vivas, como as

flores tropicais que os cobriam. Alguns edifícios tinham jardins na frente. Outros tinham pórticos artisticamente desenhados, galerias abertas com colunas caneladas, colunas partidas ao meio, ou caídas no chão; terraços com balaustradas ricamente trabalhadas. Restos de estatuária misteriosa e grandes urnas quebradas eram quase invisíveis, sob o manto verde da vegetação. O calçamento multicolorido das enormes praças estava rachado e levantado por causa das raízes das árvores e dos arbustos. Mas ninguém podia dizer que a selva se apossara de Trevista: a antiga metrópole estava envolta numa aura de poder e de beleza sofisticada, que o passar das eras não tinha diminuído.

Seguindo o barco-piloto, entraram num canal secundário e quase imediatamente a vegetação que escondia as ruínas começou a mudar de aspecto. A maior parte das construções parecia ainda coberta de verde, mas algumas ruas centrais e transversais estavam desimpedidas. Os barcos aproximaram-se de uma praça enorme na margem direita, com uma fonte funcionando no centro. Uma série de degraus ladeados por grossos postes de luz ia da praça até a margem do rio. Um grupo compacto de uns dez nyssomus os esperava no topo da escada. Não havia nenhum outro nativo à vista.

— Mas, onde está a feira? — perguntou o General Hamil. — Pelas entranhas sagradas de Zoto — afinal, os oddlings fugiram!

O mestre-mercador fez uma careta e disse, furioso:

— Mais baixo, por favor, meu general! A Observadora Frolotu e sua delegação tribal podem se ofender.

— Examine-os, feiticeiro! — insistiu Hamil. — Será que os pegajosos amantes da lama nos prepararam uma cilada?

— Fique quieto, seu idiota — disse Orogastus. Com um gesto breve chamou suas duas Vozes, que imediatamente caíram de joelhos, lado a lado no convés, de frente para a praça. Antar e Hamil já haviam visto o feiticeiro usar a Visão dos acólitos, mas os cavaleiros, os oficiais e o mestre-mercador observavam curiosos o processo. Orogastus colocou-se atrás das Vozes, tirou os capuzes azul e vermelho dos dois e pôs as mãos sobre suas cabeças raspadas.

O feiticeiro estava também com a cabeça descoberta e seu cabelo branco brilhava no reflexo verde da tarde tropical. Fechou os olhos lentamente. Os

que estavam mais perto, viram os olhos das Vozes transformarem-se de repente em dois abismos negros e vazios. Os cavaleiros deixaram escapar exclamações e pragas abafadas, quando Orogastus abriu os olhos, revelando duas estrelas pequeninas cintilando sob as sobrancelhas negras. Ele ergueu as mãos, girou o corpo lentamente, como que examinando toda a área em volta da praça, bem como as estruturas cobertas de vegetação, no outro lado do canal.

Então seus olhos se fecharam. Os dois acólitos, até então rígidos, contorceram-se convulsivamente, gemendo, até seus olhos voltarem ao normal, e caíram no chão, inconscientes. O feiticeiro recobrou também seu aspecto habitual e cobriu novamente a cabeça e parte do rosto com o capuz.

— Há cerca de quatrocentos nyssomus escondidos nos prédios no outro lado do canal — disse Orogastus, calmamente. — Estão nos observando, sem nenhuma hostilidade e sem medo. Recomendo que desçamos a terra e comecemos as negociações. Não há perigo.

Orogastus inclinou-se e segurou os narizes dos dois acólitos. Os homens levantaram-se num movimento fluido, como se estivessem dentro d'água, e ficaram parados, balançando as cabeças, bocas abertas e os olhos ainda fechados. Orogastus deu meia-volta e caminhou para a cabine de Pellan, erguendo a mão, e a Voz Vermelha e a Azul, em estado ainda semicomatoso, o seguiram.

— Os dois lacaios ficarão bem depois de um descanso — disse o Príncipe Antar para seus homens maravilhados. — Agora, acordem e, pelo amor de Deus, segurem bem alto seus escudos e formem uma guarda de honra decente quando desembarcarmos.

O barco-piloto já estava atracado no cais, que tinha espaço suficiente para as quatorze embarcações labornoks. Alguns nyssomus desceram a escada para ajudar a amarração e Pellan conduziu o barco capitâneo para a frente da escada, mandou levantar os remos e aportou habilmente.

Tendo à frente o mestre-mercador, Lorde Osorkon com a bandeira de Labornok e o General Hamil com quatro ajudantes, o Príncipe Antar marchou pela prancha até o cais e esperou, com os vinte cavaleiros enfileirados atrás dele, com seus escudos e lanças em posição de sentido. Os soldados e sargentos postaram-se nas amuradas dos barcos, com os arcos e as outras armas de prontidão.

— Saudações ao povo nyssomu de Trevista! — exclamou solenemente o mestre-mercador Edzar, na língua falada por todas as nações da Península. — O povo de Labornok, que há mais de quatrocentos negocia pacificamente com os nyssomus de Trevista, por meio de intermediários ruwendianos, declara agora que seu comércio será conduzido livre e diretamente, não mais através de intermediários venais, e declaro ainda que tanto os nyssomus quanto os labornoks lucrarão com a mudança!.. Os insultos graves e pesados dirigidos pelos gananciosos ruwendianos ao povo de Labornok levaram nosso grande Rei Voltrik aos limites da sua paciência. Ele então marchou para o sul, à frente de um poderoso exército, e executou justa vingança sobre os covardes ruwendianos, que há três dias renderam-se incondicionalmente. Agora, Ruwenda e Labornok serão unidas numa grande nação. As caravanas de mercadores continuarão a visitar Trevista, como antes. É motivo de regozijo para os nyssomus e para os labornoks, uma vez que sem o ónus injusto dos impostos cobrados por Ruwenda, o comércio entre os dois povos crescerá e a paz e a prosperidade descerão entre todas as pessoas de boa vontade!

O mestre-mercador ergueu os braços abertos e os clarins soaram em todos os barcos ancorados. Os nyssomus piscaram os olhos grandes e amarelos, mas continuaram imóveis. Edzar pigarreou e disse:

O bom Rei Voltrik envia seu amado filho, o Príncipe Antar, representando a autoridade do trono de Labornok. Nos próximos dias, o príncipe discutirá com os nyssomus o novo relacionamento entre nossos povos, que será mais estreito e mais amistoso do que jamais foi antes!... Agora, o Príncipe Antar deseja cumprimentar a valorosa Observadora de Trevista.

O mestre-mercador recuou para o lado, com uma profunda mesura para o príncipe que se adiantou. Por um momento, o pequeno grupo de nativos ficou imóvel, no topo da escada. Então, a Observadora desceu e aproximou-se de Antar. Sua túnica era feita com tecido de relva seca, com a gola e os punhos enfeitados com flores frescas azul-celeste. Uma coroa de flores iguais ornamentava sua cabeça e ela trazia uma pequena vara verde que apontou, sem cerimônia, para o príncipe.

Antar de Labornok — disse ela, usando a linguagem dos humanos com voz musical e clara. — Esta é Frolotu, a Observadora escolhida por nosso povo. Temos por costume falar direta e sinceramente com os humanos e esta lhe fará a honra de falar sem nenhum artifício. Ouvimos o belo discurso do seu

mercador e examinamos seu conteúdo, separando a verdade da mentira. Agora, esta Observadora pede licença para lhe fazer algumas perguntas.

A vara verde apontava com firmeza para o coração do príncipe e Antar transpirava copiosamente dentro da armadura de gala.

— Pode fazer suas perguntas — disse ele, em voz baixa.

— Labornok tem intenção de prejudicar os nyssomus?

— Declaro que não temos intenção de fazer nenhum mal.

— Seus mercadores continuarão a pagar um preço justo por nossas mercadorias?

— Declaro que continuarão.

— O que mais, além da continuação do comércio, Labornok deseja dos nyssomus de Trevista?

— Nós desejamos estabelecer uma pequena base aqui, para explorar o interior do Pântano Labirinto.

— Desejam instalar soldados armados aqui.

— Sim. Essa é a ordem do rei meu pai, para que os ruwendianos fugitivos, que são inimigos do novo regime, não prejudiquem nosso comércio.

Com imensa tristeza nos olhos enormes, a Observadora continuou a falar com voz inexpressiva e a vareta verde não tremeu.

— Aqueles a quem chama de inimigos foram nossos amigos durante um longo tempo. Os labornoks os conquistaram usando magia negra e a força das armas. Executaram cruelmente o rei e a rainha de Ruwenda e seus bravos homens, que nada mais faziam do que defender seu país contra a invasão. Agora, perseguem as três Pétalas do Trílio Vivo, as princesas de Ruwenda, para matá-las também.

— Sim — disse o príncipe. — Mas esses assuntos humanos nada têm a ver com os nyssomus. Não pedimos sua ajuda para encontrar as princesas. Se tentarem nos impedir, podem esperar a nossa ira. Se deixarem isso a nosso cargo, garanto que nenhum cidadão de Labornok os insultará ou prejudicará. Pagaremos pelo alojamento e manutenção da nossa guarnição em Trevista e o comércio voltará à normalidade o mais breve possível.

A Observadora desenhou no ar, com a vareta, uma figura de três pontas. Depois de um silêncio, ela disse:

— Antar de Labornok falou a verdade para esta Observadora. Os nyssomus de Trevista concordam em reabrir a feira e negociar com seus mestres-mercadores, como de hábito. A feira será realizada em outra ilha, de cuja localização serão informados no momento adequado.

— Muito obrigado — disse o príncipe.

— Permitiremos que instale seus homens aqui, na área desta praça, que se chama Lusagira. Podem usar os prédios que a circundam e haverá uma pequena feira diariamente ao lado da fonte, onde poderão comprar alimentos e outras mercadorias, por um preço justo.

— Mais uma vez eu agradeço.

A criaturinha determinou então as restrições que seriam impostas à guarnição. Os soldados podiam viajar livremente pelos canais de Trevista, mas eram proibidos de descer a terra a não ser que fossem convidados pelos nyssomus. A região do outro lado do canal, na frente da praça Lusagira, cujas ruínas eram habitadas pelos nyssomus, era inteiramente vedada aos humanos, a não ser que a própria Observadora decidisse o contrário. Por outro lado, os nativos locais teriam livre acesso à praça durante o dia, embora os humanos pudessem impedir que entrassem nos prédios.

— Concordamos com tudo isso — disse Antar. — Agora, como o sol está se pondo, pedimos permissão para desembarcar nossos homens e armar um acampamento temporário, antes da noite.

— Todos podem desembarcar — Frolotu descreveu um arco com a vareta, à direita do príncipe, indicando três homens ainda a bordo do barco capitâneo —, menos ele.

Antar e seus companheiros voltaram-se e viram Orogastus de pé, ao lado da cabine central, acompanhado das suas Vozes. O feiticeiro curvou-se zombeteiramente para a Observadora.

Ela continuou:

— Ele deve deixar este lugar amanhã e nunca mais voltar, do contrário fica sem efeito todo o nosso acordo. — Lágrimas começaram a descer pela face da pequena nyssomu, mas seu rosto continuava inexpressivo.

Antar suspirou. A névoa erguia-se do canal, sua armadura era extremamente desconfortável e, além disso, ele estava com fome.

— Concordo com isso também, Observadora Frolotu. Mais alguma coisa?

Ela abaixou a vareta verde e a aura de poder e de integridade que envolvia a figurinha coroada de flores pareceu desaparecer, deixando no seu lugar uma mulher não-humana e pequenina, com as lágrimas descendo pelo rosto, quase exaurida de suas forças. Ela disse:

— Não temos mais nada a dizer um ao outro, príncipe. Este é um tempo de dor e todos os corações dos nyssomus estão pesados. Mesmo assim, meu povo trará frutas frescas e carne para seus homens. É um presente que fazemos, bem como o uso dos prédios da praça. Talvez nos encontremos outra vez na Festa das Três Luas... se os Senhores do Ar permitirem que possamos viver até lá.

Ela subiu a escada como se acabasse de disputar uma longa corrida. Então, com os outros nyssomus, atravessou lentamente a praça na direção de uma passagem entre dois prédios caídos e desapareceu na sombra.

Muito mais tarde, naquela noite, quando os homens estavam alojados em suas tendas e os fogos do acampamento quase apagados, Antar saiu do seu pavilhão e caminhou impaciente pelo cais. Os ruídos noturnos eram estridentes e irritantes e nenhuma brisa movia o ar úmido. No outro lado do canal, cintilavam as luzes coloridas dos oddlings. Da cabine onde estavam Orogastus e seus acólitos, emanava um brilho esverdeado e o som de um canto monótono, quase abafado pelos ruídos das criaturas da selva. Com uma careta, Antar afastou-se daquela parte do cais, caminhando ao longo do canal, até o último barco ancorado, onde um único soldado montava guarda no convés da proa com uma lanterna aos seus pés. Identificando-se, o príncipe subiu a bordo.

— Tudo quieto no canal, meu bom homem?

— Sim, senhor. — Com a cabeça, ele indicou as luzes que se movimentavam na outra margem. — Os oddlings estão se movimentando lá adiante. Uma vez ou outra passa uma sombra na frente das suas luzes. E uma criatura grande com olhos enormes nadou até aqui e apanhou e comeu alguma coisa que gritava de medo. A não ser isso, tudo está quieto.

Antar chegou à amurada e olhou para a outra margem do rio escuro.

— O que você acha desses oddlings? São uma espécie de animais inteligentes, como nossos sábios nos ensinaram, ou são gente de verdade?

O soldado pigarreou e cuspiu.

— Pela aparência estranha deles, acho que são apenas criaturas. Mas aquela matreira que falou foi bem esperta com o senhor, meu príncipe.

— Tem razão — admitiu o príncipe com um sorriso triste.

— E nunca ouvi dizer que um animal chora a perda de amigos mortos.

Antar preferiu não fazer nenhum comentário sobre o assunto.

— Você foi escolhido para ficar aqui, com a guarnição?

— Não. Vou voltar para a Cidadela de manhã, com o feiticeiro.

— Satisfeito com isso?

— Eu ficarei muito mais satisfeito quando estiver a caminho de Derorguila, senhor. Sou um homem da planície e não gosto muito do pântano e aqueles prédios velhos e enormes me deixam arrepiado.

— A mim também — disse o príncipe, com uma risada. Caminhou até as carroças de suprimento, agora vazias. Os homens em Trevista não iam precisar de veículos com rodas. Todas as ruas acabavam na selva, a um quarto de légua da praça Lusagira. O príncipe chutou a roda de uma das carroças e então abaixou-se para apanhar um pedaço de tecido preso a um prego, da porta traseira. O tecido brilhou estranhamente à luz da lanterna.

Era um pedaço de seda fina, cor-de-rosa, sujo de lama seca. Uma estranha sensação o assaltou. Já tinha visto e tocado aquele tecido antes.

Havia segurado nos braços uma forma humana vestida com aquela seda.

Era dela, do seu vestido.

Aqui? Impossível. A Princesa Anigel não podia ter se escondido num dos barcos, nem viajado na companhia dos homens que queriam matá-la. De modo algum teria evitado a Visão de Orogastus...

Mas o feiticeiro admitira que sua mágica era impotente para localizar o paradeiro das princesas. Ela podia ter ficado escondida, uma vez que as carroças só foram completamente descarregadas no começo da noite. E então.. durante todo o resto do tempo, os barcos dos oddlings haviam

navegado pelo canal, de uma margem para a outra, levando comida e bebida para os hóspedes indesejáveis

Então, ela podia estar livre, em Trevista, a bela mulher de cabelos dourados, cuja simples existência ameaçava o trono de seu pai. Naquele momento, podia estar na aldeia dos nyssomus, no outro lado do canal.

O que, em nome de Deus, ele devia fazer?

Antar guardou o pedaço de cetim no cinto, desejou boa noite ao soldado e voltou pela beira do cais. A luz verde e estranha brilhava ainda na cabine do feiticeiro, pulsando ao som do canto monótono. O príncipe parou, apalpando o pedaço de seda.

Abaixou-se, apanhou uma pedra e amarrou o cetim em volta dela. Depois, com toda a força, atirou o pequeno projétil para o meio do rio e foi dormir.

CAPÍTULO 10



Kadiya sentou-se, com tufo de grama grudados nos cabelos e na pele pegajosa. Estava ofegante como se acabasse de disputar uma longa corrida. Olhou em volta, trêmula e confusa por um momento, sem saber onde estava e o que tinha acontecido. Sentia o calor abafado e pegajoso do pântano, via pequenas manchas de luz na água que aparecia entre as moitas cerradas. Apesar do calor, sentia arrepios e encolheu-se, com os braços ao redor do corpo. A coisa ainda estava ali.

Esforçou-se para respirar vagorosamente, procurando libertar-se da confusão que a dominava. O que era aquilo? Nada que ela conhecia. Kadiya tinha a impressão de estar encurralada e indefesa, observada por um olho enorme. Só depois de duas tentativas, conseguiu falar, com voz rouca:

— Jagun!

Alguma coisa se mexeu perto dela. O caçador oddling, coberto por camadas de palha da cama improvisada, parecia estar saindo do solo.

Com os olhos semicerrados, por causa da luz do dia, Jagun surgiu do monte de relva seca, com a faca de caça na mão.

— Alguém. — A voz de Kadiya tremeu. Envergonhada daquele pavor, procurou se controlar — alguém está nos procurando.

De pé, o oddling sacudiu o corpo para se livrar da grama. Com as narinas dilatadas, ergueu o rosto, farejando o ar como um animal perseguido. Girou o corpo lentamente, investigando.

Kadiya também ficou alerta. Olhos Penetrantes, eles a chamavam, por sua visão aguçada, mas não via nada de estranho no pântano. De certo modo, porém (e isto era mais alarmante do que um inimigo visível), tinha certeza de que o observador não estava perto deles naquele momento. Magia? De que espécie? Usada por quem?

— Não vejo nada de anormal por aqui — disse Jagun, falando devagar e olhando para ela. — Você sonhou, filha do rei. Descanse. Todos os guardas

que conheço estão alertas no pântano. Nada pode nos acontecer sem que eu seja avisado antes. — Bocejou.

Kadiya deitou outra vez na cama na relva, segurando o amuleto. Aguçou os ouvidos. Havia muita vida no pântano, e nenhuma parecia ameaçadora. Tentou separar um som do outro, identificá-los. Assim como havia os caçadores no turnos, havia também os que caçavam durante o dia.

Mas aquele que a procurava havia passado por ela, frustrado na sua busca.

Kadiya falou suavemente:

— Jagun, não sinto mais aquele que nos procurava. — Mostrou o amuleto para ele. — Meu trílio no âmbar nos defendeu — talvez contra a Visão mágica de Orogastus!

— Olhos Penetrantes — disse Jagun —, eu não entendo dessas coisas — apontou para o amuleto. — Mas uma coisa eu sinto. Não devemos esperar pela noite para seguir nosso caminho.

— Skriteks? — Kadiya examinou com atenção o que podia ver do pântano. Largou o amuleto preso ao cordão de ouro e empunhou a adaga.

Jagun balançou a cabeça.

— Skriteks eu conheço. Isto, só posso adivinhar. Impressionada com a urgência na voz de Jagun, Kadiya sentiu voltar a sensação de desamparo.

— Orogastus tem seus caçadores — Jagun bateu os pés, apagando os restos da fogueira. — São chamados Vozes e completamente submissos a ele, a ponto de serem meras extensões do feiticeiro. Pode ser que tenha mandado essas pessoas com os soldados armados que pretendem deixar em Trevista..

— Para me seguir! Mas o que fazem essas Vozes, Jagun? Podem se disfarçar tão bem que nem você, que conhece o pântano, é capaz de vê-los?

— Olhos Penetrantes, lembra-se de uma tal Ustrel, na última feira, a quem as pessoas faziam perguntas sobre seus problemas?

Sim, Kadiya lembrava-se da velha que só podia caminhar com a ajuda de dois cajados. Vira quando ela se agachou ao lado de uma grande folha de drogo, com as bordas curvadas para cima, e pôs algumas gotas d'água na superfície verde e lisa. No outro lado da folha estava acocorada outra mulher, esperando tensa pelas palavras da velha vidente. Mas Kadiya não conhecia o dialeto usado por ela.

— Você disse que ela podia ler a sorte nas gotas d'água — lembrou Kadiya —, mas sem dúvida não passava de uma fraude. Isso é impossível.

— Não tão impossível, Olhos Penetrantes. Cada um de nós é uma entidade diferente, não apenas no corpo, mas na mente também; uns aprendem com facilidade, outros só com muito esforço. Você é igual às suas irmãs, filha do rei. Eu sou um caçador de animais, um treinador quando é preciso. Esse é o meu talento. Não sei juntar artisticamente pedaços de madeira trabalhados, não sei misturar ervas, nem trabalhar com as peças encontradas nas ruínas. Essas são as artes e artesanatos.

”O mesmo acontece com as artes da mente. Sim, existem aqueles que podem lançar sua Visão a grande distância e ver, embora breve e imprecisamente, o que está acontecendo a outra pessoa muito longe deles. Ustrel nem sempre pode fazer isso, e quase nunca com clareza. Mas várias vezes a verdade das suas visões foi comprovada. Orogastus é um homem com muitos conhecimentos, a maior parte deles jamais aprendidos por nós. Se essas Vozes foram bem ensinadas e tiverem algum talento, então pode ser que ele as use como uma extensão dos seus próprios sentidos.”

— Então, estão à nossa procura e vão continuar! O que sua habilidade de andar no pântano pode contra essa força?

Kadiya estremeceu. Aço contra aço, até mesmo a crueldade dos invasores ela podia entender, mas a idéia de que se podiam comandar poderes mágicos a confundia.

Jagun balançou a cabeça vagorosamente.

— Não é uma coisa fácil e a preparação é demorada. Além disso, é exaustiva para o vidente. Talvez uma das Vozes esteja no rio, com um grupo de busca atrás de nós. Porém, quanto mais longe estivermos da Cidadela, mais difícil será para eles.

Kadiya segurou o amuleto de âmbar brilhante na palma da mão.

— Será que magia atrai magia? — Pensou em jogar na água aquela coisa azarenta.

— Olhos Penetrantes, seu amuleto é da Luz, um presente da Arquimaga. Não acredito que possa lhe fazer mal. Entretanto, acho melhor partirmos. Seguiremos o caminho que circunda Trevista. Os labornoks devem estar

vigiando o rio. Pellan e os skriteks — se estiverem com eles — só conhecem as trilhas principais desta região do Pântano Negro.

Embora tivesse visitado Trevista várias vezes e possuísse um bom senso de direção, Kadiya não tinha a menor idéia de onde estavam ou para onde iam, enquanto Jagun os conduzia com segurança pelos meandros do pântano naquele fim de tarde. Passaram ao largo de uma ilhota onde muros desmoronados apareciam no meio do mato alto, evidentemente uma das ruínas do Labirinto. A vegetação consistia de juncos nos bancos de terra e relva áspera, trepadeiras com hastes espessas e árvores imensas. Aqui e ali apareciam pontos coloridos, flores com pétalas grossas, de aparência desagradável, que, Kadiya sabia, alimentavam-se de insetos.

O brilho do amuleto não diminuiu, conduzindo-os sempre. Não pararam para comer, contentando-se com os tubérculos e algumas frutas que Jagun apanhava, de passagem. Da escuridão da noite surgiam outras ilhas repletas de ruínas, e em volta dela dançavam pontinhos de luz fraca na superfície do pântano.

A aurora tingia o céu de cinzento quando entraram numa passagem que pareceu a Kadiya estreita demais para o barco e saíram numa enseada que era mais um lago do que um rio. AS pernas de Kadiya estavam adormecidas e ela temia não agüentar ficar de pé. Jagun começava também a demonstrar cansaço. Levou o pequeno barco para a margem do lago, onde uma árvore, com as raízes arrancadas durante uma das enchentes, estendia-se horizontalmente sobre a água. No outro lado, pedras enfileiradas levavam à selva emaranhada lá adiante. Desembarcaram, e Jagun puxou o barco para perto das árvores, cobrindo-o com junco. As pernas de Kadiya voltavam à vida com uma dor cruciante, mas ela abaixou-se e apanhou a mochila maior. Se estava cansada, imagine como devia estar Jagun!

Jagun não usou a faca para abrir caminho no meio do mato, mas apenas desviava-se dos galhos e trepadeiras à sua frente. Uma nuvem de insetos os atacou e então, de repente, o oddling brandiu sua faca de caça de cima para baixo, com fúria. Entre ele e Kadiya uma coisa que parecia um cipó sem folhas contorcia-se no chão e da cabeça decepada escorria um líquido amarelado como pus de um ferimento. O ar encheu-se com o fedor de coisa podre. Uma rastejadora! O resto dela escondeu-se numa moita cerrada e Kadiya deu uma grande volta para evitar a planta carnívora que quase os havia apanhado.

Embora o mato fosse alto, as árvores eram agora em menor número e logo chegaram a uma clareira iluminada pela luz da manhã, e Kadiya, com uma exclamação de espanto, viu colunas semidestruídas dispostas em círculo sobre chão de pedra cinza-negra. O lugar estava deserto, mas no centro do círculo uma fogueira quase apagada enchia o ar de fumaça oleosa com um cheiro insuportável. Sobre os restos da fogueira estava uma estaca longa e grossa, quase completamente queimada no meio. Entretanto, o que provocou a exclamação de Kadiya foi a coisa espetada na estaca.

Um crânio estava enfiado na ponta do galho quase queimado.

— Jagun!

Erguendo a mão, num gesto autoritário, ele inclinou-se para observar melhor o crânio. O osso estava amarelado, sujo de limo e rachado, como se tivesse sido arrastado pelos caminhos mais lamacentos do pântano.

— Skriteks! — murmurou o caçador.

O sol apenas começava a aparecer, o pântano estava quente e úmido, porém naquele momento um frio de pavor arrepiou a pele da princesa, como se ela estivesse de frente para o vento das tempestades.

— Um aviso — Jagun andou em volta da fogueira, como se ela fosse uma armadilha. — Mas... aqui?

Kadiya olhou em volta, alarmada.

— Então, os skriteks chegam tão perto assim de Trevista ou — ela respirou fundo — combatem aqui?

Foi como se Jagun não tivesse ouvido. Ele saltou para a frente e apanhou um fio de fibra trançada, do tipo usado para prender nos tornozelos os deslizadores. Segurando-o pelas duas pontas, ele o esticou com força.

— Uisgus! — Jagun inclinou a cabeça para trás e das profundezas da sua garganta soou o chamado dos horiks encouraçados que viviam naquelas enseadas do rio. Três vezes ele chamou e depois de um momento de silêncio emitiu um trinado agudo e alto que Kadiya nunca ouvira antes.

Jagun girou lentamente o corpo, sem sair do lugar, tenso como se cada nervo estivesse atento para ouvir a resposta.

A resposta veio num único chamado dos horiks e da moita cerrada em volta do círculo de colunas surgiu outro oddling. Não usava, como Jagun, a roupa

finamente tecida dos nyssomus, mas apenas uma espécie de saiote amarelodourado, com franjas de hastes de relva. O cabo de uma adaga, enrolado com uma corda de fibra vermelha, aparecia acima do cinto. Trazia na mão uma zarabatana.

Dois círculos marrom-avermelhados faziam parecer maiores os olhos saltados do oddling e no peito peludo tinha três círculos coloridos, entrelaçados no centro.

Ele olhou para Kadiya e afastou-se dela, chegando para perto do caçador. Começou a falar. Kadiya conhecia apenas as frases usadas pelos nyssomus no comércio e nas cerimónias mais importantes, ensinadas por Jagun, e só conseguiu entender uma ou outra palavra do que o oddling dizia.

—.. cheguei. estaca espetada. matar unvis. matar. — Dizendo isso, ele ergueu a zarabatana e a agitou ferozmente no ar. — Aqueles outros... — Então, ele começou a falar rápido e com veemência e Kadiya não entendeu mais nada. Finalmente ele parou, ofegante e com gotas de saliva nos cantos da boca.

Jagun olhou para Kadiya.

— Ontem os skriteks estiveram aqui, com uma oddling do clã de Usos que haviam capturado. Então eles ergueram uma das estacas que usam para marcar suas fronteiras, e mataram a irmã de Usos para selar seu ato com sangue.

Jagun voltou-se para o uisgu e falou outra vez. O outro oddling respondeu com poucas palavras.

— Eles seguiram... na direção de Trevista — disse Jagun. — Eu já avisei Usos dos perigos que nos ameaçam agora. Ele e seus mercadores vão a Trevista para trocar sua mercadoria. Agora, quando voltarem vão espalhar o aviso.

O uisgu então desapareceu tão depressa que Kadiya piscou os olhos, sem poder acreditar.

— Não podemos ir com eles?

Jagun emitiu um som que podia ser uma risada.

— Os uisgus só viajam com os da sua tribo, Olhos Penetrantes. Sempre foi assim. Do mesmo sangue nós somos. — Fez um gesto afirmativo. — Mas,

para eles, somos parentes muito distantes. Nunca fizemos guerra contra eles, nem eles contra nós. Isso foi determinado há muito tempo, no começo, quando os Desaparecidos governavam. Nós somos nyssomus e eles são uisigus e sempre foi assim. Usos vai espalhar meu aviso, mas não pode permitir que viajemos com eles.

— Mas vocês não são inimigos — disse Kadiya, intrigada.

— Filha do rei, segundo a lenda, nos velhos tempos nós, os nyssomus, éramos os porta-vozes dos Desaparecidos. Agora somos servos da Dama de Noth, que nos manda conviver em paz com os humanos que habitam o Pântano Labirinto. Mas os uisigus sempre temeram seu povo. Poucos deles, mais ousados, comerciavam conosco, para que levemos suas mercadorias aos humanos.

— Vão descobrir que os labornoks não são iguais a nós — disse Kadiya. — Jagun, estou certa de que Voltrik vai querer conquistar e dominar os Pântanos, como dominou a Cidadela. Os uisigus podem se esconder do olfato dos striteks?

Jagun deu de ombros.

— Olhos Penetrantes, quem pode dizer? Mas agora precisamos descansar e, como este lugar está profanado, devemos procurar outro.

Acamparam mais adiante, na margem do lago, onde não havia ruínas dos Desaparecidos, e Jagun disse que precisavam se revezar na vigília. Kadiya insistiu em ficar com o primeiro turno, uma vez que o caçador havia conduzido o barco o dia todo.

Jagun juntou algumas folhas, deitou encolhido sobre elas e dormiu imediatamente. Kadiya, sentada com as pernas cruzadas, preparou-se para seu turno de vigia. Embora não possuísse os sentidos aguçados dos oddlings e fosse incapaz de distinguir certos odores disfarçados pelo cheiro forte do pântano, ou identificar todos os sons, Kadiya conhecia alguma coisa daquela região.

Várias vezes levantou-se e deu alguns passos pelo pequeno acampamento. Coçando a cabeça, cheia de creme contra insetos, tentou ajeitar os cabelos emaranhados com as pontas dos dedos. Naquele momento, invejou as cabeças calvas dos nyssomus e o pêlo que cobria o corpo dos uisigus.

Numa das suas voltas pelo acampamento, notou um tom mais vivo de verde sob uma moita e inclinando-se apanhou uma planta de raízes fortes que ela conhecia. Puxando com força, arrancou mais cinco, limpou as raízes e separou algumas para Jagun. Então, começou a comer. Ao contrário dos tubérculos da sua parca ração, essas raízes eram suculentas e tinham um gosto forte e puro. A planta chamava-se mafun, e na mesa da Cidadela era considerada um petisco raro, porque só dava na selva e não podia ser cultivada em campos comuns.

Enquanto comia, ela pensava nos Desaparecidos. Desde a infância ouvia lendas e discussões sobre eles. Aparentemente haviam governado aquelas terras há incontáveis eras. Todos admitiam que eles possuíam grandes poderes mentais. Poderes? Kadiya engoliu o último pedaço de mafun. A magia era poder! A Arquimaga seria realmente um dos Desaparecidos? Teria vivido centenas, vendo as mudanças em suas terras, Noth, erodindo perto dela? E quem era Orogastus? Teria também alguma conexão com os Desaparecidos?

Kadiya pensou na imensidão do mundo deles. O que havia além da Península? As planícies dos labornoks, ao norte, terminavam no mar e ao sul ficavam as extensas florestas de Var. Mas ela conhecia pouco mais além disso, e naquele momento invejou Haramis, que passava tanto tempo estudando, na biblioteca, ao passo que Kadiya desprezava os livros, preferindo a vida ativa ao ar livre.

Teriam os Desaparecidos simplesmente abandonado Ruwenda e se estabelecido em outra parte do mundo? Diziam que Orogastus fora trazido de terras muito distantes pelo Rei Voltrik, em uma de suas viagens durante os anos de espera pelo trono. O feiticeiro podia ser um Desaparecido? Porém, nada na lenda ou nas informações esparsas indicava que os Desaparecidos tivessem poderes maléficos. A Arquimaga, por exemplo, jamais tentou dominar os oddlings ou os ruwendianos.

Kadiya examinou o amuleto com o trílio. O pequeno ponto de luz continuava a brilhar, tranqüilizador, como um escudo protetor, apontando fielmente para Noth.. onde talvez, suas perguntas fossem respondidas.

CAPÍTULO 11



As sementes do Trílio Negro conduziram Haramis e o músico Uzun através dos alagados das terras altas, no sopé dos Montes Ohogan. Não voavam rápido para que os dois pudessem segui-las. Se um deles tropeçava ou ficava atolado na lama por um momento, ou quando precisavam parar, a semente do-dia esperava — aparentemente imobilizada por uma calmaria, ou por algum obstáculo —, reiniciando o voo quando eles estavam prontos para seguir. Determinava também onde e quando deviam parar para a noite, caindo no chão no lugar que achava apropriado. Ou talvez, pensou Haramis, as sementes estão escolhendo os lugares melhores para germinar e crescer. Se eu sobreviver e voltar aqui no próximo ano, encontrarei plantas de trílio neste caminho, separadas por um dia de viagem?

Mas as sementes também não permitiam que perdessem tempo e, depois de vários dias de viagem para o oeste, Haramis começava quase a detestar aquelas coisinhas leves e etéreas. Às vezes Haramis tinha vontade de parar para examinar uma planta ou uma criatura estranha, mas a semente-do-dia continuava a marcha e ela e Uzun eram obrigados a segui-la.

Dois dias depois de deixarem Noth, Haramis ousou desafiar a guia mágica. A trilha que seguiam, nas terras altas, levou-os a um campo imenso com as mais doces e saborosas framboesas que ela já havia provado. Haramis resolveu ignorar a semente-guia e parar para saborear as frutas deliciosas.

A semente continuou seu caminho e desapareceu. Haramis tirou outra da fava e a atirou para cima, mas a semente caiu no chão e ficou imóvel, recusando-se a voar mesmo quando a princesa a assoprou.

Em pânico, ela tentou outra semente. Esta saiu voando velozmente e Haramis teve de correr para segui-la, com o pobre Uzun ofegante e gemendo atrás dela. O oddling não se queixou, mas Haramis sabia que era responsável por aquele desconforto.

A princesa segurou o amuleto e disse, com voz autoritária:

— Eu cometi um erro! Não devia ter ignorado a semente! Tenha pena de Uzun, se não se importa comigo! Mais devagar! Por favor!

A semente obedeceu, diminuindo a velocidade imediatamente.

Mas Haramis ficou ressentida. A Arquimaga não podia ter escolhido um meio mais normal de realizar sua missão? Por acaso ela era uma criança ou um animal que precisava ser apressada daquele modo? Todas as missões desse tipo descritas nos livros eram realizadas numa atmosfera de dignidade e nobreza. Porém ela, ao que parecia, ia cumprir seu destino subindo e descendo atrás de uma sementinha idiota, com os pés enlameados e cheios de bolhas, picadas de mosquito no pescoço e uma aversão cada vez maior pelas rações nutritivas, mas monótonas, fornecidas pela Arquimaga.

A quantidade de comida também era pequena.

No quinto dia de viagem, quando chegaram a um grande rio que Uzun supunha ser o Alto Vispar, pela primeira vez ocorreu a Haramis que podiam ficar sem alimento, se continuassem a comer quando e quanto tinham vontade. A região parecia completamente deserta e, segundo Uzun, nenhuma tribo de nyssomus ou de uisgus habitava o extremo norte da Península, muito além dos limites do Pântano Labirinto. O sopé das montanhas era terra de ninguém e separava o pântano do território montanhoso dos vispis.

Haramis sentou numa rocha, na margem do rio que corria rápido. O dia estava quase no fim e a semente que os guiava já havia caído no chão, indicando que deviam acampar ali para a noite. Uzun apanhava gravetos para a fogueira e começava a preparar a refeição, como fazia todas as manhãs e todas as noites, insistindo em servir a princesa condigna mente, como se estivessem em casa, na Cidadela.

— Uzun — disse Haramis e o músico pequenino correu para perto dela, sorrindo. — Acha que tem peixe neste rio?

— Acho que sim, minha princesa. Garsus certamente, e sem dúvida outros cujos nomes não conheço.

— Encontrei linha para pescar e três anzóis na minha mochila. Quer apanhá-los e pescar um belo peixe para o jantar? Estou tão farta dos biscoitos duros e da carne-seca. Além disso, nossa provisão de alimento está

muito baixa e duvido que encontremos algum nativo nesta região deserta disposto a nos ceder alguma comida.

O sorriso desapareceu dos lábios de Uzun.

— Mas falta só uma hora, ou pouco mais, para anoitecer, princesa. Se eu perder tempo pescando, quando vou acender o fogo e cozinhar? — Sorriu outra vez, como que se desculpando. — Além disso, detesto ter de confessar, mas nunca pesquei em minha vida e provavelmente vou me atrapalhar todo.

Haramis riu.

— Não pode ser tão difícil, se até os filhos dos fazendeiros da Cidadela sabem pescar. Tive uma idéia maravilhosa! Eu vou pescar e você, em vez de cozinhar essas rações sem graça, vai apanhar cerejas e um pouco daquele belo agrião amargo que vimos ao lado da pequena lagoa perto daqui. E se você procurar, sem dúvida encontrará cogumelos. Desse modo, teremos um banquete esta noite!

Como sempre, Uzun obedeceu às sugestões da princesa. Depois de empilhar os gravetos para a fogueira, saiu para procurar as cerejas, o agrião e os cogumelos, deixando Haramis sozinha.

Pescar é fácil, pensou a princesa, pega-se uma vara, amarra-se a linha na ponta, e o anzol na outra ponta, com a isca.

Oh! A isca precisa ser enfiada no anzol. E onde se encontra isca por aqui?

Encontrou uma vara entre a vegetação amontoada na margem do rio e sob um tronco apodrecido achou uns vermes

cintilavam fracamente na luz do fim de tarde. Procurando se controlar (Haramis vomitou uma vez mas felizmente Uzun estava longe e não ouviu) enfiou uma daquelas coisas nojentas no anzol, depois de amassar duas com os dedos trêmulos.

Limpou as mãos, procurou um lugar onde o rio parecia mais profundo e jogou a linha com o anzol e a isca. deslizou lentamente rio abaixo, na superfície, parando num bolsão de água clara entre as rochas. Haramis a levou de volta para a pequena lagoa formada pelo rio, mas a linha voltou a deslizar.

Muito bem. Qualquer Pessoa inteligente podia resolver aquele problema. Lembrou que as crianças na Cidadela, usavam bóias e pesos para controlar a posição da isca.

Tirou a linha da água. É claro que o anzol estava vazio e ela teve de repetir a operação desagradável. Amarrou uma pequena pedra logo acima do anzol e, a um ell mais ou menos acima dela, um pedaço de madeira seca. Procurou a melhor posição e lançou a linha. O anzol mergulhou na lagoa formada pelo rio e ficou ali. Com um suspiro, Haramis sentou na margem e esperou.

De agora em diante, terei de fazer isto. Tenho sido uma idiota perfeita, permitindo que o pobre Uzun faça tudo, como se estivéssemos num piquenique nos prados da Cidadela. É evidente que teremos de viver com Que a terra nos oferece e guardar o pouco que resta das rações Para um caso de emergência. Só os Senhores do Ar sabem quanto tempo vai durar esta missão — e Onde ela nos levará.

Haramis olhou para a parte alta do rio. Para além do alagado com suas árvores esparsas e mato alto. A trilha estreita fazia uma curva naquele ponto e continuava para o norte, seguindo a margem. Sem dúvida as sementes implacáveis os conduziriam Por ali, levando-os para as montanhas.

As montanhas erguiam-se majestosas, além das colinas escuras, coroadas de neve e terríveis, a terra dos misteriosos vispis. Seu talismã estaria escondido lá em cima? Nesse caso como seria possível encontrá-lo se ela e Uzun nada conheciam das selvas? E além disso, voltar com ele Para Noth, como a Dama Branca havia ordenado?

A Dama Branca que estava doente, à morte, possivelmente senil – tudo que podiam fazer era seguir as sementes — coisinhas comuns, escuras, cada uma com um tufo de fios sedosos, aparentemente sem nenhum poder mágico, exceto a segurança com que indicavam o caminho no seu voo constante.

Ela as impulsiona, pensou Haramis. Ela sabe onde estamos, e para onde devemos ir, e impulsiona as sementes na direção certa. Não me disse para onde iremos porque sabia que eu ia ficar tão amedrontada e desanimada que nem começaria a viagem...

— Princesa! Encontrei cerejas, agrião e uma porção de cogumelos que parecem deliciosos.

Haramis sobressaltou-se. Absorta nos pensamentos, não o ouviu chegar. Então, a vara esticou-se de repente, na sua mão. Haramis a segurou com força e quase foi arrastada para dentro do rio.

Ela gritou.

— Uzun, ajude! Um peixe!

Então, algo verde e prateado saltou para fora d'água e mergulhou outra vez. O músico oddling correu para perto dela, tagarelando excitado. Os dois lutavam e gritavam, quase perdendo a vara, e quase desistindo, tamanha era a força do peixe.

Mas Haramis gritou.

— Não! Você não vai fugir! Você é o nosso jantar! Nesse instante, o peixe parou de lutar e eles o levaram para terra. Era um garsu brilhante do comprimento da perna de Haramis.

— Talvez nem precisasse do anzol, princesa — zombou Uzun —, uma vez que pode ordenar o jantar à água.

— Espero que tenha sido mera coincidência — disse Haramis, rindo. — Não gostaria de pensar que nosso jantar é uma criatura inteligente capaz de entender a fala humana — ou, pior ainda, um príncipe encantado!

— Como nas antigas baladas? — disse Uzun. — Não acho provável. É um garsu comum, e vai ficar delicioso — além de sobrar bastante para o café da manhã e para o almoço. Muito bem, princesa. Muito bem!

Entreolharam-se com largos sorrisos. Então, Haramis olhou para o grande peixe e a alegria desapareceu do seu rosto.

— Uzun? Você sabe o que devemos fazer agora? Sabe... preparar o peixe?

Desapontado, boquiaberto, Uzun balançou a cabeça. Haramis suspirou.

— Não faz mal. Todos dizem que o método de ensaio e erro é o melhor meio de aprender.

Uzun não parecia convencido.

— Pedir a inspiração divina também não vai fazer mal.

CAPÍTULO 12



Anigel teve um sonho estranho no qual acontecia uma coisa jamais vista na história da humanidade da Península. As chuvas não chegavam.

Em vez das tempestades habituais que, vindas do Mar do Sul, inundavam Zinora e Var, Ruwenda, Labornok e Raktum, mais as ilhas de Engi, durante duas estações todos os anos, houve apenas meses e meses infundáveis com o sol brilhando no céu sem nuvens e um vento quente soprando dia e noite, castigando impiedosamente as pequenas nações. Toda a Península foi devastada, mas Ruwenda, sem saída para o mar, sofreu mais do que todo o resto.

Da sua janela, na Cidadela, Anigel viu o vasto Mutar transformar-se num filete d'água, depois também o Rio Skrokar, o Virkar e o Bonorar. O Lago Wum, alimentado por esses rios, secou completamente, impedindo o transporte da madeira da Floresta Tassaleyo para as serrarias. O comércio fluvial desapareceu. A seca assolou as fazendas de Dylex e skriteks monstruosos e famintos saqueavam Ruwenda de uma extremidade à outra.

Seus pais, o Rei Krain e a Rainha Kalanthe, acompanhados pelos soberanos de outras cinco nações imploraram a Anigel Para trazer de volta as chuvas. Anigel disse que não sabia como fazer isso, e eles foram embora, desesperados.

No sonho, sua irmã Kadiya a informava que o solo lamacento dos alagados de Ruwenda estava seco. As plantas e os arbustos secaram, e não havia mais flores, nem frutos. Os fungos suculentos perdiam toda a umidade e os líquens verdes, nutritivos, viraram palha. As árvores da selva perdiam as folhas.

— Reze! — insistia Kadiya e Anigel rezou, segurando o amuleto com o Trílio Negro nas mãos febris. Mas o vento quente soprou com mais força em volta da Cidadela e Kadiya afastou-se, furiosa. No sonho, ela via os corpos dos animais mortos, por toda parte, pilhas de pele e ossos. Tudo por sua culpa.

Sua irmã Haramis apareceu para avisar que o povo seria a próxima vítima: todos os humanos da Península e os nativos do Pântano e das montanhas. No sonho, Haramis apontava para o norte, onde, segundo diziam, moravam a Dama Branca e o Feiticeiro Negro. Só os dois sobreviveriam, avisou Haramis, se Anigel não trouxesse as chuvas.

A morte viria do norte — não sob a forma de um vento quente e seco, mas com uma grande tempestade de fogo resultante do conflito final entre a Arquimaga Binah e Orogastus. O fogo consumiria todo o mundo conhecido, a não ser que a pequena e indefesa Anigel evitasse.

— Mas eu não posso! — gemeu ela, com a alma cheia de terror. — Tentei, mas não sei o que fazer! Meu coração sofre profundamente e estou cheia de medo e — simplesmente não posso!

No sonho, os reis e rainhas da Península, seu pai Krain, sua mãe Kalanthe, a brava Kadiya e a inteligente Haramis olharam para ela com pena e desprezo. Depois a deixaram trancada no quarto, sozinha, ignorada por todos. Anigel batia na porta, soluçando, mas ninguém aparecia. Então ela olhou outra vez pela janela e viu uma parede de chamas que se estendia de horizonte a horizonte, mais alta do que a torre da Cidadela.

O fogo avançou rugindo na direção dela e Anigel começou a gritar, a gritar.

— acorde! Não chore, doçura, está tudo bem!

As chamas eram agora lírios encarnados com listras negras, dançando, enquanto ela se contorcia numa rede, suspensa pelos cipós da planta. Anigel estava no canto de uma sala com paredes de blocos quadrados de pedras, toda enfeitada com plantas floridas. Immu a segurava, procurando evitar que ela caísse da rede.

— Um sonho, foi só um sonho — disse a velha nativa com voz doce. — Você está segura, minha querida, salva. Aqui em Trevista, com amigos.

Finalmente Anigel parou de gritar, saiu da rede, trêmula ainda, e sentou num bloco de pedra. Immu passou uma esponja molhada no rosto da princesa, penteou os cabelos emaranhados, ajudou-a a vestir uma túnica longa, rosada. Anigel disse, em voz baixa:

— Eu gostaria de contar o meu sonho. Na verdade, preciso contar.

Immu insistiu em servir algum alimento primeiro, embora Anigel não tivesse apetite.

— Vou trazer também minha melhor amiga, que mora aqui. Se seu sonho for importante, ela é quem pode interpretá-lo, não eu.

Immu saiu por uma porta da qual pendia uma cortina opaca de líquen filamentosos. Respirando fundo, Anigel segurou o amuleto no cordão de ouro e procurou se acalmar. Imediatamente sentiu-se melhor. Examinou o quarto. Não tinha telhado, mas trepadeiras de folhas largas que serviam também de suporte para duas redes e protegiam o quarto da luz e do calor do sol. Quase toda a parede atrás das redes era enfeitada com lírios enormes cor de laranja. Examinando-os mais de perto, Anigel viu que eram flores insetívoras. Que modo engenhoso de evitar picadas de insetos durante o sono!

Na noite anterior, sem saberem se o amuleto continuaria a mantê-las invisíveis, Anigel e Immu só saíram da parte inferior da carroça depois que todos os soldados desembarcaram. Foram até a margem do canal, abaixo das escadas do cais, onde Immu usou o método de comunicação sem palavras para avisar seu povo, na outra margem, onde estavam e que precisavam de ajuda.

Depois de algum tempo, alguns barcos dos nyssomus atravessaram o canal para levar aos labornoks as provisões prometidas pela Observadora. Dois dos nativos nos barcos, Sithun e Trezilun, eram primos de Immu. Eles as encontraram com facilidade, garantindo jovialmente que elas não estavam invisíveis, o que confirmou as suspeitas de Anigel. Ainda no rio, ela concluiu que o amuleto só protegia a princesa que o usava em caso de perigo mortal. O âmbar havia recusado proporcionar qualquer ajuda durante os três dias da viagem assustadora da Cidadela até Trevista.

— Bem, vocês estão a salvo agora — garantiu Trezilun, enquanto as ajudava a subir na piroga rústica com cerca de sete ells de comprimento, e com lanternas de insetos luminosos nas duas extremidades viradas para cima. A amurada era toda enfeitada com flores e os dois primos de Immu usavam colares e coroas de flores, estas, pousadas sobre o cabelo ralo, entre as orelhas pontudas.

Durante a travessia do canal, Anigel ficou agachada no fundo do barco para não ser vista pelo inimigo. Ela sabia que Orogastus e seus dois acólitos

taumaturgos estavam a bordo do primeiro barco dos labornoks. E se o feiticeiro chegasse à amurada e a visse?

Mas nada disso aconteceu. Aportaram a salvo na aldeia Karonagira, dos nyssomus, e os primos as conduziram pelas ruas calçadas, parcialmente desimpedidas da vegetação que cobria quase tudo, de modo que era como caminhar através de uma vasta estufa de plantas tropicais. Vultos pequeninos moviam-se à luz fraca das lanternas vivas, mas ninguém chegou perto das recém-chegadas. As estruturas antigas, sem nenhuma iluminação, erguiam-se fantasmagóricas à luz da lua, tão artisticamente adornadas com plantas e flores que Anigel a princípio pensou que fosse um arranjo artificial. Os nyssomus de Trevista viviam praticamente mergulhados em flores. Eles as usavam, enfeitavam seus barcos, moravam no meio delas.

Sithun e Trezilun deixaram suas passageiras numa casa modesta de pedra, com uma varanda ajardinada, que dava para o canal. Aparentemente a casa estava vazia, mas isso não perturbou Immu. A oddling enxergava perfeitamente no escuro, mas pediu uma lanterna ao primo para que a princesa não ficasse assustada naquela casa estranha. Logo que encontrou o quarto de dormir, Immu o preparou para que a jovem exausta pudesse dormir.

— E agora começa sua aventura de verdade — disse uma voz suave, atrás de Anigel.

A princesa levantou-se de um salto, com um grito abafado. Depois riu, vendo que era uma mulher nyssomu, mais velha do que Immu, com enormes flores brancas presas por espinhos no vestido de fibra trançada. De cada lado da cabeça usava dois pompons das mesmas flores. Mas, no pescoço, em vez de uma grinalda de flores, trazia um cordão de platina, que tinha na ponta um objeto que parecia um monóculo.

A pequena nyssomu ergueu a lente e examinou Anigel, com um dos olhos grotescamente aumentado.

— Então, você é a jovem que sonha sonhos importantes. A voz era familiar. Anigel lembrava-se de tê-la ouvido na véspera, quando estava ainda escondida no barco labornok.

— E você é a Observadora Frolotu! Não a reconheci com essa roupa!

— Para os humanos — disse a mulher, gentilmente — todos os nyssomus são iguais

— Peço perdão se a ofendi, Observadora. E agradeço por nos acolher.

— Mas você não teve um sono tranquilo.

— Tive um sonho terrível — disse a princesa. — O pior pesadelo da minha vida. Gostaria de ouvi-lo, e depois talvez explicar o que significa?

As duas presas de Frolotu brilharam quando ela sorriu.

— Veremos se é possível. Vamos para o terraço, onde Immu vai servir sua refeição.

Anigel hesitou.

— Eu agradeço, mas na verdade não estou com fome. E se formos lá fora podemos ser vistas por quem estiver no canal. O feiticeiro Orogastus ou seus acólitos podem me ver...

— Estamos no interior da ilha — disse a Observadora. Você está a salvo por algum tempo. Sente ao meu lado e conte seu sonho.

A princesa quase chorou quando viu a comida preparada Por Immu, servida numa mesa graciosa de pedra trabalhada. Durante os três dias da viagem o único alimento que tinham eram as rações levadas por Immu, horríveis raízes secas, uma fruta muito doce, seca também, e para beber, só água. O amuleto ignorou seus pedidos de algo mais saboroso. Esperava encontrar em Trevista uma comida impossível que na certa ofenderia mais ainda seu aparelho digestivo — mas teve uma surpresa.

— Oh, Immu, comida de verdade!

A louça e os talheres eram estranhos, mas a refeição era igual ao seu café da manhã na Cidadela. Bolinhos de arroz com mel de abelha d'água, omelete de coalhada recheado com cogumelos frescos, salsichas picantes cozidas, suco de ladu e um bule de chá de darei. A comida era abundante e Anigel, faminta, devorou tudo, agradecendo com a boca cheia, enquanto Immu fingia estar ofendida.

— Comida de verdade! Menina tola e mimada! Aposto que pensou que os nyssomus só comem raízes, frutos silvestres e água do pântano!

Anigel disse, com ar penitente:

— Acho que nunca pensei no que os oddlings comem. Immu, desculpe. Eu devia ter-me interessado mais, como Kadiya.

— Não tem importância, meu bem. — A Observadora Frolotu a examinava com a lente e um largo sorriso. — Tanto Immu quanto esta aqui sabemos que não há malícia no seu coração, apenas o descuido da juventude.

— Mas onde você arranjou esta comida? — perguntou Anigel.

— Perguntas perguntas perguntas! — disse Immu. — Na intendência dos nobres, na Praça Lusagira, se quer saber. Mandeí Sithun e Trezilun roubarem uma boa quantidade porque sei o quanto você sofreu comendo nossas rações durante a viagem. Vai sobrar um pouco para a jornada a Noth. Mas com o tempo, terá de adaptar seu paladar ao alimento que a terra lhe oferece.

— Espero conseguir — disse a princesa, entre goles de chá. — Quando ficar realmente faminta! Mas, diga-me — descobriu mesmo um meio de chegarmos à casa da Arquimaga?

— Graças a Frolotu. Ela tem amigos entre os uisgus e eles concordaram em levá-la numa canoa puxada por rimorik.

A princesa levantou-se de um salto, ajoelhou aos pés da Observadora e beijou as garras enrugadas.

— Obrigada, querida senhora! Agradeço de todo o coração, e encontrarei um meio de recompensá-la.

A velha mulher balançou a cabeça, retirando as mãos.

— Criança, a recompensa desta Observadora será a realização do seu destino.

— Sabe alguma coisa a respeito?

— Esta Observadora conhece as profecias sobre as Três Pétalas do Trílio Vivo que libertarão nosso Pântano Labirinto de um perigo mortal. E ao que parece, você é uma das escolhidas.

Anigel corou e virou o rosto.

— Eu preferia não ser. Tenho muito medo. Não sou brava nem inteligente como minhas irmãs. E o sonho diz que vou falhar.

Frolotu riu.

— Diz mesmo? Que tal terminar seu chá e nos contar o sonho?

As três sentaram-se à mesa e Anigel contou com detalhes seu pesadelo, enquanto a Observadora girava a lente nas mãos e, uma vez ou outra, observava a princesa com ela. Anigel era tímida demais para perguntar o que a oddling estava vendo, ou por que usava a lente em vez da vareta verde que havia apontado para o Príncipe Antar.

— Esta Observadora vai lhe dizer por quê! — A surpreendente oddling respondeu à pergunta que não fora feita. — A lente é um objeto dos Desaparecidos. Serve para focalizar os pensamentos das pessoas. Mas também ensina quem a usa, e depois de algum tempo não precisamos usá-la sempre. Se o malvado feiticeiro a tivesse visto, ontem, ele a teria roubado, mesmo contra a vontade do Príncipe Antar. Por isto esta Observadora usou a vareta, cujo valor nenhum humano conhece.

— Mas está usando a lente, agora — disse Anigel.

— Sim, criança. De manhã, as faculdades dos velhos estão muito fracas e precisamos de toda ajuda possível.. Mas termine de contar seu sonho.

Anigel contou tudo, até o último detalhe, e a repetição da experiência foi tão dolorosa que ela mal conseguiu chegar ao fim, pálida como as pedras da varanda. Quando terminou, a Observadora recostou na cadeira com os grandes olhos fechados e os lábios grossos movendo-se vagarosamente, em silêncio.

Anigel esperou, cheia de medo. Os pássaros e insetos cantavam e zuniam na varanda repleta de flores e peixes prateados saltavam no canal. Então, Frolotu abriu os olhos com um estalido surdo.

— Sabe o significado do sonho? — perguntou Anigel, timidamente.

— É claro! Muito bem, geralmente a primeira coisa que os videntes comuns fazem num caso como este é pedir à pessoa que tente analisar o próprio sonho. Ou então, usam alguns chavões no sentido de que a pessoa vai descobrir o significado no momento certo. Mas esta Observadora não vai enganá-la, jovem! Seu caminho será muito difícil, e o mais certo é explicar tudo claramente. Seu sonho significa que você é covarde, e que gostaria de se livrar desse árduo dever.

— Mas eu já sabia disso! — choramingou a princesa.

— Calma, calma, agora. Escute a explicação. Os sonhos são às vezes mandados pelos Senhores do Ar — mas esse tipo de sonho não é comum. A maioria, na verdade, vem das profundezas das nossas almas. É um sonho perturbador e importante como esse significa que seu eu secreto — a parte mais importante da sua personalidade, aquela que está mais perto da imagem de Deus — angustia-se com o seu comportamento atual. É uma advertência e ao mesmo tempo um incentivo para que procure fazer melhor, para ser fiel aos seus instintos mais nobres, dominar o egoísmo e a covardia.

— Mas não sei como fazer isso!

— Vão lhe ensinar — disse a Observadora suavemente. — Você já começou sua jornada. Esta Observadora viu tudo através da lente. Agora, precisa continuar — um dia depois do outro, determinada e confiante. A princesa não estava convencida.

— Mas isso parece tão simples.

Immu e Frolotu riram alegremente. A princípio, Anigel ficou ofendida, mas finalmente riu com elas.

— Você escapou da morte ajudada por muitos milagres e bons amigos — Frolotu disse, com expressão grave. — Seus próximos passos estão claramente definidos. Deve seguir resolutamente, tenha medo ou não. Não é vergonha sentir medo, princesa. Não podemos evitar. Mas às vezes somos solenemente obrigados a seguir nosso caminho, apesar disso.

A princesa olhou para as próprias mãos apertadas uma contra a outra no colo.

— Eu... vou tentar.

— Ótimo — Frolotu levantou-se. — O barco uisgu que pedimos chegará esta noite. Até então, deve ficar escondida. Aquele feiticeiro horrível deixou um dos seus acólitos na guarnição — sem dúvida para tentar encontrá-la e às suas irmãs. Mas você partirá para Noth antes de a lua nascer. Se tudo correr bem, deverá chegar à casa da Dama Branca dentro de quatro dias.

Anigel ficou deprimida com a idéia de reiniciar tão depressa a viagem, mas quando falou foi com delicada ironia.

— Seria muito reconfortante chorar um pouco agora, lamentando meus mortos e com pena de mim mesma. Não chorei no barco porque o som

podia nos trair. Mas agora parece que não terei tempo para isso. Bem, talvez seja outra finalidade dos sonhos. Posso chorar à vontade na terra dos sonhos, ceder ao medo e recusar meu destino, noite após noite, sem cometer nenhum pecado, sem demonstrar fraqueza. Mas, quando estiver acordada, farei o melhor para simplesmente continuar meu caminho!

A Observadora sorriu, aprovando.

— Seu eu secreto quer ajudá-la. Enfrentando seus pesadelos, certamente vai aprender a ter menos medo deles.

Um vestígio do antigo pânico apareceu nos olhos de Anigel. Voltou-se para a velha amiga.

— Mas você estará ao meu lado o tempo todo, Immu, não é mesmo? Se eu ficar sozinha.. acho que não...

— Eu a amarei e a servirei durante todos os dias da minha vida — disse Immu, abraçando e beijando a jovem princesa. — É claro que vou a Noth com você e a acompanharei onde quer que a Dama Branca ordenar. Mas chegará o dia, como chega para todos nós, em que você deverá agir sozinha.

Anigel escondeu o rosto no ombro da sua velha ama.

— Não muito em breve. Por favor, não muito em breve

CAPÍTULO 13



Kadiya acordou ao cair da noite com o cheiro de peixe grelhado e imediatamente sentiu uma fome quase dolorosa. Aparentemente, Jagun ousara fazer uma pequena fogueira e estava grelhando alguns garsus, nenhum maior do que sua mão.

Kadiya atravessou a moita espessa que protegia o acampamento, chegou na margem do rio e lavou o rosto e as mãos esfregando-os com folhas. Sentiu saudades da piscina de água quente na Cidadela, onde ela e as irmãs tinham aprendido a nadar; dos cristais do sul, suavemente perfumados, que espalhavam na água para encher a piscina de espuma repousante e cheirosa. Embora a roupa cedida pelos oddlings fosse forte e resistente, estava rasgada aqui e ali e o creme contra insetos cheirava a ranço. Kadiya prendeu o cabelo liso com uma haste de junco.

Voltou para o acampamento. Comeu com a mão um dos peixes preparados por Jagun. lambendo os dedos rapidamente cada vez que o calor e a gordura faziam arder sua pele.

Jagun comia em silêncio. Continuou assim enquanto disfarçavam do melhor modo possível os sinais da sua passagem e voltaram para o barco e para o meio do rio. Kadiya o convenceu a permitir que ela ajudasse e, largando o remo, apanhou uma vara, dando a outra para a princesa.

O exercício não era novidade para a jovem, mas ela levou algum tempo para combinar seus movimentos com os de Jagun. Quando acertou o ritmo, o trabalho tornou-se quase hipnótico. Mergulhar a vara, fincar com força, levantar, mergulhar outra vez. De pé, na proa, Kadiya consultava freqüentemente o brilho do amuleto.

Descansavam de tempos em tempos. Pararam para tirar da água raízes de uma espécie de lírio. As flores enormes estavam ainda em botão, portanto podiam comer as raízes sem perigo. As raízes do lírio e os restos dos garsus foram sua refeição da meia-noite.

Foi uma noite de silêncio. Alguma coisa perturbava Kadiya. Nem o ritmo cadenciado das varas levando o barco conseguia dissipar seu temor de um ataque invisível e silencioso. Jagun era considerado um dos melhores caçadores do seu povo e certamente perceberia a tempo qualquer ameaça. Mas isso dizia respeito a ataques do mundo externo e o que ela temia vinha daquele mundo interno, de cuja existência jamais suspeitara antes das primeiras manifestações.

— Jagun — disse ela, em voz pouco mais alta do que o zumbido dos insetos. — O que nos espera ainda? — Naquele momento, Kadiya desejou ter prestado mais atenção ao grande mapa mural muito desbotado que recobria uma das paredes da sala do conselho, na Cidadela.

— Vamos para o Pântano Dourado — disse ele. — Antes, porém, paramos em Vurenha.

— A região do seu clã?

— Sim. Pertencço a um dos clãs da periferia. Além dessa região, ficam as terras que poucos ancestrais conheceram. Não posso dizer o que vamos encontrar lá. Podemos depender unicamente disso que você usa no pescoço.

— Terras dos uisgus? — perguntou ela.

— Uma parte, sim, mas também as regiões tenebrosas onde os afogadores fincam suas estacas. Conhecemos muitas histórias sobre eles, não sabemos o que tem de verdade nelas. Mas precisamos atravessar essa região para chegarmos a Noth, pois se tomarmos o caminho mais longo podemos ser descobertos por aqueles que nos perseguem.

— Você já esteve em Noth, Jagun?

— Uma vez. Quando você ainda era um bebê. Há uma lei, segundo a qual nós, os caçadores, quando achamos que estamos bastante hábeis na nossa profissão, devemos nos apresentar à Dama Branca para que ela nos conceda plena liberdade nos Pântanos. Foi quando ela me mandou servir como caçador na corte do rei seu pai e esperar o dia terrível da sua profecia, o dia que chegou recentemente. Segundo a lei também, devemos informar a Dama Branca de tudo que descobrirmos sobre os Desaparecidos...

— Novas descobertas? — perguntou Kadiya intrigada. — Existem ainda coisas para descobrir, Jagun? Tantas centenas passaram desde que seu povo começou a viajar pelos Pântanos. O que mais pode haver para descobrir?

Só depois de algum tempo Jagun respondeu, com certa relutância.

— Olhos Penetrantes, os Desaparecidos tinham segredos que nenhum de nós pode sequer imaginar. É verdade que qualquer objeto ou aparelho diferente dos que já foram descobertos até agora deve ser levado à Dama Branca de Noth. Alguns ela guarda, e sabemos que são perigosos e que o segredo faz parte do seu papel de guardiã.

Kadiya percebeu que Jagun não ia dizer nada mais sobre o assunto. Mas, se ele conhecia a Arquimaga, podia dizer alguma coisa que a preparasse para o encontro iminente.

— Como é ela, Jagun? Sei que sua mágica é poderosa, mas o que a faz diferente das outras pessoas? Dizem que Orogastus, fisicamente, é igual a todos os outros homens, mas tem um porte majestoso e um olhar a que ninguém pode resistir. Mas, afinal, as histórias mais impressionantes sempre são sobre o inimigo. Se Orogastus é mais do que um homem — então o que é a Arquimaga?

— Filha do rei, ela é a Senhora, a Guardiã. A vida ela conhece, e a morte, mas com nenhuma delas se preocupa. Pois vida e morte são o destino comum de todos. Ela é a mesma desde que meu povo a viu pela primeira vez. Não ergue a mão para impedir a morte e não cria nenhuma vida. Ela mantém o verdadeiro equilíbrio e nós enfrentamos a passagem do tempo de acordo com nossa natureza. Só ela impede a invasão dos Pântanos, e agora o equilíbrio foi alterado e precisa voltar ao normal outra vez. Uma coisa, filha do rei, para a qual você nasceu.

Kadiya mergulhou a vara bem fundo na água. Sem retirála, voltou-se e olhou para Jagun.

— Nasci para isso? — perguntou ela, erguendo a voz.

— Vocês três nasceram, Olhos Penetrantes. O tempo passa e a pedra mais dura tem de ceder a essa passagem. Ela, a de Noth, vê o futuro. Assim, quando ela avista nuvens se formando no horizonte, seu dever é se preparar para a chegada das Chuvas de Inverno. Antes do dia do seu nascimento, filha do rei, alguns nyssomus e alguns uisgus foram chamados a Noth. Foram avisados de que as Trevas cresciam e que aquela que no passado se interpunha entre nós e as Trevas não tinha mais forças para nos defender. Entretanto ela nos prometeu que outros viriam para restabelecer o equilíbrio.

Kadiya mordeu o lábio. Mais uma vez a fúria acendeu-se das brasas que ela alimentava cuidadosamente.

— Um aviso — ela podia nos ter avisado!

— Olhos Penetrantes, esta é a primeira vez na lembrança das canções do meu povo que a Dama Branca de Noth enfrenta um poder similar ao seu. Ele pode ser muito maior do que ela imaginou. Você deseja cobrar o preço de sangue de Voltrik por todos que ele assassinou. talvez isso tenha pouca importância, comparado ao que você terá de exigir, antes do fim.

— Não tenho poderes mágicos... — começou ela.

— Olhe para aqueles juncos — Jagun inclinou a cabeça para a direita. — Você pode arrancar um deles e quebrá-lo facilmente. Com três deles, pode fazer uma corda trançada capaz de prender um harfut. Um você é, três vocês são...

Kadiya moveu a vara com impaciência.

— Haramis, Anigel e eu seremos essa corda? — Ela riu. — Acho que não se pode caçar muita coisa só com essa armadilha!

Magia — ela não possuía nenhum poder mágico e Anigel jamais em sua vida fácil havia demonstrado qualquer interesse pelas lendas antigas. Magia! Não queria pensar nisso como uma arma. Só pensava em enfrentar Voltrik com um verdadeiro aço nas mãos. Não havia onde ou como isso ia acontecer, mas acreditava que aconteceria. E ela não ia depender de nenhuma arte mágica para fazer o que devia ser feito!

Algumas vezes, durante aquela longa jornada noturna, ela não conseguia evitar estes pensamentos. Mas sempre se esforçava para voltar a atenção às coisas que os rodeavam. Duas vezes pararam sob o abrigo de uma elevação de terra, para descansar e comer. Kadiya massageou os braços e os ombros doloridos, sem nenhuma palavra de queixa. Na verdade, ela e Jagun falavam muito pouco.

Em certo momento, um grito agudo cortou a noite. Kadiya nunca ouvira nada igual, mas não se abalou. Descansavam sob os galhos de uma árvore na beira do rio, que os escondiam e guardavam. As Três Luas brilhavam no alto e um vulto alado cruzou o céu, tão imenso que Kadiya respirou fundo, admirada. Era maior do que o barco em que estavam e por um momento

escondeu as estrelas. Não tinha idéia do que podia ser, nunca ouvira falar naquele tipo de criatura.

O vulto enorme soltou outro grito agudo e partiu. Jagun não fez nenhum movimento para sair do esconderijo. Kadiya o ouviu sibilar baixinho e dizer:

— O voor — e está caçando!

E havia em sua voz a apreensão do caçador enfrentando um inimigo muito mais poderoso do que ele.

— O voor?

— Não podia ter vindo até aqui por vontade própria, pois é uma criatura das profundezas do desconhecido. — Parecia estar falando para si mesmo. — O que o traz a esta região? Sem dúvida deve haver uma agitação ameaçadora em todo o mundo.

Depois de algum tempo continuaram a viagem, agora mais devagar. Kadiya procurava fazer tudo com o maior silêncio possível. Mais uma vez ouviram o grito ensurdecedor, mais para o norte, na direção que seguiam.

Acamparam quando o sol nasceu. Kadiya a princípio achou que não deviam parar na ilha escolhida pelo caçador, pois continha muitas ruínas e ela se lembrava do que haviam encontrado na outra, mas cedeu à insistência de Jagun.

Ele apontou para os redemoinhos na água escura.

— Sucbri — sem dúvida um ninho deles. Não chegam nem perto de um lugar que tenha servido de acampamento.

Aportaram na ilha e Jagun desapareceu com a zarabatana na mão. A princesa apanhou gravetos carregados pelo rio na estação das chuvas e armou a fogueira de modo que não fosse muito visível quando acesa. Esperando, em silêncio, Kadiya abriu todos os seus sentidos para o que a rodeava. Os vários odores do pântano misturavam-se no ar. Sentiu o perfume de flores, de decomposição e podridão, até a sugestão do cheiro almiscarado de um animal. Embora não possuísse o dom de Jagun e dos outros caçadores, sabia distinguir um cheiro do outro e classificá-los da melhor maneira possível.

Seus ouvidos também estavam atentos. Havia vida em volta dela e cada vez mais barulhenta à medida que o sol subia no céu. Reconheceu o estalido seco do besouro e, mais distante, o chilreio sonolento dos pássaros. Naquela vida abundante do pântano ela e seus iguais não passavam de intrusos. Seriam necessárias muitas e muitas vidas para que os da sua espécie pudessem classificar e conhecer um pouco a vida dos pântanos.

Kadiya segurou o amuleto e o ergueu para o primeiro raio de sol que chegou ao acampamento. O pequeno botão, dentro do âmbar, continuava fechado, mas a fagulha luminosa cintilava ainda. Negra, a flor era realmente negra como nenhuma outra. Era o emblema da sua casa real — e nem a mais antiga lenda explicava por quê.

Sem nenhum ruído que anunciasse sua chegada, Jagun apareceu de repente, trazendo dois karawoks, com água pingando ainda das bocas abertas. Com a zarabatana na mão, ele olhava para trás, para o caminho de onde tinha vindo.

Daria para contar até dez o tempo em que ele ficou ali, imóvel. Então, a tensão do seu corpo se abrandou um pouco. A cabeça, ainda virada para trás, para a trilha no meio do mato, girava da esquerda para a direita, com os olhos atentos. Finalmente, com um suspiro, ele sentou-se. Sua pele tornara-se mais cinzenta com os esforços da jornada. Deixou cair os karawoks, como se o bom sucesso da sua caçada não tivesse mais nenhum significado.

Depois de pôr a zarabatana sobre o joelho, Jagun tirou do cinto um volume disforme, e retirou rapidamente a folha no qual estava embrulhado. Kadiya recuou, com uma exclamação abafada. Um fedor intenso encheu o ar, quase sufocando-a. O objeto na mão de Jagun parecia um pedaço de geléia amarelo-esverdeado.

— Cria de skritek — Jagun largou o objeto, limpando as mãos vigorosamente nas hastes da relva. — É muito novo, mas mortal.

Kadiya olhou horrorizada e em silêncio. Não parecia possível que os skriteks tivessem se aventurado tão longe para fincar sua estaca de aviso. Impossível que tivessem um ninho ali perto. — Isso não podia acontecer!

— Encontrei um local onde os voors se alimentam — continuou Jagun. — Acabavam de comer isto.

— A que distância eles podem voar? — perguntou ela.

— Carregando um filhote grande? Não muito além da colônia mais próxima de skriteks que conhecemos...

Kadiya considerou o perigo que isso representava.

— Então os skriteks estão indo para o sul?

Jagun apanhou a folha desenrolada, com cuidado para não tocar a coisa dentro dela. Afastou-se do acampamento, fez um buraco no chão e enterrou os restos malcheirosos.

Quando voltou, disse com voz sombria:

— Há vários caminhos dentro do Pântano e alguns nós conhecemos muito bem. Mas ninguém pode conhecer toda esta vasta extensão. Existem lugares com lama movediça que engole qualquer invasor, além dos quais não podemos ir. O que existe além. — Ele deu de ombros.

Comeram e mais uma vez Kadiya ficou com o primeiro turno de vigia. Achou mais difícil do que nunca manter-se acordada, mesmo procurando se concentrar nas conseqüências daquela mudança de território dos skriteks. Quando Jagun a substituiu, Kadiya mergulhou imediatamente no sono pesado da exaustão.

A tarde estava quase no fim quando ele a acordou. Jagun estivera procurando comida outra vez e além das raízes de lírio trazia alguns garsus. Só de olhar para o peixe, Kadiya sentia a boca cheia d'água. Comeram devagar, saboreando cada pedaço, e deixaram aquele refúgio, seguindo sempre a promessa da luz do amuleto.

Naquela noite não viram sinal do voor, nem de qualquer coisa que não fosse parte do pântano. Agora estavam suficientemente perto do Pântano Dourado para distinguir os juncos brilhantes que davam o nome àquela região.

Quando a aurora os avisou da necessidade de procurar um abrigo, puderam descansar num lugar bem diferente dos que haviam encontrado até então. Pois ouviram um grito áspero ao qual Jagun respondeu imediatamente.

Naquele ponto, a nascente de um regato cortava a margem do rio grande e raso. Jagun entrou nele com o barco. Agora, nas duas margens Kadiya via oddlings que ela supunha serem nyssomus por causa das roupas de fibra tecida que usavam. Mas quando falaram com Jagun, não foi na língua usada no comércio com os mercadores e ela só entendeu uma ou duas palavras.

Jagun aproximou o barco da margem esquerda e um dos oddlings subiu a bordo, tirou a vara das mãos de Kadiya, fez sinal para que ela sentasse e com movimentos vigorosos impulsionou o barco para a frente.

Assim ela chegou a Vurenha, a única aldeia nyssomu verdadeira que já tinha visto. Os que comerciavam em Trevista viviam nas ruínas nas ilhas do rio. Mas em Vurenha não havia sinais de outra história que não fosse a dos nyssomus. As casas eram construídas sobre palafitas, na beira da água, cada uma no centro de uma plataforma a uns cinco ells da superfície do lago, rodeadas por barcos iguais ao que os havia levado até ali. Trepadeiras, plantadas em vasos, subiam pelas paredes das casas altas, e suas folhas pareciam nascer das paredes e dos telhados, todas inclinadas ao peso de favas enormes e amarelas, com sombras avermelhadas. Kadiya reconheceu as plantas como a matéria-prima para a fabricação de uma bebida nutritiva e deliciosa. Nas margens do pequeno lago viam-se campos cultivados, bem como abrigos para animais de corte criados pelos nyssomus — o woth e o qubar —, maiores do que os da sua espécie, que viviam na selva.

O barco foi levado para o lado de uma das casas. Havia muitos oddlings fora das casas agora, mas os quatro que os esperavam eram mais velhos, e dois eram mulheres. Tinham os rostos pintados com tinta cintilante, formando desenhos variados, e as roupas de fibra tecida tinham franja de conchas brilhantes e outro material talvez proveniente das ruínas. A mulher mais alta e mais imponente adiantou-se para recebê-los.

— Meus cumprimentos, Primeira da Casa — Jagun falou devagar e dessa vez Kadiya compreendeu todas as palavras.

.— Possam Aqueles Cujos Nomes não Pronunciamos trazer honra e uma vida boa a todo o clã e ao seu povo.

A nyssomu inclinou a cabeça com a mesma graça com que a Rainha Kalanthe recebia uma embaixada oficial na Cidadela.

— Esta Primeira da Casa lhes oferece abrigo — disse ela. Então, Jagun apresentou Kadiya.

O nyssomu que havia ajudado a levar o barco estendeu a mão e conduziu Kadiya até a plataforma onde estava a mulher cumprimentada com tanto respeito por Jagun. A princesa conhecia as regras do protocolo, mas era difícil fazer uma cortesia apropriada sem um vestido longo. Então ela

improvisou, repetindo o gesto com que as mulheres oddlings de Trevista se cumprimentavam. Juntando as palmas das mãos, ela inclinou a cabeça.

— Eu, Kadiya, filha do Rei Krain, desejo o melhor para este povo.

Para alívio da princesa, a mulher respondeu com um gesto que ela conhecia — estendeu a mão com a palma voltada para cima. Kadiya imediatamente encostou sua palma na dela.

— Fique descansada, filha do rei — disse a mulher, distendendo os lábios grossos, no típico sorriso oddling. Depois, continuou, séria: — Verdade, há morte lá fora e agradecemos Àqueles Cujos Nomes não Pronunciamos por ter chegado até aqui sã e salva. Aqueles que afogam percorrem nossas terras. — Hesitou por um momento e então disse: — Há muitos filhos das trevas lá fora. Mas entre nosso povo, está livre de perigo e permita que a ajudemos como nossa hóspede.

A casa tinha vários cômodos que davam para um corredor e Kadiya teve a impressão de que cada um era ocupado por uma família. Não viu nenhum homem no interior da casa, mas em cada porta havia uma ou duas mulheres que inclinavam a cabeça à passagem de Kadiya e de sua anfitriã. Quando a nyssomu abriu uma porta no fim do corredor, Kadiya viu que o luxo, embora diferente daquele a que estava acostumada, não era estranho àquele povo.

Achou uma banheira com desenhos esculpidos — talvez de alguma ruína — esperando por ela cheia de água clara na qual flutuavam pétalas de tonalidade azul-violeta, uma das mercadorias vendidas nas feiras de Trevista. Quando amassadas e passadas no corpo desprendiam um perfume duradouro e além disso serviam para limpar. Satisfeita, Kadiya tirou a roupa e entrou na banheira. Ensaboou o corpo e os cabelos emaranhados e cheios de creme contra insetos com as pétalas perfumadas. Como era bom sentir-se limpa outra vez!

Sua anfitriã sentou-se num banco na outra extremidade do quarto e, uma a uma, seis outras mulheres juntaram-se a ela, todas majestosas e luxuosamente vestidas. A presença delas não embaraçou Kadiya. A atmosfera de paz e de calma era como um bálsamo de ervas sobre a ferida aberta dos sofrimentos recentes.

Uma mulher mais jovem entregou a Kadiya um manto longo de fibra tecida. Então a Primeira levantou-se e apontou para uma banquetta acolchoada.

Kadiya sentou-se e outra mulher apareceu trazendo uma bandeja com taças feitas de pele de corfer, artisticamente cinzeladas.

Quando todas foram servidas, a Primeira derramou no chão algumas gotas da bebida da sua taça. As outras fizeram o mesmo e Kadiya as imitou, atenta aos detalhes da etiqueta que podiam conquistar a aprovação daquele povo. Na Cidadela, muitas vezes ela impacientava-se com a cerimônia da corte, descuidando-se e provocando a censura da mãe, mas naquele momento sabia que precisava fazer tudo para agradar aos nyssomus.

A anfitriã tomou um pequeno gole e estendeu a taça. Kadiya fez o mesmo e todas trocaram suas taças. Então, sempre seguindo o exemplo das outras, Kadiya esvaziou a que tinha nas mãos. Imediatamente uma sensação de completo relaxamento percorreu seu corpo.

— Há muita maldade — a anfitriã quebrou o silêncio. — Os comedores de sangue caminham lá fora, e com eles outro que não é da nossa terra e é capaz de confundir o pensamento de qualquer um. Recebemos mensagens da parte baixa do rio. Muitos dos nossos deixaram Trevista, pois o lugar está nas mãos dos comerciantes da morte. Enviamos uma mensagem para a Dama Branca de Noth. Mas ainda não recebemos resposta..

— Primeira da Casa — Kadiya inclinou-se para a frente na banquetta —, os que invadiram Trevista sabem muito pouco dos Pântanos. Mas são comandados por um malvado conhecedor de artes estranhas, e um dos seus servos está viajando com os skriteks. Entretanto, não acredito que homens acostumados às planícies de Labornok possam lutar no Pântano. Seu povo, que conhece todos os meandros e todas as trilhas, sem dúvida pode enfrentá-los e libertar esta parte da terra.

Mas a nyssomu balançava a cabeça lentamente.

— Filha do rei, não é nosso costume fazer guerra contra os que vêm às nossas terras. Temos nossas defesas, mas não infligimos morte aos outros.

Kadiya mordeu o lábio. Parecia tão bom seu plano de atacar a força inimiga, com um grupo de nyssomus, capazes de usar todos os truques e o terror daquela região para derrotar os invasores! A fúria mais uma vez acendeu-se dentro dela. Mas o que podia fazer? No passado cometera muitas tolices, levada pela impaciência. Agora não podia cometer erros.

Levou a mão ao amuleto.

— A Dama de Noth — disse, pesando as palavras — mandou me chamar. Há muito tempo ela é a Guardiã destas terras. Talvez tenha a resposta.

A nyssomu balançou a cabeça, concordando.

— Tem razão, filha do rei. Maior do que qualquer outro ser vivo, ela é a possuidora de muitos poderes estranhos. Nós a ajudaremos a chegar até ela.

E Kadiya teve de se contentar com isso.

CAPÍTULO 14



A flauta flipe tocava "Lagoa do Ocaso Cor-de-Rosa", uma das melodias favoritas de Haramis, a balada triste e etérea de um solitário homem do rio, longe de casa e das pessoas que amava. Quando a última nota argêntea ecoou entre os picos nevados, a princesa disse:

— Muito bonito, querido amigo.

— Eu gostaria de tocar mais — disse Uzun, desculpando-se —, mas não consigo mover os dedos com a rapidez necessária. — O músico aconchegou-se no manto forrado de peles e estendeu os pés calçados de botas para perto da fogueira de gravetos. A noite aproximava-se rapidamente, trazendo com ela o vento gelado das geleiras que cortava a pele como uma faca.

— Não faz mal, Uzun. Acho que se você continuasse a tocar eu ia chorar de tristeza. O homem da canção pelo menos tinha esperança de voltar para a família e para sua terra, mas para mim não existe mais lar, e os que eu amava estão mortos.

— Talvez não suas irmãs, princesa

Haramis olhou para a vertente rochosa e árida, além do Rio Vispar que haviam seguido, subindo cada vez mais na direção dos Montes Ohogan. Acima das cordilheiras escuras, o vulto majestoso do Monte Rotolo desenhava-se contra o céu listrado de nuvens, tingido de vermelho pelo sol que desaparecia no horizonte.

— Rezo para que Kadiya e Anigel estejam vivas — disse Haramis —, mas você sabe tão bem quanto eu que Kadiya estava preparada para morrer bravamente, quando nos separamos. Quanto a Anigel, não me surpreenderia saber que ela morreu de medo! — Piscou os olhos para conter as lágrimas.

— Pobres tolinhas! — Forçou seus pensamentos de volta para os problemas do presente. — E logo iremos juntar-nos a elas se essas miseráveis sementes de trílio continuarem a nos conduzir para o alto da montanha. Quase não temos mais madeira para o fogo, nem raízes ou frutas para

comer. Não há peixes desde que o rio ficou branco, e sua água tem um gosto estranho. Você sabe o que é aquele pó branco?

— Para mim, tem gosto de pedra — disse Uzun. — De qualquer modo, se fosse veneno...

— Já estaríamos mortos — concordou Haramis. — Mesmo assim não me agrada. E eu me preocupo com você, Uzun. Não devia estar aqui em cima, neste frio. Não pode ser bom para você. Seu corpo não foi feito para viver neste lugar.

— Estou perfeitamente bem! — protestou Uzun. — Preciso só me aquecer um pouco e secar minhas botas.

— Mas vão ficar encharcadas outra vez quando continuarmos a caminhar na neve, amanhã — observou Haramis. — Meu sangue é mais quente do que o seu, Uzun, e eu posso suportar o frio. Mas você é nyssomu, nascido para viver no calor do Pântano. Durante todo o dia vi seu rosto ficar cada vez mais contraído de dor e seu passo cada vez mais lento.

— Eu estou atrasando a viagem — murmurou ele, cabisbaixo.

— Isso não importa. Deus sabe que não tenho pressa nenhuma de morrer congelada! Mas não acredito que você vá melhorar. O mais provável é que piore à medida que a temperatura ficar mais baixa.

Haramis levantou-se, tirou as luvas forradas de pele e começou a descalçar as botas molhadas de Uzun.

— Precisamos tirar essas botas. Nos seus pés jamais vão secar.

— Não, não — eu devo servi-la. Nunca você me servir!

— Fique quieto — ordenou ela, com fingida severidade. Haramis tirou as botas, o forro de feltro ensopado e a palha — boa proteção contra o frio, quando seca, mas reduzida agora a uma pasta úmida grudada nos dedos —. Calçou os pés do músico com suas luvas forradas de pele, como se fossem meias. Depois, pôs as botas perto do fogo de modo que o calor atingisse a parte interna e serviu um pouco de chá darei do bule de barro escurecido pela fuligem. O velho oddling suspirou.

— Sinto-me muito melhor. Mas não devia ter se rebaixado..

Haramis encostou a ponta do dedo nos lábios dele, ordenando silêncio.

— Uzun, escute. Pensei muito no assunto e já resolvi. Quero que você volte. Já me acompanhou até onde permitem suas forças, agora devo seguir sozinha.

- Não! Não! — exclamou ele, agitado, derramando um pouco de chá.

— Eu disse que já resolvi, não disse? Sabemos que estamos quase chegando àquela parte das montanhas onde nenhum ser vivo — exceto talvez os fabulosos Olhos do Redemoinho — pode sobreviver por muito tempo. Nossa comida está quase no fim e temos pouca chance de conseguir mais. Logo nem veremos mais as árvores anãs, e não teremos fogo. Se na verdade meu destino é especial, como disse a Dama Branca, devemos supor que os Senhores do Ar me darão abrigo e sustento, de um modo ou de outro, enquanto eu estiver seguindo as sementes do trílio. Mas você, querido amigo, deve voltar. A missão é minha e devo realizá-la sozinha. Foi o que a Arquimaga disse. Ela não disse também que você devia me deixar antes do fim da jornada?

Uzun inclinou a cabeça, em silêncio. Enxugou os olhos com a manga, e tomou um gole de chá.

— Se você voltar agora — continuou Haramis —, poderá estar livre da neve em menos de um dia. Mais um dia e chegará na parte fértil do Rio Vispar, com muitos garsus e outros peixes, frutas maduras e nutritivas e as noites sem geada. Pode seguir o rio para o sul até encontrar os uisgus. Eles o levarão de barco até Trevista, onde está seu povo.

— Mas como posso deixá-la sozinha? O Triúne sabe que não entendo nada da vida ao ar livre, mas você — perdoe-me, princesa! —, você está menos preparada do que eu para sobreviver nestas condições!

— Não preciso de nenhum conhecimento especial de sobrevivência agora. Não há mais peixe para pescar, nem vartsdo-pântano para caçar, nenhuma planta comestível para apanhar e preparar. A comida que tenho na mochila vai impedir que eu morra de fome, durante algum tempo, e eu sei esperar que o sedimento do rio se deposite no fundo antes de beber a água. Posso escalar as rochas com relativa agilidade — sem dúvida tenho treinado bastante nos últimos dias — e as sementes encontrarão abrigos secos para meu descanso, por mais algum tempo, pelo menos, até chegar à região onde tudo é coberto de neve. Se eu não tiver chegado ao meu objetivo então... — Ela deu de ombros. — Bem, talvez os Olhos do Redemoinho se apiedem de

mim e me conduzam aos fabulosos vales dos altos Ohogan, onde dizem que habitam os vispis, entre fontes de água quente e relvados floridos, enquanto as tempestades de neve passam lá em cima, sem alcançá-los.

Uzun disse em voz baixa, com ar pensativo:

— Na verdade, eu estava imaginando se a Dama Branca não havia nos enviado a um lugar assim.

— O que você sabe sobre os vispis?

— Eles nunca descem da montanha. Fazem comércio de minérios e pedras preciosas com os uisgus, que passam a mercadoria aos nyssomus, para ser levada até os humanos, na feira de Trevista ou nos mercados menores das aldeias em Dylex. Eles aceitam em troca especialmente animais domésticos — as espécies mais fortes e selvagens de volumniais, togaras e nunchiks peludos. Aceitam também sal e todo tipo de doces — o mel da abelha-d'água é a base do comércio de troca dos uisgus com eles — e alguns outros produtos.

— Como são eles?

— Nenhum nyssomu viu um vispi e viveu, pois suas terras são proibidas para os povos do pântano.

— Isso faz sentido — murmurou Haramis —, uma vez que vocês provavelmente morreriam gelados antes de chegar a elas.

— O povo das pradarias — continuou Uzun —, os uisgus, diz que os vispis são mais altos do que os humanos, e mais magros. Eles são nosso povo, porque seus filhos nascem completamente formados, não como uma larva faminta, como os dos skriteks. Dizem que os Olhos do Redemoinho, os guardiães dos desfiladeiros das montanhas, que no passado protegiam nossas terras de qualquer invasão, pertencem aos vispis e servem à Dama Branca.

— Alguns dos nossos guardas do forte nas montanhas contavam histórias de vispis dançando na neve recém-caída. Diziam que eles são muito belos — observou Haramis.

— Dizem também que são os mais antigos dos nossos povos. Mas ninguém sabe ao certo. Nossos contadores de histórias contam que eles vivem nas encostas dos Montes Rotolo, Gidris e Brom, onde, segundo dizem, fluem

fontes e rios de água quente, que servem de moderadores do frio e da esterilidade da terra, permitindo o crescimento das plantas. E ao redor das terras dos vispis existem cavernas onde o gelo derrete lentamente, repletas de pedras preciosas, barras de ouro e platina, bem como pedras de menor valor, que descem as encostas, levadas pelas torrentes das montanhas. Supõe-se que algumas dessas cavernas pertenceram aos Desaparecidos. Uma vez ou outra, muito raramente, os vispis oferecem alguns objetos antigos para troca.

— Muito interessante — murmurou Haramis. Atiçou o fogo com a ponta de ferro do seu cajado, colocando os gravetos não queimados sobre a pilha de brasas. Ficou calada por algum tempo. De repente, disse: — Uzun, quer tentar scry para mim?

— Para suas irmãs?

— Não, para eles, para os vispis. Uzun respirou fundo.

— Eu... posso tentar. Se eles são realmente do nosso povo, devem ter auras, como os outros seres.

Haramis apontou para o bule que tinha ainda um dedo de chá quente no fundo. Com um gesto afirmativo, Uzun o apanhou e o fez girar, cada vez com maior velocidade, com os olhos fixos no pequeno vórtice de líquido. Então, seu corpo enrijeceu, os olhos pareciam perdidos no espaço e gotas de suor oleoso brilharam na sua testa.

Haramis esperou. O brilho rosado nos picos cobertos de neve aos poucos transformava-se num cinzento opaco. No céu, até então sem nuvens, farrapos de cirrus chegavam do sul, arautos das chuvas de inverno. Em certos anos, as tempestades chegavam mais cedo. Se isso acontecesse, ela estava perdida..

— Movis — murmurou Uzun. Sobressaltada, Haramis segurou o ombro dele.

— Viu alguma coisa?

— Movis — repetiu ele. Com os imensos olhos dourados fixos nos dela, Uzun aos poucos voltou a si e pôs o bule de chá no chão. — O nome da sua grande aldeia é Movis, e fica mais acima, a oeste.

— Você viu claramente? — perguntou Haramis, entusiasmada. — É muito longe daqui?

— Não sei dizer, só sei que fica lá, mais ou menos naquela direção. Os vispis podem se esconder completamente dos que procuram vê-los deste modo, mas eu disse seu nome e me permitiram uma visão rápida de Movis... e disseram que estão à sua espera.

O coração de Haramis batia disparado. Ergueu a mão sem luva e segurou o amuleto sob a túnica, aquecido com o calor do seu corpo. Movis! Um lugar real, não um sonho febril da Arquimaga agonizante! Afinal, as sementes não a haviam conduzido a uma busca vã, mas a um lugar real. Pelo menos era o que esperava.

— Você me serviu bem, Uzun. Este seu scry renovou minha confiança, dissipando toda incerteza. Eu confesso que começava a pensar que a Dama Branca era apenas uma bruxa doente e senil que havia me mandado para uma morte certa.

— Movis não fica perto — disse o pequeno músico, preocupado. — Fica a muitos dias de jornada, por caminhos extremamente difíceis.

— As sementes me guiarão — disse ela, sorrindo. — Não se preocupe, vou encontrar, e os vispis certamente me ajudarão na procura do Círculo das Três Asas.

— Na verdade, falaram comigo amistosamente — admitiu Uzun. Mexeu os dedos dos pés, ainda agasalhados nas luvas de Haramis, e a preocupação desapareceu aos poucos dos seus olhos. — Talvez tudo dê certo, no fim. — Uzun bocejou, pedindo desculpas à princesa.

Haramis riu.

— Tem toda razão — disse ela. — Vou sentir falta do seu rosto e da sua música, mas você me servirá melhor voltando agora. Pode fazer desta viagem uma balada, para cantar quando eu for rainha de Ruwenda. Na verdade, do modo que você fala às vezes, acho que já começou a fazer isso.

— Muito bem — Uzun suspirou. — Eu volto. Você vai viajar muito mais depressa sem minha companhia. Posso deixá-la agora com o coração mais leve, sabendo que a Arquimaga deu ordem aos vispis para tomar conta de você. Enquanto estiver viajando para o sul, uma vez ou outra tentarei saber, por meio do scry, onde e como você está.

— É claro — disse Haramis. Apanhou as botas e as meias de feltro de Uzun, que estavam quase secas. — Guarde dentro do seu saco de dormir que acabarão de secar durante a noite.

Ajudou-o a entrar no saco de dormir forrado de penas e Uzun se encolheu, encostado numa rocha, no outro lado da fogueira. Antes de Haramis abrir seu saco de dormir e tomar as últimas gotas de chá, Uzun estava dormindo e roncando.

Haramis limpou o lugar do acampamento, depois foi até o regato. A geada começava a cobrir as rochas e retalhos de neve entre os picos agudos cintilavam na luz do poente. Encheu a bolsa de pele até a metade, estremecendo quando seus dedos tocaram a água. De manhã, depois de congelar e derreter, a lama cinzenta em suspensão estaria depositada no fundo e a água podia ser bebida.

Uma pequena poça de água refletiu a luz das estrelas e cintilou a seus pés. Um perfeito instrumento para o scry...

Serei capaz de fazer esta mágica? Por falar nisso, o scry é realmente mágica ou uma habilidade mental, como a comunicação sem palavras dos oddlings? Será que eu poderia ver minhas irmãs? Sei que podem estar mortas, mas sinto que não estão. É claro que, mesmo que eu possa vê-las, não vou provar nada. É possível que a Arquimaga tenha erguido barreiras — uma espécie de encantamento — para nos proteger de labornoks como Orogastus, que poderiam nos procurar e nos matar. Mas talvez, se eu procurar minhas irmãs, cujo destino está ligado ao meu, a barreira não impeça a mim de vê-las. Não custa tentar.

Ajoelhou ao lado da poça de água, procurando não ficar na frente da luz da estrela, e fez uma oração breve. Então, procurou não pensar em nada, concentrando-se no pequeno ponto brilhante na água, e imaginou o rosto da irmã Kadiya.

Kadi. Kadi. Você está viva? Deixe-me vê-la!

Um sorriso. O forte odor de água perfumada, bolhas de sabão, cabelo ruivo boiando...

Nada mais.

Haramis sentou nos calcanhares. Por um momento, uma fração de segundo, teve a impressão de ver imagens confusas. Mas nenhuma visão real de

Kadi, apenas fragmentos de sensações, sem dúvida nascidos da sua imaginação avivada pela fadiga.

Suspirou. Bem, não esperava mesmo conseguir. Scry era um talento dos oddlings, que nenhum humano possuía. Estava ali agachada como uma perfeita idiota, quase congelada na margem do rio, quando podia estar confortavelmente agasalhada no saco de dormir, o lugar próprio para essas fantasias. Suspirando outra vez, subiu a pequena encosta e foi se deitar.

CAPÍTULO 15



O barco uisgu partiu veloz sob a luz das Três Luas e Anigel acordou com uma exclamação abafada. Era a quarta noite seguida que sonhava com a seca e o fogo, e estava coberta de suor e rígida de pavor sob a coberta acolchoada com folhas, ajeitada por Immu em volta dela. Maldito sonho! Era tão idiota reviver continuamente aquela irrealidade dolorosa! Segurou o amuleto com o trílio. Sentiu o calor do âmbar na palma da mão gelada e perguntou por que seu lado secreto enviava novamente aquele terrível pesadelo. Sabia o que significava! Reconhecia suas deficiências e prometia ser corajosa. Por que aqueles fantasmas insistiam em atormentá-la? Não era justo!

Reunindo toda a força de vontade, procurou afastar aquelas lembranças, concentrando-se no aqui e agora.

O barco em que viajava assemelhava-se aos dos nyssomus, no formato e no comprimento, mas não era feito de um tronco de kala e sim de feixes de junco, trançados e forrados na parte interna com uma substância dura. Os dois rimoriks que o impulsionavam eram criaturas peludas, longas e finas, maiores do que um homem, com cabeças também longas, olhos negros enormes e os dedos das patas unidos por uma membrana com garras formidáveis. Seus corpos eram mosqueados de verde e sua voz um silvo agudo. Não gostavam de humanos e arreganharam as presas quando Anigel tentou se aproximar deles. Estavam atrelados ao barco por meio de arreios duplos, atados na proa. Os dois condutores uisgus, Lebb e Tirebb, controlavam seus cavalos aquáticos com as rédeas que passavam por duas argolas nos lados do barco. Anigel era obrigada a viajar e dormir numa pequena esteira, na popa estreita, para não perturbar os rimoriks com sua aura humana. A cada seis horas paravam numa aldeia uisgu para a troca de animais e descanso dos barqueiros.

O calor do sol era escaldante na estranha região do Pântano Dourado que atravessavam há três dias. Viam poucos animais nativos, bandos de pássaros, moscas com asas transparentes — algumas com envergadura de

meio ell — e uma enorme quantidade de peixes. A relva com bordas cortantes era, em alguns lugares, mais alta do que Anigel e coroada com ponículas de flores amarelo-douradas.

No começo da viagem, navegaram por um canal estreito e sinuoso atravessando uma região ao norte de Trevista. As curvas eram tantas que Anigel perdeu todo o senso de direção. No segundo dia, a relva era mais baixa e os canais menos distintos. Os rimoriks simplesmente nadavam em frente, atravessando a pradaria alagada, e o barco deslizava sobre a relva como se estivesse numa estrada coberta de graxa, mal tocando a água.

As paradas eram sempre em pequenas ilhas, com muitas árvores e arbustos repletos de flores e frutos, onde viviam os tímidos uisgus, que se alimentavam especialmente de peixe cru. Usavam uma bebida "sagrada", marrom, que Immu se recusou a dizer do que era feita e proibiu Anigel de experimentar. Ao contrário dos nyssomus, os uisgus não usavam o fogo. Moravam em cabanas de palha, tecidas com juncos trançados, como seus barcos, construídas sobre estacas, por causa das enchentes de inverno. Os uisgus eram muito menores do que os nyssomus e usavam apenas um saiote curto e jóias de ouro com pedras preciosas, adquiridas no comércio de trocas com os vispis das montanhas do norte. Pintavam círculos de várias cores em volta dos olhos e os homens tinham pintados no peito três círculos entrelaçados no ponto central. Seu corpo era quase todo coberto de pêlos curtos, sobre o qual passavam um óleo espesso com forte cheiro almiscarado. Anigel quase não sentia mais o cheiro, mas quando conheceu os dois

barqueiros, Lebb e Tirebb, na casa da Observadora, teve de controlar a náusea quando apertou as mãos pegajosas dos dois. Entendia agora por que certos ruwendianos chamavam os pequenos oddlings de "Demônios escorregadios!" Immu e os barqueiros mal conseguiam se entender, cada um com seu dialeto, mas na verdade não precisavam conversar muito. Os dois uisgus sabiam perfeitamente onde ficavam as ruínas de Noth e haviam prometido a Frolotu levar Immu e a princesa até lá, o mais depressa possível.

Quando a noite chegava sobre a pradaria e as estrelas, obscurecidas pela névoa, pareciam duas vezes maiores, a orquestra noturna do pântano Dourado em nada se parecia com a do Baixo Mutar ou de Trevista. Na vasta região desprovida de árvores, nenhum animal grande rugia ou uivava. Os ruídos do pântano eram batidas sincopadas, como centenas de pequenos

tambores, cada um num tom diferente, tocando uma melodia variada que acompanhava o deslizar do barco sobre o mar de relva. Era um som hipnótico e Anigel voltou a dormir.

Sem sonhos, Sem sonhos, pediu ela, mergulhando no sono. Quando acordou outra vez o barco estava parado, sentia-se perfeitamente descansada e o dia estava nascendo.

Três rostos estranhos espiavam, de fora, sobre a amurada do barco, com um misto de fascinação e horror. Eram vagamente parecidos com os nyssomus, mas suas orelhas pontudas eram maiores, bem como as presas afiadas, e tinham cabeça, o pescoço e o rosto cobertos de pêlo oleoso e liso. Um deles tinha círculos amarelos em volta dos olhos, os dos outros dois eram rosa e ocre.

A princesa deu um grito de surpresa e os três rostos desapareceram.

— ó, desculpem-me — disse ela, suavemente. — Não tenham medo, pequenos uisgus. Sei que para vocês pareço muito feia e gigantesca, mas não vou lhes fazer mal.

Apareceu uma cabeça, depois outra e mais outra, não maiores do que a cabeça de um bebê humano. As crianças uisgus conversaram animada e agitadamente, sem dúvida comentando a natureza do monstro que acabavam de encontrar adormecido num barco na sua praia.

— Está tudo bem — Anigel os tranqüilizou. Ergueu o amuleto com o trílio no cordão de ouro e, de repente, tudo se explicou.

Os três pequenos uisgus, com gritos de alegria, mostraram as presas em largos sorrisos. Subiram na amurada, prontos para entrar no barco, mas Anigel disse, sorrindo também:

— Não, não, por favor, fiquem sentados aí enquanto eu me visto. Depois, podem me levar à sua aldeia. Suponho que Immu, Lebb e Tirebb foram procurar rimoriks descansados, deixando-me aqui, dormindo preguiçosamente.

Empurrou a coberta para o lado e sentou-se, para vestir a túnica tecida com hastes de relva. A princípio, Anigel hesitou em usar a túnica dada por Frolotu, mas logo descobriu que era muito mais confortável naquele calor do que seu vestido sujo e rasgado. As mangas largas, boca-de-sino, e o capuz folgado a protegiam do sol inclemente da pradaria. Trocou também as

sapatilhas arruinadas por meias de pele que iam até os tornozelos e sandálias fortes. Completava o traje um cinto de fibra trançada com uma grande bolsa de couro, onde a princesa guardou o lenço, o pente, a adaga e alguns outros pequenos acessórios.

Um dos pequenos uisgus desapareceu da amurada. Voltou logo depois e, rindo nervosamente, estendeu para Anigel um cordão de flores que pareciam de cera, com um perfume forte. Anigel agradeceu, fez uma grinalda e a pôs na cabeça. Depois, saiu do barco e acompanhou os três uisgus por uma trilha estreita.

A aldeia não ficava longe e consistia de cinco cabanas sobre estacas e um galpão, sem telhado, ao nível do solo, onde os uisgus faziam suas reuniões sociais, discutiam assuntos importantes e preparavam e comiam as refeições na estação seca. Immu e os barqueiros, Lebb e Tirebb, serviam-se da panela comunal. O chefe da aldeia recebeu Anigel com um discurso atencioso, mas incompreensível, e mandou que a servissem também.

Anigel já estava acostumada ao peixe cru picado, marinado com suco ácido de frutas até ficar branco, com uma textura semelhante à do peixe cozido. Aceitou também fatias de melão e um punhado de deliciosas nozes-blok, mas, imitando Immu, recusou o miton sagrado.

— Essa gente diz que Noth fica a poucas horas daqui — disse Immu. — A parte submersa do Pântano Dourado, que pode ser atravessada pelos rimoriks, termina a poucas léguas da aldeia, onde a água é muito rasa. Teremos de ir até o Rio Notar, um pouco a leste, e acompanhá-lo durante algum tempo para chegar à casa da Arquimaga, da qual os uisgus só se aproximam quando são convidados, mas eu disse a eles quem você é e por que a Dama Branca a chamou.

O chefe da aldeia, que se distinguia dos outros oito homens adultos pelo colar e braceletes de ouro, o saiote enfeitado com escamas de peixe e três círculos coloridos em volta dos olhos, aproximou-se da princesa, quando ela terminou de comer e falou durante algum tempo no seu dialeto incompreensível. Anigel controlou-se para não recuar quando os dedos como garras seguraram o amuleto do trílio, no cordão de ouro, para mostrá-lo aos outros.

O pequeno grupo de uisgus, maravilhado, emitiu uma exclamação abafada, interrompida pelo vozerio das três crianças, sem dúvida contando aos outros

que já haviam reconhecido Anigel.

— Esses uisgus que vivem na região oeste do Pântano Labirinto mantêm contato mental permanente com seus companheiros — Immu disse para Anigel, em voz baixa. — O chefe diz que você não é a única Pétala do Trílio viajando para Noth. Há outra — sem dúvida sua irmã Kadiya — que sobreviveu aos perigos do Pântano Negro. Ela e seu companheiro — deve ser Jagun — chegaram à aldeia dos nyssomus, perto da confluência do Rio Notar e o Alto Mutar.

— Isso é maravilhoso! — exclamou Anigel. — Podemos esperar a chegada dela em Noth.

Immu disse com ar de dúvida:

— Quem vai resolver isso é a Arquimaga.

O chefe falou outra vez, apontando para o céu ao norte e franzindo a testa, depois esfregou as palmas das mãos nos quadris peludos, indicando desaprovação extrema.

— Pela Flor! — resmungou Immu. — Ele diz que uma terceira pessoa usando o amuleto do trílio partiu de Noth há uma semana, na direção das montanhas ao norte, e que subiu para os campos de neve dos Montes Ohogan. Ele diz que essa pessoa é muito imprudente porque vai entrar no território dos vispis, proibido para todas as outras raças, sob pena de morte.

— Só pode ser Haramis! — exclamou Anigel. — E ela só iria onde a Arquimaga mandasse! Mas como foi que conseguiu...

— Quieta — disse Immu. — Não diga mais nada. Immu fez um pequeno discurso de agradecimento ao povo da aldeia e disse a Lebb e Tirebb que era hora de seguirem viagem. Dois novos rimoriks já estavam atrelados ao barco.

O chefe delicadamente colocou-se na frente delas. Obedecendo à sua ordem breve, uma das mulheres entregou a ele um vaso fechado de cerâmica, pintado de vermelho-vivo, dentro de uma sacola de fibra trançada. O chefe o entregou solenemente a Anigel.

— É miton? — murmurou a princesa para Immu.

— Sim, é. E desta vez você tem de aceitar, pois é um presente especial que eles raramente fazem a quem não pertence ao seu povo — muito menos a

humanos. Graças aos Senhores do Ar, você não é obrigada a beber.

Anigel inclinou a cabeça, agradecendo em sua língua. Aparentemente eles compreenderam. Uma velha oddling encarquilhada os acompanhou no caminho para o barco, batendo no ombro de Anigel e apontando para o jarro com um sorriso encorajador.

— Miton! — dizia ela. — Miton! Miton ka poru ti! Embarcaram, os dois uisgus na proa, Immu e Anigel na popa. Quando se afastaram, os uisgus na margem do rio ergueram as mãos, num gesto de despedida. A voz chiada da velha repetiu pela última vez:

— Miton ka poru ti!

— O que quer dizer isso? — Anigel perguntou para Immu. Com o jarro no colo, examinava o trançado caprichoso da rede.

— Quer dizer "Miton dá força e coragem" — traduziu Immu, com relutância —, por isso a chamam de bebida sagrada.

— Mas isso é maravilhoso! — exclamou a princesa, com alívio. — Vou tomar um pouco agora mesmo, pois estou quase morrendo de medo de conhecer a Dama Branca.

Immu virou o rosto e, como se estivesse falando sozinha, resmungou:

— Há uma estranha simbiose entre os uisgus e os rimoriks, por meio da qual eles se ajudam e se estimam mutuamente. O povo e os animais são amigos do coração, não donos e animais domésticos. Os rimoriks são fortes e corajosos, ao passo que os uisgus, mais fracos, são mais inteligentes. Sua união é constantemente reforçada por meio do miton, tomado pelos rimoriks e pelos uisgus... e feito da mistura do sangue das duas espécies.

A princesa ficou petrificada. Uma das mãos foi instintivamente até o amuleto.

— Eu não sei dizer — concluiu Immu — se essa bebida dá coragem ou não. O meu povo, os nyssomus, tem medo dela. Os poucos de nós que ousaram tomá-la — nossos barqueiros de rimoriks — transformaram-se numa espécie diferente. Sem dúvida há uma mágica muito forte nela, mas seria prudente você entregar esse jarro para a Arquimaga, ou pelo menos consultá-la sobre seu potencial.

— Eu... vou fazer isso — disse a princesa.

Anigel ficou em silêncio durante um longo tempo, olhando para o jarro vermelho e depois para a paisagem, para as montanhas que começaram a aparecer no horizonte.

Depois de quase uma hora, voltou-se para Immu e disse, sorrindo:

— Só os Senhores do Ar sabem se este miton na verdade dá coragem e força. Mas aconteceu uma coisa estranha. Só de ficar aqui sentada, segurando o jarro, perdi todo o medo de me encontrar com a Dama Branca. Acho que isso é magia suficiente por enquanto.

As ruínas de Noth, embora mais extensas, não eram tão imponentes quanto as de Trevista e Anigel ficou um tanto desapontada. O barco uisgu, depois de atravessar uma área cheia de ruínas de pedras cobertas pela vegetação, chegou a uma lagoa repleta de flores amarelas malcheirosas, com restos de insetos apodrecidos dentro das corolas. Aportaram num pequeno cais surpreendentemente limpo. A praia inclinada era coberta de relva cortada rente e de jardins floridos e civilizados, plantados no meio da selva luxuriante, onde passeavam togars domesticados de pescoço comprido, como se estivessem numa fazenda do Knoll, uma vez ou outra, comendo um pouco de relva ou outra coisa qualquer. A algumas dezenas de ells acima, no topo de uma escada rústica feita de lajes de pedra, erguia-se um chalé, diferente de todos que Anigel conhecia.

O telhado era de relva seca e espessa, e o branco das paredes destacava a madeira escura dos beirais. Da chaminé de pedra espiralava um filete de fumaça. As janelas eram feitas de mosaico, com floreiras no parapeito e venezianas de madeira para proteger o vidro durante a estação das chuvas. A porta da frente ficava bem no centro — e só a metade inferior estava fechada. Ao lado dela havia um banco de madeira com uma roca, um cesto com lã para fiar, uma vasilha cheia de novelos de fios e um animal pequeno, peludo e malhado, dormindo. O efeito total era tão encantador e tranqüilo, depois das ruínas sombrias da cidade perdida, que Anigel perguntou em voz alta se estariam no lugar certo.

Immu perguntou aos uisgus Lebb e Tirebb, que pareciam ansiosos para deixar as passageiras e partir. Os dois balançaram as cabeças enfaticamente dizendo que sim e apontaram para a casa. Um deles jogou na praia as mochilas de Immu e de Anigel e o outro assoprou o apito sibilante, a ordem para os rimoriks começarem a nadar.

— Ora ora — disse Immu, vendo o barco afastar-se velozmente. — O que você acha disso!

Anigel dirigiu-se para os degraus do jardim e chamou:

— Venha depressa! Não vai acreditar no que eu encontrei plantado aqui!

— Venha venha venha — resmungou Immu, caminhando para a escada com suas perninhas curtas.

Entre a água e a casa havia várias árvores carregadas de frutos redondos cor-de-laranja que impediam Immu de ver a planta que Anigel contemplava com admiração e respeito.

Era um Trílio Negro com dois ells de altura, carregado de flores enormes.

Immu caiu de joelhos e começou a chorar.

— É verdade! Nós o encontramos! Ó, dou graças aos Senhores do Ar!

A princesa ajoelhou também para consolar a amiga, mas um instante depois, com uma exclamação de susto, as duas se abraçaram. Um vulto apareceu entre elas e o brilhante sol do meio-dia.

— Senhora? — disse Immu, com voz trêmula.

O vulto se moveu e a luz incidiu no rosto tão enrugado e marcado pelo tempo que os traços quase tinham desaparecido, exceto os olhos azuis nas órbitas fundas. Estava vestida com um manto branco de tecido feito em casa, e um véu bordado cobrindo os cabelos também brancos. Estendeu a mão emaciada, com as juntas grossas e veias saltadas, onde cintilava um anel com aro de platina filigranada e uma pedra de âmbar com um trílio fossilizado dentro dela.

— Eu sou a Arquimaga Binah — disse ela. — Sejam bem-vindas.

Anigel levantou-se, deixando Immu paralisada, sentada no chão. Sentiu um calor intenso no peito e tirou de sob a túnica o amuleto. O âmbar parecia em chamas, pulando com as batidas do seu coração, e o botão dentro da pedra começava a se abrir.

A mulher sorriu e voltou-se, convidando Anigel a se aproximar, com um gesto. A Arquimaga andava com dificuldade, arrastando os pés, apoiada num cajado de prata. A princesa a seguiu sem nenhum medo. Como podia ter medo daquela pobre Dama Branca agonizante?

— Ô, você ficaria surpresa — respondeu a Arquimaga, com uma risada que soou como folhas secas passando sobre pedras. — Mas não deve ter medo de mim, criança. Sou sua madrinha e a amo. Deve confiar em mim.

— Eu confio — disse Anigel.

A Arquimaga parou perto do trílio.

— É o único desta espécie que vive ainda em nossa terra e, embora pareça forte, está morrendo, como eu.

Anigel deixou escapar uma exclamação de susto. Mas a mulher levou um dedo aos lábios.

— Outra espécie de trílio tomará o lugar deste, se Deus quiser. Sabe do que estou falando, minha filha?

— Sei — disse a princesa. — Mas eu sou muito fraca e posso comprometer seus planos se...

— Fique quieta — censurou Binah. — Essas suposições tolas podem atrair o fracasso que tanto teme! Você deve cultivar a serenidade, meu amorzinho, pois ela é o traje da verdadeira nobreza. Veja como essas flores são serenas, aceitando alimento da folha e da raiz, voltando suas faces sempre para o sol, acalentando as sementes no fundo do coração. E elas morrerão serenas, pois do contrário suas sementes não se libertarão.

Anigel balançou a cabeça, perplexa.

— Por favor, senhora... desculpe se pareço tola. Então é meu destino morrer por meu país?

— Eu não sei — respondeu a Arquimaga. — Sei que tem de realizar uma tarefa importante que lhe será revelada. E vai também receber um sinal, um talismã, indicando que a luta por Ruwenda e por sua alma está para começar. Sua irmã Haramis já começou a procura. Sua irmã Kadiya logo partirá em busca do seu destino. Cada uma encontrará um talismã e no momento certo as Três Pétalas do Trílio Vivo estarão unidas outra vez. Depois disso, qual será o fim, eu não posso ver.

Anigel ficou extremamente pálida, mas manteve-se calma, segurando sempre o amuleto.

— Então, esta dádiva, que me deu quando nasci, vai me guiar na minha missão?

— Sim, vai, e isto também.

A Arquimaga colheu uma folha do trílio e a estendeu para Anigel, mostrando a superfície com a outra mão.

— Esta folha tem o desenho da nossa terra. Olhe com atenção! Os veios e as nervuras formam o mapa de Ruwenda. Aqui, na ponta, está Noth e o veio dourado que parte dele é o rio que você deve seguir para encontrar seu talismã. Primeiro, descendo o Nothar, depois o Alto Mutar até o Baixo Mutar.

Anigel examinava a folha, curiosa e interessada.

— Mas o veio dourado continua até a haste da folha! Veja — aqui é onde o Mutar faz uma curva, dando a volta na Cidadela, e esta marca deve ser o Lago Wum, e mais adiante está o Grande Mutar que atravessa o país de Wyvilo e as terras selvagens de Glismak! — Seus olhos encheram-se de medo. — Preciso ir até lá? Até a escura Floresta Tassaleyo?

— É o que parece — disse a Arquimaga. — Eu não sabia antes de colher a folha. — Balançou a cabeça. — Uma viagem tão longa! Minha pobre querida... mas é sempre rio abaixo, portanto será mais rápida do que a que acaba de fazer.

— E a tarefa que devo realizar.

— Será revelada. — O rosto da mulher contorceu-se de dor e ela cambaleou. Immu, que estava a uma distância respeitosa, adiantou-se e segurou o braço da Dama Branca. Anigel segurou o outro e levaram a Arquimaga até a casa, a acomodaram numa poltrona e Immu apanhou um copo com água.

— Não se preocupem, minhas queridas — disse a mulher. — Não vou morrer ainda. Meu trabalho não está terminado. Só estou muito, muito cansada.

Anigel hesitou, depois tirou da bolsa de couro no cinto o frasco com o miton.

— Os uisgus me deram isto. Dizem que dá força e coragem.

— O presente foi para você — disse Binah, com voz cansada. — Guarde, mas use só quando for necessário.

— Quando vai ser isso? — perguntou Anigel.

Mas Binah fechou os olhos e inclinou a cabeça para o peito, respirando devagar e ruidosamente.

— Pode me dizer ao menos onde se encontra meu talismã? — implorou Anigel.

— No fim da haste, — A voz da Arquimaga estava quase inaudível.

— Mas não me disse o que é o talismã! — exclamou Anigel, desesperada.

A Arquimaga suspirou.

— Por favor! — A jovem estava quase chorando. — Diga-me apenas o que eu vou procurar!

— O Monstro de Três Cabeças — murmurou Binah. E adormeceu profundamente.

CAPÍTULO 16



A Voz Verde parou na porta do aposento real e, com uma careta constrangida, abriu a bolsa que trazia no cinto. Tirou dela três máscaras estranhamente tecidas, para cobrir a parte inferior do rosto — uma verde para ele, uma azul para seu companheiro e a terceira mais enfeitada, negra e prateada, para seu mestre.

— Devemos usar isto antes de nos aproximarmos do Rei Voltrik — explicou a Voz Verde. — A necrose da carne real progrediu a tal ponto que o fedor é pior que o do esgoto, tanto que homens fortes vomitam e os fracos podem desmaiar. Coloquei ervas aromáticas dentro das máscaras que nos protegerão das exalações fétidas durante mais ou menos uma hora. Isto será suficiente para seus propósitos, mestre?

Orogastus fez um gesto afirmativo. Seu olhar era firme, acima da máscara, e, se temia a tarefa que o esperava, não demonstrou esse temor aos acólitos telepáticos.

O médico real — bêbado, soluçando e temendo perder sua cabeça — relutantemente havia revelado o diagnóstico à Voz Verde, quando o feiticeiro e seus companheiros estavam ainda no rio, a meio dia de distância da Cidadela. Apesar da administração da Pastilha Dourada, com seus poderes mágicos, a necrose progrediu, pondo em risco a vida do rei, e o médico não teve coragem de executar o único tratamento que podia salvá-lo.

Quando Orogastus recebeu a notícia nefasta, mandou açoitar os remadores e chegaram na Cidadela em cinco horas, à custa de meia dúzia de vidas humanas. Agora o feiticeiro precisava agir e salvar pessoalmente a vida do rei, cuja morte significaria a ruína de todas as suas ambições.

— Abra a porta — ordenou Orogastus.

A Voz Verde obedeceu, com uma curvatura.

O quarto, antes ocupado pelo Rei Krain, fora redecorado apressadamente com o vermelho-vivo de Labornok, para o novo soberano. Estava muito

escuro, iluminado apenas pelas brasas da lareira e por uma vela sobre a mesa, onde estava também uma bacia, ataduras e outros instrumentos e poções com os quais o médico da corte tentara inutilmente curar a mão do rei. O leito enorme ficava no centro do quarto, sobre uma plataforma, rodeada por cadeiras vazias. As cortinas estavam abertas.

Orogastus deu ordens rápidas, em voz baixa.

— Voz Verde, traga os dois candelabros para perto do leito e acenda as velas, depois, limpe a mesa e a coloque o mais perto possível da mão doente do rei. Voz Azul, prepare o instrumento mágico. Acho que chegamos bem na hora.

O vulto, sob os lençóis, agitou-se, gemendo.

— Quem está aí? É você outra vez, maldito sanguessuga, que vem me atormentar com sua incompetência? Saia! Pelo menos deixe-me morrer em paz!

— Sou eu, meu rei — disse Orogastus. — E vossa majestade não vai morrer. — Ergueu o braço do rei com todo o cuidado, provocando ainda assim um grito de dor.

— Filho da mãe! Deixe-me em paz! Sua pastilha miraculosa só me ajudou por um dia, depois meu sofrimento ficou pior do que antes. Ah, Zoto, tenha misericórdia — é culpa delas. Das princesas! Elas me amaldiçoaram de longe! Sua vingança é que me tortura e que vai me matar.

— Ele está delirando — disse Orogastus. Tirou de um bolso interno uma caixinha de malaquita verde e a abriu. Dentro havia seis esferas pequenas que brilharam amarelas e transparentes à luz das velas.

— Resta apenas a metade agora — disse o feiticeiro, pensativo. Tirou uma da caixa e guardou as outras cuidadosamente.

Então, apanhou o copo com água e fez o Rei Voltrik engolir a Pastilha Dourada. Logo depois, com um suspiro fundo, o rei relaxou o corpo no leito.

Com uma faca pequena e afiada, Orogastus cortou as ataduras que envolviam a mão do monarca. Apoiando o braço doente na mesa, o mago retirou o curativo, expondo o ferimento. O braço todo estava quente, com linhas vermelhas que iam do pulso até a axila. Do ferimento aberto, na mão

muito inchada, com as pontas dos dedos negro-azuladas, exsudava um líquido cujo fedor nem as máscaras com ervas podiam disfarçar completamente. O feiticeiro entregou as ataduras à Voz Azul, para serem queimadas, enquanto dava instruções rápidas ao outro assistente, que acabava de abrir sobre a mesa uma bolsa de couro. Orogastus mandou a Voz Verde segurar o braço doente e colocou-se ao lado da cabeça do rei. Voltrik estava emaciado, febril, com os olhos remelentos, a barba, antes imaculada, suja e emaranhada.

— O que está fazendo? — exclamou o rei, erguendo a cabeça dos travesseiros úmidos de suor. — Larguem meu braço, seus worrans traidores! Eu sei quem vocês são! Foram enviados pelas três bruxas ruwendianas para acabar comigo!

— Olhe nos meus olhos — ordenou Orogastus. — Olhe e encontre o alívio para seu sofrimento.

O mago mascarado segurou a cabeça do rei com as duas mãos e a virou, de modo que seus olhos se encontraram. Voltrik gemeu, depois, com um profundo suspiro, caiu para trás nos travesseiros, quase inconsciente.

Orogastus voltou para o lado da mesa e apanhou um instrumento estranho, um cubo prateado cintilante com uma extensão que parecia uma tromba azul. Na parte superior havia fileiras de saliências negras e vermelhas, como grandes verrugas, com símbolos misteriosos sob cada uma e dentro dele uma moldura com uma sombra cinza-esbranquiçada no centro. Os dedos do feiticeiro moveram-se sobre as verrugas, apertando ora uma, ora outra e o interior branco da moldura iluminou-se, aparecendo então fileiras de hieróglifos coloridos. A Voz ao seu lado deixou escapar uma exclamação de espanto. Um dos botões vermelhos acendeu-se e ficou amarelo-dourado.

— Mantenha o braço completamente imóvel, assim — ordenou Orogastus. — Entoem o Canto da Cura, mas desviem os olhos, pois esta máquina dos Desaparecidos, quando em funcionamento, pode cegar olhos sem proteção.

O feiticeiro colocou o aparelho um palmo abaixo do cotovelo do rei e as três Vozes começaram a cantar em uníssono. Então, Orogastus protegeu os olhos com um visor e, terminados os preparativos, apertou o maior botão do aparelho. Um raio de luz cegante branco-azulada, fino como um fio de linho, saiu da extensão do cubo e Orogastus manipulou o aparelho de modo

que o raio de luz atravessasse o membro real, desenhando um V profundo na carne.

O chiado foi seguido por uma espiral de fumaça. Quando o raio se apagou, o antebraço de Voltrik estava amputado e no tampo da mesa havia a marca queimada de um V. O Canto da Cura terminou.

— Está feito. — Orogastus tirou o visor e examinou o que restava do braço. Os grandes vasos sangüíneos estavam cauterizados, e a carne estava vermelha em volta dos ossos.

— Ótimo. A putrefação mortal não tinha atingido o resto do braço. Agora a Pastilha Dourada pode fazer seu trabalho sem ter de lutar contra o veneno contido na mão necrosada.

Apertou um botão e todas as luzes do aparelho se apagaram.

— Voz Azul, embrulhe o membro amputado e queime, com cuidado para não tocá-lo. Depois, acondicione cuidadosamente meu aparelho. Voz Verde, limpe a mesa e a pele sã do braço com brandy bem forte. Lave com uma esponja a testa e as têmporas do rei e traga roupas de cama e um roupão limpos da lavanderia. Chamusque ataduras no fogo e faça um curativo frouxo. Antes de ser costurado, precisa eliminar certos fluidos tóxicos. Mais tarde darei a vocês e àquele médico cretino instruções para o tratamento do braço, que devem ser seguidas rigorosamente.

— O sanguessuga deve ser poupado, Grande Senhor? — perguntou Verde, surpreso.

— A não ser que você queira dar mingau na boca do rei, esvaziar o penico real e trocar as roupas de cama, seu tolo! Agora, cuide do rei!

Enquanto as duas Vozes tratavam de Voltrik, Orogastus foi até a janela do aposento, abriu as cortinas pesadas e depois os vidros. O sol brilhava lá fora e uma brisa leve soprava do norte. Com a carne putrefata queimada e o cheiro horrível arejado, Orogastus tirou a máscara. O rosto de traços finos estava abatido e pálido, os lábios sombriamente cerrados. Foi por pouco, mas agora o rei ia se recuperar rapidamente com um tratamento cuidadoso e palavras de incentivo. O feiticeiro voltou para o leito real.

— Voltrik, escute! — disse Orogastus, em voz baixa e autoritária.

O rei murmurou:

— Estou ouvindo!

— Esteve muito perto da morte, meu Senhor, mas eu o salvei, quando todos os outros haviam perdido as esperanças. Sua majestade vai viver. Terá de suportar ainda algum sofrimento, mas dentro de poucas semanas estará forte outra vez. Eu, Orogastus, prometo solenemente.

— Obrigado — disse o rei, com voz fraca. Seus olhos estavam fechados e o rubor da febre havia desaparecido. — Você cortou a mão?

— Sim, senhor. O rei suspirou.

— Que seja. Pelo menos não perdi a mão da espada, graças a Zoto, o Misericordioso, e a você.

Gemeu um pouco quando as Vozes trocaram sua roupa e colocaram travesseiros limpos sob sua cabeça e sob o braço enrolado em ataduras. Orogastus pessoalmente cobriu o rei até o peito. Voltrik abriu os olhos e disse, com voz fraca, mas em tom quase normal:

— Mande sair seus servos. Quero falar sobre um assunto de importância vital.

Orogastus disse para as Vozes:

— Dentro de uma hora, vou partir para a minha torre no Monte Brom. Providenciem uma escolta fortemente armada e montada, com os ginetes mais rápidos que encontrarem.

— Sim, Mestre Todo-Poderoso. — As Vozes saíram e fecharam a porta.

— Vai partir?... — perguntou o rei, desapontado.

— Minhas Vozes se encarregarão de apressar sua cura. Preciso voltar para Labornok, a fim de consultar o espelho de gelo no meu forte na montanha. Somente por meio do poder do espelho poderei saber onde estão os inimigos.

O rei suspirou, satisfeito.

— Era sobre isso que eu queria falar. Nenhuma notícia das três jovens fugitivas, em Trevista?

— Nenhuma. A líder dos nativos recusou terminantemente colaborar na busca. Ela disse que, se tentarmos coagir os habitantes do pântano, terminará todo o comércio entre eles e nós.

O rei praguejou e gemeu.

— Precisamos encontrar aquelas princesas.

— Meus acólitos e eu exercemos nossos poderes ao máximo, revistando não só a cidade dos oddlings, como os pontos mais remotos de Ruwenda. Tudo em vão. Algum encantamento poderoso opõe-se à minha Visão, mesmo quando ampliada pela conjunção mental. Dizem que as três princesas possuem amuletos com botões do Trílio Negro. Talvez sirvam como escudo. Esse arbusto está ligado a Binah, a bruxa guardiã de Ruwenda, e é possível que ela tenha canalizado para os amuletos o pequeno poder que ainda lhe resta para defender suas protegidas.

— Seu espelho vai conseguir anular essa ofuscação?

— Sem dúvida alguma. Ele tem a força da magia dos Desaparecidos. Nenhum encantamento em todo o mundo conhecido pode suplantar sua visão a distância. O espelho pode ver a quinhentas léguas — até o extremo leste do continente, onde habitam os bárbaros emplumados. Não tema, meu rei, eu vou encontrar as princesas, não importa onde elas se escondam.

— E depois de descobrir o paradeiro daqueles três demónios? Elas podem escapar muito antes de você voltar a Ruwenda para começar a caçada.

Orogastus riu.

— Meu rei, deixe tudo comigo. A Voz Vermelha ficou em Trevista, com a guarnição, esperando minhas ordens. Quando eu encontrar as princesas, comunico seus esconderijos a todos os meus assistentes e enviaremos grupos de busca, sem

demora. As Vozes os guiarão e eu transmitirei constantemente notícias sobre os movimentos das fugitivas até nossas inimigas serem capturadas e tratadas como merecem.

— Ótimo. Ótimo. — O rei ficou em silêncio por alguns momentos e depois disse: — As princesas foram realmente a causa da necrose do meu ferimento, não foram?

— Coisas como essa podem ser o resultado de magia, mas também acontecem no curso normal dos fatos. De qualquer modo, senhor, logo estará bem. Infelizmente a doença que o acometeu só pode ser tratada com métodos drásticos.

O rei fechou os olhos outra vez, com um sorriso cansado nos lábios pálidos.

— Mas você chegou a tempo. Assim, meu querido filho Antar terá de se resignar com a perda da coroa que esteve tão perto das suas mãos.

O feiticeiro disse, com voz inexpressiva:

— O príncipe herdeiro comportou-se com dignidade e honra em Trevista e envia suas preces para seu restabelecimento.

— Ummmm! Sua Voz Verde passou aos outros acólitos a imagem do encontro de Antar com a oddling Observadora. O garoto desmoronou na frente dela como um bolo de casamento durante as chuvas! — As pálpebras reais abriram-se. — O que você acha, mago? Meu filho é leal?

— Vamos saber, meu rei, uma vez que o Príncipe Antar certamente comandará um dos grupos de busca das três princesas.

CAPÍTULO 17



Na manhã seguinte, Haramis acordou com o sol nos olhos e a sensação de que alguma coisa estava muito errada. Depois de algum tempo compreendeu o que a havia perturbado. O silêncio. Uzun sempre levantava antes dela e Haramis acordava com o ruído do oddling andando de um lado para o outro, cantarolando baixinho. Mas agora era dia claro, o ar estava parado, os pássaros silenciosos, e não ouvia nenhum sinal de Uzun, nem mesmo um ronco.

Haramis olhou para o saco de dormir do amigo, ainda encostado na rocha, onde ele o havia colocado na noite anterior. Aparentemente, Uzun dormia ainda. Haramis deixou com relutância o calor do saco de dormir, percebendo que a temperatura estava muito mais baixa do que na véspera, apesar do sol. Olhou para o céu sem nuvens, com os olhos semicerrados, e só então compreendeu que as nuvens do dia anterior eram o anúncio da chegada iminente de uma onda de frio.

Foi até o saco de dormir de Uzun e abriu a parte superior. Viu o rosto do oddling imóvel e inexpressivo e teve a certeza de que ele estava morto.

— Senhores do Ar — murmurou ela com horror. — Eu devia tê-lo mandado de volta ontem — não, muito antes!

Segurou Uzun pelos ombros e o sacudiu com força.

— Por favor, Uzun, acorde! Não morra! Por favor!

O corpo balançou molemente e o que restava de racional em Haramis lembrou que cadáveres ficam rígidos. Talvez ele estivesse vivo...

Haramis o deitou outra vez devagar, descalçou a luva da mão esquerda e encostou a palma na boca do oddling. Depois do que pareceu uma eternidade, sentiu a respiração na sua pele e com um intervalo maior ainda, mais outra. Uzun estava vivo, mas precisava levá-lo a algum lugar mais quente, e bem depressa.

Haramis aconchegou o saco de dormir em volta do músico, voltou para o seu e calçou as botas. Depois, encostou a mochila e o cajado com ponta de

ferro numa rocha, ao lado de Uzun, olhando ansiosamente Para o céu. Tinha quase certeza de que não ia nevar naquele dia, e, com sorte podia estar de volta à noite. Não tinha Perigo deixar a mochila, não havia animais naquela região.

Ergueu o saco de dormir com Uzun dentro e tirando a neve acumulada no lado de fora, enfiou no seu. A camada adicional de agasalho talvez ajudasse, embora ficasse mais difícil carregar agora. Felizmente Uzun não era Pesado e o caminho era todo descida.

Haramis desceu o mais depressa Possível, o que era na verdade bem depressa, especialmente quando ela deslizava e escorregava, segurando Uzun contra o peito até conseguir parar. No final da manhã tinham saído dos campos nevados e ao meio-dia chegaram ao acampamento da noite anterior.

Era uma alcova nas rochas, seca, Protegida do vento e naquele momento banhada de sol. As Paredes da caverna estavam quentes. Haramis encostou Uzun na Parede e saiu à procura de madeira para o fogo. Uzun havia se encarregado desse trabalho na noite anterior, mas Haramis lembrava-se para que lado ele tinha ido e também que ele não havia demorado muito.

Voltou e verificou a condição de Uzun. Ele estava ainda inconsciente, mas a respiração parecia mais rápida, o que era bom sinal. Haramis fez a fogueira o mais Próximo possível do oddling e ferveu água para o chá. Uzun dormia ainda quando o chá ficou pronto e o cheiro a fez lembrar que não havia comido nem bebido nada. Tomou alguns goles de chá e comeu um pouco da ração da mochila de Uzun. Ele não vai precisar de muita comida na viagem para o sul. Toda a região tem bastante alimento. Sentindo-se mais animada, ergueu a cabeça do oddling Uzun e o fez tomar um pouco de chá. Para alívio de Haramis, o oddling pareceu reviver um pouco com o calor da bebida.

— Devagar, Uzun — murmurou ela. — Tome um pouco. Ele obedeceu e, cedendo à insistência dela, tomou mais alguns goles. Então, empurrou o bule, dizendo:

— Muito cansado.

— Eu também estou — concordou Haramis.

Era verdade. Estava exausta. Tomou o resto do chá, encostou na parede de pedra e pôs Uzun no colo. Talvez fosse bom conservá-lo perto do seu corpo,

para aproveitar o calor. O sol estava delicioso. Haramis fechou os olhos e virou o rosto na direção da luz...

— Princesa! — O embrulho no seu colo remexia-se freneticamente. — O que estamos fazendo sentados aqui? A semente com certeza não parou tão cedo. — Uzun virava a cabeça de um lado para o outro, procurando se orientar. — Onde estamos? O que aconteceu?

Haramis balançou também a cabeça, um tanto confusa. Quase nunca dormia durante o dia — pelo menos, nunca, quando estava bem de saúde — e sentia-se como se estivesse drogada ou envenenada.

— Chá — murmurou ela. — Preciso tomar chá. — Estendeu a mão, encontrou o bule e tentou se levantar.

Uzun desvencilhou-se dos dois sacos de dormir.

— Vou preparar.

Tirou o bule da mão dela, pôs mais lenha no fogo e mais água para ferver. Para os olhos sonolentos de Haramis, ele parecia perfeitamente bem. Então os oddlings podiam ser congelados e descongelados sem nenhum efeito prejudicial? Parecia incrível. Pelo menos, Uzun podia voltar sozinho, agora.

Uzun levou o chá que Haramis tomou aos goles, sentindo que sua cabeça começava a entrar em ordem outra vez. Tomou metade do bule e deu o resto para Uzun.

— Uzun — começou ela, ansiosa para compartilhar o que havia aprendido na sua descida difícil da montanha.

— Acho que nós passamos tempo demais na biblioteca e na sala de música. Estamos agindo como um par de heróis idiotas numa missão — como se estivéssemos destinados a ter sucesso, não precisando portanto usar a cabeça e o bom senso. A Dama Branca disse que teríamos de nos separar antes do fim da missão, mas não disse que eu ia fazer isso arrastando-o para uma temperatura que seu corpo não suporta e deixando-o morrer congelado.

O oddling examinou atentamente a caverna.

— Conheço este lugar. Mas não foi aqui que paramos a noite passada, foi?

— Não, não foi — respondeu Haramis. — Este foi nosso acampamento duas noites atrás. Quando acordei esta manhã, você estava congelado, quase morto — na verdade, a princípio, pensei que estava morto. Sua pele estava

tão fria quanto o ar e sua respiração tão lenta que levei algum tempo para ter certeza de que estava vivo. — Haramis estremeceu. — Então eu o enrolei nos dois sacos de dormir e o carreguei para cá, esperando que você descongelasse e sobrevivesse. — Respirou fundo. — Graças ao Deus Triúne, deu certo. Você está bem, não está? — perguntou, ansiosa.

Uzun ficou abalado com a história, mas, depois de pensar um pouco, respondeu:

— Sinto-me muito bem. Estou ainda com um pouco de frio, mas não é nada sério. Logo estarei pronto para continuar.

— Ótimo — disse Haramis. — Agora que está fora da neve, pode voltar sozinho para Trevista, e eu continuo minha jornada. — Procurou os apetrechos de pesca na mochila.

— Agora, volte para os sacos de dormir e procure descansar. Vou ver se apanho algum peixe para o jantar. Se pegar bastante, nós dois teremos comida amanhã também.

— Mas, minha princesa — protestou Uzun —, vai perder pelo menos dois dias. E pode ficar sem as sementes para mostrar o caminho.

— Os dois dias já estão perdidos, meu velho amigo — Haramis suspirou —, mesmo que eu siga viagem neste momento, só chegarei ao nosso último acampamento de madrugada — supondo que seja capaz de viajar à luz da lua com a mesma rapidez com que viajamos durante o dia, o que eu duvido. Mas amanhã não vou precisar de outra semente — tive o cuidado de marcar alguns pontos de referência quando descemos, e posso voltar sem nenhuma ajuda. Além disso, acho que não vai nevar esta noite, o que significa que posso seguir as marcas dos meus passos. Portanto, não se preocupe comigo, fique perto do fogo e descanse, Uzun, pelo Deus Triúne, você quase morreu!

— Acha que eu não ficaria feliz se morresse para servila? — perguntou ele, ofendido.

— Estou certa de que ficaria — disse Haramis, irritada. — Foi exatamente o que eu quis dizer, só temos na cabeça o eco de antigas baladas. Pode estar certo de que, quando eu estava descendo e escorregando na neve, carregando um amigo de infância que podia morrer porque fui tola a ponto de não notar que ele estava doente de frio, minha mente não estava

procurando frases rimadas para uma canção sobre sua morte heróica. Fui uma idiota não notando que você estava doente e você foi idiota por não me dizer. Morrer congelado não vai ajudar nem um pouco Ruwenda, e eu ficaria louca de dor e de culpa. A perda de dois dias de viagem é um preço muito pequeno por sua vida. Talvez — continuou, pensativamente —, talvez uma rainha tenha de sacrificar, às vezes, a vida de um do seu povo, mas, pelos Senhores do Ar, se eu tiver de fazer isso, vou precisar de uma razão muito boa!

— Seria capaz de me negar a oportunidade de ser fiel até a morte? — Uzun estava ofendido.

— De modo algum — disse Haramis. — Apenas não acho que agora seja o momento certo para você morrer servindo-me. Afinal, se você morrer agora, quem vai ser meu músico-chefe quando eu recuperar meu trono — e quem vai ensinar meus filhos a tocar a flauta flipe?

Uzun alegrou-se consideravelmente.

— Muito bem, minha princesa, será como deseja. Voltarei para minha terra para esperar sua volta ao trono e minha volta ao seu serviço.

— Eu também espero ansiosamente por esse dia — disse Haramis, sorrindo, ajeitando melhor o segundo saco de dormir em volta dele. — Agora, durma, meu amigo.

As pálpebras de Uzun tremeram e se fecharam e Haramis passou a mão na testa do pequeno oddling. Ele estava mais quente agora, ia ficar bem. Aliviada, contendo as lágrimas, foi para o rio à procura de peixes.

— Princesa, acorde! — Uzun sacudia o ombro dela com urgência. — Vai nevar hoje, portanto, precisa partir o mais depressa possível.

Haramis abriu os olhos. Nuvens cinzentas cobriam o azul do céu, esperando o momento certo para cobrir tudo de neve. Ela sentou-se, com um gemido. Estava cansada ainda da descida da véspera. Carregar Uzun deu trabalho a músculos que não usava há muito tempo. Seus braços doíam, das mãos até os ombros.

Uzun atarefado, junto ao fogo, preparou o chá e o levou para Haramis.

— Princesa — perguntou, olhando em volta —, onde está a sua mochila?

Haramis tomou rapidamente o chá.

— Deixei no acampamento lá em cima — acho melhor eu voltar depressa antes que fique enterrada na neve!

Levantou-se rapidamente, enrolou o saco de dormir e o amarrou em volta da cintura.

— Acho melhor você também sair logo daqui, Uzun. Não vai querer ficar preso na neve!

— Tem razão — concordou Uzun, colocando um bom pedaço de pão para viagem na mão dela. — Coma isto enquanto caminha, e que os Senhores do Ar a acompanhem.

— A você também, meu amigo. — Haramis o abraçou com força, relutando em deixá-lo. Depois começou a subida.

Pelo menos não preciso ficar olhando uma semente voadora, assim posso prestar mais atenção onde ponho meus pés, pensou ela. Agora, se a neve pelo menos esperar um pouco.

Subiu a montanha rapidamente, pois não carregava tanto peso quanto da primeira vez que passou por ali e sabia exatamente para onde estava indo. Quando a neve começou a cair, tinha vencido metade do caminho e, quando chegou ao acampamento, uma pequena camada de neve cobria sua mochila.

Haramis a apanhou, comeu mais pão e abriu espaço perto da rocha, para dormir. Estava escurecendo rapidamente, mas com a neve não ia conseguir manter o fogo aceso, por isso entrou no saco de dormir com a mochila e esperou a chegada do sono.

Mas seus nervos que durante todo o dia tinham gritado, depressa, depressa, depressa, não conseguiam se acalmar agora. Haramis sentiu-se mais sozinha e desamparada do que nunca. Era a primeira vez em sua vida que ficava sozinha. Antes da invasão tinha sempre a companhia dos pais, das irmãs, de Uzun e dos outros habitantes da Cidadela. Depois, Uzun estivera com ela o tempo todo, a não ser nas horas que havia passado com a Arquimaga. Embora, algumas vezes, em casa, tivesse desejado um pouco mais de privacidade, agora, que tinha toda a privacidade do mundo, não tinha certeza de estar gostando.

Além da solidão, outras coisas a preocupavam. A primeira delas era Uzun. Pediu aos Senhores do Ar que o conduzissem a salvo e agora, com tempo para pensar, e nada mais para fazer, outras perguntas lhe vinham à mente.

Por que Uzun não havia dito que não podia continuar, antes de quase morrer gelado? Por que a Arquimaga não a avisou para se separar de Uzun antes de chegar aos campos de neve, em vez de dizer apenas que o velho músico ia deixá-la antes de ela encontrar o talismã? Se contasse só com a ajuda dos dois, Uzun estaria morto!

É claro que a culpa era tanto sua quanto deles. Falhou também no seu julgamento, mas eles eram mais velhos. Não deviam saber mais do que ela?

Eu sou rainha de Ruwenda, pensou ela, e a responsabilidade é minha, mas ainda preciso dos conselhos de pessoas nas quais possa confiar — quanto posso confiar nos dois? Uzun não parece conhecer suas limitações mais do que Kadiya conhece as dela ou, se conhece, não as admite facilmente. Quanto à Arquimaga, será que não sabia o quanto Uzun é sensível ao frio, ou não julga que ele seja suficientemente importante para se preocupar?

Seus amados pais, lembrou ela, também não eram muito experientes nas coisas do mundo e na diplomacia. Era sabido na corte que Labornok cobiçava Ruwenda e, embora Haramis não quisesse se casar com Voltrik, seus pais podiam fingir que estavam dispostos a negociar, ou alegar que os preocupava a grande diferença de idade entre Haramis e Voltrik, sugerindo uma união com o filho do rei de Labornok. Qual era mesmo o nome dele? Oh, sim, Príncipe Antar. E se Ruwenda queria uma aliança com Var, uma idéia certamente válida, Haramis não era a única filha da casa real. Era difícil imaginar Kadiya como esposa de alguém, mas Anigel seria uma noiva esplêndida para uma aliança diplomática. Era tão dócil e gentil que podia se dar bem com qualquer pessoa. E se eu sou capaz de pensar em tudo isso, assim sem mais nem menos, pensou Haramis, o que meus pais e seus conselheiros estavam fazendo? Confiando na Dama Branca?

Evidentemente, concluiu ela, é preciso considerar a capacidade de uma pessoa, e suas intenções, quando pedimos conselhos ou quando dependemos da ajuda de alguém. Então, quem havia agora, se é que havia alguém, para ajudá-la? Pensando nisso tudo, Haramis adormeceu.

CAPÍTULO 18



A Princesa Anigel quase desmaiou quando a Arquimaga disse o que era o talismã que ela devia procurar. Um Monstro com Três Cabeças! A perspectiva teria apavorado até mesmo a corajosa Kadiya ou a confiante Haramis. Era ridículo pensar que ela pudesse encontrar e domar uma coisa dessas. Não! Era impossível!

Num acesso de choro furioso, foi o que ela disse para Immu (pois a Arquimaga dormia profundamente e não podia ser acordada), mas a nyssomu apenas a aconselhou a ser paciente.

— Há muitos tipos de monstros — disse Immu — e nem todos são como os skriteks, com olhos de fogo, garras e presas afiadas, pois a palavra tem muitos significados. Enquanto não vir o talismã com seus próprios olhos, princesa, acho melhor não resolver se deve ou não ter medo dele.

O bom senso de Immu a reconfortou em parte. Como a Dama Branca dormia, esquecida do mundo, as duas ficaram à vontade. Lavaram-se, fizeram um ótimo jantar com o que encontraram na despensa farta, depois deitaram no chão na frente da lareira, uma de cada lado da cadeira da Arquimaga, para o caso de ela precisar de alguma coisa durante a noite.

De manhã, a Dama Branca tinha desaparecido...

Bem como a casa, o jardim com os togars comendo grama, o Trílio Negro, o pequeno pomar e até a escada de pedra e o cais onde elas haviam desembarcado.

Anigel e Immu estavam deitadas nos seus sacos de dormir acolchoados com folhas tenras, numa encosta, sob as folhas enormes de uma bruddok, a árvore que os nyssomus chamavam de a "amiga dos viajantes", por causa das suas folhas acolhedoras e dos frutos doces e suculentos. A única indicação de que não estavam no meio de uma selva eram as ruínas de Noth, visíveis atrás das árvores, no outro lado do rio, na praia onde antes estava o chalé.

Anigel, desapontada, começou a chorar. Por um momento acreditou que seu encontro com a Arquimaga fora um sonho. Mas então encontrou sob o saco de dormir a folha grande e verde com o caminho marcado da ponta até a haste. Immu chegou perto da água e de repente exclamou:

— Olhe olhe olhe! A Dama Branca nos deixou um presente!

Ainda chorosa, Anigel saiu do saco de dormir e aproximou-se da margem da lagoa. Entre os juncos altos e as flores amarelas malcheirosas estava um barco. Não era como o dos uisgus, de junco trançado, que as havia levado até Noth, mas o modelo maior, dos nyssomus, feito de um tronco de kala, que ela costumava ver no rio, em volta da Cidadela. Mas havia uma diferença — além dos remos e forqueias (estas desmontadas, dentro da embarcação), tinha na proa um reforço ao qual estavam presos dois tirantes de couro, que passavam por anéis laterais externos, com duas pontas sobre o banco central e as outras duas dentro da água lamacenta.

Anigel examinou o barco por um momento, sem compreender.

— Você acha... — Então deu um grito. Duas cabeças enormes, cobertas de pêlo malhado de verde, ergueram-se da água, finas e fortes, com enormes olhos negros, bigodes de cerdas duras, as presas à mostra nas bocas abertas para um silvo hostil.

— Rimoriks — disse Immu. — Que horror.

— Mas não temos nenhum uisgu para conduzi-los — disse a princesa, com voz trêmula.

— Mesmo assim, parece que a Arquimaga quer que usemos este meio eficiente de transporte.

Anigel mordeu o lábio. Sem olhar para Immu, perguntou:

— Acha que você poderia?

— Não, Princesa Anigel — disse a oddling, solenemente. — Esses animais só trabalham por amizade para aqueles que tomam o miton sagrado.

Anigel voltou-se, trêmula, para as duas criaturas.

— A Arquimaga os mandou para nos ajudar? — perguntou.

A resposta foi um silvo ameaçador. Os rimoriks mergulhavam e emergiam de dentro da água, impacientes, deixando ver os arreios que os prendiam. O

barco sacudia nas ondas que eles provocavam, esticando a linha que o prendia a uma pedra, em terra.

Anigel fechou os olhos.

— Immu, você não pode tomar o miton?

— Não, minha filha — disse a velha ama, com voz suave. — Foi um presente dos uisigus para você... e agora sabemos por quê.

Immu voltou para apanhar a bagagem das duas e alguns frutos do bruddok, para reforçar a ração de viagem. Pôs tudo no barco e estendeu o jarro vermelho de miton para a princesa.

Anigel o apanhou. Com os olhos assustados e o rosto molhado de lágrimas, ela tirou a tampa e ergueu o pequeno jarro para que os rimoriks pudessem vê-lo.

— Eu devo beber — é isso?

Os grandes animais aquáticos fecharam as bocas e mergulharam, deixando só a narina e os olhos negros e desconfiados acima da água. Imóveis, observaram Anigel.

A princesa levou a mão ao amuleto. Com a outra, levou aos lábios pálidos o líquido rubro e tomou um pequeno gole..

Está vendo, irmão, como a fêmea humana tem medo de nós.

Ela tem mais medo do miton, mesmo assim, ela bebeu. Humana! Pode nos ouvir? Quer ser nossa amiga?

— Quero — murmurou Anigel.

Então, molhe dois dedos com o miton, entre na água e compartilhe a bebida conosco.

Atordoada, ela obedeceu, prendendo a bainha do vestido no cinto. A lama quente do fundo da lagoa insinuou-se entre os dedos do seu pé e ela entrou na água até os joelhos. Estendeu a mão com o líquido vermelho-escuro pingando dos dois dedos.

Os animais peludos e malhados de verde deslizaram até perto dela e, apoiando as patas da frente no fundo, abriram as mandíbulas. Estenderam as línguas que pareciam dois chicotes aguçados, capazes de cortar o corpo coberto de escamas de um peixe com a facilidade de uma azagaia. Anigel

tinha a impressão de estar observando tudo de longe, como espectadora de uma peça fantástica, representada pela jovem na água e pelos dois rimoriks. Primeiro um dedo, depois o outro, tocaram as línguas predadoras. Assim que engoliram o líquido, sua expressão mudou. Agora, irradiavam bondade, em vez de selvageria, e Anigel não sentiu mais medo deles.

A princesa fechou o pequeno jarro e o guardou na bolsa, no cinto, ao lado da folha de trílio. Atordoada, Anigel tinha a impressão de Ver a folhagem, a água coberta de algas da lagoa, a superfície cinzelada do barco com maior nitidez e clareza. Sentia odores sutis que não havia notado antes, seus ouvidos chegaram a doer, por um momento, com a quantidade e a ampliação de sons variados. Sua pele parecia se arrepiar com o toque da brisa leve e recusar a aspereza da roupa que vestia. Mas suas pernas eram acariciadas pela água corrente e a lama era como veludo macio nos seus pés. O miton vai mudá-la.

O miton vai deixá-la apreensiva, no começo, aguçando demais seus fracos sentidos humanos. Mas esse mal-estar passa logo. Vai sentir-se forte e corajosa, como nós.

— Sim... já me sinto melhor.

Isso é bom. Significa que podemos ser amigos dos humanos, que podemos compartilhar da sua inteligência e vocês, da nossa força e coragem.

— Dizem que sou inteligente. Nunca me considerei inteligente. Mas farei o melhor possível para ser, se me emprestarem sua coragem, pois sem ela nenhuma inteligência será suficiente para realizar minha missão.

A Dama Branca nos deu ordens para ajudá-la. Faremos o melhor possível.

— Vocês têm nomes?

— Você não saberia dizê-los. Pode nos chamar de amigos

— O quê... o que fazemos agora?

Mentalmente, Anigel ouviu as risadas dos dois rimoriks. Mas quem respondeu foi a velha e rabugenta Immu.

— Fazer fazer fazer! E você, a inteligente! Que piada! A Floresta Tassaleyo fica a mais de trezentas léguas daqui, e não podemos nem começar nossa procura antes de chegarmos lá. Que tal entrar no barco, tolinha, segurar as rédeas e começar a viagem?

Os rimoriks pareciam saber exatamente qual o caminho que deviam seguir, valendo-se do que Anigel tinha visto na folha do Trílio Negro. Desceram, veloz e descuidadamente, o Rio Nothar, uma vez que não havia perigo de encontrar nenhum labornok. Não viram nem sinal de Kadiya e os rimoriks não sabiam nada sobre ela. Quando o barco entrou no Alto Mutar, mais largo, Anigel fez com que nadassem mais devagar e com mais cuidado, perto da margem, para não serem facilmente descobertos pelo inimigo. Viram uma meia dúzia de canoas cheias de labornoks, logo depois de Trevista. Mas não foram vistos, embora uma das canoas tivesse passado a menos de vinte ells das fugitivas.

Todas as noites escolhiam um lugar para descanso. Anigel entrava na água e desatrelava os animais que se afastavam para caçar. Uma parte dos peixes e outras criaturas aquáticas que apanhavam, os rimoriks levavam para a nova amiga, e de manhã elas sempre encontravam alguma coisa para a primeira refeição. Porém, antes de atrelar novamente os rimoriks, Anigel tinha de tomar o miton e depois dar a parte dos animais.

Na quarta manhã da jornada rio abaixo, a princesa acordou no escuro silencioso do amanhecer, quando as criaturas noturnas se calam e as diurnas não acordaram ainda. Uma neblina espessa envolvia a pequena ilha nos arredores de Trevista e a umidade formava gotas que pingavam das folhas. Um pingo d'água caído da canoa emborcada que lhes servia de abrigo a acordou.

Mais uma vez seu sono fora sem sonhos.

Ficou deitada, ouvindo os pingos de orvalho e o ressonar discreto de Immu, segurando com força o amuleto. Nenhum sonho de seca e fogo. Nenhum pesadelo, desde a noite em que haviam dormido no chão, na casa encantada da Dama Branca. Era estranho que não tivesse notado antes..

Estarei realmente curada da minha covardia? Não, não podia ser. Sentia ainda um medo desesperado — medo de ser capturada e morta pelos soldados labornoks, medo da misteriosa Floresta Tassaleyo e dos nativos desconhecidos que a habitavam, medo, acima de tudo, do terrível talismã que devia encontrar, o Monstro de Três Cabeças.

Mas o pesadelo tinha acabado — era a advertência do seu eu secreto. O que significava isso? Pensou em perguntar para Immu, mas a velha oddling

dormia a sono solto, murmurando uma vez ou outra na sua língua, e a princesa não teve coragem de acordá-la.

Com esses pensamentos, Anigel adormeceu outra vez.

Várias barcaças com soldados e suprimentos subiam e desciam o Baixo Mutar. Era como se os invasores tivessem se apossado de toda a frota mercante de Ruwenda — para quê, Anigel e Immu não sabiam. Certa tarde, escaparam por pouco quando, depois de uma curva do rio, viram uma barcaça que navegava para elas em curso de colisão. Anigel segurou o amuleto e tentou fazer com que as duas ficassem invisíveis, mas o talismã não a atendeu. Porém, antes que ela entrasse em pânico, os rimoriks mudaram o rumo, atravessando o rio em ângulo reto e escondendo o barco atrás de um grande obstáculo flutuante. Os homens de Labornok, ofuscados pelo sol poente, passaram sem vê-las.

Quando alcançaram as regiões mais populosas, acima da Cidadela, a princesa dirigiu os rimoriks para os canais secundários e os remansos menos movimentados. Sua sorte começava a parecer quase sobrenatural. Uma vez que não podiam trocar os rimoriks por outros descansados, como faziam Lebb e Tirebb, na viagem para Noth, navegavam mais devagar, mas numa boa velocidade, e não estavam expostas aos perigos naturais do rio, como o gigantesco peixe carnívoro, o milingal, que infestava a região do Pântano Negro atravessada pelo Baixo Mutar, protegidas pela natureza combativa dos rimoriks. Muitas outras criaturas aquáticas mantinham-se a distância, à passagem dos grandes carnívoros peludos.

A primeira ameaça real surgiu no dia em que estavam acampadas a poucas léguas da Cidadela, esperando a noite para atravessar o Knoll com maior segurança, e Anigel descobriu que o jarro vermelho de miton estava vazio. A tampa havia se soltado e não tinha mais nem uma gota do líquido precioso.

— Isto é horrível! — exclamou a princesa. — Logo aqui, na parte mais perigosa do rio, com soldados inimigos por toda parte! Sem o miton, os rimoriks não vão nem nos deixar entrar no barco. Lembra-se daquela manhã quando eu me esqueci do ritual? Arreganharam os dentes como se eu fosse uma estranha! Ó, Immu, o que vamos fazer? Sem a ajuda dos rimoriks, nunca chegaremos à Floresta Tassaleyo.

— Só há uma coisa a fazer — disse Immu. — Você tem de preparar mais miton.

— Mas, como? — disse a jovem, irritada. Então arregalou os olhos azuis, compreendendo. — Mas não posso! — gemeu. — Nem em mim — muito menos neles!

— Posso ajudar a tirar seu sangue — disse Immu. — O processo é indolor, depois da primeira picada. Mas você tem de se encarregar dos seus amigos de dentes afiados. Se eu chegar perto deles com minha faca, me engolem de uma só vez.

Depois de um momento de hesitação e repulsa, a princesa concordou. Immu espremeu o suco de algumas folhas, depois, com a adaga afiada, fez um pequeno talho no pulso de Anigel. A princesa ficou impassível. O suco das plantas derramado no corte impediu a coagulação do sangue e Immu o aparou no côncavo de uma folha de dogo. Passou o sangue para o pequeno jarro vermelho, lavou o corte com orvalho, colocou sobre ele uma flor azul medicinal e fez uma atadura apertada.

— Pronto! — A oddling deu o último nó na atadura de relva. — Agora, não tenho idéia de como você vai tirar o sangue dos rimoriks.

— Vou perguntar a eles — disse Anigel. E os animais responderam.

— Traga uma folha-prato para o barco.

Eles estavam desatrelados, na água rasa, perto da popa do barco. A proa estava em terra. Anigel foi até a popa e eles se aproximaram. Um depois do outro, ergueram metade do corpo fora da água, morderam a ponta de uma das nadadeiras providas de garras e deixaram o sangue escorrer na folha. Depois, um deles nadou para longe e voltou com uma erva do pântano de flores vermelhas, arrancadas com raiz e tudo.

Esprema um tubérculo desta planta e misture com sangue. Assim é feito o miton. O povo do pântano costuma coar o líquido, mas não é necessário.

— Obrigada, meus amigos — disse Anigel.

Ela seguiu as instruções e logo o jarro estava cheio com o líquido sagrado vermelho-escuro, com gosto de sal e de açúcar. A princesa estava acostumada com a bebida e o estímulo dos sentidos provocado por ela lhe

parecia tão normal que só se sentia realmente acordada de manhã, depois do ritual com os rimoriks.

Muito depois, nas primeiras horas quietas e escuras da madrugada seguinte, quando tinham quase terminado a Pas” sagem perigosa do Knoll da Cidadela, e navegavam velozmente pelo remanso, na entrada do Pântano Verde, Anigel lembrou-se de perguntar a Immu se o miton havia provocado alguma mudança na sua personalidade — como diziam que mudava a dos nyssomus que o tomavam.

— Você é a mesma pessoa querida que eu sempre amei — disse Immu —, talvez mais madura e mais experiente, menos exigente com a comida e com o lugar em que descansa a cabeça à noite, ou onde faz suas necessidades. Também se transformou numa barqueira consumada. Não sei se seu povo consideraria isso como uma melhora.

Anigel disse, olhando para Immu por sobre o ombro:

— Desde que deixamos Noth não tive mais os pesadelos. Acha que é porque agora sou corajosa, Immu?

— Corajosa ou louca — disse a velha oddling, num resmungo, agarrada com toda a força na borda do barco, enquanto deslizavam velozmente no meio de uma floresta de kalas, ao norte da Grande Passarela. Pela primeira vez não havia neblina e as Três Luas bruxuleavam entre os galhos cobertos de musgo. — Veja só, princesa, segurando as rédeas como um veterano cavaleiro com seu voluminal, enquanto voamos na escuridão, mais rápido do que os bandidos skriteks! Percorreu um longo caminho desde o tempo em que se considerava ousada por tentar um novo passo de dança ou um novo ponto de bordado.

— Mas eu ainda sinto medo, Immu.

— É claro que sente. Eu também — e com um bom motivo! Se não diminuir a velocidade dessas duas criaturas danadas, podemos acabar grudadas numa árvore, com os pássaros noturnos rindo dos nossos ossos quebrados.

Anigel puxou um pouco as rédeas dos rimoriks.

— Eles enxergam no escuro. Não corremos perigo aqui. O perigo está mais adiante — eu sinto.

— Isso pode ser verdade.

— Você acha que as minhas irmãs também estão procurando seus talismãs?

— Provavelmente.

— A Dama Branca foi cruel separando-nos — exclamou Anigel, de repente.

— Nascemos juntas. Sempre vivemos juntas. Seria muito mais fácil se ela nos deixasse compartilhar nossas procuras. Podíamos nos ajudar mutuamente!

— Sem dúvida — resmungou Immu com voz cansada. Inclinou a cabeça e as orelhas longas e pontudas tatalaram ao vento, contra o linho fino e sujo da touca da corte, que ela insistia em usar. — Mas ela não as privou dos servos fiéis.

A princesa conteve-se para não expressar a nova queixa que chegou aos seus lábios. Sim, foi ajudada por muitos nativos, para não falar nos rimoriks. Mas a companheira e auxiliar mais constante foi sempre Immu — e o que tinha feito para demonstrar sua gratidão à velha ama, desde o começo daquela jornada? Para ela, Immu era presença obrigatória. Nunca perguntou se a velha oddling estava cansada ou com medo. E agora as duas estavam sem dormir um dia e parte da noite, porque Immu não aceitou a sugestão da princesa de um cochilo durante a viagem noturna. Anigel sentia-se cheia de energia e entusiasmo, ansiosa para continuar, e os rimoriks, sentindo essa urgência, respondiam à altura. Mas Immu estava evidentemente exausta...

— Encontrem um lugar seguro para uma parada — ordenou ela aos animais.

Sim, amiga, responderam eles. Diminuindo a velocidade, levaram o barco para a margem atravessando uma espessa cortina de trepadeiras floridas. Logo adiante havia uma ilha alta e seca. Quando o barco raspou o fundo, Immu fungou. Ergueu a cabeça e abriu os olhos com um estalido.

— Acorde, Immu — disse Anigel, suavemente. — Está na hora de ir para a cama.

CAPÍTULO 19



Estavam sendo tratadas como hóspedes de honra, pensou Kadiya, e a pequena parte dela que sabia ser paciente dizia que talvez fosse o máximo que podia esperar deles. Mesmo assim, no segundo dia de hospedagem na aldeia nyssomu, ela fez uma última tentativa para convencer os seus hóspedes a lutarem ao seu lado. Afinal, não se tratava apenas da sua necessidade de conseguir aliados, mas os nativos precisavam se preparar para o pior — a provável invasão dos labornoks.

Kadiya pediu outro encontro com a Primeira da Casa, esforçando-se para não insistir diretamente no que considerava importante, como era seu hábito.

— Senhora — procurou manter a voz num tom baixo e calmo —, esses humanos que chegam agora à sua terra não são como nós, os ruwendianos. Permita-me contar algumas das suas façanhas.

Suas mãos, que descansavam no colo, agora encontraram-se e se entrelaçaram ansiosamente. Só depois de engolir em seco duas vezes, Kadiya começou o relato terrível da morte de seu pai. Revendo mentalmente aquela cena, a náusea transformou-se em fúria.

Era difícil ler qualquer reação nos rostos dos oddlings. Kadiya estava atenta para o menor sinal de que a Primeira estivesse comovida com todo aquele horror.

— Assim eles trataram nosso povo que dominaram depois de uma luta honesta — terminou ela. — Senhora, eles desprezam muito mais o seu povo — o que acha que farão aqui, se invadirem sua aldeia? Os pântanos guardam seus segredos e têm sido seus muros de defesa. Mas esses labornoks trazem com eles um feiticeiro, contra o qual a proteção da Arquimaga nada pode. Lutar honestamente com o aço, espada contra espada, é uma coisa. Combater a magia negra sem armas apropriadas é enfrentar a derrota antes do soar dos clarins. Esta é a sua terra, completamente desconhecida para os invasores. Ao que parece, os skriteks aliaram-se a eles — certamente porque reconhecem que são iguais. Mas

isso pode ser suplantado por seu conhecimento do pântano. Eu lhe digo — se seus costumes não permitem que se aliem à nossa causa, pense na sua!

No breve momento de silêncio, Kadiya pensou divisar um raio de esperança. Talvez o bom senso do que ela acabava de dizer tivesse falado mais alto, afinal. Deixem que Hamil tome Trevista. Deixem que use os skriteks como aliados. Porém, se os nyssomus usassem a própria terra como arma, sem dúvida teriam uma chance.

Mas então a Primeira respondeu com palavras formais, desprovidas de calor.

— Filha do rei, é verdade que seu povo e nós, dos pântanos, há anos nos damos muito bem. Não há entre nós registro de horrores, como os que acaba de descrever. Uma vez que as vítimas foram seus pais e seu povo, é certo que procure toda a ajuda possível para vingá-los. Mas, embora sejamos amigos, temos de honrar uma aliança muito mais antiga, a nossa fidelidade para com a Dama de Noth. Ela a chamou e às suas irmãs. É possível que já tenha um plano de ação. Porém, esteja certa de que estamos prevenidos. Antes da chegada do seu povo, os pântanos conheceram a guerra.

Ela olhava para um ponto acima do ombro de Kadiya, como se estivesse vendo alguma coisa muito importante.

— Há muito tempo, vidas sem conta foram ceifadas. Como imagina que esta terra se tornou o que é hoje, dividida, desolada e tão cheia de perigos que há anos não nos aventuramos por certas trilhas? Aquela guerra não foi nossa, mas nascemos dela — e quando os que lutavam se foram, éramos recém-nascidos, com um mundo estranho atrás de nós, que tivemos de adaptar para viver nele. Juramos então que nenhum nyssomu jamais contribuiria para repetir uma guerra como aquela. À Dama de Noth devemos nossa vida. Com ela, há muito tempo mantemos a paz. Se somos atacados, lutamos, mas não levamos a guerra aos outros. Encontrará suas respostas em Noth, filha do rei.

Assim foi que apenas Kadiya e Jagun continuaram a jornada, e quanto mais se aproximavam do destino, mais ameaçadora a terra se tornava. No Pântano Negro, quase toda a floresta tinha várias tonalidades de verde, a não ser pelo colorido das flores. Ali, no Pântano Dourado, crescia a relva alta e fina com panículos amarelos que davam o nome àquela parte dos

pântanos. Ali também as ilhotas erguiam-se da água espumosa e esverdeada, onde cresciam plantas grandes, de folhas espessas, diferentes de todas as outras que haviam visto. Plantas de cor branco-amarelada com listras vermelhas. Pareciam feridas abertas e infeccionadas, exsudavam um cheiro fétido que atraía os insetos. À medida que o barco de Kadiya e Jagun avançava, mais maléfica parecia a vegetação.

Ouviu uma exclamação abafada de Jagun e, equilibrando-se no barco, virou-se cuidadosamente. Vinda de uma ilhota próxima, algo que parecia uma folha daquelas plantas estranhas movia-se na direção deles. Na aldeia, Jagun havia adquirido uma lança de cabo curto. Ele estendeu o braço e com a ponta da arma levantou a folha, atirando-a para longe, para a lama de onde ela havia saído. Kadiya viu, sob a pretensa folha, pés que pareciam franjas finas, movendo-se espasmodicamente no ar, na frustração de perder a presa. A criatura caiu sobre um pedaço de madeira coberto de musgo e imediatamente enrolou-se nele.

— Snafi — disse Jagun secamente. — Precisamos ficar atentos a eles aqui. Os pés com garras injetam veneno e quando agarram em algo é impossível soltá-los.

Kadiya ficou satisfeita por poder viajar de dia, pois Jagun decidiu que estavam agora longe do caminho conhecido e não seriam vistas. Aquela parte do pântano devia estar cheia das mais diversas armadilhas e viajar à noite seria perigoso.

Aquecido com o calor do seu corpo, o amuleto era um guia seguro. Sua luz brilhante indicava que continuavam na direção certa. Kadiya manejava a vara, procurando combinar o ritmo com o de Jagun, e assim navegavam hora após hora, parando uma vez ou outra para descansar.

Se ela estava enfrentando perigos, pensou, o que estaria encontrando Haramis? E Anigel... Sua irmã mais nova teria sido apanhada pelo inimigo. De certo modo, cada vez mais se convencera de que as duas irmãs haviam escapado da Cidadela, que não eram mais presas indefesas do Rei Voltrik.

Durante a tarde o céu abriu-se de nuvens e ao cair da noite Jagun conduziu o barco para uma ilhota coberta de relva. Já surgiam as luzes estranhas e dançantes da superfície dos pântanos. Nessa noite não desembarcaram, contentando-se com as rações que levavam. Então, Jagun disse:

— Procure dormir.

Dormir! Como era possível, ali, no escuro, sem saber quais os perigos que podiam vir das duas margens? Mas logo Kadiya sentiu os olhos pesados de sono.

O que aconteceu então parecia mais visão do que sonho. Kadiya viu uma cidade — não era Trevista, era uma cidade mais nova, com arquitetura mais descontraída. Não havia sentinelas nos muros, nem no portão aberto bem na frente dos seus olhos. Seria Noth? A cidade a chamava, a atraía. Era uma promessa.

Depois a visão perdeu-se num sonho extenso que foi completamente esquecido. Kadiya acordou de madrugada. Jagun já estava de pé, procurando alguma coisa numa das mochilas de alimento. Logo depois reiniciaram a jornada para a casa da Arquimaga e no começo da tarde a viram de longe.

O que se erguia na frente deles não era a cidade do sonho da princesa. Uma torre monolítica parecia subir da relva fofa e dourada. Enquanto Jagun conduzia o barco nas últimas curvas do rio, Kadiya observou a torre. Finalmente, o fundo do barco raspou em alguma coisa, não um banco de lama, mas a extremidade de uma formação de blocos de pedra.

— Isto é Noth — disse Jagun. — A partir deste ponto, só você, que foi chamada, deve seguir. Eu esperarei sua volta.

O caminho não era muito mais largo do que o barco em que viajavam. Além dele erguia-se a torre, alta como as árvores reais das florestas do sul e parecia esculpida num único bloco gigantesco de granito. A enorme porta estava aberta.

Embora a luz não alcançasse o interior daquela porta cavernosa, a torre não parecia ameaçadora. Mesmo assim, Kadiya sentiu-se como uma criança prestes a ser repreendida por um ato de desobediência, quando se adiantou, resoluta, procurando esconder sua preocupação.

Seja bem-vinda, Kadiya.

A voz ecoou próxima, mas não veio do corredor estreito. Parecia perfeitamente normal. Mesmo assim Kadiya continuou avançando, com uma das mãos no cabo da adaga, a outra segurando o amuleto que pulsava, morno, contra sua pele, acompanhando as batidas do coração. Entrou numa câmara.

No centro havia uma poltrona com espaldar alto, como as que eram usadas por seu pai e sua mãe nas cerimónias da corte. Nela estava sentada a dama que governava Noth (e talvez outros lugares), alisando com movimentos lentos dos dedos longos a borda do manto espesso, negro como uma noite de tempestade, com desenhos em prata, que imitavam os círculos formados por uma pedra atirada na água.

A julgar por seu tamanho, não era uma oddling. Na verdade, devia ser vários palmos mais alta do que Kadiya. O rosto não era jovem nem velho, isento das marcas da idade, mas nos olhos havia um misto de cansaço e força de vontade.

— Kadiya! — Ela inclinou a cabeça, mas não havia calor na acolhida.

A raiva que Kadiya carregava por dentro quase fugiu ao seu controle. Sentiu vontade de atirar sua ira e sua mágoa no rosto daquela estranha intocada, ouvir dos seus lábios a razão do fracasso da sua magia. Não podia ter detido os inimigos de Ruwenda? Seria essa Dama de Noth muito mais fraca do que Orogastus? Sem dúvida sua mágica havia falhado quando era mais necessária! Só com esforço Kadiya não pôs em palavras esses pensamentos. Inclinou a cabeça, com os cabelos cheios de óleo do pântano.

— Senhora.

Compreendeu que não teria nenhuma oportunidade para acusar ou reprovar. Era como uma prisioneira, como se grilhões tivessem sido presos aos seus pulsos quando entrou na torre.

— Tudo chega ao fim — disse a voz inexpressiva. As mãos quase transparentes estavam imóveis agora. — O tempo é criação nossa, por isso ele varia. O que é a passagem de um ano para a montanha? O que é o nascer ou o pôr-do-sol para a mosca do lixo, que vive apenas um dos nossos dias? Para cada um de nós — planta, pássaro, inseto, rocha, homem e mulher orgulhosos — o tempo acaba. Desse modo, para todos aqueles que têm um objetivo, há muito que fazer dentro de uma medida de tempo aparentemente pequena.

Pela primeira vez seus olhos desviaram-se dos de Kadiya e observaram a sala, como dando por falta de coisas que deviam estar ali, ou estranhando a presença de outras.

— Aqui desempenhei meu papel de guardiã. Sim, guardei tudo que é da luz. Existiu certa vez uma grande extensão de água, enfeitada por ilhas, cada uma, uma jóia de rara beleza. E havia os que as habitavam. Por eles — juntou as mãos, unindo as pontas dos dedos num telhado protetor —, fui chamada para uma grande tarefa, pois o mal chegou, e a mudança, e eu me esforcei para erguer fortes proteções.

Depois de um suspiro, continuou:

— O tempo de dor e de preocupações passou. Então, aqueles que vocês chamam de oddlings ousaram aparecer e por eles, embora não fossem do meu povo, continuei a ser a Guardiã. O tempo, cada vez mais pesado, aos poucos aparou as arestas do que tinha acontecido. Finalmente chegou o seu povo. Perscrutei suas mentes e seus corações e vi que eram dignos do Caminho da Luz e que meu tempo não tinha terminado ainda.

— Então, chegou Voltrik, que é igual aos skriteks! — esbravejou Kadiya.
— Onde então estava a nossa Guardiã?

— Mais uma vez ergueu-se o Poder das Trevas — corrigiu a Arquimaga. — Contra o qual meu povo sempre lutou. Com esses invasores veio um, versado nas mais antigas ciências do passado. — Inclinou levemente a cabeça. — Este tempo deve pertencer a ele. Apenas uma defesa consegui erigir quando descobri seus desígnios. Você é uma das três e cada uma possui um talento nunca usado, uma dádiva desconhecida. A vocês cabe a tarefa de derrotar o Poder das Trevas — se puderem pagar o preço do tempo.

— E qual é esse preço? — Kadiya levantou o queixo, procurando ainda não demonstrar nenhum sinal de temor.

— Encontrar seu talismã.. e usá-lo na hora certa.

— Talismã? — Kadiya mostrou o amuleto sem tirar o cordão do pescoço.
— Mas., eu já tenho — recebido de suas mãos, Senhora, se a história for verdadeira.

— Não, esse foi seu guia para chegar até aqui. Deve usar sua própria força — e sua inteligência — para encontrar o talismã que lhe dará poder. O aço sempre foi sua escolha, é direto e rápido, mas muitas vezes é também o caminho mais perigoso na procura do sucesso. Existem outros meios de vencer batalhas.

A Arquimaga levantou-se do trono, alta e ereta. Andando, não parecia tolhida pela idade, seus movimentos tinham a determinação de quem precisa realizar uma tarefa e vai realizá-la. Kadiya alargou seu passo para chegarem juntas à porta da torre de Noth.

A Arquimaga abriu seu manto. À luz do dia, as listras prateadas cintilavam nas dobras pesadas. Tinha nas mãos uma planta colhida, a princesa não sabia de onde, mas reconheceu o fabuloso Trílio Negro pela flor. Rapidamente a Arquimaga partiu uma haste a três dedos dos filamentos da raiz.

— Isto será seu guia — e com ela você vai procurar o Olho Chamejante de Três Partes.

Atirou a haste para a água, onde a canoa descansava, com Jagun dentro dela, profundamente adormecido. Kadiya a viu mergulhar verticalmente como uma flecha. Mas o que era o Olho Chamejante de Três Partes? A Arquimaga devia explicar! Kadiya estava farta de viajar pelos pântanos, seguindo um brilho mágico até a casa de uma feiticeira incompetente. Precisava mais informações para prosseguir na sua busca..

De repente ela estava sozinha. Não havia ninguém ao seu lado e tinha quase certeza de que se procurasse na torre também não encontraria a Arquimaga.

Relutante e furiosa, voltou para o barco. Jagun estava acordado. Kadiya olhou para a água e viu, lá adiante, entre as pequenas ondas provocadas pelo balanço da pequena embarcação, um filete de luz. Verde, mas de um tom de verde que ela jamais vira no pântano. Mais claro, mais suave, brilhando como uma pedra preciosa, mas com a ponta negra, vista apenas como reflexo da luz na água. Kadiya entrou no barco, apanhou a vara e o filete de luz se moveu. Não com o movimento nervoso de uma criatura aquática, mas devagar, acompanhando a velocidade dos dois barqueiros.

Kadiya suspirou profundamente.

— Temos um novo guia, Jagun, e uma nova tarefa. Continuemos nossa viagem.

CAPÍTULO 20



O vento da montanha rugia no desfiladeiro, já trazendo grãos cortantes de granizo. O céu do fim de tarde tinha ainda alguns retalhos azuis, mas durante todo o dia as nuvens haviam se acumulado no sul, acima dos mais altos picos dos Ohogan — o Monte Brom, Monte Gidris e Monte Rotolo. Sem dúvida a tempestade chegaria antes da noite, como um dos arautos das chuvas que deviam começar dentro de duas semanas.

Orogastus estava extremamente cansado. Há oito dias haviam deixado a Cidadela de Ruwenda. O feiticeiro deixara sua escolta armada nas planícies de Labornok e agora, sozinho, aproximava-se do seu santuário, no alto do Monte Brom. Puxando mais para o corpo o casaco de peles, ordenou à sua montaria e aos froniais de carga que o seguissem.

Para a frente! Lá vão encontrar um estábulo aquecido, boa comida e água para beber. Vejam — estou mostrando!. Sigam a trilha! Continuem a subir! Logo o veremos, assim que vencermos a última curva lá em cima. Para a frente! Para a frente! Depressa!

Os três froniais ergueram as cabeças e as pontas douradas dos seus chifres cintilaram na luz mortiça do sol poente. Suas narinas se dilataram, pois graças às artes de Orogastus sentiam o cheiro da comida que os esperava no forte, no fim da trilha íngreme.

Apareceu então uma torre branca brilhante, com ameias e grades negras filigranadas nas janelas, na encosta do Monte Brom. Os animais revitalizados partiram no trote, passando depois para uma andadura rápida e macia. Com os tendões das pernas tensos e as caudas erguidas, venceram num instante as últimas poucas centenas de ells e então pararam bruscamente, bufando e relinchando, na beira do precipício onde a trilha terminava. Lá embaixo abria-se uma imensa fenda na montanha, com quase uma légua de profundidade e uns cinquenta ells de largura, com uma torrente no fundo alimentada pela geleira. A fortaleza do mago ficava no outro lado da fenda e parecia completamente inacessível. O céu estava agora encoberto e fazia muito frio.

Orogastus tirou da bolsa que trazia no cinto um pequeno apito de prata e levou-o aos lábios. Uma nota muito alta e aguda soou, quase se perdendo entre os uivos do vento. Imediatamente as janelas negras da torre se iluminaram. O portão na torre de entrada distante se abriu, projetando uma faixa de luz na neve. Com um som surdo, apareceu uma abertura quadrada na rocha, logo abaixo do portão, e dela saiu uma ponte estreita, de forma estranha na parte inferior. O som surdo de trovão continuou até a ponte cruzar completamente o precipício entre a trilha e a torre.

Orogastus desmontou e vedou os olhos dos três froniais. Então, a pé, os conduziu para a estranha estrutura, que tinha uma grade muito baixa e não mais de um passo de largura. O vento uivante açoitava seu manto e balançava loucamente a pequena ponte. Um passo em falso e homem e animais despencariam no abismo. Mas Orogastus imobilizou a ponte com seus poderes mágicos e tranqüilizou os froniais. Eles o seguiram docilmente, mesmo quando surgiram os primeiros flocos de neve, e chegaram a salvo no portão. O feiticeiro então pôs a tranca na porta e apertando um botão na parede recolheu a ponte para o interior da montanha.

Afinal, em casa!

Tirou o pesado manto de peles com uma exclamação de alívio. Os froniais relincharam e empinaram, mas o feiticeiro com uma risada retirou as vendas, os arreios da sua montaria e a carga dos outros animais. Então conduziu as fiéis criaturas por um corredor iluminado por lâmpadas estranhas, que brilhavam sem chama, até o estábulo feito na rocha, mas seco e equipado com todo o necessário para o conforto dos froniais.

Enquanto os alimentava e os preparava para o descanso, Orogastus resmungava bem-humorado. Normalmente esse trabalho era feito por seus acólitos dedicados, mas eles estavam na Cidadela de Ruwenda, cuidando do Rei Voltrik e aguardando suas ordens, assim o Mestre tinha de acomodar os animais e se encarregar do próprio conforto. Orogastus conhecia perfeitamente os trabalhos domésticos, pois recrutara as Vozes há apenas dez anos. Antes disso, era ele quem cuidava do seu refúgio sofisticado, construído por operários do Rei Voltrik, sob sua orientação.

Agora, subindo a escada de pedra em espiral, para seu apartamento no andar central da torre, Orogastus pensava que era bom estar sozinho. As últimas dez semanas foram as mais árduas e tensas da sua vida — primeiro, a morte

do velho rei e a posse de Voltrik, depois os preparativos para a invasão e a marcha sobre Ruwenda. A vitória fora paradoxalmente fácil. Somente o estranho ferimento na mão do Rei Voltrik e a fuga das três princesas empanaram o brilho do grande plano do mago.

Bem, as Vozes garantiam que Voltrik estava se recuperando afinal, e se tudo corresse bem logo os esconderijos das princesas não seriam mais segredo para ele. Trataria desse assunto imediatamente, adiando o próprio conforto para depois da consulta ao espelho de gelo.

Entrou nos seus aposentos, deixou a carga com os suprimentos perto da lareira da sala de jantar, parando apenas para acender o fogo já preparado na lareira, com seu acendedor mágico. Foi até o quarto para trocar a roupa de viagem, molhada e suja, pelos trajes negros e prateados e o chapéu que usava para os encantamentos mais solenes.

Não quis perder tempo com um banho, mas limpou-se com uma esponja molhada, pedindo perdão aos Poderes das Trevas — e então riu baixinho, pensando que provavelmente esses poderes o preferiam sujo como eles próprios. Sentiu o frio gelado da malha metálica do manto do cerimonial sobre a pele e estremecendo esqueceu de recitar as preces rituais enquanto o vestia. As luvas de couro prateadas e o chapéu com a forma dramática de estrela cintilante e meia-máscara estavam mais quentes, mas em lugar das sandálias de praxe calçou botas forradas de pele, antes de se dirigir ao túnel que levava à Caverna do Gelo Negro, nas profundezas da montanha.

O ar saía da sua boca como uma nuvem branca no ar úmido do túnel iluminado e Orogastus o atravessou com passos rápidos, rezando para que o espelho de gelo lhe desse as respostas imediatamente, sem nenhuma demora. Nunca se podia ter certeza com aqueles instrumentos dos Desaparecidos. Mesmo observando todo o ritual e entoando os encantamentos adequados, podiam ser caprichosos. Mas, por favor — não esta noite, pois ele estava exausto e faminto!

Chegou a uma porta maciça, que estava sempre coberta de geada, mesmo na estação mais quente, reuniu toda a coragem e entoou o primeiro encantamento. Pediu perdão aos Desaparecidos por perturbar sua antiga tranquilidade, mas ordenou severamente que o servissem, em nome dos Poderes das Trevas. Só então abriu a porta.

A Caverna do Gelo Negro estava como sempre. Como Orogastus a havia encontrado — fora chamado para ela! — logo que chegou a Labornok com o então príncipe herdeiro Voltrik. (Só mais tarde Orogastus mandou construir a fortaleza, para proteger a caverna e facilitar o acesso às maravilhas que ela guardava.) Era uma câmara enorme abobadada, rusticamente cortada no granito com veios de quartzo, no Monte Brom, com pedaços de gelo negro incrustados aqui e ali nas paredes. As lajotas do assoalho eram de um material estranho, que parecia obsidiana brilhante, e o mesmo material — muito parecido com o gelo — fora usado na construção de milhares de nichos e quartos pequenos com portas. Dentro deles ele havia encontrado os aparelhos fantásticos que o afastaram da magia abstrata, aprendida com Bondanus, e que haviam reforçado sua influência sobre o reino de Labornok. Orogastus não conseguiu abrir as fechaduras muito antigas de vários compartimentos. Mas outros — incluindo a sala do espelho de gelo — haviam revelado facilmente seu segredo.

Erguendo as mãos com as luvas prateadas, ele disse, em voz alta:

— Poderes das Trevas! Mais uma vez agradeço suas dádivas. Permitam que eu faça uso delas sem me prejudicar.

Abriu então uma das portas de obsidiana e entrou na do espelho.

Era uma câmara com poucos passos de profundidade. Em quase toda a parede interna uma massa informe de gelo cobria completamente os misteriosos aparelhos que flanqueavam o espelho circular. Tremendo de frio e de apreensão —pois, se o espelho se recusasse a responder, seu grande plano para dominar o mundo estaria desfeito —, ele entoou o encantamento:

— poderoso espelho de gelo! Olho vidente dos Desaparecidos! Acorda e atende ao meu pedido!

Esperou.

A princípio, a superfície cinzenta refletiu apenas a imagem do feiticeiro, um homem alto e robusto, envolto no manto negro e prateado, coroado por um diadema em forma de estrela e com a parte superior do rosto oculta pela máscara. Então, apareceu uma luz fraca no centro do espelho... e ouviu-se uma voz distante, áspera como a de um homem agonizante, que não parecia humana.

— Respondendo. Seu pedido, por favor.

Orogastus ficou imóvel. Embora estivesse quase congelado, o suor desceu da sua testa, até os olhos, sob a máscara. Aquele era o momento crucial. Se cometesse um erro no enunciado da pergunta, o espelho, ofendido, se apagaria e permaneceria assim pelo menos dois dias, até se "recobrar" do insulto. Mentalmente, Orogastus ergueu outra prece aos Poderes das Trevas. Então, disse, com voz inexpressiva:

— Procurar três pessoas. Localizar a posição atual das três pessoas, no mapa.

A luz no espelho ficou mais intensa. Um turbilhão de sombras azuis-prateadas materializou-se no centro do disco.

— Pedido aceito. Diga o nome das três pessoas.

— Princesa Anigel, de Ruwenda. Princesa Kadiya, de Ruwenda. Princesa Haramis, de Ruwenda. — A cada nome Pronunciado ele procurava formar na mente a imagem da Princesa citada.

— Procurando — disse o espelho e Orogastus quase desmaiou de alívio. Ia funcionar, afinal.

O espelho disse:...

— Número um: Princesa Anigel, de Ruwenda. Localização: Sá quatorze dois, Lo setenta e um dez no Gráfico Oma. — A linguagem técnica foi seguida por um mapa em diagrama mostrando uma luz piscante no Rio Mutar, abaixo da Cidadela, a poucas léguas do Lago Wum.

Orogastus controlou-se heroicamente. Qualquer palavra ou movimento em falso podia desligar para sempre o espelho. O feiticeiro procurou memorizar o lugar indicado. Logo em seguida, o mapa desapareceu e foi substituído por um retrato colorido e animado da princesa, como se ela estivesse viva ali, dentro do gelo cinzento. Anigel estava sentada na popa de um barco, segurando duas correias que pareciam rédeas. A embarcação deslizava rapidamente na água. Atrás da princesa estava uma oddling que virou a cabeça para o pôr-do-sol vermelho e disse claramente:

— Acho melhor pararmos para a noite, meu bem. Naquela lagoa deve haver muitos peixes para os rimoriks.

Então a imagem desapareceu.

— Número dois: Princesa Kadiya, de Ruwenda — disse o espelho suavemente. — Localização: Mo vinte e nove quatro, Vi noventa e cinco no Gráfico Oma.

A luz piscante indicava que a princesa estava a oeste da selva infestada de skriteks, conhecida como Inferno dos Espinhos.

Contendo uma exclamação de espanto, Orogastus olhou fascinado para a imagem da segunda das trigêmeas, ajoelhada num banco de lama, ao cair da noite, tentando acender uma pilha de casca de trepadeiras. No fundo um oddling tirava alguma coisa de um barco dos nativos.

Kadiya disse:

— Já assoprei até ficar azul, Jagun, mas não consigo acender esta coisa danada. Acho melhor você tentar agora.

A imagem desapareceu.

— Número três: Princesa Haramis, de Ruwenda. Localização: Pa quarenta e dois três, No dezesseis oito, no Gráfico Oma.

A luz indicadora piscou na mais estranha posição — no alto da encosta do Monte Rotolo, o segundo pico mais alto dos Montes Ohogan, perto da nascente do Rio Vispar e a uma ou duas léguas da aldeia secreta dos oddlings vispis.

Quando a terceira imagem surgiu no espelho, Orogastus conteve a respiração. A cena estava escura, com uma luz violácea, e ele imaginou que devia ser dentro de uma caverna na frente da encosta de uma geleira. Um vulto destacou-se da sombra, transformando-se na figura de uma mulher com um manto branco, olhando para fora.

Haramis disse:

— Sobreviverei a esta noite? Eles estão lá à minha espera — os Olhos do Redemoinho — e só tenho mais uma das sementes de trílio que me trouxeram a este lugar de gelo e de morte. É o fim. Não tenho mais alimento e a neve alta me impede de seguir viagem. A não ser que os vispis venham me socorrer, terei falhado na minha missão para encontrar o Círculo de Três Asas.

A imagem desapareceu.

Então, soaram as palavras inevitáveis do aparelho mágico.

— Poder Bahkup temporariamente exausto. Pausa para recarregar.

A luz e a voz do espelho de gelo desapareceram.

— Agradeço a todos os Poderes das Trevas — Aysee Lyne, Inturnal Bataree e Bahkup — entoou Orogastus, com uma profunda curvatura —, e ao Grande Systema por eles operado, para todo o sempre, assim seja.

Então recuou, caminhando humildemente de costas, fechou a porta de obsidiana da sala do espelho e voltou correndo para seu apartamento.

Bem mais tarde, depois de um banho demorado e de um bom jantar, Orogastus consultou o antigo Livro das Profecias da Península, sentado na frente do fogo, na sua sala de trabalho, tomando um brandy suave. Lá fora, a tempestade de neve uivava entre as ameias da torre.

O Círculo de Três Asas...

Sim, era mencionado no livro, ao lado de dois outros símbolos obscuros — o Olho Chamejante de Três Partes e o Monstro de Três Cabeças. A referência não era muito clara, mas aparentemente os três estavam destinados a se unir, precipitando assim algum evento climático.

— Pode ser — pensou Orogastus — que as outras duas princesas estejam também procurando seus talismãs, como Haramis procura o seu. E quando os encontrarem e se reunirem, as três jovens poderão então ter poder para derrotar Labornok?

Durante algum tempo olhou pensativo para as chamas, resolvendo o que ia fazer. A necessidade de eliminar as princesas Anigel e Kadiya era evidente, mas a princesa Haramis era outra coisa...

Orogastus recostou na cadeira, fechou os olhos e levou as pontas dos dedos às têmporas.

— Minhas Vozes! — entoou ele. — Escutem-me!

Três imagens formaram-se em sua mente, um vulto impreciso, vermelho, outro azul e outro verde, aos poucos assumiram as formas dos seus três servos encapuzados. Não tinham olhos, mas sua expressão era de entusiasmo.

— Mestre! Conseguiu?

— Sim, fiquem atentos para a mensagem! Aqui está a posição atual da Princesa Anigel. e aqui a de Kadiya.

— Recebemos sua mensagem, Mestre Todo-Poderoso. E a Princesa Haramis?

— Eu a encontrei também. Mas, escutem! O General Hamil deve partir imediatamente, com pelo menos metade do seu exército, no encalço da Princesa Kadiya, que está numa região muito perigosa. A Voz Vermelha deve acompanhar Hamil e se comunicar comigo dia sim, dia não, até ela ser encontrada.

— Obedecerei — disse a Voz Vermelha.

— A procura da Princesa Anigel — continuou Orogastus — deve ser conduzida pelo Príncipe Antar e seus cavaleiros. A Voz Azul o acompanhará.

— O príncipe e seus cavaleiros voltaram de Trevista há quatro dias — disse a Voz Azul. — Será fácil para nós encontrar Anigel se ela está tão perto como disse.

— Nada é fácil quando se trata da Arquimaga Binah — censurou Orogastus com voz severa. — Não esqueçam que as jovens estão protegidas pelo que resta da sua magia. E se elas conseguirem encontrar certos novos talismãs muito poderosos, chamados o Olho Chamejante de Três Partes e o Monstro de Três Cabeças, seus poderes mágicos serão muito reformados. É imperativo que a princesa seja capturada e -morta, e que o talismã fique reservado para mim.

— Compreendemos — disseram as Vozes.

— Tenho outras instruções para a Voz Azul -acrescentou o feiticeiro — a respeito do Príncipe Antar.

— Acredito que já sei do que se trata, Mestre,— a Voz Azul riu malevolamente. — Seria triste se o príncipe sofresse um acidente mortal depois de ter cumprido seu dever.

— Não deve haver a menor sugestão de sua participação — advertiu Orogastus.

A Voz Verde disse:

— E eu acompanharei o grupo que vai procurar a Princesa Haramis, Mestre?

— Não. Você fica com o Rei Voltrik, cuidando para que ele se restabeleça completamente, tranquilizando-o sempre que eu enviar os relatórios dos progressos das missões.

— Mas Haramis..

— Eu pretendo — disse Orogastus — cuidar pessoalmente da Princesa Haramis.

CAPÍTULO 21



Haramis lançou ao ar a última semente do trílio numa manhã em que as encostas do Monte Rotolo estavam envoltas numa neblina perolada. Quando ela acordou, o ar parecia estranhamente mais aquecido. As paredes da caverna onde havia passado a noite — num sono surpreendentemente profundo — cintilavam com a neve derretida. Seu manto forrado de pele, que havia enrolado no saco de dormir, estava encharcado, Pesado demais e inútil, uma vez que não tinha meios de secá-lo. Com sua pequena faca, a princesa deu um talho na parte lateral e outro no fundo do saco de dormir impermeável, fazendo

Uma espécie de capa, um pouco desajeitada, mas protetora. Depois de tomar um pouco d'água, ela soltou a última semente e saiu da caverna para segui-la sobre a neve que chegava aos seus joelhos.

A semente-guia flutuava languidamente, ajustando seu vôo aos passos lentos da princesa, mantendo-se sempre ao alcance de um braço. Além dessa distância, Haramis não via nada, tão espessa era a névoa, e ela caminhava apoiando-se pesadamente no cajado com ponta de ferro. Não deu importância à sensação de tontura provocada pelo ar rarefeito da montanha. Tudo parecia distante e nublado. Mal notava onde punha os pés, desde que não perdesse de vista a semente.

Muitas vezes ela tropeçou e caiu, encharcando mais ainda o vestido de lã, as botas e as luvas. A umidade penetrava no forro exposto na parte inferior do saco de dormir, que logo ficou pesado demais. Haramis caiu mais uma vez e deixou para trás o agasalho improvisado. O ar estava agora tão quente que não ia mais precisar dele.

A semente. A semente alada. Era tudo que ela via, a única coisa em que a mente cansada podia se concentrar. Haramis seguiu subindo cada vez mais. Às vezes a neve chegava aos seus joelhos, outras vezes estava mais rasa, mas sempre pesada e molhada, grudando nas suas botas, fazendo com que suas pernas parecessem feitas de chumbo.

Depois de três ou quatro horas de caminhada o tempo mudou ameaçadoramente. Estonteada, Haramis não notou que o tom perolado da névoa transformava-se num cinza sombrio, e que o ar começava a ficar muito mais gelado. Não sentia mais as mãos nem os pés, mas para ela isso não tinha importância, como não era importante a dor surda no estômago vazio.

Então, começou a nevar.

Haramis parou, sem compreender o que estava acontecendo. Sementes? O mundo estava repleto de sementes aladas do trílio? Qual delas era seu guia mágico? Esta...? Não.

A névoa ia se esgarçando com a neve que caía e Haramis, mais uma vez, viu os rochedos e penhascos da montanha que estava escalando. O vento agora soprava flocos de neve no seu rosto. Haramis percebeu que perdera o cajado. A semente-guia? Tinha desaparecido.

Desapareceu como todas as outras — não no fim do dia, depois de conduzi-la a um abrigo seguro, mas ali, quase na crista de uma cordilheira com picos agudos da qual o vento tinha tirado toda a neve. A última semente do Trílio Negro, levada pelo vento, e assim ela chegava ao fim da sua missão.

A neve ardia no seu rosto, enchia de lágrimas seus olhos e depois de algum tempo Haramis não sentia mais as faces nem o nariz. Uma letargia mortal a envolveu e o que ela mais desejava agora era dormir. Para que continuar a luta? Cada respiração era um golpe de espada. Seu coração batia disparado como se quisesse quebrar as costelas. Suas mãos estavam congeladas.

Vou até o topo da cordilheira, pensou ela. Só mais vinte passos. De lá vou olhar para meu reino pela última vez.

O vento tentou impedi-la. Como uma criatura enorme e maldosa, uivava e empurrava, formando quase uma parede à sua frente. Curvando-se, Haramis ergueu um pé, depois o outro, impulsionou o corpo para a frente, opondo seu peso ao vento com toda a força que ainda lhe restava.

Pai! Mãe! Eu falhei e logo estarei em sua companhia. Eu queria tanto que o sonho se tornasse realidade, que minha tarefa se realizasse miraculosamente, queria tanto acreditar que a pobre Arquimaga conhecia meu destino. Mas parece que ela não conhecia, e portanto não existe nenhuma magia, afinal. Exatamente como eu suspeitava.

Vento.

Neve. Frio.

E seu corpo movendo-se ainda, agora quase além de toda dor. Com os dentes descalçou uma luva e deixou-a cair na neve, depois levou a mão gelada ao peito, sob a túnica coberta de gelo para tocar pela última vez o amuleto do trílio e pedir pelo menos um pouco mais de forças.

Deixe-me ao menos chegar ao topo da montanha. Mais cinco passos, a ação mais árdua, mais terrível de toda sua vida. Deus, ajude aquela que confiou em Ti. mais um passo.

Chegou!

No topo da cordilheira havia um parapeito de rocha com uma fina camada de neve. Quando Haramis se ergueu, o vento amainou e a neve deixou de açoitá-la. Lá atrás, no caminho que acabava de percorrer, o ar redemoinhava ainda, cinzento e tempestuoso, mas à sua frente o céu estava azul e o panorama magnífico dos picos nevados estendia-se para oeste a perder de vista. A seus pés, a encosta da montanha descia íngreme para o abismo que parecia mergulhar no infinito da névoa.

— Aqui estou — murmurou ela, cambaleando e quase perdendo os sentidos. Mas a mão que segurava o amuleto não estava mais insensível. O calor voltava aos poucos, dolorosamente. Em vez de sucumbir ao chamado da morte, Haramis forçou seus olhos a se abrirem pela última vez.

À sua direita, a pouca distância, ergueu-se um redemoinho na neve, cintilando ao sol como poeira de diamantes.

Haramis caiu de joelhos e olhou para ele, completamente indefesa. Os flocos brilhantes rodopiaram e cresceram, transformando-se num imenso cone branco, girando sobre a ponta afilada. E dentro do redemoinho estavam os Olhos.

Olhos verdes como gelo. Dezenas deles. Olhando para ela.

— Eu procuro o Círculo de Três Asas — murmurou ela.

- Nós somos seus guardiões, viemos ao seu encontro.

— Eu os saúdo — disse a Princesa Haramis, com dignidade. Então, caiu para a frente e mergulhou numa noite profunda e misericordiosa.

Seguiu-se um tempo povoado de sonhos, durante o qual ela sofreu grande dor e depois encontrou um alívio profundo e repousante. Os Olhos do Redemoinho habitavam seus sonhos, às vezes ameaçadores, às vezes gentis, olhos de seres altos e graciosos, com roupas esvoaçantes de cores claras, enfeitados com uma profusão de jóias, que murmuravam, cuidavam dela, mandavam que fizesse isto ou aquilo. E Haramis obedecia como uma criança.

Perguntou quem eram, e responderam que eram o Primeiro Povo, guardiões do Cetro do Poder dos Desaparecidos, desde tempos imemoráveis.

Haramis perguntou se esse Cetro era o talismã que ela procurava, e eles disseram: De certo modo, é, e de outro modo, não é. Pois, na idade das trevas, o Triplo foi desmembrado e suas partes espalhadas para evitar que caísse nas mãos dos poderes do mal.

Sonhando ainda, a princesa perguntou se eles eram, na verdade, os guardiões do Círculo de Três Asas, o seu talismã.

Sim, pois essa parte do Triplo guardamos em segurança numa caverna de gelo. As outras duas partes, mandamos para longe por meio da Dama Branca, para serem guardadas por outros, até desaparecerem os poderes da Dama de Noth, quando então o Cetro precisará ser usado para restaurar o equilíbrio do mundo.

Haramis disse:

— Minhas irmãs procuram os outros dois talismãs.

O poder do mal desta era, que neste momento a acompanha, esperando que seja bem-sucedida na sua missão, também está à procura deles...

Haramis teve a impressão de que um par de Olhos mudou de cor, passando do verde gelado para o branco brilhante das estrelas. Viu então um belo homem olhando para ela e perguntou:

— Este é ele?

E eles responderam:

- Sim.

No sonho, o homem estendia a mão para ela e Haramis retribuía seu sorriso. Então ele disse:

— Eu não sou o que eles dizem. Não se deixe enganar. Esses pequeninos compreendem apenas uma parte do imenso todo. Reserve seu julgamento até me conhecer realmente.

Haramis acordou numa cama estreita com cortinados a toda volta, espantada por estar tão aquecida, até compreender que o calor vinha do colchão sob seu corpo.

O hipocausto aquece a base da cama e o assoalho, disse uma voz suave. O calor das fontes de água quente é canalizado, e assim aquecemos nossas casas.

As cortinas se abriram e Haramis viu uma mulher nativa de uma raça que ela não conhecia. O rosto era mais estreito que o dos nyssomus, e a boca e o nariz mais humanos. Os olhos enormes — verdes, e não dourados — e as orelhas que apareciam entre os cabelos platinados e fartos indicavam que pertencia à família dos nativos. Suas mãos tinham também três dedos, mas as garras eram vestigiais e pareciam unhas humanas — exceto pela espessura e pela tendência natural de terminarem em ponta.

Quando ela sorriu, Haramis notou que os dentes não eram presas, mas pequenos e regulares. A princesa lembrou-se da voz harmoniosa da mulher nos seus sonhos. Só depois de algum tempo percebeu que os lábios da vispi não se moviam quando ela falava.

Mas é claro que não se movem, disse a mulher com um sorriso. Você não compreenderia a nossa língua, por isso usamos a fala sem palavras! Meu nome é Magira, e eu a saúdo, Princesa Haramis do Trílio. Agora, saia da cama e deixe que eu a ajude a se vestir, pois já está bem melhor e nosso povo quer conhecê-la antes que continue a sua missão.

— Mas você compreende a minha língua... — A princesa estava ainda um tanto confusa, sem saber o que era sonho e o que era realidade. O que Magira acabava de dizer sobre "continuar sua missão" a preocupava.

Quando você fala, sua mente repete seus pensamentos, princesa. Nós, os vispis, não temos dificuldade para entender o que diz.. Aprova este vestido? Acho que o achará muito confortável e o enfeite de pele negra combina com seus cabelos.

— Sim, obrigada. O vestido é lindo.

Haramis deixou que Magira vestisse nela a túnica de tecido azul-claro, que parecia veludo, mas era mais leve, enfeitada com pele negra e macia. O decote, os punhos e a bainha eram enfeitados com faixas de prata com pedras lunares incrustadas e safiras. Os sapatos eram de couro prateado, o cinto de prata com uma bolsa feita de sementes. Haramis deixou que a vispi fizesse duas tranças com seus cabelos, e as atasse com uma fita azul.

Nosso sangue vispi é quente, por isso nossa roupa é muito mais leve do que a que os humanos precisam usar aqui. Use este manto também, as luvas, e agora eu a levarei à Prefeitura de Movis, que não fica longe daqui.

Obedientemente, Haramis calçou as luvas enfeitadas com pedras preciosas e Magira pôs nos seus ombros um manto esplêndido de pele branca e negra, cobrindo sua cabeça com o capuz. Então a princesa e a vispi desceram uma escada de pedra, entre janelas estreitas de vidro, atravessaram um vestíbulo e saíram da casa.

— Então, esta é Movis!

Haramis parou na entrada da casa e olhou a cidade que ela sempre pensara ser apenas uma lenda. O ar tinha um brilho dourado. Estavam quase no fim do dia. A princesa viu centenas de casas de pedra bem construídas, muitas grandes e outros prédios, bem maiores, circundando a praça central.

Espirais de vapor erguiam-se por toda parte — não apenas dos telhados das casas, mas também das grades no pavimento de pedra das ruas e de pequenas estruturas quadradas, ao lado de cada portão e pátio externo. Todas as casas ficavam no meio de jardins bem-cuidados e árvores pequenas, mas não se via nenhum ser vivo. A iluminação era estranha, sem sombras, pois a luz do sol não chegava ao solo do vale. Todo o Vale de Movis era coberto por uma camada de nuvens claras, como um teto dourado, apoiado sobre centenas de colunas de vapor branco. As encostas mais baixas eram verdes e cortadas em terraços, as mais altas, cobertas de neve. De uma imensa geleira, a água descia em cascata como um grande manto branco.

O povo preparou uma refeição festiva e todos estão à sua espera, disse Magira.

— Isso é ótimo — disse Haramis, apressando-se para acompanhar a vispi de longas pernas, que se movia num passo fluido pelas ruas sinuosas, com

seus trajes leves flutuando como flâmulas ao vento. — Estou com muita fome, talvez seja o ar daqui.

Você dormiu durante cinco dias, princesa.

— Oh! — exclamou Haramis.

Durante esse tempo, nossos enfermeiros a atenderam e curaram sua carne congelada e outros ferimentos. Sem dúvida percebeu esses cuidados durante seus sonhos.

— Sim. E sonhei com mais alguém.

Magira diminuiu o passo, voltou os olhos cor de esmeralda para a princesa e disse, preocupada:

Sabemos que o malvado falou com você. Ele pode ver sua imagem só por meio do espelho de gelo, e isso não é sempre, mas apenas com intervalos de dois ou mais dias, uma vez que seu amuleto a protege da observação mental das forças do mal...

— Mas ele pode falar comigo nos meus sonhos?

- Sabendo que está aqui, ele pode. Se você estivesse acordada, não teria ouvido, é claro.

Haramis não quis mais falar em Orogastus, cedendo a um sentimento curioso que o feiticeiro provocava em sua mente. Mudando de assunto, perguntou:

— Diga-me, seu povo é auto-suficiente, neste vale?

- Cultivamos alimentos que podem se desenvolver com pouca luz e temos animais domésticos também — togars e nunchiks, na cidade, e os maiores, volumniais e alguns froniais, fora do centro. Nós os soltamos nas pastagens durante a estação seca, e os prendemos em cavernas na estação das chuvas e da neve. Nas cavernas crescem líquens e fungos luminosos e nutritivos, e para vocês nossos animais, durante a noite, podem parecer estranhos, porque essa dieta de inverno faz com que seus chifres, dentes e cascos brilhem no escuro.

— Esses são os animais que vocês obtêm por meio de trocas?

São, pois eles se reproduzem muito lentamente nas montanhas.

Haramis ergueu a mão e as pedras preciosas na sua luva cintilaram.

— Vocês trocam apenas pedras e metais preciosos? Magira riu.

Não precisamos de mais nada, princesa, pois todos os do nosso povo procuram esses ornamentos. Antigamente, nossa rede de comércio ia desde os Ohogan até a Floresta Tassaleyo, sempre com os tímidos e pequenos visgus como nossos intermediários. Com o advento dos humanos de Ruwenda, alteramos nossos padrões de comércio, pois os humanos agora nos fornecem mais animais e doces do que todas as raças do nosso povo podem fornecer. Assim, os vispis prosperaram.

— Mas ainda proibem aos outros a entrada em suas terras...

Magira ergueu os ombros delicadamente.

Os vales de fontes quentes são poucos e muito distantes um do outro e nosso meio de vida tem um equilíbrio precário. Nós do Primeiro Povo fomos feitos para este clima quando ele dominava a maior parte do mundo. Com o passar dos anos, as geleiras foram diminuindo e nós diminuimos em número, embora tenhamos conservado nossa cultura. Outras raças do povo, diferentes de nós, uniram-se à abominável Raça Básica na região que é hoje chamada de Pântano Labirinto. Mas as altas montanhas são nossas, e nós as protegemos por meio de ilusões ameaçadoras, como os Olhos do Redemoinho. Uma vez que somos um povo do Trílio e obedecemos à Dama Branca, guardamos também o Passo Vispi entre Ruwenda e Labornok...

Haramis parou, olhou para Magira e disse, em tom de censura:

— Então, onde estavam quando o Rei Voltrik invadiu Ruwenda?

Infelizmente, a Dama não nos avisou em tempo da aproximação do inimigo e, quando os guardiães vispis chegaram, suas ilusões foram penetradas pelo poder do feiticeiro. Ele fez com que os soldados de Labornok ignorassem os fantasmas e atacassem as pessoas de carne e osso que os projetavam. Os invasores mataram todos os vispis guardiães das nossas aldeias mais próximas do Passo — cerca de trezentas almas.

— Eu sinto muito — disse a princesa, com sinceridade. — Eu não sabia. Na Cidadela pouco sabíamos sobre a invasão, pois os labornoks atacaram com uma rapidez fatal, dominando nosso povo antes que soubéssemos o que estava acontecendo. Até agora eu não sei o que aconteceu com nosso povo de Dylex, nem com os castelos do sul.

Chegaram a um edifício grande, com todas as janelas iluminadas com o som de música suave vindo do interior. Magira abriu as portas e a Princesa Haramis viu uma quantidade incrível de vispis, centenas deles, sentados em volta de mesas redondas ou dançando numa pista central.

Na outra extremidade do grande salão erguia-se uma plataforma onde estavam alguns vispis luxuosamente vestidos. Na parede, acima deles havia uma bandeira com um enorme Trílio Negro delineado com diamantes reluzentes. As mulheres de Movis vestiam-se como Magira, com túnicas folgadas de cores pastéis e uma profusão de jóias. Os homens usavam mantos azul-escuros sobre túnicas brancas e calçavam botas altas, também brancas. Os cintos, golas e braceletes cravejados de pedras preciosas cintilavam como arco-íris de fogo à luz dos pequenos archotes pendentes do teto alto.

Quando Magira conduziu Haramis à plataforma dos dignitários, um clamor se ergueu do povo reunido. Por um momento, a vista da princesa escureceu, sua cabeça pareceu girar e teria caído se Magira não a amparasse. Os gritos vocais e mentais! Nunca vira nada igual! Haramis sentiu-se assaltada externa e interiormente e, mesmo sabendo que os agressores eram amigos, a sensação era terrível.

— Parem! ordenou, num grito involuntário.

Consternação.

Silêncio, arrependimento evidente.

Tremendo de alívio, ela disse:

— Muito obrigada. Eu agradeço muito sua acolhida, mas acho que não estou ainda acostumada com seu modo de expressá-la.

Um vispi de aparência venerável, cujos olhos não eram verdes, como os dos outros, mas completamente brancos, levantou-se na cabeceira da mesa e dirigiu-se a Haramis. A princesa sabia que ele era cego e sabia também que podia vê-la.

Querida princesa, perdoe-nos! Não tivemos intenção de assustá-la. Fomos levados pela alegria de tê-la conosco. Eu a saúdo em nome de todos os vispis. Sou Carimpole, Ouvidor de Movis. Há muito tempo a esperamos. Sabíamos que as sementes aladas a trariam à nossa cidade. se tivesse forças suficientes para segui-las. Nós a observamos durante toda sua viagem,

desde que saiu de Noth. Nós a vimos enfrentar as dificuldades e a fadiga e o desespero. Nós a vimos subir para nossa terra alta e coberta de neve, onde sua grande inteligência não podia ajudá-la e só a força de vontade e a resistência física poderiam mantê-la viva.

Então, parecia que suas forças estavam falhando e que ia desistir, como fazem as pessoas que passam muito tempo voltadas para as coisas do pensamento, desprezando o corpo que sustenta o espírito que ele- abriga. Oramos para que tivesse forças naquele momento extremo, como orou também a Dama Branca, e lhe transmitimos nossas energias talvez, fazendo com que seu corpo servisse à mente, cumprindo afinal a difícil tarefa. E então, quando atravessou nossas fronteiras, tivemos permissão para ajudá-la e dar-lhe abrigo.

Haramis ouvia o murmúrio de todas aquelas mentes, tocando-a com gentileza, desejando seu bem. Disse então, com voz quase inaudível:

— Vocês.. estavam proibidos de me ajudar, antes?

- Sim. Para a princesa, a jornada era crucial. Uma parte essencial da sua missão.

— E agora — cheguei ao fim? Vocês vão me entregar o Círculo de Três Asas?

— Amanhã começaremos a ensiná-la a comandar os grandes pássaros que vocês, os humanos, chamam de lammergeiers. Seu talismã está a algumas léguas daqui, numa caverna de gelo, no Monte Gidris. Um lammergeier a levará até a caverna. Não sei dizer se este é o fim da sua missão. O fato de ter nas mãos o Círculo de Três Asas nada significa. É preciso que ele receba a força e o poder. Não sabemos como isso é feito.

— A Arquimaga disse-me para voltar a ela com o talismã, quando eu tivesse dominado a mim mesma. Disse também que meu destino está ligado aos destinos das minhas duas irmãs, e que nós três devemos ter sucesso em nossas missões, do contrário nada conseguiremos. Então devo ajudar Kadiya e Anigel?

Haramis, do Trílio, não sabemos. Acredito que terá de decidir por si mesma.

— Eu sou a mais velha e sempre fui responsável pelas outras. Há também uma profecia entre o povo do pântano segundo a qual uma mulher de Ruwenda destruirá o poder de Labornok. Aparentemente essa mulher sou

eu, pois, por direito, a coroa de Ruwenda é minha, como é minha a obrigação de libertar nosso país vencido.

O grande pássaro a levará aonde quiser ir. Mas não podemos dar mais nenhum conselho. Agora, que está curada dos seus ferimentos, só podemos comemorar sua vinda e apressar sua partida. Porém, por enquanto, quer sentar-se à mesa conosco? Passou cinco dias tomando somente líquidos. Preparamos uma refeição que certamente vai agradar seu paladar humano.

— Muito obrigada — disse Haramis —, será um prazer. O Ouvidor bateu palmas.

Então que sejam servidas as carnes e as massas, e as frutas com mel e o vinho aquecido e adoçado com especiarias! Mais música e mais dança e alegria, pois a nossa princesa está perto do término da sua missão e o mundo mais perto de recuperar o equilíbrio perdido. Louvados sejam a Dama Branca, os Senhores do Ar e o Triúne acima de tudo!

Exclamações de alegria encheram o grande salão e as portas se abriram para os empregados com travessas pesadas e terrinas com comida quente. Os músicos começaram a tocar outra vez, e todos procuraram seus lugares nas mesas.

A Princesa Haramis descalçou as luvas e abriu o manto, sentando-se graciosamente no lugar indicado pelo Ouvidor Carimpole, com Magira ao seu lado. Fechou os olhos por um momento, sentindo-se outra vez atordoada. Tinha a impressão de estar enxergando através das portas fechadas do salão. As nuvens estavam mais baixas e delas caíam pequenos flocos de neve que derretiam ao contato do ar quente acima dos telhados, transformando-se em chuva, leve a princípio, depois mais intensa, tamborilando nos vidros das janelas, como se quisesse entrar. E junto com o ruído da chuva, Haramis teve a impressão de ouvir uma voz de homem murmurando seu nome.

A princesa abriu os olhos para a luz e a alegria do salão. Agora ouvia apenas as vozes dos vispis e sua música — que soavam de modo estranho, metade nos seus ouvidos, metade em sua mente.

Apanhou um copo de cristal que lhe estendiam, cheio de vinho, bebeu e tentou sorrir.

CAPÍTULO 22



Repelido mentalmente, o feiticeiro reagiu mais com ironia do que com raiva.

— Divirta-se então com seus amigos vispis, Haramis! Mas vou chamá-la outra vez e mais outra, e vai chegar o momento em que terá de responder.

Seguro no seu refúgio no Monte Brom, com a tempestade de neve rugindo ainda lá fora, Orogastus procurava na sua biblioteca outras informações sobre a natureza dos três talismãs misteriosos.

O Livro das Profecias da Península eraa sua fonte principal, como sempre. Um tópico citava os talismãs, insinuando que seriam novamente reunidos e precipitariam então eventos miraculosos. Em outra profecia, conhecida por ele há muito tempo (e que Orogastus fizera questão de fazer chegar ao conhecimento do Rei Voltrik), as Três Pétalas do Trílio eram designadas como "exterminadoras" do trono de Labornok, porém nada no livro insinuava uma ligação das princesas com os talismãs. Deixando de lado o livro antigo, passou a pesquisar sua grande coleção de referências místicas e taumatúrgicas.

Não encontrou nada nos vários livros de Labornok, nem nos volumes menos numerosos de Var e Raktum. A fonte mais antiga, a incunabular Cyclopedia dos Poderes das Trevas, que Orogastus trouxera da sua terra distante, Tuzamen, mencionava o assunto com extrema brevidade. Sob o título "Talismã Triplo", encontrou uma única frase. "Um instrumento de grande potência, supostamente entregue à guarda dos vispis pelos Desaparecidos, em época imemorial."

Sim! Mas o que ele fazia!

O mago continuou a pesquisa, procurando nos livros não especializados em magia. Finalmente, num pequeno livro, meio roído por lingits, um estudo sobre os nativos do principado da ilha de Engi (imaginem, Engi!), encontrou uma referência ao "grande Cetro Triplo do Poder, que os vispis, o povo mais antigo dessa espécie, guardavam até que fosse requisitado, no

tempo certo”. O reaparecimento do objeto misterioso fora ordenado pelos Desaparecidos, afirmava o livro. Exatamente o que ele devia fazer, nenhum ser humano sabia, mas abalaria as próprias bases do mundo.

”Então, temos três talismãs e três jovens procurando por eles”, pensou o feiticeiro, fechando o livro e levantando-se da mesa da biblioteca.

Com as mãos atrás das costas, foi até a janela e olhou para a tempestade. Não era uma nevada completamente fora da estação, pois as chuvas deviam chegar dentro de dez dias, portanto não podia atribuí-la à magia — especificamente, às artimanhas dos vispis, que eram amigos íntimos da Arquimaga Binah e que, segundo as lendas, sabiam controlar em parte as forças da natureza. De qualquer modo, aquela tempestade de neve enfatizava a urgência da sua procura, a necessidade de capturar e vencer as princesas, antes que as grandes tempestades de inverno o prendessem no seu refúgio das montanhas.

”Três talismãs, antes unidos na forma de um cetro e confiados aos vispis, mas evidentemente agora separados, e espalhados por toda Ruwenda. E as Três Pétalas do Trílio Vivo, as princesas, que juntando as três peças poderiam se tornar possuidoras de um imenso poder, de Três em Um...”

A indecisão atormentava a mente de Orogastus. Era evidente que estava em jogo muito mais do que a sobrevivência de Labornok e seu rei. O importante na verdade era sua grande ambição! Não seria melhor permitir que as princesas vivessem até o fim das suas missões, garantindo assim sua posse dos talismãs? Ou seu primeiro instinto era o mais certo — evitar a todo custo que elas tivessem sucesso, para que não pudessem reviver o poder e a força do Três em Um?

Mais informação! Precisava de mais informação, antes de resolver.

Orogastus caminhou até a lareira, onde o fogo desenhou reflexos de luz nos seus cabelos brancos. Com o corpo rígido, os braços abertos em cruz, recitou o encantamento com os olhos fechados. Quando os abriu, estrelas chamejantes cintilaram nas suas pupilas, mais vivas do que a luz do fogo.

Então Orogastus chamou sua Voz Verde, na Cidadela de Ruwenda, e ordenou que iniciasse uma pesquisa na grande biblioteca sobre tudo que se referisse aos talismãs, ao Trílio Vivo ou ao Cetro Tríplice dos vispis. A Voz devia contratar os auxiliares mais inteligentes que pudesse encontrar entre os labornoks.

— Mas não fale a respeito com nenhum ruwendiano — advertiu o feiticeiro —, e faça com que seus ajudantes jurem guardar segredo, sob pena de incorrerem na ira do rei.

— Obedecerei, Mestre Todo-Poderoso.

— Agora, diga-me como está o Rei Voltrik.

— Ele continua melhorando — disse Voz Verde. — A notícia de que o senhor chegou são e salvo à sua torre e localizou as princesas com seu espelho de gelo foi uma grande satisfação para ele. O rei envia suas congratulações e a aprovação real, além de votos pessoais de sucesso, e confia no seu zelo para continuar a procura das fugitivas. O Rei Voltrik pediu para ser levado à janela do seu quarto e abençoou os dois grupos de busca e naquele dia ele fez sua primeira refeição completa.

— Muito bom. Agora, informações sobre a ocupação e a pacificação.

— A Cidadela e vizinhanças estão muito quietas. Os ruwendianos não combatentes da classe média e os senhores do Knoll juraram lealdade a Labornok, embora com certa relutância. Não existe resistência organizada ao nosso governo. A maioria dos nobres sobreviventes, do reino do sul, fugiu para o pântano, mas não representa uma ameaça séria. Temos guarnições nas aldeias de Dylex que não foram queimadas, exceto nos enclaves remotos de Prok e Goyk, e recomeçaram os trabalhos da colheita e do processamento de mantimentos. Pode haver racionamento entre os locais, na estação das chuvas, mas nosso exército de ocupação será bem alimentado.

— Satisfatório. E a exportação?

— O mercado de Trevista foi reaberto. O comércio de medicamentos, especiarias, essências e tintas é atualmente um quarto do que era antes da guerra. Os mestres-mercadores esperam que melhore na próxima estação. O comércio de madeira ficará definitivamente parado até o fim das chuvas. A cidade de Tass, onde os produtos são armazenados, não foi tocada pela luta e seus artesãos entregaram-se covardemente, mas estão demorando a voltar ao trabalho. Grandes quantidades de madeira estão empilhadas nos pátios da cidade de Tass e na extremidade norte do lago, próximo à Grande Estrada. Tudo que precisamos para restabelecer o comércio é o reinício das caravanas de Labornok, o que será feito na estação da seca.

Orogastus suspirou.

— Muito bem. Estou satisfeito com você, minha Voz. Terá notícias minhas dentro de dois dias.

— Como queira, Mestre Todo-Poderoso. A imagem da Voz Verde desapareceu.

Orogastus dirigiu então sua Visão para o oeste e viu a grande frota do General Hamil subindo o rio, na direção de Trevista. O feiticeiro não se deu ao trabalho de falar com sua Voz Vermelha. Teria muito tempo para isso, quando os soldados chegassem ao Inferno de Espinhos. A essa altura teria confirmado a presença da Princesa Kadiya, por meio da sua consulta de dois em dois dias ao espelho de gelo, e elaboraria o plano para capturá-la.

Já havia recebido o relatório da Voz Azul informando que o grupo do Príncipe Antar não havia encontrado nem sinal da Princesa Anigel no primeiro dia de busca. Não foi uma grande surpresa para Orogastus. Os seus livros de referência explicavam o inusitado meio de transporte que ela estava usando — evidentemente uma inovação criada pela Arquimaga Binah. Com os poderosos rimoriks puxando o barco, Anigel provavelmente havia se distanciado muito dos inimigos, concentrados no Knoll da Cidadela. Agora, passados os dois dias de descanso do espelho de gelo, podia verificar a nova posição da princesa e talvez deduzir para onde ela se encaminhava à procura do talismã.

O feiticeiro vestiu outra vez a roupa do ritual com a máscara e voltou à Caverna do Gelo Negro para se dirigir ao maravilhoso espelho.

— Ô instrumento poderoso dos Desaparecidos, atenda ao meu pedido! — entouou ele.

O gelo azul iluminou-se lentamente — muito lentamente! — como uma vela com pavio perigosamente curto. A voz era um murmúrio áspero.

— Respondendo. Pedido... por favor.

Maldição! A luz estava trêmula. Talvez tivesse sido melhor deixar que ele descansasse mais tempo depois daquela primeira consulta, longa e cansativa. Bem, não podia fazer nada agora. Perguntaria sobre o paradeiro de Anigel e deixaria as outras duas de lado, por enquanto. Afinal, elas estavam ainda em lugares inacessíveis, ao passo que Anigel provavelmente estava ao alcance do Príncipe Antar.

— Visualize uma pessoa durante o tempo permitido pelos Poderes das Trevas — entou Orogastus. — Indique no mapa a localização atual dessa pessoa.

— Pedido... aceito. Nome da pessoa. — A voz fantasmagórica ficou mais forte e o redemoinho dentro do espelho adquiriu um aspecto quase normal.

— Princesa Anigel, de Ruwenda — Orogastus visualizou a jovem em sua mente e esperou, ansioso.

— Procurando.

Apareceu o mapa, menos claro e menos brilhante do que da última vez, mas servia. Anigel estava no Lago Wum, perto da costa oeste do Pântano Verde, quase na metade do caminho. Evidentemente só podia estar a caminho da cidade de Tass, na extremidade do lago. Não podia ir para outro lugar. Porém, era muito estranho!

— Princesa Anigel, de Ruwenda. Localização, Sá cinqüenta e um dois, La vinte e dois quatro, no Gráfico Oma.

Então apareceu a imagem colorida, sem brilho, mas bem clara. O barco puxado pelos rimoriks movia-se a uma velocidade moderada entre o mato denso do Pântano Verde, na margem oeste do lago, onde pequenas sanguessugas das árvores, coisinhas pegajosas do tamanho de uma moeda, atormentavam a princesa e Immu, despencando da folhagem para dentro do barco.

— Se você pensa que essas sanguessugas incomodam — disse a imagem de Immu, no espelho, para a jovem enojada —, espere até chegarmos na Floresta Tassaleyo!

— Aah! — exclamou Orogastus, exultante. — Agora eu te peguei!

O espelho de gelo imediatamente o censurou.

— Péssimo controle. Use verificador de falhas para rever seu programa. Intervalo para recarregar.

O espelho ficou ofendido e a imagem desapareceu.

Mas isso não abalou a satisfação do feiticeiro. Tinha a pista básica para planejar a captura de Anigel, e sua voz ecoou de uma extremidade à outra da caverna gelada, agradecendo aos Poderes das Trevas.

CAPÍTULO 23



A pequena e estranha raiz nadadora conduziu Kadiya e Jagun por algum tempo, descendo novamente o Rio Nothar, e logo virou para a esquerda, começando a subir um afluente sem nome. Dirigiam-se agora, sem dúvida, a um território proibido, a selva traiçoeira chamada Inferno de Espinhos.

Para não perder de vista a frágil guia, tinham de se aventurar por trechos abertos e desprotegidos do rio. Às vezes a água era tão rasa que Kadiya e Jagun desembarcavam e puxavam a canoa. Num desses trechos, Jagun encheu o barco de junco para que parecesse uma moita arrancada e carregada pela água.

Naquele primeiro dia, Kadiya deitou-se no fundo do barco, espiando através do trançado de junco. Jagun fez o mesmo quando começaram a ver pequenos grupos de skriteks. Kadiya tampou a boca para conter a náusea. Ouvira falar muito das temíveis criaturas que estava vendo agora, mas nada do que tinha imaginado era tão horrível quanto a realidade.

O primeiro grupo parecia estar caçando a pé e havia jovens entre eles. Ali, no seu território, nem sempre eles recorriam ao afogamento e caminhavam ousadamente à procura da vítima. Separaram-se, um grupo seguindo em frente para vigiar do alto de um monte de lixo, enquanto o resto caminhou na direção deles, batendo no chão os pés de três dedos, abrindo caminho no mato com os cabos de lanças rústicas e bordões. As criaturas da floresta saíam dos esconderijos, saltavam, corriam ou tentavam voar, assustadas com o barulho, e o outro grupo de skriteks as apanhava com facilidade. Não esperavam para levar a caça até seu acampamento, mas comiam imediatamente, algumas das vítimas ainda com vida, e eles brigando pelos pedaços maiores e melhores. Assistindo a isto, Kadiya sentiu na boca o gosto amargo da bile. Mas continuou a olhar e ver o que eles faziam. Pois havia aprendido uma coisa com Jagun: conhecer bem os hábitos do inimigo, seus movimentos, o que come, onde dorme, quais os costumes do grupo, aprender tudo isso e lembrar.

Enquanto se escondiam dos demónios do pântano, a guia cintilante aparentemente — por instinto, se isso era possível — procurou também um lugar mais seguro, deslizando devagar sob o abrigo da folhagem.

O segundo grupo de skriteks que encontraram passou mais tarde, quase no fim do dia. Dessa vez não ouviram gritos roucos, nem batidas com as lanças na vegetação cerrada. Caminhavam descontraídos, como que seguindo uma trilha que Kadiya não podia ver do barco. E havia mais alguém com eles! Um ser humano! Kadiya deixou escapar uma exclamação abafada e Jagun a advertiu com um gesto para ficar quieta.

Era sem dúvida um homem que caminhava ao lado dos skriteks, e não era prisioneiro. Estava vestido de vermelho, com a roupa molhada e suja de lama. Um capuz cobria sua cabeça e parte do rosto. Estava armado com espada e lança curta. Conversava com os companheiros monstruosos numa série de ruídos guturais que pareciam impossíveis para a garganta de um ser humano, aparentemente discutindo com um dos afogadores — apontando numa direção, enquanto o skritek queria seguir por outra. E ele venceu a pequena disputa.

Em toda a história, nas lendas, no folclore dos nyssomus e dos uisgus, das terras baixas e da Cidadela, jamais houve uma trégua entre os skriteks e outra raça. Agora via que Jagun estava certo. Voltrik ou Orogastus tinha aliciado aquelas criaturas horríveis para seu serviço. Porém, os skriteks eram famosos por suas traições. Era um homem bravo o que caminhava com eles, mesmo que estivesse servindo a uma causa assassina. Sua atitude confiante parecia sugerir que estava protegido por algo mais do que a força das armas ou a persuasão das palavras.

Deve ser uma das Vozes! Kadiya estremeceu. Levou a mão ao amuleto. Esconda-nos, pediu ela, silenciosamente. Proteja-nos!

Quanto ao que — ou a quem — aquele grupo procurava, Kadiya não tinha dúvidas. Não sabia onde estavam Anigel e Haramis, mas ela estava ali. Aquele bando de skriteks, farejando as trilhas, acompanhado por um dos servos de Orogastus, estava à sua procura. Era espantoso o fato de o acólito do feiticeiro não ter detectado sua presença. Certamente Orogastus tinha outros meios de busca, além dos olhos e dos ouvidos. Kadiya mal acreditou quando o bando passou sem nenhum sinal de alarme. Mas a magia do Trílio Negro não era vencida facilmente.

Kadiya esticou o corpo e olhou para a água. A raiz-guia boiava imóvel, como se estivesse sobre uma mesa. Kadiya tirou o amuleto de sob a blusa. O âmbar cintilava com força e a raiz verde, na água, cintilou em resposta, voltando à vida. Antes virada para a margem onde terminava a trilha, agora ela mudou o curso, até ficar paralela à margem oposta. Jagun apanhou a vara e o barco se moveu.

Seguiram muito próximo da margem, sempre alertas ao menor movimento, parando uma vez ou outra enquanto Jagun usava o ouvido e o olfato para detectar qualquer coisa estranha. Ouviam só o zunido dos insetos e as vozes finas dos habitantes da lama, os sons naturais do dia.

Porém, essa tênue confiança foi logo abalada. Chegaram ao fim da parte mais larga do rio e a uma barreira que parecia uma ilha, erguendo-se alta da água. Na terra escura, a raiz-guia apontava direto para a frente. Um pouco acima deles, esqueletos negros de árvores apodrecidas formavam um emaranhado sobre o qual apoiavam-se o que pareciam trepadeiras. O chão estava coberto de plantas redondas, como bolas enormes, vermelho-azuladas.

Jagun apontou para a que estava mais próxima.

— São assassinas, alimentadas pela imundície deste solo. Evite chegar perto delas como evitaria uma faca envenenada, filha do rei.

O silêncio era completo naquele pedaço de terra onde não medrava qualquer forma de vida que não fosse maléfica.

A raiz-guia continuava apontando na mesma direção. Deviam continuar em frente.

Um cheiro pútrido quase fez Kadiya vomitar. Não precisou o aviso de Jagun. Notou o movimento entre as árvores mortas, um som pegajoso e uma skritek apareceu.

Não parecia alerta, mas arrastava-se, apoiada num cajado, balançando o corpo de um lado para o outro. A carne esverdeada do corpo atarracado era manchada, a barriga enorme, toda ela muito mais pesada na parte superior. Apoiou-se num galho que se partiu, esfarelado na sua mão. A skritek caiu de joelhos. Por mais que se esforçasse, não conseguiu ficar de pé e arrastou-se até encontrar uma árvore um pouco mais resistente.

Contorceu o corpo e abriu a boca para um grito rouco. De baixo da barriga enorme saiu um objeto branco, contorcendo-se como se tivesse vida própria, caiu no chão e começou a saltar. Foi seguido por outro e mais outro, e outro ainda, até Kadiya contar dez crias gordas, dez vermes gordos, esbranquiçados, do tamanho da cabeça de um bebê humano.

A mãe skritek caiu exausta, encostada na árvore, e os dez filhotes, que pareciam reclamar alguma coisa, avançaram juntos para a fêmea que acabava de lhes dar à luz. Evidentemente estavam se alimentando.

Jagun aproximou-se da princesa.

— As crias nascem famintas. — Ele falava muito baixo. — E aquela infeliz fêmea não tem carne suficiente para satisfazer toda a ninhada.

Duas ou três daquelas coisas nojentas afastaram-se da carcaça da mãe. Duas arrastaram-se como vermes na direção da canoa escondida. Kadiya não via nada que parecesse uma cabeça naqueles seres disformes, embora andassem com a parte da frente um pouco mais alta. Depois de se balançar no ar, eles seguiram em linha reta para a canoa e começaram a entrar na água.

Jagun moveu-se rapidamente. Sua zarabatana estava pronta e o primeiro dardo bateu no corpo da larva com uma pancada surda. O segundo acertou a que vinha logo atrás. Os filhotes bateram com a parte da frente no chão e ficaram imóveis.

Jagun tirou da sacola de caça uma tira dobrada de um material fino como um véu. Partiu pela metade e deu uma parte para Kadiya, indicando, com gestos, que ela devia seguir seu exemplo. Enrolou a tira fina na cabeça, cobrindo os olhos, o nariz e a boca. Examinou o nó na tira de Kadiya antes de continuar.

Outras larvas de skriteks caminhavam para a canoa, com a parte da frente erguida, farejando a presa. Dessa vez Jagun não apontou para elas, mas para as plantas azul-avermelhadas que cobriam o solo da ilha. A primeira, atingida pelo dardo, explodiu como se algo muito potente estivesse se libertando de dentro dela. Uma nuvem azul ergueu-se no ar, seguida por outra e mais outra, até formarem uma neblina espessa de esporos que desceu lentamente. Jagun levou o barco para o meio do rio e ficaram ali até a nuvem se esgarçar e cair toda no solo. Onde estavam os skriteks viam-se agora massas gelatinosas que aos poucos desapareciam na terra.

Kadiya inclinou-se para fora e apanhou a haste do trílio que resistiu, apontando sempre para a frente. Finalmente, deslizou dos dedos dela e voou, como se Kadiya a tivesse lançado para cima. Não havia dúvida, a haste estava agora onde haviam estado os skriteks, apontando para o interior da ilha. Kadiya olhou para Jagun, ele deu de ombros.

Então o oddling disse, com a voz abafada pela máscara fina.

— Para lá fica o Inferno de Espinhos, Olhos Penetrantes. Parece que não temos escolha.

Que não tinha escolha era evidente. Não podia deixar a trilha destinada para ela pela magia da Arquimaga. Kadiya subiu para terra. A raiz do trílio continuou resolutamente seu caminho, dando uma volta para evitar as plantas venenosas.

— O que há lá adiante? — perguntou Kadiya, passando os braços pelas alças da mochila.

Jagun balançou a cabeça.

— Terra desconhecida, filha do rei. Se tivermos sorte, podemos chegar às terras dos uisgus.

Kadiya desviou cuidadosamente de uma planta redonda, sem olhar para onde estavam os ossos da fêmea skritek devorada.

— Sorte? — A princesa riu com amargura. — Ninguém consegue ter sorte por tanto tempo.

Chegaram a um canal cercado de mato com água verde e espumosa. Havia uma árvore morta atravessada sobre ele. As marcas na lama indicavam que era usada como ponte. Kadiya abaixou-se para apanhar a raiz do trílio, temendo que ela caísse na água e se perdesse. A raiz-guia ficou rígida e reta na sua mão. De uma das extremidades saía um vapor que parecia um fio de fogo negro e, embora nenhuma brisa soprasse, ela apontava para a frente na direção que deviam seguir, a selva de plantas enormes e espinhosas, duas vezes mais altas do que um homem.

Viajaram durante horas. Finalmente, Jagun disse:

— Vamos parar aqui esta noite.

O lugar para onde a raiz os levara era uma pequena elevação, sem plantas espinhosas nem bolas cheias de veneno, circundada por uma relva alta de

hastes cortantes. Embora tivessem visto poucos sinais de ruínas, desde que deixaram Noth, era evidente que aquela elevação não era obra da natureza. Kadiya segurou um pequeno arbusto para ajudá-la na subida e a planta saiu na sua mão, com raiz e terra, deixando a descoberto o que parecia ser pedra trabalhada. Não era o granito escuro das ruínas que ela conhecia, mas um mineral mais macio, tão liso que parecia impossível que o mato pudesse crescer sobre ele. E refletia a luz do poente com um brilho estranho.

— O que é isto? — Kadiya perguntou.

Talvez a raiz-guia os tivesse levado a algum aparelho tão enorme que ela nem podia imaginar o que era nem para que servia. Cavou mais um pouco a terra. Aquela ruína não era de pedra. Tinha uma superfície lisa e macia.

Jagun olhou para a descoberta e desviou os olhos apressadamente.

— É dos Desaparecidos.

Fez um gesto breve no ar e olhou fixamente para a raiz do trílio na mão de Kadiya. A chama negra que até ali indicava o caminho a seguir curvou-se por um momento, depois ficou reta, circundada por um halo verde.

De repente, a dúvida que a atormentava há tanto tempo dissipou-se. Kadiya subiu até o topo da pequena elevação e viu que estava de pé na borda do que parecia uma bacia enorme. Os lados desciam íngremes e deslizamentos freqüentes provocados pelas tempestades haviam retirado a lama e os detritos de partes da superfície que era lisa e sem marcas.

Kadiya ficou atónita e depois começou a rir.

— Caçador, esta terra guarda muitas surpresas. Talvez a sorte esteja conosco, afinal, pois sinto...

Ergueu os braços -abertos e respirou fundo. Os Desaparecidos pareciam aprovar sua presença naquele lugar, até mesmo a recebiam alegremente. O coração de Kadiya ficou mais leve. Os terrores e sofrimentos dos últimos dias pareciam pequenos e distantes. Não sentia mais a fadiga da jornada, apenas uma excitação crescente e a crença de que, fosse o que fosse, o que a esperava a ajudaria a atingir seu objetivo.

CAPÍTULO 24



O Príncipe Antar saiu à procura da Princesa Anigel com um grupo de vinte cavaleiros e sessenta soldados, além da Voz Azul do feiticeiro, que se encarregaria de informar a posição da jovem através dos contatos com seu mestre. Os homens de Labornok partiram da Cidadela em três grandes barcaças equipadas com caiaques auxiliares. Os froniais dos cavaleiros foram deixados para trás por ordem do príncipe, o que desagradou extremamente Sir Rinutar, Sir Karon e seus homens embora nenhum deles soubesse dizer o que iam fazer com as montarias no Pântano Labirinto. Cada barcaça levava duas equipes de remadores que se revezariam na viagem sem paradas, e os grandes barcos deslizaram velozmente nas águas calmas do Baixo Mutar e do Lago Wum.

Depois da segunda consulta promissora de Orogastus ao espelho de gelo, o mestre-mercador Edzar juntou-se à expedição, uma vez que tinha experiência em tratar com os wyvilos, os nativos da Floresta Tassaleyo que forneciam madeira aos compradores, tanto quanto com os nyssomus de Trevista. Por meio da Voz Azul, o mercador conversou com o feiticeiro e imaginou um plano que, segundo ele, era infalível.

Agora a força labornok aproximava-se rapidamente da cidade de Tass, a única povoação humana importante no lago. O centro de comércio madeireiro de” Ruwenda era um pobre aglomerado de docas, armazéns e galpões, situados numa ilha, com barreiras de vigas flutuantes que formavam grandes cercados para guardar os troncos abatidos. O mestre-mercador Edzar explicou aos cavaleiros que os troncos eram transportados para os pátios dos armazéns, na outra extremidade do lago, amarrados uns aos outros, e como jangadas seguiam para o norte, na estação das chuvas, quando os ventos eram favoráveis. A madeira mais valiosa, cortada, limpa e embalada, era transportada em barcaças, em qualquer estação do ano, e do norte, seguiam pela Rota do Comércio durante o tempo da seca.

No convés de proa do barco, sob o grande toldo que os protegia do sol escaldante do lago, os homens do príncipe, sem nada para fazer, exceto

beber e olhar a paisagem, estavam fartos da viagem e das explicações intermináveis do mercador, ansiosos para começar a caçada.

A primeira expedição de busca no Pântano Labirinto, perto da Cidadela, foi um fracasso. Os homens eram cavaleiros, não marujos, e não sabiam se organizar para uma caçada na água. A força de vinte canoas auxiliares, cada uma levando um comandante, três homens armados e três remadores, percorreu o Pântano às cegas, de um lado para o outro, obedecendo às ordens dos capitães inexperientes. Desentenderam-se sobre quem devia procurar nas áreas mais próximas e quem devia rumar para as mais distantes, quem fazia a busca nos canais limpos, quem iria aos canais de água imunda, cheia de vermes aquáticos venenosos, insetos agressivos e os vorazes peixes milingais.

Perderam horas procurando no mesmo lugar e deixando outros inexplorados, até o comandante do barco capitâneo sugerir ao príncipe que os barcos deviam ser dirigidos pelos barqueiros e não pelos cavaleiros, com a promessa de uma boa recompensa a quem encontrasse a princesa. Foi conduzida então uma busca ordenada e eficiente, mas sem resultados. O Príncipe Antar não parecia desapontado com a falta de sucesso da expedição.

Agora que se aproximavam de uma área mais promissora, o príncipe estava cabisbaixo e irritado. Sir Rinutar, o belicoso cavaleiro, comentou com seus amigos que o príncipe não parecia muito entusiasmado com aquela missão. O fiel e sincero Sir Penapat por acaso ouviu essa observação e furioso ameaçou quebrar a cabeça de Rinutar.

A briga inoportuna foi evitada pela intervenção do próprio Antar, que restaurou a ordem com a ajuda do seu ajudante, Sir Owanon. O príncipe retirou-se então sozinho para o tombadilho de proa, onde ninguém ousou perturbá-lo e onde ficou até o barco chegar às docas.

Antar chamou o mestre-mercador Edzar e mandou que descrevesse outra vez seu plano para os cavaleiros, explicando-o detalhadamente com a ajuda do mapa, para que não houvesse nenhum contratempo. Edzar envergava ainda o curto manto verde bordado a ouro, mas sua roupa era agora púrpura, e o chapéu, com aba larga, era feito de agulhas de pinheiro artisticamente trançadas e enfeitado com grandes flores cor de cereja.

— Como podem ver, senhores — começou ele —, três grandes rios, incluindo o Baixo Mutar, alimentam o Lago Wum. Mas há uma única saída, o Grande Mutar, que atravessa a Floresta Tassaleyo, e é a única passagem naquela selva imensa. Se o poderoso Orogastus interpretou corretamente sua visão, a Princesa Anigel dirige-se para a floresta e, para chegar lá, terá de passar por aqui.

Seu dedo indicava a extremidade sul do Lago Wum, que no mapa tinha o nome de Catarata Tass.

O magro e moreno Voz Azul adiantou-se. Geralmente ele ficava na cabine do capitão, evitando a luz do sol como um verme, mas a proximidade da cidade de Tass o fez sair da toca.

— Meu digno mestre-mercador, o espelho de gelo do meu Mestre Todo-Poderoso não só vê, como ouve também. A visão não dura mais que um minuto. Contudo, na sua segunda consulta, meu mestre ouviu claramente a serva da Princesa Anigel referir-se à Floresta Tassaleyo como sua meta seguinte.

O príncipe olhou para o mapa com a testa franzida.

— Se não a alcançarmos nas cataratas, teremos de descer o Grande Mutar no seu encaço. Faltam menos de quinze dias para a estação das chuvas... e em nome de Zoto, que tipo de embarcação vamos usar então?

Edzar disse:

— Talvez possamos descer nossos barcos pelo elevador dos troncos de madeira. Contudo, os barcos dos wyvilos, muito mais rápidos do que os nossos, ficam ancorados logo abaixo da cachoeira. Normalmente, não são usados por humanos. Pelos humanos de Ruwenda, quero dizer. Mas se precisarmos seguir a princesa no Grande Mutar podemos — bem — tentar convencer os wyvilos a nos transportar rio abaixo. Sir Rinutar riu maldosamente.

— Ora, como poderão recusar ajuda a um grupo de homens tão simpáticos? Terminou de afiar sua espada e, com um gesto de espadachim, quase a encostou no nariz grosso do mestre-mercador. Edzar engasgou-se e os cavaleiros riram.

Voz Azul disse:

— Tenho autorização para usar certo tipo de magia com os oddlings da floresta, se relutarem em nos ajudar. Com meu método de persuasão, aliado aos métodos de Sir Rinutar, não teremos dificuldade para conseguir o transporte, se for preciso. É claro que, se o plano do mestre Edzar der resultado, capturaremos a Princesa Anigel aqui, antes da cachoeira.

Sir Owanon, amigo do Príncipe Antar e seu segundo em comando, um homem jovem, inteligente e de bom temperamento, ergueu um dedo.

— Ouçam! Esse é o ruído da cascata?

— Sim, meu senhor — respondeu o mercador. — A Catarata Tass é praticamente intransponível. Tem mais de sessenta ells de altura e um grande volume de água, mesmo na estação seca. Abaixo dela, o Grande Mutar corre tranqüilamente até o mar. Os lenhadores wyvilos não têm dificuldade em levar a madeira até a cachoeira. É engraçado ver aqueles estranhos seres não-humanos, encarapitados numa fileira de toras enormes, no meio do rio, conduzindo-as com varas rio acima e cantando seus hinos bárbaros.

— E sem dúvida imaginando o melhor meio de fazer picadinho do fígado do primeiro infeliz humano que encontrarem — disse Sir Karon, com voz arrastada.

Quase todos os cavaleiros riram sombriamente.

— Não, não, meus senhores — protestou Edzar. — Apesar da sua aparência horrível, os wyvilos são — bem — relativamente civilizados. Estão confundindo com seus primos, os glismaks, que vivem mais para o sul. Esses são os oddlings com tendências canibalescas...

— Pedras de Zoto! — exclamou alguém. — Teremos de enfrentar comedores de homens?

— Você pode ficar segurando nossos mantos Stolafat, se a idéia o deixa tão apavorado — zombou Rinutar.

— Chega dessa conversa — disse o Príncipe Antar. — Mestre Edzar, descreva outra vez aquele seu plano infalível. — Voltou-se para os homens. — Prestem atenção e parem com as brincadeiras!

Edzar desenrolou o mapa com um gesto largo fazendo sinal para que todos se aproximassem.

— Vejam. A cidade de Tass fica nesta ilha, perto da margem leste do lago. O canal a leste é completamente bloqueado pelos cercados com as toras de madeira. A oeste há menor número de cercados, pois aí erguem-se as rochas chamadas Presas de Munjuno, através das quais correm águas velozes até a borda da cachoeira. A margem oeste do lago neste ponto, é rocha pura e praticamente intransponível, ao passo que na margem leste a floresta espessa só é penetrada pela rampa que vai do grande elevador das toras, na borda da cachoeira, até a enseada que fica em frente da cidade de Tass, onde a madeira é colocada na água. Nesta rampa leste é que devemos armar nossa cilada.

Edzar apontou primeiro para o mapa, depois para a margem leste, no lado oposto ao que estavam ancorados além do grande labirinto de toras flutuantes. O príncipe e seus homens viram carroças paradas na trilha, com rochas da altura de um homem. Mas aparentemente não havia movimento de homens ou animais por perto. A praia parecia deserta

— A guerra acabou com o comércio de madeira na cidade de Tass — explicou Edzar. — Os ruwendianos que trabalhavam na serraria, logo abaixo da cachoeira, no grande elevador e na rampa ainda não voltaram ao trabalho. Lorde Zontil, um dos mais fiéis ajudantes do General Haniil, foi encarregado de estabelecer uma guarnição aqui. Ele çspera ter resolvido tudo até o fim da estação das chuvas. A essa altura, todas as toras que estão vendo na água terão sido transportadas para o extremo norte do lago. E, quando chegar a estação seca, a produção de madeira deverá estar normalizada.

— Pare de nos aborrecer com sua conversa tola, mercador! — exclamou Sir Rinutar, batendo com a mão no mapa, impaciente. — Você garante que a fugitiva só pode chegar à Floresta Tassaleyo passando por aqui — por esta rampa?

Edzar empertigou-se, ofendido.

— Garanto. Neste lado do planalto de Ruwenda há uma escarpa que não pode ser escalada. Há muito, muito tempo, os oddlings cortaram uma trilha estreita no penhasco a leste da cachoeira. O grande elevador de madeira e a serraria lá embaixo, que usa a força da água, foram construídos pelos primeiros habitantes humanos de Ruwenda, utilizando as fundações que, segundo dizem, foram feitas pelos Desaparecidos. Não existe outro

caminho do Lago Wum para o Grande Rio Mutar, a não ser o elevador e a trilha. A princesa terá de tomar o caminho das carroças para chegar a qualquer um dos dois.

As três barcaças da força de busca estavam sendo amarradas à doca da cidade de Tass, que também parecia completamente deserta. Os soldados armados de Labornok montavam guarda em toda a extensão do cais, enquanto ruwendianos carrancudos seguravam os cabos e colocavam as pranchas de desembarque. Um nobre labornok, com armadura enfeitada, acompanhado por vários oficiais, esperava impaciente o fim das manobras de atracação para cumprimentar o príncipe.

Porém, Antar estava inclinado sobre o mapa, dando suas instruções.

— Então, devemos nos dispor do seguinte modo. Dividiremos nossas forças em três companhias — Owanon comandará a primeira, Dodabilik, a segunda, e Rinutar a terceira — que ficarão no cais da rampa, no meio do caminho entre o ponto em que ela é cortada pela trilha e a parte superior do elevador.

— Não vai comandar nenhuma companhia, meu príncipe? — perguntou Sir Rinutar com uma leve sugestão de malícia.

— Não — respondeu o príncipe, secamente. — Voz Azul e eu coordenaremos toda a ação de um ponto estratégico. Ele pode usar sua visão até uma certa distância. Penapat também ficará conosco, porque ainda não sarou completamente da picada do verme aquático no pé, e se encarregará dos sinaleiros e mensageiros que transmitirão minhas ordens. Precisamos ter certeza de que a Princesa Anigel não vai escapar desta vez.

Era o começo da tarde do seu terceiro dia no Lago Wum e o som da Catarata Tass ribombava no ar como um trovão distante, e a sua parte mais alta era delineada por uma névoa brilhante. Anigel e Immu tinham se aproximado cautelosamente da ilha da cidade de Tass e o barco estava agora escondido sob um chorão que se erguia numa fenda do grande precipício na margem oeste.

Em volta do esconderijo, rochas imensas erguiam-se da água. Entre elas e a ilha, a menos de duzentos ells, as cinco Presas de Munjuno, aguçadas, marcavam o ponto do começo da queda-d'água. Um barco pequeno podia navegar contra a corrente ao norte das rochas e chegar a salvo nos cercados

de toras e na margem oposta, mas passar ao sul das Presas significava ser apanhado por uma corrente veloz e carregado pela catarata.

— O que devemos fazer — disse Immu, arrumando a refeição frugal na sombra verde da árvore — é esperar o cair da noite, então atravessar acima das Presas. Há uma estrada na margem com menos de meia légua. Seguindo por ela, chegaremos a uma trilha íngreme que vai dar na serraria ruwendiana, no sopé da cachoeira, e lá podemos roubar um barco.

— Mas os rimoriks..! — exclamou Anigel.

— Mas mas mas! Libertaremos as boas criaturas e elas voltarão para as águas em que vivem. Pensa que pode guardálas -para sempre, como animais de estimação?

Anigel inclinou a cabeça.

— Eu não estava pensando nada. Immu bateu de leve no ombro dela.

— Não importa. O Grande Mutar é muito raso, a não ser no canal principal. Podemos fazer uma jangada com os troncos e descer o rio, se for preciso — deixando para trás pelo menos um dos seus grandes temores. Os soldados de Labornok jamais pensarão em nos procurar na Floresta de Tassaleyo. Se tivermos sorte, os wyvilos respeitarão seu amuleto do trílio, como os uisgus respeitaram, e eles a ajudarão na sua procura do talismã.

Anigel, mastigando as raízes secas, não parecia convencida.

— Você acha mesmo? Ouvi dizer que eles são muito hostis para com os humanos e muito feios também.

— Não são o tipo de povo que você convidaria para um baile de gala na Cidadela — concordou Immu. — Os nyssomus dizem que, há muitos anos, alguns membros da nossa raça foram capturados pelos skriteks e obrigados a se unir a eles, e dessas uniões nasceram os wyvilos e seus vizinhos mais primitivos, os glismaks.

— Como são eles? — perguntou Anigel, lambendo os dedos.

— Eu nunca vi nenhum, mas dizem que são uma mistura de skriteks com nyssomus ou uisgus.

— Horríveis! — disse a princesa.

— Seja qual for seu aspecto — continuou Immu, em tom de censura —, os wyvilos são também súditos da Dama Branca e adoram o Trílio Negro, portanto podemos esperar que nos recebam bem.

— Esses glismaks são hostis aos humanos? Immu suspirou.

— Como os skriteks, aqueles demónios do Pântano Labirinto, os glismaks detestam todos os seres vivos, a não ser eles mesmos. Vamos rezar para que o seu talismã...

— Veja! — exclamou Anigel, apontando para o outro lado do lago. — Veja, Immu! Uma frota de barcos saindo de trás da ilha — e o líder traz a bandeira de Labornok!

Com a mão em pala, Immu protegeu os olhos do reflexo da luz da água. O ar estava parado e fazia muito calor.

— Tem certeza?

— Ó, sim, eu tenho. O miton aguça todos os sentidos. — Anigel recuou cheia de terror. — É um grupo de busca à minha procura e estão indo para a margem leste.

— Pela Flor! — resmungou Immu. — Cortaram nosso caminho. Se ao menos tivéssemos chegado mais cedo.

— Não podem me capturar! Não existe outro caminho para descer o rio?

Immu franziu a testa, pensando.

— Descer descer descer. Só conheço um caminho. — Mas então sua expressão mudou e, com a mão de garras afiadas no ombro da jovem, apontou com a outra para a água, perto do barco. — Mas eles devem conhecer outro.

— Os rimoriks? — perguntou Anigel, em voz baixa.

— Pergunte — disse Immu. A princesa inclinou-se na amurada. Os tirantes que os atrelavam tinham sido alongados para a viagem no lago e a água ali era profunda. Os rimoriks tinham mergulhado para fugir do calor.

— Meus amigos, quero perguntar uma coisa muito importante.

Apareceu primeiro um vulto escuro, depois o outro. As duas cabeças pintadas de verde apareceram sem provocar nenhuma agitação na superfície

da água, com as presas à mostra, num arreganho que Anigel sabia agora ser um sorriso e não uma demonstração de ferocidade.

— Amiga humana, pergunte.

— Vocês sabem onde estamos agora?

— Certamente. Na borda da Grande Queda de Água Branca. Tem outra pergunta?

— Existe um caminho para descer a cachoeira? Até o Grande Mutar?

— Existe. Há um caminho da Grande Água Plana para a Água que Corre para o Mar.

— Immu! — exclamou a princesa. — Eles dizem que há um caminho!

— Pergunte se podem nos levar por ele — a voz de Immu estava tensa e rouca.

— Podem nos levar até lá, no barco?

— Se quiser.

— Há humanos malvados em outros barcos em volta da ilha, agora. Podem nos levar de modo que não nos vejam?

— Sim. Podemos. Deseja ir agora? Nesse caso, precisamos primeiro tomar o miton.

— Disseram que sim! — exclamou Anigel, cheia de alegria. — Querem saber se desejamos ir agora! Oh, é maravilhoso! O que devo dizer a eles, Immu?

A oddling piscou lentamente os olhos amarelos e enormes. Então olhou fixamente para a humana que ela amava, vendo a pele, antes delicada, com marcas de picadas de insetos e bronzeada de sol, o cabelo, antes comparado a fios de ouro, como um emaranhado de palha, os olhos azuis, antes chorosos e cheios de medo, agora cintilantes e decididos.

— Minha doce criança, é claro que deve dizer a eles para nos levarem agora.

Dizendo isso, Immu começou a guardar calmamente a comida nas duas mochilas e as amarrou no banco do barco.

Anigel tirou o jarro com miton da bolsa no seu cinto. Tomou um gole, depois deu para os rimoriks.

— Agora, estamos prontas. Sente no seu lugar, Immu. A princesa voltou para o banco da proa e segurou as rédeas, enrolando-as nas mãos calejadas para maior firmeza. Mentalmente, deu a ordem.

— Meus amigos, vamos!

Os dois animais mergulharam, nadaram para a frente dando impulso com as nadadeiras munidas de garras, e tiraram o barco longo e leve do esconderijo para o meio do lago. Fazendo uma curva longa, nadando com toda sua força prodigiosa, seguiram para o sul — direto para as Presas de Munjuno e para a borda da enorme cachoeira.

Encostado na grade de pedra, o Príncipe Antar viu seus cavaleiros e os soldados desembarcarem dos barcos e começarem a tomar suas posições ao longo da rampa. Antar, Voz Azul e Sir Penapat, este último mancando, estavam na parte mais alta da Torre de Tass, um farol com quase quinze ells de altura no lado oeste da pequena cidade da ilha.

O príncipe e o cavaleiro, só com as túnicas e os calções, por causa do calor, observavam a cena do parapeito externo do farol, mas o magro Voz Azul, com o manto e o capuz, estava sentado numa banquetta perto da grande lâmpada apagada, seguindo com sua visão a distância o movimento das tropas em terra.

— Eu não gostaria de morar aqui — disse Penapat.

— Por que não, Peni? — Antar examinava os telhados lá embaixo com poucas espirais de fumaça saindo das chaminés. Lorde Zontu dissera que a maior parte dos moradores, exceto os marinheiros das jangadas, abandonava Tass na estação das chuvas. A guerra tinha apressado o êxodo.

— Muito barulhento — disse o alto cavaleiro. — A cachoeira. Me dá dor de dente.

— Dor de dente..

— Você não sente? Um som tão profundo que não chega a ser um barulho. Atravessa as rochas, faz tremer todo o farol, meu corpo também e me dá dor de dente.

Antar começou a rir — mas parou de repente, com a impressão de ter visto alguma coisa na água. — Meu Deus! — murmurou. — Peni, quer olhar para aquele lado? Vê o que eu vejo?

— Um barquinho — confirmou Penapat, intrigado. — Não devia passar além daqueles rochedos. O mercador disse que há uma corrente muito forte naquele lugar, que carrega o barco para a cachoeira.

— Azul! — rugiu o príncipe. — Venha aqui, depressa! Voz Azul ergueu-se da banquetta com relutância evidente e Antar o arrastou até a grade do farol, apontando para o pequeno barco.

— Aquele barco! Quem está dentro dele? — perguntou Antar.

Voz Azul fez um muxôxo.

— Tirou-me do meu transe, príncipe. É uma coisa extremamente perigosa..

A mão forte de Antar apertou o braço do homem vestido de azul.

— Aquele barco, seu verme cretino! Depressa!

Os olhos do vidente desapareceram, deixando no seu lugar um abismo negro e vazio, os lábios finos tremeram.

— Meu senhor. eu. eu não posso dizer quem está dentro dele.

— Anigel! — exclamou o príncipe. — É a princesa!

O barquinho, movendo-se com rapidez espantosa, estava agora bem além das Presas. Havia dois vultos dentro dele, um bem na proa, com o corpo ereto e rígido, o outro encolhido na popa. Uma brisa leve dissipou a neblina que pairava sobre a beirada da catarata. Podia ser vista claramente do farol uma linha quase reta azul-escura, franjada de branco. Além dela só se via o céu e, ao longe, árvores indistintas.

Antar por um momento viu de relance formas escuras e grandes puxando o barco para a cachoeira. Então, a pequena embarcação pareceu pairar por um instante, com a proa quase no ar, a popa ainda na água, antes de se inclinar para a frente e desaparecer.

CAPÍTULO 25



O lammergeier voou incansável sobre os picos e os campos de neve dos enormes Ohogan, tão alto que Haramis sentia dificuldade em respirar o ar muito fino. Logo depois que o pássaro deixou Movis, vencida pelo sono, enrolando-se no grosso manto de peles, aninhou-se nas penas brancas e adormeceu.

Não viu quando passaram sobre o Monte Rotolo, nem a aproximação lenta do enorme Monte Gidris, envolto em densas nuvens. O lammergeier voou durante horas e horas contra o vento forte, mas quando a noite caiu não tinham chegado ainda ao seu destino.

Haramis acordou quando ele começou a descer atravessando a neve espessa que caía. Como os vispis haviam ensinado, primeiro ela mentalizou uma imagem clara da cabeça do pássaro, branca e preta, coroada pela crista e com dentes aguçados. Então, mentalmente disse seu nome. Hiluro!

— Eu escuto, Haramis!

A princesa ouviu a resposta numa parte da sua mente que Magira a ensinara a usar. Para Haramis, aprender a linguagem sem palavras foi uma experiência estranha. As primeiras tentativas foram um completo fracasso. Então, quase por acaso, conseguiu se comunicar com Magira. Depois de vários outros sucessos semi-acidentais, Haramis compreendeu o que estava fazendo e depois disso tudo se tornou simples, quase automático. Bastava "abrir" aquela parte da mente depois de chamar a pessoa com quem queria se comunicar. Quando Haramis começou a dominar a linguagem sem palavras, Magira a apresentou ao lammergeier que seria sua montaria e companheiro na fase seguinte da sua missão.

O pássaro enorme desceu suavemente num telhado plano, atendendo ao chamado de Magira. Suas asas abertas eram quase da largura da casa e os pés gigantescos, com garras negras, podiam apanhar um homem vestido de armadura, com a facilidade com que um pássaro canoro da noite apanhava um vart das árvores. Porém, com toda aquela aparência feroz, a enorme criatura alada cumprimentou Magira com afeição.

Vou lhe contar agora um dos grandes segredos do povo das montanhas, disse Magira para a princesa, afagando a cabeça do lammergeier. Sabe que fomos feitos para viver numa terra rodeada de gelo e de neve — assim como estas criaturas. Quando os Desaparecidos refizeram a carne abominável da Raça Fundadora, criando o Primeiro Povo, criaram ao mesmo tempo o voor, que os humanos chamam de lammergeier, originário de uma espécie de pássaros mais fracos. Desse modo, o povo e o voor nasceram juntos, uma vez que os Desaparecidos sabiam que precisaríamos de ajuda para nos movimentar num mundo encerrado no gelo. Nossas cidades são poucas e muito distantes umas das outras, mas, com a ajuda dos nossos grandes amigos alados, fazemos longas viagens em segurança. Como você fará a sua, para cumprir sua missão..

O lammergeier, depois de aterrissar com segurança, apesar da neve, abriu com o bico uma fenda na rocha coberta de gelo, revelando uma passagem escura.

— É este o lugar em que está escondido meu Círculo de Três Asas? — perguntou Haramis.

Não, este é um abrigo para a noite. Nós dois precisamos comer e descansar, e você estará segura aqui enquanto eu estiver caçando. Voltarei logo. Hiluro levantou voo outra vez.

Haramis tirou de baixo do corpete o amuleto com o trílio. O âmbar brilhava como uma lanterna, iluminando seus passos sobre pedaços de gelo quebrado, para o interior da caverna.

Era um lugar enorme, quase todo seco, embora o vento atirasse flocos de neve para dentro. Alguns blocos de pedra com veios largos de quartzo branco e outro material refletiam o brilho quente do amuleto. Haramis compreendeu que estava vendo um filão de ouro.

A princesa pôs a mochila no chão e caminhou pela caverna à luz do amuleto, encontrando afloramentos de ouro por toda parte e, às vezes, pepitas grandes no chão.

Mas foi no fundo da caverna que ela fez a descoberta mais interessante.

No interior de uma alcova talhada na pedra, a luz dourada do amuleto iluminou algo escuro e brilhante. Haramis aproximou-se e viu uma parede

de gelo negro completamente lisa que refletia sua imagem, segurando o amuleto.

Um espelho de gelo...

Não era uma coisa assim que o feiticeiro usava para sua visão a distância?

Fez a pergunta para o espelho de gelo negro e sua imagem pareceu oscilar, transformando-se no reflexo de outra pessoa, um homem, com trajes estranhos e um chapéu que parecia uma estrela enorme. Ele sorriu e estendeu a mão, oferecendo para mostrar seus segredos, compartilhar seus conhecimentos, sua magia.

— Haramis!

— Orogastus — murmurou ela, paralisada de espanto por tê-lo reconhecido.

Ele parecia procurar alcançá-la através do espelho de gelo negro..

Haramis!

O chamado mental não era humano, mas familiar, urgente

— Hiluro?

— Haramis, volte! Agora!

Ela viu outra vez o próprio rosto na parede de gelo. Gelada até os ossos, voltou-se e correu para a entrada da caverna, para tranquilizar Hiluro, cujo chamado sem palavras ecoava ainda em sua mente, afastando todos os outros pensamentos.

CAPÍTULO 26



Jagun nem tentou acender o fogo. Ficou parado com as mãos caídas ao lado do corpo. Era como se tivesse chegado ao fim de uma trilha para encontrar apenas uma parede intransponível. Kadiya olhou para ele, preocupada. Nunca o vira assim. A princesa ia perguntar o que tinha acontecido quando ele se voltou rapidamente e, usando suas garras, lutou para subir até onde ela estava, no topo da abertura em forma de bacia. Deu alguns passos vagarosos pela borda larga, sem olhar onde pisava, mas com a cabeça erguida, olhando de um lado para o outro, o corpo tenso procurando ansiosamente ouvir, ver, saber. Quando ele completou a volta e aproximou-se dela, a princesa disse:

— O que é, Jagun?

Por um momento ela pensou que o oddling não ia responder. Então, ele a olhou de frente.

— Olhos Penetrantes, para todos nós existem coisas secretas. Esta é uma terra estranha, tanto para mim, quanto para você. Mas acho que encontramos agora algo mais estranho.

— Algo que devemos temer? — perguntou Kadiya.

— Eu não sei.

Jagun tirou a comida da mochila — alguns biscoitos secos e dois peixinhos defumados, tão duros que se quebraram quando ele os tocou. Embora intrigada com o fato de Jagun não ter acendido o fogo, Kadiya achou mais prudente não perguntar. As noites eram sempre úmidas naquela região alagada, mas nessa noite ela não estava com frio. Era como se a grande estrutura côncava conservasse um pouco do calor do sol.

A fadiga dos trabalhos daquele dia pesou finalmente sobre ela. E embora a lembrança das larvas e das plantas venenosas passasse por sua mente cansada, Kadiya não tinha ânimo para sugerir que se revezassem na guarda durante a noite. A sensação de segurança, quando subiu na borda da grande

estrutura, envolvia-a como um manto quente, prometendo um sono tranqüilo.

Estaria dormindo ou acordada? Kadiya não tinha certeza. Ficou deitada, quieta, na noite escura, com filetes de névoa espiralando no alto da grande estrutura.

A raiz-guia estava ao lado da sua cabeça, enfiada na terra, com a ponta negra para cima, sem nenhuma chama brilhante agora. Mas não estavam completamente no escuro. Com os cantos dos olhos, Kadiya via um brilho trêmulo. Quando se voltava rapidamente, ele desaparecia, ou fugia, escondendo-se, para continuar como uma mera sugestão.

Depois de algum tempo, as chamas brilhantes ficaram imóveis. Tinham a altura de Jagun, colunas finas onde giravam cores diversas, tão claras que não se podia distinguir uma da outra.

A princípio ficaram paradas, sem nenhuma ordem aparente, depois tremularam com mais força e ergueram-se no ar. Kadiya não tinha certeza, mas era como se estivessem tecendo desenhos complexos dos quais ela e Jagun eram o centro. Não sentiu medo. Finalmente, as colunas de luz desapareceram, deixando apenas uma névoa que subiu dando voltas pelo lado oposto da grande estrutura côncava.

A névoa adquiriu mais brilho e dentro dela apareceu uma bela cidade — a cidade do seu sonho, antes de chegar a Noth! Era como se Kadiya a conhecesse e tivesse encontrado lá toda a felicidade e todo o contentamento que podia desejar. Tudo que queria agora era achá-la.

Uma música distante, diferente de todas as que o bardo de Ruwenda tocava na harpa, fez nascer em Kadiya um novo desejo. Então, a visão desapareceu.

Kadiya sentou-se, sentindo frio, e levou a mão ao amuleto. A sensação de estar protegida e confortada desapareceu. Visualizou claramente a região terrível que tinha atravessado.. e percebeu então que o dia estava nascendo.

Notou movimento ao seu lado. Jagun, pronto para seguir viagem, acenou para ela, ainda com aquela expressão sombria e estranha nos olhos. Kadiya levantou-se, apanhou a raiz, ajeitou a mochila nos ombros, pronta para continuar a jornada. Os dois viajantes olharam para baixo e para longe da grande colina que abrigava a estrutura côncava. A névoa do pântano

dançava no ar e não viam nem sinal do sol para dissipá-la. A raiz do trílio reviveu na mão de Kadiya, deslizou entre seus dedos e começou a descer a colina, no lado oposto ao que tinham subido na véspera.

— Vamos — disse Jagun com voz inexpressiva. Não disse nada sobre comerem alguma coisa — apontou para os altos arbustos espinhosos e para os horrores bulbosos que cresciam entre eles. Seguiram, diminuindo o passo e ziguezagueando para evitar as bolas venenosas.

Chegaram a uma clareira atapetada com uma espuma amarela e fofa. Não havia árvores, apenas uma série de colunas, como pequenas torres de barro, e adiante um campo que parecia plano e limpo. Jagun avisou que aquilo era areia movediça. Um passo em falso e seriam tragados para sempre.

Jagun tirou um embrulho da sua bolsa de caça, abriu-o, revelando quatro objetos ovais em forma de pratos. Libertos do material que os envolvia, os objetos abriram-se, tornaram-se mais espessos como que absorvendo a umidade do ar, transformando-se em folhas em forma de barco com as bordas viradas para cima. Os caçadores os chamavam de deslizadores.

Kadiya já havia usado os deslizadores antes, sempre com muita cautela e só quando estava com Jagun. Sentada numa das colunas de terra, ela atou os tirantes dos deslizadores nos tornozelos. Bateu com os pés no chão para verificar se estavam firmes e saiu atrás de Jagun, seguindo as pegadas do caçador experiente. A raiz-guia já estava na frente deles, deslizando no solo traiçoeiro. A areia e a lama cediam de leve ao peso dos viajantes, que seguiam agora rapidamente, ladeados pelas colunas de terra, mais altas do que os dois.

A névoa era tão espessa agora que mal se via a entrada do Inferno de Espinhos que acabavam de deixar. Às vezes até as colunas desapareciam na neblina. Aos poucos, o solo ia ficando mais firme sob seus pés. De repente, um véu enorme de névoa parou no ar, como se tivesse enganchado em alguma coisa, libertou-se e voou para longe.

Apareceu então a última coluna. Só que não era uma coluna. Grandes pedaços de barro seco haviam se desprendido da coluna, revelando uma figura estranha, mas de modo algum monstruosa.

Não era a estátua de um oddling. As proporções eram humanas, a imagem de um homem. Exceto pelo elmo coroadado e enfeitado e três cinturões, a estátua estava completamente despida. Os cinturões cruzavam-se no peito,

terminando num cinto largo preso com uma fivela. A cor do corpo era brancomarfim e brilhava como se tivesse sido recentemente polido. Os cinturões e o cinto eram recobertos por pequenos flocos ou escamas verdes, douradas e azuis, cuja tonalidade ia do mais claro ao mais escuro.

A atenção dos dois concentrou-se no que a estátua tinha na mão estendida.

Nos últimos dias Kadiya havia testemunhado muita selvageria. Mas a cabeça decepada, na mão da estátua, contrastava tão brutalmente com a sensação transmitida por aquela figura que a princesa ficou chocada. Não era a cabeça de um skritek, nem de um oddling. Embora fosse completamente calva e grande demais, podia ser a cabeça de um ser humano da sua espécie!

A jovem recuou para ver melhor o rosto da estátua, esperando uma expressão feroz como a dos labornoks quando perpetravam aqueles horrores na Cidadela.

Porém, o rosto sob o elmo era calmo, cheio de força e serenidade. Podia ter sido feita para servir de advertência, ou para comemorar uma vitória, contudo, quanto mais Kadiya examinava aqueles olhos — fixos à sua direita, porque a cabeça estava levemente inclinada —, mais se convenciu de que significava uma espécie de justiça, destinada a permanecer para sempre como um aviso.

Os olhos não eram apenas cinzelados e brancos. Cada pupila era uma pedra negra em cujo interior, como no coração da flor do Trílio Negro, cintilava um leve brilho dourado.

— O sindona! — Jagun afastou-se rapidamente da estátua. — Este é o Caminho Proibido! — Sua expressão era de temor respeitoso.

Sem tirar os olhos da estátua, Kadiya perguntou:

— Quem?

Sem responder, Jagun abaixou-se e apanhou um pedaço de lama seca que tinha sido arrancado da estátua.

— Isto não foi feito há muito tempo. Mas — não foram os skriteks. Eles não teriam coragem de encostar as garras nesta estátua. Quem então?

— Por favor, o que representa esta estátua? — perguntou Kadiya erguendo a voz.

Jagun piscou os olhos rapidamente.

— Sentinelas dos Desaparecidos — aqueles que comandavam a terra e a água... — Não terminou a frase e segurou o braço de Kadiya.

— Veja!

A raiz do trílio estava parada sobre um pedaço de lama seca, com a pequena chama brilhante apontando, não para onde eles estavam indo, mas para onde a estátua olhava. Jagun enfiou o cabo da sua lança na lama amarela. A madeira penetrou até a profundidade de um dedo e encontrou resistência, embora a superfície fosse igual à da areia movediça que acabavam de atravessar. Kadiya observou o caçador dar alguns passos, enfiando o cabo da lança na frente dos pés. A raiz ia de um lado para o outro, como ansiosa para seguir Jagun, mas sem querer deixar Kadiya para trás.

Magia — tudo magia! A antiga impaciência acendeu-se dentro dela. Porém, até então, a raiz-guia não os tinha enganado. Com relutância, a princesa seguiu o caçador pelo novo caminho. As folhas do deslizador afundavam-se levemente sob seu peso, depois encontraram solo firme e a raiz partiu velozmente, como um cão de caça livre da correia.

Finalmente começaram a aparecer entre a terra amarela pedaços de chão que parecia calçado. Atravessaram a última faixa de névoa e chegaram a um lugar coberto de relva áspera como a dos campos do nordeste. Havia também outros tipos de vegetação aqui e ali, e Kadiya foi arranhada por espinhos quando estendeu a mão para apanhar a raiz-guia.

As costas e as pernas da princesa estavam doloridas por causa da tensão com que tinha atravessado a areia movediça. Kadiya tropeçou duas vezes e caiu de joelhos. Jagun aproximou-se dela imediatamente com o cantil de água na mão. Ela bebeu, agradecida, e deitou-se para descansar entre os tufo de relva. Em menos de um minuto adormeceu.

Acordou com a luz nos olhos e olhou para o céu assustada. Sonhou que estava no seu quarto na torre das mulheres, na Cidadela. Mas não via o teto entalhado. A princesa sentou-se, gemendo de dor nas costas.

A clareira de relva era circundada por árvores com troncos lisos de um verde bronzeado e as folhas azuladas com bordas verdes farfalhavam ao toque da brisa. Estava sozinha, mas viu a bagagem de Jagun não muito longe. Um pássaro blabat tentava apanhar uma amora no galho da árvore e

não deu atenção a Kadiya quando ela se levantou e se espreguiçou para aliviar os músculos. A raiz do trílio estava enfiada no solo, onde ela a havia deixado, tremulando levemente.

— Na... na... na...

A princesa reconheceu o som imediatamente. Os nyssomus jamais falavam alto nem tagarelavam, mas tinham suas expressões de contentamento. Jagun saiu de trás de uma moita carregando o que parecia uma trepadeira da qual pendiam frutos ovais vermelhos, completamente maduros.

Kadiya quase engoliu inteiro o primeiro fruto, e começou a comer o segundo antes de perguntar:

— Onde estamos?

Jagun descascava cuidadosamente um pedaço de cana doce. Deu de ombros, indicando que não sabia. Kadiya estava tão acostumada a confiar no conhecimento que ele tinha do Pântano Labirinto que olhou para o caçador incrédula. Jagun mastigou a cana e cuspiu o bagaço.

— Estamos além de todos os caminhos que eu conheço, Olhos Penetrantes. Só sei que sob este solo há pedra. — Bateu na relva com o pedaço de cana. — E aquilo — com um gesto da cabeça, indicou a raiz-guia — nos trouxe até aqui.

— Mais ruínas.

Deixando a cana de lado, Jagun cavou a terra com a ponta da faca. A superfície que apareceu era realmente pedra escura.

— Uma estrada, é isso — apontou uma abertura entre as árvores.

— Uma estrada feita pelos sindonas? „, Jagun desviou os olhos, olhando para o buraco que havia feito no chão, como se descobrir aquela superfície fosse um grande erro.

Então falou, hesitante, com grandes pausas entre as palavras, como se relutasse em dar a informação.

— Os Desaparecidos — e com eles, suas sentinelas, os sindonas — no passado governavam as águas e as ilhas. Fomos feitos por eles, criados por suas mentes e suas mãos. Os Poderes das Trevas rebelaram-se e a morte assolou a terra. Porém, antes de sua partida, os antigos nos chamaram e disseram que estávamos livres. Pediram apenas alguns juramentos.

Jagun olhou para a faca que tinha na mão, girando-a devagar.

— Os sindonas ficaram para tomar conta do que foi deixado pelos Desaparecidos. Certos objetos — e certos conhecimentos — eles não puderam levar, nem conseguiram destruir. Esta estrada — com um gesto indicou as sentinelas cobertas de lama seca — leva a um dos lugares proibidos.

Recolocou o pedaço de terra no buraco que havia feito.

— Filha do rei, seu pai tinha Companheiros Fiéis que o serviram até a morte. Embora tenhamos jurado lealdade a outra pessoa,- somos obrigados a cumprir nossos juramentos do mesmo modo. Porém, Olhos Penetrantes, acabo de quebrar esse juramento! Lá adiante, depois dessas árvores está o Caminho Proibido. Ontem à noite enviei o Grande Chamado. Não tive resposta. Não consegui me comunicar com nenhum vigia do meu povo. Chegamos à barreira imposta aos da minha raça. Ela continua — apontou com a faca para a raiz-guia —, e você deve segui-la. Não sei se posso acompanhá-la. Pensei que estávamos indo para a terra dos uisgus, mas estamos aqui. E alguém descobriu a estátua do Capitão das Sentinelas — Lamaril, o Grande, que nem os skriteks ousam desafiar. Não, meu chamado não foi respondido. Mas lá adiante — apontou outra vez com o aço da faca que refletiu ameaçadoramente a fraca luz do sol —, avistei um fogo durante a noite. No meio daquelas árvores, ao longo do Caminho Proibido.

Kadiya sobressaltou-se.

— Eu estava dormindo.

Pela primeira vez naquele dia, o rosto de Jagun se iluminou.

— Olhos Penetrantes, você dormiu quase um dia inteiro e toda a noite seguinte. Este é o segundo dia.

Ela franziu a testa.

— Devia ter me acordado.

— Não, não devia. O que nos espera eu não sei, exceto talvez que é um perigo muito maior do que todos os que já enfrentamos. Qualquer caçador teria preferido lutar com os skriteks a seguir pelo Caminho Proibido. Você vai precisar de toda a força da mente e do corpo, por isso eu a deixei dormir.

— Esse fogo que você viu...

Jagun disse, outra vez com expressão sombria:

— Os fogos do nosso povo são pequenos. O que eu vi era muito grande. Muitas mãos seriam necessárias para alimentá-lo.

— Os homens de Voltrik?

— Se forem, estão nos esperando no lugar onde aquilo — apontou a raiz-guia — nos levará.

Caminharam em silêncio, mas era evidente que Jagun estava cada vez mais agitado.

Kadiya também estava nervosa. Mais de uma vez teve vontade de segurar a raiz-guia. Mas não podia destruí-la. A raiz estava presa à magia da Arquimaga e à sua procura do talismã — o misterioso Olho Chamejante de Três Partes — e a princesa não podia impedi-la de cumprir sua missão.

De repente, com um grito assustado, Jagun tirou da bolsa de caça um pequeno bracelete de ouro com pedras vermelhas. Kadiya vira aquele objeto duas vezes antes. A primeira, quando Jagun chegou à Cidadela para ser recebido pelo rei seu pai, e a segunda, numa reunião musical festiva do seu povo, quando ele a usava na parte superior do braço. Devia ter apanhado o bracelete na aldeia nyssomu.

O caçador girou o bracelete entre os dedos, acariciando-o levemente e resmungando. Então, apertou-o com tanta força que os músculos do seu ombro ficaram tensos e ergueu o rosto com uma expressão de pavor.

O bracelete se partiu e Jagun jogou para longe os pedaços. Um som sinistro e agudo saiu dos seus lábios, um som que Kadiya já ouvira também, quando um oddling morria e os outros o levavam dentro do barco para o lugar sagrado.

— Jagun? — disse ela, com medo.

O rosto dele estava rígido, com uma expressão gelada que ela jamais vira.

— Jagun está morto — disse ele, com voz inexpressiva.

— Este não tem nome. Eu sou o que quebrou o juramento, expulso do meu povo, um que não pode falar e com quem ninguém jamais falará. Nós vamos quebrar o silêncio proibido. A Dama de Noth tem direito de tirar nossas vidas.

— Quando seguimos o guia que ela nos deu? — perguntou Kadiya, furiosa. Por acaso ele atribuía a culpa a ela? O amuleto ficou mais quente contra sua pele. — Eu vou continuar! — exclamou. Mas depois de alguns passos, tropeçou e só com esforço manteve o equilíbrio. Foi invadida por uma sensação tão estranha que tentou falar e não conseguiu emitir nenhum som. Por um breve momento, um medo terrível fez tremer todo o seu corpo.

Medo do quê?, pensou Kadiya. Agarrou um arbusto próximo para não cair. Como sempre, o medo acordou a fúria dentro dela.

Empunhando a adaga desembainhada, a princesa voltou-se. Jagun estava caído na relva que cobria a estrada antiga, apertando o peito com os dedos e respirando com esforço.

— Jagun! — Kadiya ajoelhou ao lado dele.

Da boca do oddling escorreu um filete de líquido.

— De volta! — A voz dele era fraca e distante. Ergueu os braços, num gesto de desespero, procurando levantar-se. — Leve-me de volta!

Kadiya embainhou a adaga e o segurou pelos ombros. Reunindo todas as suas forças, ela o arrastou por cinqüenta ells sobre a relva, para fora da estrada antiga que a raiz queria que ela seguisse.

A raiz estava parada, mas tremia, chamando-a com urgência. Todo o medo tinha desaparecido, como se tivesse sido fechado atrás de uma porta. A princesa segurou o amuleto, quente e brilhante, mas sem nenhuma sugestão de ameaça. Ao contrário, parecia encorajá-la a seguir.

O vento soprou da direção das árvores e Jagun, tossindo, ergueu o corpo e ficou sentado no chão.

— Uma barreira — disse o caçador com voz rouca. — Eu não posso ir por aquele Caminho. — Inclinou a cabeça sobre o peito. Seu rosto inexpressivo parecia estar vendo alguma coisa muito mais forte do que ele e contra a qual não tinha nenhuma arma.

— Olhos Penetrantes... — disse com a voz repleta de tristeza. — É proibido — só você pode continuar. Mas eu juro que, se houver um meio de ir ao seu encontro, eu o descobrirei!

— Eu. — Agora eram seus lábios que pareciam gelados. — Jagun.. tenha cuidado.

Jagun ergueu a mão, num gesto de encorajamento e segurança. Então, girou o corpo, desviando os olhos. Depois de algum tempo, levantou-se e acenou um adeus. Kadiya tinha certeza de que ele faria tudo para descobrir um meio de chegar até ela, evitando o caminho que os separava agora.

A raiz moveu-se impaciente na relva, chamando-a para seguir viagem.

Kadiya pôs no ombro a bolsa de caça de Jagun e com relutância, arrastando os pés, acompanhou a raiz-guia na direção das árvores. O vento soprava agora contra ela, trazendo um cheiro enjoativo que não era o fedor dos skriteks, nem o do pântano. Duas vezes, olhou para trás, esperando ver Jagun, mas o caçador tinha desaparecido.

Perto de uma árvore havia alguma coisa com brilho fosco. Kadiya abaixou-se e apanhou uma flecha, bem-feita, com penas vermelhas como sangue. Já vira outra igual, sim. e durante o cerco da Cidadela ajudara a recolher todas as que estavam perfeitas para serem usadas pelos defensores de Ruwenda. Não era do povo do pântano, mas dos invasores! Como foi parar ali? E por que estava tão perfeita — como se fosse um guia, como sua raiz?

A princesa ia jogá-la para longe, mas pensou melhor e a colocou no lugar, mas com a ponta na direção contrária.

Como teriam os labornoks ultrapassado a barreira que havia derrotado Jagun? O amuleto do trílio devia ser sua chave

— mas os homens de Hamil, o que mais tinham eles além do aço já muito manchado de sangue? Seria mais uma das mágicas de Orogastus?

Deu mais alguns passos e viu na lama a marca de uma bota Logo adiante — e Kadiya esforçou-se para não vomitar

— estava o skritek morto, deitado de lado, como se tivesse sido chutado para fora do caminho. Não viu nenhum ferimento na criatura, nem sinal de sangue.

Kadiya continuou, contando seus passos em voz baixa, procurando ficar alerta a tudo que a rodeava. Então outro bafo fétido infestou o ar e ela olhou para a direita. O corpo peludo de um oddling, evidentemente uisgu, estava amarrado numa árvore. Dessa vez via-se perfeitamente que sua morte não fora nada fácil.

Logo adiante, havia mais marcas no solo e o cheiro de fogo. Arbustos arrancados espalhavam-se no chão e a relva estava amassada. Então, Kadiya encontrou outro oddling torturado. Queria evitar ver de perto a pobre criatura, mas um gemido a fez aproximar-se do uisgu. Ele tentou erguer o braço quebrado e um dos olhos no rosto torturado fixou-se nos seus.

Mais uma vez Kadiya valeu-se da força da sua raiva.

Quem fez isto? — Parou, indecisa. Como aliviar tão terríveis ferimentos? Não tinha nada.

A mão do uisgu se moveu, como se a boca torturada não pudesse mais falar. Com grande esforço, ele apontou para a faca de Kadiya.

E então ela compreendeu a súplica. Seu coração bateu disparado. Kadiya sempre fora fascinada por armas, e uma vez ou outra, quando o Mestre de Armas estava de bom humor, treinava um pouco de esgrima. Tinha aprendido também alguns truques com Jagun — mas não estava preparada para aquele.

Mais uma vez a súplica com voz fraca, o gesto com a mão...

Enchendo-se de coragem, Kadiya segurou a adaga com as duas mãos. Vieram-lhe à mente as palavras de Jagun quando ele encontrou um fronial desgarrado, tão enterrado num atoleiro que ninguém poderia salvá-lo.

— Atravesse com segurança... — Abaixou a adaga e sentiu a lâmina penetrar a carne. Então ela engoliu em seco, uma, duas vezes.

Levantou-se, cambaleando, ansiosa para fugir, livrar-se de tudo aquilo. Mas a raiz-guia continuava a deslizar para a frente. Não havia dúvida de que ia enfrentar muitos perigos e estava tão mal preparada quanto a guarnição da Cidadela quando os invasores atacaram.

Viu a névoa adensando-se entre as árvores à sua frente, lançando uma vez ou outra uma língua de neblina. A raiz continuava firme, em linha reta. Kadiya sobressaltou-se quando sua guia ergueu a ponta, com uma chama verde, e virou para a esquerda, apontando para o espaço entre as duas árvores mais altas que ela já vira.

Um assobio fino e estridente cortou o ar. Instintivamente a princesa saltou para o lado, no momento em que alguma coisa chocou-se contra a árvore à sua frente. Kadiya viu a espiral de fumaça oleosa e espessa, atirou-se de

bruços no chão e, apesar da dor que sentia, arrastou-se para a proteção de uma moita.

Mais uma vez o silvo agudo e fino, seguido do que parecia uma resposta abafada. A bolsa de caça de Jagun enganchou-se nos arbustos, prendendo Kadiya com o rosto contra o solo. A princesa tentou freneticamente se libertar. A fumaça a alcançou, engasgando-a e provocando tosse. Mas a tosse a salvou. Os galhos dos arbustos soltaram-se com o movimento dos seus ombros e ela caiu para a frente no que parecia um buraco escuro. Estendeu a mão e tocou pedra, nenhum tronco nem galhos.

O grito de caça soou pela terceira vez atrás dela e Kadiya seguiu lentamente no escuro. Em pânico, uma parte de sua mente dizia que estava sendo levada para uma armadilha, mas continuou em frente.

Esperava ser alcançada a qualquer momento, puxada pelos tornozelos e tirada daquele buraco como um scubri retirado da concha por mãos hábeis. Kadiya continuou arrastando-se até sua mão estendida encontrar só o vazio e ela começou a cair, a cair...

A água fechou-se sobre ela, escondendo toda a luz. Mas não era a água espessa e suja do pântano. Era clara e cristalina, a não ser em volta do corpo da princesa, do qual soltava-se a terra e os galhos grudados na sua roupa. A bolsa de caça de Jagun a levava para o fundo, mas não queria se desfazer dela. Batendo as pernas, tentou chegar à superfície. Um brilho verde despertou sua atenção. Então a guia estava ainda com ela! A raiz nadava na sua frente.

Finalmente chegou a uma parede, com um impulso subiu por ela, dentro d'água, até à superfície. Saiu de quatro, no chão de mosaico azul-metálico. Nem uma folha, nada maculava a água cristalina. À sua frente viu uma escadaria, ladeada por estátuas.

Kadiya levantou-se. A primeira coisa que notou foi o silêncio. Depois que saiu da piscina, a superfície da água" ficou calma e lisa.

Resolveu subir a escada. Não havia nem sinal de folhagem, apenas as estátuas que Jagun havia chamado de sindonas. A luz que se refletia nos ornamentos das sentinelas imóveis feria os olhos da princesa. Nem todos os sindonas que pareciam observá-la com tanta calma eram homens, mas estavam vestidos ou despidos do mesmo modo. E era tão forte a impressão de estarem vivos que a princesa não ficaria surpresa se um deles se movesse

ou falasse — talvez proibindo sua passagem, talvez convidando-a para entrar.

Kadiya olhou para o próprio corpo arranhado e sujo e para as roupas dadas pelos nyssomus que não haviam resistido muito bem à árdua jornada. Porém, sentia-se estranhamente forte e descansada. Queria conhecer aquele lugar que não era citado em nenhuma lenda, nem descrito por nenhum viajante.

No topo da escada Kadiya parou na frente de uma das estátuas. Era mais alta do que ela — talvez o tamanho natural da raça que a havia feito. Examinou o rosto sombreado pelo elmo.

— Quem é você? — Sua voz soou brusca, autoritária demais para aquele lugar de silêncio e beleza. Como podia esperar uma resposta da sentinela silenciosa?

Em lugar da resposta, Kadiya ouviu um ruído estranho, como de uma cortina se abrindo, seguido por um som límpido como se sinos tocassem. Pássaros chilrearam e uma brisa leve e perfumada eliminou os últimos vestígios do horror que a havia apavorado.

A princesa viu outra escada, mais larga do que a primeira, mas sem as sentinelas, que levava para o ar livre, para um parque que ninguém nascido nos pântanos em volta de Ruwenda jamais poderia ter imaginado. Era um lugar de vegetação rica e paradoxal. Frutos maduros e apetitosos pendiam dos galhos ao lado das próprias flores dos quais nasciam. O céu estava limpo e azul. O parque parecia um lugar encantado, tão envolto em magia que a princesa não ousou entrar nele. No último degrau da segunda escada estava sua raiz-guia, com o halo verde da ponta cintilando como se fosse feito de esmeralda.

Kadiya piscou os olhos uma vez, duas vezes. Não estava mais sozinha.

A pessoa que cruzava o parque na sua direção era, evidentemente, do povo representado pelas estátuas, embora o elmo e os cinturões militares fossem substituídos por um manto transparente e esvoaçante.

Mulher — de verdade? Kadiya não tinha certeza, mas sabia que era uma pessoa à qual até a Arquimaga devia obediência. A Princesa Kadiya ajoelhou.

— Filha do Triplo, o que fez o seu povo para abalar o grande equilíbrio do mundo? Para trazer a morte e a dor até este lugar — a última fortaleza?

Kadiya não podia acreditar que estivesse sendo acusada — aquele ser queria apenas a verdade. A princesa levantou-se lentamente.

— Em primeiro lugar — procurou falar com a mesma naturalidade da outra —, sou filha do Rei Krain de Ruwenda. Os de Labornok, sob o comando do Rei Voltrik, fazendo uso da traição, da força das armas e principalmente das artes de um cruel feiticeiro, arrasaram meu país. Com a ajuda de um caçador nyssomu, Jagun, eu escapei da Cidadela quando foi tomada pelo inimigo. Procurei então a Arquimaga que reina em Noth e recebi isto — apanhou a raiz-guia e a estendeu para sua interlocutora. — Ela também me incumbiu de uma tarefa solene — a procura de um talismã. Diz a profecia que só pelas mãos de uma mulher da nossa casa Ruwenda será justificada. A Arquimaga deu a mim e a minhas irmãs o nome de Pétalas do Trílio Negro. Nós somos três — embora eu não tenha certeza de que minhas irmãs estão vivas. E esta pequena raiz do trílio me conduziu até aqui.

— A Arquimaga de Noth — disse a figura com o longo manto. — Há muitos anos ela não mandava ninguém ao Lugar do Conhecimento. Mas, uma vez que a enviou, temos de acreditar que há sombras sobre a terra. Segundo os costumes antigos, a vida deve ser assim. — Estendeu uma das mãos horizontalmente e a outra sob ela, em posição vertical. — O uso dos Poderes das Trevas altera esse equilíbrio. Isso aconteceu uma vez antes, e houve grandes batalhas e destruição na terra. Terra seca se transformou em água, água se transformou em terra e o Gelo Conquistador amortalhou tudo.

Kadiya perguntou:

— Como os sangüinários encontraram o caminho para este lugar e atravessaram a barreira que impede a passagem dos nyssomus?

— Filha do rei, uma vez aberta, a menor fresta numa parede pode se alastrar e formar uma grande porta. Esse feiticeiro que chamou de inimigo alcança muito alto e aprendeu muita coisa. Deu uma certa proteção aos seus seguidores, que os ajudou a abrir nossos antigos portões. Filha do rei — a mulher apontou para a raiz na mão de Kadiya —, termine aqui a sua jornada. Se a Arquimaga de Noth a escolheu, então você realmente vai lutar. Se vai lutar sozinha ou não, depende do modo que agir.

— Não estou segura aqui, no Lugar do Conhecimento?

— Não contra o que aconteceu — pois eu não fui chamada para anular a ameaça dos Poderes das Trevas. — Ergueu a cabeça, como para escutar alguma coisa. — Aí está! Mas eles não têm tanto poder quanto pensam. O caminho secreto que a trouxe está fechado e agora vão andar de um lado para o outro às cegas, com seus skriteks. A antiga proteção ainda tem força, afinal.

— O que eles procuram?

— Aquilo que consideram um tesouro, filha do rei. Porém, o que os homens de Labornok e os skriteks mais desejam não é o que motiva seu mestre. Ele procura aquilo que é proibido e seus seguidores estão muito cansados. Voltarão para a Cidadela sem o que ele deseja.

— E o talismã que eu procuro? — exclamou Kadiya. Deixou cair a raiz do trílio que ficou imóvel e sem brilho. Onde está o Olho Chamejante de Três Partes que a Arquimaga me mandou encontrar?

— Procure em você mesma, filha do rei — abra completamente seu coração e sua mente.

Kadiya olhou fixamente para a mulher.

— Não tenho nenhum talismã mágico! Não tenho exército! Não tenho nem mesmo uma espada.

— Tudo isso existe, filha do rei. — A voz era gelada. — Olhe no seu próprio interior e vai encontrar.

Com isso, ela desapareceu.

Kadiya caiu de joelhos. Nada naquele jardim maravilhoso a encantava agora. Estava exausta, perdida. Tinha apenas a raiz murcha do trílio.

Magia! Bateu com os punhos fechados no chão até a dor superar sua fúria. Olhar dentro dela mesma! Dentro dela estava a fúria! Inclinando-se para a frente, apanhou a raiz que a levava até ali e tentou fazê-la em pedaços, mas a hastezinha resistiu.

Uma das três.

A frase, vinda de lugar nenhum, ecoou na sua mente. Kadiya olhou para cima. A sentinela viva teria voltado? Não, via apenas aquele jardim tolo e sua raiz-guia inútil.

Jogou a raiz para longe com toda a força. O pedacinho do trílio voou com a precisão de uma das flechas de Jagun, dando uma volta no ar para aterrissar verticalmente num pedaço de terra na frente de Kadiya. Ficou ali, plantada, tremulando de leve. Kadiya levantou-se, pensando em amassá-la sob os pés. Mas parou de repente. A raiz estava crescendo e ficando mais espessa, mais alta, mais larga. Kadiya abaixou-se ao lado dela, maravilhada. Duas pequenas hastes apareceram na parte superior, retas como barras de ferro. Sob elas, a haste ficava cada vez mais larga, formando um cilindro grosso e escuro. Na Ponta superior apareceram três esferas — que pareciam botões - muito unidas.

Kadiya olhava espantada, mal podendo acreditar. Notou movimento nas esferas e a camada externa negra se abriu. O que apareceu então..

Três olhos.

Um era um olho do povo do pântano, verde-amarelado. Um era castanho brilhante — e bastava ter um espelho para Kadiya ver que era exatamente da cor dos seus. O terceiro era azul-prateado, com a pupila muito grande e uma chama dourada no fundo.

O amuleto parecia queimar sua pele.

Antes que Kadiya pudesse segurá-la, a pedra de âmbar saltou para fora do corpete, como se tivesse vida própria, o cordão de ouro se partiu e o amuleto voou para o Olho Chamejante de Três Partes, incrustando-se no centro das três esferas.

Os três olhos então fecharam-se, deixando apenas três globos brancos e informes no seu lugar. Kadiya segurou a haste, logo abaixo dos globos e acima das folhas e, certa de que era o que devia fazer, puxou com força.

O que saiu da terra não foi a raiz da planta arrancada, mas uma espada cintilante! O punho adaptava-se tão bem à sua mão que parecia feita exclusivamente para ela. Kadiya passou os dedos nas três esferas no pomo da espada.

— O Olho Chamejante de Três Partes — Kadiya exultou. Notou então que a arma brilhante não tinha ponta nem corte! — Senhores do Ar, que espécie de espada é esta? Como posso usar isto contra meus inimigos?

Uma voz suave, pouco mais do que um sopro no seu ouvido, disse:

— Apenda.

CAPÍTULO 27



— O que estão fazendo? — gritou Anigel para os rimoriks, — Não podemos ir por aí — morreremos todos!

Mas os animais, sem responder, nadaram mais depressa e o barco cortava a água numa velocidade incrível. A princesa firmou os pés na madeira da proa e segurou as rédeas com força. Sua mente recusava-se a acreditar que aqueles animais amigos, aquelas criaturas leais que a tinham trazido de tão longe, estavam levando o pequeno barco, com ela e Immu, diretamente para a borda da Catarata Tass.

Anigel via a queda-d'água aproximar-se cada vez mais. Ficou muda, incapaz de formar um pensamento coerente, de ordenar aos animais que desistissem daquela loucura. Não podia sequer segurar o amuleto com o trílio porque as rédeas enroladas fortemente em suas mãos pareciam a ponto de arrancar seus braços. Não pensou em Immu, convencida de que era sua morte que estava próxima.

O som da catarata era agora um rugido. Gotas levadas pelo vento molhavam suas roupas e seus cabelos. Anigel olhava para a beirada da queda, onde a água quase negra do lago adquiria uma combinação maravilhosa de azul, água-marínha, verde — e, finalmente, branco. Quando chegou bem perto da queda, a canoa diminuiu bruscamente a velocidade. Anigel desenrolou as rédeas das mãos, jogou-as sobre o banco e segurou com força nas duas bordas. Com uma exclamação de espanto viu os dois corpos escuros e enormes saltando fora d'água. com um chuveiro de gotas prateadas, e depois desaparecendo num mergulho.

A proa do barco, onde ela estava, por um momento ficou no ar e ela olhou para baixo, para além do tumulto de espuma branca, e viu um grande lago azul com pequenas casas na margem esquerda. Do lago saía um rio largo com muitos canais que brilhavam como uma trança prateada à luz do sol, serpenteando entre a extensão verde-escura da Floresta Tassaleyo, até se perder na névoa cor de púrpura.

Anigel viu tudo isso e em sua mente parecia ouvir Immu e os rimoriks dizendo: Confie!

Então a canoa inclinou-se para a frente, um véu de borrifos a envolveu com centenas de arco-íris redondos e ela começou a cair através de um mundo branco e tremendamente barulhento que finalmente desapareceu no vazio.

No novo sonho, sua mãe, a Rainha Kalanthe, andava rapidamente por uma trilha, numa paisagem desconhecida, que Anigel julgou ser uma floresta das terras secas, com seus trajes da coroação e a magnífica coroa do estado. Anigel estava muito atrás, correndo para alcançar a rainha, gritando para sua mãe esperar por ela — mas Kalanthe não podia ouvi-la. A única solução era correr mais depressa e foi o que Anigel fez, com o coração batendo forte no peito, os pulmões em fogo e uma dor tão grande nas pernas que teria chorado se tivesse fôlego. Devia ter desistido, ter se atirado no chão, dando vazão ao seu desespero, e deixado que a rainha se fosse, mas, em vez disso, obrigou-se a prosseguir.

Então, o milagre. A rainha parou, voltou-se e com um sorriso esperou que a filha, exausta e sem forças, se atirasse nos seus braços, chorando de felicidade.

— Minha filhinha querida — disse Kalanthe. — Eu estava com tanto medo que você também não viesse. Suas irmãs seguiram outros caminhos, você sabe. Mas tudo vai ficar bem agora, logo que você esteja preparada.

Então a rainha do sonho levou Anigel para um regato próximo, abriu sua bolsa de veludo e dela tirou sabonete, um esfregão macio e um pente de marfim.

— Precisamos limpá-la — disse Kalanthe — e pentear seu cabelo e vesti-la com ricos trajes para que seus súditos a reconheçam.

O esfregão atalhado tirou toda a sujeira do rosto de Anigel, esfregando cada vez com mais força, até a princesa gritar de dor...

Anigel acordou.

Estava deitada em solo macio recoberto por uma espessa camada de musgo na margem de um rio. Uma criaturinha com pêlo listrado de amarelo, focinho pontudo e grandes olhos negros, lambia seu rosto com a língua áspera. A exclamação de surpresa de Anigel a assustou e, com um grito, o animalzinho fugiu para dentro do mato alto. O canto do desconhecido

pássaro branco, no galho mais baixo da árvore sob a qual a princesa estava deitada, era como uma fita colorida cortando o som distante do trovão. O rio, a poucos ells de Anigel, tinha vários canais que se cruzavam nos dois lados do leito principal repletos de bancos de lama e ilhotas baixas.

Estou viva!

A conscientização desse fato veio devagar e a princesa começou a mover primeiro as pernas, uma de cada vez, depois os dedos e depois levantou-se lentamente. O vestido tecido de hastes de relva estava em frangalhos, bem como a camiseta de linho. Calçava ainda as sandálias fortes de couro dadas pela Observadora, mas as meias estavam em tiras. O cinto com a bolsa de couro estava intacto, bem como o amuleto com o trílio, no cordão de ouro. Sua pele estava coberta de lama seca, o que significava que devia estar ali há algum tempo. Não se lembrava de como tinha chegado àquele lugar.

Andou com cuidado, entre pedaços de madeira apodrecida, até a margem, de onde podia ver claramente a parte alta do rio. Em toda a extensão do horizonte, ao norte, erguia-se um paredão enorme e verde, saindo da floresta e dividido em duas partes por um manto prateado — a catarata. Parecia estar a uma légua de distância. De onde estava não via a grande lagoa azul, nem as casas que avistara antes de saltar do topo da queda-d'água. Só o rio largo e raso, com seus canais entrelaçados, e a floresta densa, de folhagem verde-azulada, duas margens, bem diferente das florestas do Pântano Labirinto.

Até o cheiro era diferente — mais acentuado, mais resinoso, com bafejos ocasionais de perfume de flores desconhecidas.

— Estou viva — disse Anigel, maravilhada. Então ergueu os braços arranhados e cheios de lama seca e exclamou: — Viva!

No mesmo instante veio a culpa. Immu! Onde estava Immu? E seus dois amigos leais, os rimoriks? Olhou para um lado e para o outro da margem, mas viu nas partes mais rasas do rio apenas pássaros vermelhos de pernas longas e bicos que pareciam pontas de flechas. Por um momento o pânico quase a dominou. Estava viva, sim, mas sozinha na Floresta Tassaleyo, sem a mínima idéia do que devia fazer agora.

Devia gritar? E se os labornoks estivessem de tocaia em algum lugar e a ouvissem? Não tinha para onde ir, nenhuma trilha ao longo da margem, só a pequena clareira com galhos podres trazidos pelo rio, no meio da vegetação

densa, e olhando para o interior, viu os troncos maciços das árvores enormes.

Immu e os rimoriks estariam mortos?

Uma idéia terrível a assaltou. Lembrou-se da atitude estranha de Immu, quase resignada, enquanto arrumava sua mochila no lago. Immu tinha amarrado as mochilas no banco do barco! Nunca fizera isso antes. Devia saber qual o caminho que os rimoriks iam tomar!

”Será que ela ficou comigo por amor?”, murmurou Anigel, ”na esperança de que eu sobrevivesse porque possuía a força dos rimoriks, por efeito do miton — mas sabendo que ela morreria na certa?” Seu coração se apertou. Oh, Immu. Querida e velha amiga.

Mas não adiantava lamentar-se inutilmente. Estava na hora de continuar. Por que não tomar um pouco do líquido sagrado e tentar chamar novamente os rimoriks?

Encontrou uma rocha coberta de musgo, na sombra, abriu a bolsa e tirou o jarro vermelho com sua rede protetora. Tirou a tampa, levou-o aos lábios e, com os olhos fechados, orou mentalmente. Depois chamou, Amigos!

Ouviu uma pancada na água.

Abriu os olhos e viu as duas cabeças escuras no canal principal do rio, não muito longe dela. Anigel ficou de pé e esperou que eles atravessassem os bancos de terra, com o pêlo brilhante cada vez mais sujo de lama a cada movimento das nadadeiras. Finalmente eles se aproximaram e pararam na água rasa, com os olhos negros e enormes solenemente fixos nela.

Amiga humana, procuramos sua amiga do povo do pântano.

— Immu. vocês a encontraram?

Não, procuramos por toda parte. Mas a Água que Corre para o Mar é muito grande e tem muitos remansos para onde o corpo da sua amiga pode ter sido levado.

Com um ardor nos olhos, Anigel levou a mão fechada aos lábios para conter um grito.

— O corpo!... Acham que ela não sobreviveu à queda?

Procuramos. Não encontramos. Agora devemos partir. Seus inimigos humanos estão descendo pela Grande Vinha que Leva Árvores para o Céu. Eles a encontrarão se não a tirarmos daqui.

Anigel compreendeu que os labornoks estavam descendo para o Vale do Grande Mutar pelo elevador de madeira. Por um momento, pensou em mandar os rimoriks continuarem a procurar Immu, mas mentalmente parecia ver a velha ama oddling brandindo o dedo para ela, numa censura furiosa. O sacrifício de Immu seria em vão? A velha oddling não morreu por mero capricho, para fazer companhia a uma pessoa qualquer. O grande gesto tinha como objetivo mostrar seu apoio e seu amor a uma princesa numa missão, uma princesa que não podia fugir das piores tragédias ou dos maiores perigos. Immu caminhara bravamente para a morte. Competia a Anigel apressar-se, agora que estava tão perto do talismã.

— Encontraram o barco? — ela perguntou.

Seu barco está em pedaços. Encontramos a mochila da sua amiga, mas não a sua. Apanhamos um barco do povo da floresta. Está escondido ali adiante.

Desceram uns doze ells pela parte rasa do rio e entraram num regato mais fundo. Anigel não teve remédio senão acompanhá-los. A lama do fundo era pegajosa e grudava como cola. e a princesa não ousou parar nem uma vez com medo de ficar atolada. Chapinhando freneticamente na água para não perder de vista os rimoriks, chegaram ao barco grande e de forma estranha que eles empurraram com a cabeça para a parte mais funda.

O barco era duas vezes mais comprido do que a canoa de madeira, porém, mais estreito. Era branco e parecia feito de osso macio ou marfim, preso com tendões secos. O casco era transparente, como um vidro resistente mas flexível. Os pedaços desse estranho material eram costurados uns nos outros com pontos caprichosos de bordado, e as costuras eram cobertas com uma resina brilhante à prova d'água. Era muito leve e parecia mal tocar a água.

Anigel subiu a bordo. A mochila encharcada de Immu estava no fundo do barco.

— Não tenho rédeas, amigos. E parece que perderam seus arreios. Como vou conduzir o barco?

Os rimoriks riram para ela.

Este barco não precisa ser puxado. Flutua como uma fava seca. Iremos nadando, um de cada lado, empurrando e você diz para onde quer ir.

A princesa sentou-se, abriu a bolsa no cinto e tirou a folha do Trílio Negro, que não estava nem um pouco murcha. Pela primeira vez notou que os veios da parte superior, que representavam o caminho já percorrido, não eram mais dourados, mas marrom-claro. Logo abaixo de uma mancha bege, que indicava o Lago Wum, a nervura dourada dava uma volta para o lado, mais ou menos do comprimento do dedo mínimo de Anigel, antes de chegar à haste curta e curva.

— Temos de percorrer alguma distância ainda — ela disse para os animais —, mas parece ser o tempo todo no Grande Mutar. Acho melhor viajarmos o mais depressa possível, para nos distanciarmos dos soldados inimigos, até eu receber algum sinal mágico.

— Quer que a levemos ao povo da floresta do rio?

— Bem. — Anigel hesitou. — Não tinha pensado nisso. Talvez seja melhor. Falam dos wyvilos, eu suponho. Eles têm aldeias?

Existe um lugar onde eles vivem. Nós a levaremos até lá

— Muito bem — disse a princesa.

Roncando e bufando com o esforço de se mover fora do seu elemento, os rimoriks empurravam o barco de um banco de areia para outro, levando-o para os canais secundários sempre que podiam, até chegarem ao canal principal. Então, os animais rolaram na água limpa por algum tempo, satisfeitos, depois, colocando-se cada um de um lado do barco, começaram a descer o rio. Sem precisar nenhum incentivo de Anigel, os animais imprimiram a maior velocidade possível ao barco.

A princesa calculou que a tarde estava quase no fim. Tirou da mochila de Immu o saco de dormir e algumas peças de roupa e estendeu-as para secar. Felizmente Anigel era pequena e podia usar as roupas da velha ama. Encontrou um chapéu de palha, com abas moles e grandes, uma pequena capa de chuva de couro, e um par de meias também de couro. O estoque das raízes secas para viagem estava muito baixo e Anigel as tirou da mochila para secar no sol. As frutas secas tinham acabado há muito tempo, e ela e Immu estavam se alimentando de frutas silvestres e nozes, além do que os rimoriks caçavam. Anigel precisava ter cuidado com alimentos que não

conhecia. Immu havia identificado várias plantas venenosas com aparência inocente e apetitosa. Graças aos Senhores do Ar e ao acendedor de Immu — que poderia ser usado logo que estivesse seco —, Anigel não precisava comer o peixe cru. O resto do seu tesouro consistia da sua pequena faca e das outras coisas na bolsa que trazia no cinto: um pente, um lenço que ela lavava todos os dias, uma xícara e um sabonete prateado.

— Meu tesouro, meus trajes reais e minha comida suntuosa — disse ela, olhando os objetos no fundo do barco. — E dois servos fiéis para me defender. O que mais uma princesa pode desejar? — Com um suspiro, deitou-se no fundo do barco com o rosto virado para o sol. Meus amigos, acho que vou dormir.

Eles disseram:

— Faz muito bem.

Livre da tarefa de conduzir os rimoriks, pela primeira vez, desde que haviam deixado Noth, Anigel mergulhou num sono sem sonhos, cansada demais até para chorar a perda de Immu. Acordou horas mais tarde, quando os rimoriks aportaram numa ilha estreita coberta de relva macia, com areia limpa em vez de lama. A noite estava quente, mas uma brisa leve afastava os insetos. O leito do Grande Mutar alargava-se à medida que desciam e agora mal conseguia ver a outra margem. A floresta nos dois lados era quase completamente escondida pela névoa. O bramido de um animal de grande porte soou ao longe. Mas Anigel sabia que seus amigos tinham escolhido um lugar seguro para passar a noite.

A princesa viu um arbusto de bruddok e, sonolenta ainda, congratulou os amigos por terem encontrado um lugar tão perfeito. Os rimoriks arreganharam as presas rapidamente e nadaram para longe, para caçar. Anigel comeu alguns frutos doces e sumarentos, arrumou o saco de dormir à sombra do "amigo dos viajantes" e aninhou-se para dormir.

Mais uma vez seu sono foi sem sonhos.

Os homens do Príncipe Antar procuraram os corpos de Anigel e da oddling no lago azul durante todo o dia, mas sem resultado. Encontraram os pedaços do barco atirados pela água perto da serraria deserta, e todos os cavaleiros foram de opinião que ninguém podia ter sobrevivido à queda. Porém a opinião deles não contava. Quem devia dar ordens para prosseguir ou interromper a busca era o feiticeiro Orogastus. A Voz Azul ia conferenciar

telepaticamente com seu Mestre na manhã seguinte, quando Orogastus já teria novas notícias do espelho de gelo.

O grupo de busca acampou na margem do lago — cavaleiros, soldados e a tripulação das barcaças, contratada para aquele trabalho. Sentados em volta das fogueiras (o coro noturno de rugidos e roncões na floresta não os animava a se afastar muito), barqueiros e soldados mal continham seu entusiasmo. Com a morte da princesa podiam voltar para o conforto civilizado da Cidadela. Porém os cavaleiros estavam desapontados, vendo escapar uma oportunidade de conquistar a glória. Tudo parecia indicar que não iam descer o Grande Mutar, à procura do talismã que o feiticeiro tanto cobiçava.

Contrariando todas as expectativas, haviam encontrado somente três barcos dos wyvilos no cais e nenhum nativo para servir de guia. O mestre-mercador Edzar achava que os oddlings da floresta tinham voltado para a sua grande povoação chamada Let, quando a invasão dos labornoks interrompeu o comércio de madeira. Era pouco provável que eles subissem o rio antes da estação seca.

Naquela noite o Príncipe Antar isolou-se no seu pavilhão, recusando até mesmo os convites bem-intencionados de Sir Owanon e outros amigos leais. Seu sofrimento com a morte da princesa era um segredo de polichinelo. O simplório Sir Penapat contou para todos o nervosismo do príncipe quando o barco de Anigel despencou na cachoeira.

Na manhã seguinte Voz Azul, alertado mentalmente pelo mestre, retirou-se para sua tenda, para uma longa conferência telepática. Impaciente com a espera, Antar foi com Sir Owanon ver de perto a serraria que usava a força da catarata e o mecanismo do elevador que transportava a madeira.

— O elevador é uma máquina muito engenhosa — observou o príncipe, examinando os cabos de aço entrelaçados.

— Basta colocar uma tora gigantesca ou uma pilha de madeira que o sistema de roldana permite que os animais de tração, lá em cima, levem para cima o peso mais pesado, sem grande desgaste de energia.

— Sim, os ruwendianos são engenhosos — disse Owanon.

— Mas temos aparelhos semelhantes nas docas de Derorguila, embora menores.

Antar disse, em voz baixa:

— Apesar do tamanho, o elevador não pode carregar as barcaças que nos trouxeram até o lago, mesmo que elas sejam postas na rampa. Mas podem transportar os caiaques. Porém, não seriam suficientes para todos e precisaremos de suprimentos para descer o Grande Mutar.

Owanon concordou:

— Tem razão, é impossível continuar nossa expedição.

— Foi isso que mandei a Voz Azul dizer a Orogastus. Não estou disposto a conduzir uma busca às cegas na Floresta Tassaleyo para encontrar o talismã mágico que ele tanto deseja possuir. Mas não duvido que ele nos obrigue a fazer isso. Conto com seu apoio e com o de Dodabilik quando me recusar a levar nossos homens mais adiante.

— Não precisa nem dizer, meu príncipe.

Os olhos de Antar estavam sérios dentro do visor aberto do elmo azul.

— Temo que o feiticeiro aproveite o fracasso desta expedição para me diminuir mais aos olhos do rei meu pai. O bruxo maldoso sabe muito bem que não aprovo esta perseguição a mulheres indefesas. Além disso, ontem, na torre do farol, eu me descontrolei.

Owanon guardou silêncio discreto.

O príncipe olhou para o amigo com um misto de tristeza e zombaria.

— Owanon, todos sabem que eu me apaixonei por ela.

— Sim, meu príncipe. Mas os melhores homens não o censuram por isso. Não se pode evitar as inclinações do coração. E tem obedecido à risca as ordens do Rei Voltrik, meu príncipe. Ninguém pode dizer que o príncipe descuidou dos seus deveres.

— Orogastus pode — disse o príncipe com amargura. — Ele sempre me odiou e me invejou, e convenceu o rei de que sou muito imaturo para os assuntos importantes de estado. Esta maldita invasão. a crueldade monstruosa com que trataram os ruwendianos vencidos. tudo obra do feiticeiro! Ele transformou meu pai nesta criatura cruel, manipulando seus temores e encorajando seus instintos mais baixos.

Outra vez Owanon não fez nenhum comentário.

— O Rei Voltrik não foi sempre um homem cruel — disse o príncipe. — Quando eu era pequeno e minha querida madrasta Shonda estava viva, ele era um nobre príncipe herdeiro, marido e pai amoroso, um homem cheio de vida e de bondade. Só depois da vinda de Orogastus sua alma se envenenou. Meu pai esperou muito tempo por este trono, e a infeliz Shonda era estéril, e o feiticeiro encorajava cada ambição extravagante, cada idéia maldosa que aparecia na mente do meu pai. Até a morte de Shonda.

Owanon disse delicadamente:

— Esses fatos tristes são do conhecimento de todos, meu príncipe. Mas seu pai não admite críticas a Orogastus — e ele é o rei.

— Sim — suspirou Antar. — Mas às vezes, quando lembro da cena terrível, quando ele arrancou a coroa real da cabeça do Rei Sporikar, agonizante, e a satisfação com que antecipava o banho de sangue que seria a invasão de Ruwenda, temo que o feiticeiro o tenha enlouquecido. Mas é claro que sugerir isso seria alta traição.

Owanon disse com expressão sombria:

— Meu príncipe, não seria o único a pensar assim. Muitos no nosso exército consideram um erro a invasão de Ruwenda. Porém eu temo que tudo isto tenha de ficar pior antes de melhorar.

Owanon viu um homem correndo para eles e com um gesto avisou o príncipe para não falar mais.

Era Rinutar, sem fôlego, a armadura tilintando e nos lábios um sorriso malicioso.

— Meu Príncipe! Trago novas espantosas! Lorde Orogastus tem certeza de que a Princesa Anigel está viva e a caminho do Grande Mutar. Suas ordens são para segui-la, mas só com seus cavaleiros e um ajudante para cada um. Agora vem a parte mais estranha! O feiticeiro não quer mais que a jovem seja impedida de encontrar o que procura, nem que seja morta. Ao contrário, deve ter toda a liberdade na sua busca. Só depois que ela estiver com o talismã mágico, deve ser capturada e executada.

Antar olhou atônito para o cavaleiro.

— Ela está viva — murmurou.

— É o que diz o espelho de gelo — o sorriso de Rinutar era insolente. —
Achei que ia gostar de ter outra oportunidade de capturá-la.

CAPÍTULO 28



O lammergeier disse para Haramis, Lá está a caverna que você procura.

Nessa manhã, passada a tempestade, o brilho da face sul do Monte Gidris, todo branco, era tão forte que quase cegava Haramis. Ela protegeu os olhos com a mão enluvada, mas nem assim conseguiu ver o lugar indicado por Hiluro. O pássaro então começou a descida, voando em espiral, cada vez mais baixo, até a luminosidade disforme se transformar numa abertura côncava, logo abaixo do topo do monte, da qual saía uma geleira enorme.

O rio de gelo despencava num precipício, antes de começar a descida lenta na direção da bacia ruwendiana, partindo-se em enormes blocos que eram parcialmente cobertos pela neve recém-caída. As fendas e abismos da cachoeira gelada cintilavam com variadas tonalidades de azul. mas no centro da queda flamejava um surpreendente ponto dourado.

Quando o grande pássaro se aproximou, Haramis viu que era uma espiral de rocha, de cor leitosa, mas pintada de ouro. O que parecia uma agulha frágil, vista de longe, logo se transformou num afloramento de uns oitenta ells de altura e cinco ells de largura, aparentemente formado por quartzo branco com inclusões de metais preciosos. A erosão provocada pela queda da geleira, durante anos e anos, o transformara numa torre fina, esforçando-se valentemente para se manter acima de um mar caótico e gelado. No centro da espiral havia uma abertura sobre uma estreita plataforma de rocha.

— Só posso pairar para você descer, disse Hiluro. A plataforma é muito estreita para mim.

O enorme pássaro preto e branco desceu mais um pouco. A abertura da caverna tinha o dobro da altura de Haramis, mas parecia menor por causa da franja de sinelos que pendia da borda, como presas de diamante. Quase toda a pequena plataforma era coberta de gelo escorregadio, com pedaços de rocha branca aqui e ali.

Haramis tocou o amuleto, fez uma prece silenciosa e abraçou com força o pescoço coberto de penas de Hiluro, cruzando os dedos das duas mãos na

frente. A princesa preparou-se, com o manto flutuando ao vento e os pés apontados para baixo. Ouvia o assobio agudo do ar passando entre as Penas do pássaro, acompanhado por um rugido trovejante e uma seqüência de notas musicais, que pareciam vir de um violino gigantesco.

Seus pés tocaram a superfície sólida. Haramis relaxou o corpo, desceu lentamente, e então largou o pescoço do pássaro. Abriu os olhos e viu o vulto imenso subir numa vertical. Precariamente equilibrada, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, Haramis olhou para a moldura de ouro na entrada da caverna de gelo cintilante.

Pelo menos era o que parecia.

Impressionada e temerosa, Haramis olhou em volta. A espiral de rocha no meio da geleira vibrava como um diapasão sob o fluxo constante de gelo, enchendo o ar de sons musicais. Quantos milhares de anos de erosão foram necessários para desgastar o quartzo sólido com veios de ouro, formando aquela coluna esbelta e espiralada? Vista de perto, a torre de rocha parecia extremamente frágil. A abertura da caverna com seus grandes e amorfos pedaços de ouro, era parcialmente fechada pelas presas de gelo, que começavam a derreter à luz brilhante do sol.

Haramis ficou de pé, deslizou cautelosamente entre as presas semiderretidas de gelo e entrou na caverna. As paredes e o teto eram de gelo negro.

Sua atenção foi atraída por uma luz fraca no fundo, atrás do lençol de gelo. Caminhou para ela, sentindo o calor intenso do amuleto com o trílio sobre sua pele, como se quisesse atrair alguma coisa. O objeto brilhante seria o seu talismã?

Haramis aproximou-se da massa de gelo negro e da luminosidade. Não distinguia ainda do que se tratava, mas o amuleto estava cada vez mais quente. Seu talismã estaria preso sob o gelo? Nesse caso, como ia conseguir libertá-lo?

Chegou mais perto do brilho misterioso. O amuleto agora chegava a queimar sua pele. Haramis descalçou as luvas e segurando o cordão de ouro tirou a pedra de âmbar para fora da túnica. A flor parecia em chamas e o âmbar estava tão quente que ela mal podia tocá-lo. Tirou o cordão do pescoço, segurando-o na frente do rosto. O amuleto, em vez de pender para baixo, começou a puxar o cordão para a frente, na direção do brilho na parede de gelo. A luz chamejante do trílio transformou toda a parede numa

placa de ouro brilhante. A claridade, dolorosa e ofuscante, refletiu-se nos olhos da princesa como um ponto grande dourado, circundado por um halo azul vivo.

O amuleto a arrastou para mais perto da parede. Agora o calor era tão intenso que Haramis afastou o rosto da pedra de âmbar. Com o canto dos olhos, na área não alcançada pela luz, ela viu Um filete de água descendo pela parede. O amuleto estava derretendo o gelo!

De repente, algo prateado despreendeu-se do ouro e deslizou para o chão. O amuleto se apagou e esfriou rapidamente, ficando inerte no cordão. Haramis inclinou-se para apanhar o objeto antes que ficasse preso outra vez no gelo. Sem enxergar ainda, sentiu seu peso na mão.

Esperou pacientemente que sua vista se libertasse da ofuscação. Seus olhos doíam e ela dominou o impulso de esfregá-los. Mas, apesar do desconforto, sentiu crescer no fundo do coração uma certeza absoluta. Por um momento, Haramis compreendeu o padrão do mundo e o lugar que ocupava nele. Sabia tudo, tinha poder sobre tudo, comandava tudo. Tornara-se o que sempre soube que seria... mas só por um momento.. e a sensação transcendente desapareceu.

Na caverna iluminada agora indiretamente pela luz do sol, Haramis percebeu que podia ver outra vez. Segurava um bastão de metal prateado, com a metade do comprimento do seu antebraço. Numa das extremidades tinha uma argola para o cordão e na outra, uma espécie de laço, bem maior, pelo qual ela podia passar a mão fechada. Na parte superior do laço Haramis viu o que a princípio pensou ser uma flor, do mesmo metal prateado. Olhou com mais atenção e percebeu que o que havia tomado por pétalas eram três pequenas asas, na posição vertical.

O Círculo de Três Asas. Seu talismã. Finalmente.

Então você saberá que a luta final por Ruwenda e por sua alma está para começar...

As palavras da Arquimaga pareciam ecoar na caverna de ouro e cristal e Haramis, sobressaltada, exclamou:

— Quem está aí?

O amuleto e o talismã acenderam-se ao mesmo tempo. Haramis instintivamente largou os dois e levou as mãos aos olhos. Mas mesmo

através das mãos via o brilho intenso. A jovem manteve as mãos sobre os olhos até a luz se apagar. Estava um pouco ofuscada, mas não completamente cega como da primeira vez. Ajoelhou rapidamente procurando o amuleto e o talismã, esperando que não estivessem congelados no chão. Será que me acham indigna deles?, pensou, ansiosamente.

Com imenso alívio viu os dois sobre o gelo. Mas agora fundidos num só, com o amuleto do trílio encaixado entre as penas do bastão.

Uma fonte de poder. De magia...

Sim — aquilo era mágica!

— E como vou aprender a usar esta força? — Olhou fixamente para as três asas. — A Dama Branca disse que existem mais dois talismãs para minhas irmãs, e se nós três tivéssemos êxito na busca, a solução viria naturalmente. Mas isso não me diz muita coisa.

Do interior do anel prateado, sob as asas, erguiam-se pequenas nuvens de vapor perolado. Como num sonho, Haramis ordenou:

— Mostre-me se minhas irmãs tiveram sucesso! Então, ela viu Kadiya.

A princesa estava entre uma multidão de oddlings — uisgus, a julgar pela pequena estatura — e tinha na mão um objeto brilhante como uma Espada de Misericórdia, a lâmina sem ponta, com três pomos negros no punho. O povo do pântano a aclamava com entusiasmo.

Sim - murmurou Haramis. — Você tinha toda probabilidade de vencer. Mas a pobre pequena Anigel. Onde está você, tímida irmãzinha?

A imagem de Kadiya desapareceu do círculo e foi substituída por outra, a princípio irreconhecível — mas então Haramis deixou escapar uma exclamação abafada.

Anigel! Os cabelos dourados tremulando ao vento, o rosto, não mais redondo e docemente pálido, mas magro, corado, exultante. Olhos de safira semicerrados, indo de um lado para o outro, alertas. Haramis jamais teria imaginado. Ani, com roupas andrajosas e enlameadas, sentada num barco exótico, num rio, deixando uma esteira branca atrás. Ani, a tímida pequena Ani, sorrindo ferozmente enquanto duas criaturas aquáticas empurravam o barco numa velocidade de tirar o fôlego.

Impossível! — exclamou Haramis.

A imagem desapareceu.

A princesa olhou para o Círculo de Três Asas, vazio agora.

”Seriam visões reais? Era tão fácil então comandar o talismã?”

Uma terceira visão. A Arquimaga, na cama, muito mais fraca do que quando Haramis a vira, com os olhos fechados e o rosto pálido. Os lábios secos e enrugados não se moveram, mas Haramis ouviu-a dizer:

As três devem cumprir as tarefas que lhes foram destinadas, dominando-se a si próprias acima de tudo, antes que Ruwenda possa se libertar do jugo de Labornok e seja restabelecido o equilíbrio do mundo. Se uma falhar, todas falharão.

Mas isso não faz sentido! — protestou Haramis. — Eu sou a rainha de Ruwenda, é minha obrigação. E a profecia do seu povo diz que uma mulher derrotará o Rei Voltrik — não três mulheres!

A Arquimaga agonizante abriu os olhos insondáveis. Seus lábios continuaram imóveis.

Eu disse também que Voltrik não é o principal inimigo. A Arquimaga desapareceu.

Alguma coisa cintilou na parede onde o talismã tinha estado. Haramis ergueu os olhos e viu o rosto sorridente de um homem com cabelos brancos.

Era de idade indeterminada. A passagem dos anos não deixara nenhuma marca no seu rosto. Seus trajes eram negros e prateados e ele estava sentado a uma mesa repleta de aparelhos estranhos, ao lado de um livro enorme e um pequeno bloco. Segurava um estilo numa das mãos fortes e uma frutaladu rosada, meio comida, na outra. Foi este detalhe doméstico — inesperado num demônio com forma humana — que levou Haramis a começar a retribuir o sorriso.

— Princesa Haramis — a voz era clara como se ele estivesse ao seu lado.

— Bem-vinda à nossa companhia.

— De que companhia está falando? — perguntou ela, muito séria. — A companhia dos assassinos labornoks? Sou diferente de você, Orogastus, escolho com muito cuidado meus companheiros.

O feiticeiro riu e pôs a pena e a fruta na mesa.

— Tem um raro espírito de humor, senhora. Devo admitir que o Rei Voltrik, o General Hamil e os da sua laia não são os companheiros que eu teria escolhido — se eu tivesse escolha.

— Se tivesse escolha? — perguntou Haramis, com ceticismo.

Orogastus continuou, com perfeita amabilidade.

— A companhia a que me referi é a dos magos. Confesso que nosso número está bastante reduzido atualmente, consistindo apenas em você, eu e Binah — aquela que chamam de Arquimaga. E temo que muito em breve seremos só nós dois.

— Está pensando em matar a Dama Branca, agora que ela está doente e fraca demais para se defender? — perguntou Haramis, com voz fria.

— Minha cara menina — é claro que não! Não sou um assassino desumano. O que vai levar Binah é a idade e a morte.

— Sua expressão era agora tristonha e pensativa. — Acho que esse dia chega para todos nós. Há mais ou menos trinta anos, havia no mundo somente duas pessoas com o poder da magia: meu mentor, Bondanus, e Binah. Bondanus passou seu poder para mim. Binah, contrariando toda lógica, vai diluir o seu, dividindo-o entre vocês três.

— Para salvar Ruwenda! — exclamou Haramis.

— Ruwenda... — O feiticeiro balançou a cabeça com ar zombeteiro. — Seu talismã pode fazer muito mais do que salvar Ruwenda! A visão de Binah, como sua vida, está se apagando. Na verdade ela não conhece a natureza do poder do Talismã Triplo! Mas você, Haramis, tem séculos à sua frente para estudá-lo e fazer bom uso dele.

— Séculos? — Haramis piscou rapidamente os olhos. Nunca havia pensado nisso. A prática da magia prolonga a vida tanto assim?

— Séculos — repetiu Orogastus com voz firme. — Contanto que você não se mate acidentalmente com ela, é claro. — Com um gesto, indicou o talismã na mão da princesa.

Idiota! Haramis disse para si mesma, fica aí parada com o talismã na mão. Aparentemente ele o reconhece. Mas como? Quanto ele sabe realmente sobre seu poder? Tudo indica que a Arquimaga não pode me ensinar, e não

tenho tempo para descobrir, fazendo experiências — não, se quiser salvar meu reino e minhas irmãs.

— O Círculo de Três Asas — disse Orogastus, com um sorriso. — Estou feliz por você ter encontrado. Tenho alguns livros que falam a respeito dele e sempre desejei vê-lo.

— Tem livros que falam sobre o talismã? — perguntou Haramis. E pensou, Eu queria que ele fosse embora e me deixasse consultar sua biblioteca! — O que eles dizem?

— Muita coisa. Tanta que não posso explicar agora — você ficaria congelada antes que eu tivesse contado uma sexta parte. — Apontou para a caverna. — Está tão absorta na nossa conversa agradável que nem notou a passagem do tempo.

Haramis olhou em volta rapidamente. Orogastus tinha razão. O sol estava baixo no céu e a caverna começava a ficar escura e fria. Voltou-se para o espelho. A roupa de Orogastus parecia ser de material leve e havia muita luz onde ele estava.

O feiticeiro chamou-a com um gesto.

— Venha à minha casa, Haramis, à minha torre na montanha. Deixe que eu a ensine a usar o talismã. Seria agradável ter companhia aqui. O Monte Brom fica muito afastado e raramente tenho visitas.

— Você não quer a minha companhia — disse Haramis, com os olhos nos dele. — Só quer o talismã.

Para surpresa da jovem, Orogastus riu descontraidamente.

— Eu esqueci que tudo isso é novo para você. Ninguém pode tomar seu talismã e quem tentar morrerá. Mas você não sabe como usá-lo. Você o usa para ver ao longe! — Ele riu outra vez. — O mais ínfimo mágico oddling pode fazer isso com uma folha cheia d'água... Não, Haramis, você não compreende. Mas eu posso ensiná-la. Tenho uma grande biblioteca e um número sem conta de aparelhos dos Desaparecidos. Peço apenas a satisfação de compartilhar com você meus conhecimentos. Você tem fama de ser inteligente e estudiosa — não conhece o prazer da procura do conhecimento? A extrema satisfação de ver se transformar em lógica clara algo que não compreendemos?

— Sim — disse Haramis com um gesto afirmativo. — Sei o que isso significa.

— Então, venha ao Monte Brom — convidou Orogastus. — Com o talismã pode chamar seu lammergeier e mandar que a traga à minha torre e chegar em tempo para o jantar.

Então ele não sabe que Hiluro está aqui, pensou Haramis. Pelo menos ele não é onisciente. Orogastus ficou sério.

— Juro pelos poderes que nos são comuns que não tentarei tirar o talismã à força, e que não permitirei que qualquer mal seja feito à sua pessoa. Que meus poderes me abandonem para sempre se eu quebrar esta promessa. — Levou a mão ao coração.

— Assim seja — disse Haramis, automaticamente, a resposta aprendida durante anos, ouvindo promessas variadas. O espelho de gelo ficou escuro.

Muito bem, e agora? pensou ela. Vou à casa dele, procuro a Arquimaga, ou vou para outro lugar qualquer, para ver o que posso fazer sozinha?

As duas últimas alternativas não pareciam muito promissoras. Além disso, a Arquimaga não exigira que ela voltasse imediatamente. "Quando você realizar a missão do Círculo de Três Asas, volte para mim", foi o que ela disse. Queria dizer a simples posseção do talismã ou será que a capacidade de fazer uso dele faz parte do objetivo da missão?

Uma vez que Binah não me mandou voltar, quando falou há pouco no espelho, talvez queira que eu aprenda a usar o talismã, primeiro — e talvez este seja o momento de enfrentar Orogastus.

O feiticeiro era sem dúvida perigoso, mas pelo menos ela teria calor e comida na sua torre. A Arquimaga disse que eu devo conhecer as fraquezas dele, pensou ela. Provavelmente é parte do meu destino e será muito bom, para variar, cumprir meu destino num ambiente confortável!... E se tiver algum problema no Monte Brom, posso pedir a Hiluro para me levar embora.

Só então notou uma vibração crescente na espiral de rocha e sons que vinham de fora da caverna. O rugido trovejante da geleira misturava-se ao grito de aviso do lammergeier.

— Haramis! Venha para fora! Perigo! Grande perigo!

A princesa passou o cordão pelo anel menor do talismã, escondeu-o sob o corpete e foi para a entrada da caverna. As presas de gelo tinham-se partido com a vibração e a câmara no centro da espiral começou a se inclinar, balançando como um barco em águas revoltas. Haramis ergueu os braços. O pássaro branco e preto pareceu mergulhar diretamente do sol e alguma coisa se fechou em volta do seu corpo, erguendo-a da plataforma gelada. Ela viu um breve lampejo dourado, uma revoada barulhenta de prismas de arco-íris e o céu parecia girar, azul-violeta, atrás de uma enorme cabeça com crista.

Então o lammergeier planou suavemente, levantou a garra e a amparou com cuidado, enquanto ela subia para a concavidade macia entre suas asas. Haramis olhou rapidamente para o lugar onde antes estava a espiral de quartzo. Agora só a rocha, menos branca do que o gelo, marcava a superfície da geleira, e alguns pedacinhos de ouro cintilavam à luz do sol poente.

CAPÍTULO 29



Chegou a noite e Kadiya dormiu entre os sindonas e o topo da escada. Depois de se servir dos alimentos oferecidos pelo jardim, achou que seria errado permanecer ali. A sentinela viva não voltou. Kadiya não a esperava e deitou-se, segurando o amuleto. Não foi num sono verdadeiro que ela mergulhou, acordou e mergulhou outra vez.

Tinha provas de que os invasores haviam conseguido entrar na terra proibida. E pensava também em Jagun — seria capturado pelo inimigo e torturado como o pobre uisgu que havia encontrado?

Para onde devia ir agora? Voltar pelo mesmo caminho — enfrentar os que a seguiam e que talvez estivessem ainda à sua espera? Seria pura idiotice. Mas não tinha nenhum guia, e de nada serviria ficar andando por aquele jardim estranho. À sua direita havia uma parede muito alta, resolveu seguir ao lado dela.

Tinha esvaziado a bolsa de caça de Jagun, da qual pouco tinha se utilizado, e posto para secar durante a noite. Desfez-se de alguns volumes que estavam completamente encharcados. As raízes comestíveis, apanhadas no jardim, e as frutas guardou num cesto de palha, primitivamente tecido, e encheu de água o cantil. Nada mais a prendia ali, mesmo assim Kadiya voltou para olhar o jardim pela última vez. Talvez fosse proibido, mas havia nele alguma coisa que a atraía — que parecia chamá-la, apesar da atitude fria da sentinela.

Com um suspiro, Kadiya ajeitou a bolsa de caça nos ombros. Fizera uma bainha provisória para o talismã, com uma alça, que passou pelo ombro e o peso servia para lembrar que tinha realizado parte da sua missão. Uma espada — quando o que precisava era de um exército!

Acompanhou o muro alto por algum tempo e chegou a um pórtico enorme. Lá dentro, depois de um parque imenso, cintilava uma cidade. Apavorada, entrou pelo pórtico e se aproximou do lugar. A vegetação quase encobria as casas silenciosas e a relva e o mato cobriam as ruas. Porém, sob toda aquela invasão verde não se notava nenhum indício de ruínas. As paredes que

apareciam entre folhas e trepadeiras não eram de pedra, mas da mesma substância estranha da grande concavidade onde ela e Jagun haviam passado uma noite.

De repente Kadiya compreendeu que estava vendo a cidade do seu sonho. Outros muros erguiam-se além, protegendo-a completamente. A princesa caminhou, maravilhada, por uma larga avenida. Os prédios, dos dois lados, eram bem construídos e acima das portas e janelas havia inscrições indecifráveis em alto-relevo. A avenida levou-a a um portão da altura de um prédio de três andares, aberto. Kadiya passou pelo portão e entrou num mundo diferente, estava outra vez no pântano — e a avenida era agora ruínas de uma velha estrada. O que o tempo não havia tocado no interior da cidade, conquistara completamente ali fora.

Felizmente, a velha estrada não tinha desaparecido por completo. Kadiya notou a espuma amarela e ameaçadora nos dois lados do caminho, mas onde estava o solo parecia firme. Parou e cortou o galho de um arbusto para experimentar a solidez do solo à medida que andava.

Depois de percorrer uma boa distância no pântano, olhou para trás e balançou a cabeça, sem poder acreditar no que via. A cidade era só um monte de ruínas. Até o muro estava desmoronado e coberto de vegetação. Ilusão!

Porém, o que era ilusão? O jardim misterioso e a cidade de sonho, ou aquilo que via agora? Tudo que tinha acontecido com ela seria então encantamento? Mas sentia o peso da espada no ombro e ergueu a mão para sentir as saliências dos Três Olhos Chamejantes.

Caminhou durante várias horas sem ver nada estranho e ouvindo apenas os ruídos normais do pântano. A julgar pela luz do sol, que parecia sempre encoberta pela névoa, devia ser meio-dia, ou um pouco mais. À sua frente havia moitas de ervas espinhosas e árvores silvestres.

Então ela ouviu o trinado típico de um besouro rãs, repetido três vezes, num ritmo que ela conhecia. Jagun! Tinha de ser ele!

Um leve movimento entre as moitas e ela viu o rosto do amigo querido, com um largo sorriso. Um dos seus olhos estava inchado e escuro. Era evidente que as coisas não tinham sido fáceis para ele. O caçador oddling tinha uma compressa de folhas secas, atada com hastes de junco na parte superior do braço, perto do ombro, e parecia mover-se com dificuldade.

Jagun não perdeu tempo com cumprimentos.

— Eles estão aqui — os skriteks e os soldados. Kadiya pensou nas vítimas patéticas que tinha visto na outra estrada — e na fogueira distante e na flecha marcando o caminho. para alguém.

— Eu vi sinais de que o inimigo está muito perto.

O rosto de Jagun era uma máscara e sua atenção não estava em Kadiya, mas nos próprios pensamentos.

— Está próxima a festa das três luas — murmurou ele —, e a escuridão aumenta! Mas logo haverá muito fogo que só será apagado com sangue.

A festa das três luas. Na Cidadela, era sempre comemorada com banquetes, estranhas canções antigas cantadas pelos bardos e uma jangada cheia de flores era solta no rio, iluminada por candelabros com três velas cada um. Era o tempo em que o mal era afastado pela vontade de todos. E quando as três luas brilhavam no céu, muito unidas, em conjunção mística, o povo se rejubilava sob sua luz benéfica e cantava. Mas o que Jagun queria dizer? Estaria prevendo uma grande batalha durante as comemorações? Uma batalha na qual ela empunharia seu talismã para salvar Ruwenda?

Antes que ela pudesse fazer qualquer pergunta, o caçador disse:

— Os skriteks — e com eles a Voz do feiticeiro e um grupo de soldados humanos — atacaram uma aldeia uisgu. Fogo eles usaram, e magia, invocada do ar. Os cativos que ainda estão vivos logo servirão de alimento para os skriteks.

— Estão à minha procura! — exclamou Kadiya. — Por isso perseguem os pobres uisgus!

— Sua captura seria um grande triunfo. Mas eles querem mais do que isso. — Com um gesto da cabeça indicou a cidade dos jardins, escondida pela ilusão. — Você esteve lá. Terminou a sua procura?

Sem uma palavra, Kadiya tirou o talismã do ombro e o estendeu para Jagun. Embora Kadiya conhecesse o caçador desde que era pequena, jamais vira tamanho júbilo nos olhos dele. Jagun estendeu a mão timidamente, como se fosse tocar a espada, mas depois recuou. Os lobos negros do punho continuavam fechados e sem brilho, mas a lâmina refletia a fraca luz do sol.

Kadiya levou a espada para mais perto dele. As lágrimas desciam pelo rosto de Jagun e ele caiu de joelhos aos pés da princesa.

— O talismã! Ó, Olhos Penetrantes, você o encontrou!

— Há uma crença entre meu povo — disse ela, falando devagar — de que uma ponta quebrada significa misericórdia. Mas para você... — Hesitou, depois tocou a cabeça dele delicadamente com a espada e, sem saber como, dos seus lábios soaram as palavras de absolvição. — Meu amigo querido, alegre-se. Receba de volta seu nome! Volte a usar o bracelete sagrado dos nyssomus. Você não quebrou nenhum juramento — apenas seguiu o curso das coisas como tinham de ser. A partir deste momento, liberte-se de toda culpa.

Então Jagun fez o que Kadiya jamais tinha visto. Quando o caçador chegou na Cidadela para falar com seu pai, o Rei Krain, saudou o monarca com as duas mãos erguidas, como ela o vira saudar a Primeira da Casa na aldeia dos nyssomus. Mas agora ele se inclinou para a frente até tocar o chão com os braços e com a testa.

— Inteiramente ao seu serviço, Portadora da Luz, Mensageira da Esperança, Protetora e Defensora — amiga do coração dos Desaparecidos!

Intrigada, ela ergueu o talismã. Era como se um eco distante reverberasse nas palavras de Jagun. Porém, alguma coisa dentro dela se encolheu, desejando apenas jogar no chão a lâmina negra para que voltasse a ser o que era — a raiz do Trílio Negro.

— Jagun. Não sei o que você quer dizer.

Jagun levantou-se rapidamente e, com os olhos nos dela, o robusto Mestre dos Animais e antigo guarda-caça real disse:

— Dama dos Olhos, o conhecimento será seu. E ninguém será chamado onde não estiver destinado a servir.

— Eu não sei como usar este talismã — protestou ela, sentindo-se completamente perdida. Até a raiva que sempre lhe dava força estava agora ausente.

— O conhecimento também virá. Agora deve começar o verdadeiro trabalho para o qual foi destinada.

Kadiya respirou fundo e guardou o talismã na bainha improvisada.

— Muito bem. Aqueles uisgus atacados pelo inimigo — disse ela —, onde estão?

— Perto do Alto Mutar. Eu os ouvi fazer o Chamado, mas a resposta do nosso povo vai demorar para chegar. Os skriteks — distendeu os lábios, mostrando as presas, tão diferentes dos dentes humanos — não são fáceis de controlar. Precisam ser recompensados com sangue... e carne.

Kadiya engoliu em seco, mas perguntou com voz decidida:

— Temos algum meio de ajudar os uisgus capturados?

— Olhos Penetrantes, eu diria que é impossível. Mas para você foi aberto o Caminho Proibido e você possui o triplo. Veremos.

— Então vamos.

Não seguiram a estrada, mas uma trilha tortuosa que atravessava a terra do Inferno de Espinhos. Quando a noite estava próxima, procuraram um lugar para acampar, porque não podiam seguir a trilha no escuro. Mas, antes de estarem prontos para dormir, a brisa trouxe um fedor pavoroso e conhecido. Os skriteks estavam perto!

Usaram folhas de cheiro acre para disfarçar o odor dos seus corpos. Depois, Jagun deitou-se de bruços, Kadiya o imitou e juntos arrastaram-se entre a relva. Momentos mais tarde, agachados, ombro a ombro, escondidos atrás das hastes grossas como troncos dos arbustos gigantes, observaram uma clareira.

Era uma espécie de acampamento. Um grupo de homens, com as armaduras enferrujadas, estava no centro da área aberta. Soldados labornoks. Entre eles e o esconderijo de Kadiya e Jagun havia uma série de lanças enfiadas no chão e atadas umas às outras com cipós, formando uma espécie de cercado. Um cercado cheio de cativos. Não havia nenhum homem entre eles. Cerca de doze mulheres nativas estavam sentadas ou deitadas em pequenos grupos dentro da jaula. Duas tinham filhos no colo. O sofrimento e o medo que as envolviam eram quase palpáveis e Kadiya sentiu um aperto no coração. Cuidadosa e silenciosamente, desembainhou seu talismã.

Ouviram um choro lamentoso e uma das mulheres imediatamente tapou com a mão a boca da criança. Quatro skriteks montavam guarda nos quatro cantos da jaula. Um deles ergueu a cabeça, com as mandíbulas salientes, deu um grito e apontou a lança para a mulher.

Kadiya abaixou a espada, segurando-a com a mão esquerda, e com a direita desembainhou a adaga. No ano anterior, a princesa vira um atirador de facas numa feira e, depois de muita prática, conseguiu dominar a arte. Tinha certeza de poder acertar a garganta do guarda skritek mais próximo, ó, se ao menos tivesse quatro arqueiros atrás dela!

Mas não tinha. e, a contragosto, controlou-se. Os outros skriteks, rindo, pareciam incitar o companheiro a embeber a lança na mulher e no filho.

Kadiya segurou o braço de Jagun. Não podiam fazer alguma coisa?

Jagun abriu a mão esquerda mostrando uma massa verde que ele segurava com cuidado. Era um aworik, um fungo estranho, muito raro, mas um grande amigo dos que eram perseguidos por qualquer predador dos pântanos.

Porém o inimigo moveu-se primeiro. Dois soldados humanos saíram de uma moita de espinhos, carregando um uisgu. O skritek que ameaçava a mulher e o filho hesitou e depois abaixou a lança.

Enquanto a atenção dos invasores estava voltada para o novo cativo, Jagun tirou do bolso sua zarabatana. Apoiado num joelho, atirou o aworik com toda a força, apontando para um ponto entre os soldados humanos e a jaula das prisioneiras. O fungo partiu-se quando atingiu o solo e de dentro dele voaram milhares de cápsulas de esporos, espiralando no ar, cortantes como navalhas. As cativas uisgus imediatamente deitaram-se de bruços no chão, protegendo os olhos. Mas os skriteks e os labornoks foram apanhados de surpresa. Os que não ficaram cegos contorciam-se freneticamente, enquanto as minúsculas lâminas dos aworiks laceravam as partes mais sensíveis dos seus corpos, antes de cair no solo.

Jagun estava com a zarabatana armada e Kadiya ouviu o silvo do primeiro dardo envenenado, embora não o visse passar por ela. Um skritek caiu. Com o talismã numa das mãos e a adaga na outra, a princesa levantou-se de um salto. O skritek mais próximo cambaleava cego, brandindo a lança. A jovem atirou a adaga com um impulso giratório, como tinha praticado durante tanto tempo. A arma acertou a garganta do monstro e ele caiu, contorcendo-se nos espasmos da morte. Outros dardos envenenados da zarabatana de Jagun abateram os outros dois skriteks. Um soldado com o rosto ensanguentado avançou para eles, mas Kadiya estava preparada, com sua espada-talismã erguida como um experiente Companheiro Fiel. Brandiu

a lâmina e sentiu o impacto quando a espada amassou a garganta do homem. Ele caiu, sufocado no próprio sangue. Kadiya parou por um momento atônita, sem poder acreditar que tivera a coragem de usar a espada.

O acampamento era um pandemônio de gritos e imprecações. Os dardos de Jagun estavam dizimando o que restava dos soldados labornoks. Skriteks agonizantes rugiam e se contorciam, batendo na terra com seus talões. Kadiya ergueu a espada pela segunda vez e com um golpe cortou as tiras de junco da jaula. O junco desapareceu, derretido, não cortado.

— Para fora! — gritou ela para as mulheres prisioneiras, muitas das quais já estavam de pé. Kadiya apontou com a espada. — Corram! Para os arbustos espinhosos!

Elas fugiram, com Kadiya atrás, pronta para revidar um ataque de outros skriteks ou outros soldados. Jagun a acompanhou, depois de retirar a adaga da princesa da garganta do skritek.

Kadiya e os uisgus chegaram a um grande rio, sem dúvida o Alto Mutar, e viram uma jangada presa a uma longa barcaça, igual às que eram usadas pelos mercadores. Quatro soldados estavam de guarda, intrigados com o barulho que ouviam ao longe, e um skritek emergiu da água com um peixe vivo na boca.

— Jagun! — Kadiya, num segundo, percebeu o perigo. Precisava dos dardos envenenados do caçador. Ela não podia enfrentar todos sozinha. Mas Jagun estava muito atrás, certificando-se de que não tinham sido seguidos.

Os soldados labornoks com as espadas em punho aproximavam-se, tentando cercá-la. As mulheres oddlings gritavam apavoradas e o skritek nadou na direção delas.

Kadiya sentiu um calor na mão, tão intenso que largou o punho da espada e a segurou pela lâmina sem corte e sem ponta, erguendo-a na frente do rosto. Os três olhos estavam abertos, atentos ao soldado mais próximo que avançava para ela.

Com um grito rouco, o homem recuou cambaleando, deixou cair a arma e levou a mão aos olhos. Kadiya não sabia o que tinha acontecido, mas imaginava. Virou o talismã para o outro soldado. Ele gritou e chocou-se com o primeiro, que estava cego, o qual imediatamente girou o corpo e

atingiu o terceiro com um golpe mortal. Kadiya virou a espada para o último homem. Mas vendo o que aconteceu aos outros, ele abaixou-se, avançando para atacá-la. Então, girou o corpo no ar e gritou. Na sua nuca estava um dardo envenenado de Jagun. Um aplauso tremendo partiu da margem quando o skritek foi atingido por outro dardo. Os dois soldados cegos continuavam a se atacar mutuamente como loucos. Jagun mandou que todos subissem na jangada. Cortou a amarra com a adaga de Kadiya e jogou a arma para dentro da embarcação. Duas mulheres uisgus apanharam espadas e outras as varas para impelir a jangada.

— Depressa! — gritou Jagun. — Mais skriteks estão chegando! Vamos embora!

Kadiya apressou-se em ajudar os feridos. As varas mergulharam na água e a jangada moveu-se. Uma das mulheres começou a cantar a canção dos remadores do rio, e as outras, com as varas, responderam, acelerando seus movimentos. Então, a corrente impetuosa os levou rio abaixo. — Jagun! — gritou a princesa.

Mas o caçador limitou-se a balançar a cabeça e voltou-se para enfrentar cinco skriteks que saltaram das moitas, aos berros. Sem poder fazer nada, ela viu o caçador levar a zarabatana à boca para se defender dos monstros uivantes... então a jangada entrou numa curva do rio e a brava figura de Jagun desapareceu.

Suas únicas armas eram agora as duas espadas, a adaga de Kadiya e o talismã. As mulheres uisgu não tinham sequer muita roupa, protegidas apenas por seu pêlo sujo e emaranhado. Eram onze ao todo, e duas crianças. Quatro tinham curativos feitos de folhas, sujos de sangue, e outras apresentavam ferimentos causados pelos esporos do aworik ou por seus captores.

— Senhora?

Kadiya estava absorta em sua dor pela morte de Jagun. Ao chamado, ergueu a cabeça. Uma mulher uisgu sentou-se ao lado dela.

— Eu sou Nessak de Dezaras, antes Primeira da Casa e Representante da Lei. Todas essas — indicou as outras mulheres — são também de Dezaras. A desgraça abateu-se sobre nós durante uma viagem. Nossos homens foram entregues aos skriteks pelos soldados humanos e nos obrigaram a assistir. Esses invasores procuram segredos, Grande Senhora, que nós não

conhecemos. Pois nos comprometemos, sob juramento, a jamais entrar no lugar proibido dos Desaparecidos — o lugar que esteve sempre fechado, em todos os tempos. Quando viram que não podíamos falar sobre o que não sabíamos, o humano que comanda os outros, vestido todo de vermelho, ordenou que nos prendessem até a chegada de outros humanos que andam com os skriteks e que procuram erguer as Trevas contra a Luz. Esse homem desceu o rio um pouco antes da sua chegada para nos salvar. Agora somos seus servos para sempre, Senhora, e agradecemos por nos ter libertado. Poderia dizer quem é e de onde vem?

— Sou filha do Rei Krain, que não vive mais — e meu nome é Kadiya. Esses súditos do mal tomaram nossa terra. Meu pai morreu por suas mãos cruéis, bem como todos que o seguiam. Minha mãe também.

Emocionada, Kadiya olhou para o talismã. Se já tivesse aquela espada, quando os labornoks invadiram a Cidadela! De certo modo, a arma havia derrotado os soldados — o que poderia fazer contra o Rei Voltrik?

— Há uma profecia — continuou a princesa, acariciando os olhos fechados do punho da espada — de que a derrota desses homens cruéis virá pelas mãos de uma mulher da minha casa. Minhas irmãs e eu empreendemos longas jornadas, por ordem da Arquimaga Binah, que vocês chamam de Dama Branca, à procura daquilo que vingará nosso povo.

Pela primeira vez, depois do que lhe pareciam dias e dias, ela pensou em Anigel e Haramis. O que teriam conseguido? Estariam mortas e ela era a única que restava para exigir o pagamento pela destruição da sua casa?

— Anigel. Haramis... — Disse os nomes em voz alta, como se as estivesse chamando.

Alguma coisa se moveu sob seus dedos e Kadiya tirou a mão do punho da espada. Dois olhos abriram-se. Olhos? Não, não dessa vez. No lugar deles, viu duas imagens, duas visões! Lá estava Haramis, com um Trílio Negro, completamente aberto, na mão. E Anigel segurava outro igual. Kadiya teve certeza de que as irmãs estavam vivas e que em algum lugar esperavam por ela e pelo momento da prova final. Os olhos se fecharam, transformando-se mais uma vez nas esferas negras no punho da espada. Kadiya suspirou.

— Senhora — disse a mulher uisgu, solenemente —, posso ver que é a Portadora da Luz, Mensageira da Esperança — a Dama dos Olhos, do povo dos Desaparecidos.

Kadiya balançou a cabeça enfaticamente.

— Não, Representante da Lei, não pertenço ao povo dos grandes do passado, embora isto — pôs a mão no talismã — possa ter vindo do tempo deles. Não sei como carregar a luz, nem como transmitir esperança. Tudo que sei é que devo vencer o Rei Voltrik e seu feiticeiro, Orogastus, nem que tenha de fazer isso sozinha.

— Senhora — disse Nessak com voz suave —, não está sozinha. Os malvados que nos capturaram quebraram um grande juramento e foram punidos. Você esteve no Palácio do Conhecimento e passou incólume pelos sindonas. Foi enviada para nós. É a Dama dos Olhos — a muito esperada. Assim, os uisgus se erguerão ao seu lado, embora a guerra sempre fosse proibida entre nós. As trevas caminham pela terra, o grande equilíbrio foi destruído, e da luta que virá, ninguém pode fugir! Quando chegarmos a Dezara faremos o Chamado e o povo da raça uisgu marchará ao seu lado.

Kadiya conteve a respiração. O que ela havia sugerido a Jagun, o que lhe haviam dito que jamais podia acontecer ia se tornar realidade. Se os oddlings se revoltassem, transformariam o próprio Pântano Labirinto numa arma contra os invasores. Sentiu reforçada sua vontade. Seria a guerra total e, se conseguisse dominar o segredo do seu talismã, venceriam a luta...

Fechou as mãos com força, enterrando as unhas nas palmas. Tempo. — Precisava não só de tempo, mas também de conhecimento. Esperava que seus novos aliados pudessem lhe ensinar o que devia saber.

CAPÍTULO 30



Os rimoriks desceram o rio, empurrando o barco de Anigel por mais três dias. Às vezes o canal principal passava perto da margem e da floresta, e a princesa olhava com espanto as árvores estranhas. Algumas eram muito altas, com galhos que se erguiam para o céu como braços sinuosos de dançarinas. Outras tinham os troncos delicadamente corrugados, como centenas de anéis sobrepostos, uns fora de centro, desafiando a gravidade. Havia árvores maciças, atarracadas como tuberosas gigantescas, largas na parte inferior, pontudas no topo, com uma coroa de galhos minúsculos cobertos de folhas que não paravam de tremer. Havia bosques de magníficas árvores-gonda, muito usadas para construção, maiores do que as que cresciam no Pântano Labirinto. Seus troncos, como imensas colunas, eram mais largos do que o portão principal da Cidadela, formando arcadas verdes iluminadas pela luz inclinada dos raios de sol. Havia árvores floridas, tão carregadas de flores vermelhas e cor de laranja que pareciam estar em chamas. Havia árvores desajeitadas, com poucas folhas nos galhos nodosos e orifícios enormes nos troncos, que abrigavam colônias barulhentas de cantores-noturnos. A variedade era quase estonteante e Anigel ficou satisfeita quando a corrente os levou para longe da margem.

Era evidente que na estação das chuvas o leito do Grande Mutar, largo e quase vazio agora, ficava cheio até a borda. Quanto mais desciam, maiores eram as pilhas de lenhos flutuantes que obstruíam o canal com os galhos secos e desbotados recobertos por uma quantidade imensa de cipós. Bandos de pássaros habitavam as terras de aluvião, procurando alimen-”to nos bancos de lama e nos remansos rasos, e erguiam-se assustados, em revoada barulhenta, quando o bote passava entre eles. Ocasionalmente aparecia um animal — quadrúpedes, gordos e cinzentos, comendo plantas aquáticas nos atoleiros, pequenos carnívoros que se alimentavam de peixes, que pareciam pelriks gigantescos e que os rimoriks saudavam como camaradas, e sempre uma grande quantidade das criaturinhas inofensivas listradas de amarelo que viviam também nas ilhas do rio e que haviam despertado Anigel para a Floresta Tassaleyo, voando em enxames entre a vegetação da margem.

Mas nenhum ser humano, nenhum oddling.

Anigel interrogou seus amigos. Disseram que os wyvilos já há muitos anos viviam num grande povoado. Procuravam a segurança na comunidade, como certos pássaros e peixes, porque eram constantemente atacados por seus primos, os glismaks, que habitavam mais abaixo, nas profundezas do coração da floresta.

Antigamente, disseram os rimoriks, não tinham aldeias permanentes e viviam em pequenos grupos familiares. Evitavam os incompetentes glismaks nunca dormindo no mesmo lugar. Mas depois que os wyvilos começaram a comerciar com os humanos, acumularam muitos objetos e não podiam mais levar aquela vida nómade. Tornaram-se cada vez mais ricos e passaram a correr maior perigo, porque os glismaks agora invejavam suas posses.

Mas não voltarão ao antigo modo de vida. Isso seria pior do que a morte para eles. Nós não compreendemos esse modo de pensar.

— Mas eu compreendo — disse a princesa. — Os humanos têm uma história parecida. Existe algo no interior de certas pessoas que as incita a fazer sempre melhor, a aprender mais, lutar mais, subir mais alto. Nem todos são assim, mas essa motivação pode ser passada de pais para filhos. Não é uma coisa má. É um grande mistério o modo como a força motivadora do mundo impulsiona as coisas vivas — especialmente os seres pensantes — para uma vida cada vez mais complexa — quando o normal talvez fosse que se cansassem de tanta pressão e voltassem à simplicidade, como o fogo volta às cinzas. Os muito velhos, entre nós, se cansam. Mas sempre aparecem mais jovens para levar adiante a luta por uma vida melhor.

Então, os humanos e o povo do pântano são parentes.

Eu... acho que sim- Mas não tenho certeza. Os nativos, que vocês chamam de Povo — segundo seus entendidos, pertencem realmente a este mundo. Nós os humanos não pertencemos.

Os rimoriks riram.

— Ô, sim, vocês pertencem.

Anigel disse, com severidade:

— Não sou estudiosa, mas aprendi isso com os melhores professores. Minha irmã, Haramis, que é muito inteligente, afirma que é verdade. E não somos só nós, os ruwendianos, que acreditamos nisso, mas toda a humanidade.

— Os humanos habitavam este mundo antes do povo do pântano, do povo das montanhas, antes do povo da floresta. Só os grandes afogadores estavam aqui antes deles.

Anigel não se convenceu.

— Como sabem? Vocês são apenas animais.

Mas os rimoriks riram outra vez, encerrando a conversa. Logo depois, Anigel avistou o povoado dos wyvilos e não estava mais disposta a pensar em mistérios.

Obviamente os wyvilos sabiam da sua chegada.

Mais de trinta canoas estreitas e transparentes deixaram a margem dirigindo-se rapidamente para o barco de Anigel. Cada uma transportava duas dúzias de remadores, com um patrão de pé na popa, dirigindo orgulhosamente com gestos sua tripulação.

— Acho melhor pararmos — Anigel disse para os rimoriks, um pouco preocupada. — Pela Flor, quantos wyvilos! Será que vocês podiam tirar as cabeças da água, assim com um ar protetor?

Como resposta, as duas cabeças apareceram e os rimoriks sorriram para ela. Depois olharam para a frota de canoas que se aproximava.

O povoado wyvilo ficava numa grande clareira que mais tarde a princesa soube ser uma ilha, circundada por canais artificialmente dragados. A costa estava repleta de pequenos cais, com mais canoas leves e brilhantes ancoradas. (Os rimoriks haviam dito que as canoas eram feitas com o material da vesícula natatória de um gigantesco peixe de rio.) As casas, todas sobre estacas, eram belas, feitas de toras descascadas, com telhados de ripas de madeira, venezianas e varandas de todos os tipos, que naquele momento estavam repletas de nativos. A maioria das casas era ligada por passarelas de aparência frágil.

Uma parte do povoado, um pouco mais abaixo, na margem do rio, evidentemente fora há pouco tempo destruída pelo fogo. As casas

queimadas estavam sendo demolidas e novas estruturas erguiam-se das ruínas. Anigel notou, com estranheza, que os wyvilos não tinham árvores no povoado, apenas uma grande quantidade de moitas, de arbustos e canteiros rasos, e nos tetos cobertos de musgo cresciam flores.

A primeira canoa dos wyvilos parou de repente a cerca de dez ells do barco parado de Anigel. As outras fizeram o mesmo, formando uma linha sólida de embarcações repletas de oddlings curiosos, muito diferentes de todos que a princesa conhecia.

Eram mais altos do que os nyssomus e os uisgus dos pântanos do norte, quase do tamanho de robustos adultos humanos. Tinham a cabeça alongada, não redonda, e o nariz parecia um pequeno focinho. Os olhos eram mais parecidos com os dos outros nativos, grandes e amarelos, mas tinham pupilas verticais — como Anigel sabia que os skriteks também tinham. As bocas abertas dos wyvilos espantados mostravam os dentes fortes. Uma parte do corpo era coberta de pêlo, a outra de placas de pele que pareciam escamas brilhantes. O povo das florestas usava tangas pintadas com cores vivas e uma quantidade de colares, braceletes, peitilhos, tornozeleiras e outras jóias — algumas de ouro ou platina com pedras preciosas. Capim de haste azulada trançado parecia ser tão apreciado como ornamento quanto os metais preciosos, e Anigel viu um nativo segurando a couraça enfeitada de aço dos cavaleiros ruwendianos e outro com um xale feminino franjado sobre os ombros fortes.

Enquanto eles se aproximavam, Anigel havia calmamente penteado os cabelos e posto nos ombros a capa de couro de Immu, para esconder a roupa rasgada. Agora, ficou de pé cautelosamente no meio do barco, com um rimorik de cada lado, na água, e ergueu as duas mãos. A capa se abriu, mostrando o amuleto com o trílio cintilante.

A multidão nas canoas soltou um brado abafado. Os dedos com garras apontavam e os que estavam mais atrás esticavam os pescoços para ver melhor, murmurando e resmungando na sua língua gutural.

— Eu vim como amiga — disse Anigel —, procuro o talismã mágico chamado o Monstro de Três Cabeças.

De repente, o povo da floresta ficou silencioso. Mais uma vez as bocas se abriram e os olhos se arregalaram. Anigel esperou, depois disse:

— Alguém entre vocês pode falar comigo?

Um dos timoneiros mais enfeitados fez um gesto brusco. Seu barco saiu da fileira e aproximou-se do barco da princesa.

— Este aqui fala — declamou ele, na língua da Península. Sua voz era áspera, quase ininteligível, e ele franziu a testa ferozmente. Usava um colar de ouro batido com pedras preciosas de várias cores, um belo chapéu ruwendiano de brocado, cor creme, com um broche de brilhantes e enormes plumas vermelhas. — Este é Sasstu-Cha, porta-voz de Let — rosnou ele. — Quem é você? E por que procura o favor dos wyvilos?

— Sou a Princesa Anigel, de Ruwenda. Devem saber que meu país foi tomado por inimigos humanos do norte. — Ergueu o amuleto com o trílio e continuou: — A Guardiã da nossa terra, a Dama Branca, ordenou que eu procurasse o talismã que libertará meu povo dos grilhões dos conquistadores. Ouviram falar desse Monstro de Três Cabeças?

O porta-voz hesitou.

— Sabemos de algo parecido. Mas não é nenhum talismã. Fica mais abaixo, a um dia e meio de viagem, depois mais algumas horas subindo o Afluyente Kovuko — na terra dos glismaks.

A princesa deixou escapar uma exclamação abafada que provocou o sorriso do vvyvilo.

— Pode me ceder um guia para me levar até lá? — ela perguntou.

— Não.

Anigel brandiu o amuleto.

— Eu ordeno! Pela Flor!

Os wyvilos saltaram um grito lamentoso.

Desesperada, ela tirou a folha do Trílio Negro da bolsa e a levantou no ar. Eles gritaram mais alto ainda e, dessa vez, cheios de medo.

— Mas preciso chegar lá! Ajudem-me — implorou Anigel.

— Se for a Kovuko, sem dúvida morrerá — disse SasstuCha. — As árvores naquele lugar são tão vorazes quanto os próprios glismaks. Ninguém do nosso povo a levará. Mesmo que não fosse um lugar proibido pelo Deus do Céu, não poderíamos ir. Quatro sóis atrás, os glismaks atacaram Let e queimaram nossas casas. Sempre fazem isso no fim da estação da seca,

porque sabem que estamos mais ricos, devido ao comércio com os humanos. Logo eles voltarão para outro ataque. Todos os wyvilos devem ficar para defender nossa terra. Nem mesmo o Sagrado Trílio Negro nos desviará deste dever.

Anigel empertigou o corpo e respirou fundo.

— Muito bem. Então irei com meus amigos rimoriks. Podem ao menos nos indicar o caminho com detalhes, para que eu encontre Kovuko o mais depressa possível?

— Sim, com prazer. E também comida, roupa limpa dos humanos, se quiser.

— Ficaria muito agradecida. Devo pedir outro favor também. Outros humanos, meus inimigos, estão me seguindo. Peço que não lhes digam para onde eu fui.

— Não diremos — garantiu Sasstu-Cha. Fez um gesto largo para seus remadores. — Agora, este pede que nos sigam, Princesa Anigel de Ruwenda. Aceite por esta noite a humilde hospitalidade de Let, depois siga seu caminho. E, se encontrar seu talismã libertador, pense não apenas na sua terra em perigo, mas um pouco na nossa também.

CAPÍTULO 31



Os uisgus eram extremamente sensíveis ao ambiente do pântano, notando as menores mudanças à sua volta. Caía a noite quando as mulheres que manejavam as varas do barco (tinham se revezado muitas vezes durante a descida do rio) pararam de repente. Kadiya as viu juntar as cabeças e conversar baixinho no seu dialeto.

Nessak, que falava a linguagem dos comerciantes, aproximou-se da princesa.

— Senhora, há mais inimigos à nossa frente. A maior parte está acampada na curva do rio. Precisamos encontrar um meio de evitá-los, para não sermos mais uma vez objetos dos seus prazeres cruéis.

Kadiya assentiu com um gesto. Teria de depender das habilidades deles, em terra e na água, como dependia antes de Jagun.

Jagun. seria para sempre uma lembrança dolorosa. Apesar de todas as esperanças da princesa e dos uisgus, ele não reapareceu no Mutar, e as mulheres não haviam recebido nenhum Chamado do caçador. Mas a princesa recusava-se a aceitar a idéia de sua morte.

— Há algum meio de evitarmos passar por perto dos nossos inimigos? — perguntou ela.

A névoa começava a subir outra vez, escondendo ora uma parte da margem, ora outra. Desde o começo da viagem não tinham visto nenhum sinal de ruínas.

Nessak balançou a cabeça lentamente.

— Senhora, os humanos malvados têm skriteks com eles, mas é verdade também que estão muito cansados e há outros perigos nesta região. Este é o território de caça dos loorus. Desse modo. — ela fez um pequeno gesto com a mão — quando chegar a noite precisamos nos esconder de algo mais além dos humanos e dos afogadores.

Loorus! Desde a infância, Kadiya ouvira falar das selvagens criaturas aladas noturnas. Eram os monstros com que as amas assustavam as crianças que ficavam fora de casa depois do pôr-do-sol. Mas, desde que haviam chegado àquela região, Jagun não os havia mencionado. Anos atrás ela vira pedaços curtidos do couro das asas dos loorus à venda em Trevista, mas eram raros, uma espécie de curiosidade. Olhou para o céu que escurecia rapidamente. Os loorus eram sugadores de sangue e podiam se agarrar a um homem e a um animal até deixá-los completamente secos, com garras capazes de matar qualquer presa menor.

— Senhora! — chamou uma das mulheres que estava na proa da canoa. — Veja aquilo!

Desde o começo da fuga, tinham passado por muitas curvas do rio e visto muitos canais. Agora, o rio parecia reto e ela notou uma luz na margem esquerda, certamente não era proveniente de nenhuma planta do pântano, mas de uma fogueira ou outra fonte de iluminação fixa. Ao mesmo tempo ouviram um clarim de guerra chamando os soldados, depois gritos dos homens e o ruído de alguém se afogando.

As mulheres uisgus levaram o barco imediatamente para a outra margem.

— Os humanos inimigos estão sendo atacados! — A voz de Nessak não era mais suave, mas estridente. — Talvez pelos loorus, senhora.

— Se são bastante idiotas para mostrar o caminho para os predadores, acendendo fogo — comentou Kadiya —, então, certamente não conhecem nada desta região. Os skriteks deviam tê-los avisado.

Nessak emitiu um som que podia ser uma risada amarga.

— Senhora, os homens que vêm de longe não dão atenção ao que dizem os afogadores. Não levariam a sério o aviso de um habitante dos pântanos. Não há nenhum entendimento entre eles, apenas a necessidade de derramar sangue para satisfazer seus senhores.

— Se os loorus os estão atacando agora — disse Kadiya, pensando rapidamente —, não podemos passar sem que nos vejam?

Nessak pensou por um momento.

— Pode ser uma boa chance para nós, senhora. Podemos tentar...

Tocaram a margem esquerda. Kadiya e algumas mulheres uisgus apanharam grandes quantidades de junco, atirando os molhos para as outras, que com eles cobriam a jangada fazendo-a parecer um monte de folhas levadas pelo rio. A única dificuldade era o tamanho da jangada. Era uma verdadeira ilhota flutuante, com menos de um quarto do tamanho da longa plataforma em que estavam as passageiras.

Terminados os preparativos, levaram a jangada para o meio do rio, onde a corrente era agora mais vagarosa, e começaram a deslizar com uma lentidão torturante. O fogo no campo inimigo ardia mais brilhante agora. As uisgus estavam deitadas na jangada, cobertas de juncos, mas observando a outra margem com olhos ansiosos.

Aparentemente, os invasores haviam aprendido alguma coisa em outras lutas contra os loorus, pois alguns homens brandiam tochas, ladeados por dois outros, armados de lança ou espada. Alguns animais abatidos contorciam-se no chão. Um skritek bateu na cabeça de um deles, e um homem com um curativo sujo de sangue numa das pernas ergueu uma espada leve, como se fosse uma faca de caça, para pregar no chão outro looru, que caiu batendo as asas violentamente.

Não havia nenhum sinal de orgulho ou de confiança naqueles soldados labornoks agora. As armaduras estavam enferrujadas, as plumas dos elmos amarfanhadas, e a roupa imunda. Muitos estavam feridos, e quase todos tinham o rosto e as partes expostas da pele inchados e vermelhos de picadas de insetos. Sob um toldo armado debaixo de uma árvore, uns quatro estavam deitados, imóveis.

Era evidente que o acampamento grande — pois não se tratava de um campo provisório de batedores — estava todo sob ataque organizado. Kadiya apanhou uma vara e a enfiou na terra da margem esquerda, dando maior velocidade à jangada. As mulheres uisgus fizeram o mesmo. Mas continuaram em marcha extremamente lenta.

Aparentemente, os loorus não esperavam tanta resistência. O bando voou rapidamente para longe do campo quando um deles foi atingido na asa por uma tocha lançada com precisão. Com um grito a criatura queimada mergulhou sobre seus atacantes, louca por vingança. Uma das garras da asa prendeu-se no queixo de um homem, arrancando o elmo. Ele soltou um

berro de terror e o looru desceu verticalmente até o solo, prendendo sua vítima sob o próprio corpo em chamas.

Kadiya achou que agora a jangada teria mais chance de passar despercebida. Nenhum dos soldados estava perto do rio e, embora as tochas e a fogueira iluminassem parte da superfície da água escura, nenhum labornok ou skritek estava olhando naquela direção. Mas suas esperanças foram precipitadas. A jangada estremeceu debaixo delas e começou a ser arrastada para a margem direita. Kadiya tentou lutar com a vara contra o que pensou ser uma corrente mais forte. Então, a uma distância menor de um braço, a cobertura de juncos se ergueu. Uma uisgu gritou quando um braço com escamas apareceu da água pousando sobre os molhos de junco.

Ao mesmo tempo, sentiu que puxavam a vara que ela segurava e soltou-a em tempo, para não ser lançada para fora. A jangada agora movia-se diretamente para a cena da batalha.

— Afogadores — murmurou Nessak. — Debaixo da jangada. Estão nos levando para a margem!

Não era possível organizar uma defesa contra criaturas que podiam permanecer longo tempo sob a água sem serem vistas. Não podiam também se lançar ao rio e tentar nadar para longe, porque eles as afogariam num instante.

Kadiya compreendeu o que tinha acontecido. A maioria dos demónios do pântano lançou-se à água quando os loorus atacaram, deixando o combate a cargo dos homens. Devia haver um grande número deles agora no rio, a julgar pela velocidade com que a jangada se aproximava da margem.

No acampamento, o caos diminuía. Havia muitos loorus abatidos e os restantes voaram para longe, preparando-se para um novo ataque.

Então ela viu, à luz clara da fogueira, o homem vestido de vermelho com um capuz escondendo a metade do rosto. Só podia ser uma das Vozes de Orogastus, que há tanto tempo a procurava. Numa das mãos ele segurava um bastão que enfiou no chão, verticalmente. Um soldado correu e o ajudou a firmá-lo no solo. Na parte superior, bem acima das chamas da fogueira havia uma placa redonda. O homem de vermelho recuou e das suas mãos saiu um fecho de luz que atingiu a placa. Ouviu-se uma pequena explosão. Chamas laranja-amareladas ergueram-se na borda da placa, que começou a girar com um som agudo ensurdecidor. O bando de loorus, com gritos de

pavor, levantou voo rapidamente e desapareceu no céu escuro. A placa girou emitindo o som enervante por mais alguns minutos, depois, apagou-se, com uma chuva de fagulhas.

O homem de vermelho caminhou até a margem do rio para observar a jangada que se aproximava. Kadiya não o ouviu chamar, mas imediatamente apareceram vários homens usando os mantos rasgados e as insígnias manchadas dos cavaleiros.

Ordens foram então gritadas e os soldados correram da cena da batalha recente para a praia. Kadiya viu um punhado de arqueiros andrajosos com os arcos retesados. Porém, um oficial com uma armadura completa e limpa, vermelho-vivo, estendeu o braço e eles não lançaram as flechas. Nenhuma uisgu havia saído do esconderijo de hastes de junco, mas Kadiya tinha certeza de que os homens na praia sabiam da presença delas. Os skriteks saíram da água e começaram a balançar a jangada, rindo em triunfo, com os olhos enormes refletindo a luz da fogueira e das tochas.

O oficial, que Kadiya reconheceu como o General Hamil, voltou-se para a Voz Vermelha e disse alguma coisa. Imediatamente, o acólito de Orogastus gritou na língua dos nativos:

— Para terra, miseráveis! Ou preferem que nossos aliados peguem o que desejam? — Com um gesto indicou os skriteks.

Os montes de junco se agitaram e as mulheres uisgus saíram da jangada. Mas Kadiya não as seguiu. Segurou seu talismã.

Certamente, devia liaver uma chance. Os skriteks agarraram uisgus e as levaram para terra. Porém, Voz Vermelha não estava preocupado em capturá-las. Olhava com ar intrigado para onde Kadiya continuava escondida. O talismã parecia protegê-la de algum modo.

Voz Vermelha disse alguma coisa para o General Hamil e o oficial deu meia-volta. Uma das mulheres uisgus, com o filho no colo, tropeçou e caiu a seus pés, quando era arrastada pelos skriteks. Hamil abaixou-se e, segurando a criança por um braço, arrancou-a da mãe e a atirou para um skritek. O monstro rugiu de prazer e apanhou a presa no ar facilmente. Kadiya saiu do esconderijo, com o talismã na mão. — Não! — ela gritou.

Antes que pudesse fazer qualquer movimento as garras de um skritek que havia subido na jangada fecharam-se em volta dos seus braços, puxando-os

dolorosamente para trás das costas. O talismã caiu na lama, e outro skritek abaixou-se para apanhá-lo. Mas o monstro recuou com um grito e Kadiya viu rolos de fumaça saindo da pedra de âmbar.

Empurrada para a frente pelo skritek, Kadiya ficou entre o general e a Voz, tensa e tremendo de raiva, impotente. Através do elmo aberto, Kadiya viu que ele não se parecia em nada com o homem esplêndido que ela vira na Cidadela. O rosto e o queixo, com a barba crescida, estavam cheios de picadas de insetos. Uma delas, bastante inchada, sob o olho esquerdo puxava a pálpebra para baixo, quase impedindo-o de enxergar. Mas ele sorria e agora deu uma gargalhada.

— Muito bem, Voz — disse ele. — Temos aqui uma coisa que compensa toda esta viagem na lama. A Princesa Kadiya! Sem dúvida fomos favorecidos pela sorte esta noite!

Ele estendeu a mão e segurou o rosto da princesa, enfiando as unhas dolorosamente na carne.

— Verme dos pântanos — disse ele, com verdadeiro prazer. — Está bem longe das suas sedas e confortos, agora, não é mesmo? Não foi preciso muita coisa para reduzi-la a uma criatura da lama — carne fraca, como todos da sua espécie! — Soltou o rosto de Kadiya e a esbofeteou com tanta força que as lágrimas afloraram aos olhos da princesa.

Hamil resmungou.

— Enxugue os olhos, menina. Não vai haver misericórdia para ninguém da sua casa. — Olhou para Voz Vermelha e disse com desprezo: — Então, as mulheres da linhagem de Krain vão derrotar Labornok! — A mão pesada caiu agora no ombro da princesa, fazendo-a voltar-se para o acólito de Orogastus.

— Isto — é isto que seu grande mestre diz que trará a morte para todos nós? Que piada!

Voz Vermelha não olhava para Kadiya, mas para o talismã, caído no chão, não muito longe deles. Abaixou-se para apanhá-lo, mas recuou, carrancudo.

— O que o assusta, Voz? — perguntou Hamil, jovial.

— É o talismã? Essa coisinha mágica tão cobiçada por seu mestre? Fique com ele, homem. O que está esperando?

Voz Vermelha ficou rígido. Parecia mais alto, mais maciço. Das aberturas para os olhos, na máscara, saltaram duas línguas de fogo e o general e seus homens exclamaram, apavorados:

— Hamil! — Como que trazida pelo vento da noite, soou uma voz que Kadiya já ouvira antes. Era o acólito falando, mas a voz era de Orogastus. — Você trabalhou bem. Melhor do que imagina. Mas precisa ter muito cuidado. Aquilo que está no chão, perto de vocês, pertence apenas à sua prisioneira. Nem você, nem qualquer outro que não possui o saber antigo pode manejá-lo — somente ela. Minha Voz Vermelha, obedeça! Obrigue a Princesa Kadiya a levar o talismã de volta para a Cidadela, mas não permita que ela faça uso dele.

O corpo da Voz Vermelha pareceu diminuir de tamanho. Os olhos ficaram negros outra vez e ele murmurou:

— Sim, mestre.

Hamil cuspiu, ruidosa e acintosamente, na lama, ao lado do punho da espada.

— Então ela e aquela vareta estão unidas por magia. Muito bem, Voz, como vai resolver o problema? Sem dúvida é o tipo de ação própria do seu mestre.

O acólito do feiticeiro tirou de sob o manto um pedaço de corda, feita de fibra incomum, mas de um material mosqueado, como a pele de um pequeno verme dos pântanos. Kadiya o viu fazer um pequeno laço na ponta, depois começou a enrolar a corda no dedo, murmurando palavras ininteligíveis.

Depois, com o cuidado de um pescador pronto para apanhar um peixe, abaixou o laço e com grande paciência o passou em volta do punho do talismã, puxando rapidamente. Certificou-se de que o laço estava firme, segurou a ponta da corda e ergueu a espada da lama. Hamil estendeu a mão para tocar o talismã, mas o homem de vermelho recuou rapidamente com ela.

— Lorde General, isto está realmente ligado à sua dona. Encoste a mão nela e pode ficar preso.

O general fungou com desprezo.

— Ouviu o que disse o meu mestre — continuou a Voz. — Isto é um objeto com grande poder que ele deseja possuir, e uma vez que está ligado magicamente à Princesa Kadiya, ela deve ser também levada a ele.

Hamil olhou pensativamente para a jovem.

— E o que acontece se ela conseguir usar essa maldita coisa, de algum modo?

A Voz observava Kadiya cuidadosamente através das aberturas da máscara.

— Lorde General, não sabemos o que ela pode fazer. Mas meu mestre deu-me algo para subjugar-la.

A espada balançava hipnoticamente na ponta da corda de pele mosqueada. Voz Vermelha com a outra mão tirou debaixo do manto um objeto pequeno e branco e o encostou na testa de Kadiya.

A princesa deu um grito e depois se calou, sentindo o frio do gelo penetrar seus ossos. Tentou se mover, mas o corpo não respondeu.

A Voz fez um gesto afirmativo.

— Pronto. Durante algum tempo, Lorde General, ela ficará inofensiva — mas não para sempre. Este instrumento só funciona uma vez e tenho apenas um. Mas podemos dominar esta jovem de outro modo. Aquilo que está ligado pode ser libertado — por força de vontade. Mas essa quebra da resolução de outra pessoa toma tempo. Devemos fazer com que o talismã continue em seu poder até estarmos em posição para recebê-lo de suas mãos.

— Recebê-lo de suas mãos? — Hamil começou a rir. — O, isso pode ser arranjado, é claro que pode!

Ordens foram dadas. Amarraram Kadiya como um fardo inerte, com o talismã nas costas. Passaram estacas através das cordas e dois soldados a carregaram como um troféu de caça.

As uisgus da jangada foram mais uma vez reunidas e amarradas umas às outras pelo pescoço. Porém, tudo indicava que seus captores não iam fazer nada mais naquela noite. Talvez achassem tolice ficar longe do fogo, depois do ataque dos loorus. As cordas que prendiam as uisgus foram amarradas a duas árvores fortes entre os arbustos e os skriteks agacharam-se ao lado delas, rosnando e olhando para as prisioneiras com olhos famintos.

Os pensamentos de Kadiya processavam-se preguiçosamente. Teve uma sensação visual estranha, de alguém caminhando, passo a passo, num grande campo de neve. Pensou no General Hamil, um instrumento eficiente para o Rei Voltrik. Dele emanava uma sensação de mal, não de trevas extraterrenas como projetavam a Voz e seu mestre, mas de uma brutalidade que, de certo modo, era pior, por ser completamente humana. Entretanto, provavelmente seria mais fácil influenciar o general do que o fantoche do feiticeiro.

A princesa tentou usar sua fúria, como já fizera tantas vezes, para se livrar daquele gelo mortal. Mas estava presa. Não sentia nenhum calor, nem do talismã, cuidadosamente agarrado nas suas costas. Fechou os olhos e esforçou-se para pensar com clareza, mas seus nervos congelados pareciam pedirque se entregasse sem lutar.

Então, Kadiya ouviu um farfalhar de fazenda ao seu lado e lembrou-se de que há algum tempo não ouvia os grunhidos dos scriteks. Abriu os olhos e um hálito com cheiro forte de bebida soprou sobre seu rosto. Então, uma palma áspera cobriu sua boca e dedos fortes emaranharam-se nos seus cabelos.

— Princesa! — Era um murmúrio de bêbado. — O que me diz do tesouro que viu nas ruínas do pântano? Onde está aquela bruxa das lendas antigas que brinca com a magia, e que, segundo dizem, possui os instrumentos mais poderosos dos Desaparecidos? Orogastus quer tudo para ele. Ah, sei muito bem disso! Mais do que Voltrik, que talvez esteja morto, com aquele seu filho idiota. Mas o feiticeiro está muito longe, na sua torre, e sua Voz não passa de um cretino quando não está possuído pelo espírito do mestre. Conte-me os segredos que você descobriu! Compre uma morte decente, filha do rei. Se tiver de conseguir isso, será por minha vontade, somente por minha vontade.

Hamil! O homem estava fazendo um jogo à parte..

A mão foi retirada da boca de Kadiya, mas os dedos continuaram puxando dolorosamente seus cabelos. Estranhamente, as ameaças brutais do general pareciam anular em parte o encantamento gelado que a imobilizava. Então, não havia mais um objetivo comum entre os inimigos. Como podia tirar vantagem disso? Era tão difícil pensar com clareza.

— Prefere então enfrentar os skriteks, animal da lama? Muito bem, podemos arranjar um belo espetáculo amanhã cedo para você. Você vai assistir.

Os dedos soltaram seus cabelos e Kadiya ficou sozinha. Com todo seu tamanho, o general movia-se silenciosamente e Kadiya estava no chão, não muito longe da barraca. Então ela viu outro vulto movendo-se na sua direção, mas que não se aproximou demais. E ouviu o murmúrio sibilante.

— Então! Hamil pensa que pode vencer o mestre! Como se, em algum momento, ele tivesse sido necessário. Nem ele, nem o Rei Voltrik, nem o Príncipe Antar, nenhum deles é necessário desde que esta terra foi conquistada. O importante, jovem, é isso que leva com você! Orogastus permitirá que receba seu pagamento de sangue do rei labornok se contar a verdade a ele.

Voz Vermelha chegou mais perto. Então, pôs a mão no ombro dela, perto do punho do talismã.

— Vê, estou falando sinceramente. Posso libertá-la do encantamento do gelo. Podemos estar longe daqui antes da manhã sobre a qual Hamil estava falando, se você passar a posse do talismã para mim.

Reunindo todas as forças que ainda tinha, Kadiya disse:

— Não sou idiota, fiel servidor de um mestre infame!

— Infame? Ah, não, princesa. Verá que Orogastus é um amigo extremamente agradável. Sua irmã Haramis já está em sua companhia, aprendendo com ele uma arte maravilhosa que a sua Arquimaga nem sabe que existe. Ela tem gosto e talento para essas coisas, a Princesa Haramis, e já começa a ver tudo com os olhos do mestre. Você pode juntar-se a ela. Meu mestre não a impedirá de se vingar do Rei Voltrik e de Hamil. Eles começam a cansar sua paciência. Você pode ser rainha, se quiser — senhora de duas terras, e sua irmã terá um trono taumatúrgico para alcançar as estrelas.

Havia uma lógica venenosa nas palavras da Voz. Era fácil entender que Orogastus estivesse farto dos aliados labornoks. Que ele acreditava poder usá-la, uma princesa real, para governar Ruwenda e Labornok — sim, fazia sentido. É claro que estava mentindo quando disse que Haramis havia se submetido a Orogastus. Contudo, podia contemporizar.

— Eu. não posso fazer nada. amarrada como estou — disse Kadiya.

O homem de vermelho fez um ruído que era quase uma risada.

— Princesa, pode comandar o talismã, mesmo amarrada. Liberte pela palavra e pelo pensamento o que está carregando, que eu a livro das cordas.

Claro que Kadiya não acreditou. Mas tinha pouco tempo para pensar e sua mente parecia funcionar ainda com uma lentidão exasperante.. Então lembrou-se — lembrou da lâmina nascida de uma raiz. Podia dizer uma palavra mágica — enraizada em outra coisa qualquer — que o acólito de Orogastus não conhecesse.

— Eu lhe concedo.. permissão para tirá-la da bainha.

— As palavras que chegavam aos seus lábios não estavam em sua mente um momento atrás. — Plante a extremidade sem ponta no chão.

Kadiya ouviu a respiração acelerada do homem. Era estranho que ele acreditasse em suas palavras, mas a princesa não tinha tempo para pensar nisso agora. Sentiu que o talismã era tirado dos seus ombros. A espada estava completamente sem brilho. Voz Vermelha ficou de pé. Kadiya o viu enterrar a lâmina no solo como havia mandado.

Então, com um brilho cegante, a espada pareceu afinarse, até ficar estreita como uma haste de relva, mas os três globos não mudaram. Kadiya ouviu a própria voz num murmúrio feroz.

— Seja, ó talismã vivo, ó raiz do Trílio Negro, emblema e força da nossa casa, como sempre foi!

À sua ordem, as três esferas se abriram. Os três olhos estavam vivos e voltaram-se para Voz, que ficou imóvel e rígido. Por um momento, os olhos do homem cintilaram como estrelas, quando o feiticeiro, de longe, tentou invadir sua mente. Mas Orogastus não foi bastante rápido.

Um dos olhos do talismã expediu um raio de luz branca, seguido por um raio de luz verde do olho do oddling e um facho dourado do olho humano.

E a Voz de Orogastus ardeu em chamas.

O homem contorceu-se, envolto na claridade mágica. Uma coluna de chamas de três cores enrolou-se no seu corpo. Nem teve tempo de gritar. Então, o fogo desapareceu de repente, como tinha aparecido, e só sobrou um monte de cinzas no chão, do qual subiam espirais de fumaça.

No lugar do Olho Chamejante de Três Partes estava o talismã, sem vida e sem brilho.

CAPÍTULO 32



O Príncipe Antar jamais passara noites tão terríveis como aquelas no Grande Mutar. O sol inclemente o torturava e a seus companheiros, como togaras no forno. Tinham levado apenas sete das maiores canoas de madeira (achando que as dos wyvilos eram por demais frágeis e inseguras), excessivamente carregadas com a força reduzida de quarenta e três homens mais os suprimentos.

Os labornoks, inexperientes, quase sempre paravam para a noite, em lugares muito quentes e cheios de lama, infestados de pegajosos sugadores de sangue, insetos que picavam e parasitas listrados de amarelo que perfuravam os sacos de mantimentos. As refeições, preparadas por cozinheiros amadores, eram sempre cozidas demais ou cruas. Dois homens foram acometidos pelo fluxo de sangue depois de comer frutos venenosos. Privados dos pavilhões confortáveis e das camas dobráveis, grandes demais para serem transportados nas canoas, os cavaleiros dormiam no chão, como os soldados, cobertos apenas com seus mantos.

Finalmente, quando a força, suja e exausta, chegou ao belo povoado Let, dos wyvilos, que lhes pareceu tão convidativo quanto o Palácio Derorguila, os malditos oddlings não permitiram que desembarcassem.

Os nativos foram ao encontro dos labornoks no meio do rio e não se impressionaram nem um pouco com a promessa do príncipe de uma generosa recompensa se os acolhessem por alguns dias. O porta-voz disse que esperavam um ataque dos glismaks a qualquer momento. Os humanos deviam seguir seu caminho. Não podiam fornecer guias nem alimento.

Sir Rinutar resolveu reclamar por conta própria, ofendendo todo o povo da floresta e seu porta-voz. Ameaçou-os com a fúria taumatúrgica do poderoso Orogastus, por meio de Voz Azul, se os wyvilos não atendessem imediatamente às exigências dos labornoks.

O amigo de Rinutar, Sir Karon, não quis ficar atrás no repúdio à insolência dos nativos e, de pé na canoa, desembai-nhou a espada, desafiando o porta-voz Sasstu-Cha para um combate singular. Nessa altura, os nativos

apontaram suas catapultas e bombardearam os sete barcos com pedras certeiras.

O príncipe e a maioria dos seus cavaleiros, protegidos pelas armaduras, não foram feridos (embora o infeliz Sir Pe-napat por pouco não perdeu um olho), mas os vinte e um soldados, rebaixados relutantemente a remadores, que estavam sem as armaduras por causa do calor e por precisarem de liberdade de movimentos, sofreram ferimentos e lacerações.

Sir Karon sobressaltou-se com a surpresa do ataque e, brandindo a espada vigorosamente, emborcou a canoa. Sempre sacudindo a espada, o robusto cavaleiro, com armadura, desapareceu nas profundezas do Grande Mutar e nunca mais foi visto, bem como seu companheiro, Sir Bidrik. A Voz Azul, que também estava na canoa emborcada, emergiu das águas rapidamente e nadou para o barco do príncipe, onde foi puxado para bordo por Sir Owanon. Os três soldados-remadores debatiam-se pateticamente na água, gritando por socorro, pois não sabiam nadar e o seu barco já estava longe, levado pela corrente. Finalmente, foram puxados para bordo pelos companheiros das outras canoas.

Os wyvilos assistiram ao espetáculo calmamente, com suas atiradeiras em riste.

— Vão embora — ordenou outra vez o porta-voz Sasstu-Cha. — Não lhe faremos nenhum mal se partirem agora.

O Príncipe Antar murmurou para Voz Azul.

— Não pode encantar aqueles oddlings e obrigá-los a nos obedecer?

— Não, Grande Senhor — respondeu ele, calmamente, torcendo a ponta da saia longa sobre a borda da canoa. — Os instrumentos de encantamento que eu poderia usar estão no fundo do Grande Mutar, como Lorde Karon e Lorde Bidrik.

— Muito bem — suspirou o príncipe e, voltando-se para os remadores, ordenou: — Seguir em frente!

Assim, ridiculamente vencida, a equipe de busca continuou a descer o rio até o começo da noite, quando o príncipe calculou que estavam bem distantes de Let. Ancoraram então numa baía pequena e convidativa, perto do canal principal, com areia macia, e armaram o acampamento à luz da fogueira.

Sete soldados estavam feridos demais para remar ou combater e foram dispensados de qualquer trabalho.

— Amanhã — disse o Príncipe- Antar —, vocês sete e mais dois homens com ferimentos mais leves voltarão para a cidade de Tass numa das canoas. Digam ao mestre-mercador e aos comandantes dos barcos que devem esperar a nossa volta, sob pena de morte — mesmo que não tenhamos voltado no começo da estação das chuvas.

Os cavaleiros e soldados murmuraram descontentes, mas o príncipe não lhes deu atenção. Chamou Voz Azul.

— Chame seu mestre das trevas e peça para localizar a Princesa Anigel, a fim de determinarmos nossa rota amanhã. Diga a Orogastus também para informar meu pai, o Rei Voltrik, que continuo a obedecer fielmente às suas ordens e às ordens do Grande Ministro de Estado.

Dizendo isso, o príncipe afastou-se sozinho, pela praia enluarada. Os outros homens continuaram seu trabalho, cabisbaixos, com exceção da Voz Azul, que se retirou para um bosquete de chorões wydel, na beira da praia, ajoelhou e entrou em transe.

— Mestre Todo-Poderoso, ouça-me!

— Eu, Orogastus, o escuto, minha Voz!

— Meu senhor, infelizmente nossa expedição sofreu uma inconveniência no povoado Let, dos wyvilos. Os oddlings nos apanharam de surpresa com uma chuva de mísseis, emborcando o barco no qual eu estava. Perdi todo o equipamento mágico e os cavaleiros Karon e Bildrik afundaram com o peso das armaduras e se afogaram. Sete soldados foram feridos e deverão voltar para Tass conduzidos por outros dois com ferimentos mais leves e Sir Penapat está com um olho preto do tamanho de uma fruta ladu, atingido por uma pedra. Orogastus avaliou as notícias.

— O príncipe e os outros dezessete cavaleiros estão bem?

— Sim, Grande Senhor. E doze soldados — embora quase todos se queixem de escoriações e outras coisas.

— Localizei a Princesa Anigel. Está acampada um pouco abaixo de onde vocês estão, na desembocadura de um afluente que ela pretende subir amanhã, viajando a pé, quando não puder mais usar o barco. Seu grupo

levará mais ou menos cinco horas para chegar ao acampamento se soldados e cavaleiros se revezarem nos remos, sem parar. Mande o Príncipe Antar partir de madrugada e perseguir a Princesa Anigel a toda velocidade — mas cuidar para que ela não seja molestada de nenhum modo, até encontrar o talismã, que deve estar muito perto agora.

— Transmitirei suas ordens ao Príncipe Antar, mestre.

— Informe também ao príncipe a boa notícia de que o rei seu pai está quase completamente restabelecido. Além disso, o General Hamil capturou a Princesa Kadiya e muito em breve tomará seu talismã, o Olho Chamejante de Três Partes.

— Mestre... — a Voz hesitou. — Esta noite, quando aportamos, tive uma grande agitação mental. Pareceu-me que meu Irmão Vermelho, que acompanha o General Hamil, foi vítima de alguma desgraça.

— Minha Voz Azul, deve ser bravo. Seu irmão pereceu servindo-me.

— Oh, que infelicidade!

— Os Poderes das Trevas receberão suas energias vitais e elas serão glorificadas. E vocês, as duas Vozes que me restam, receberão uma recompensa terrena mais do que generosa, quando minha grande ambição estiver realizada. Porém, lembre-se da outra tarefa que ainda tem de realizar, referente ao Príncipe Antar.

— Espero apenas o momento oportuno, Mestre Todo-Poderoso. O valente Sir Rinutar, seu fiel servidor, será posto a par do plano, quando tudo estiver terminado. Sem dúvida conduzirá nosso grupo de volta, em segurança, quando tivermos o talismã.

O feiticeiro disse então, com voz decidida, abandonando o tom de simpatia.

— Minha Voz, é extremamente importante não perder O talismã de Anigel!

— Grande Senhor, eu compreendo.

— O talismã de Kadiya está praticamente garantido. O da Princesa Haramis logo será meu — talvez antes mesmo que esta noite termine! Mas esses dois só terão poder total junto com o terceiro, aquele que você deverá trazer para mim.

— Por minha vida — disse Voz Azul —, eu o depositarei aos seus pés. E, se tudo correr bem, o Príncipe Antar não verá o pôr-do-sol, amanhã.

— Estou satisfeito. Adeus, minha Voz Azul.

O servo do feiticeiro voltou para o acampamento, onde o cozinheiro-daquela-noite preparava um cozido de carne-seca e vegetais, guarnecido com banha de porco salgada, enquanto outro tentava assar pães num forno refletor sujo. O cheiro não era convidativo.

Voz Azul aproximou-se do príncipe. A preocupação de Antar desapareceu e ele perguntou, ansioso:

— Tem notícias?

— Sim, Grande Senhor. A princesa fugitiva está a umas oito horas daqui. Aproxima-se do objetivo da sua missão e talvez amanhã ou depois seja capturada.

Falou da recuperação do rei e contou que o feiticeiro estava prestes a conseguir os outros dois talismãs. Não mencionou a morte do Voz Vermelha. O príncipe ouviu, distraidamente, depois afastou-se, sem uma palavra, para compartilhar o péssimo jantar com seus homens.

Naquela noite, uma forte tempestade caiu sobre a Floresta Tassaleyo, o primeiro sinal precursor da estação das chuvas, que começaria oficialmente dentro de seis dias, depois da festa das três luas. Os homens de Labornok acordaram com os trovões e correram para os barcos, procurando se abrigar da chuva. Porém, mais uma vez foram traídos por sua falta de experiência. A praia de areia fina, antes tão convidativa, foi completamente alagada pelas águas do Grande Mutar. Praguejando e gemendo, os homens tiveram de preparar os barcos, embarcar e depois remar para uma ilhota próxima, agora também sob a água, onde amarraram as embarcações pelo resto da noite. Dormiram mal, sob os mantos molhados, enquanto a tempestade rugia, balançando os barcos e enchendo-os de água.

O Príncipe Antar estava tão encharcado e infeliz quanto qualquer ”soldado. Mas não pensava no próprio desconforto, preocupado com a Princesa Anigel, que devia estar enfrentando aquela tempestade terrível.

Amiga, disseram eles, Amiga, acorde. É a primeira luz do dia. Pediu que a chamássemos. Acorde!

Dentro da árvore oca, Anigel bocejou e espreguiçou. Estava deitada sobre pó de madeira, seco e limpo, produto do trabalho dos vermes carpinteiros que se agitavam ainda em volta e acima dela para reduzir o gigante morto

da floresta a um monte de húmus. O cabelo da princesa, seu saco de dormir e as belas roupas, presente dos wyvilos, estavam cheios de pó de madeira, mas era um preço muito baixo pelo calor daquele abrigo, durante a tempestade.

Naquela noite Anigel sonhou outra vez, mas a lembrança se foi com o primeiro chamado dos rimoriks. Pedira aos animais para a acordarem cedo, certa de estar próxima do objeto que procurava. Na noite anterior, acordada por um momento pelo trovão, vira o amuleto do trílio brilhar como fogo e o pequeno botão, dentro do âmbar, quase aberto.

Passou o pente pelos cabelos para tirar o pó de madeira e tirou o jarro de miton da bolsa no cinto. A folha do Trílio Negro já não parecia tão fresca e verde, a parte superior começava a secar e a nervura estava escura. Só a base mantinha-se ainda úmida e viva. O traço dourado que a guiava desde Noth só ia até a haste curva e curta.

Temos um peixe para você, amiga. Venha ver.

Apanhando suas coisas, Anigel saiu do oco da árvore. Os dois rimoriks estavam ao lado do barco, ancorado com a metade na terra. Anigel viu o gordo peixe winju sobre o musgo. Retalhos de névoa passeavam no meio das árvores, as samambaias e a relva alta inclinavam-se ainda ao peso da água da chuva. O céu estava claro e os pássaros brancos cantavam, saudando a chegada da manhã. Anigel notou que o regato estava muito mais cheio do que na noite anterior. Isso era bom, significava que podia usar seu barco por uma distância maior.

— Obrigada, meus amigos — disse Anigel —, mas acho que vou comer só este biscoito dos wyvilos e algumas cerejas. Seria difícil para mim fazer fogo nesta terra molhada e quero continuar imediatamente a viagem.

Isso será muito bom, disse um rimorik.

O outro disse:

Sabemos que seus inimigos aproximam-se rapidamente na Água que Corre para o Mar. Nossos companheiros nos dizem que os humanos estão muito molhados e muito zangados e mais ansiosos do que nunca para capturá-la.

Anigel suspirou.

— Por alguma estranha razão, não consigo me preocupar com eles, agora. Também não tenho mais medo do Monstro de Três Cabeças! Mas acho que não tem nada a ver com bravura. Apenas estou farta desta busca e ansiosa para terminar minha missão. Quando eu tiver o talismã, bem, talvez então eu pense num meio de me salvar do inimigo e voltar para minhas irmãs.

Os animais seguraram a popa do barco com os dentes e o empurraram para a água.

Tome o miton conosco e partiremos.

Depois do ritual, Anigel subiu no barco. Começaram a subir o afluente que os wyvilos chamavam de Kovuko, o sol apareceu e o vapor ergueu-se, em nuvens, das folhagens da Floresta Tassaleyo. O ar ficou tão quente e abafado que Anigel tirou quase toda a roupa, ficando só com a camisa que usava sob a túnica de caça e o chapéu de Immu de aba larga.

Foi uma surpresa para ela a quantidade de objetos humanos que havia encontrado nas casas do povo das florestas. Os utensílios domésticos e a roupa dos modestos nyssomus de Trevista eram quase todos feitos por eles, mas as casas que ela visitou rapidamente em Let estavam cheias de objetos ruwendianos e labornoks — chaleiras de ferro e colheres de prata, belas lâmpadas a óleo e candelabros dourados, móveis caros de couro, frigideiras e garfos para tostar, tapeçarias e quadros, elegantes animais de brinquedo, tapetes, harpas e mandolins, cartas de jogar, jogos de tabuleiro e todo tipo de bibelôs e enfeites criados pelos artesãos de Dylex. O porta-voz SasstuCha e sua mulher tinham até uma meia banheira de cobre, da qual se orgulhavam muito. Anigel tomou banho nela com sabonete perfumado. A roupa limpa que estava usando era dos filhos adolescentes do porta-voz, que gostavam de acompanhar sempre a moda dos humanos.

Uma vez acostumada com os rostos feiosos e os maneirismos um tanto rudes, Anigel gostou dos wyvilos. Eram sinceros e trabalhavam arduamente durante a estação seca, travando batalhas intermináveis com seus primos mais pobres, os glismaks, durante a estação das chuvas. O porta-voz contou tristemente que os mercadores humanos haviam posto embargo em um único tipo de mercadoria. Os wyvilos jamais haviam trocado por armas os produtos da floresta.

— Tanto os ruwendianos quanto os labornoks insistem nesse embargo por interesse próprio — disse Sasstu-Cha. — Pois, se tivéssemos armamento

moderno — espadas e lanças de aço, e poderosos arcos —, poderíamos derrotar os glismaks para sempre e estender nosso domínio ao longo do Grande Mutar, até a terra dos vars, e vender nossa madeira para os agentes do Rei Fiodelon com maior facilidade e proveito.

Anigel não sabia o que dizer.

— Não me parece justo negar os meios de defesa ao seu povo. Por outro lado, meu pequeno país tem jurisdição sobre a parte norte de Tassaleyo e sua economia depende da exportação de madeira dessa região. Sem dúvida deve haver possibilidade de um acordo, para que os wyvilos e ruwendianos possam viver em segurança e com prosperidade.

— Se existe essa possibilidade, só os ruwendianos podem encontrá-la.

— Porém, não governamos mais. Sabe que os labornoks nos derrotaram!

— Tem certeza? E o que me diz do talismã que procura? Não é para salvar seu país?

— O Monstro de Três Cabeças! — Anigel riu com tristeza. — Acredita mesmo que sou capaz de domar essa coisa e usá-la contra nosso inimigo?

— Não — disse o porta-voz. — Não, se a sua procura termina com o Monstro de Três Cabeças que conhecemos.

Sasstu-Cha recusou-se terminantemente a descrever o monstro que conhecia. Porém, antes de Anigel deixar Let, ele disse:

— Logo teremos a festa das três luas. Quando elas sobem lentamente no céu, pode-se ver que cada vez estão mais próximas, para a estranha conjunção que só acontece a cada mil tempos de vida. Se acontecer este ano, então certamente haverá uma grande maravilha. E pode ser para você, Pétala do Trílio Vivo...

À medida que o barco de Anigel subia o Regato Kovuko, a floresta, nas duas margens, mudava de aspecto, tornando-se mais seca, com menor quantidade de relva e mato. Havia ainda muitas árvores altas como colunas, mas havia outras também de aparência muito estranha. Eram três vezes mais altas do que um ser humano, mais herbáceas do que árvores de madeira. Na base de algumas, havia uma roseta de folhas espessas de um verde-arroxeadado e em outras, desenhos diversos em verde-dourado. Do centro da roseta erguia-se um caule carnudo, com galhos curtos e folhas

menores, com flores brilhantes cor-de-rosa ou magenta, e cachos de frutas com um cheiro delicioso. Na extremidade superior do tronco havia outro conjunto de folhas maiores, recurvadas para cima, formando uma espécie de cálice. A aparência das árvores era exótica mas tentadora. Pareciam taças gigantescas com pés cravejados de pedras preciosas.

Encantada, Anigel quis parar para colher alguns daqueles frutos estranhos.

— Não, amiga. Seria sua última refeição.

— São venenosos?

— São deliciosos. Mas a árvore os usa como isca para apanhar a presa.

Com um arrepio de medo, Anigel lembrou-se das palavras do porta-voz Sasstu-Cha: "As árvores daquele lugar são tão vorazes quanto os próprios glismaks..."

— Elas me devorariam?

— Ou a nós, amiga. Ou qualquer criatura bastante tola para tocar as ofertas tentadoras que pendem dos seus galhos.

Continuaram subindo o rio, que agora estreitava-se cada vez mais, cheio de rochas. As árvores "normais", em forma de colunas, começavam a escassear, dando lugar às taças e a outras espécies de aparência sinistra. A terra nas duas margens ficou mais alta e entraram num desfiladeiro largo e úmido. Nenhum pássaro cantava e Anigel não viu nenhum animal. A floresta era extremamente silenciosa, a não ser pelo ruído da água caindo nas fendas e gritos distantes que pararam de repente.

Quando o sol estava quase a pino, os rimoriks levaram o barco para a parte inferior de um remanso de água clara, cheio de rochas. Há mais de uma hora estavam empurrando a embarcação lentamente, por trás, esforçando-se na água sem profundidade suficiente para nadar, enquanto as margens ficavam cada vez mais íngremes e a paisagem mais rochosa. Então, as duas criaturas mosqueadas de verde voltaram os olhos grandes para a princesa e disseram mentalmente as palavras que ela temia ouvir:

— Amiga, não podemos levá-la mais adiante.

— Sim, eu compreendo. A água acima da corredeira é rasa demais.

Lentamente Anigel vestiu os trajes de caça, presente dos jovens e amistosos wyvilos. Botas azuis, uma túnica de couro azul que ia até os joelhos e um

cinto enfeitado onde ela prendeu a bolsa. A renda da camisa de baixo aparecia nos punhos e abaixo da bainha da túnica de um modo que nenhum caçador de verdade toleraria, mas Anigel não se importou, pois há muito tempo desejava sentir alguma coisa macia e limpa sobre a pele. Verificou os suprimentos e resolveu deixar a capa de chuva de Immu. Se houvesse outra tempestade, sua roupa agora era à prova d'água e não fazia mal molhar as mãos e o rosto.

Pôs a mochila nas costas, o chapéu de palha de Immu na cabeça e a adaga num lugar fácil de alcançar. Então, disse para os rimoriks:

— Meus amigos queridos, o que vão fazer agora? Sua casa fica tão longe, que não vejo como poderão voltar. E a culpa é minha. Serão capazes de viver nesta floresta?

— Não existe nenhum da nossa espécie aqui. Só parentes muito distantes. Mas não importa. Esperaremos por você aqui, com o barco, até terminar sua procura. Então voltaremos juntos para nossa terra.

Os olhos de Anigel encheram-se de lágrimas. Entrou na água para beijar as cabeças brilhantes e molhadas. Então, os três tomaram o miton.

Mais uma vez, ao longe, mas ecoando agora pelas paredes do desfiladeiro, soou o grito doloroso. Anigel fingiu não ouvir. Havia uma pequena trilha que acompanhava o rio. Com um último aceno para os amigos, Anigel entrou sozinha na floresta.

CAPÍTULO 33



Com a dor de cabeça mais terrível de toda a sua vida, Haramis sentou no leito enorme, gemendo e segurando a cabeça latejante com as duas mãos. Furiosa com a própria tolice, procurou lembrar com detalhes os acontecimentos da noite anterior. Mas a dor e a náusea a impediam de pensar.

Teria ele usado algum encantamento para enfraquecer sua vontade, enganá-la e atraí-la para sua casa?

— Entrei nesta armadilha como uma asa-de-gaze voando para a teia da lingit! Fui imprudente como Kadiya e mais tola do que Anigel! Ó, minha cabeça dói tanto!

Uma parede da câmara era de pedra coberta com tapeçarias, e havia duas janelas com vitrais por onde ela via a luz cinzenta do dia e a neve caindo. Velas novas em nichos dourados iluminavam as outras paredes recobertas até a metade com madeira de lei, onde estavam pendurados quadros com paisagens estranhas. O fogo crepitava na lareira emoldurada por azulejos coloridos, com atiçadores de formato estranho ao lado. Surpresa, Haramis percebeu que de uma pequena grade, ao lado da cama, saía ar quente. Olhou para a porta. Era de madeira-gonda pesada, com estrelas entalhadas, faixas e dobradiças de ferro e uma fechadura maciça.

Trancada. Encurralada

Como?

A cama de dossel com acolchoado de penas, lençóis macios e franjas de brocado.

Lembrou-se de Orogastus levando-a para a cama quando seus sentidos começaram a abandoná-la, depois de uma longa conversa ao pé do fogo e vários copos de brandy morno. Ele riu ao fechar a porta, ela ouviu a chave girar na fechadura e, por algum motivo estranho, começou a chorar. Então, sentada na beirada da cama, sentiu-se tonta e, com as últimas forças, tirou a roupa, deitou-se e mergulhou num sono profundo.

Veneno. Teria ele tentado envenená-la para roubar...

Haramis ergueu a mão trêmula. Mas o talismã estava ainda a salvo entre seus seios, no cordão de ouro. O bastão. O Círculo de Três Asas.

— Graças aos Senhores do Ar. Bateram na porta.

— Vá embora — gemeu ela. — Será que não pode me deixar morrer em paz?

— Haramis, você não está morrendo — disse Orogastus, calmamente. — Abra a porta.

— Você mesmo a trancou, seu vilão!

— Veja na mesa, ao lado da lareira, Haramis.

Devagar, para evitar que a cabeça latejante se partisse em mil pedaços, ela levantou e saiu da cama. Viu um par de chinelos de pele negra ao lado da cama, sobre o tapete, e numa banqueta um roupão de veludo pesado e acolchoado. Calçou os chinelos, vestiu o roupão e caminhou para a lareira.

Na mesinha graciosa, com uma cadeira de couro vermelho ao lado, estava um cesto com pão fresco e um suporte de prata e ouro com potes de cristal cheios de geléias. De um bule alto de prata saía uma fumaça cheirosa. E sobre o guardanapo de puro linho, a grande chave de bronze.

— Por favor, deixe-me entrar — disse o feiticeiro. — Não quero que continue sofrendo. Juro que não vou lhe fazer mal.

Estaria mentindo? Será que ela se importava? Qualquer coisa que ele fizesse não podia fazê-la sentir-se pior do que se sentia agora.

Apanhou a chave, quase cambaleou até a porta e, depois de algumas tentativas, conseguiu abrir a fechadura.

Ele girou a maçaneta e entrou, alto, todo vestido de branco. Um braço forte a conduziu até a cadeira na frente do fogo. Haramis deixou-se cair, desanimada.

— Você podia ter aberto a porta facilmente — disse ela, em tom acusador.

— Não negue! Não precisava nem arrombá-la com seus relâmpagos! Que fechadura pode resistir a um feiticeiro? Você, ou um dos seus demónios, já esteve, no quarto, pois o fogo está aceso e a mesa arrumada!

Ele estava servindo o líquido quente na xícara. Era chá darei, e o perfume a animou um pouco.

— Não tenho nenhum assistente neste lugar. E não estive no quarto, embora tenha feito o fogo se acender e a comida aparecer. É o que eu chamo mágica utilitária. — A voz profunda estava alegre. — Admito que podia ter forçado a fechadura, mas não é assim que se trata uma hóspede. Agora, tome seu chá e coma alguma coisa. Então, se achar que pode me perdoar, volte à minha biblioteca na torre principal e continuaremos a conversa interrompida ontem à noite.

Haramis olhou para ele, constrangida.

— E se eu não quiser aceitar mais a sua hospitalidade? Ele inclinou a cabeça, escondendo o rosto.

— Seu lammergeier está dormindo no alto desta torre. Ele virá se o chamar. No quarto do outro lado do corredor há uma varanda — coberta de neve e de gelo, mas com bastante espaço para você subir nas costas dele e voar para onde quiser... se é isso que realmente deseja.

Ele saiu e fechou a porta que havia deixado aberta.

Haramis levantou-se da mesa e foi até uma das janelas. Apesar da neve espessa que caía, viu o abismo negro que cortava o flanco do Monte Brom, isolando a torre de Orogastus do outro lado da montanha. Como ele havia chegado até ali, vindo da Cidadela? Sem dúvida não podia voar! E sobre o que tinham conversado na noite passada?

Haramis lembrava-se claramente de ter chegado na torre no começo da noite. Orogastus estava de pé, no portão aberto, seu vulto em silhueta contra a luz, como se ela fosse uma hóspede há muito esperada. Ele foi delicado, mas não solene, e não parecia um feiticeiro, mas um lorde bem-educado de um castelo pouco convencional.

Seu cabelo longo tinha o branco brilhante das nuvens de verão, emoldurando o rosto maduro mas sem rugas. Os olhos, que nos sonhos e nas fantasias de Haramis cintilavam como estrelas, tinham agora a cor das águas profundas. Vestia uma túnica folgada com cinto, calções justos e sapatos macios — tudo imaculadamente branco. Do seu pescoço pendia um cordão de platina com um grande medalhão onde estava gravado o emblema de uma estrela com muitas pontas.

Orogastus desempenhou o papel do anfitrião delicado, mostrando a ela certas partes da torre, como o solar, a sala de música (que foi uma surpresa para a princesa), a grande biblioteca e, finalmente, sua sala de trabalho, onde o fogo alto na lareira fazia desaparecer qualquer lembrança da tempestade que rugia lá fora. Tapetes de pele cobriam o assoalho e uma mesa com velas estava arrumada para dois.

Orogastus havia preparado pessoalmente um jantar simples. Depois, sentaram no tapete, na frente do fogo, tomando brandy...

”O que foi que eu disse?”, tentou, em vão, se lembrar. Comeu uma rosquinha e tomou quase todo o chá.

Uma pequena porta que não havia notado antes abria-se para o quarto de banho, suntuoso e de bom gosto. Lâmpadas sem chamas dentro de conchas de cristal acenderam-se quando ela entrou. As paredes e o assoalho eram de azulejos verde-pálido e aquecidos por um hipocausto central — imaginou ela. Havia um espelho alto com moldura de ouro, uma penteadeira com pentes e escovas com cabos também de ouro, uma coleção enorme de outros artigos exóticos de toalete, e potinhos de cremes, vidros com essências para perfumar a água, e talco com um pufe de penas. Água quente e fria jorrou automaticamente das torneiras douradas na banheira de pedra verde onde quase se podia nadar. A água parou quando a banheira ficou cheia. Havia pilhas de toalhas macias. Em vez do quartinho separado, havia também um vaso moderno, um luxo exótico do qual Haramis ouvira falar, mas nunca tinha visto.

Haramis mergulhou feliz na água morna, mas sem largar o talismã pendurado no cordão no seu pescoço.

Mais tarde ela foi se encontrar com Orogastus, vestida com os trajes de montar dados pelos vispis e o cabelo negro numa única trança longa nas costas. Ele estava na biblioteca, consultando um livro e tomando notas numa espécie de bloco brilhante e estranho, com uma pena. Quando Haramis entrou, ele colocou um marcador de couro franjado na página que estava lendo e fechou o livro. Tocou com um dedo um canto do bloco e a luz se apagou e com ela o que estava escrito.

— Não quero interromper — disse ela, educadamente. — Se quer continuar lendo, terei prazer em examinar de perto alguns dos seus livros raros.

— Seu gosto pelo estudo é famoso em toda a Península, senhora. Foi uma das razões pelas quais meu senhor real, o Rei Voltrik, lhe propôs casamento. Haramis riu.

— Uma das razões, sem dúvida! — Inclinou-se, para examinar o bloco. — O que é isto? Vi que estava escrevendo nele, mas agora não vejo nada.

Com o rosto inexpressivo, ele respondeu:

— É um aparelho dos Desaparecidos, e todos os seus aparelhos são mágicos.

— Não tenho tanta certeza — disse ela, lentamente. Não parece mágico, pensou. Orogastus olhava para ela, desconfiado, e Haramis mudou de assunto. — Disse que possui muitas coisas dos Desaparecidos.

— Sim.

Haramis apanhou o pequeno bloco.

— Como funciona?

— Deixemos para outra ocasião — disse ele, amavelmente, tentando tirar o bloco das mãos dela.

Haramis segurou com força e recuou. O objeto deslizou da sua mão e bateu de leve no talismã que pendia do seu pescoço. Uma fagulha passou do talismã para o bloco, cujo brilho desapareceu por completo.

Haramis o pôs na mesa rapidamente. Oh, não, pensou, embaraçada, Eu não queria quebrar o aparelho, mas será que ele acredita — ou será que se importa?

Orogastus aparentemente controlava-se com grande dificuldade. Haramis recuou, nervosa, e enfiou o Círculo de Três Asas para dentro do corpete.

Orogastus apanhou o bloco e com a ponta do dedo apertou em vários pontos, mas o brilho não voltou.

— Está morto — disse ele com os dentes cerrados, erguendo os olhos furiosos para ela.

Haramis, que pensava num modo de se desculpar do que havia feito sem querer, quando viu a expressão dele, ficou furiosa também. Com os olhos faiscantes e a voz áspera, disse:

— Morto? Essa coisa jamais foi viva! Meus pais estão mortos — e foi você quem instigou os assassinos!

Ele ficou calado.

Haramis deu meia-volta e foi até a janela. A dança louca da neve levada pelo vento refletia o turbilhão que girava em sua mente. Desde a queda da Cidadela não tivera muito tempo para lembrar os eventos daquele dia, sem dúvida cenas que ela preferia esquecer. Mas agora, de repente, as lembranças vieram de roldão. O relato do escudeiro sobre a morte do seu pai, a visão da mãe, sangrando até morrer. As lágrimas desceram pelo rosto de Haramis.

— Haramis...

Ela não o deixou terminar.

— Que idiota eu fui! Você me atraiu para cá com suas artes negras, e porque sou jovem e tola conseguiu anular meus temores e me fez esquecer quem você é realmente. E quem eu sou!

Orogastus pôs a mão no ombro dela e a fez voltar-se. Falou com voz suave, quase triste, e havia um reflexo da tempestade de neve nos seus olhos.

— Lembra-se também de que beijei a palma da sua mão e disse que a amo desde que aquele miserável Voltrik me mostrou seu retrato? Por acaso esqueceu que eu disse que a reconheci como aquela destinada a compartilhar o poder comigo?

— Você é o inimigo da Arquimaga, ela que protegeu nosso reino contra nossos inimigos durante tanto tempo. Negue, se for capaz! Você é responsável pela destruição do grande equilíbrio do mundo, o adorador dos Poderes das Trevas! Você quer roubar meu talismã e o das minhas irmãs.

Ele a beijou.

Por um momento, Haramis ficou rígida nos braços dele. Mas os lábios do feiticeiro eram doces e seu calor fluíu por todo o corpo da princesa. Atordoada, sentiu que tudo girava à sua volta e que ele era a única coisa sólida e firme que existia. Erguendo os braços, Haramis o abraçou com força. O talismã contra sua pele aqueceu-se com as energias possantes e desconhecidas, que passavam dele para ela, depois dela para ele, com

intensidade crescente, até seus lábios e seus corpos parecerem prestes a se incendiar.

Haramis ouviu uma voz em sua mente. Somos ambos mágicos, Haramis — nascidos para comandar as estrelas! Mentiram para você, os que dizem que sou o mal. Não sou. Procuo a sabedoria, a verdade e o poder e a alegria que eles nos trazem. Ouça-me apenas! Deixe-me explicar por que seus pobres pais morreram, por que tive de suportar a conquista do Rei Voltrik, por que você e suas irmãs foram perseguidas. Deixe-me mostrar a verdadeira importância dos três talismãs e do Cetro Triplo do Poder! Depois disso, tome sua decisão. • com sua mente tão parecida com a minha. Eu a chamei de muito longe e a trouxe para cá. Você veio por sua própria vontade! Sabe que veio! Sabe que a amo. Agora, ouse me amar também! Agora, Haramis. Agora.

Haramis ergueu a cabeça e soltou-se dos braços dele. Seu corpo estava estranho, sua mente atordoada.

— O que você fez comigo?

— Haramis, você me ama. Seu corpo me diz isso, mesmo que seu coração queira negar.

— Não... Não...

Mas ela o abraçou outra vez.

— Estou com frio. Com tanto frio.

A neve açoitava as janelas, como se quisesse penetrar através dos vidros para alcançá-la, cobri-la com sua brancura imaculada e apagar as últimas brasas acesas dentro do seu corpo.

Haramis viu a Dama Branca morrendo, com toda aquela dor solitária. Viu a própria imagem refletida num espelho de gelo negro.

Ela o viu.

— Vamos para sua sala de trabalho — disse Haramis. — É muito mais quente. Então, vou ouvir o que tem a dizer.

Mas naquela noite, sozinha na cama, lembrou-se dos pais e chorou até adormecer.

CAPÍTULO 34



Anigel seguiu vagarosamente, com passos firmes, subindo a encosta ao longo da margem do rio. Depois de algum tempo percebeu que estava atravessando a floresta estranha do sonho que tivera depois da descida na Catarata Tass. Sim! Era o mesmo sonho da noite passada, só que havia esquecido. A floresta onde sua mãe, a rainha, com a coroa de estado e seus trajes de gala, caminhava na frente e Anigel corria atrás, num esforço desesperado para alcançá-la.

Agora, na vida real, não havia nenhuma rainha. Sua pobre mãe estava morta. E a coroa estava com Haramis, herdeira do trono — se vivesse ainda.

A trilha começou a ficar mais íngreme e o coração de Anigel batia forte com o esforço. Graças a Deus, as árvores em forma de taça eram mais raras agora! Mas em seu lugar havia uma outra espécie, de aparência horrível, que a princesa evitava tocar e até chegar perto. Eram altas e robustas, coroadas com folhagem verde e rija. Em toda a extensão dos troncos macios havia aberturas ovais com quase um ell de comprimento, como bocas verticais. Tinham espigões nas bordas, como dentes, e se abriam e fechavam constantemente, como se a árvore estivesse respirando. O movimento era acompanhado por um som suave como o murmúrio da brisa ou uma música discordante e sinistra. Anigel sabia que eram árvores carnívoras, piores do que as primeiras, em forma de taça. As bocas escuras e enormes procuravam a presa e só cantavam e se fechavam à sua passagem. As árvores sentiam sua presença e a desejavam.

— Senhores do Ar, que coisas horríveis! — Anigel segurou o amuleto, mais uma vez cheia de medo. Então deu-se conta de algo que a fez tremer, deixando-a incapaz de dar mais um passo, com o corpo todo arrepiado.

Onde estava a trilha?

Tinha desaparecido!

Só havia vegetação virgem e intocada sob seus pés. Há quanto tempo estaria andando fora do caminho? Não tinha idéia. Estava atenta apenas em

seguir o regato. Paralisada de medo, rodeada pelas árvores monstruosas, Anigel não sabia para onde devia ir.

— Dama Branca! — exclamou ela. — Ajude-me!

O amuleto na sua mão começou a se aquecer. Quando finalmente o soltou, o âmbar cor de mel cintilava, mesmo em plena luz do sol. As medonhas árvores carnívoras murmuravam e gemiam em volta dela, quase abafando o ruído do regato sobre as pedras.

A folha. Jogue a folha.

— O quê? O que foi que disse? — Anigel voltou-se rapidamente, procurando quem havia falado. Mas não viu ninguém. — Dama Branca — é a senhora?

A folha do Trílio Negro. Jogue para longe. Deixe que ela mostre o caminho.

Suas mãos tremiam tanto que quase não conseguiu abrir a bolsa no cinto. Nuvens encobriam o sol agora, e o desfiladeiro estava cinzento e sinistro. Anigel teve a impressão de estar congelando. A folha.

Quando a tirou da bolsa, a folha estalou. Estava toda seca, marrom, não mais verde. Só na ponta da haste um pontinho dourado brilhava ainda, mesmo na sombra que se adensava.

Jogue para longe...

Na ponta dos pés, Anigel jogou a folha para cima. Não havia vento, mas ela planou lentamente, conduzindo a princesa pela margem do regato. Anigel a seguiu, como uma sonâmbula. A folha começou a voar mais depressa e Anigel correu. Para cima. O caminho cada vez mais íngreme. A relva e o mato mais espessos, mais escuros. Ela só via aquele pontinho dourado dançante, planando, guiando-a..

Chegou a uma clareira. Era a parte superior do desfiladeiro, toda de rocha, coberta de musgo. O regato nascia de um filete de água que caía de uma altura espantosa, espalhando no ar uma névoa muito fina.

E, ao lado da água que vinha lá de cima, ela viu uma árvore.

Era a coisa viva mais imensa que Anigel já tinha visto. Ao lado dela, os outros gigantes da floresta eram insignificantes. Meros arbustos. Trinta homens, enfileirados, ombro a ombro, não abraçariam seu tronco. Era da mesma espécie das carnívoras com bocas e dentes, mas tinha apenas uma

abertura entre duas enormes raízes, do tamanho das bocas das outras árvores menores da mesma espécie. A Princesa Anigel parou na frente da árvore gigantesca, tão espantada que esqueceu o medo. Ergueu os olhos e viu que era mais alta do que o penhasco de onde caía a água.

A árvore tinha três copas, com galhos enormes e folhas verdes.

Anigel aproximou-se, observando a boca denteada que abria e fechava cada vez mais depressa e sem parar, produzindo um rugido surdo que teria escapado a ouvidos menos aguçados do que o seu. E o interior da boca não era escuro, como nas outras árvores menores, mas tinha um dourado brilhante que combinava com a cor do seu amuleto.

O Monstro de Três Cabeças guardava seu talismã.

E sua boca abria e fechava cada vez mais depressa porque ele estava com medo.

— De mim — disse a Princesa Anigel. — Com medo de mim!

Como num encantamento, ela sabia exatamente o que fazer. Perto da pequena queda-d'água havia pilhas de madeira seca, restos das árvores arrancadas nas estações das enchentes. Anigel apanhou um galho seco, do comprimento do seu braço, porém mais grosso, e caminhou diretamente para a boca entre as raízes.

O brilho na cavidade cresceu, bem como o do seu amuleto. Com toda a calma, Anigel segurou o galho com as duas mãos, horizontalmente, na frente do corpo. Observou o ritmo da boca, por um instante, e então, com um movimento rápido, enfiou os braços entre as mandíbulas espinhosas.

A boca começou a engolir a presa, mas o galho prendeu-se nos dois lados da cavidade, impedindo-a de se fechar.

A árvore rugiu furiosa.

Mas Anigel sabia que era um rugido de medo, não de fúria. A árvore esforçava-se para amassar o objeto estranho na sua boca. O galho começou a se curvar e lascar, mas a boca ficou aberta ainda por mais um momento...

O bastante para que Anigel se inclinasse rapidamente e apanhasse a coisa que estava lá dentro, saltando para trás antes de o galho se partir com um estalido e a boca se fechar e ficar fechada, a casca da árvore em volta dela apertada, formando dois nós maiores do que os pulsos da princesa.

Anigel ergueu nas mãos uma pequena coroa, uma tiara em forma de C de metal prateado brilhante, com seis cúspides pequenas e três maiores. Era bela e estranhamente trabalhada com volutas, conchas e flores, e dentro das três pontas maiores havia uma figura grotesca, estilizada. Uma das faces do monstro tinha uma abertura na parte inferior — e Anigel sabia o que devia ser encaixado ali.

Afastou-se para a margem do regato, sentou numa pedra, tirou o chapéu, abriu o cordão do amuleto do trílio e retirou dele o pequeno pedaço de âmbar. A pedra encaixou perfeitamente na abertura na frente da tiara e, uma vez no lugar, não podia mais ser retirada. A flor fossilizada, dentro do amuleto, abriu-se completamente, exceto nas bordas, que continuaram um pouco enrugadas.

Anigel pôs a tiara na cabeça e voltou para perto da árvore, agora silenciosa, com a boca fortemente fechada.

— Agora o talismã é meu — disse Anigel. — Você guardou bem o tesouro, mas ele era destinado a mim. Não precisa ter medo. Eu a deixarei aqui, em paz.

Deu meia-volta. Estranhamente, seus olhos se encheram de lágrimas. Sentiu um peso na boca do estômago e a sensação de que alguma coisa — uma coisa terrível — estava para acontecer. Pensou: tenho meu talismã — mas é apenas uma das três partes. Onde estarão minhas irmãs?

De repente, a árvore, a clareira e a pequena queda-d'água desapareceram.

Num lampejo rápido, Anigel viu outro lugar, o interior de um pântano cheio de arbustos espinhosos. Kadiya!

Sua irmã estava agachada, chorando e gritando, revoltada, no meio de homens armados, cavaleiros de Labornok. Anigel viu que não tinha o amuleto do trílio no cordão, mas apertava contra o peito algo que parecia uma espada, em cujo punho pulsava uma luz brilhante ambarina. E no fundo da cena viu um ser alto e horrendo com olhos cor de laranja e dentes manchados de sangue.

Antes que Anigel tivesse tempo de gritar, a imagem desapareceu. Viu então um quarto aconchegante numa torre, com ricas tapeçarias e tapetes de peles e uma mesa repleta de livros antigos. Um belo homem de cabelos brancos

como a neve, com um manto negro e prateado, sentado numa almofada, na frente do fogo, conversava com uma bela mulher de cabelos negros.

Ele beijou a palma da mão esquerda da mulher. Na outra ela segurava um bastão de metal brilhante, com um círculo prateado na extremidade superior, circundado por três asas fechadas. E a mulher era Haramis...

Não! Não!

Anigel arrancou a tiara da cabeça e a atirou no chão da floresta coberto de musgo.

Não — as visões mentiam. A brava Kadiya nas mãos dos labornoks, ameaçada pelos skriteks? A inteligente Haramis compactuando com o infame feiticeiro Orogastus? Nunca! Nunca!

Se as duas estavam perdidas, quem era a mulher da profecia que derrotaria Labornok e salvaria Ruwenda? Ela, Anigel? Ridículo! Uma brincadeira! Uma brincadeira cruel...

Anigel atirou-se no chão e soluçou, com o coração partido, afastando-se da tiara, como se ela fosse realmente o que seu nome dizia. Então esse era o seu talismã! O fim da longa busca, o cumprimento da ordem solene da Arquimaga! O talismã era um mentiroso — um criador de pesadelos piores do que sua mente podia inventar. Não passava de um monstro.

.Porém, no seu sonho, a Rainha Kalanthe dizia que suas irmãs tinham seguido outros caminhos. Era ela, Anigel, quem estava sendo lavada e preparada — para quê?

Aos poucos os soluços aquietaram, sua respiração voltou ao normal e Anigel dormiu profundamente.

Acordou de repente, uma hora depois. Teria ouvido alguma coisa? Talvez um daqueles gritos misteriosos? Não tinha certeza. Porém, sentia-se muito melhor. Lavou o rosto e as mãos no regato e comeu alguma coisa. Então, apanhou a tiara e a examinou por um longo tempo. Os três rostos grotescos pareciam sorrir maliciosamente.

um sinal, pensou ela, e um instrumento. Sei que pode fazer uma coisa, evocar visões. Porém, se são a personificação dos meus temores, ou verdades, não sei dizer. Mas vou descobrir.

Colocou a tiara na cabeça, o chapéu de Immu sobre ela e voltou pelo mesmo caminho.

— Meu príncipe, as canoas não podem passar daqui.

O sargento, que manejava a vara no primeiro barco subindo o Regato Kovuko, deu a péssima notícia, enquanto as outras embarcações superlotadas paravam num remanso rochoso, abaixo de um trecho onde a água nem chegava aos tornozelos dos homens.

Antar, seus cavaleiros e Voz Azul reuniram-se para resolver o problema, e os soldados-marinheiros, exaustos, lavavam-se no regato e comiam suas magras rações, sentados na sombra das estranhas árvores em forma de taça. Os labornoks não sabiam que eram árvores carnívoras, mas tinham aprendido a não comer frutos desconhecidos, portanto não tocavam nas iscas tentadoras.

— Daqui em diante iremos a pé — disse Antar. — Como o calor está por demais opressivo, sugiro que tiremos as armaduras, conservando apenas os elmos, peitorais e dorsais..

— Meu príncipe! — gritou o sargento, da outra margem do regato. — Acho que encontramos um sinal da fugitiva!

Todos atravessaram a água rasa, e sob as folhas largas de uma moita de arbustos encontraram um dos estranhos barcos dos wyvilos. No fundo da embarcação estava uma pequena capa de chuva de couro, do tipo que os nyssomus usavam, cuidadosamente dobrada.

— Esta capa é igual às que usam em Trevista — disse o sargento. — Lembro-me bem dos desenhos estampados no capuz. Havia muitas à venda no mercado da Praça Lusagira. Pode pertencer à princesa.

Voz Azul abriu caminho entre os cavaleiros.

— Dê-me a capa. Vou fazer um teste.

Segurando a capa com as duas mãos, inclinou a cabeça raspada para trás e fechou os olhos.

— Poderes das Trevas, ouçam-me! Revelem a este suplicante quem usou esta capa! — Levou o agasalho ao nariz e respirou fundo, depois entoou, com voz diferente: — Foi usada por Immu, serva da família real de Ruwenda, e por Anigel, princesa de Ruwenda.

— Pelas tripas de Zoto! — exclamou, satisfeito, Sir Rinutar. — Afinal, um sinal concreto da mulher! Eu começava a pensar que estávamos perseguindo um fantasma.

Voz Azul abriu os olhos, cobriu a cabeça com o capuz e jogou a capa na canoa transparente.

— Esta capa estava perto da princesa há menos de duas horas. Devemos estar muito perto dela. Vamos continuar e não perder mais tempo.

— Muito bem — disse o príncipe. — Sargento, reúna seus homens. E vocês, meus companheiros, preparem-se para...

Um grito partiu do bosque de árvores-taça na outra margem do regato. Com uma praga, o príncipe voltou-se rapidamente. Viu um soldado correndo na praia, gritando apavorado. O sargento apressou-se para ver o que havia acontecido, acompanhado pelos cavaleiros.

— Aquela coisa comeu o pobre velho Gomi! — disse o homem, com os olhos arregalados. — Engoliu como se ele fosse geléia de morangos!

Todos começaram a gritar ao mesmo tempo, mas o sargento mandou dois soldados apanharem suas armas e disse para o príncipe:

— Eu vou investigar.

Voltou logo depois, com o rosto inexpressivo, e informou:

— Foi uma dessas árvores estranhas, meu príncipe. O soldado Gomladik foi se aliviar perto do tronco e, de acordo com a testemunha, quatro braços finos saíram da copa da árvore, como vermes enormes, o agarraram e ergueram no ar.

O príncipe e o sargento acompanharam os homens no interior do bosque, onde as árvores-taça enfileiravam-se como se estivessem na vitrine de uma estranha joalheria. Mas uma delas estava guardada por dois soldados e as folhas superiores dobradas para dentro formavam uma bola, de onde sangue e outros fluidos escorriam, descendo pelo tronco e empoçando entre as folhas do chão.

Todos observavam a cena com horror e nojo, mas, antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, outros gritos soaram vindos do regato.

— As armas! As armas! Nativos hostis se aproximam! O pobre Gomladik foi esquecido. Antar, Sir Owanon e o sargento correram para o regato, na

frente dos homens, gritando ordens. Os soldados retiraram os barcos da água, empilhando-os, para formar uma barricada. Os cavaleiros colocaram os elmos e empunharam as espadas e os arqueiros prepararam-se para o combate. Sacos de suprimentos, peças de roupa e de equipamento espalhavam-se na margem ou eram levados pela água, rio abaixo.

E pela primeira vez tudo ficou quieto.

— Voz Azul - murmurou o príncipe, atrás de um barco emborcado. —
Consegue ver o inimigo?

Um momento... um momento. — O acólito do feiticeiro estava agachado na extremidade da barricada, entre Sir Rinutar e um soldado, numa situação extremamente desfavorável para entrar em transe. Concentrou-se, seus olhos ficaram vazios, seu corpo rígido. - Sim, eu os vejo! No outro lado do regato, escondidos atrás das árvores assassinas. São vinte. quarenta.. Que os Poderes das Trevas nos protejam, são tantos que mal posso contar! E não parecem wyvilos, meu príncipe. Esses nativos são maiores e de aparência mais terrível — sem dúvida, são os canibais glismaks!

— Isso é suficiente! — disse o príncipe. Voltou-se para os outros. — Meus homens, coragem. São oddlings selvagem e por mais terríveis que pareçam, são inferiores a nós. Podemos vencer esta luta.

— Veja — disse Owanon, em voz baixa. — Começam a aparecer.

Seis criaturas saíram das moitas, na outra margem, e ficaram de pé na praia, a menos de dez ells dos soldados. Eram menos humanóides do que os wyvilos e mais altos do que os humanos. Empunhavam lanças longas com pontas de pedra sílex. Estavam nus, mas alguns tinham ornamentos de jóias e todos usavam cintos dos quais pendiam maças e outras armas de guerra. O rosto tinha a forma de um focinho e os dentes, especialmente as duas presas salientes, eram grandes e afiados. Os olhos fundos e vermelhos eram protegidos por placas de pele duras e brilhantes que cobriam também a cabeça e iam até os ombros, as costas e a parte superior dos braços. Os três dedos de cada mão e de cada pé eram unidos por membranas e armados com garras fortes. A barriga era protegida por poucas placas e, como os membros e o rosto, recoberta por pêlo espesso cor de ferrugem. As placas eram circundadas por uma penugem, cuja cor diferia de indivíduo para indivíduo. Na verdade, havia nos glismaks uma beleza selvagem — e um ar de suprema confiança.

Um dos seis adiantou-se e começou um discurso em voz áspera e coaxante, brandindo a lança. Terminada a oratória, lançou a arma com toda a força e a ponta de sílex mergulhou na madeira da canoa atrás da qual o príncipe se protegia. Os outros cinco ergueram os braços, para fazer o mesmo.

— Arqueiros — disse Antar —, atirar.

Um chuva de flechas cruzou o regato. Cinco glismaks caíram, gritando horripelmente. O sexto soltou um berro tremendo de guerra, respondido por centenas de selvagens que atravessaram correndo a água rasa. Bandos de glismaks saíram da floresta, gritando e uivando, brandindo as lanças e suas outras armas.

Em poucos segundos, a pequena força dos labornoks estava cercada. As flechas eram inúteis a pouca distância e os soldados lutavam com espadas curtas e adagas, enquanto os cavaleiros brandiam com as duas mãos suas espadas de dois gumes, cortando e transpassando o inimigo, até os glismaks caírem em massa sobre eles.

O sargento conseguiu matar dois monstros, mas um terceiro, atacando-o pelas costas, deu uma dentada fatal no seu pescoço. Os poucos homens que não estavam cercados fugiram, perseguidos pelos glismaks de pernas longas, que os apanharam e arrancaram a carne dos seus ossos com as garras. Cada homem que caía tinha os membros arrancados e, no meio da batalha, começou o banquete sinistro. Os berros pavorosos dos glismaks abafavam os gemidos e os gritos dos soldados agonizantes.

O Príncipe Antar e todos os seus cavaleiros foram aprisionados, mas, estranhamente, os glismaks não os mataram, nem tiraram suas armaduras. Apenas os desarmaram, amarraram suas mãos e seus pés com cordas de fibra e, erguendo-os como se fossem bonecos, os atiraram sobre uma pilha de corpos sangrentos.

Alguns glismaks começaram então a dançar e cantar em volta dos homens empilhados que, perdendo toda a esperança, faziam suas preces finais. Outros selvagens antropófagos empilharam gravetos, galhos secos e as canoas dos labornoks, para uma grande fogueira. Era evidente que o próximo prato do banquete ia ser cozido.

— Que Deus tenha misericórdia de nós — gemeu o Príncipe Antar, no topo da pilha de prisioneiros — e condene para sempre ao mais profundo dos infernos o feiticeiro Orogastus, que nos mandou para esta morte ignóbil.

O canto e a gritaria dos glismaks cessaram de repente.

Pararam de dançar. Aqueles que procuravam ainda pedaços saborosos de carne crua deixaram a refeição e olharam atônitos. Todos os selvagens estavam imóveis e boquiabertos, olhando para alguma coisa que descia o regato na direção deles. Antar contorceu o corpo e conseguiu ver quem estava chegando.

Uma mulher.

Ela parou na trilha ao lado do pequeno regato, a doze ells da pilha de cavaleiros e ao alcance da mão do glismak mais próximo. Vestia trajes de caça de couro azul-celeste, carregava uma mochila nas costas, numa das mãos segurava um chapéu de palha de abas largas e na outra um galho que servia de cajado. O cabelo dourado descia até abaixo dos ombros em ondas cintilantes. Na cabeça tinha uma tiara estranha de metal branco brilhante, com a pedra de âmbar e o trílio engastado na -frente. Sua expressão era de horror e ultraje e as lágrimas desciam por seu rosto.

O coração do Príncipe Antar apertou-se dentro do peito. Conhecia aquele rosto, era o mais belo que jamais vira e o único que amava na vida. Era a Princesa Anigel, que para seu infortúnio chegava à cena da carnificina, e certamente seria a próxima vítima dos demónios da floresta...

Mas eles não a atacaram. Recuaram com roncões, grunhidos e até gemidos quando ela caminhou para a clareira cheia de sangue. Anigel olhou para os ossos humanos, os pedaços de roupas e a pilha de cavaleiros amarrados, agora atônitos com sua coragem e temerosos do perigo que ela corria.

— O que vocês fizeram? — perguntou Anigel para os glismaks. Seu rosto estava ainda úmido de lágrimas, mas sua voz era firme.

Os selvagens rosnaram e sibilaram.

Um dos que estavam dançando até sua chegada adiantou-se. Era mais alto do que os outros, usava um cinto com tachas de ouro e a bainha da sua adaga de sílex era também de ouro. As escamas do seu corpo eram adornadas com desenhos em verde, amarelo e encarnado.

O chefe da tribo apontou a garra suja de sangue para a tiara e rugiu alguma coisa, na sua língua, em tom de desafio.

— Eu tenho direito de usá-la — disse a princesa, com autoridade. Deixou cair o chapéu e enxugou as lágrimas com as costas da mão. — E digo que vocês fizeram uma coisa terrível. Esses homens eram meus inimigos, não seus. Não fizeram nenhum mal aos glismaks e vocês os massacraram e comeram sua carne como animais! Mas vocês não são animais, foram feitos para servir ao Deus Triúne e uns aos outros, e o que fizeram foi um grande mal.

O chefe dos glismaks emitiu um som terrível, que só podia ser risada. Então, ergueu as mãos com garras, abriu a boca, mostrando os dentes afiados que brilharam à luz mortiça do fim de tarde, e avançou para a jovem indefesa.

Anigel apontou para ele o galho que servia de cajado e disse, calmamente:

— Senhores do Ar, defendam-me.

Um relâmpago azul desceu do céu encoberto e ameaçador, cegando os cavaleiros cativos. O trovão ensurdecedor que se seguiu quase os fez perder a consciência. Quando voltaram a si, viram a princesa de pé, com os olhos muito abertos, e o chefe glismak reduzido a um monte de cinzas.

A horda de oddlings canibais caiu de bruços, com o rosto encostado no chão, apavorados e estarecidos.

— Vão embora! — disse Anigel, com voz clara. — Vão embora e não voltem.

Uma ou duas cabeças se ergueram, com expressão feroz. Os glismaks hesitaram e de repente levantaram-se e correram, gritando, alguns rosnando ameaças. Atravessaram o regato e desapareceram na floresta. A princesa olhou com espanto e medo para a carcaça do chefe a seus pés.

Antar exclamou:

— Princesa Anigel! Estamos vivos. Quer nos soltar destas cordas?

Anigel saiu do devaneio, correu para eles e cortou as cordas com sua pequena adaga. Os cavaleiros se desembaraçaram uns dos outros e os que não estavam feridos ajudaram os companheiros a tirar as armaduras e chegar até o regato. O Príncipe Antar, depois de fazer o que podia por seus homens, aproximou-se de Anigel e ajoelhou aos seus pés.

— Princesa, não tenho espada para lhe entregar. Assim, eu, Antar, Príncipe Herdeiro de Labornok, lhe dedico meu corpo e minha alma. Não posso ser seu inimigo. Sua alma é repleta de nobreza e bondade e aqueles que a perseguem e que querem matá-la estão cheios de maldade. Se quiser me matar como matou esse selvagem bruto, estarei recebendo um castigo merecido. Mas, se me poupar, eu a servirei fielmente como escravo, pelo resto da minha vida.

— E eu também — disse Sir Owanon, adiantando-se e ajoelhando-se ao lado do príncipe.

— E eu — disse Sir Penapat com voz rouca, lavando seus ferimentos no regato.

Um a um os cavaleiros fizeram o voto de lealdade e os que podiam ajoelharam-se na frente dela. Apenas Sir Rinutar e dois dos seus homens ficaram imóveis.

De repente, Voz Azul surgiu da moita que escondia o barco de Anigel, atravessou o regato e se aproximou da princesa com um sorriso amável.

— Grande e poderosa senhora — disse ele, com uma profunda reverência.
— Eu sou escravo de outro mestre a quem devo servir por toda a eternidade. Mas prometo, em honra dele, servi-la e segui-la do melhor modo possível, e deposito meus pobres poderes em suas mãos, se tiver a bondade de me aceitar.

Enquanto falava, a Voz Azul voltou-se para Sir Rinutar e os olhos dos dois homens se encontraram por um momento.

— E talvez aqueles três bravos cavaleiros, que hesitam em faltar com seus juramentos a Labornok, juntem-se a mim numa promessa de trégua. Somos todos humanos, perdidos numa terra estranha, e não podemos ficar divididos, quando ameaçados por um inimigo comum tão terrível.

— Sim — rosnou Sir Rinutar. — Eu e meus homens concordamos com uma trégua.

Anigel olhou para Voz Azul por um momento, depois para os três cavaleiros, e então disse:

— Muito bem. Príncipe, levante-se, e também vocês, homens que prometeram lealdade a mim. Dentro de poucas horas será noite. Não

precisamos mais temer os glismaks, porém, mesmo assim, não podemos acampar no meio desta carnificina. Vou conversar com o príncipe para resolver o que devemos fazer. Enquanto isso, devem reunir todas as armas e os suprimentos e tirar suas canoas da pilha. Mas não desmanchem a fogueira. Levem para ela os restos dos seus companheiros e, antes de partirmos, acenderemos o fogo em sua honra.

Ouviram-se murmúrios de aprovação. Anigel fez um gesto para o Príncipe Antar segui-la e caminhou até a margem do regato. Quando não podiam ser ouvidos pelos outros, ela disse:

— Não devemos confiar no homem alto de azul.

— Eu sei. Ele é uma das Vozes do abominável feiticeiro Orogastus. Devemos vigiá-lo na nossa viagem de volta. Pretende voltar para Ruwenda, não estou certo, minha senhora?

— Quando chegar a hora — disse ela. Seus olhos azuis estavam solenes e as pupilas cintilavam na sombra. — Antes tenho outro dever a cumprir. O bando de glismaks sem dúvida vai atacar agora o povoado dos wyvilos. Estavam a caminho de Let quando os encontraram. Precisamos chegar lá rapidamente e avisar o povo da floresta, e fazer o possível para ajudá-lo.

— Sim! — disse o príncipe, com admiração. — Nós, os cavaleiros, a protegeremos com nossas espadas enquanto evoca seus relâmpagos para dizimar os demoníacos glismaks.

Anigel recuou com uma exclamação de horror.

— Não!

— Mas, então, como podemos salvar os wyvilos, senhora? Somos dezesseis homens — vinte, se contarmos os três que não juraram lealdade e o laçao do feiticeiro — e alguns estão feridos. São centenas de glismaks! Acha que podemos conter aquele exército de selvagens sem a ajuda da sua magia?

— Eu não sabia que o talismã ia matá-lo — murmurou ela, com os olhos cheios de terror. — Eu não sabia..

Antar segurou a mão da princesa. As lágrimas enchiam outra vez os olhos de Anigel. Ele levou aos lábios a mão calejada e arranhada.

— Não se preocupe. Talvez possa experimentar o poder do talismã durante a viagem e descobrir meios mais suaves de defesa.

Anigel afastou-se dele outra vez, impaciente, pensando na tarefa que tinha de realizar.

— Descansaremos esta noite e amanhã viajaremos sem parar, todo o dia e toda a noite, para chegarmos a Let antes dos glismaks.

— Viajar durante a noite? — Antar ficou perplexo. — Senhora, nossos homens são amadores e não poderão navegar no Grande Mutar à luz das Três Luas — além disso, pode cair outra tempestade.

Os lábios de Anigel curvaram-se num leve sorriso.

— Teremos o serviço de guias excelentes.

A princesa foi até a margem do regato e ainda sorrindo chamou: Amigos!

CAPÍTULO 35



Hamil aproximou-se de Kadiya com passos largos, flanqueado por dois soldados que carregavam tochas. Agarrou-a pelos cabelos, obrigando-a a ficar de joelhos.

Kadiya via o riso dele e ouvia os dos outros homens.

— Agora você está fazendo a coisa certa, filha de Krain, humilhando-se — de joelhos. O que aconteceu por aqui?

Hamil olhou em volta — para a espada enfiada no solo e para a pilha de restos queimados. Uma das mãos da Voz Vermelha, chamuscada e esquelética, parecia apontar para o objeto poderoso que seu dono havia ambicionado possuir.

Depois de um longo momento de silêncio, Hamil riu outra vez, porém, menos confiante. Os homens armados, atrás dele, evitavam chegar perto do talismã.

— Então, parece que a Voz disse a verdade, mas não acreditou nela! Foi isso que aconteceu, sua ordinária? — O general sacudiu Kadiya pelos cabelos. — Ele tentou tomar o talismã que só pode pertencer a você e a espada o matou.

Largou os cabelos da princesa e passou um dedo no lábio inferior. Kadiya ouvira o suficiente sobre o general para saber que, com toda a sua brutalidade, era um homem mais esperto e mais inteligente do que parecia.

Alguns homens abriram caminho para outro oficial, um homem enorme. Seu manto rasgado era tão ornado quanto o de Hamil, mas estava sem o elmo, tinha uma atadura suja na cabeça e a barba crescida.

— O que há agora, meu general? — O tom áspero indicava que podiam ser companheiros na luta, mas não eram amigos.

Antes que Hamil pudesse responder, alguém, no meio dos homens gritou: "Amarrem a bruxa na espada e joguem no pântano!"

Um murmúrio de aprovação ergueu-se entre os soldados. Outro sugeriu: "Entreguem a bruxa aos skriteks!"

A aprovação foi mais unânime ainda. Os homens tinham se afastado de Kadiya, e a borda do círculo que formavam escondia-se nas sombras, onde a luz das tochas não chegava. Era como se aos poucos compreendessem melhor a importância do que tinha acontecido à Voz Vermelha.

Hamil voltou-se para os homens com uma expressão furiosa, que todos deviam conhecer muito bem, pois fez-se silêncio imediatamente, como se tivessem fechado uma porta. Então, ele se dirigiu ao oficial ferido:

— O que há, Osorkon? Ora, nós obedecemos ordens.

Sempre obedecemos ordens! Viemos até aqui para encontrar isto. — Agarrou outra vez os cabelos de Kadiya e a sacudiu de um lado para o outro. — Muito bem, nós encontramos. Temos outra coisa, também. — Apontou para o talismã. — Se o Rei Voltrik recompensa generosamente quem lhe entregar uma dessas bruxas, o que acha que ele dará a quem levar também o tesouro que nosso Grande Ministro de Estado tanto deseja possuir?

— Um tesouro — Osorkon acentuou enfaticamente a palavra — que já eliminou um dos que sabem muito mais sobre seus perigos do que qualquer um de nós.

— Sim — Hamil passou a língua nos lábios grossos. Ergueu Kadiya pelos cabelos e, abaixando um pouco a cabeça, fitou os olhos dela. — Acho que agora vai ser mais sincera. Sabemos como lidar com aqueles que são cheios de coragem e zelo, a ponto de fazer com que cedam à nossa vontade, mesmo que isso signifique matar uma pessoa que amam. — Estalou os dedos e o círculo se abriu outra vez, dando passagem a um skritek.

Pellan! — chamou Hamil, com voz autoritária.

Um homem esquelético adiantou-se das últimas fileiras de espectadores. Kadiya, que estivera muitas vezes com o mercador, nos seus dias de vida honrada e próspera entre seus companheiros, a princípio não o reconheceu. Foi um farrapo humano que caiu de joelhos e ergueu para o general os olhos mortos.

Hamil inclinou-se e examinou atentamente o talismã. Depois fez um gesto afirmativo, como se acabasse de ouvir o que queria saber.

— Ainda está lá.

Apesar da transformação da espada, o laço de corda mosqueada feito por Voz Vermelha ainda estava preso perto do punho do talismã.

— Pellan, mande esse selvagem estúpido apanhar a espada e colocá-la nas costas da mulher, usando somente a corda.

O homem engoliu em seco, depois deu a ordem na língua gutural dos skriteks. O monstro olhou para ele, para a espada, depois para Hamil. As mandíbulas se abriram, mostrando as presas, e a criatura respondeu na sua linguagem murmurante.

O rosto de Pellan empalideceu mais ainda, sob a poeira e a lama. Kadiya viu que ele apertava, uma contra a outra, as mãos trêmulas.

— E então? — perguntou Hamil, depois de um longo silêncio.

— Lorde General, ele diz que não toca naquilo — o guia indicou a espada com um aceno da cabeça. — Diz que é dos Desaparecidos e guarda todo o seu poder.

— O que tem isso? — A expressão de Hamil não mudou. Segurou a ponta da corda de pele e levantou a espada do chão. Depois, virou o corpo lentamente, para que todos os homens pudessem ver o que estava fazendo.

— Os Desaparecidos — observou ele. — Temos ouvido muitas coisas sobre esses Desaparecidos desde que entramos neste pântano. Vejam, vejam todos! O homem que usa o emblema de Labornok não precisa ter medo de lendas!

Osorkon tossiu.

— O que me diz dele? — apontou para os restos incinerados no chão. — Ao que parece, algumas lendas contêm advertências verdadeiras.

Hamil nem piscou, mas Kadiya teve certeza de que o general não morria de amores por seu subordinado imediato. Percebeu também que os soldados começaram a se aproximar, o que significava que o gesto do general havia eliminado em parte o terror que sentiam.

— Aquele — disse Hamil, com um gesto para as cinzas — era um homem que manejava brinquedos mágicos. Talvez os do seu mestre sejam seguros, mas esta coisa tem outra origem. Um homem que maneja certas armas sem se ferir fica descuidado. Acho que a Voz confiou muito nele mesmo.

O general estava outra vez ao lado de Kadiya. Pôs a pata pesada no ombro da princesa e a fez girar, quase derrubando-a. Mas Kadiya conseguiu manter-se de pé e sentiu que o talismã estava sendo amarrado outra vez nas suas costas.

Hamil voltou-se e chamou um homem que estava ao lado do que segurava a tocha. Erguendo a mão, apontou para o skritek que havia desobedecido suas ordens.

— Desse não precisamos mais — disse o general.

O skritek agachou-se, com um rugido. Na mão escamosa apareceu um machado com lâmina dupla. O grito de desafio da criatura foi respondido por vários outros.

O soldado saltou para a frente com a espada erguida e pronta. Ao que parecia não era a primeira vez que um labornok enfrentava um dos seus horríveis aliados.

A machadinha saiu da mão do skritek com tamanha força e velocidade que parecia uma névoa na luz incerta das tochas. Mas o soldado já avançava agachado, não ao encontro da arma, mas em posição de combate. Sua espada cintilou no ar e o sangue escuro jorrou. O skritek inclinou a cabeça para trás com um grito medonho e com a perna esquerda quase separada do corpo. Estendeu as mãos com as garras afiadas e uma delas, mais por acaso do que intencionalmente, agarrou o ombro protegido pela armadura do soldado e o derrubou. Antes mesmo de ouvirem o grito do companheiro, os soldados desembainharam as espadas e os outros skriteks apareceram em bando, prontos para a luta.

Soldados labornoks e skriteks lutavam e morriam em volta da fogueira. Um dos homens livrou Hamil das garras de um monstro, enfiando a tocha na boca semi-aberta da criatura.

A luta foi feroz enquanto durou, o que não foi por muito tempo porque os skriteks logo desapareceram na noite, deixando três de sua raça mortos e dois ainda vivos. Quatro soldados estavam imóveis no chão e vários outros feridos.

Logo no começo da desordem, Osorkon agarrou Kadiya e a levou para perto da barraca de Hamil, que estava despencada em um dos lados porque a corda fora cortada. Osorkon não entrou na luta, ficando apenas como

observador. Quando tudo terminou, olhou para Hamil, com expressão sombria. Esperou que o general se aproximasse, limpando o sangue da espada com um punhado de folhas, para que Kadiya pudesse ouvir o que ia dizer.

— Nossos aliados parecem pensar diferente de nós no que se refere a servir — observou Osorkon, secamente. — Aquele verme de carga, traiçoeiro — com um gesto da cabeça, indicou Pellan, que estava encolhido num canto do que restava da tenda —, há dois dias chegou ao último lugar do rio que ele conhece. Desde então temos sido guiados pelos monstros. — Indicou o lugar em que as uisgus estavam amarradas. — O pântano ferve à nossa volta, há dois dias não temos notícias dos nossos batedores. Acho que devemos voltar, agora que atingimos nosso objetivo e você tem a jovem e o que ela encontrou.

Hamil franziu a testa.

— Pode haver outros tesouros ainda.

— E se os oddlings se revoltarem? Aprisionamos uisgus e o modo com que os temos tratado dá para revoltar o estômago de qualquer um. Agora, antagonizamos os skriteks. Se tivermos de depender de guias que têm toda a razão para nos odiar, somos uns idiotas.

— Oddlings — demónios escorregadios! Algum deles já demonstrou disposição para pegar em armas? Não! São covardes miseráveis, fracos como togares de quintal. Os uisgus se revoltarem...? Impossível. Não podem e não querem lutar. Não é verdade, verme? — Hamil cutucou Pellan com a ponta da bota. — Você não está sempre dizendo que esses miseráveis dos pântanos são covardes?

Pellan ergueu a cabeça e o braço esquelético, como para aparar um golpe.

— Sempre foi assim, Lorde General. Os skriteks podem lutar, mas só quando os demónios do Pântano Labirinto os atacam. Entre eles não há hostilidade, e jamais ergueram armas contra os humanos que entram no pântano. Ouvi dizer que fizeram um juramento, há muito tempo, que os proíbe de guerrear, e eles o cumprem à risca.

Hamil bufou com desprezo.

— Esta jovem atravessou o Inferno de Espinhos, sem dúvida, com a ajuda dos uisgus, do contrário não teria conseguido chegar até aqui. Com ela e

mais aquelas — apontou as prisioneiras — em nosso poder, os uisgus não vão nos impedir de continuar.

Na manhã seguinte levantaram acampamento e seguiram uma trilha, subindo o rio. O General Hamil não falou mais com Kadiya, embora a mantivesse ao seu lado enquanto ouvia os relatórios dos batedores. Assim ela ficou sabendo que aquele grupo de labornoks não viajava sozinho. Alguma coisa — ou alguém — os acompanhava, embora os homens não tivessem tido oportunidade de ver o que era. Estariam sendo seguidos pelos povos do pântano, finalmente em pé de guerra e resolvidos a vingar seus companheiros? Será que podia esperar tanto?, pensou Kadiya.

Saindo da letargia gelada, a princesa ouviu um homem muito picado de mosquitos e sujo de lama dizer:

— Era Gam. Eu juraria pelo Escudo de Zoto. Só sua cabeça com os dentes arreganhados, enfiada numa estaca ao lado de uma moita. Nenhum sinal dos monstros. Só algumas pegadas muito imprecisas na lama — e isto.

Mostrou um dardo que tinha na mão — mais longo do que os que eram usados pelos nyssomus. Porém, a haste era pintada com duas linhas estreitas, uma azul, a outra amarela, e essa marca Kadiya vira antes: Jagun! Ou, pelo menos, sua marca de caçador.

— Gam — repetiu Hamil, passando os dedos sujos de lama seca na barba crescida do queixo. — Eu o vi matar aqueles piratas Westlinger — dois com um só golpe. Bem, estou certo de que ele não se entregou facilmente. Foi obra dos skriteks?

— O dardo não é skritek — disse Osorkon, tirando-o da mão do soldado. — Eles não sabem fazer um trabalho tão perfeito.

— O que a nossa senhora princesa tem a dizer? — perguntou Hamil. Os carregadores a tinham posto no chão. — Tem mais alguns amigos esperando para se meterem nos nossos negócios? — Ergueu a mão para esbofeteá-la.

Kadiya respondeu com uma parte da verdade:

— Eu... nunca vi nada parecido... antes.

Osorkon não deu tempo ao general de forçá-la a responder de outra forma.

— Ela pode servir de isca, se eles tiverem outras armas. Não perca tempo maltratando-a. Vamos para terra mais firme, se estamos ameaçados de um ataque. Não podemos nos defender nem atacar enfiados nesta maldita lama dos demónios.

Um rugido selvagem soou na frente deles. Hamil empunhou a espada imediatamente e seus homens reuniram-se em posição de combate.

— Skriteks — gritou o batedor. — E pelo barulho devem estar perseguindo algum infeliz!

— Para a frente! — ordenou Hamil. — Cerrar fileiras! Temos terra alta adiante e precisamos de solo firme e seco.

Mais uma vez ouviram o grito dos skriteks. Os ouvidos de Kadiya zumbiam e ela estava quase inconsciente, sacudida pelos carregadores apressados. Não sentia mais os braços por causa da pressão das cordas. Mesmo que estivesse livre, com o talismã na mão, não tinha certeza de poder usá-lo. Entretanto, sob a dor, a impotência — e sim, sob o medo, fervia ainda dentro dela a fúria antiga. Devia haver algum meio de se livrar! Se ao menos aquela paralisia mágica passasse.

Os homens correram, guiando-se pelos avisos dos batedores. A terra agora era seca e aberta, com pouca vegetação baixa, mas ao mesmo tempo parecia a região cheia de perigos que Kadiya atravessara com Jagun. Aqui e ali havia trançados de cipós grossos e cinzentos, com folhas que pareciam pouco mais do que botões murchos, rodeados por nuvens de insetos. Quando amassados pelos pés dos homens, exalavam um cheiro pútrido.

Então, chegaram a uma casa.

Não era de pedra — mas feita com o mesmo material liso da concavidade onde ela e Jagun haviam passado uma noite, e igual ao lugar onde havia encontrado seu talismã. Numa das paredes havia uma porta ladeada por duas estátuas, iguais às das sentinelas no Caminho Proibido. Cada sindona empunhava uma espada. Kadiya piscou os olhos ardentes. As espadas — sem ponta, como a que ela levava nas costas — estavam cruzadas, proibindo a passagem.

Hamil parou. Havia avidez em sua voz, quando exclamou:

— Por Zoto — exatamente o que eu esperava encontrar! Uma fortaleza dos Desconhecidos, provavelmente cheia de tesouros! Capitão Loskar, vá até lá

e dê um empurrãozinho naquelas espadas. — Com a cabeça, indicou as estátuas. — Os outros, fiquem prontos com suas flechas!

A obediência imediata das suas ordens dava a medida do poder que exercia sobre seus soldados. Um jovem oficial ergueu a espada e tocou o lugar onde as espadas sem ponta das sentinelas se cruzavam. O metal ricocheteou com um ruído estridente, a espada de Loskar voou da sua mão e com um grito de dor ele segurou o braço e caiu de joelhos.

— Flechas — dentro — ordenou Hamil

O zumbido das flechas de guerra dos labornoks, feitas para aterrorizar e para matar, cortou o ar. Penetraram na abertura, atrás das duas sentinelas. Não podiam ver o que havia no interior escuro. O ataque ordenado por Hamil não foi revidado. Ele gritou para os homens que carregavam Kadiya:

— Wunit! Vor! Empurrem a mulher e a façam passar sob as espadas das estátuas!

Os soldados a atiraram com força, com estacas e tudo. As sentinelas continuaram imóveis e Wunit e uns dez homens entraram atrás de Kadiya.

— Não tem perigo, meu general! — gritou Wunit. — Precisamos de tochas!

As tochas foram acesas e passadas para os homens. No interior viram apenas uma porta no fim de um corredor estreito, com um grande trílio gravado acima do batente.

— Esperem, eu vou entrar — disse Hamil. Apanhou uma tocha, curvou-se e entrou.

Imediatamente todas as tochas dos labornoks se apagaram. Ouviram-se gritos dos homens, sons de corpos se chocando e, depois, silêncio.

Kadiya estava de bruços, sem poder se mexer. A luz do dia não penetrava naquele lugar. A sombra da porta externa parecia uma cortina, embora ela não tivesse notado nenhuma quando foi atirada para dentro. Estranhamente, a paralisia que a imobilizava há tanto tempo estava diminuindo. Kadiya debateu-se como um peixe fora d'água, tentando ficar de pé. A escuridão que a rodeava era densa e completa, mas ela sentia diminuir também o medo que a acompanhava desde a sua captura.

A princesa continuou a se debater. De repente, seus braços estavam livres, ao lado do corpo. Tirou então as cordas das pernas. O chão sob seus pés não

tinha pó nem qualquer sujeira do mundo exterior. Era escorregadio e inclinado num ângulo crescente. Kadiya começou a escorregar, usando os braços para se manter de pé. Caía cada vez mais depressa, e então bateu numa barreira invisível, sempre segurando o talismã, e continuou a escorregar em outra direção, para bater outra vez. Quase inconsciente, ela não largou a espada mágica. até bater na última barreira, voar no ar e cair desmaiada numa superfície plana.

A ponta de uma bota no lado do seu corpo a acordou.

Kadiya piscou os olhos, uma, duas vezes. Não estava mais no escuro, mas numa sala grande, e não pôde ver de onde vinha a iluminação, muito fraca.

— Ela é resistente, general.

Três homens formavam um triângulo em volta dela. Um era Hamil, os outros dois, Wunit e Vor. O resto dos soldados estava parado, carrancudo, atrás deles. Kadiya viu que os labornoks estavam contundidos e que procuravam não demonstrar o medo que sentiam.

A princesa ergueu a cabeça. Seus braços haviam recuperado a força, mas tinha dificuldade para alcançar o punho do talismã amarrado nas suas costas.

— Acha que ela conhece o caminho para sair daqui, senhor? — perguntou Vor.

— Pode ser — respondeu Hamil. — De qualquer modo, podemos usá-la para descobrir outras malditas armadilhas, enquanto examinamos este lugar. Faça-a andar.

Ninguém tocou em Kadiya. Ela conseguiu apanhar o talismã e levantou-se devagar, com a cabeça dolorida de tantas pancadas. Ainda atordoada, imaginou por que estava ainda com a espada e então lembrou-se de que tinham bons motivos para não querer tocar na arma mágica.

A luz cinzenta iluminou um pátio interno. Viram uma fonte cheia de água. No outro lado havia uma escada e Kadiya dirigiu-se para ela e olhou para cima. Não conseguiu ver nada, só escuridão.

Em cada degrau via-se uma pegada vermelha e brilhante.

Sem hesitar, Hamil ordenou:

— Para a frente!

Pôs o pé sobre a primeira pegada e começou a tremer violentamente, como se estivesse com a febre dos pântanos. Pálido, cambaleou para trás, desembainhou a espada e a brandiu na frente de Kadiya.

— Magia! — exclamou Hamil com voz rouca. — Deixem que ela vá na frente.

Empurrou Kadiya e o pé da princesa pousou sobre a pegada do segundo degrau.

Pelo trílio, ela ia gritar! Foi como se uma chama percorresse seu corpo. Então o talismã aqueceu-se também, mas Kadiya não conseguiu largá-lo. Ouviu o grito de espanto de Hamil. Kadiya estava no quinto degrau, fora do alcance dele, e a pegada cintilante no degrau seguinte desapareceu de repente. Seu pé pousou num círculo de prata com um Trílio Negro no centro. Hamil não esperava o movimento rápido que se seguiu. A princesa estava livre, completamente recuperada das escoriações e do encantamento, e cada degrau à sua frente tinha o mesmo símbolo amigo. À medida que subia, ganhava novas forças.

A fúria ferveu dentro dela. Podia Voltar-se e matar todos eles! Não. Seria uma tolice. Homens armados a observavam, alguns com os arcos retesados. Sua única arma era o talismã que ela não sabia ainda como devia ser usado.

Finalmente chegou a uma grande sala no fim da escada. Todas as paredes eram cruzadas e recruzadas por redes de luzes vermelhas. No centro havia um bloco do estranho material pálido do qual era feita a casa, com apenas um ponto de cor. Uma planta alta, feita de metal precioso, erguia-se no centro da sala, como se estivesse num jardim. Uma planta de trílio. A haste terminava num único botão grande e fechado.

Hamil, que a seguia, desconfiado, na frente dos seus homens, adiantou-se para olhar a planta, com a mão no punho da espada. Podia estar no coração do território inimigo, longe do seu exército, mas nada em sua atitude Sugeriria que não acreditasse inteiramente em si mesmo e no seu poder. Olhou furioso para Kadiya, que estava de pé à sua frente, desafiadora, segurando o talismã.

— Não vamos passar daqui — disse ela) com voz calma. O general olhou para trás. Não disse uma palavra, mas Wunit e Vor colocaram-se cada um de um lado dele, com as espadas na mão.

— Ouvi dizer — disse Hamil em Voz baixa e cheia de ódio — que sangue é poder. Este é certamente um lugar de poder. Levem a mulher para o altar! ordenou.

Com as pontas das espadas eles a obrigaram a encostar na pedra sobre a qual se erguia a flor.

— Eu — disse Hamil em voz alta e sonora — sou um homem de sangue. Aprendi a pagar com sangue o que eu desejo possuir. Quando você morrer, Princesa, não mais estará ligada ao talismã mágico. Orogastus não tem mais poder aqui. Eu tenho! E pretendo decepar sua mão que segura a espada, e, quando todo o seu sangue se esvair o talismã será meu.

Ergueu a espada. A Flor gigantesca pairava sobre Kadiya, e a princesa teve a impressão de vê-la estremecer e explodir, desabrochando. Seria uma flor ou outra coisa como a sentinela? Kadiya não tinha certeza, pois uma luz verde cegante envolveu o trílio.

A lâmina sem ponta do seu talismã chamejou com uma luz verde viva, unindo sua força à da flor.

A luz pulsava em volta dela e Kadiya teve certeza de que alguma coisa tinha mudado no altar. Pois Wunit, Vor e os soldados fugiram correndo escada abaixo, pálidos e amedrontados.

Hamil estava cinzento de raiva. Avançou para ela. Sem que Kadiya soubesse como, o talismã se moveu, aparando o ataque da espada do general. O tempo parecia se mover em ritmo diferente — primeiro, rápido como um furacão, depois como se ambos estivessem amarrados a pesos enormes. Cada vez que ele atacava, Kadiya defendia-se. Hamil era três vezes maior do que ela, mas não conseguia vencê-la, nem passar pela guarda do talismã.

Ele lançou a cabeça para trás, com um uivo selvagem. Então, para espanto de Kadiya, deu meia-volta e desceu correndo a escada.

A princesa apoiou-se no altar. Acima dela, a enorme flor do Trílio Negro estava completamente aberta na haste prateada. Kadiya não ousou erguer os olhos. Levantou o talismã e os três olhos se abriram, de frente para outros três, maiores, no centro da flor do altar.

Então, foi como se uma janela se abrisse para a luz do dia. Os olhos chamejaram, e pareciam penetrar no mais recôndito da sua alma.

Ela, Kadiya, não era mais importante. Não existia mais Kadiya de Ruwenda.. apenas a Dama dos Olhos.

Então, toda a glória desapareceu. A coluna de luz no altar apagou-se. Não havia mais nenhum Trílio Negro. A sala estava vazia, a não ser por ela e seu talismã, agora sem brilho.

Kadiya voltou-se e caminhou para a escada. As cores das paredes empalideciam, voltando a um cinza opaco. Desceu, viu uma porta aberta e ouviu os gritos dos homens e o clamor das armas lá fora. Sentindo-se renovada, em espírito e no corpo, Kadiya saiu para uma batalha renhida.

Os labornoks caíam atingidos por dardos envenenados em todas as partes expostas dos seus corpos. Então, das moitas surgiram centenas de uisgus, manejando agilmente seus arcos, movendo-se num misto de saltos e dança. Havia skriteks também lutando contra os oddlings. Hamil, com o manto rasgado, lutava contra as lanças de três pequeninos uisgus. O general brandiu a espada horizontalmente para cortar ao meio os oddlings, mas Kadiya saltou para a frente dele, enfrentando-o. Mais tarde, a princesa jurou que estava possuída por um espírito. Quase deixou cair o talismã, mas, segurando-o com as duas mãos, brandiu a arma quando Hamil preparava-se para abatê-la.

— Para aquilo que você escolheu ser — disse ela, ofegante —, volte agora, homem de sangue!

Hamil girou o corpo, deixou cair a espada e levou as mãos à garganta. Seus olhos estavam em chamas, chamas saltavam dos seus lábios, cobriam seu corpo. De dentro dele veio um grito de tormento que fez Kadiya tremer. O Olho Chamejante de Três Partes fixava-se nele com toda a sua força e o general caiu no chão pesadamente. Como a Voz, antes dele, tudo que restou foi um monte de cinzas.

Outra língua de fogo saiu do punho do talismã e dividiu-se, ameaçando os skriteks. Os monstros fugiram apavorados, seguindo o exemplo dos labornoks. A chama desapareceu.

— Senhora dos Olhos...

Kadiya olhou para os jubilantes guerreiros oddlings.

— Jagun! — O nome parecia vir de uma lembrança muito distante, de um outro tempo. — Você está bem!

Mas outra voz se ergueu, silenciando até os lamentos dos feridos.

Minha filha!

Kadiya voltou-se para os sindonas que guardavam a porta. Acima das cabeças das sentinelas viu um círculo prateado e dentro dele um rosto sorridente.

— Dama Branca! Já fiz o que devia fazer?

— Ainda não.

Kadiya respirou fundo, quase com um soluço.

— O quê, então? Devo levar isto comigo — ergueu o talismã — até o fim?

— Deve — respondeu a voz, calmamente.

— Eu sou aquilo para o que fui feita... — Era quase uma súplica.

— Sim, está certa.

Tinha tanto que aprender!

— O que há ainda no meu caminho?

” Nenhuma resposta. A visão desapareceu e Kadiya ficou imóvel, com as lágrimas descendo pelo rosto arranhado e ferido. Haviam permitido que vislumbrasse algo além da sua compreensão, que devia ser seu objetivo. Mas, no momento, tudo que tinha a fazer era continuar. Voltou-se e olhou o campo de batalha. Lá estavam os uisgus, com Jagun sorridente ao lado deles. Ergueram as mãos numa saudação. Esquecendo os costumes do passado, clãs e tribos haviam se reunido para um objetivo comum. Devia ser essa a vontade de Kadiya, uni-los cada vez mais.

CAPÍTULO 36



Depois de ter sido apresentado aos rimoriks e informado sobre tudo que eles podiam fazer, o Príncipe Antar resolveu que viajariam mais depressa usando apenas duas embarcações, além da canoa transparente dos wyvilos, de Anigel, e o mínimo de suprimentos. Antes que tivessem permissão para dormir, teceram novos arreios para os rimoriks com tiras de couro dos mantos dos soldados, e os barcos foram unidos uns aos outros por meio de amarras. Depois de cinco horas de sono, o grupo seguiu viagem.

Não havia necessidade de rédeas, pois os rimoriks sabiam exatamente para onde deviam ir. Eles puxaram os três barcos enfileirados no regato raso e depois de três horas chegaram ao Grande Mutar. Uma vez no grande rio, os animais podiam nadar mais livremente, ajudados pelos cavaleiros nos remos. A canoa leve da Princesa Anigel seguia os barcos de madeira dos cavaleiros e com ela iam o Príncipe Antar, Sir Penapat, gravemente ferido, e Voz Azul, que tinha demonstrado ser péssimo remador — talvez de propósito. Pelo menos, com o acólito do feiticeiro no seu barco, Anigel e Antar podiam vigiá-lo de perto. Voz Azul comportava-se muito bem, passando a esponja na testa febril de Sir Penapat, enquanto o príncipe e a princesa conversavam em voz baixa na proa.

Os rimoriks os conduziam velozmente e ao cair da noite do mesmo dia, um pouco antes da segunda tempestade, estavam chegando ao povoado Let.

Mas não antes dos glismaks.

— Senhores do Ar — não! — exclamou Anigel, quando viu as nuvens de fumaça que se erguiam contra o sombrio pôr-do-sol. Os barcos seguiam ainda velozmente e ela não ousou ficar de pé.

— Voz, use sua visão a distância! — ordenou o príncipe. — Diga o que aconteceu!

Anigel, muito pálida, murmurou:

— Espere — deixe que eu tente.

Voz Azul olhou para ela boquiaberto de espanto. Anigel fechou os olhos e ficou imóvel. Mas o belo rosto da princesa não adquiriu aquela expressão vazia e repulsiva dos transe dos acólitos de Orogastus. Depois de alguns momentos, ela disse:

— Os glismaks atacaram o povoado, por terra, há mais ou menos uma hora. Não sei dizer se são os mesmos que atacaram vossos homens. Parecem três vezes mais numerosos do que os que vimos em Kovuko. Incendiaram muitas casas... Estou vendo o porta-voz Sasstu-Cha e vou tentar me comunicar com ele...

Antar e Voz Azul esperaram. Sir Penapat disse, ansioso:

— Se vai haver luta, podem contar comigo! Mesmo só com um olho, uma perna e um braço, posso lutar melhor do que muitos dos meus companheiros! Já me conhece, meu príncipe!

— É claro que conheço, Peni — disse o príncipe com tristeza na voz. — Mas temo que não possamos fazer muita coisa se os selvagens já tomaram Let.

Anigel abriu os olhos.

— O porta-voz agradece nossas bondosas intenções — disse ela, com voz inexpressiva —, mas a luta agora é corpo a corpo e quase um terço das casas está em chamas. Ele está prestes a capitular, como fazem sempre que estão em desvantagem, e vão indenizar regiamente os invasores, que os deixarão em paz durante algumas semanas.

— Mas, princesa — protestou Voz Azul, com um leve tom de censura. — Tem o poder de salvá-los. Se quiser.

— Silêncio, patife miserável! — sibilou o príncipe. — Como ousa dirigir-se à senhora com tanta falta de respeito?

Anigel voltou para Voz Azul os olhos muito abertos e mordeu o lábio, como se ele fosse um verme venenoso do pântano que acabava de deslizar para dentro do barco. Mas, logo depois, ela disse:

— Ele tem razão. Eu podia salvar os pobres wyvilos se tivesse coragem de invocar a força assassina do meu talismã. Se eu pudesse recriar, a sangue-frio, o ódio e o desejo de destruição que inconscientemente dirigi para o chefe dos glismaks na cena do massacre.

— Pois então faça isso — insistiu a Voz Azul —, e salve seus amigos!

— Eu... não tenho coragem — Anigel começou a chorar. Voz Azul deu de ombros e sorriu.

— Afinal, são só odllings.

— São criaturas racionais que não conhecem outros meios! — exclamou ela. — Os glismaks são como crianças malcomportadas e devem ser punidos e educados — mas como se pode ensinar os mortos?

— Enquanto você se lamenta e derrama lágrimas inúteis, seus amigos estão morrendo.

— Não posso evitar!

— É claro que pode.

Anigel gritou a plenos pulmões:

— Não posso! Não sei como, e meu coração está muito magoado e estou com tanto medo e simplesmente não posso..

Interrompeu-se, como se acabasse de dizer a maior das blasfêmias, com uma expressão de medo e de desespero tão intensa que Antar teve vontade de amarrar Voz Azul com seus punhos fortes. Mas, antes que o príncipe pudesse fazer qualquer coisa, o rosto de Anigel mudou outra vez, como se tivesse virado a página de um livro de gravuras, e ela disse, com voz calma:

— Príncipe Antar, se eu for, irá comigo?

— A Let? Agora? — Vendo que Anigel falava sério, o príncipe se controlou.

— Doce senhora, eu a acompanharia aos alçapões do inferno se me pedisse.

Anigel fez um gesto afirmativo e com voz suave e estranha disse:

— Meus amigos, parem.

Os três barcos diminuíram a velocidade e pararam ba lançando na água agitada, pois um vento forte soprava agora e o céu atrás deles estava repleto de nuvens carregadas de tempestade. Ouviram o trovão distante. A meia légua à sua direita, colunas de fumaça e fuligem se erguiam de Let, espalhavam-se a uma certa altura, formando um teto negro sobre o povoado.

— Sir Owanon! — Anigel chamou o ajudante do príncipe que estava na primeira canoa. — Corte os arreios que prendem os rimoriks ao seu barco!

Owanon apressou-se a obedecer. Anigel cortou a amarra que prendia sua canoa à segunda.

— Meus amigos, venham até aqui para que eu os atrele ao meu barco.

Estamos indo.

O Príncipe Antar e os outros não sabiam ainda o que Anigel ia fazer, mas à medida que ela dava ordens sua intenção tornou-se clara.

— Homens! Remem até aqui e levem Sir Penapat e Voz Azul para seus barcos. Você, na popa do barco de Sir Owanon — corte a amarra que prende sua embarcação na segunda e traga-me as duas amarras cortadas.

Todos obedeceram prontamente e Anigel fez dois orifícios nos dois lados da borda da canoa com sua pequena adaga, pelos quais passou as pontas dos arreios cortados dos rimoriks, prendendo-os com um nó apertado. As duas amarras, ela prendeu nos animais, para servirem de rédeas.

Os rimoriks disseram:

Vamos tomar o miton e estamos prontos.

Anigel tirou o jarro vermelho da bolsa e tomou um gole. Os animais lamberam seus dedos, como sempre, sob o olhar espantado do príncipe.

Sir Penapat já estava no outro barco, mas Voz Azul continuava sentado na popa da canoa wyvilo de Anigel. Estendendo o braço, ele empurrou os barcos de madeira dos cavaleiros, e as três embarcações separaram-se imediatamente, levadas pelo vento e pela corrente.

— Vou ficar aqui também, princesa! — gritou Voz Azul. — Posso ajudar.

— Saia já do barco! — gritou o príncipe. — Seu velhaco azarado! — Voltou-se e foi na direção da popa, com tanta violência que a canoa leve balançou perigosamente.

Mas era tarde demais. A um sinal da Princesa Anigel, os rimoriks partiram a toda velocidade.

— Vocês homens vão para a outra margem! — disse ela para Sir Owanon. — Não devem estar no rio quando chegar a tempestade. Se não voltarmos até amanhã, procurem se salvar do melhor modo possível. Adeus!

A canoa transparente deslizou sobre a água, com Anigel segurando as rédeas, e logo perderam de vista os outros dois barcos.

Com o tranco da partida, Antar foi jogado no fundo do barco. Por um breve instante, ele ficou imóvel, segurando num dos bancos, temendo que fossem naufragar a qualquer momento. Com a armadura, ele afundaria como uma pedra. Mas a canoa deslizou sobre a água encrespada do rio como uma flecha em voo rasante, numa velocidade que Antar jamais teria julgado possível.

Voz Azul estava com eles definitivamente, agachado, ocupando o menor espaço possível, com o capuz cobrindo metade do rosto. Antar não podia atirá-lo para fora do barco. Resmungando, o príncipe procurou uma posição mais confortável, sempre mal-humorado. A princesa não dava a menor atenção a nenhum dos dois.

Acontece que o príncipe ficou ofendido com o modo autoritário da princesa — não que sua devoção por ela tivesse diminuído. Antar estava mais do que nunca disposto a morrer por sua dama. Mas Anigel, que parecia tão patética nas masmorras da Cidadela, tão bela e tão perto da morte quando desceu a catarata, uma verdadeira deusa quando destruiu o glismak, tão jovem e vulnerável quando lutava com seus demónios interiores poucos minutos atrás, era agora a personificação de uma rainha guerreira vingadora, conduzindo os rimoriks. Alguma coisa no coração de Antar preocupava-se com essa mudança e até mesmo a temia.

Anigel estava com os olhos fechados e o príncipe não duvidava de que estivesse vendo a carnificina em Let e avisando os wyvilos da sua chegada.

Mas, como era linda! Graciosa, mesmo com aqueles trajes masculinos, com os cabelos soltos ao vento e a tiara mágica na cabeça. Olhando para a figura dela recortada contra o céu cada vez mais escuro, onde os fogos do povoado pintavam de vermelho as nuvens pesadas, o Príncipe Antar sentiu o sangue ferver e tudo que desejava era morrer por ela.

O que seria da Princesa Anigel — e dele? Revoltara-se contra seu pai, renunciando a Labornok, entregando sua sorte à amada, que havia jurado libertar Ruwenda. Mas isso seria possível, mesmo com a ajuda do talismã mágico? Orogastus podia também comandar o relâmpago e Voz Azul afirmara que o feiticeiro já possuía o talismã de uma das irmãs, e logo teria o da outra.

Anigel pretendia voltar para a Cidadela. Mas sem dúvida seria inútil. Mais da metade da força de invasão dos labornoks, de dez mil homens, estava

ainda em Ruwenda, e o resto do exército, que acompanhara o General Hamil na procura da Princesa Kadiya, logo estaria de volta do pântano. O que podia fazer Anigel, mesmo com seus novos poderes, contra a força militar de Labornok e os Poderes das Trevas de Orogastus?

O Rei Voltrik estava curado e mais determinado do que nunca a matar as três princesas. Sem dúvida daria pouca importância à deserção do filho que ele desprezava. O maldito bruxo devia estar satisfeito! Orogastus podia até convencer o rei a fazer dele seu herdeiro. Talvez esse fosse seu plano, desde o começo!

Com Orogastus e sua magia no poder, e Labornok preparando-se para conquistar o resto da Península, onde ele e Anigel estariam a salvo? Ou teriam de fugir com seus fiéis companheiros para uma terra distante onde...

Um movimento.

Antar despertou dos seus pensamentos e viu Voz Azul movendo-se sorratamente na sua direção.

— O que você quer? — perguntou Antar, secamente. O vento forte arrancou as palavras dos seus lábios.

— Só uma palavrinha, meu príncipe. Acabo de me comunicar telepaticamente com meu Mestre Todo-Poderoso e ele lhe envia uma mensagem urgente.

— Não quero saber de mais mentiras do seu infame feiticeiro. Volte para seu lugar. Volte, eu disse!

Mas Voz Azul continuou aproximando-se, com um sorriso tão insincero nos lábios que apareciam sob o capuz que o príncipe ficou furioso, depois alarmado. Mas, antes que pudesse reagir e desembainhar a espada, o acólito estava sobre ele como um lothok agarrando a presa, ignorando completamente sua armadura azul de guerra.

Ergueu um punhal longo e fino e desferiu um golpe de baixo para cima entre as placas de metal que protegiam o pescoço do príncipe. A lâmina afiada penetrou a armadura e, se o príncipe não tivesse desviado rapidamente, estaria morto, com o pescoço cortado. Mas o punhal apenas arranhou a pele e a manopla de metal do príncipe segurou a mão do atacante, afastando a arma assassina. Os dois homens começaram a lutar selvagememente no fundo do barco.

Anigel puxou com força as rédeas dos rimoriks. Segurou com firmeza na amurada, pois o barco balançava tremendamente, e olhou para os dois homens que lutavam, com medo de se mexer e provocar um naufrágio. Não podia invocar o relâmpago para destruir Voz Azul, sem se movimentar. Impotente, pediu a ajuda da Dama Branca. Mas, ao que parecia, não ia ser atendida.

Voz Azul era incrivelmente forte, pois compartilhava uma parte dos Poderes das Trevas do seu mestre. Estava agora em cima do príncipe, com um joelho de cada lado do corpo protegido pela armadura. Segurava o punhal com as duas mãos e cada vez mais o aproximava do elmo aberto do príncipe. Antar segurava com força os pulsos do acólito do feiticeiro, mas nem sua força imensa era suficiente para deter o punhal que descia na direção dos seus olhos.

Anigel arrancou a tiara da cabeça e gritou:

— Não! Não o mate! Eu lhe dou meu talismã!

Voz Azul ergueu a cabeça raspada. Tinha um corte que ia da orelha até o meio da testa e seu rosto era uma máscara ensangüentada. Os olhos em brasa fitaram a princesa e ele disse, com os dentes cerrados, o punhal a menos de um dedo do olho de Antar.

— Ponha a tiara na minha cabeça! — A voz era do feiticeiro Orogastus.

— Não! — exclamou o príncipe. — Ele nos matará!

Mas Anigel já se inclinava para a frente com a tiara nas mãos e o barco balançava de um lado para o outro, e as primeiras gotas de chuva, duras como pedras, caíram sobre os três, alisando a água por um momento.

E dos dois lados do barco apareceram os rimoriks.

Os corpos esbeltos subiram quase com lentidão, as mandíbulas abertas, tão grandes que podiam abocanhar a cabeça de um homem. As línguas longas e serradas pareciam chicotes. Com a mesma delicadeza com que lambiam o miton nos dedos de Anigel, as línguas se enrolaram no braço de Voz Azul.

O homem soltou um grito estridente. Estava bem seguro pelos animais. Anigel recuou, segurando a tiara. Antar livrou-se das mãos de Voz Azul e ao mesmo tempo os animais começaram a nadar na direção da popa com a metade dos corpos enormes fora d'água.

O acólito do feiticeiro, gritando a mais não poder, foi tirado de cima do príncipe e atirado para o ar, atravessando todo o comprimento do barco. Ele desapareceu no rio escuro, espirrando água, e os rimoriks mergulharam atrás dele. A chuva não aumentou por algum tempo.

Alguns minutos depois, as duas cabeças enormes e sorridentes apareceram na proa, perto da Princesa Anigel. Um dos rimoriks tinha um pedaço de pano azul enganchado no dente.

Ó, amigos!...

Segure as rédeas. Uma grande tempestade está chegando. Seu barco vai afundar se não chegarmos rapidamente em terra.

— Está ferido? — Anigel perguntou, ansiosa, para o príncipe. — Vejo sangue no seu peitoral.

— É só um arranhão. Mais uma vez salvou minha vida, muito amada senhora, e...

— Para Let, então! — exclamou Anigel, sacudindo as rédeas.

E partiram numa nuvem de espuma, com o príncipe outra vez agarrado no banco para não cair na água.

CAPÍTULO 37



Quando Voz Azul morreu, Orogastus gemeu dolorosamente e saiu do transe banhado em suor, recostando na grande poltrona em sua sala de trabalho, de onde havia assistido ao fracasso do seu servidor.

— A culpa é minha! Sou o único culpado! Agora dois talismãs estão fora do meu alcance.

Se seus estudos sobre a festa das Três Luas estivessem certos, tinha apenas três dias e quatro noites para salvar o que restava do seu grande plano..

Por ter sido invocado pelo Voz Azul, Orogastus assistiu a toda a luta com o Príncipe Antar. Mas o barco parecia conduzido por uma pessoa invisível, porque a Princesa Anigel estava protegida da Visão sobrenatural do feiticeiro pelo amuleto, agora engastado na tiara talismã.

Voz Azul havia sugerido adiar seu ataque ao príncipe para quando chegassem em terra firme, mas Orogastus achou que ele teria maior chance de sucesso se o príncipe fosse atacado nas águas revoltas, sem nenhum wyvilo ou cavaleiro para ajudá-lo. Orogastus não disse ao seu assistente que, se o pior acontecesse e a canoa naufragasse no rio, Antar morreria junto com o Voz Azul, por causa do peso da armadura — enquanto que os rimoriks sem dúvida salvariam Anigel e o talismã.

Mas agora o agente de Orogastus estava morto e o Príncipe Antar vivia ainda, apaixonado pela princesa e com possibilidade de atrair um grande número de labornoks para a sua nova causa. Vivo, Antar era um obstáculo de grandes proporções para os planos ambiciosos do feiticeiro.

Procurando furiosamente uma solução, Orogastus levantou-se e começou a andar pela sala. A neve não caía mais e as Três Luas transformavam a solidez do Monte Brom num cenário de extraordinária beleza.

A Princesa Haramis já havia se retirado para seus aposentos. Naquele dia a conversa entre os dois foi bastante satisfatória. Ela agora parecia disposta a aceitar sua versão do ataque dos labornoks, segundo a qual os responsáveis pelas atrocidades eram o Rei Voltrik e o General Hamil, com Orogastus no

papel de mero aliado relutante. Conseguira explicar ou justificar quase tudo. Por sorte, Haramis não tivera a idéia de usar a visão a distância quando Kadiya estava nas mãos do General Hamil. O feiticeiro acreditava que agora Haramis podia tentar ver as irmãs sem prejuízo para sua causa.

Porque, quer ela admitisse ou não, a Princesa Haramis estava apaixonada por ele.

O feiticeiro não tinha nenhuma intenção de estudar a fundo esse sentimento. É claro que ele jamais poderia se apaixonar por ela!. Contudo, um diabinho zombeteiro, no fundo da sua alma, o aconselhava a ter cuidado. Não mentiu para Haramis quando disse que era solteiro. Precisava ser muito cauteloso. Sua mente era invulnerável para ela, mas seu corpo certamente não era. Quando seus corpos se incendiaram mutuamente de desejo, o prazer momentâneo foi algo que ele jamais havia sentido antes.

E isso o assustou tremendamente.

O amor sexual era tradicionalmente proibido para quem exercia a magia — e com muita razão. Distraía a mente dos objetivos maiores, cegava a objetividade, minava a vontade e gastava energias que deviam ser guardadas e concentradas para conseguir o verdadeiro poder.

Mas Orogastus precisava dela! E não só por causa do talismã. Haramis era a companheira que há tanto tempo ele procurava, infinitamente superior às Vozes bajuladoras. Haramis tinha a chave do Cetro do Poder, temido até pelos Desaparecidos.

Portanto, usaria Haramis, compartilharia com ela, teria até mesmo prazer em sua companhia. Mas sempre em guarda para não amá-la.

No dia seguinte, encantaria a princesa com outros instrumentos antigos, depois provocaria sua compaixão contando um pouco mais sobre sua vida. Se ela não cedesse, o que era possível, em se tratando de uma mente forte como a da jovem, então ele começaria a soltar um pouco o laço — para apertá-lo novamente de uma vez por todas, no momento crucial..

Orogastus parou de andar, e seus lábios curvaram-se num sorriso. Voltou para a poltrona, entrou em transe e chamou seu último acólito na Cidadela de Ruwenda.

— Minha Voz Verde!

— Eu escuto, Mestre Todo-Poderoso.

— Encontrou alguma coisa nova nos livros da biblioteca da Cidadela?

— Várias referências que podem ser importantes, mestre. Uma história antiga de Ruwenda diz que os primeiros habitantes humanos da região acreditavam estar vivendo na "Era do Trílio". E que o fim dessa primeira era e o começo da seguinte seria marcado por um grande desastre, e os acontecimentos culminariam na festa das três luas, quando o Trílio do Céu se manifestaria. Suponho que seja a descrição de algum evento astronómico incomum.

— Sem dúvida. É muito interessante e confirma uma das minhas teorias. Continue.

— Num livro que descreve as supostas artes mágicas dos uisgus, existe uma tradução literal de um certo canto. É o seguinte:

Um, dois, três, três em um.

Um a Coroa do Mal nascido, dotada de sabedoria, alimentadora do pensamento.

Dois, a Espada dos Olhos, distribuindo justiça e misericórdia.

Três, o Bastão das Asas, chave e unificador.

Três, dois, um, um em três.

Venha, Trílio. Venha, Todo-Poderoso.

— Aparentemente os uisgus cantam essa canção todos os anos, no seu festival das três luas, mas não sabem ao certo o que significa.

— Eu acho que sei o que significa — disse Orogastus brevemente. — Isso também confirma minhas pesquisas. Muito bem! Mais alguma coisa?

— Mestre, uma última descoberta. De significado pouco auspicioso.

— Diga.

— Diz respeito ao chamado Cetro Triplo do Poder, que, segundo nossas conclusões, é a combinação dos três talismãs. Num baú embolorado encontramos por acaso, alguns dias atrás, um pergaminho quase ilegível. Só hoje o velino foi cuidadosamente aberto com vapor. Vi imediatamente que estava escrito em tuzameni, a língua da sua terra.

— Isso é muito estranho. Nenhum dos povos da Península sabe da existência do meu país. Continue.

— A maior parte do pergaminho é indecifrável. Mas a parte que menciona o que chamam de "Grande Cetro" pode ser lida e diz: "O Grande Cetro, quebrado e escondido por Aqueles que Partiram, reaparecerá e abalará as raízes do mundo, fazendo do velho novo e provocando a queda de uma grande estrela."

— Entendo — Orogastus ficou calado por alguns instantes. Finalmente disse, quase com despreocupação: — Existem milhões de estrelas no céu, minha Voz.

— Sim, Mestre Todo-Poderoso.

— Como o Rei Voltrik reagiu à perfídia do Príncipe Antar?

— Teve um acesso de fúria quando soube que o filho havia penhorado sua espada e seu coração à Princesa Anigel. Mas, a despeito do seu conselho, mestre, não concordou em deserdar o príncipe imediatamente. Antar é popular entre os soldados por seu bom temperamento e coragem e tem muitos amigos entre os parentes da falecida mãe. Sua majestade pensa em deserdar e depor o príncipe depois que o exército de Hamil voltar para a Cidadela, o que aumentará o número de homens leais ao trono.

— Nosso rei está agindo sabiamente — Orogastus acrescentou para si mesmo, Mais sabiamente do que eu, e evitando que eu fizesse outro grande erro! Forças das Trevas, o que aconteceu comigo, para cometer um erro tão grosseiro?

Mas os Poderes das Trevas não deram explicação e ele disse para Voz Verde:

— Temo que agora você tenha de dar ao rei outras más notícias. Hamil está morto. A maior parte do seu exército está intacta, agora sob o comando de Lorde OsorKon. Não precisa entrar em detalhes — diga que desconhecerão a totalidade da situação — mas que a missão da captura da princesa Kadiya e do talismã infelizmente falhou, bem como a da captura da Princesa Anigel.

— Mestre!

— E meus assistentes, Voz Azul e Voz Vermelha, estão mortos.

— Posso perguntar como morreram meus irmãos e Lorde General?

— Pode dizer ao Rei Voltrik que Voz Vermelha e o General Hamil morreram durante uma tentativa fracassada de obrigar Kadiya a entregar o talismã. O talismã está ligado a ela por magia e matou os dois que tentaram se apossar dele. A Princesa Kadiya escapou, mas diga que ela fugiu para o interior do pântano e não é mais uma ameaça para Labornok.

— Devo contar também a Sua Majestade o que aconteceu ao Voz Azul?

— Não diga nada. Para sua informação, Voz Azul tentou matar o Príncipe Antar dentro de um barco. Voz Azul falhou e morreu afogado.

— Que infelicidade! Azul era o mais bravo de nós três e Vermelho o manipulador mais astuto.

— Mas você é o mais inteligente, minha Voz Verde, e está encarregado da tarefa mais delicada, que consiste em evitar que o Rei Voltrik faça algo irremediavelmente idiota antes da minha volta à Cidadela. Lorde Osorkon está conduzindo seus homens de volta com toda a pressa. Com o aumento da força das águas do rio, devido às tempestades que já começaram nas montanhas, seus barcos deverão chegar dentro de três dias. Pode dizer isso ao rei.

— Os ventos já trouxeram as primeiras chuvas a Cidadela também, mestre. Logo os caminhos por terra e os rios deste maldito reino ficarão intransponíveis. Devido a uma certa inquietação entre os ruwendianos das regiões fronteiriças, o Rei Voltrik resolveu que todo o seu exército vai ficar aqui na estação das chuvas. Ele e seus auxiliares já fizeram planos para alojar metade do exército em várias mansões e povoados ruwendianos, e a outra metade no Knoll da Cidadela.

— Isso é prudente. — Outra contingência que eu devia ter previsto e aconselhado o rei a respeito — pensou Orogastus. — Minha Voz, quero que continue a lamentar a traição do Príncipe Antar, sempre que falar com o rei. Insista com sua majestade para deserdar o príncipe logo que seus oficiais leais chegarem à Cidadela. Não preciso dizer que, se acontecer alguma coisa a Voltrik, meus planos serão extremamente prejudicados.

— Compreendo isso, mestre. Farei o melhor possível para aconselhar o Rei Voltrik. Mas a inquietação do rei cresce com a aproximação da festa das três luas. Certos empregados ruwendianos da Cidadela fizeram questão de

informar sua majestade sobre as terríveis profecias a respeito desse evento. Ele gostaria de voltar para Labornok.

— Ele não deve deixar a Cidadela! Seria apanhado pelas chuvas na Estrada do Comércio!

— Mestre, eu já disse isso. Mesmo assim, o rei acha que a Cidadela é um lugar de má sorte, por ser tão antigo e repleto da magia ruwendiana.

— Bobagens! Tranqüilize o rei. Ele sabe que os meus Poderes das Trevas, aqueles que lhe deram a vitória, são superiores! E eu estarei com ele, pessoalmente, antes da conjunção das três luas.

— Mestre! Mas como? É uma jornada de oito dias da sua torre até a Cidadela, mesmo com tempo bom.

— Não interessa como vou fazer isso. Apenas espere-me antes da festa das três luas e diga ao Rei Voltrik que estarei aí e que tudo vai ficar bem.

— Mestre Todo-Poderoso, vou tranqüilizá-lo e minimizar os acontecimentos funestos, e ele o receberá de braços abertos, ansioso por seguir seus conselhos.

— Excelente. Adeus, Voz Verde.

— Mestre, adeus.

Quando desapareceu a imagem do acólito, o feiticeiro ficou sentado, por algum tempo, com a cabeça entre as mãos. Então, ergueu o rosto com uma expressão determinada e dura.

— Tudo vai ficar bem. Em primeiro lugar, consultarei o espelho de gelo para ver a Princesa Kadiya, depois vou tratar de Haramis.

Na noite seguinte, Haramis encontrou um presente quando voltou para seus aposentos, depois de jantar com Orogastus. Um embrulho grande de pano negro, atado com um cordão de prata e um bilhete.

Minha muito querida.

Amanhã eu lhe mostrarei minha possessão mais valiosa, o espelho de gelo, com o qual posso ver os lugares mais distantes do mundo. Jamais o mostrei a qualquer pessoa. A fim de não ofender os Poderes

das Trevas, dos quais depende o funcionamento do espelho, peço que me acompanhe vestida com as roupas que estão neste embrulho, feitas por mim, especialmente para você. Ouso esperar que compartilhe comigo os prazeres desses mistérios ocultos, bem como sinta alguma estima por este que os coloca a seus pés, junto com meu coração.

Se estou sendo presunçoso, querida princesa, e você preferir deixar minha torre amanhã, então perdoe-me a ousadia deste bilhete e perdoe este tolo que há tanto tempo está sozinho, esperando por você, sem jamais ter conhecido o amor até agora.

Sempre seu, com o mais profundo respeito,

ORUGASTUS

Haramis sentiu-se um tanto constrangida com o tom íntimo do bilhete. Será que ele pensa que estou enfeitiçada, pronta para entregar meu coração numa bandeja? Serei por acaso uma camponesa, para me tornar escrava do primeiro homem que me toca? Ou pensa que estou deslumbrada com sua coleção de instrumentos antigos?

Haramis pensou nas coisas que Orogastus já havia mostrado.

Quem sabe do que são capazes aqueles aparelhos? Não me parecem brinquedos.. e aquele mais complicado, que parece um cabo de besta, tem uma aura bastante sinistra.

Por outro lado, talvez ele não seja o vilão que eu sempre pensei que fosse. Pobre Homem — que infância terrível!

É claro que seu apoio à invasão do Rei Voltrik é imperdoável. Mas acho que não podia se opor diretamente à loucura do monarca, sem ser expulso de Labornok. E ele sabia que seu destino não está em sua terra distante, mas aqui, nestas montanhas, para onde o chamou a Caverna do Gelo a fim de lhe entregar seus tesouros.

No lugar dele, pensou ela, o que eu faria? Teria agido de modo mais inteligente e mais ético? Teria declinado o posto de Feiticeiro da Corte de um governante corrupto, se isso significasse ignorar o chamado de um destino mais alto?

Haramis abriu o embrulho e examinou os trajes que deviam torná-la aceitável aos olhos dos Poderes das Trevas, e não resistiu à tentação de experimentá-los imediatamente.

Havia uma túnica de fazenda negra forrada de pele e botas combinando. Um vestido longo de malha prateada com panos de um negro brilhante, muito frio ao tato. Depois, um manto negro, com forro prateado, com uma fivela trabalhada e o símbolo da estrela de várias pontas nas costas. Finalmente, Haramis apanhou uma espécie de chapéu, de aparência estranha, e hesitou, antes de levá-lo à cabeça. Consistia num capuz prateado, justo na testa e sob o queixo, deixando descoberta a parte superior do rosto. Logo acima dos ombros, erguia-se um círculo de pontas prateadas, afiadas, que circundavam sua cabeça como uma estrela brilhante, deixando o cabelo negro solto nas costas. A máscara não era de metal, mas de um material macio, que parecia couro prateado. Havia também luvas longas, combinando.

Quando acabou de se vestir, Haramis sentiu uma vontade imperiosa de rasgar toda a roupa, fugir do quarto e chamar o lammergeier para levá-la dali. O talismã, no cordão de ouro, estava frio como gelo e sem brilho.

O que estou fazendo?, perguntou Haramis. Esta roupa me dá uma sensação estranha. Os instrumentos que ele me mostrou até agora não são mágicos — tenho certeza disso —, mas, há alguma coisa nestas roupas. Os Poderes das Trevas de que ele tanto fala existirão realmente? Sem dúvida ele acredita que sim e, certamente, alguma coisa concede a ele poderes superiores aos dos homens comuns. Orogastus pode muito bem governar o mundo, como deseja.

Será essa a causa da estranha atração que sinto por ele? Ele tem poder, seja qual for a origem, mas que espécie de poder? Será alguma coisa que posso aprender e usar?

Um tremor de medo percorreu seu corpo. Ergueu o Círculo de Três Asas, olhou fixamente para o centro e disse:

— Dama Branca! Responda!

Não aconteceu nada por um longo tempo. Então, Haramis tirou as luvas prateadas. O bastão aqueceu-se em suas mãos e o trílio no âmbar pulsou com um brilho fraco. Lentamente, apareceu uma névoa perolada no interior do círculo e nela o rosto envelhecido e doente da Arquimaga, sobre um

travesseiro. Sua expressão era de dor. Os olhos, linhas escuras, rasos de lágrimas, fixaram-se em Haramis, vestida com a roupa dada por Orogastus.

— Tão depressa? — A voz era fraca como uma brisa sobre um campo de flores. — Ele a conquistou tão depressa?. Mas, não, eu a julguei mal, minha filha. Vejo que ainda não resolveu seguir o caminho dele.

— É claro que não!

A ansiedade de Haramis com a aparência da Dama Branca transformou-se em irritação. A velha maga falava como um adulto censurando uma criança malcomportada. Haramis não a chamara por sentir-se culpada. Não tinha feito nada errado, nada de que se envergonhasse.

— Vim para cá porque fui convidada — disse a princesa, com gelada cortesia —, e porque achei que ninguém sabe toda a verdade sobre Orogastus. Vim para ver pessoalmente o que ele é — e para descobrir suas fraquezas, como você me aconselhou!

— É verdade que esse conhecimento pode vir a ser útil — disse a Arquimaga, com voz suave. — Mas será prudente continuar sob o mesmo teto que ele?

— Não corro perigo aqui — disse Haramis impulsivamente. — Meu lammergeier pode me levar embora a qualquer hora. Orogastus não pode roubar meu talismã. Ele me trata com cortesia...

— Mais do que cortesia.

Haramis corou sob a máscara prateada.

— Sim — admitiu ela.

— Vejo que você está intrigada, Haramis, fascinada pelo homem e por seu poder. E pensa que conhece um grande segredo sobre os instrumentos dos Desaparecidos que Orogastus não suspeita — um segredo que o tornará vulnerável.

— Sim — disse Haramis. — Afinal, foi para isso que vim para cá, à procura de conhecimento. Há muito que aprender aqui. E quanto mais eu aprendo, mais quero saber sobre Ruwenda e sua mágica. Mas estou aprendendo e tudo vai acabar bem. Tenho certeza.

— Sim, tudo vai acabar bem... Mas você deve me procurar logo e ouvir minha visão. Difere completamente da visão de Orogastus e, para algumas

peçoas, poderia parecer menos gloriosa. Porém, a decisão é sua. Há um grande abismo entre o meu caminho e o caminho de Orogastus e os iguais a ele. Você deve conhecer os dois antes de fazer sua escolha

— Sim — concordou Haramis. — Eu a procurarei logo.

— Não demore muito.

O rosto envelhecido desapareceu. O círculo ficou vazio.

Largando o talismã, Haramis foi até o espelho do banheiro e olhou para a imagem que ele refletia. Negro e prata. Olhos insondáveis, uma figura alta e imponente. E, sim, assustadora.

Deu as costas ao espelho e começou a tirar os trajes escuros. Mas sabia que ia vesti-los novamente no dia seguinte, e que iria com ele à Caverna do Gelo Negro.

CAPÍTULO 38



Avisado pela comunicação sem palavras da chegada iminente do barco, o porta-voz Sasstu-Cha e uma delegação de dignitários do povoado esperavam a Princesa Anigel e o Príncipe Antar no cais, não muito distante da cena da batalha. Os wyvilos conduziram os dois humanos para o abrigo de um armazém, porque a chuva era agora torrencial.

— A chuva vai apagar os incêndios, mas não deterá os glismaks — observou o porta-voz de Let. — Já recebemos uma delegação deles com o pedido de resgate. E concordamos em pagar. Este porta-voz teme, Princesa Anigel, que tenham chegado tarde demais.

Anigel, cansada, sentou num fardo de mercadorias, com o chapéu e a capa de Immu, e não respondeu. Vendo que a princesa parecia hesitar, o príncipe adiantou-se.

— Deve lembrar-se de mim. Sou Antar, Príncipe Herdeiro de Labornok, que vocês expulsaram do seu povoado há algumas semanas. Sou agora servo desta grande dama, que por duas vezes salvou minha vida, como são também os meus homens que vivem ainda. Viemos até aqui enfrentando um grande risco para ajudá-los. Antes de capitular aos seus inimigos, permita que eu explique o tipo de assistência que podemos oferecer.

— Fale — disse Sasstu-Cha com sua voz profunda e não-humana. — Mas devem saber que os glismaks invasores são mais de mil, que mais ou menos um terço dos nossos foi capturado, alguns já foram devorados e não podemos lutar mais esta noite.

— Isso não será necessário — disse o príncipe. Segurou a mão de Anigel, gentilmente a fez levantar-se, e tirou a capa de chuva e o chapéu que ela usava.

Quando viram o talismã, os wyvilos ficaram deslumbrados e dos olhos de um velho grisalho correram lágrimas oleosas.

— O Monstro de Três Cabeças! — exclamou ele, na língua dos humanos. — Graças sejam dadas à Flor, ela o tirou da árvore!

— E com ele abateu o chefe de uma horda de glismaks e derrotou seus guerreiros, chamando o relâmpago dos céus.

— É verdade? — Sasstu-Cha perguntou para Anigel.

— Sim, é verdade — respondeu ela.

Uma nova luz brilhava nos olhos da princesa e nova força invadia seu corpo cansado. O âmbar com o trílio cintilou no metal branco da tiara, iluminando a flor negra aberta no seu interior.

— Pode transformar em cinzas os demónios comedores de carne? — perguntou o velho, ansioso.

— Leve-me até os glismaks — disse Anigel — e verá o que posso fazer.

Na outra extremidade do povoado, onde um canal estreito separava Let do continente, os glismaks tinham ancorado uma frota enorme de barcos toscos para transportar os despojos da luta. Quando Anigel chegou, os wyvilos derrotados já haviam empilhado sacos de mantimentos e outros objetos que estavam sendo examinados pelo chefe dos glismaks, Hak-Sa-Omu, e seus ajudantes.

Mais de uma centena de glismaks fortemente armados, com as presas sujas de sangue arreganhadas, enfileiravam-se no cais, indiferentes à chuva pesada que caía. Outros revistavam as ruelas próximas, à procura de corpos carbonizados, que reclamavam também como despojos de guerra. Outros ainda estavam nas canoas, enquanto o grosso do exército glismak esperava no continente a divisão do produto do saque.

O porta-voz Sasstu-Cha dirigiu-se ao chefe dos glismaks no dialeto dos nativos. Depois de uma conversa animada, Anigel adiantou-se e tirou o chapéu. O âmbar na tiara iluminou o cais varrido pela chuva como um farol e os glismaks, em uníssono, soltaram um brado de desafio.

— Silêncio! — ordenou Anigel. E os nativos ferozes obedeceram.

Então, ela começou a falar na língua dos nativos, mas Antar duvidava que todos os presentes pudessem entender.

— Vocês sabem quem eu sou. Seus irmãos do Vale Kovuko comunicaram-se com vocês, através de léguas de distância, contando o que eu fiz. O talismã é meu e uma vez que vocês são do povo da Flor sabem que sou uma

das Três Pétalas do Trílio Vivo. Essa é a verdade e pretendo trazer a paz a toda esta terra.

Suas palavras foram abafadas por um coro de rugidos e assobios, mas ela ergueu o braço e um relâmpago poderoso cruzou o céu, seguido pelo trovão, que silenciou todos os glismaks.

— Vocês, glismaks, são pobres. Seus primos, os wyvilos, são ricos. Vocês os matam e roubam seu povoado desde tempos imemoriais e comem sua carne porque é um costume herdado dos seus cruéis ancestrais. Mas eu digo que não farão mais isso! Um novo dia chegou. Os costumes antigos se foram e não voltarão..

Olhando para ela e ouvindo suas palavras, Antar de repente gelou de terror. Ali na frente dos seus olhos, a jovem bela e graciosa estava se transformando. Anigel ficava cada vez mais alta. Suas roupas tinham desaparecido, substituídas por um manto de luzes brilhantes, vermelhas, azuis e brancas. Agora Anigel estava mais alta do que as casas próximas e erguia-se para o céu tempestuoso, com os braços levantados, os cabelos em chamas, o âmbar na sua testa incandescente como um pequeno sol, sua voz o som de milhares de clarins.

— Farei a paz entre os wyvilos e os glismaks! Paz entre sua raça e a raça humana! As coisas boas serão compartilhadas. Os filhos dos glismaks não farão da guerra sua profissão, como seus pais, mas aprenderão a trabalhar. Ninguém matará ninguém, sob pena da minha ira, nem comerá a carne do seu semelhante!

À medida que a princesa crescia, os glismaks gritavam, com as almas selvagens cheias de pavor. Os que estavam nos barcos encolheram-se e tamparam os olhos. Os outros, no cais e na margem oposta, atiraram-se de bruços, com o rosto no chão. Só o chefe, Hak-Sa-Omu, estava de pé, com os olhos esbugalhados e a boca escancarada.

— Não levarão as mercadorias empilhadas neste cais! — disse Anigel. — Os glismaks devem se retirar com as mãos vazias e permanecer em suas casas até o fim das chuvas, meditando sobre minhas palavras. Se ousarem se armar e fazer guerra outra vez, serão vítimas da nossa ira — três trovões soaram em rápida sucessão —, e os desobedientes não viverão para ver as boas coisas que serão concedidas aos glismaks que obedecerem às minhas ordens!

A figura gigantesca agora tinha três cabeças, todas coroadas com o trílio.

— Falamos agora com Hak-Sa-Omu, chefe dos glismaks! Está ouvindo, miserável?

O chefe disse alguma coisa com voz trêmula e chorosa. O Príncipe Antar viu que ele tremia da cabeça aos pés.

— Vai levar seu povo daqui e fazer o que mandei? A resposta murmurada só podia ter sido afirmativa.

— Vai esperar em paz a minha volta? Outra afirmativa.

— Então, vá!

Uma detonação final cegou e ensurdeceu a todos, a figura gigantesca desapareceu e com ela Anigel.

Hak-Sa-Omu deu uma ordem rápida, e ele e todos os seus guerreiros correram em desordem para as canoas, que se afastaram rapidamente da margem. Os glismaks então abandonaram seus botes e desapareceram na noite.

A pequena Princesa Anigel surgiu de trás de uma pilha de móveis, vestida outra vez com sua roupa de caçador e com o cabelo louro caído ao lado do rosto. Sorriu para os dignitários wyvilos e para o príncipe que correu para ela.

— Você conseguiu! — exclamou Antar. — E sem matar ninguém!

— Foi tolice minha não pensar nisso antes — disse ela, calmamente. — Os glismaks são como crianças. Não podemos discutir ou usar a razão com crianças, especialmente quando têm instintos assassinos. Infelizmente, nessas circunstâncias, tudo que podemos fazer é assustá-las para que se comportem. Mais tarde então, podemos conversar com elas e ensinar o que é certo.

— Tem razão — disse Sasstu-Cha, com um gesto afirmativo. — Qualquer pai ou mãe sabe disso.

— Eu não poderia matá-los — admitiu Anigel, em voz baixa, só para Antar e o porta-voz. — Mas não foi necessário. Aparentemente, posso manifestar qualquer tipo de pensamento por meio do talismã. Assim, os glismaks fugiram, e eu disse que eles são do meu povo e que eu os amo.

— Assim como nós seremos seu povo — disse o porta-voz. — E este aqui, princesa conquistadora, declara que somos agora seus devedores, e nossa honra exige que paguemos o ato sem precedentes que realizou esta noite.

Todos os wyvilos que estavam próximos juntaram suas vozes concordando com o porta-voz, pois mesmo os que não entendiam a língua da princesa compreenderam o que estavam dizendo.

Anigel baixou os olhos por um momento. A chuva continuava, mais branda agora, e havia estrelas no céu a sudoeste. Poderiam ter ainda alguns dias claros até a festa das três luas.

— Queridos amigos — disse a princesa. — Seus inimigos glismaks são crianças grandes. Mas agora devo enfrentar inimigos realmente adultos — não só por meio da guerra, mas também para anular encantamentos do espírito do mal. Eles não se impressionarão com meu espetáculo tolo de horror, nem se comoverão com minha promessa de amor. Fui enviada a esta busca pela Dama Branca, a quem nós todos reverenciamos. Há muito tempo, no dia do meu nascimento e de minhas irmãs, ela disse que somos as Três Pétalas do Trílio Vivo e que teríamos de enfrentar um destino terrível. Disse também que tudo acabaria bem. Durante todo o tempo da minha busca, não consegui acreditar nessa última parte da profecia. Agora eu confio nas palavras da Dama Branca. Segurou a mão de Antar e o puxou para ela.

— Aqui está o próximo rei legítimo de Labornok. Ele é um homem bom. Na Cidadela de Ruwenda está seu pai, o malvado Voltrik. Devo partir para a Cidadela amanhã ao nascer do dia e lá tirarei o Rei Voltrik do trono de Ruwenda que ele usurpou. Sasstu-Cha, se você e seu povo querem realmente me pagar, então venham comigo e me ajudem a recuperar meu reino.

— Temos cerca de quinhentos guerreiros, princesa, e eles a acompanharão a qualquer lugar. Nosso chefe guerreiro, Lummomu-Ko, foi levemente ferido e está no hospital. Mas amanhã estará às suas ordens. Pode ter qualquer coisa que quiser de nós.

— O Príncipe Antar comandará os que me seguirem — disse Anigel. — Agradeço a você e ao seu povo de todo o coração por se aliarem à minha causa, porém, devo avisar que meus inimigos são poderosos...

— O seu talismã também é — disse Sasstu-Cha.

A princesa suspirou. Tirou a tiara da cabeça e a guardou dentro da túnica.

— Deixarei que descanse pelo resto desta noite. Eu também descansarei, pois estou exausta.

— Você e seu príncipe devem aceitar a nossa hospitalidade — disse o porta-voz, imediatamente.

Os outros wyvilos curvaram-se sorridentes e com muitos gestos e palavras pediram a Anigel e Antar para segui-los. Passaram pela rua de casas incendiadas e chegaram à parte intacta do povoado. Depois de algum tempo, as nuvens desapareceram e as Três Luas iluminaram a terra, refletindo-se nas águas quietas do rio.

Anigel despiu-se e se deitou no quarto alegremente cedido à salvadora de Let pela filha mais velha do porta-voz. De repente, teve a impressão de estar sendo observada. Levantou-se, foi até as janelas, examinou o closet e até debaixo da cama, mas não havia ninguém.

Então viu a luz do talismã pulsando sob as peças de roupa.

Anigel apanhou a tiara com certa relutância. Não queria usá-la naquele momento. Não chegava, por um dia? E se tivesse outra visão horrível, que lhe roubasse o sono de que precisava tão desesperadamente?

Ponha a tiara na cabeça.

— Oh, oh, excremento de lothok — exclamou a princesa com petulância.

Sentada na cama de estilo ruwendiano, pôs a tiara sobre os cabelos louros.

— Kadi! — exclamou Anigel, quase desmaiando de felicidade. Lá estava sua irmã, com os olhos cintilantes e um grande sorriso no rosto sujo. Estava ao lado de uma fogueira rodeada por um grande número de uisgus sorridentes e tinha no colo uma coisa brilhante, como uma espada sem ponta com três esferas no punho e no centro o amuleto do trílio na pedra de âmbar.

— Finalmente você respondeu! — disse Kadiya, em tom levemente irritado.

— Tem estado tão preocupada com você mesma que não deu nenhuma atenção aos meus chamados. Também, nunca esperei ouvir essas palavras da sua boca.

— Kadi, Kadi! — Anigel ria e chorava ao mesmo tempo. — Você está viva e salva!

A irmã brandiu o objeto brilhante.

— Graças ao Olho Chamejante de Três Partes, meu talismã.

— Eu vi você... — Anigel hesitou. — Meu talismã mostrou-me você capturada pelo General Hamil.

Kadiya ficou séria.

— Eles me capturaram, um bando de batedores do exército de Hamil, logo depois que consegui o talismã. Eu não tinha idéia do que isto — ergueu a espada — podia fazer. A Voz Vermelha de Orogastus foi o primeiro a saber, quando morreu. Depois disso, ninguém ousou tentar tirá-lo de mim, mas Hamil pensou que podia me obrigar a entregá-lo a ele. Quis usar as prisioneiras uisgus para isso.

— Oh, Kadi, é monstruoso!

Kadiya franziu a testa.

— Minha irmã, não há nada de misericordioso na guerra em que lutamos agora. Você ainda não aprendeu isso? Há poder nisto. — Olhou para a espada sem ponta. — Mas o poder é uma carga pesada — devemos usá-lo com parcimônia, Anigel, e sempre com a mente muito clara. Até a ira pode servir, mas deve ser controlada. Isso faz parte do que eu aprendi.

— Então o seu talismã — murmurou Anigel — a mudou, como o meu. Não sou mais uma chorona covarde...

— Meu talismã deu-me um poder que eu devo aprender a combinar com justiça. Hamil e os skriteks, que ele usou como armas monstruosas, foram julgados e não percorrerão mais estes caminhos. Pois mesmo uma espada de misericórdia, como esta, pode matar.

— Eu também usei meu talismã para matar — disse Anigel, com voz hesitante. — Mas só uma vez e por acidente. De modo nenhum eu serei capaz de repetir isso.

— Eu posso — disse Kadiya, em voz baixa e calma —, se for necessário. E talvez seja. O resto do grupo de Hamil está agora voltando para a Cidadela. Enquanto isso, os uisgus e os nyssomus se reúnem. É um pequeno exército que cresce a cada hora. Escolheram-me para sua líder. Que o talismã permita que eu os sirva tão bem quanto eles vão nos servir.

— Eles nos ajudarão a retomar nosso reino?

— Disseram que sim. Os uisgus, que pareciam tímidos e medrosos na feira de Trevista, mas que na verdade são criaturinhas corajosas e mais fortes do que parecem. Viajam rapidamente em barcos puxados por uma espécie de pelrik gigante..

Anigel riu.

— Eu sei. Sou amiga de sangue dessas criaturas e viajei com elas.

— Sim, eu vi — disse Kadiya, com um sorriso. — E amanhã vai partir com seu exército, a caminho da Cidadela. E seu namorado principesco é agora seu general!

Anigel corou e disse, zangada:

— Ele não é meu namorado! Mas é um homem nobre e leal e jurou que será meu escravo para sempre.

Kadiya apenas sorriu.

Anigel pensou então num assunto mais importante.

— Kadi, além de ter visto você capturada por Hamil, tive outra visão horrível. Meu talismã mostrou Haramis com Orogastus e ela parecia enfeitiçada por ele!

Kadiya ficou séria outra vez.

— Há mais do que encantamento entre os dois... Ani. Eu vi Haramis e temo que nossa irmã esteja apaixonada pelo feiticeiro infame. Ou talvez apaixonada pelo poder que ele prometeu compartilhar.

— Não é possível!

— Sim, é — disse Kadiya, com ar sombrio. — Esta noite falei com a Dama Branca, por intermédio do meu talismã. A Arquimaga está muito perto da morte e deseja que Haramis a visite, mas Haramis insiste em ficar com o feiticeiro. Chamei Hara, mas ela não respondeu. Pode tentar falar com ela, mas não se surpreenda se não tiver resposta. As pessoas apaixonadas não pensam em mais ninguém a não ser no objeto do seu amor.

— Isto é horrível. A pobre Dama Branca! E nossa irmã. Se ela foi seduzida por Orogastus, então seu talismã deve estar controlado por ele. O que podemos fazer?

— Nada. A Arquimaga realizou a tarefa que se impôs. Nós três temos nossos talismãs. Porém, somos espíritos livres, você, eu e Haramis, e devemos fazer nossas escolhas.

Anigel disse com a voz trêmula de preocupação:

— Você sabe que, para a mágica funcionar totalmente, os três talismãs devem estar unidos. E há neles um potencial para o mal tanto quanto para o bem.

— Sim. Aprendi isso com alguém que encontrei na minha viagem, um servo dos Desaparecidos, se não me engano.

— Dos Desaparecidos? Mas como...

— É uma longa história que terá de esperar. Descanse agora, minha brava irmãzinha, e eu vou descansar também. Logo nos encontraremos na Cidadela.

Quando a imagem de Kadiya desapareceu, Anigel tentou chamar Haramis. Viu a irmã dormindo, mas, como Kadiya disse, Haramis não ouviu o chamado mental, completamente absorta, sonhando com Orogastus.

Anigel tirou a tiara. A luz do talismã diminuiu.

Não vou poder dormir, pensou ela. Mas então teve a idéia de tocar o talismã e pedir um sono reparador. Depois de um momento Anigel adormeceu suavemente.

De manhã, Anigel, Antar e uma grande frota de guerreiros wyvilos foram apanhar os cavaleiros acampados na outra margem do rio. Depois, subiram rapidamente o Grande Mutar, para a Catarata Tass, onde descobriram que o resto dos labornoks havia abandonado a posição, ignorando as ordens do príncipe.

Uma terceira tempestade se anunciava quando Anigel, Antar e seu povo pararam perto da catarata para resolver o que fariam. A princesa usou o talismã para uma imagem da cidade de Tass e verificou que estava quase deserta. Todas as barcas dos labornoks do grupo de busca do príncipe, bem como as dos soldados da guarnição, tinham partido para a Cidadela, antecipando a chegada das chuvas. Não haveria inimigos no topo da catarata, mas também não teriam nenhuma embarcação de grande porte para transportar o exército de wyvilos até a Cidadela.

— Subiremos o elevador de madeira — disse o Príncipe Antar. — Se fizermos várias viagens, podemos levar todas as canoas para cima. Então, esperaremos passar a tempestade e subiremos o Lago Wum a remo, até a embocadura do Baixo Mutar.

— Não, príncipe — disse o chefe Lummomu-Ko, dos wyvilos, adiantando-se. — Há um meio muito melhor de atravessar o lago. E não teremos de esperar o fim da tempestade. — Então explicou seu plano para Antar.

Embora fosse um homem corajoso, o príncipe empalideceu.

— Isso é possível? — perguntou Anigel, atónita.

— Até humanos já fizeram — disse Lummomu-Ko, com superioridade. — Há um certo perigo, é claro. Mas se conseguirmos, estaremos em Ruwenda dentro de poucas horas.

— Então é o que faremos — resolveu a princesa. Começaram a cair os primeiros pingos pesados de chuva.

Os wyvilos não se abalaram. Estavam à vontade tanto no sol quanto na chuva.

A princesa reuniu os cavaleiros.

— Meus amigos humanos, guardem suas armaduras, pois não vão precisar delas por algum tempo, e então seguiremos nosso caminho. Quando chegarmos à Cidadela, nos esconderemos no pântano próximo. De lá, convocaremos todos os nobres e o povo de Ruwenda que fugiram para o pântano, para nos ajudar a retomar nossa terra. Minha irmã, a Princesa Kadiya, também se dirige para a Cidadela com um grande exército de guerreiros uisgus. Se Deus quiser, estaremos preparados para enfrentar nosso inimigo na festa das três luas.

Anigel pôs na cabeça o chapéu de abas largas de Immu, para proteger os olhos da chuva, e foi a primeira a entrar no elevador de madeira.

Mais tarde, naquele mesmo dia, uma criatura faminta e patética chegou ao povoado de Let, sob a chuva forte, remando numa jangada de junco, e caiu desmaiada no cais. Os wyvilos viram que ela era do povo do pântano, portanto sua parenta, e resolveram ajudá-la. No dia seguinte, ela voltou a si perguntando pela Princesa Anigel. Os wyvilos ficaram atónitos.

— A Grande Dama está a caminho da Cidadela — disseram os wyvilos da floresta —, com seu talismã mágico na testa e um exército de wyvilos sob seu comando. Nossos guerreiros nos informaram que vão atravessar o lago nas asas da tempestade, sobre as grandes toras amarradas, com velas para aproveitar o vento.. Mas por que uma pobre coitada como você pergunta por ela?

— Pobre coitada pobre coitada pobre coitada! — gritou Immu. — Porque ela precisa de mim, só por isso!

E Immu fez tanto barulho e tanta desordem que eles concordaram em lhe dar uma canoa quando a tempestade passasse, com três jovens e fortes wyvilos nos remos. Assim, Immu partiu em busca da sua princesa.

CAPÍTULO 39



Horogastus e Haramis dirigiram-se para a Caverna do Gelo Negro. A princesa estava ansiosa para verificar se o tão decantado espelho era mesmo mágico ou apenas outro instrumento dos Desaparecidos, como suspeitava.

Na frente da porta coberta de gelo, antes de entoar o encantamento chamando os Poderes das Trevas, Orogastus olhou para Haramis e viu os olhos azuis muito grandes e muito brilhantes sob a máscara prateada e os lábios entreabertos num sorriso de expectativa.

O feiticeiro pensou que nunca Haramis lhe parecera tão bela e tão desejável, com a coroa de estrela e vestida de negro e prata, as cores do seu acordo com os Poderes das Trevas. Orogastus não se conteve e, segurando o rosto de Haramis com as duas mãos, beijou-a na boca.

Seus lábios separaram-se relutantemente e o feiticeiro suspirou.

— Espero que os Poderes não se ofendam. Mas vendo-a assim tão bela, tão misteriosa e tão perto de mim... Oh, Haramis, fique comigo! — implorou, envolvendo-a nos braços. — Sei que a Dama Branca a chamou. Mas ela vai tirá-la de mim, com suas velhas meias-verdades e meias-mentiras, e dominar sua vontade.

— Se não fosse por ela, eu não teria nascido — lembrou Haramis. — Devo ouvir suas últimas palavras. Ela me deu o Trílio Negro, ela me enviou nesta busca. Tenho certeza que me guardou e me guiou quando eu estava prestes a morrer nas montanhas. Não posso ignorar o seu pedido. Se você disse a verdade, nada tem a temer dessa visita.

— Ela vai tirar a coroa de Ruwenda de você!

— Não. Ela guarda a coroa para mim. E com a coroa ou sem ela, eu sou a rainha de Ruwenda, não importa quais os soldados que ocupem a Cidadela!

— Seus olhos encontraram os dele com desafio.

Orogastus suspirou.

— Por que discutir aqui neste frio? O espelho de gelo nos espera.

Ele começou uma evocação solene dos Poderes das Trevas, pedindo para os dois a complacência de entidades que, para Haramis, provavelmente nem existiam. Pobre homem iludido! Mas ela não sorriu. Deixaria que os outros acreditassem nos poderes mágicos de Orogastus, enquanto ela continuava a avaliar sua sinceridade. Começava a se convencer de que a maior parte dos poderes extraordinários de Orogastus nada tinha a ver com magia. Mesmo assim, ele os usava. Poderão ser anulados pela minha mágica? pensou ela, lembrando-se do pequeno bloco "mágico". É provável que sim, mas acho melhor não experimentar neste precioso espelho de gelo — ele me mataria, sem dúvida, se eu o estragasse. Não, devo observar e aprender.

Quando entraram na sala do grande espelho de gelo, e Orogastus chamou o demônio que morava nele, Haramis não precisou fingir seu espanto. O feiticeiro havia sugerido que procurassem ver suas duas irmãs e ela concordou imediatamente, sentindo-se culpada por não procurar se comunicar com elas há tanto tempo, com seu talismã. Porém, depois daquela primeira vez, quando verificou que as duas estavam seguras, esquecera-se delas, voltando-se para as próprias preocupações que pareciam muito mais importantes...

Agora, obedecendo à ordem de ficar em silêncio, esperou que Orogastus terminasse seu pedido e que o espelho (que Haramis verificou tratar-se de uma espécie de máquina, e por sinal muito malconservada) respondesse com um palavreado eco, mostrando primeiro um mapa, depois uma imagem espantosamente clara e colorida de Kadiya, depois de Anigel.

As duas viajavam por água, sob chuva pesada, e ambas estavam caladas. O espelho transmitiu os ruídos naturais que acompanhavam cada imagem.

Kadiya viajava com um verdadeiro exército de oddlings uisgus, num barco nativo feito de junco trançado. O mapa do espelho indicava que a frota uisgu estava no Alto Mutar, logo acima de Trevista. O grande rio corria turbulento, repleto de árvores arrancadas e outros objetos arrastados das margens. Mas nem a chuva, nem os obstáculos pareciam incomodar Kadiya ou seus pequenos companheiros. Alguns uisgus usavam armaduras de escamas douradas, como a princesa, e todos empunhavam armas primitivas. Mas Kadiya não tinha sequer sua pequena adaga, apenas o talismã, aquela coisa estranha que parecia uma espada de Misericórdia sem ponta.

A visão de Anigel era mais alarmante. O espelho mostrou uma jangada enorme feita de grandes toras de madeira amarradas com cordas fortes. Estava equipada com um mastro e uma grande vela quadrada, que apanhava o vento e conduzia a jangada velozmente, vencendo as ondas enormes do lago. Anigel estava agachada calmamente numa cabine minúscula, molhada até os ossos, com a tiara talismã na cabeça. Uma grade protetora rústica fora erguida em toda a volta da jangada e os cabos com uma das pontas presas a ela e a outra no mastro serviam de apoio para os numerosos passageiros. Alguns deles eram humanos, deitados de bruços, sujos e molhados, outros eram oddlings de aspecto estranho, altos, que pareciam estar se divertindo muito com a viagem perigosa.

Haramis teve o cuidado de só falar quando o espelho se apagou, embora as perguntas fervilhassem em sua mente. Era evidente, pelas indicações do mapa, que suas irmãs dirigiam-se para a Cidadela e que ambas tinham encontrado seus talismãs e os estavam usando. A Dama Branca teria dado a elas instruções especiais ou estavam fazendo aquilo por conta própria? Estariam pensando em atacar o exército armado do Rei Voltrik com aqueles bandos de nativos? Por acaso seus talismãs as faziam acreditar que essa loucura teria sucesso?

Como se lesse seus pensamentos, Orogastus disse, quando o espelho se apagou:

— Suas irmãs usaram seus talismãs para matar.

Paralisada de espanto, Haramis olhou para ele sem dizer palavra. Orogastus a conduziu para fora da câmara e para o túnel que levava à sua torre.

— Kadiya e Anigel pensam que podem libertar" Ruwenda usando seus talismãs como armas mágicas — com a ajuda dos seus amigos oddlings e do Príncipe Antar, que traiu o rei seu pai e colocou-se a serviço da causa da Princesa Anigel. Ela salvou sua vida na Floresta Tassaleyo e agora ele está completamente apaixonado. É claro que nenhuma das duas tem a menor chance contra Voltrik. Não compreendem ainda como funcionam seus talismãs, nem quais as suas limitações. Sem dúvida pensam que basta brandir o objeto mágico para que os inimigos caiam mortos... Mas isso não vai acontecer. Voltrik está protegido por minha mágica poderosa, sob o comando da minha Voz Verde.

— Oh, as duas tolinhas! — gemeu Haramis. — Não posso acreditar que a Arquimaga as tenha mandado atacar a Cidadela. Estão fazendo isso por conta própria!

— Os talismãs de Anigel e de Kadiya não foram feitos para serem usados separadamente. Minhas pesquisas deixam isso muito claro. Os Desaparecidos usavam essas três partes como um único talismã, o grande Cetro do Poder, para estabelecer um misterioso equilíbrio no mundo. É seu dever, Haramis, reunir outra vez o Três em Um. Com ele em suas mãos, poderá governar um mundo renascido para a paz e a prosperidade.

— Eu? Governar o mundo?

Ela riu. Foi como se sua mente se tivesse congelado ao ouvir essas palavras e Haramis as rejeitou imediatamente. Perguntava a si mesma qual seria o grande plano que a Dama Branca havia ocultado delas e que talvez fosse revelar agora. Irei ver a Arquimaga, logo que for possível, resolveu.

Enquanto atravessavam apressadamente o túnel, Haramis olhou para Orogastus através da máscara e viu que os lábios dele estavam apertados numa linha dura. Ele não estava falando levianamente. Acreditava no que dizia e era melhor levá-lo a sério. Haramis precisava procurar a Arquimaga imediatamente e exigir uma explicação sobre o tal Cetro do Poder. Mas, e suas irmãs? Se Voltrik ainda não sabia, logo seria informado pelo feiticeiro sobre sua intenção de atacar a Cidadela. O rei enviaria seu exército — e sem dúvida Voz Verde também — ao encontro delas.

— Orogastus — perguntou Haramis —, pode evitar que Voltrik envie seu exército para combater minhas irmãs? Deixe-me convencer as duas da tolice desse plano!

— Se elas se retirarem imediatamente para o interior do pântano não correrão perigo imediato. Os soldados de Voltrik dificilmente estarão dispostos a uma guerra ofensiva, ou mesmo a organizar uma perseguição durante a estação das chuvas. Mas acredita que suas irmãs vão ouvir seu conselho?

— Sempre me ouviram antes. Mas agora, com seus talismãs... — Haramis não terminou a frase, preocupada e ansiosa.

— Posso dar ordem à Voz Verde para não atacar suas irmãs com meus relâmpagos ou outras armas semelhantes. Mas é impossível evitar que o Rei

Voltrik trate as princesas ou seu bando de oddlings como bem entender. Os talismãs não as protegerão. Se eu estivesse na Cidadela, podia convencer Voltrik. Mas daqui, trabalhando só através da Voz Verde, não posso.

Chegaram ao fim do túnel, entraram na torre e logo foram envolvidos por um calor agradável. Haramis segurou as duas mãos de Orogastus.

— Ainda há tempo. Para nós dois e para minhas irmãs. Não sei quais são seus planos e não quero saber enquanto não chegar a uma conclusão sobre nós dois. Mas, se eu voar até a Arquimaga e resolver, você me esperará na Cidadela para saber a resposta? E, enquanto me espera, vai tentar convencer o Rei Voltrik a não enviar seu exército contra Anigel e Kadiya? Eu posso fazer com que elas voltem! Sei que posso! Mas primeiro tenho de saber quais são as intenções da Arquimaga...

— Deixe-me orientá-la. Já tenho um plano..

— Não! — Haramis, pálida, trêmula, retirou o capuz com a estrela e não cedeu quando ele a abraçou e beijou no alto da cabeça.

— Minha querida, você fará o que deve fazer — disse Orogastus. — Porém, há uma falha muito grave na sua estratégia.

— Não posso chegar tão depressa à Cidadela. Não conto, como você, com a ajuda dos lammergeiers.

— Pedirei a Hiluro para chamar um dos seus companheiros e ele o levará rapidamente.

Ele apertou o abraço.

— Faria isso? Confiaria em mim a esse ponto? Haramis ergueu para ele o rosto banhado em lágrimas.

— Você é um homem que há muito guarda em segredo o próprio coração. Talvez tenha erguido muralhas tão fortes para isolá-lo que nem sabe mais o que ele contém. Acho que não sabe ao certo qual o caminho que deve tomar. Assim como eu, terá de fazer sua escolha.

— Sim — admitiu Orogastus. Deixou cair os braços ao lado do corpo e evitou os olhos dela.

— O lammergeier virá buscá-lo — disse ela — e nos encontraremos na Cidadela um pouco antes da festa das três luas. Espere por mim.

Haramis afastou-se, deixando-o sozinho e imóvel, com a máscara prateada a seus pés, fixando nele os olhos vazios.

CAPÍTULO 40



Naquele mesmo dia chegaram ao outro lado do Lago Wum, na louca corrida sobre as toras de madeira, e os wyvilos conduziram as estranhas embarcações para as ilhas da floresta do Pântano Verde, no delta no Baixo Mutar, protegidos pela tempestade.

Lá os nyssomus os esperavam com cem barcos, e saudaram a Princesa Anigel com grande respeito. Os pequenos nyssomus do pântano transportaram Anigel, seus cavaleiros e os wyvilos através de riachos secretos até uma ilhota seca desconhecida pelos humanos. O cômodo de terra, que se tornaria a base do exército de Anigel, ficava a poucas léguas de uma mansão no Rio Skrokar, que havia pertencido ao Lorde Manoparo dos Companheiros Fiéis e estava agora ocupada pelos labornoks. Porém, os edifícios externos e o solar da viúva abrigavam inúmeros membros da família Manoparo e seus servos e criados domésticos.

Os nyssomus locais haviam avisado a senhora do solar, Lady Ellinis, da chegada de Anigel. A senhora foi conduzida à ilhota isolada no meio da noite e cumprimentou a princesa com lágrimas e entusiasmo discreto.

Lady Ellinis era uma mulher de cabelos grisalhos com o rosto de traços finos marcados pelos sofrimentos recentes. Perdera o marido e dois filhos na defesa desesperançada da Cidadela. Sentou ao lado de Anigel, no abrigo feito pelos wyvilos, sob a copa molhada de chuva das árvores gondas, e conversaram sobre o plano da princesa para atacar a Cidadela ajudada por sua irmã Kadiya e seu exército de uisgus.

— Acho espantoso que estejam dispostas a tentar um ataque logo depois da conquista — disse Ellinis —, embora seja verdade que as forças de Voltrik não estão completamente preparadas, que seu exército está dividido e que terão de lutar em campo desconhecido, inundado pelas chuvas. Mesmo assim...! Vocês são tão jovens! Sem nenhuma experiência de guerra! E mesmo que os nossos nobres e fidalgos, espalhados por toda parte, venham em seu auxílio, como esperam, a maior parte do seu exército é de oddlings. Minha querida Princesa Anigel, desejo seu sucesso acima de tudo no

mundo. Mas os labornoks são guerreiros experientes e tudo parece estar contra vocês.

Anigel levou a mão à tiara, onde o trílio cintilava dentro do âmbar.

— Não sei por que, mas estou certa de que a vitória será nossa. Talvez minha confiança neste empreendimento tão ousado seja obra do talismã. Tudo que posso dizer, querida Ellinis, é que tive de vir até aqui agora, no momento da conjunção das três luas, para atacar os labornoks na Cidadela. O mesmo acontece com minha irmã Kadiya.

Lady Ellinis aconchegou mais o manto ao corpo. Um pequeno braseiro ardia no abrigo e nele Anigel preparava chá darei contra a umidade penetrante. Ellinis disse:

— Fiquei atônita quando um nyssomu procurou-me secretamente e disse que vocês estavam atravessando o Lago Wum. Os oddlings podem se comunicar a distância, sem palavras, e suponho que tenham passado a notícia por todo o Pântano Labirinto...

— Para todo o seu povo, sim — concordou Anigel, solenemente. — Meus aliados, os wyvilos, nunca tiveram muito contato com os nyssomus ou com os uisgus. Porém, a conquista do nosso país pelos labornoks foi -um desastre, não só para os humanos de Ruwenda, como também para os nativos que vivem entre nós. Assim, os wyvilos abandonaram seus costumes tradicionais e até os pacíficos nyssomus estão dispostos a nos ajudar do melhor modo possível.

A chuva cessou, uma neblina densa pairava no ar. Os wyvilos construíam abrigos de palha e bambu para eles e para os que iam chegar. Como todos os do seu povo, enxergavam muito bem no escuro e trabalhavam com eficiência, como se fosse dia claro.

Lady Ellinis olhou para um wyvilo alto, que segurava um machado, e estremeceu.

— Eu nunca tinha visto um oddling da Floresta Tassaleyo e confesso que os acho assustadores. Não são tão feios quanto os skriteks, e parecem mais civilizados, mesmo assim, admira-me que você confie tanto neles.

Anigel sorriu.

— Seus rostos são horríveis, mas são nobres de coração e adoram o Trílio Negro, como seus primos menores. Graças aos wyvilos enviamos mensagens, através dos nyssomus, para os grupos de ruwendianos livres, que estão vindo de todas as direções para se juntarem a nós.

— Meu povo e meus três filhos estão às suas ordens — disse Ellinis. — E vocês podem dispor dos alimentos que conseguimos esconder do inimigo. Mas já temos cerca de quinhentos oddlings aqui e você disse que espera um número três vezes maior, ou talvez mais, de nyssomus e humanos que deverão chegar nos próximos dois dias. Receio que não tenhamos alimentos para todos para mais de poucos dias.

— Não ficaremos aqui por muito tempo. Se não vencermos na festa das três luas, teremos de nos retirar — confessou Anigel. — Mas vamos vencer. Eu sei!

A princesa estava de pé, com expressão decidida, ainda com o traje de caça dado pelos wyvilos. Lady Ellinis notou com admiração a diferença entre a mulher que via agora e a princesa frágil e fútil que havia encontrado há cinco semanas, num baile, antes da invasão. Aquela Anigel era uma figurinha tímida e ornamental, de cabeça vazia, interessada apenas nos mexericos da corte ou na moda do momento. Esta nova mulher era assustadora na sua dedicação, e Ellinis mal podia acreditar. Anigel serviu o chá, sem nenhum sinal da sua antiga futilidade, graciosa e confiante, como se a jarra de barro fosse um bule de prata e o abrigo úmido e invadido pelo vento, o solar da rainha, na Cidadela. Aos poucos, as dúvidas de Ellinis desapareceram e ela começou a achar que a aventura não era tão impossível, afinal.

— Este Príncipe Antar — disse Ellinis, em voz baixa. — Quando o apresentou, percebi claramente que ele está apaixonado por você. Entretanto, julgo meu dever aconselhá-la a não confiar muito nele.

Concordando com um gesto, Anigel sentou-se outra vez e disse, com voz inexpressiva:

— Ele jurou lealdade a mim, bem como a maioria dos seus homens. Porém, três cavaleiros recusaram-se a fazer o mesmo e estão sendo vigiados de perto — e são excluídos dos nossos conselhos de guerra.

— Mas, afinal de contas, Antar e seus cavaleiros são labornoks!

— Querida Ellinis, não sou mais tão simplória e confiante como antes e é verdade que o Príncipe Antar precisa ainda provar sua lealdade. Você disse que ele me ama, e é verdade também. Mas eu sinto por ele apenas um profundo respeito e, assim mesmo, muito cauteloso.

— Ótimo! — disse Ellinis enfaticamente.

— Porém, tenho de confiar em Antar para certas coisas, pois não entendo nada de táticas de guerra. Se vencermos, será sob seu comando. Não sei o que há no fundo do seu coração, mas estou certa de que é um homem bom, e que abomina a crueldade do pai, o Rei Voltrik. Disse-me que muitas pessoas do seu povo pensam assim, e talvez possamos, por intermédio dele, dividir os labornoks.

— Rezarei para que você esteja certa.

Conversaram por mais algum tempo e Ellinis levantou-se para partir. A dama da mansão beijou Anigel, como era hábito, mas a princesa não esperava a profunda reverência da castelã, antes de se retirar com sua acompanhante e com o guia nyssomu.

Antar entrou no abrigo quando Ellinis saía e Anigel disse:

— Ela nunca me tratou com tanta deferência antes. Na verdade, como uma mulher sensata, jamais deu muita atenção à minha pessoa.

— Pois então devia ser uma tola — observou o príncipe, sorrindo. — Mas vim para dizer que seu acampamento cresce rapidamente e já temos abrigos suficientes, para o caso de a chuva recomeçar. — Continuou, preocupado: — O chefe wyvilo Lummomu-Ko acha que os nyssomus, embora cheios de boa vontade, nunca serão bons guerreiros. São muito pequenos e a única arma que sabem usar com eficiência é a zarabatana. Num assalto frontal serão inúteis. Só poderão ser usados em escaramuças e ações irregulares.

— Pois então façam planos para isso — disse Anigel, serenamente. — Tem uma estimativa do número de humanos com que podemos contar?

— Com sorte, setecentos ou oitocentos ruwendianos livres poderão vir até aqui ou chegar ao rio, abaixo da Cidadela, antes da festa das três luas. A maior parte será de cavaleiros ou soldados que fugiram para o pântano quando a Cidadela foi tomada, com alguns senhores e homens armados das mansões do sul, que não chegaram a nos enfrentar — quero dizer, não enfrentaram nossos inimigos — durante a invasão.

— Ótimo. Agora, se ao menos o Conde de Goyk e os outros senhores livres de Dylex chegarem a tempo... — Não terminou a frase e virou o rosto, para esconder o constrangimento.

Antar, que nunca ouvira falar do Conde de Goyk e não sabia nada sobre o papel desse nobre nos planos de Anigel, compreendeu que a princesinha temia ainda confiar inteiramente nele. O príncipe ajoelhou lentamente.

— Minha senhora, se me ordenar, não direi nada sobre o conde aos meus leais companheiros. Peço que confie em nós — mas, se não for possível, talvez seja melhor mandar me prender e aos meus homens. Assim, ficará livre de qualquer preocupação que possa causar nossa presença.

— Eu confio em você — disse Anigel, tristonha — e em quase todos os seus cavaleiros. Mas sinto que Sir Rinutar e seus amigos, Turat e Onbogar, podem nos trair. Sei que concordaram com uma trégua, mas acho que foi um grande erro trazê-los a este acampamento secreto. Devíamos tê-los deixado na margem do lago, como Lummomu-Ko nos aconselhou.

O príncipe curvou a cabeça.

— Talvez. Mas ilhados na tempestade, num pântano repleto de perigos desconhecidos, certamente morreriam antes de encontrar o caminho para a guarnição dos labornoks. Como você mesma disse.

— Eu não quero vê-los mortos! Mas também não posso permitir que nos traiam para o Rei Voltrik.

Sempre ajoelhado, Antar segurou a mão fria da princesa.

— Anime-se, princesa. Os três se perderiam em poucos minutos se deixassem esta ilhota e se aventurassem no pântano, e ninguém aqui os ajudaria a escapar. Meus quinze companheiros fiéis e eu mesmo os vigiaremos. Não tenha medo.

Com um suspiro, Anigel olhou para ele.

— Acho que tem razão. Estou tensa como uma corda de arco, preocupada com o que vai nos acontecer nos próximos três dias. O Conde de Goyk, que citei há pouco, inadvertidamente, governa o feudo mais distante de Ruwenda, a nordeste do Dylex, no sopé dos Montes Ohogan. Ele, o Conde de Prok e os outros senhores do leste não foram subjugados por seus homens de Labornok.

— Eu sei, seria a nossa primeira prioridade depois das chuvas de inverno. Para pacificar aquela região e também o sul.

— Quando os wyvilos concordaram em me ajudar, pedi que usassem sua comunicação sem palavras para descobrir os humanos não conquistados. Através dos nyssomus, fizeram contato com todos que fugiram da Cidadela e com certos nobres de guarnições fortificadas, como Lady Ellinis e mais algumas mansões do sul. Isso você já sabia. Porém, meus amigos wyvilos falaram também com os vispis, os nativos das montanhas. E os vispis nos informaram que os condados de Goyk e de Prok ainda estavam livres.

O príncipe fez um gesto afirmativo:

— Compreendo. E então os oddlings das montanhas convocaram esses nobres para que viessem em sua ajuda.

— O Conde de Goyk é um homem obstinado e é também meu tio-avô Palundo. A princípio não quis acreditar no que dizia o povo das montanhas — que eu e minha irmã Kadiya estávamos prontas para atacar a Cidadela. Mas falei pessoalmente com os vispis, informando-os sobre certos segredos conhecidos somente pelos membros da família real, e meu tio Palundo finalmente se convenceu. Quando saímos de Let com os wyvilos, dois mil cavaleiros armados e soldados de Goyk e de Prok partiram dos seus condados distantes em barcos velozes. É uma longa viagem — mas os rios estão cheios, e ontem eles passaram pelo castelo de Bonor, cerca de sessenta léguas a oeste daqui. Se tudo correr bem, chegarão a tempo de nos ajudar.

Os olhos de Antar brilhavam.

— Ótimo, cada vez melhor! Oh, minha senhora, não imagina o peso que tirou do meu coração! Nossa situação não parece tão desesperada. Somos ainda em menor número, mas teremos muitos cavaleiros experientes ao nosso lado! — Beijou a mão dela, num transporte de alegria.

Anigel ficou rígida, depois, vendo o desaponto do príncipe, sorriu.

— Acha-me assim tão repulsivo? — perguntou Antar, tristemente.

— Não. De modo nenhum. Apenas — fiquei surpresa. Você compreende, tenho de pensar em tantas coisas.

Ela parecia tão pequena e confusa, aquela jovem mulher com a coroa mágica, sentada numa pedra coberta de musgo, com o rosto iluminado pelo pequeno braseiro, que o coração de Antar encheu-se de piedade e de amor. Ele levantou-se e virou o rosto para que Anigel não visse as lágrimas nos seus olhos.

— Sim, minha senhora, tem muito em que pensar. Demais até para uma pessoa tão jovem e de natureza tão sensível.

— Eu vou me sair bem — disse Anigel, secamente. Antar voltou-se para ela.

Agora eu a ofendi. Minhas mais humildes desculpas.

— Eu aceito. — Por um momento seus olhos se encontraram. Então, Anigel desviou os seus, absorta em outros pensamentos, e o sentimento que pareceu uni-los por um instante morreu antes de nascer.

Antar perguntou a si mesmo se havia realmente percebido alguma coisa. Sua vontade era professar em voz alta sua adoração — mas Anigel continuava a fitar uma das paredes do abrigo, tocando com a ponta dos dedos a tiara prateada.

— Desejo-lhe uma boa noite, então — disse ele.

Mas Anigel não respondeu. Escutava a imagem da sua irmã Kadiya que acabava de aparecer em sua mente.

— Haramis disse o quê?

— Ani, ela me disse para voltar. Foi uma ordem! Como se eu fosse ainda uma criança levada recusando-me a sair dos estábulos e voltar para casa!

— Ela disse por quê?

— Tem medo de que Voltrik saiba que estamos a caminho e que envie seus homens para nos impedir de chegar à Cidadela. Mas isso é ridículo! Os nyssomus saberiam imediatamente se um grande número de homens saísse da Cidadela. Eles nos avisariam e podíamos nos esconder nos atoleiros e nos remansos do pântano, onde nenhum homem da planície se aventuraria. Foi o que eu disse. Mas Haramis ficou irritada e jurou por seu amuleto e seu talismã que eu estou navegando para minha morte e que vou desbaratar um grande plano. Perguntei se o plano era dela ou de Orogastus e ficou furiosa.

— Acha que está enfeitiçada por ele, Kadi?

— Quem sabe. Ela já disse a você todas essas bobagens também?

— Não. Mas tenho estado tão ocupada e tão cheia de problemas que mal tive tempo para respirar.

— Se ela tentar falar com você — não responda!

— Kadi!

— Falo sério. E não conte nada mais sobre seus planos para Hara. Ela foi ver a Arquimaga, supostamente para ouvir da Dama Branca sua versão dos nossos destinos e o objetivo dos talismãs. Talvez nossa irmã apaixonada recobre o juízo em Noth. Mas não conte com isso. Não fale mais com ela. Haramis não deve saber nada sobre nossos planos até nos encontrarmos pessoalmente e esclarecermos tudo isto.

— Bem. acho que é a coisa mais prudente.

— Ela me disse também que o feiticeiro chegará amanhã à Cidadela.

— Como? Ele estava na montanha, com Hara.

— Ela emprestou um dos seus pássaros mágicos. Quando a censurei — na verdade, eu a chamei de idiota e de miolo de galinha —, Haramis insistiu, dizendo que estava agindo no nosso interesse.

— Agora teremos de lutar também contra os encantamentos de Orogastus, além do exército de Labornok. Oh, Kadi...

— Muito bem, não desanime. Hara acredita que o poder mágico de Orogastus é muito limitado. Segundo ela, sua taumaturgia baseia-se quase toda em certas máquinas fabulosas dos Desaparecidos! Os relâmpagos, as línguas de fogo e a chuva de aço que destruíram os fortes das colinas, o ruído horrível e ensurdecedor que apavorou as cidades de Dylex, até mesmo o pânico dos froniais dos nossos cavaleiros — tudo não passa de truques mecânicos, sem nenhuma magia verdadeira!... Se Hara está dizendo a verdade...

— Kadi, eu não compreendo. Tem de existir magia. Nossos Trílios Negros... nossos talismãs... a própria Arquimaga! A magia está no mundo todo!

— Não se preocupe, Ani. O importante é lembrar que não podemos permitir que nossa irmã nos detenha agora. Portanto, não dê ouvidos aos seus avisos malucos. Continuo muito à frente de Osorkon e seus homens, tenho mais de

três mil uisgus comigo e elaborei um plano para invadir a Cidadela, evitando uma batalha fora do Knoll, onde certamente seríamos detidos pela cavalaria de Voltrik.

— Oh! Conte-me seu plano!

— Para você tagarelar com aquele covarde Antar? Nada disso. Vai saber quando nossos exércitos se encontrarem, na véspera das três luas.

— Você está fazendo mau juízo de mim e de Antar.

— Espero que sim. E espero estar fazendo mau juízo da nossa irmã também! Enquanto isso, tenha muito cuidado e encontre-me no lugar que vou mostrar... Quando estivermos juntas, vamos convidar o Rei Voltrik e Orogastus para uma comemoração especial da festa das três luas!

CAPÍTULO 41



O dia estava nascendo quando Hiluro começou sua descida para Noth. Haramis, na noite anterior, tinha chorado até adormecer, e sonhou com uma conversa com Kadiya, na qual a irmã, escandalizada, censurava sua ligação com Orogastus. Kadiya sem dúvida teria tentado apunhalar o feiticeiro e seria destruída por um relâmpago — como ousava dizer que a conduta de Haramis era escandalosa! Agora, a princesa acordou com a luz do dia nos olhos cansados. Todos os seus músculos doíam, mas sua posição nas costas do pássaro não encorajava muito movimento. Assim, ela não via a hora de aterrissar.

Quando o lammergeier começou a voar em círculos sobre a torre de pedra da Arquimaga, Haramis olhou para baixo, atônita. Na sua última visita, a torre estava coberta de vegetação verde, com um gramado florido em toda a volta. Agora, apenas alguns galhos esqueléticos subiam pelas paredes e o que restava do gramado era marrom e cheio de ervas daninhas. A pouca água do fosso estava suja e cheia de espuma malcheirosa.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Haramis em voz alta.

Hiluro estremeceu e por um momento ela pensou que o pássaro ia responder, mas ele continuou em silêncio.

Os soldados do Rei Voltrik teriam chegado tão longe?, pensou ela. Não. A destruição seria diferente. Eles teriam queimado e demolido tudo, mas isto parece apenas morto. Não há nenhuma razão para tudo secar desse modo, não nesta época do ano!

Lembrou do grande número de jardineiros que trabalhavam na Cidadela. Talvez com a iminência da morte da Arquimaga, seus empregados — Haramis lembrava-se de a Arquimaga ter mencionado um empregado, o mordomo — não tinham tempo para cuidar das plantas. Mesmo assim, não podia estar tudo morto!

O lammergeier aterrissou na extremidade da ponte levadiça e Haramis desceu, preocupada com o que ia encontrar lá dentro. A Arquimaga estaria

morta? Estava bem forte na noite passada, quando falou comigo, pensou.

Uma sensação de urgência apossou-se dela e Haramis atravessou correndo a ponte, o pátio de mosaico, quase todo coberto de musgo morto, passou pela fonte agora seca, atravessou o jardim, um solo árido com algumas flores mortas espalhadas, as raízes ainda na terra que não as alimentava mais. Não ficou surpresa quando viu que a porta pesada que levava aos aposentos da Arquimaga estava aberta.

O quarto estava quente e abafado e um oddling — um nyssomu que Haramis não conhecia —, agachado perto da lareira, colocava pedaços de turfa no fogo. Ergueu os olhos quando a sombra da princesa, de costas para o sol nascente, caiu sobre ele.

— Senhora Haramis — disse o oddling. — Bem-vinda a Noth — ela disse que a senhora chegaria em tempo. — Indicou a cama com um aceno da cabeça.

— Saudações... Você deve ser Damatole — disse Haramis.

A Arquimaga dissera o nome apenas uma vez, por ocasião da sua última visita, mas Haramis fora ensinada desde pequena a lembrar o nome, o rosto e as características principais de todos que conhecia ou de quem ouvia falar. Seus pais consideravam essa habilidade uma parte importante da sua educação para ser rainha.

— Sim, minha senhora. — O pequeno nyssomu fez uma reverência. — É uma honra para mim servir à Senhora Binah e à princesa. Ela dorme agora, mas logo vai acordar. Aceita um pouco de chá?

— Aceito — disse Haramis, agradecida. — É claro que aceito. Muito obrigada, Damatole.

O oddling saiu apressadamente do quarto e Haramis, apanhando uma banqueta, sentou-se silenciosamente ao lado do leito da Arquimaga, observando a mulher adormecida.

Binah parecia pior do que da última vez que a vira, com a pele ressecada e flácida. Ela acordou quando Damatole voltou com o chá.

— Haramis — disse ela, falando devagar. — Você veio.

— É claro que vim — disse Haramis. — Você me chamou. Além disso, preciso de mais informações sobre o uso dos talismãs. Infelizmente, o fato

de encontrar o Círculo de Três Asas não me ensinou como usá-lo. Na biblioteca de Orogastus encontrei alguma informação a respeito — incluindo um livro segundo o qual os três devem ser unidos para formar um cetro...

— Ainda não — interrompeu a Arquimaga. — Você não está preparada para controlar esse poder. Precisa adquirir muita sabedoria — muito mais do que possui.

— Onde vou aprender toda essa sabedoria? — perguntou Haramis, irritada e impaciente. — Patinhando na lama do pântano, enquanto o exército de Voltrik saqueia meu reino? Ou a encontrarei em minhas irmãs — que usam seus talismãs para matar?

A Arquimaga disse, com tristeza:

— Elas também não possuem a sabedoria necessária — suspirou. Depois de um longo silêncio perguntou, com voz severa: — Por que ficou tanto tempo com Orogastus?

Haramis franziu a testa, procurando a resposta certa.

— Eu estava tentando descobrir como ele é — você mesma me disse para procurar conhecer suas fraquezas. É estranho. Aparentemente ele pensa que os aparelhos dos Desaparecidos são mágicos — foi o que ele disse! Ficou muito zangado quando eu quebrei um deles — disse que o aparelho estava morto. Mas máquinas não têm vida, têm?

— Não — disse a Dama Branca. — E você pensa que os aparelhos são mágicos?

— Não. Não posso explicar exatamente, mas não sinto que sejam mágicos. Porém, magia ou máquinas, eles lhe dão poder e esse poder, seja lá o que for, pode causar muito mal. Enquanto esse poder existir, vou procurar saber como funciona!

— Então, procurou Orogastus para descobrir o uso do poder? Acha isso prudente?

— O que é prudente? — respondeu Haramis, com amargura. — Você estava aqui na cama quando meu lar foi invadido, meus pais terrivelmente assassinados e centenas de vispis chacinados, porque você os chamou tarde

demais para enfrentar um inimigo muito mais poderoso. Isso é sabedoria? Se é, qual a vantagem em ser sábia e prudente?

— Sei que você está sofrendo e está confusa, Haramis — disse a Dama gentilmente —, mas deve aprender a olhar além deste momento para ver um cenário muito mais vasto.

— Isso — respondeu Haramis — foi exatamente o que Orogastus disse. E se meus pais eram nada e suas mortes sem importância... — Começou a chorar, magoada, zangada e desamparada. E agora você vai morrer também, pensou, no seu desespero, e ficarei sozinha com meu reino ocupado por soldados inimigos, minhas irmãs não sei onde, e o Rei Voltrik tentando nos matar. Não sei o que fazer e parece que ninguém sabe.

— Eu protegi Ruwenda durante um longo tempo — disse Binah, suavemente —, muito mais longo do que você pode imaginar. Amei a terra e seu povo e os guardei e ajudei a crescer como deviam. Foi um grande trabalho que me deu muito prazer. Mas agora meu tempo está no fim e o seu está começando. — Virou a cabeça e seus olhos se encontraram. — Você disse que Orogastus a convidou para ir à sua torre. Diga-me, Haramis, por que ele convidou a você e não às suas irmãs?

Haramis olhou espantada para a Arquimaga.

— Não sei — nunca pensei em perguntar isso.

— E agora, que sabe a pergunta, qual acha que é a resposta?

Haramis franziu a testa, tentando lembrar as palavras exatas do convite de Orogastus, bem como tudo que ele havia perguntado quando estava na torre.

.— Acho que ele se sente muito sozinho — disse lentamente. — Falou da minha fama de estudiosa e do seu desejo de compartilhar seus conhecimentos comigo... Acho que está procurando alguém igual a ele, capaz de usar magia e pensar como ele pensa, alguém que entenda o que ele diz.

— E você é igual a ele? — perguntou a Arquimaga, em voz baixa.

— Em certas coisas, sou — admitiu Haramis. — Não quero explodir ninguém com relâmpagos, nem invadir outras terras, nem matar pessoas —

mas posso compreender o desejo de aprender, de tentar compreender o mundo...

— ...de ver os padrões da vida à sua volta?

— Sim — disse Haramis —, exatamente.

— E quando conquistar esse conhecimento, o que pretende fazer com ele?

— O que quer dizer?

— Usaria esse conhecimento para ferir e destruir, para manipular as pessoas e impor a elas sua vontade? — É claro que não! — respondeu Haramis, indignada. — Isso é errado. As pessoas devem ter liberdade de escolha e não serem usadas como fantoches para divertimento dos mais fortes e mais inteligentes. Mas, por que eu precisaria fazer alguma coisa com meu conhecimento? Por que não posso simplesmente estudar e aprender e ter prazer no que aprendo e no que posso ver? Por que terei de usar isso?

— Porque você é o que é e não pode esconder. Eu vejo, Orogastus vê e qualquer outro com algum conhecimento de magia pode ver. — A voz da Arquimaga era intensa agora. — Haramis, você compreende as palavras. A maioria das pessoas não conhece a importância das palavras, não sabe que dizer uma coisa significa dar a ela uma sombra de existência — e nomeá-la realmente significa lhe dar vida. Você ouve, escuta e lembra e isso é um dom muito raro. Sem ele, jamais poderá compreender a magia, a maior parte dela será praticamente inconcebível para você. Kadiya possui grande ardor e determinação e Anigel tem um coração amoroso e compassivo, porém esses dons, embora grandiosos e de grande valor, não são o que se exige para o uso completo da magia. Sua paixão é o conhecimento, Haramis, e isso, combinado com o sangue real de Ruwenda, fará de você uma maga. Se se negar o uso dessa habilidade, você — e eles — serão usados por pessoas como Orogastus.

— É por isso que me sinto como uma peça sem importância no jogo que você e Orogastus estão disputando? — perguntou Haramis.

Os olhos da Arquimaga chamejaram nas órbitas como se contivessem toda a vida que lhe restava.

— Você se sente como uma peça sem importância porque tem sido exatamente isso, Haramis. Mas está chegando na última casa do tabuleiro, onde pode escolher o que deseja ser.

— Uma rainha, é claro — disse Haramis, surpresa. — Não foi essa a escolha feita para mim há muitos anos?

— Não — disse a Arquimaga, quase num sussurro —, essa escolha só será feita quando você escolher. O importante é restabelecer o equilíbrio do mundo, o que só será feito se,” e quando, você e suas irmãs encontrarem seu próprio equilíbrio. A coroa pode não ser o seu destino.

— O que quer dizer? — perguntou Haramis, horrorizada. — Vamos perder nosso reino para Voltrik? Eu vou ser morta? Ou aconteceu alguma coisa com a coroa? Eu a deixei sob sua guarda — cometi um erro?

— De modo algum. — A voz da Arquimaga estava fraca, mas ainda audível. — A coroa está aqui e a salvo. — Virou a cabeça para a lareira. — Damatole...

Haramis pensou que o oddling não podia ouvir aquele chamado tão fraco, mas ele correu para o lado de Binah.

— Chegou o momento — murmurou a velha mulher.

Damatole fez um gesto afirmativo, foi até um dos armários na parede oposta e voltou com um embrulho branco que entregou para a Arquimaga. Ela segurou uma dobra do pano e a entregou a Haramis. O volume começou a escorregar da beirada da cama e Haramis o segurou. O pano branco abriu-se nos seus braços e ela viu, com surpresa, o manto da Arquimaga.

— Vista o manto, Haramis — ordenou Binah, num murmúrio. — É seu agora.

— Está dizendo que vou ser a nova Arquimaga? — perguntou Haramis, surpresa. Não quero esta incumbência, pensou ela, desapontada. — Já é difícil ser rainha — mas pelo menos fui treinada para isso! Mas ser a Arquimaga — ela não pode me pedir isso!

— Você tem o dom — murmurou Binah —, mas a escolha deve ser sua. Eu lhe dou minha bênção e meu amor, e um último aviso. Lembre-se de que a linha entre autoconfiança e superconfiança é estreita e facilmente transposta. Proteja-se sempre. Escolha sabiamente. — Então, com um suspiro áspero, a Arquimaga ficou imóvel.

Haramis olhou chocada para o corpo na cama. Isto não pode estar acontecendo, pensou. Estou sonhando. Estou na cama, na torre de

Orogastus, e isto é um pesadelo. Tenho lido muitos livros de mágica, eu...
Só então percebeu que Damatole falava com ela.

— Dama Branca?

Voltou-se lentamente e olhou para ele.

— O que é, Damatole?

— Quais são as suas ordens, Senhora?

Ordens? Ele pensa que sou a nova Arquimaga. Por que, oh, por que eu me levantei da cama esta manhã — ontem de manhã — sei lá quando? Precisava dizer alguma coisa. Afinal, ele estava apenas fazendo seu trabalho. Mas não conseguiu pensar em nada.

— Deixe-me trazer-lhe água para se lavar e alguma coisa para comer — sugeriu Damatole. — Deve estar com fome.

Fome. Sim, agora que ele mencionou, estava com fome.

— Obrigada, Damatole — disse Haramis, suavemente —, isso seria ótimo.

Damatole serviu uma refeição simples, depois conduziu-a a um quarto pequeno com uma cama estreita. Haramis deitou, dormiu, acordou no meio da tarde e encontrou uma refeição na mesinha ao lado da cama. Comeu tudo e foi procurar Damatole. Encontrou-o no quarto da Arquimaga, mas a cama estava vazia.

— Você já enterrou o corpo, Damatole? — perguntou. — Eu podia ter ajudado.

— Não há nenhum corpo — respondeu ele. — Não está lembrada?... Não, vejo que não. A carne que abrigava o espírito de Binah transformou-se em pó, como vai acontecer com este lugar quando a senhora partir.

Haramis examinou a cama com mais atenção. Sim, havia pó no travesseiro, onde estivera a cabeça de Binah — onde está a coroa de Ruwenda?

Damatole abriu o armário na parede oposta e tirou um volume embrulhado em pano branco, que entregou para Haramis. A princesa o abriu e com alívio viu que a coroa estava inteira e intacta. Teria se transformado em pó se eu a deixasse aqui também? pensou.

— Vou apanhar uma sacola para levá-la — ofereceu Damatole, saindo do quarto, sem esperar resposta.

Haramis tentou pensar no que ia fazer agora, mas, quando Damatole voltou com a sacola de couro, não tinha decidido ainda. Porém, como o nyssomu evidentemente esperava que ela partisse, chamou o lammergeier. Então, lembrou que não era a única sem um lar agora.

— Damatole, você tem para onde ir? Ele fez um gesto afirmativo.

— Meu povo virá me apanhar. Está tudo arranjado. Só mais uma coisa. — Apanhou o manto da Arquimaga, ainda na banquetta onde Haramis o deixara, e o guardou na sacola, com a coroa.

— Por que me deu isto? — perguntou ela quando saíram juntos da torre, temendo já saber a resposta.

— Porque é seu, Dama Branca — respondeu o nyssomu. — E agora eu lhe digo adeus.

Uma lufada de vento fez esvoaçar os cabelos da princesa. Ela ergueu os olhos para as nuvens cada vez mais numerosas e imaginou se ia chover no dia seguinte, na véspera das três luas.

Hiluro desceu das nuvens e aterrissou ao lado dela.

- Para onde quer ir, Dama Branca?

— Não me chame assim — disse Haramis, em voz baixa.

— Não ainda. — Subiu nas costas do lammergeier, segurando a sacola com a coroa e o manto, e Hiluro subiu para o céu ameaçador.

CAPÍTULO 42



O Rei Voltrik, ao lado da Voz Verde, esperava no parapeito da Alta Torre da Cidadela, e as nuvens escuras pareciam se amontoar a poucos ell's acima das suas cabeças, escondendo a bandeira de Labornok o mastro. Lá embaixo, a fortaleza, os prédios e pátios externos estavam estranhamente silenciosos numa hora em que os servos ruwendianos sobreviventes e os homens livres costumavam estar trabalhando ativamente. Mas nesse dia só a batida cadenciada do martelo do ferreiro quebrava a quietude, como um toque discordante de mau presságio. O Rei Voltrik estremeceu.

— Os conquistados faltaram ao trabalho hoje por causa da maldita festa das três luas. Quase metade do pessoal da Cidadela avisou que está com febre e não pode sair da cama — e os que vieram trabalhar estão se arrastando, sem fazer nada.

— Há alguma coisa no ar — admitiu Voz Verde. — Com certeza logo teremos outra tempestade.

— Não é disso que estou falando — disse Voltrik, zangado. — Alguma coisa maléfica está se preparando e acho que Você sabe o que é e está com medo de contar!

Voz Verde inclinou a cabeça encapuzada, num gesto de submissão.

— Meu Mestre Todo-Poderoso logo estará aqui, Grande Rei, e ele o tranqüilizará e responderá a todas as suas perguntas.

O rei explodiu numa risada sem alegria e afastou-se bruscamente do acólito, olhando para a grande extensão de terra, ao norte. A luz estranha da tarde emprestava uma densidade especial à selva, e o cheiro que vinha do pântano era extremamente acentuado.

— Se vou me tranqüilizar — disse Voltrik —, por que o feiticeiro ordenou que você chamasse os homens para a Cidadela, exceto um pequeno contingente, e que ficassem preparados para lutar?

— Mera precaução...

— Mentiroso! Traidores malditos! — o rei virou bruscamente e segurou Voz Verde pelo ombro. Mesmo só com uma das mãos, sacudiu o assistente de Orogastus até os dentes do homem baterem uns nos outros. — Elas estão vindo para me apanhar — as três princesas bruxas! É isso, não é? Eu podia estar seguro, bem longe daqui, em Derorguila, mas você e Orogastus garantiram que tudo estaria bem — que as bruxas foram capturadas e seus talismãs confiscados. Mas mentiram! E agora elas estão vindo para me apanhar, como diz a profecia!

— Não, Grande Rei...

— Estou encurralado aqui! — uivou Voltrik. — Que Zoto tenha pena de mim! Os soldados me odeiam porque terão de passar a estação das chuvas neste buraco do inferno e os cavaleiros estão fartos da falta de ação, só bebida e mulheres o tempo todo, e só tenho para me servir covardes, idiotas e infames traidores que planejam me tirar o reino depois que os demoníacos ruwendianos acabarem comigo.

Voz Verde caiu de joelhos e ergueu as mãos em atitude de súplica.

— Não é nada disso, não é nada disso! Meu mestre explicará tudo quando chegar.

— Se ele chegar — berrou Voltrik. Desembainhou a espada e bateu com o lado da lâmina no nariz de Voz Verde. — E se ele não chegar, sua cabeça raspada de orelhas de abano vai se separar do corpo, e eu saio imediatamente deste monte de lixo amanhã cedo! É melhor arriscar os perigos da chuva do que ficar aqui como um nunchik cretino, no matadouro.

Um violento pontapé do rei fez o assistente do mago se esparramar no chão.

Então ouviram um grito como o som de um imenso clarim.

Sobressaltado, Voltrik olhou para todas as direções, menos para a direção certa, e saltou assustado quando o pássaro gigantesco branco e preto surgiu das nuvens, soltou outro grito e desceu suavemente, aterrissando no parapeito.

Do meio das asas imensas, ainda abertas, Orogastus olhou para o rei atônito e inclinou levemente a cabeça.

— Saudações, meu senhor — disse ele, calmamente. — Estou aqui, como prometi e preparado para lhe entregar seus inimigos, como prometi também.

— Pelos dentes de Zoto! É uma daquelas coisas que servem à Arquimaga! E agora, servem a você?

Orogastus deslizou das costas do lammergeier. Agradeceu brevemente, o pássaro respondeu com um girar dos olhos e subiu para as nuvens com uma única batida das asas.

— A Arquimaga — disse o feiticeiro com satisfação indisfarçada — está morta. Sua sucessora não é outra senão a Princesa Haramis, que recusou seu pedido de casamento e que está agora sob meu poder — embora ela ainda não saiba disso.

— Por Dez Infernos! — Voltrik embainhou a espada, com uma careta de alívio. — E as outras duas ordinárias reais?

Orogastus caminhou para a extremidade norte da torre e sentou no parapeito com a cabeça abaixada e a metade do rosto coberta pelo capuz. Usando a comunicação sem palavras, deu ordens rápidas ao seu acólito. Voz Verde levantou-se e desapareceu no alçapão.

Então, o feiticeiro tirou o capuz e sorriu para Voltrik com todo o encanto e a autoconfiança que haviam enfeitado um príncipe ardente dezoito anos atrás.

— As outras princesas estão vindo — disse Orogastus. — Kadiya conduz um bando indisciplinado de anões dos pântanos, armados com zarabatanas e lanças de pedra. O terrível exército de Anigel consiste em algumas centenas de oddlings mal-encarados das florestas, alguns covardes nyssomus, um grupo de imundos ruwendianos. e seu filho, o traidor, com seus traidores cheios de picadas de insetos.

— Mas as princesas têm seus talismãs! Orogastus fez um gesto afirmativo.

— Mas não sabem usá-los adequadamente. Sem dúvida pensam que basta dar uma ordem e os talismãs se encarregarão de nos destruir. Mas eu juro por minha alma imortal que não é assim que os instrumentos mágicos funcionam. São armas sutis, e as princesas são jovens imaturas, com mais entusiasmo do que cérebro, e não entendem dessas coisas.

Sentado ao lado do feiticeiro, Voltrik franziu a testa e mordeu o bigode. Apontou para o Pântano

— Não podemos enfrentá-los lá. Não com o começo das chuvas. Jamais os acharemos no pântano, nem com a ajuda daqueles abomináveis afogadores.

— Não — admitiu Orogastus. — Exatamente por isso foram encorajados a atacar a Cidadela, onde nossas forças superiores e meus encantamentos poderosos darão cabo deles de uma vez por todas!

Voltrik animou-se.

— Você os fará explodir com seus relâmpagos! Vai devastá-los com a magia que usou para tomar a Cidadela.

— Depositarei as cabeças da Princesa Anigel e da Princesa Kadiya a seus pés. Haramis, que é minha criatura, o servirá de corpo e alma.

Voltrik riu nervosamente.

— Acho que vou gostar disso. Se você puder fazer com que ela se submeta usando sua mágica. Sempre gostei de mulheres altas e, de qualquer modo, preciso ter” mais filhos•••

— Haverá uma batalha, senhor — disse Orogastus, quase com indiferença.
— Ocorrerá dentro de dois dias, sem dúvida na festa das três luas.

Voltrik estava de pé, com os olhos brilhando, e disse em voz muito alta:

— Ótimo! Que diabo, é disso que precisamos para aquecer nosso sangue outra vez! Há um mês parado aqui, metade desse tempo, doente, quase à morte, sinto o coração estagnado como este maldito lodaçal! Você já planejou a estratégia para o combate?

— Sem dúvida, meu senhor — Orogastus levantou-se. — E desta vez é certo que venceremos. Meus grandes poderes estão afiadíssimos e estou ansioso para servi-lo. O exército da Cidadela está pronto e Lorde Osorkon logo chegará com mais cinco mil homens... E para que vossa majestade não se preocupe com o suposto poder das princesas e dos seus talismãs, tenho também isto.

Orogastus tirou uma bolsa de dentro do manto, abriu-a, mostrando ao rei uma caixa talhada com caveiras e outros símbolos da morte. Levantou a tampa revelando uma esfera grande e opaca do tamanho de uma fruta ladu, sobre um ninho acolchoado de veludo negro.

— Esta é uma arma mais mortal do que todas as minhas outras juntas. Foi o segundo presente de despedida do meu falecido Mestre Bondanus.

— O que deu as Pastilhas de Ouro?

— Sim. As pastilhas foram uma dádiva de vida — mas isto provoca a mais terrível das mortes. Só deve ser usado como último recurso, pois sua força mortal atinge a todos, amigos ou inimigos, que estiverem ao nível do solo, num taio de mil ells. Se for necessário usar esta arma — se não houver outro meio de matar as princesas —, eu pessoalmente a usarei.

O Rei Voltrik empalideceu com os olhos pregados na caixa.

— Como se chama e como funciona?

— É conhecida como Eflúvio Maldito e é uma arma mais antiga do que os Desaparecidos, usada contra eles pelos ancestrais do meu Mestre, na grande batalha pela conquista do mundo. A esfera é de vidro. Quebrada contra uma pedra, emite vapores que matam na primeira inalação. Estou disposto a usá-la para garantir nossa vitória — mesmo sabendo que matará tanto nossos homens quanto os do inimigo. Mas o senhor não precisa temer, desde que fique na parte mais alta da fortaleza. Os vapores pesados não sobem além da altura de um homem.

Orogastus fechou a caixa e a guardou.

— Provavelmente não será necessário. Eu a mostrei apenas para provar que as princesas não podem vencer de nenhum modo. Nós somos invencíveis.

Os olhos do feiticeiro brilhavam como estrelas e a voz suave infundia confiança e eliminava qualquer temor.

— Acredita em mim, não acredita, meu rei?

— Sim — respondeu Voltrik, num murmúrio trêmulo. — Acredito.

Sabendo que suas forças teriam de percorrer cerca de quinze léguas fora das trilhas conhecidas, através do Pântano Labirinto, do acampamento secreto no Rio Skrokar até o esconderijo de Kadiya, ao norte da Cidadela, a Princesa Anigel pediu ao seu talismã para escondê-los da vista do inimigo durante a viagem. E, maravilha! A neblina espessa, como um miasma opaco, cegava os humanos, mas não perturbava nem um pouco os oddlings.

A princesa achou que era uma resposta ao seu pedido e seu exército iniciou a jornada. A frota de canoas dos nyssomus transportou todos a salvo até além do castelo Manoparo, chegando à confluência do Skrokar com o Mutar. Daí, subiram o grande rio, pelos canais secundários, ao longo da

margem norte, então, viraram para a direita, entraram num canal pequeno e tortuoso e ao cair da noite chegaram ao esconderijo de Kadiya.

O lugar era outra ilhota no pântano, iluminada pela luz de lanternas de vidros contendo pequenos vermes verdes e luminosos. Um chefe uisgu, com grandes círculos de tinta vermelha em volta dos olhos e uma armadura completa de escamas de peixe douradas, esperava o barco de Anigel na praia, e anunciou que conduziria a princesa, Antar e os cavaleiros labornoks à presença de Kadiya.

Desembarcaram à luz pálida das lanternas e seguiram a trilha até a tenda simples de couro onde Kadiya e seus comandantes uisgus estudavam um mapa da Cidadela, que estava aberto sobre uma mesa rústica.

Havia mulheres uisgus também no comando, mas nenhuma usava os vestidos longos e bordados. Todas vestiam calções de palha trançada e, sobre eles, túnicas cobertas com escamas e conchas, que iam até os joelhos, como uma cota de malha. Usavam elmos também, alguns feitos com metal encontrado nas ruínas. O elmo de Kadiya cobria o cabelo longo trançado e enrolado na cabeça. A não ser pela altura, ela podia ser tomada por uma comandante uisgu.

Quando a Princesa Anigel dos cabelos de ouro viu a irmã, esqueceu tudo o mais e, chorando de alegria, correu para ela com os braços abertos.

Mas Kadiya retribuiu o abraço com certa hesitação, sem tirar os olhos do rosto de Antar, que estava parado na entrada da tenda, na frente dos seus homens. O príncipe olhou de uma para outra e franziu a testa.

— O que está acontecendo? — exclamou Anigel, desapontada. — Nós estamos juntas outra vez, e vivas!

— Sim, estou viva — disse Kadiya com voz seca. — Mas quem são esses que a acompanham, irmã? Qual o trato que fez com eles? A confiança não pode se basear no derramamento de sangue de irmãos. — Olhou diretamente para o príncipe. — Já esqueceu tão depressa de quem era a espada que dilacerou nosso mundo?

Foi como se Kadiya tivesse trespassado a irmã com uma lâmina afiada. Com uma exclamação de dor, Anigel disse:

— Não devem temer Antar, nem desconfiar dele. Empenho minha vida como garantia. Meu talismã também! — Tirou a tiara da cabeça. À medida

que se aproximava da irmã, a luz do trílio, dentro do âmbar, pulsava, cada vez mais forte. Anigel estendeu o talismã para Kadiya.

— Alteza — o príncipe olhou diretamente para Kadiya. — Em nome do que devemos jurar para que aceite a verdade?

Num gesto lento, Kadiya desembainhou seu talismã. Ergueu a espada verticalmente, segurando-a pela ponta, de frente para Anigel e Antar. Os três olhos se abriram e os cavaleiros murmuraram, consternados.

— Irmã, fique de frente para eles e deixe que os talismãs façam o julgamento.

Magoada, Anigel obedeceu.

— Senhores do Ar, grandes servos de Deus — entoou Kadiya —, revelem quais entre esses cavaleiros nos servirão com amor e quais nos prejudicarão e façam a estes últimos o que eles fariam a nós.

Uma luz azul silenciosa e, intensa explodiu no ar. O Príncipe Antar e seus quinze companheiros leais estremeceram em suas armaduras. Na terra molhada dois cavaleiros jaziam imóveis.

Depois de alguns segundos, Sir Owanon inclinou-se sobre eles. Balançando a cabeça, disse:

— Onbogar e Turat. Mortos.

Anigel gritou horrorizada. Mas o Príncipe Antar perguntou aos outros homens:

— Onde está Rinutar?

O cavaleiro não estava entre eles, e não fora visto desde que desembarcaram na praia. Antar queria enviar um grupo de homens à sua procura, mas Anigel o deteve.

— Eu o encontrarei — disse ela, em voz baixa.

Pôs o talismã na cabeça e seus olhos, voltados para a direção da Cidadela, pareciam ver através dos homens.

— Está no meio do rio, numa canoa roubada.

— Matem o traidor! — exclamou Sir Penapat. — Ele avisará os soldados da Cidadela!

— Não é necessário — disse uma voz.

O espanto agora foi de Kadiya e Anigel. A Princesa Haramis abriu caminho entre os homens armados e aproximou-se das irmãs. Vestia o manto branco da Arquimaga e tinha na mão a coroa de estado.

— Haramis! — exclamaram as duas princesas em uníssono.

— Kadiya! Anigel! — Abraçou as irmãs e disse: — Sim, sou eu. Deixemos que Rinutar siga seu caminho. O Rei Voltrik e Orogastus já sabem que vocês estão aqui e que pretendem atacar amanhã, antes de a lua nascer, no começo da festa.

Uisgus e labornoks, Kadiya e Anigel, até o pequeno Jagun começaram a falar ao mesmo tempo.

Haramis ergueu seu talismã. A luz dourada do trílio no interior do âmbar pulsou com um brilho intenso, assim como as pedras de âmbar dos dois outros talismãs. Fez-se silêncio.

— Irmãs — disse Haramis. — Eu sei quantos seguidores vocês trouxeram para este acampamento. — Procurava não demonstrar sua incredulidade, pois todos mereciam sua cortesia.

— Vi várias outras canoas de uisgus aproximando-se, bem como uma grande frota de ruwendianos armados, vindos do nordeste livre. Mas se atacarem a Cidadela, todos seus amigos leais morrerão, pois esta aventura está destinada ao fracasso.

— Quem disse isso? — perguntou Kadiya, furiosa. — Seu muito amado feiticeiro?

Haramis corou. Não merecia isso, embora não pudesse culpar Kadiya por pensar assim. Olhou nos olhos da irmã.

— Não importa o que você pensa que houve entre Orogastus e eu. O fato é que não fui eu quem trouxe o inimigo para o nosso meio. — Olhou para Anigel, que estava ao lado do Príncipe Antar. A princesinha mais nova corou, mas não disse nada. — Quanto ao destino desta empreitada — não sou cega e posso vê-lo perfeitamente. Seus nativos só têm armas leves. As forças do Conde Palundo provavelmente não chegarão a tempo — mas, mesmo que cheguem, terão de enfrentar os cinco mil homens que descem o rio sob o comando de Osorkon. A outra metade do exército de Voltrik já está

em posição de combate, preparada para repelir qualquer ataque. Os grandes portões da Cidadela foram reparados.

— Talvez — disse Kadiya com um largo sorriso — tenhamos o necessário para abri-los. E para vencer seu bruxo também!

— É uma probabilidade que joga com muitas vidas — disse Haramis. — Talvez não saiba que não pode contar mais com a ajuda da Arquimaga.

— Por que não? — perguntou Kadiya. — Ela sempre nos ajudou. Está dizendo que ela vai ajudar Orogastus nesta batalha?

— Não — disse Haramis, com voz cansada. — Estou tentando dizer que a Arquimaga está morta.

Anigel deixou escapar uma exclamação de dor mas Kadiya disse:

— Como você sabe?

— Sei porque eu estava lá. — A dor daquela perda ameaçou envolvê-la. Haramis não havia ainda chorado a morte da Arquimaga, mas controlou-se mais uma vez e continuou com voz firme: — Orogastus as espera com todas as armas antigas que possui e chamou os skriteks do Pântano Verde. Estão convergindo para o Knoll da Cidadela para atacar e devorar todos que encontrarem à sua frente! Acreditam realmente que podem enfrentar isso — mais as armas de Orogastus?

Fez-se um silêncio, longo demais para Haramis.

— Vocês serão massacrados — disse ela, em voz baixa. — Recuem, eu peço. Eles não podem persegui-los no pântano, na estação das chuvas.

— Não! — Kadiya bateu com a mão fechada na mesa. — Você está enfeitiçada por Orogastus. Isso é evidente, pois roubou o manto da Arquimaga.

— Pensa mesmo que eu queria tomar o lugar dela? — perguntou Haramis. Toda a fadiga, toda a dor pela morte da Arquimaga ameaçaram dominá-la outra vez.

— Sim, eu penso — disse Kadiya. — Você sempre desejou avidamente o poder, Haramis. Não pode admitir que eu ou Ani tenhamos um plano melhor do que o seu.

A injustiça daquelas palavras atingiu Haramis dolorosamente. Teve a impressão de que ia sucumbir ao golpe. Kadiya olhava para ela com fúria, mas Anigel percebeu a dor nos seus olhos.

— Acho que está sendo injusta, Kadi — disse ela. — Vamos ouvir o plano de Haramis.

Kadiya olhou irada para as duas irmãs.

— O que vai ser da coroa, Haramis? — perguntou ela. — Você e Orogastus compartilharão os tronos de Ruwenda e de Labornok, depois de se livrarem de Voltrik com esse seu plano?

— É claro que não! Kadiya, você não compreende. — Haramis estava quase perdendo as esperanças de conseguir explicar seu plano. Como fazer com que as irmãs compreendessem?

Então, Jagun falou, para surpresa de todos:

— Deixem que os talismãs nos digam se ela diz a verdade ou não, como fizeram com os homens do Príncipe Antar.

Haramis empertigou o corpo.

— Como quiserem. Mas se seus talismãs são iguais ao meu, devem ser muito cuidadosas nesse teste. Pois estou certa de que o meu talismã, assim como os seus, pode matar.

— Que seja assim — disse Kadiya.

Anigel olhava de uma irmã para a outra, com imensa tristeza. Os pensamentos das três podiam ser lidos facilmente mesmo pelos cavaleiros labornoks e pelos uisgus.

— Querida Haramis — disse Anigel, tristemente —, queremos muito acreditar em você, mas nós a vimos com Orogastus. — Tinha lágrimas nos olhos, mas sua voz estava firme. — Não temos escolha senão pedir sua permissão para fazer o teste com você.

Haramis olhou para a irmã, um tanto confusa. Todos na tenda esperavam tensos, e no silêncio ouviram as primeiras gotas de uma nova tempestade, bem como o murmúrio de muitas vozes lá fora. Outro grupo de recrutas acabava de chegar.

— Não pedi para testar sua lealdade — disse. Haramis —, embora você tenha trazido seu príncipe. — Anigel corou e ela continuou: — Seja como quiserem. — Ergueu seu talismã na frente do rosto. — Façam o teste, então.

Nesse momento, os uisgus e os cavaleiros saíram apressadamente da tenda, ficando apenas Antar e Jagun, que fez no ar o signo do Trílio Negro na frente de cada princesa. Haramis entregou a ele a coroa e o caçador ajoelhou num canto, com ela na mão e a cabeça inclinada sobre o peito.

Kadiya e Anigel estavam lado a lado com seus talismãs erguidos. Mas dessa vez foi a princesa mais nova quem falou:

— Queridos Senhores do Ar, tenham piedade de nós três, mas demonstrem claramente qualquer perigo que possamos representar para o grande equilíbrio do mundo.

Os três talismãs cintilaram, enchendo a tenda com sua luz rubra. As princesas estavam imóveis como estátuas, com os olhos muito vivos e os lábios entreabertos.

Então a tiara, o bastão e a espada sem ponta adquiriram um aspecto espectral, saltaram das mãos das princesas e pararam no ar, um pouco acima delas. E ali se fundiram. O bastão encaixou no punho da espada com as três esferas e a tiara, com as figuras monstruosas sob as pontas, formou um círculo fechado. As três asas com o âmbar no centro ergueram-se formando anéis concêntricos. Uma voz misteriosa disse:

Este Cetro do Poder contém o potencial para o equilíbrio permanente, bem como para a ruína completa deste mundo. Pense sensata e sabiamente antes de dar alguma ordem a este cetro e lembre-se de que aqueles que o criaram, no fim, tiveram medo de usá-lo.

A luz vermelha apagou-se. Os talismãs voltaram, separados, para as mãos das princesas.

Depois de um longo silêncio, o Príncipe Antar perguntou:

— Os talismãs responderam?

Haramis olhou para ele, incrédula, mas foi Anigel quem perguntou, como quem acorda de um sonho:

— Você não viu e ouviu?

— Nada, graciosa senhora, a não ser sua invocação.

As três irmãs entreolharam-se. Instintivamente, uniram-se num abraço.

— Então parece que minha sinceridade foi provada — murmurou Haramis.

— Não foi?

— É claro que foi — disse Kadiya secamente —, mas vamos atacar a Cidadela assim mesmo.

Haramis franziu a testa.

— Estão mesmo resolvidas?

— Estamos — disse Anigel. — Se não vier conosco, Haramis, pelo menos não fique no nosso caminho, nem nos entregue ao inimigo.

— Não farei isso — garantiu Haramis. — Mas agora devo deixá-las. Preciso ir ao Knoll da Cidadela e lá. não sei o que vou fazer. Mas sei que preciso estar lá.

Jagun aproximou-se com a coroa na mão.

— Se quiser, Princesa Haramis, posso levá-la numa canoa.

— Eu agradeço — disse Haramis. — Mas antes de partir — voltou-se para as irmãs —, quero dizer algo que descobri durante minha visita a Orogastus. Grande parte da sua suposta mágica é feita com aparelhos dos Desaparecidos e é possível que seus talismãs possam inutilizar esses aparelhos. Meu talismã tocou um deles e o instrumento deixou de funcionar. Pode acontecer o mesmo com os seus. — Abraçou as irmãs. — Kadiya, Anigel, tenham cuidado — e que os Senhores do Ar as protejam!

Apanhou a coroa das mãos de Jagun e com seu manto branco, acompanhada pelo caçador nyssomu, Haramis deixou a tenda, onde ficaram apenas o Príncipe Antar e as duas princesas. O trovão rugiu e a chuva começou a cair copiosamente.

Kadiya olhou para o homem alto com armadura azul e franziu a testa.

— É verdade que não viu nada? Nem a luz vermelha, nem a fusão dos talismãs? Não ouviu uma voz estranha?

— Nada, princesa — respondeu Antar.

— A visão foi para nós, Kadi — disse Anigel. — E especialmente, eu acho, para a pobre Haramis.

— Pobre? — disse Kadiya. — Ora, aqui estamos nós, exiladas, preparando-nos para uma batalha, enquanto ela, com a coroa e o manto, prefere assistir confortavelmente instalada.

— Se conseguirmos vencer sem o cetro, então ela sem dúvida será a mais privilegiada. Mas se precisarmos dele...

Kadiya empertigou-se e segurou com firmeza o punho da espada.

— Não vamos precisar.

Então, com voz brusca, pediu ao Príncipe Antar para chamar seus cavaleiros e os chefes dos oddlings, a fim de explicar a todos os planos da invasão.

CAPÍTULO 43



Naquela noite Haramis dormiu segura em lugar seco, sob uma árvore, num pequeno parque do Knoll, ao lado do cais da Cidadela. Pediu ao talismã para ocultar sua presença e uma névoa ergueu-se entre ela e os guardas das docas.

De manhã a tempestade tinha passado, mas a neblina continuava densa, envolvendo-a num manto cinza-claro, onde só chegavam os chilreies e pios dos pássaros, o zumbido dos insetos e o ruído da água pingando das folhas da árvore. Os guardas das docas haviam se retirado para a Cidadela. Do cais um caminho levava diretamente ao portão principal da fortaleza, a menos de uma légua de onde ela estava, e Haramis sabia que uma parte do plano insano das irmãs consistia num ataque por esse caminho óbvio.

Haramis ficou imóvel por algum tempo, para meditar e orar, pedindo orientação. Não era fácil. Outros pensamentos interferiam. Preocupação com as irmãs, dor pela perda dos pais e da Dama Branca, revolta contra a acusação de Kadiya de que tinha roubado o manto da Arquimaga — como se alguma vez eu o tivesse desejado! Porém, quem mais pode substituí-la? Por acaso Kadiya pensa que ela pode ser a nova Arquimaga?

Como se essa idéia a tivesse chamado, Binah apareceu, vestida com um manto cintilante, com o rosto sob o capuz. Mas as mãos que se ergueram para retirar o capuz eram jovens e lisas, e Haramis estremeceu de medo. O que ia ver? O rosto de Kadiya — ou um demônio horrível?

Nenhum dos dois — era o rosto de Binah, transformado. Radiante, jovem. Como se tudo que era mortal tivesse desaparecido, deixando apenas o espírito na sua forma mais pura.

— Senhora. Haramis inclinou a cabeça.

Teve a impressão de que acariciavam seus cabelos e ouviu a voz musical que era ainda, sem dúvida, a de Binah.

— O que há, minha filha?

Minhas irmãs, disse Haramis, com tristeza. Pensam que estou apaixonada por Orogastus — na verdade enfeitiçada por ele — e Kadiya me acusou de ter roubado seu manto!

— Mas você sabe que não é verdade, disse a voz suave. No momento certo, elas também saberão.

Kadiya disse que eu tenho sede de poder.

E ela pensa que é por isso que está usando o manto. Não era uma pergunta. Eu o dei a você, Haramis, mas não posso obrigá-la a usá-lo. É uma carga pesada e as outras pessoas, mesmo as que a amam, jamais compreenderão por que você realiza esse trabalho. Deve ser feito por ele mesmo, não porque alguém deseja que o faça, ou porque a exaltem por isso.

É um trabalho que vale a pena ser feito, continuou Binah. Alguém precisa cuidar de Ruwenda, garantir que o país cresça como deve — ou pelo menos que possa sobreviver até que outra pessoa mais forte aceite o encargo. Há muito prazer nessa tarefa, ver a beleza da realização e saber que seus esforços ajudam a mantê-la, ouvir a voz da terra e do seu povo, sentir o ciclo das estações e o ciclo maior das eras...

A voz de Binah silenciou, mas no silêncio Haramis sentiu e ouviu Ruwenda como nunca havia sentido ou ouvido antes. Era como se a terra tivesse um pulso, um coração batendo no mesmo ritmo que o seu. Era como se houvesse uma canção que ela quase podia ouvir e compreender — bastando para isso concentrar-se e escutar.

Ficou ali sentada, em transe, por um longo tempo e quase não percebeu a partida de Binah.

Então mãos invisíveis colocaram uma bandeja de metal no seu colo. Nela havia quatro corações, aparentemente humanos, e uma jarra com água do mar. Lave esses corações, ordenou uma voz. No estado de transe em que estava, Haramis não estranhou a ordem. Apanhou o primeiro coração, que se encaixou perfeitamente na sua palma, pulsando suavemente, cheio de vida e calor. A princesa derramou água do mar sobre ele e a mão invisível o levou. O mesmo foi feito com o segundo e o terceiro, que pareciam idênticos ao primeiro. Mas quando apanhou o quarto coração sentiu algo diferente e estranho. Alguma coisa picou sua mão e Haramis o ergueu para verificar o que era. Para seu espanto, viu que não se tratava de um coração de verdade, mas de uma espécie de aparelho. Estendeu o braço para apanhar

o jarro com água, mas a mão invisível a deteve. Não, disse a voz, com tristeza, esse não pode ser lavado. Ele desistiu da sua humanidade. E o coração mecânico foi tirado da sua mão.

Não compreendo, pensou Haramis.

Deve ter forças para suportar a verdade, disse a voz.

Haramis também não compreendeu.

Então, permitiu que sua mente descansasse por algum tempo, num sono sem sonhos.

Acordou quase ao cair da noite. Por meio do Círculo de Três Asas, observou os preparativos dentro da Cidadela, os guerreiros tomando posição para defender a fortaleza, e os oficiais e cavaleiros que iam e vinham, fazendo seus relatórios e recebendo ordens do rei. Viu Orogastus e Voz Verde preparando os instrumentos marciais dos Desaparecidos, duas máquinas que criavam relâmpagos, uma cujo som agudo estourava os ouvidos desprotegidos, fazendo-os sangrar, duas que espalhavam uma chuva de grãos mortais, outra que lançava enormes línguas de fogo e outra ainda que lançava agulhas envenenadas. Enquanto observava, Haramis tinha a impressão de ouvir uma voz dizendo que aqueles instrumentos eram mais apropriados para o ataque do que para a defesa, e podiam funcionar contra aqueles que os usassem dentro da fortaleza.

Imaginou o que Kadiya e Anigel pretendiam fazer. Os muros externos e internos da fortaleza, reconstruídos, não podiam ser escalados. Eram íngremes demais e davam para as ameias onde podiam ficar os arqueiros ou os aparelhos do feiticeiro. Embora os talismãs das princesas pudessem protegê-las da visão sobrenatural de Orogastus, Haramis tinha certeza de que os outros invasores seriam vistos pelos olhos normais dos labornoks. Os novos portões eram fortes demais para qualquer aríete. Suas irmãs estariam contando com os talismãs para entrar na Cidadela? Apertando seu bastão contra o peito, Haramis perguntou: Isso é possível? A resposta formou-se em sua mente.

Não.

Sentiu um aperto no coração. Eu as ajudarei como puder, mas não vou interferir, pensou ela. Nem darei conselhos não pedidos. Elas estão seguindo seus destinos — e eu já escolhi o meu.

Uma grande tranqüilidade a envolveu. Sentada à sombra da árvore, protegida pela névoa do fim do dia, teve novamente a sensação de estar plantada no centro do mundo, de conhecer seu lugar no imenso cenário.

Tornei-me o que eu sempre soube que seria.

Mas o preço será a morte das minhas irmãs?

Segurou o Círculo na frente do rosto e pediu para vê-las. E então, ela as observou, maravilhada, durante horas.

A maior parte do exército, sob o comando dos ruwendianos humanos e dos cavaleiros leais do Príncipe Antar, tomou posição no pântano, no outro lado do rio, quase em frente ao cais onde Haramis estava, uma légua abaixo da fortaleza. Uma vez que estavam tão perto ela ouviu com atenção e verificou se podiam ser vistos por olhos humanos. Certificando-se de que não estavam visíveis, voltou para a visão no Círculo.

Separando-se do corpo principal de atacantes, algumas centenas de guerreiros uisgus e wyvilos, comandados por Kadiya, Anigel e Antar, subiram o Mutar de barco até a abertura do túnel que antigamente conduzia água para a Cidadela. Protegidos dos olhos do inimigo pelos talismãs, eles desapareceram no túnel que levava à cisterna abandonada.

— Pela Flor! — murmurou Haramis, admirada. — Se Kadiya e Anigel conseguirem abrir os portões da Cidadela para seu exército, talvez tenham uma chance de vencer!

Mais tarde, quando as três luas erguiam-se invisíveis no meio da neblina, e a festa começava oficialmente, Haramis realizou sua cerimônia e comeu um pouco das provisões que Jagun havia deixado com ela. Então, perguntou ao talismã onde estavam os reforços do exército de Labornok. O Círculo mostrou uma frota com mais de cem barças, descendo o rio com o máximo de velocidade que os remadores podiam conseguir. Mesmo que suas irmãs entrassem na Cidadela e abrissem os portões, seriam dizimadas por esse grupo de guerreiros labor-noks armados.

A imagem desapareceu e Haramis enxugou as lágrimas que afluíam a seus olhos. Que seja. O destino das suas irmãs seria cumprido, e ela devia tratar do seu trabalho.

Pediu para ver Orogastus.

— Fiz a minha escolha — disse Haramis. Ele respondeu, com o rosto inexpressivo.

— Pode me dar a honra de comunicar sua decisão pessoalmente? Sinto não poder ir até você. O seu lammergeier deixou-me aqui e desapareceu.

— Muito bem — disse Haramis. — Eu irei à Torre Alta no centro da Cidadela.

— Podemos nos encontrar no solar da torre daqui a uma hora, à meia-noite?
— pediu Orogastus. — Com certeza sabe que ninguém pode lhe fazer mal, agora que seu talismã tem todo o poder.

— Eu sei — disse Haramis. — Estarei lá.

— Adeus — disse Orogastus e então o belo rosto suavizou-se com um sorriso. — Tudo de bom para você, Haramis, minha adorada. — A imagem desapareceu.

Haramis arrumou sua bagagem à luz do âmbar-trílio encaixado no talismã. A névoa começou a se levantar e uma rajada de vento frio fez farfalhar as folhas das árvores wydel do parque. Entre os juncos e os arbustos da praia, não muito distante, alguma coisa se mexia na água. Haramis não deu atenção e estava pronta para chamar seu lammergeier, quando os arbustos se abriram e dois olhos dourados e brilhantes apareceram.

— Princesa — sibilou uma voz.

— Pela Flor. Immu!

Deixando cair a sacola com a coroa e o manto, Haramis correu para abraçar a velha ama nyssomu.

— Immu, o que está fazendo aqui?

A pequena oddling franziu a testa e arreganhou as presas.

— Fazendo fazendo fazendo! É uma história muito comprida para contar agora. Minha cabeça está numa desordem porque vim correndo, para alcançar minha Princesa Anigel, e desde o meio-dia de hoje minha Visão recusa-se a me mostrar onde ela está.

Haramis fez um gesto afirmativo.

— É a mágica do talismã que a esconde da Visão dos inimigos, e, ao que parece, dos amigos também.

— Fui até o Knoll e vi você sentada aqui no parque. Mal podia acreditar! Sabe onde está a minha princesa? Ela precisa de mim!

— Sim, eu sei onde ela está. Mas duvido que precise dos seus bons serviços, Immu, pois, ao lado de Kadiya, neste momento ela conduz um exército para dentro da Cidadela, para enfrentar o Rei Voltrik.

— Senhores do Ar! — exclamou Immu em tom lamentoso e seus olhos saltaram com um estalido. — Numa aventura como essa, ela vai precisar de mim mais do que nunca! Diga-me como posso chegar até ela!

Haramis hesitou.

— Você tem um barco?

— Sim, uma pequena canoa com remos. Haramis apanhou sua sacola.

— Vou mostrar o caminho.

Subiram na canoa e Immu remou silenciosamente nos remansos escuros do Mutar, seguindo a orientação de Haramis. Depois de meia hora chegaram a um banco de lama estreito com quase toda a vegetação submersa pela enchente. Logo adiante ficava a encosta do Knoll com uma margem alta cortada no seu flanco e, na base, uma moita de arbustos espinhosos.

A lama estava remexida e com marcas de pés.

— Aqui? — perguntou Immu, incrédula. — Eles desceram aqui? Mas fica a quase duas léguas da Cidadela e é tudo subida em campo aberto. Além disso, não vejo nenhum sinal deles.

— Immu, eles foram pela velha cisterna. Minhas irmãs estão certas de que os canos as protegerão da Visão de Orogastus pelo menos até chegarem ao nível da torre. De lá, tentarão abrir o portão principal e o portão de serviço.

Immu arregaçou a saia, com expressão sombria.

— Como subiram pela abertura da cisterna?

— Jogaram uma corda com um gancho na ponta. Um uisgu subiu por ela e prendeu várias escadas de cordas para os outros. As escadas ainda estão lá.

— Veja onde eles estão! Diga-me se a Princesa Anigel está a salvo ainda!

— Não. Vou apenas rezar para que os Senhores do Ar estejam do lado delas.

— Muito bem — exclamou a velha ama. — Você fica aí rezando. Eu vou subir!

Saltou do barco, patinhou na água lamacenta e logo desapareceu entre os arbustos.

Com um suspiro, Haramis inclinou-se para pegar os remos. As patrulhas de labornoks vigiavam o Knoll e mais cedo ou mais tarde descobririam aquela abertura e dariam o alarme. Eu posso demolir aquela parte da margem, pensou ela, escondendo a entrada do túnel.

Haramis ergueu o talismã. As três asas fechadas abriram-se dentro do Círculo e o trílio no âmbar cintilou.

— Que a terra seja derretida e a lama desça para esconder essa entrada dos olhos hostis.

Ouviu um ruído surdo, a margem alta partiu-se ao meio e desceu, cobrindo a abertura. A margem íngreme e a moita de arbustos desapareceram deixando apenas uma rampa de lama pontilhada por pequenas rochas.

O barco deslizou suavemente rio abaixo. Fiapos de vapor erguiam-se na superfície da água como fantasmas de serpentes. Haramis ouviu ao longe o ruído dos cascos de froniais. A cavalaria labornok patrulhava a estrada para o mercado de Ruwenda. Um clarim soou na distância, outro, mais próximo, respondeu.

Uma voz parecia dizer na mente de Haramis: O poder está em você. E esse é o grande perigo.

Haramis remou nos remansos lodosos, afastando-se da entrada agora encoberta pela lama, e então levou o barco para a margem. Amarrando a sacola no cinto, chamou.

Hiluro!

O pássaro gigantesco não apareceu imediatamente, mas Haramis não se preocupou. Sentada numa pedra, olhou para a Cidadela distante, que aparecia agora à medida que a névoa se dissipava. Devia haver fogueiras acesas nos pátios internos, porque a torre principal e seus anexos estavam iluminados. No mastro, na torre alta, balançava a bandeira enorme de Labornok, vermelho-sangue, com três espadas cor de ouro cruzadas. Estava

também iluminada pelas fogueiras. Era como se Voltrik dissesse: Aqui estou! Retomem seu castelo se forem capazes!

— Faça com que minhas irmãs vençam essa batalha — implorou Haramis, segurando o talismã. — Por favor, faça com que elas vençam.

Haramis. Ouviu a voz conhecida do seu lammergeier. ”Vi uma coisa horrível.”

Hiluro desceu suavemente como uma nuvem escura, e ela correu para ele.

— O que foi?

Suba nas minhas costas e eu lhe mostro.

Haramis subiu e o pássaro levantou voo, dirigindo-se para a parte lateral do Knoll, onde o Pântano Verde encontrava o Rio Mutar, além do mercado de Ruwenda. Era uma região desolada, sem casas, pois quase todo o Knoll ali era de rocha nua, com pouca vegetação.

O céu clareava rapidamente agora, e a neblina junto ao solo tinha quase desaparecido. A luz das três luas, um pouco velada ainda, era suficiente para que Haramis visse sombras escuras saindo do pântano por vários canais, convergindo todas para formar uma massa compacta que marchava na direção da Cidadela, a quase três léguas dali.

— Mas quem pode ser? A força dos labornoks não teve tempo de chegar ainda.

São skriteks, chamados pelo feiticeiro, disse o lammergeier.

— Oh, Deus Triúne! É claro!

Hiluro desceu, pairou a poucos ells acima do solo e Haramis viu os demónios do Pântano Labirinto, sibilando e saltando inutilmente quando o grande pássaro passou acima deles.

Não posso deixar que devorem os companheiros das minhas irmãs, pensou Haramis. O que devo fazer?

Ouviu uma voz em sua mente: Você é a Senhora de todo o povo oddling.

Mas o que significa isso?

Os skriteks pertencem a esse povo.

O pássaro fez a volta e passou outra vez acima dos skriteks. Deixou Haramis num penhasco, por onde os monstros deviam passar, e ficou atrás dela com as asas enormes abertas. Haramis pôs nos ombros o manto da Arquimaga e esperou. Os olhos dos skriteks que enxergavam no escuro a viram imediatamente e avançaram para ela, gritando e sibilando, com tamanha velocidade que a princesa ficou certa de que ia ser pisoteada por eles.

Porém, quando estavam muito perto pararam, em silêncio. Haramis ergueu seu talismã e falou na linguagem sem palavras:

Quem é o chefe?

Nove ou dez das monstruosas criaturas adiantaram-se. Das bocas abertas escorria saliva e eles fechavam e abriam os talões. Haramis percebeu que os cérebros lentos estavam completamente confusos.

Ela disse:

Sabem quem eu sou?

Você estava morta! Ele disse. Nós sabemos!

Aqui, no meu país, estou sempre viva. Todos vocês são meus filhos e todos me obedecem. Mas vocês não obedeceram. Vocês seguiram o feiticeiro e foram para a guerra, que é proibida.

Você não falou conosco! Você perdeu seu poder! Ele provou isso quando nos chamou e você não nos proibiu de atender ao chamado.

Estou falando agora. Estão ouvindo?

Estamos ouvindo, Dama Branca.

E todos os skriteks curvaram-se com o rosto no chão, arrependidos.

Haramis disse para os monstros:

Tiveram permissão para ajudar os invasores humanos antes. Mas, agora, estão proibidos. Entenderam?

Sim, Dama Branca. A resposta incluía muitos rosnados de descontentamento, mas mesmo assim era sincera.

Antes de voltarem para o pântano, têm uma tarefa a cumprir.

Obedecemos às suas ordens, Dama Branca.

Haramis explicou cuidadosamente o que deviam fazer, certificando-se de que haviam entendido que não deviam cometer nenhum ato de crueldade. Embora fosse um desapontamento para aqueles demónios, alegraram-se com a perspectiva de uma diversão e concordaram em fazer exatamente o que ela queria.

Haramis os abençoou, subiu para as costas de Hiluro e voou para se encontrar com Orogastus na Cidadela.

O Rei Voltrik não era tolo e já havia descoberto que o túnel da velha cisterna representava um ponto fraco na sua defesa. Mas os engenheiros de Labornok temiam fazer qualquer coisa no túnel ou na cisterna porque estavam ligados ao sistema principal de fornecimento de água da Cidadela. Desse modo, Voltrik não conseguiu fechar aquela abertura. Mas há quase duas semanas mandara postar sentinelas na boca da cisterna e um grupo de homens vigiava a longa série de escadas, de modo que, se algum ruwendiano tentasse invadir o castelo pelo subterrâneo, o aviso seria passado de homem para homem, imediatamente.

Mas a sala do poço era suja e sinistra, infestada por vermes rastejantes e animais noturnos alados cujos gritos e pios roucos enlouqueciam qualquer um. Com o passar dos dias, como não tivessem descoberto nenhum intruso humano (apenas os vultos fantasmagóricos que pareciam estar de tocaia no escuro fétido, entre as máquinas enferrujadas), as equipes de soldados labornoks designadas para guardar a cisterna retiraram-se para as masmorras antigas, um andar acima.

Ali usavam tochas para queimar as coisas rastejantes e os esqueletos embolorados, e com a conivência dos seus sargentos da guarda, muniram-se de banquetas e transformaram a tábua de tortura numa mesa onde passavam o tempo jogando cartas ou tomando cerveja contrabandeada.

Quis o destino que, no instante em que o gancho da corda do primeiro uisgu invasor prendeu-se com um estalido metálico na borda da cisterna, um soldado labornok, chamado Krugdál, foi apanhado roubando no jogo e seus camaradas resolveram lhe dar uma lição. O barulho que os soldados faziam abafou o movimento dos invasores com suas escadas de corda. Quando acharam que haviam castigado bastante o pobre Krugdál, quase quarenta oddlings, sob o comando do Príncipe Antar, haviam entrado na sala da cisterna e começavam a subir a escada.

O príncipe, com uma armadura completa, entrou na masmorra e começou a censurar os jogadores por negligenciarem seu dever. Os homens, espantados, vendo o filho do rei aparecer do nada e sem saber da sua suposta traição, aceitaram docilmente a reprimenda. Quando os ferozes wyvilos e uisgus entraram, os soldados, estupefatos, não tiveram tempo para resistir, nem para gritar e foram facilmente amarrados, amordaçados e atirados nas celas da antiga masmorra.

Então, as duas princesas e os chefes dos uisgus e dos wyvilos reuniram-se para um rápido conselho de guerra.

Levaria muito tempo para os quase trezentos invasores subirem as escadas estreitas até o nível do solo, onde procurariam se dirigir para os portões. Do sargento capturado obtiveram a informação de que os homens que vigiavam as escadas seriam substituídos em menos de uma hora.

— Precisamos subir antes disso — observou a Princesa Kadiya. — Devemos dominar os guardas, um a um, com muito cuidado para que não dêem alarme. Um grito e estamos perdidos.

Um chefe guerreiro uisgu chamado Prebb disse:

— Vou levar dois dos meus. Subiremos suavemente como a névoa do pântano e abateremos o inimigo com nossas zarabatanas.

— Mas se forem vistos por um deles. — observou o Príncipe Antar. — Vocês sabem que a mágica das princesas nos protegeu da visão a distância do feiticeiro. Mas homens comuns podem nos ver.

Anigel disse:

— Eu levarei os dardos e abaterei os guardas. Meu talismã pode me tornar invisível, como da outra vez, quando eu corria perigo de vida. Assim, nenhum guarda poderá dar o alarme.

Antar e os outros chefes não gostaram da idéia e o príncipe tentou proibir a princesa de executá-la. Mas Anigel estava resolvida e certa de ser capaz de fazer o que propunha. Kadiya, vestida dos pés à cabeça com uma cota de malha feita de escamas douradas que brilhavam mesmo sob a lama que as cobriam, adiantou-se e segurou as duas mãos da irmã mais nova.

— Tem razão, Ani. É uma tarefa para a qual você está bem preparada, e ninguém pode negar aquilo que sua coragem exige que faça. Boa sorte para

você, minha irmã, e que nenhum mal lhe aconteça.

Prebb prendeu uma aljava cheia de dardos nas costas de Anigel.

— Você acerta o dardo e deixa no lugar, homem morre — disse ele. — Você acerta dardo e tira, homem dorme por longo tempo, mas vive. Porém, cuidado! Não se fira com o dardo!

— Compreendi! — disse a princesa, com o rosto tranqüilo sob a tiara prateada.

— Cada sentinela que você despachar, avise-me — disse Kadiya. — Seguiremos todos juntos, mantendo-nos bem abaixo de você, para não fazer barulho.

— Minha princesa! — exclamou Antar, apavorado. — Eu imploro..

— Não — Anigel aproximou-se dele e o beijou de leve nos lábios, uma carícia tão leve que quase não o tocou. Mas o coração do príncipe acendeu-se como brasa avivada e ele ficou paralisado por longo tempo antes de demonstrar sua alegria.

A essa altura, Anigel já tinha desaparecido e os guerreiros oddlings sorriam para o príncipe. Kadiya, com voz áspera, sugeriu que era melhor verificarem como estavam as coisas na sala da cisterna.

Anigel murmurou uma prece e um comando breve: ”Senhores do Ar, defendam-me.” E começou a longa subida.

Encontrou o primeiro guarda depois de três lances de escada, com a lanterna no chão e a balestra na mão. Era um jovem alto e forte, vestido como quase todos os soldados labornoks com uma cota de malha e elmo redondo, armado com uma espada curta, uma maça e uma aljava cheia de setas para a balestra. Ele assobiava baixinho para passar o tempo e apostava com ele mesmo qual das duas lingits que subiam pela parede chegaria primeiro no teto.

Anigel aproximou-se silenciosamente por trás dele e ergueu o dardo envenenado com a mão trêmula. Onde devia enfiar o dardo? Sob a cota de malha, o homem usava um colete de couro acolchoado e o pescoço estava protegido por placas de metal com dobradiças presas no elmo.

Anigel pensou. Ele vai cair e, se cair em cima de mim ou do dardo, não vou poder retirar a arma e ele morre. Oh, eu não aguentarei se ele morrer, pois é

um jovem forte e belo e parece corajoso e sem dúvida tem mãe-

E é também seu inimigo mortal, uma voz murmurou dentro da sua cabeça. Que a violentaria e mataria sem pensar duas vezes, se pudesse vê-la. Pois, embora ele não seja um homem mau, obedecerá cegamente às ordens dadas por homens malvados. Quem escolhe o papel de guerreiro deve estar preparado para enfrentar o destino do guerreiro.

Anigel estremeceu, e pela primeira vez compreendeu que ela também havia escolhido o papel de guerreira, por mais que tentasse se convencer de que combateria o inimigo sem derramar sangue.

Se eu tivesse de matá-lo a sangue-frio, seria capaz?

Respirou fundo e enfiou o dardo nas costas da mão do homem, retirou imediatamente e se afastou um pouco. O soldado murmurou algo, surpreso, seus olhos rolaram nas órbitas e seus joelhos dobraram-se lentamente. A balestra caiu, rolando barulhentosamente escada abaixo, e o elmo bateu no chão de pedra com um ruído metálico.

Mas ele estava respirando. Anigel certificou-se disso antes de avisar Kadiya. Então, subiu apressadamente para a outra sentinela, com o coração disparado e com uma euforia vigorosa que quase a envergonhava. A fadiga e o medo a abandonaram. Esqueceu a passagem sinistra pelo cano enlameado e a subida vertiginosa pela escada de corda oscilante. Estava outra vez dentro da Cidadela, seu lar, e em guerra com os invasores.

Ao todo, Anigel pôs dezoito homens para dormir. Chegou finalmente na porta da destilaria e encostou o ouvido na madeira por algum tempo (sem lembrar de examinar o interior com sua Visão). Não ouviu nada, entrou.

E deu de frente com o Voz Verde.

É claro que ele não a viu. Mas viu a porta se abrir e sentiu o mau cheiro do subterrâneo. Depois de dizer todas as pragas que conhecia, ele riu e disse:

— Sim, continuem, lixo dos pântanos, e recebam o que os espera! Talvez não possamos vê-los, mas graças ao meu Mestre Todo-Poderoso podemos ouvi-los muito bem — e, quando a sua vanguarda chegar ao topo da escada, terão a recepção que seu atrevimento merece!

Voz Verde estava sem o capuz e tinha sobre as orelhas dois objetos redondos com pequenos botões, unidos por uma tira que passava sobre a

cabeça.

Mas Anigel não deu atenção a esse instrumento mágico. O que a interessou foi a máquina que dois fortes soldados labornoks estavam instalando. Era uma caixa cinzenta pesada com cantos arredondados e com desenhos completos na parte superior e atrás. Da frente da caixa saía um cilindro longo de vidro com várias argolas e bastões de metal e tinha na extremidade superior uma coisa estranha feita de ouro. Um cabo grosso feito com um material negro e brilhante ligava a caixa a outra maior, que estava num carrinho de mão, atrás da pilha de sacos de cereais, a cinco ou seis ells da primeira.

— Cuidado, seu idiota! — gritou Voz Verde para um dos soldados, que cambaleou com o peso e quase derrubou a caixa. — Este e mais o outro são os únicos geradores de relâmpagos que temos funcionando, e se o estragarem, meu Mestre Todo-Poderoso vai arrancar a pele dos seus corpos inúteis e fritá-los em óleo!

Anigel conteve uma exclamação de horror. O relâmpago de Orogastus vinha daquelas máquinas? E agora Voz Verde as preparava para explodir a escada por onde estavam subindo Kadiya e seu exército.

E o Príncipe Antar.

Movendo-se com a rapidez de um fedok, Anigel enfiou um dardo em cada soldado. Quando eles caíram, depositando a caixa delicadamente no chão, e os dardos usados caíram ao lado deles, Voz Verde se sobressaltou. Acostumado com mágica, percebeu que havia alguém invisível ao seu lado. Suspendeu a saia comprida e correu para a caixa grande no carrinho de mão.

Anigel correu e lançou-se sobre o homem, que se esforçava freneticamente para manipular as protuberâncias da caixa. A princesa apanhou um dardo e enfiou com toda a força na nuca do assistente de Orogastus. Voz Verde tombou sobre a caixa mágica, inerte como um dos sacos da sua barricada improvisada. A coisa estranha caiu da sua cabeça. Anigel afastou-se dele devagar. Com os olhos presos no dardo, chegou a estender a mão para retirá-lo, mas recuou. Teve a impressão de ouvir palavras ditas há muito, muito tempo — ou seria apenas há duas semanas? —, quando ela, Kadiya, Immu e Jagun olhavam para a sala do trono cheia de sangue e ela, Anigel, na sua inocência pediu uma explicação para o mal.

As pessoas boas não podem responder a eles com bondade porque os malvados não sabem o que é o amor e o tomam por fraqueza. Por isso, você que é gentil e amorosa, princesa, precisa encontrar um meio menos suave para tratar com essas pessoas.

— E você é a Voz de Orogastus — murmurou a princesinha. E ficou ali, ao lado dele, até Kadiya chegar com os outros na porta da destilaria, e então Voz Verde estava morto.

Anigel mandou o chefe wyvilo, Lummomu-Ko, destruir a máquina mortífera com seu machado. Feito isso, o pequeno exército seguiu para o primeiro andar da Cidadela e a batalha começou.

Em tempo de paz, as barcaças gigantescas usadas pelos mercadores eram tripuladas por remadores ruwendianos livres que se orgulhavam de sua força e habilidade e ganhavam muito bem para conduzir as pesadas embarcações rio acima e rio abaixo. Com a conquista, porém, a maioria dos remadores mais experientes fugiu para o Pântano Labirinto e os labornoks, na iminência de ficarem sem o meio de transporte mais importante, fizeram escravos dos que haviam ficado e obrigaram outros ruwendianos inexperientes a preencher os lugares vazios. Eram acorrentados aos remos, mal-alimentados e chicoteados quando descuidavam do trabalho. Porém, mesmo nos melhores momentos, a tripulação escrava era muito inferior à dos homens livres, como tinham descoberto o General Hamil e Lorde Osorkon nas suas malsucedidas expedições no Mutar.

Agora, quando Osorkon queria voltar rapidamente para a Cidadela (depois de saber, numa conversa com o falecido Voz Vermelha, que havia um plano de ataque programado para a festa das três luas), a grande frota de barcaças descia o rio pouco mais depressa do que a corrente. Chicotadas haviam matado um número enorme de remadores, desde que deixaram o acampamento, logo abaixo do Inferno de Espinhos, e o resto estava tão exausto que nenhum castigo podia apressar seus movimentos.

Osorkon chamou o comandante da barca capitânea e exigiu que ele tomasse alguma providência, mas Pellan, acovardado, disse apenas:

— Meu general, os remadores estão quase mortos e nada pode aumentar a velocidade das embarcações, a não ser que concorde com minha sugestão de substituir os escravos por soldados.

— Maldita seja sua alma, Pellan, perderemos mais tempo com uma parada para fazer a substituição. E os soldados vão fazer uma porção de tolices, pois não entendem nada de barcos.

— O que mais posso dizer? — O guia mercador não ergueu os olhos. — A enchente nos ajuda um pouco. Tudo que podemos fazer é aproveitar a força da corrente.

Osorkon rilhou os dentes mas não disse mais nada. Não era tão impetuoso quanto o falecido Hamil, que ele substituiu no comando, e sabia que Pellan estava certo. A frota chegaria à Cidadela, mesmo que ninguém manejasse os remos. Ergueu os olhos para o céu, para a grande névoa brilhante que indicava a posição das três luas. Era quase meia-noite e a festa começara ao pôr-do-sol. Quem podia saber que tipo de magia negra a bruxa-princesa Kadiya e seu bando de uisgus iriam empregar contra os labornoks?

Dando as costas ao guia, o oficial aproximou-se da amurada de proa e ficou parado, com as mãos cruzadas nas costas. Osorkon estava agasalhado e bem protegido contra o frio e a umidade, mas sem a armadura.

— O que é aquele clarão vermelho no céu, Homem do Rio? Será que estamos finalmente nos aproximando do Knoll?

— Sim, meu general. As docas do mercado de Ruwenda estão a uma légua daqui. Mas o senhor deu ordens para aportarmos no cais da Cidadela, que fica a três léguas, por água.

— Sim, sim, eu sei. Em quanto tempo chegaremos?

— Menos de uma hora — Pellan ergueu a luneta e perscrutou o rio escuro à frente.

— Estranho, a superfície está muito revolta mais adiante, como se peixes milingais enormes estivessem espadanando na água, mas nunca aparecem nesta época.

Osorkon ficou imediatamente alerta.

— Pode ser embarcação inimiga?

— Não, nada disso. Temos ainda bastante claridade e posso ver perfeitamente. Agora, a água começa a se agitar no través também.. Pela Flor! Para trás!

Uma série de pancadas na água e rugidos assustadores quebraram o silêncio da noite. Osorkon viu uma cabeça enorme erguendo-se acima da amurada, com olhos alaranjados e brilhantes e uma bocarra escancarada que parecia ter um ell de largura, mostrando os dentes afiados como facas. O cheiro nauseante o agrediu como uma arma.

— Skriteks! — berrou Pellan. Mas foi a última coisa que disse na vida. O monstro galgou agilmente a amurada baixa, agarrou o guia com seus talões e arrancou sua cabeça com uma única dentada.

Osorkon estava louco de medo e de raiva, com aquele ataque dos seus ex-aliados. Em toda a extensão da frota, bandos de demónios subiam nos barcos e os gritos de pavor dos homens misturavam-se aos rugidos e aos uivos animalescos das criaturas.

— Parem! — exclamou Osorkon. — Parem com isso, seus covardes miseráveis! Nós somos labornoks! Seus aliados! Seus amigos!

O skritek que acabava de decapitar Pellan parou, hesitante, como se acabasse de lembrar alguma coisa importante. Gritou uma ordem, na sua língua gutural, que foi recebida com rosnados e silvos de desapontamento. Então, ele largou o corpo ensangüentado de Pellan, segurou Osorkon com todo o cuidado e o atirou na água.

O oficial voltou logo à superfície, tossindo, engasgado, e quase bateu com a cabeça num remo solto ao lado do barco. Agarrou o remo e viu os monstros atirarem todos os labornoks na corrente rápida do rio lamacento. Não tocaram nos remadores ruwendianos acorrentados. Alguns skriteks não puderam se conter e deram pequenas dentadas nas vítimas, mas os companheiros os censuraram com silvos e rugidos e eles desistiram.

Quando os cinco mil homens foram atirados para fora dos barcos, um skritek muito alto, com colar e cinto de couro e pedras preciosas, arrancou a bandeira de Labornok do mastro e a fez em pedaços. Os outros monstros riram barulhentemente, saltaram na água e nadaram para a praia do Pântano Verde.

Quando os monstros estavam bem longe, Osorkon gritou:

— Ó! Algum cavaleiro ou soldado do grande Labornok vive ainda?

Algumas dezenas de vozes responderam — umas cheias de medo, outras com palavrões.

— Voltem para os barcos, homens! — gritou Osorkon. Nesse momento os remadores ruwendianos começaram a gritar, compreendendo finalmente o que tinha acontecido. Os remos enormes mergulharam na água com euforia e as barças começaram a se afastar dos labornoks que boiavam no rio.

Praguejando e tossindo, Osorkon agarrou seu remo, como um vart da água, puxando-o para baixo, e depois de um momento sentiu que -seu ponto de apoio estava solto na toteleira, sem oferecer nenhuma resistência. Finalmente ele conseguiu aproximar-se e subiu no barco com uma dezena de outros homens. Apanhando suas armas, tomaram novamente o controle da embarcação. Três outras barças, das cento e vinte que haviam partido de Trevista, foram retomadas pelos labornoks e as outras desapareceram na noite. As quatro embarcações, depois de recolher o maior número possível de homens, dirigiram-se para o cais principal do mercado de Ruwenda, onde foram recebidas pelo labornok mestre do porto e pelo capitão da guarda.

— Froniais! — gritou Lorde Osorkon, furioso. — Froniais para nos levar à Cidadela, ou vocês todos morrerão.

As montarias foram providenciadas imediatamente e Osorkon conduziu seus guerreiros, a galope, pela Estrada do Comércio, na direção da Cidadela. Dos cinco mil homens, restavam setenta e dois.

CAPÍTULO 44



Hiluro voou até a torre alta da Cidadela e desceu suavemente. Haramis desmontou, abraçou o pescoço do pássaro e disse:

— Não sei se nos encontraremos outra vez, mas leve a minha bênção. Você foi um amigo fiel e dedicado.

Hiluro inclinou a cabeça, quase tocando com o bico as pedras da ameia. Estou sempre às suas ordens, Dama Branca. E levantou voo para o céu outra vez encoberto, com as três luas escondidas pelas nuvens. Haramis levantou o alçapão, notando que eles o haviam consertado depois da invasão da Cidadela, e desceu a escada. Os poucos homens de guarda nos andares onde ficavam os tesouros aparentemente não notaram sua passagem. Outros soldados patrulhavam o corredor que levava aos níveis centrais da torre principal e Haramis cruzou também com um grupo de cavaleiros labornoks, que olhavam sombriamente para o rio de uma das janelas. Ninguém sequer olhou para ela.

É como se eu fosse um fantasma, assombrando meu antigo lar, pensou a princesa. Será que me ignoram por ordem de Orogastus, ou é o talismã que me faz invisível a eles?

Serei espectadora neste conflito, mantendo-me distante, como fazia a Dama Branca? Qual será a minha parte na realização da profecia?

Finalmente chegou ao solar. O salão estava preparado para ela. O fogo ardia na lareira e as velas bruxuleavam nos nichos. Sobre a mesinha, ao lado das janelas que davam para o balcão, havia uma jarra com vinho e copos de cristal.

Haramis aproximou-se da janela e seu coração se apertou com o que viu lá fora. Milhares de guerreiros enfileiravam-se no adro do pátio interno — soldados armados e cavaleiros andavam de um lado para o outro, inspecionando os armamentos, outros estavam de pé, ao lado das fogueiras. Havia barricadas ao lado do portão principal e sobre uma delas, uma máquina estranha, guardada por homens do feiticeiro. Sobre plataformas

maciças, dos dois lados da entrada da torre principal, havia mais quatro máquinas e os homens que deviam operá-las. Ao longo das ameias dos pátios interno e externo e do barbacã, alinhavam-se os arqueiros e os homens das catapultas, em posição de combate. O portão da Cidadela, que se abria para a estrada, estava completamente bloqueado por uma grande pilha de entulho.

Sem esperança, pensou Haramis, desanimada. Sem esperança. E voltou-se no momento em que Orogastus entrava na sala.

O feiticeiro vestia seu traje negro e prata e a espécie de coroa em forma de estrela, mas a máscara era diferente da que usava para tratar com os Poderes das Trevas, pois cobria toda a cabeça, escondendo completamente o rosto. Até as aberturas dos olhos eram protegidas por vidro negro e sua aparência era tão ameaçadora que Haramis deixou escapar uma exclamação de susto.

Ficaram frente a frente, imóveis. De alguma parte distante e profunda da torre, ouviram um som que Haramis não identificou.

Orogastus tirou o capuz com a máscara, as luvas e pôs tudo sobre um dos bancos ao lado da lareira.

— Você fez sua escolha — disse ele, lentamente —, e não me escolheu.

— Não.

— Escolhi meu caminho há muito tempo — disse Orogastus —, e não posso desistir e voltar agora.

— Eu sei.

O feiticeiro tirou de um bolso sob o manto uma caixinha de madeira com figuras sinistras entalhadas e abriu-a, revelando uma esfera verde. Haramis olhou, sem compreender. Percebia vagamente que os ruídos que ouvira antes- aumentavam de volume. Eram gritos e o tumulto da luta que se travava nos subterrâneos da Cidadela.

— Isto chama-se o Eflúvio Maldito. — Orogastus guardou a caixinha, com expressão séria e implacável. — Se eu atirar esta esfera aqui de cima, todos que estão nos pátios interno e externo morrerão em meio a terríveis tormentos. Dê ordens para Kadiya e Anigel se entregarem e passarem seus talismãs para você. Para nós!

Orogastus a abraçou e beijou quase ferozmente. Depois, apanhou as luvas e a máscara e saiu, batendo a porta.

— Não! — murmurou Haramis, — Não! Rapidamente tirou seu talismã para ver Kadiya e Anigel com sua força invasora. O Círculo dessa vez não tomou a cor perolada, mas cintilou fortemente e pareceu se expandir para envolvê-la em sua luz...

... e Haramis estava pairando no ar sobre a cozinha da torre, onde um bando de wyvilos altos e medonhos, comandado pelo Príncipe Antar, atacava um grupo de soldados e cavaleiros labornoks. Brandindo seus machados de cabos longos numa violenta carnificina, o povo das florestas desmoralizava e destruía o inimigo. E à medida que os homens caíam ou recuavam e os wyvilos abriam caminho, pequenos uisgus com armaduras de escamas e círculos vermelhos em volta dos olhos saíam aos bandos dos corredores como uma enchente de ouro derretido, gritando e brandindo lanças, assim que tinham espaço suficiente.

Os invasores passaram rapidamente da cozinha arrasada para a padaria e a despensa, e daí para a área aberta do pátio interno, onde os esperava a força principal dos defensores, gritando e brandindo suas armas.

Haramis não localizou imediatamente suas irmãs. Finalmente viu Kadiya, uma guerreira com cota de malha dourada, pouco mais alta do que os uisgus, incitando seus pequenos soldados, com o talismã erguido. Então viu Anigel, toda vestida de couro azul, que parecia bruxulear na lua incerta, ao lado do Príncipe Antar com sua armadura azul-celeste. Sempre que um inimigo tentava atacar o príncipe pelas costas, Anigel saltava sobre ele com uma pequena arma e o infeliz labornok caía imediatamente, imóvel.

Ora, Anigel está invisível! pensou Haramis. Por isso pode atacar impunemente aqueles brutos. Kadiya também deve estar protegida por seu talismã. E ao que parece, estão vencendo

Era verdade. Porém, quando os invasores saíram para o pátio aberto, a vantagem passou para o outro lado. O inimigo superava a pequena força das princesas em mais de quinze por um, e os lacaios do feiticeiro começavam a armar suas máquinas infernais, apontando-as para a área na frente da porta da despensa.

Haramis saiu do transe e correu para o balcão, de onde podia assistir à luta com seus próprios olhos. Chamou as irmãs urgentemente, usando o talismã.

Kadiya! A máquina de relâmpagos está na barricada próxima do portão principal! Acabe com ela! Ou melhor, use-a para explodir os portões, destruindo o monte de entulho com que os labornoks bloquearam a entrada da Cidadela!

Kadiya não respondeu, mas Haramis viu a figura dourada sair do meio dos uisgus e passar entre a horda de cavaleiros, com a luz das fogueiras cintilando na sua armadura de escamas.

Anigel! Perto da porta principal da torre há plataformas de madeira..

Mas, antes que pudesse terminar, os lacaios do feiticeiro começaram a usar as máquinas mortais. Bolas de fogo brancas e douradas partiram das duas máquinas contra os invasores, e quando acertavam o alvo, grudavam nas armaduras, infligindo queimaduras terríveis. Das duas outras máquinas, que faziam um barulho ensurdecedor, saiu uma chuva de balas de metal, seguida por uma linha de fagulhas vermelhas. Penetravam na carne e nos ossos, provocando ferimentos mortais quando não matavam imediatamente.

Estou vendo as armas, Haramis! Estou indo para lá!

Anigel! Haramis mordeu o lábio nervosamente. Tenha cuidado! Embora não possam vê-la...

Mas nesse momento Haramis cambaleou, quase cega com a descarga da máquina de relâmpagos. A explosão trovejante fez tremer a torre principal e a jarra de vinho e os copos de cristal partiram-se no chão.

Quando sua vista clareou, ela ergueu o talismã para ver através da nuvem de fumaça e poeira. Atónita, viu que quase toda a casa da guarda, acima do portão principal, estava destruída. Mais ainda, a trilha da destruição, seguindo em linha reta, havia demolido o portão e o barbacã.. O monte de entulho na entrada da Cidadela estava maior do que nunca.. mas as colunas maciças que sustentavam os portões e uma área de quatro ells em cada lado do muro desmoronavam ante seus olhos.

E Kadiya.

— Deus de misericórdia! — exclamou Haramis.

No topo da barricada, a máquina de fazer relâmpagos era agora uma ruína queimada e retorcida. Ao lado dela estavam os corpos chamuscados dos servos do feiticeiro, e entre eles uma figurinha dourada, imóvel com a

espada sem ponta ainda na mão. Kadiya deve ter destruído a máquina com seu talismã, pensou Haramis, mas não pensei que ela podia ser atingida! Preciso avisar Anigel...

A tola! Haramis compreendeu que estava ouvindo mentalmente a voz de Orogastus. Ela usou toda a força da máquina para um único disparo! As defesas estão destruídas e o inimigo atravessa o rio, a caminho da Cidadela!

Haramis o viu logo abaixo de onde ela estava, de pé num pequeno parapeito, logo acima da entrada da torre, a estrela na sua cabeça cintilando a cada movimento, agora que a fumaça tinha desaparecido e as dezenas de pequenos fogos acesos pela máquina cresciam com o vento. A voz do feiticeiro, ampliada por alguma mágica, parecia uma corneta gritando com os labornoks, que não tinham idéia do que estava acontecendo.

— Mantenham suas posições! Homens de Labornok, mantenham suas posições!

O Rei Voltrik apareceu atrás de Orogastus, com sua bela armadura de ouro, o elmo denteado, a espada longa em riste. Os homens lá embaixo o saudaram com gritos e a luta entre labornoks e os invasores wyvilos e uisgus recomeçou.

De repente o Príncipe Antar gritou com voz estentórea, que ecoou em todo o pátio.

— Homens de Labornok, não dêem ouvidos àquele demônio! Eu sou Antar, seu príncipe! E eu digo que Orogastus enfeitiçou meu pai e o transformou num fantoche!

Um rugido ergueu-se dos milhares de homens.

— Silêncio, traidor! — gritou Orogastus.

Mas outras vozes gritaram: "Ele tem razão! O príncipe tem razão. Vejam como o rei só fica ali parado!" E outro disse: "Por que o rei não está aqui, nos conduzindo pessoalmente?" E outro: "Adiante-se, Voltrik. Fale conosco!" Outros brados seguiram, até Orogastus levantar as duas mãos com os olhos cintilando como duas estrelas.

Fez-se silêncio.

O Rei Voltrik sabia que precisava dizer alguma coisa. Mas o quê? Sua coragem estava despedaçada, suas grandes ambições desfeitas como sonhos

tolos. A realidade era o exército ruwendiano entrando na Cidadela, apesar de toda a magia de Orogastus. A realidade eram as vozes dos seus homens hesitantes na sua lealdade. A realidade era seu filho Antar, sempre desprezado, desafiando-o abertamente. A realidade, acima de tudo, era o fracasso de Orogastus na destruição das três princesas bruxas, uma das quais estava destinada a destruí-lo

— Soldados de Labornok, continuem a luta! Lutem, eu digo! — Mas a voz do rei era mais o coaxar de um sapo do que um clarim de comando. — Quem está enfeitiçado é meu filho, o miserável. Morte ao traidor!

O pequeno discurso, em vez de encorajar os cavaleiros e os soldados, provocou um clamor mais ruidoso do que antes. E o Príncipe Antar gritou:

— A mim, filhos de Labornok! Abaixo o feiticeiro! A mim, eu digo!

A luta recomeçou, renhida outra vez, e a despeito dos gritos de advertência de Orogastus um grande número de labornoks tirou suas capas vermelhas e colocou-se ao lado do príncipe e das suas forças quase dizimadas.

Na confusão, quase ninguém notou — e certamente não o furioso Orogastus — que os homens vestidos de preto que manejavam as máquinas terríveis caíam desacordados no topo da plataforma. Só Haramis, boquiaberta com a temeridade da sua irmã mais nova, viu Anigel lançar o último dardo e começar a empurrar as máquinas pesadas para a borda da plataforma, jogando-as sobre as pedras cinco ells abaixo, onde elas se esfacelaram.

Quando Orogastus percebeu o que estava acontecendo, aos berros mandou que os soldados subissem na segunda plataforma rapidamente para defender as máquinas com suas próprias vidas. Mas os soldados perceberam que os homens do feiticeiro tinham sido eliminados por alguma arte mágica e que essa mágica estava em ação ainda na plataforma, pois seres invisíveis estavam atirando coisas sobre eles. Ninguém se moveu e Anigel passou da primeira para a segunda plataforma e acabou de destruir as máquinas que o feiticeiro havia usurpado dos Desaparecidos.

Muito bem! disse Haramis para a irmã mais nova. Mas agora precisamos ajudar Kadiya.

Anigel estava eufórica. Não foi maravilhoso, como Kadiya lançou o relâmpago? Meu talismã mostra nosso exército desembarcando no cais da Cidadela neste momento — e eles entrarão facilmente pelo muro destruído!

Anigel, Kadiya foi ferida. Vá até ela. Estou descendo para ajudar.

Haramis apanhou a coroa de Ruwenda e o manto da Arquimaga e desceu apressada, para ajudar as irmãs.

— Lá, lá, meu senhor — não está vendo?

Orogastus apontou para a casa da guarda destruída, além da barricada. O Rei Voltrik olhou com atenção e finalmente disse:

— Sim. Com uma espécie de armadura dourada. É ela?

— Exatamente. Inconsciente por ter demolido minha máquina. Ela não pode agora usar seu talismã. A Princesa Kadiya não está mais invisível e está completamente desprotegida! Caiu em nosso poder! Tudo que tem a fazer é ir até lá e acabar com ela, antes que recobre os sentidos — ou que seja salva por sua gente.

— Eu? — gaguejou o rei. — Ir lá embaixo?

— Tem medo de uma jovem inconsciente? — A voz do feiticeiro era macia e persuasiva. — Não vejo nenhum inimigo ao lado dela, meu rei, só os seus homens, que têm medo de tocá-la. Mas o senhor pode acabar com ela! Sua maior inimiga! Kadiya é a princesa marcial, a mulher da profecia. Ela matou o General Hamil e destruiu metade do seu exército, e foi quem instigou esta batalha. Mas ela não venceu! Temos ainda quase cinco mil homens experientes para enfrentar esta horda e a comandante do inimigo está ali à espera da sua espada!

— Isso é verdade — Voltrik empertigou-se. — A mágica da princesa de nada vai lhe servir agora!

— Vá, meu senhor. Mate a Princesa Kadiya, depois mande seus homens avançarem contra o barbacã da Cidadela. Cortem o caminho dos invasores quando tentarem passar sobre as ruínas.

— A bruxa morrerá! — berrou Voltrik. — E quando eu tiver na mão sua cabeça decepada, você anuncia meu feito com sua voz de trovão!

Orogastus foi até o parapeito e gritou:

— Homens de Labornok! Seu rei vai conduzi-los à vitória! Todos para o barbacã! Preparem-se para o encontro final com o inimigo!

Foi saudado com gritos esparsos.

— Quer saber — disse o rei com um largo sorriso. — Parece que estamos mesmo com vantagem. Quase todos os miseráveis que entraram pelas masmorras foram abatidos.

— Seu filho, o traidor Antar, está ganhando aliados enquanto fica aqui parado, meu rei. Desça! Mate Kadiya primeiro, depois organize seus homens para o combate.

— À vitória! — rugiu Voltrik, fechando com um estalo o visor denteado do seu elmo.

— Vá — disse Orogastus. — Vá.

Quando o rei finalmente começou a descer a escada o feiticeiro deu um grande suspiro de alívio. Descalçando uma luva, pôs a mão dentro do manto e tocou a caixinha de madeira com a esfera mortal, ao mesmo tempo enviando uma prece silenciosa aos Poderes das Trevas.

Voltrik conseguiria matar Kadiya? Ou o talismã da princesa iria fazer com o rei o que tinha feito com Hamil e Voz Vermelha? Valia a pena arriscar. Se Voltrik fosse bem-sucedido, não seria necessário arrasar completamente todo aquele cenário..

Orogastus observou o avanço do exército inimigo — aumentado agora pelas brigadas armadas dos ruwendianos do Conde Palundo. Então, examinou a escuridão do pátio interno da Cidadela, procurando descobrir o paradeiro das outras princesas.

Não viu Anigel nem Haramis, mas apenas uma pequena oddling, abrindo caminho cuidadosamente no meio do tumulto e da carnificina, como se procurasse por alguém.

CAPÍTULO 45



Immu caminhava com dificuldade no meio da cena da batalha, tossindo por causa da fumaça, tropeçando nos corpos de amigos e inimigos, passando ao largo das escaramuças e dos combates singulares que faziam do pátio interno um inferno de sangue e aço.

— Anigel! — ela chamou. — Princesa, onde você está?

Perguntava pela princesa para os wyvilos e uisgus feridos, mas nenhum dos que tinham ainda forças para responder sabia onde ela estava, pois a Princesa Anigel estava invisível.

Immu viu o Rei Voltrik aparecer na porta da torre e chamar um grupo de cavaleiros. Depois, eles se dirigiram diretamente para onde ela estava.

De repente fez-se uma trégua. Obedecendo às ordens de Orogastus e dos seus comandantes, a maioria dos labornoks dirigia-se agora para o barbacã demolido e para o portão da Cidadela, reagrupando-se para repelir o avanço da força invasora que vinha do rio.

Mas, ao que parecia, o rei tinha outros planos.

— A bruxa! — gritava Voltrik. — Venham comigo, homens! Preciso matar a bruxa!

Ao lado dele estavam Lorde Osorkon, que havia chegado em tempo para a batalha, e Sir Rinutar, que chegara na noite anterior, com a notícia da invasão iminente, e dois outros cavaleiros, Lotharon e Simbalik.

O rei e os quatro homens abriram caminho entre a multidão de defensores, com os elmos abertos para enxergar melhor naquele caos de fumaça e pó, e começaram a subir com dificuldade para o topo da barricada onde a Princesa Kadiya estava ainda inconsciente.

Immu também a viu. E com toda a agilidade que lhe permitiam os velhos ossos, galgou penosamente o outro lado da estrutura destruída, correndo, ofegante, para a forma inerte com a armadura dourada.

Mãos invisíveis estavam tirando o capuz de escamas da cabeça de Kadiya. E Immu ouviu uma voz trêmula dizer:

— Kadi! Por favor acorde, Kadi! A pequena nyssomu gritou:

— Anigel! Você está aí, meu anjo?

A princesa de cabelos dourados apareceu bruscamente, assim que tirou a tiara da cabeça.

— Immu! Venha depressa! Kadi está respirando, mas acho que está ferida!

Ouviram um grito rouco.

— São duas agora! Grande Zoto, as duas bruxas estão aqui! O Rei Voltrik e seus quatro cavaleiros chegaram ao topo da barricada. Derrubando Immu com violência, o rei segurou a Princesa Anigel pelos cabelos e arrastou-a para longe da irmã. Soltou-a por um segundo e, com a mão que lhe restava, empunhou a espada e encostou-a na garganta da princesa. A tiara talismã caiu sobre as tábuas queimadas com um ruído surdo. O brilho do âmbar apagou-se imediatamente.

Simbalik e Lotharon levantaram Kadiya. A espada sem ponta soltou-se dos dedos flácidos e o âmbar perdeu também todo o brilho. Mas a princesa abriu os olhos e fitou-os nos da irmã.

— Homens de Labornok! — gritou o Rei Voltrik, num transporte de euforia. — Vejam! Duas das bruxas que ameaçavam o trono do nosso grande país estão em meu poder!

Um rugido de aplauso ergueu-se do grupo de soldados e do parapeito, sobre a entrada da torre, a voz de Orogastus ressoou:

— Salve, Voltrik! Salve o rei conquistador! Mostre-nos o que recebem aqueles que se opõem ao seu poder!

Enquanto isso, Immu arrastava-se cautelosamente para a tiara de Anigel. Quando chegou perto, saltou sobre ela como um lothok e a atirou para a princesa. Dois homens seguraram a velha ama, prontos para atirá-la do alto da barricada.

Anigel, ainda com a espada de Voltrik encostada no pescoço, gritou:

— Se fizerem mal a ela são dois homens mortos.

O trílio no âmbar da tiara cintilou e os homens que se guravam Immu ficaram imóveis. O Rei Voltrik, frenético, exclamou:

— O outro talismã mágico! A espada negra, ali no chão! Apanhem!

— Esperem! — gritou Osorkon, reconhecendo o objeto e lembrando o perigo que ele representava.

Mas Rinutar já tinha soltado Immu e inclinou-se para o talismã de Kadiya. Nesse momento, a princesa estendeu a mão e tocou o punho da espada um segundo antes do cavaleiro. Os três olhos se abriram e um fecho luminoso atingiu o rosto de Rinutar.

A armadura do cavaleiro labornok incendiou-se e ele não teve tempo de gritar, nem de erguer o corpo. A carne do seu rosto e a pele da cabeça derreteram-se e o crânio ardeu, vermelho como uma fornalha. Voltrik e seus homens recuaram com gritos de horror e o corpo de Rinutar rolou de cima da barricada para o chão como um meteoro humano.

Foi um pandemônio total. Porém Voltrik, justiça seja feita, não moveu sua espada nem um milímetro do pescoço de Anigel, embora o suor frio escorresse da sua testa para os olhos e seu coração estivesse a ponto de explodir.

Anigel voltou-se e olhou para ele.

— Deixe-nos ir. Vocês estão derrotados. Entregue-se a nós e à nossa misericórdia.

Voltrik uivou com uma gargalhada histérica.

— Nada disso, bruxa! Primeiro sua irmã vai morrer, depois será a sua vez.

— Meu rei! — Lorde Osorkon, aterrorizado, apontou para o chão. — A espada negra — está se movendo!

Boquiabertos, Voltrik e seus três companheiros viram o Olho Chamejante de Três Partes erguer-se lentamente da mão de Kadiya, pairando no ar na frente deles. Anigel não se perturbou.

Abriu a mão e a tiara flutuou ao encontro da extremidade sem ponta do outro talismã.

— NÃO!

O grito trovejante de desespero partiu de Orogastus, de pé no parapeito da torre. Tarde demais. ”

A Princesa Haramis tornou-se visível, entre as duas irmãs. A coroa de Ruwenda na sua cabeça cintilava à luz das fogueiras e o manto da Arquimaga esvoaçava ao vento. Apanhando seu talismã, -encaixou o bastão na ranhura da lâmina da espada, o Círculo de Três Asas formando um meridiano e equador com o Monstro das Três Cabeças. As asas se abriram dentro desse espaço e apareceu um grande Trílio Negro no centro.

Orogastus ergueu bem alto um objeto verde e brilhante e o atirou com toda força na direção das pedras do pátio.

Haramis apontou o Cetro do Poder para a esfera — e o Eflúvio Maldito, ainda no ar, incendiou-se e desapareceu numa nuvem de fumaça.

Então ela voltou-se para os dois cavaleiros que seguravam Kadiya. Os olhos negros da princesa estavam alertas e seus músculos tensos para a luta.

— Soltem a princesa! — ordenou Haramis.

Mas os homens hesitaram.

— Façam o que ela mandou, seus tolos! — gritou Osorkon.

— Não! — berrou o Rei Voltrik. — Eu os proíbo!

Vendo que os dois cavaleiros continuavam imóveis e firmes Haramis voltou-se deliberadamente, embora com relutância, e apontou o Cetro primeiro para Lotharon, depois para Simbalik.

Dessa vez, as armaduras não se incendiaram. Mas no interior dos visores dos elmos uma luz acendeu-se por um segundo e, quando se apagou, os elmos estavam vazios, bem como o resto da armadura. Os dois trajes de aço caíram aos pedaços no chão.

O Rei Voltrik, com um berro pavoroso, soltou a espada que ameaçava Anigel e caiu de joelhos.

— Misericórdia! Senhora, tenha misericórdia! Haramis, calmamente, apontou o cetro para ele.

— Receba tanta misericórdia quanta dispensou, e que a profecia se realize.

Com os olhos esgazeados, o rei retirou o elmo monstruoso e inclinou a cabeça. Então, no silêncio profundo, todos viram a espada de Voltrik se

erguer do chão e sua ponta enfiar-se na nuca do rei. Ele caiu, empalado por sua própria arma.

Em toda a Cidadela ergueu-se um murmúrio baixo como árvores açoitadas pela tempestade. Na barricada, Lorde Osorkon depositou sua espada aos pés de Haramis e ajoelhou-se, com a cabeça descoberta. Então, com um ruído metálico quase ensurdecedor, todos os cavaleiros e soldados de Labornok atiraram para longe suas armas e ficaram imóveis, esperando.

Haramis voltou-se para Orogastus, no outro lado do pátio. O feiticeiro tinha retirado o capuz com a estrela e seu cabelo branco flutuava ao vento, que limpava o ar da fumaça e da poeira e atiçava as fogueiras ainda acesas. O céu estava claro, sem nuvens, e as Três Luas apareciam em conjunção entre o zénite e o horizonte a oeste, parecendo formar um grande olho único com três partes.

Haramis ergueu o cetro e apontou para Orogastus.

— Agora, que sejam julgados nossas vidas e nossos serviços — disse ela. — Realizamos astarefas que nos foram confiadas? Agimos corretamente? Contribuímos para restaurar o equilíbrio? Julgue-nos e julgue a ele também.

Orogastus segurou-se no parapeito com as duas mãos, com os dentes cerrados e os olhos com o brilho cintilante e terrível da magia. Ouviram-se gritos de medo.

O Príncipe Antar, aparecendo do nada, tomou nos braços a Princesa Anigel. Immu e Kadiya, lado a lado, estavam imóveis.

— Haramis! — gritou Orogastus, com a voz ainda ampliada pelo aparelho que estava usando. — Posso destruí-la ainda! Posso chamar os Poderes das Trevas e mover a própria terra!

Haramis fechou os olhos, segurando o cetro com força, mas em sua mente via ainda o rosto dele. Isto não está funcionando, pensou ela. O cetro precisa de nós três.

— Kadiya, Anigel — chamou, com urgência —, ajudem-me! Segurem no cetro e concentrem-se!

As duas princesas colocaram-se ao lado dela e seguraram o cetro.

Toda a força do talismã tomou vida, unindo os quatro. Haramis, Kadiya e Anigel de um lado e Orogastus do outro. O cetro cintilou com uma luz que

cegava mesmo os olhos fechados, mas Haramis sentiu que podia ver ainda. Kadiya e Anigel estavam muito perto, como se fossem partes dela, e Orogastus as enfrentava na outra extremidade. E na luz brilhante que as unia, toda ilusão desapareceu e viram a si mesmas e umas às outras como eram realmente.

Foi terrível. Haramis lembrou-se das vezes em que havia magoado outras pessoas, mesmo inconscientemente, das vezes em que via as irmãs como criaturas inferiores, especialmente em contraste com a beleza e a força que via nelas agora. Sentiu as mesmas emoções nas duas princesas, remorso pelas falhas e erros do passado, admiração pelo que viam umas nas outras. E envolvendo todos os pensamentos e lembranças estava o amor que as unia. Haramis compreendeu então, e suas irmãs também, que, de certo modo, formavam uma única entidade, complementando suas forças e anulando suas fraquezas. A despeito das diferenças individuais — ou talvez por causa delas —, eram uma, e eram Ruwenda.

Certamente isto é o equilíbrio de que Binah falou.

Haramis percebia também a presença de Orogastus, mas de modo diferente. A sensação de proximidade que sentira nos braços dele desapareceu. O que a princesa sentia agora era o isolamento do feiticeiro — total e apavorante. Orogastus não estava ligado a Ruwenda e a nenhuma outra terra, a nenhum povo e — a despeito do que tinha acontecido entre eles — não tinha nada em comum com Haramis.

Parecia fechado dentro de si mesmo, experimentando horrores que a princesa só podia sentir vagamente. Haramis sofreu por Orogastus e sentiu a compaixão sempre viva de Anigel voltada para ele também, mas o feiticeiro não via nada fora do próprio eu. E o que via era insuportável.

Haramis apontou o cetro para Orogastus.

— Julgue-nos — murmurou ela. — Julgue Orogastus.

Outra vez o cetro cintilou.

Todos ficaram momentaneamente cegos e muitos gritaram de horror. Então, depois de longos minutos, viram que o feiticeiro tinha desaparecido.

Tudo que restava dele era uma mancha negra, como fuligem, na parede do parapeito e, bem acima, a silhueta branca e alta de um homem.

Naquele ano, pela primeira vez a festa das três luas foi comemorada com três dias de atraso, depois que os feridos receberam os cuidados necessários e os mortos foram enterrados com as honras devidas. Porém, na terceira noite, depois da grande batalha, quando as três luas em conjunção completa ergueram-se sobre o Pântano Labirinto, o povo dos oddlings, acampado em volta do Knoll, ruwendianos e labornoks reuniram-se mais uma vez no grande pátio interno da antiga Cidadela.

Os uisgus entraram na frente, conduzidos pela Princesa Kadiya, carregando tochas com três pontas e cantando sua antiga canção do festival. Vieram depois os nyssomus, conduzidos por Jagun e Immu, e atrás deles, os wyvilos, tendo à frente Lummomu-Ko. Vieram depois os labornoks com seu novo rei, Antar, sem armaduras e com flores nas mãos, e finalmente o exército de ruwendianos livres, conduzidos pelo Conde Palundo, formado por todos os cavaleiros e nobres convocados pelos oddlings, através do Pântano, por meio da comunicação sem palavras.

Haramis os recebeu, com a coroa na cabeça, o manto da Arquimaga nos ombros e o grande cetro na mão. Antar adiantou-se e ajoelhou-se aos pés dela, para oferecer a capitulação formal de Labornok.

Mas Haramis disse:

— Levante-se, Rei Antar, pois não posso aceitar sua capitulação. — Tirou a coroa da cabeça e ergueu-a bem alto. — Eu, que era a herdeira do trono de Ruwenda, renuncio a esta coroa. Peço à Princesa Kadiya, a segunda na ordem da sucessão, que a aceite — pois fui chamada para algo diferente, fui chamada para ser a Nova Arquimaga.

Kadiya, na frente do grande grupo de nativos, com o emblema do trílio cintilando sobre a armadura dourada e o cabelo ruivo solto, disse:

— Eu também renuncio à coroa, pois meu destino não é governar os humanos, e sim ser líder e amiga do povo que me pediu para servi-lo. Peço à Princesa Anigel, minha irmã mais moça, que aceite a coroa a qual ela fez tanto para merecer.

Anigel fechou os olhos por um instante, vendo outra vez a cena em que ela corria pela floresta atrás da mãe. E agora, quando alcançou a Rainha Kalanthe, não estranhou o fato de estar sendo lavada e preparada. Aquilo que a esperava era seu de direito, desde o princípio.

Sabia também que, das três, ela era a que estava mais bem preparada para ocupar o trono. Abriu os olhos, caminhou para Haramis e ajoelhou-se com a cabeça erguida. Quando a grande coroa com esmeraldas e rubis e a enorme pedra de âmbar com o trílio pousou na sua cabeça, Anigel ficou de pé, voltou-se lentamente e fez no ar o sinal triplo para todos que assistiam à cerimônia.

Antar ajoelhou-se aos pés dela.

— Aceita minha capitulação, Grande Rainha?

— Mas já é minha — disse Anigel, sorrindo —, junto com seu coração, eu espero. E como eu sou uma rainha que não poderá governar sem um rei, proponho que governemos nossos reinos juntos, como marido e mulher, em paz para sempre. — Tomando-o pela mão, ela o fez levantar-se e ficar de pé ao seu lado.

— Povo de Ruwenda — disse Anigel. — Eu lhes dou o seu rei.

E Antar disse:

— Povo de Labornok, eu lhes dou a sua rainha. Todos aplaudiam e choravam e os oddlings cantaram suas canções. Foram servidas grandes quantidades de comida e bebida e a festa começou.

As três irmãs se abraçaram. Então Haramis apanhou o cetro e o separou. A espada sem ponta, com os olhos fechados agora, ela deu para Kadiya, que a guardou na bainha presa na cintura. A tiara de prata com as três figuras grotescas Anigel colocou dentro da coroa de Ruwenda. O bastão com as asas fechadas e o trílio no âmbar com uma fraca luminosidade, Haramis pôs outra vez no cordão de ouro que trazia no pescoço.

— Éramos uma — disse Haramis —, e agora somos três outra vez. Queira Deus que o mundo tenha recuperado seu equilíbrio e que jamais seja preciso usar o Cetro do Poder.

— Pela Flor! — resmungou Kadiya. — Espero que não! Paz é o que todos nós precisamos. Pense no quanto temos ainda de aprender! Ani, as normas tediosas do governo, Hara a magia, e eu pretendo voltar a um certo Lugar do Conhecimento e fazer muitas perguntas a alguém que mora lá. Preciso resolver problemas complexos referentes às relações futuras entre os oddlings e os humanos e acho que vamos levar algum tempo para encontrar as respostas!

Anigel voltou-se para Haramis.

— Depois da festa, vai chamar seu lammergeier e voar com ele para Noth, onde vivia a Dama Branca?

Haramis olhou para longe e por um instante seu olhar parou no parapeito na entrada da torre.

— Não. Aquele lugar desfez-se em pó quando Binah morreu. Irei para outro lugar que conheço, no alto das montanhas.

Antar aproximou-se das três e delicadamente informou Anigel que seus súditos faziam questão que os dois abrissem o baile.

— Os deveres horríveis do trono! — disse Kadiya, rindo. — Vá, Rainha Anigel. A Arquimaga e eu continuaremos nossa conversa, com comida e bebida, e quando suas majestades tiverem buracos nas solas dos sapatos, de tanto dançar, voltem para a nossa companhia.

De mãos dadas, Anigel e Antar afastaram-se das duas princesas e a música começou.

Atravessando o gramado do Knoll, à luz da lua, na direção da Cidadela, o velho músico Uzun ouviu os sons da festa e apressou o passo. Mal podia acreditar nos próprios ouvidos. Sem dúvida, eram as canções da Lua Tripla! Mas o festival não devia ter ocorrido há três dias, enquanto ele e os outros no seu barco estavam no rio, reparando o casco partido? Uzun perdera a grande batalha, a vitória, o espetáculo da sua princesa querida destruindo o vilão Orogastus — tinha perdido tudo.

Teria mesmo? Se ao menos não fosse tão incompetente na comunicação sem palavras!

Eram sem dúvida os hinos do festival, e os sons alegres levados pela brisa abafavam as vozes das criaturas do pântano. Um milagre! Afinal, chegara a tempo!

Alguma coisa na relva iluminada pela lua chamou sua atenção.

Uzun parou e inclinou-se para ver melhor. O solo estava muito úmido ainda, devido às primeiras chuvas, e todo tipo de vegetação parecia brotar da noite para o dia. Mas aquilo era diferente. Algo que Uzun mal podia acreditar que fosse real. Era magia.

Milhares de pequenas plantas apareciam do solo onde antes só havia grama e arbustos. Plantas com pequenas flores negras de três pétalas.

Uzun, o músico, apanhou um Trílio Negro e o ergueu para a luz da lua. Sim! Não havia dúvida. O prado estava coberto de trílios. As plantas estavam por toda parte.

Rindo, feliz, ele apanhou todas as flores que podia carregar e correu para dar a boa notícia ao povo da Cidadela. Milhares de trílios ficaram no prado, abrindo suas pétalas para a luz das Três Luas.

FIM